# VI Diálogos Franco-lusófonos

*ESPAÇO PÚBLICO: COSTUMES, DESVIRTUAMENTO E REIVINDICAÇÃO*

**CAMILA D'OTTAVIANO,**
**GISELA CUNHA VIANA LEONELLI,**
**LAILA NAZEM MOURAD E**
**TOMÁS ANTONIO MOREIRA**
ORGANIZADORES

anpur

APERAU

Associação Brasileira de Arquitetos Paisagistas

instituto de arquitetura e urbanismo usp são carlos

Prefeitura de SÃO CARLOS

FAUUSP

VERITATI

·NOVA· UCSAL

UFBA Universidade Federal da Bahia

ULB Faculté d'Architecture La Cambre Horta

ULB UNIVERSITÉ LIBRE DE BRUXELLES

Universidade Presbiteriana Mackenzie

# VI Dialogues Franco-lusophones

*ESPACE PUBLIC: HABITUDES, DÉNATURATION ET REVENDICATION*

**CAMILA D'OTTAVIANO,**
**GISELA CUNHA VIANA LEONELLI,**
**LAILA NAZEM MOURAD E**
**TOMÁS ANTONIO MOREIRA**
ORGANIZADORES

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**
Reitor: Carlos Gilberto Carlotti Junior
Vice-reitora: Maria Arminda do Nascimento Arruda

**INSTITUTO DE ARQUITETURA E URBANISMO**
Diretor: Joubert José Lancha
Vice-diretor: Miguel Antonio Buzzar

Organização
Camila D'Ottaviano, Gisela Cunha Viana Leonelli, Laila Nazem Mourad e Tomás Antonio Moreira

Preparação, projeto gráfico e diagramação
Anna Laura P. Rossi

Arte da capa
Paulo César Castral

Catalogação na Publicação

Catalogação na Publicação
Biblioteca do Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo

D537
Diálogos Franco-lusófonos (6.: *2021 : online*)
[Anais] do Diálogos Franco-Lusófonos, Espaço público: costumes, desvirtuamento e reivindicação, 08 a 10 de novembro de 2022 / organizadores: Camila D'Ottaviano... [et al.]. -- São Carlos: IAU/USP, 2022.
[435] p.

ISBN: 978-65-86810-60-8

1. Arquitetura (Pesquisa). 2. Urbanismo (Pesquisa). 3. Espaço público. I. D'Ottaviano, Camila, org. II. Título.

CDD 720.63

Bibliotecária responsável pela estrutura de catalogação da publicação de acordo com a AACR2: Brianda de Oliveira Ordonho Sígolo - CRB - 8/8229

Esta obra é de acesso aberto. É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e autoria e respeitando a Licença Creative Commons indicada.

# Comitê Organizador

**Camila D'Ottaviano**
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, Brasil – ANPUR

**Cibele Saliba Rizek**
Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, Brasil

**Eduardo A. C. Nobre**
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, Brasil – ANPUR

**Gisela Cunha Viana Leonelli**
Faculdade de Engenharia Civil, Arquitetura e Urbanismo da Universidade Estadual de Campinas, Brasil

**Laila Nazem Mourad**
Programa de Pós-graduação em Território, Ambiente e Sociedade da Universidade Católica do Salvador, Brasil

**Lúcia Zanin Shimbo**
Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, Brasil

**Luciana Bongiovanni Martins Schenk**
Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, Brasil

**Manoel Antonio Alves**
Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, Brasil

**Tomás Antonio Moreira**
Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, Brasil – ANPUR

**Anna Laura Pereira Rossi**
Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, Brasil

# Comitê Científico

Coordenador - Tomás Antonio Moreira

**LUSÓFONO**

**Ana Fernandes**
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia, Brasil

**Camila D'Ottaviano**
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, Brasil – ANPUR

**Carolina Pescatori Cândido da Silva**
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília, Brasil – ANPUR

**Cibele Saliba Risek**
Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, Brasil

**Eduardo Alberto Cusce Nobre**
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, Brasil – ANPUR

**Evandro Ziggiatti Monteiro**
Faculdade de Engenharia Civil, Arquitetura e Urbanismo da Universidade Estadual de Campinas, Brasil

**Fernanda Ester Sánchez García**
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal Fluminense, Brasil – ANPUR

**Fernando Cézar de Macedo Mota**
Faculdade de Economia da Universidade Estadual de Campinas, Brasil – ANPUR

**Gisela Cunha Viana Leonelli**
Faculdade de Engenharia Civil, Arquitetura e Urbanismo da Universidade Estadual de Campinas, Brasil

**Helena Madureira**
Universidade do Porto, Portugal

**Ivo Marcos Theis**
Universidade Regional de Blumenau, Brasil – ANPUR

**João Sette Whitaker Ferreira**
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, Brasil

**João Rovati**
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

**Jorge Bassani**
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, Brasil

**Laila Nazem Mourad**
Programa de Pós-graduação em Território, Ambiente e Sociedade da Universidade Católica do Salvador, Brasil

**Lúcia Zanin Shimbo**
Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, Brasil

**Luciana Bongiovanni Martins Schenk**
Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, Brasil

**Manoel Antônio Alves**
Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, Brasil

**Márcio Moraes Valença**
Universidade Federal de Natal, Natal, Brasil – ANPUR

**Paulo Emilio Buarque Ferreira**
Universidade Presbiteriana Mackenzie, Brasil

**Paulo Pinho**
Universidade de Engenharia do Porto, Portugal

**Paulo Reyes**
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

**Paulo Tormenta**
Instituto Universitário de Lisboa

**Nadia Somekh**
Universidade Presbiteriana Mackenzie, Brasil

**Sara Raquel Fernandes Queiroz de Medeiros**
Universidade Federal de Natal, Natal, Brasil – ANPUR

**Silvia Mikami**
Faculdade de Engenharia Civil, Arquitetura e Urbanismo da Universidade Estadual de Campinas, Brasil

**Tomás Antonio Moreira**
Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, Brasil – ANPUR

**FRANCÓFONO**

**Abdelillah Hamdouch**
Laboratoire CITERES, Université du Tours, France

**Anne Latendresse**
Departamento de Geografia, Université du Québec à Montréal, Canadá

**Christian Azais**
Conservatoire National des Arts et Métiers à Paris, França

**Christophe Demazière**
Laboratoire CITERES, Université du Tours, France

**Didier Paris**
Université du Lille, Laboratoire TVES, France

**Dyvia Leducq**
Laboratoire CITERES, Université du Tours et CORUM, France

**Florine Ballif**
IUP, Université du Paris-Est, France

**Frank Scherrer**
Université du Québec à Montréal, Montréal – Canadá

**Jean-Paul Carrière**
Laboratoire CITERES, Université du Tours, France

**José Serrano**
Laboratoire CITERES, Université du Tours, France

**Mario Carrier**
Université Laval, Québec – Canadá

**Naima Chabbi-Chemrouk**
Présidente de l'APERAU Internationale, Ecole Polytechnique d'Architecture et d'Urbanisme, Alge

**Philippe Menerault**
Université du Lille, France

**Richard Morin**
Departamento de Estudos Urbanos e Turísticos, Université du Québec à Montréal, Canadá

**Victor Brunfaut**
Université Libre de Bruxelles, Bélgica

**Yona Jébrak**
Université du Québec à Montréal, Montréal – Canadá

# Apresentação

Os atuais Diálogos Franco-Lusófonos originaram-se dos Diálogos França-Brasil, surgidos como um desdobramento do "Programa Attilio (primeiro brasileiro diplomado na França, em 1930 – Atílio Corrêa Lima, no Instituto de Urbanismo da Paris): urbanismo, competências, territórios". Programa esse criado em 2009, em conjunto entre a França e o Brasil, que teve como objetivo a partilha de experiências no campo da formação do urbanismo e do planejamento das cidades e territórios, através do estabelecimento de laços de intercâmbio e de produção acadêmica, bem como do incentivo à abordagem de realidades urbanas e urbanísticas distintas, segundo as instituições e contextos culturais.

Desde então os Diálogos França-Brasil se tornaram a principal forma de encontro regular e bianual entre pesquisadores franceses e brasileiros no campo do urbanismo e do planejamento urbano. Esses encontros representam a ocasião de estender os Diálogos para outros pesquisadores lusófonos e francófonos, além dos oriundos do Brasil e da França, por ocasião de reuniões orientadas pelo mesmo objetivo entre a ANPUR e a APERAU, ampliando para francófonos oriundos de outros países da Europa, de países da África e da América do Norte, além de lusófonos oriundos de países da

# Présentation

Les Dialogues franco-lusophones actuels sont issus des Dialogues franco-brésiliens, qui sont apparus dans le cadre du « Programme Attilio (premier diplômé brésilien en France, en 1930 – Atílio Corrêa Lima, de l'Institut d'Urbanisme de Paris) : urbanisme, compétences, territoires ». Ce programme a été créé en 2009, conjointement par la France et le Brésil, dans le but de partager des expériences dans le domaine de la formation urbanistique et de la planification des villes et territoires, à travers l'établissement de liens d'échange et de production académique, ainsi que de favoriser l'approche des différentes réalités urbaines et urbanistiques, selon les institutions et contextes culturels.

Depuis lors, les Dialogues France-Brésil sont devenus la principale forme de rencontres régulières et semestrielles entre chercheurs français et brésiliens dans le domaine de l'urbanisme et de la planification urbaine. Ces rencontres représentent l'occasion d'étendre les Dialogues à d'autres chercheurs lusophones et francophones, en plus de ceux du Brésil et de la France, lors de réunions guidées par le même objectif entre ANPUR et APERAU, élargies aux francophones d'autres pays européens, de pays d'Afrique et d'Amérique du Nord, ainsi que de lusophones de pays d'Afrique,

África, Ásia, América Central e Caribe.

A proposta de ampliação dos Diálogos para as duas áreas culturais da francofonia e da lusofonia surgiu no encontro de Lille, em 2014, e foi reafirmada em junho-julho de 2016, quando da realização da quarta edição dos Diálogos, em Salvador-Bahia, e do Congresso Mundial das Escolas de Planejamento (World Planning Schools Congress, WPSC), no Rio de Janeiro, organizado pelo GPEAN (Global Planning Education Associations Network).

Através da utilização do francês e do português, na escala global na qual se inserem esses idiomas, buscou-se promover trocas científicas relativas aos desafios da cidade contemporânea, tanto no norte quando no sul.

Os pesquisadores franco-lusófonos da área do urbanismo e do planejamento urbano e regional afirmaram, assim, sua vontade comum de alimentar o debate sobre o futuro das cidades, tendo em vista os embates globais e locais, sejam eles de ordem climática, social, econômica e/ou cultural. Os países e territórios franco-lusófonos representam um amplo leque de realidades propícias a comparações, problematizações e trocas acadêmicas, a partir de perspectivas distintas.

Um dos princípios dos Diálogos foi justamente incentivar propostas de análise comparativa, que combinem autores de língua francesa com autores de língua portuguesa. Todas as comunicações trataram de associar, sempre que possível, abordagens comparativas ou permitir a análise conjunta de temas específicos de um ou mais países do mundo lusófono ou da esfera francófona.

Em 2018, os Diálogos transformaram-se em Diálogos Franco-Lusófonos com o objetivo de ampliar a rede de pesquisadores no campo da formação do urbanismo e do planejamento das cidades e territórios, através do estabelecimento de laços de intercâmbio e de produção acadêmica, bem como do incentivo à abordagem de realidades urbanas e urbanísticas distintas, segundo as instituições e contextos culturais.

d'Asie, d'Amérique centrale et des Caraïbes

La proposition d'enrichir les Dialogues aux deux espaces culturels de la francophonie et de la lusophonie a été formulée lors de la réunion de Lille en 2014 et réaffirmée en juin-juillet 2016, lors de la quatrième édition des Dialogues à Salvador-Bahia, et au Congrès mondial des écoles de planification (World Planning Schools Congress, WPSC) à Rio de Janeiro, organisé par GPEAN (Global Planning Education Associations Network).

Par l'utilisation du français et du portugais, à l'échelle mondiale dans laquelle ces langues sont insérées, il a été prevu de chercher à promouvoir les échanges scientifiques liés aux défis des villes contemporaines, au Nord comme au Sud.

Les chercheurs franco-lusophones dans le domaine de l'urbanisme et de l'aménagement du territoire ont ainsi affirmé leur volonté commune d'alimenter le débat sur l'avenir des villes, face aux luttes globales et locales, qu'elles soient d'ordre climatique, social, économique et/ou culturel. Les pays et territoires franco-lusophones représentent un large éventail de réalités propices aux comparaisons, aux problématiques et aux échanges académiques, sous différents angles.

L'un des principes des Dialogues était précisément d'encourager les propositions d'analyse comparative, qui associent auteurs francophones et auteurs lusophones. Toutes les communications ont tenté d'associer, dans la mesure du possible, des approches comparatives ou de permettre l'analyse conjointe de thèmes spécifiques d'un ou plusieurs pays lusophones ou francophones.

En 2018, les Dialogues sont devenus des Dialogues franco-lusophones dans le but d'élargir le réseau de chercheurs dans le domaine de l'urbanisme et de la planification urbaine, en établissant des liens d'échange et de production académique, et en encourageant l'approche des différentes réalités urbaines et urbaines, selon les institutions et contextes culturels.

En 2011, à Rio de Janeiro, une Session Spéciale a eu lieu pendant le XIVème ENANPUR, intitulé

Em 2011, no Rio de Janeiro, ocorreu uma Sessão Especial durante o XIV ENANPUR, com o título: Desafios do Urbanismo na França e no Brasil. Na ocasião, foi dada continuidade às discussões para a implementação do programa Attilio e realização de mesa redonda que se debruçou sobre as competências do fazer urbanístico, entendendo-se competência como a capacidade de utilizar de forma situada aptidões e conhecimentos. Nesse sentido, foram exploradas as similaridades e as diferenças, assim como o lugar institucional ocupado pelo urbanismo em cada um dos dois países, com o intuito de identificar preocupação comum daquilo que deveria ou poderia ser a formação do urbanista numa realidade urbana em transformação rápida. Participaram do debate nesta sessão: Ana Fernandes (FAU/UFBA), Maria Cristina Leme (FAU/USP), Gustavo Rocha-Peixoto (ANPARQ), Jean-Pierre Frey (IUP/UPEC), Jocelyne Dubois-Maurie (IUP/UPEC), Leila Christina Dias (ANPUR) e Nadia Somekh (FAU/UPMackenzie).

Em 2012, em São Paulo – Brasil, ocorreu o "II Diálogo França-Brasil: Construir a Metrópole Contemporânea", na Universidade Presbiteriana Mackenzie. Esse encontro foi estruturado em 5 sessões temáticas: Sessão 1 – Mobilidades: um novo direito às cidades/metrópoles; Sessão 2 – Novas metrópoles e grandes projetos urbanos: recortes territoriais e poder político; Sessão 3 – Controle social e gestão setorial/participativa ou metamorfoses do espaço público; Sessão 4 – Coabitar: relações de vizinhança e vida de bairro; bem como Sessão 5 – Arquitetura contemporânea e Patrimônio.

Em 2014, em Lille – França, ocorreu o "III Diálogo França-Brasil: Criatividade e inovação como processos solidários: viver o território e fazer a cidade diferentemente?", na Universidade de Lille.

Em 2016, em Salvador, ocorreu o "IV Diálogo França-Brasil: O direito à cidade na França e no Brasil: uma nova agenda urbana", na Universidade Federal da Bahia. A conjuntura construída acerca das cidades e seus embates pareceu ser, a partir do conceito-chave de direito à cidade, uma ocasião fecunda para estimular entre os pesquisadores

: Défis de l'Urbanisme en France et au Brésil. À cette occasion, les discussions pour la mise en œuvre du programme Attilio se sont poursuivies et une table ronde s'est tenue sur les compétences du développement urbain, entendues comme la capacité d'utiliser les compétences et les connaissances d'une manière située. En ce sens, les similitudes et les différences ont été explorées, ainsi que la place institutionnelle occupée par l'urbanisme dans chacun des deux pays, afin d'identifier une préoccupation commune pour ce que devrait ou pourrait être la formation de l'urbaniste dans une réalité urbaine en rapide évolution. Ana Fernandes (FAU/UFBA), Maria Cristina Leme (FAU/USP), Gustavo Rocha-Peixoto (ANPARQ), Jean-Pierre Frey (IUP/UPEC), Jocelyne Dubois-Maurie (IUP/UPEC), Leila Christina Dias (ANPUR) et Nadia Somekh (FAU/UPMackenzie) ont participé à cette réunion.

En 2012, à São Paulo – Brésil, s'est tenu à l'Université Presbytérienne Mackenzie le « IIème Dialogue France-Brésil : Construire la métropole contemporaine ». Cette réunion était structurée en 5 sessions thématiques : Session 1 – Mobilités : un nouveau droit aux villes/métropoles ; Session 2 – Nouvelles métropoles et grands projets urbains : coupes territoriales et pouvoir politique ; Session 3 – Contrôle social et gestion sectorielle/participative ou métamorphose de l'espace public ; Session 4 – Vivre ensemble : relations et voisinage ; ainsi que Session 5 – Architecture contemporaine et patrimoine.

En 2014, à Lille – France, s'est tenu à l'Université de Lille le « IIIème Dialogue France-Brésil : Créativité et innovation comme processus de solidarité : vivre le territoire et rendre la ville différente ».

En 2016, à Salvador, à l'Université fédérale de Bahia, a eu lieu le « IVème Dialogue France-Brésil : Le droit à la ville en France et au Brésil : un nouvel agenda urbain ». La conjoncture construite sur les villes et leurs luttes semble être, à partir du concept clé du droit à la ville, une occasion fructueuse pour stimuler chez les chercheurs brésiliens et français une réflexion commune sur les multiples processus urbains en cours : démocratie participative,

brasileiros e franceses a reflexão comum sobre os múltiplos processos urbanos em curso: democracia participativa, políticas do habitar, planejamento e desenvolvimento durável, instrumentos de regulação e modos de ação, projetos urbanos, espaços de memória e de criação, sistemas técnicos e de inovação, mobilidades e suas formas, processos formais, informais e solidários de produção e de consumo, modos de vida e territorialidades, poderes urbanos e democracia, redes de agentes e suas contradições e conflitos, movimentos de contestação e de insurgência. O direito à cidade é Um Pensamento que se torna mundo. Esse evento foi a ocasião de discutir a tradução dessa ideia do direito à cidade para a reorganização dos espaços construídos e as redefinições da urbanidade das populações e de suas condições de vida. Qual cidade está sendo construída? Quais novos laços se tecem e se constituem entre protagonistas em presença e territórios compartimentados? Que morfologias urbanas e sociais vêm sendo constituídas? Que novas relações se tecem entre lugares do cotidiano e o meio ambiente, entendido em sentido amplo? Que competências e matérias urbanísticas, técnicas e culturais são requeridas para que as formas de sociabilidade sejam equitativas e a urbanidade melhor partilhada? Quais são as liberdades da cidade hoje? A questão da atualização do direito à cidade no contexto do século XXI foi também colocada. Qual pode ser seu significado quando a cidade se generaliza e qual comunidade de destino e de "direito" existe hoje acerca dessa noção entre mundos urbanos tão distintos quanto os do Brasil e da França, à imagem do conjunto do planeta? A inserção do debate na pauta internacional incita a colocar as questões na escala planetária e os Diálogos constituem um espaço favorável para fazê-lo.

Em 2018, em Tours – França, ocorreu o "V Diálogo França-Brasil: Natureza e Cidade: olhares cruzados franco-lusófonos. Esse encontro teve como objetivo aprofundar o esforço de reflexão sobre a relação espaço/sociedade/meio-ambiente já abordada por muitos pesquisadores, a partir de uma perspectiva interdisciplinar, internacional e

politiques de logement, planification et développement durable, instruments de régulation et modes d'action, projets urbains, espaces de mémoire et de création, systèmes techniques et innovants, mobilité et ses formes, processus formels, informels et solidaires de production et de consommation, modes de vie et territoires, pouvoirs urbains et démocratie, réseaux d'agents et leurs contradictions et conflits, mouvements de contestation et d'insurrection. Le droit à la ville est une Pensée qui devient un monde. Cet événement a été l'occasion de discuter de la traduction du concept du droit à la ville pour la réorganisation des espaces construits et la redéfinition de l'urbanité des populations et de leurs conditions de vie. Quelle ville est en construction ? Quels nouveaux liens se tissent et se constituent entre les protagonistes en présence et les territoires cloisonnés ? Quelles morphologies urbaines et sociales se constituent ? Quelles nouvelles relations se tissent entre les lieux du quotidien et l'environnement au sens large ? Quelles compétences et questions urbaines, techniques et culturelles sont nécessaires pour que les formes de sociabilité soient équitables et que l'urbanité soit mieux partagée ? Quelles sont les libertés de la ville contemporaine ? La question de l'actualisation du droit à la ville dans le contexte du XXIe siècle a également été soulevée. Que peut être son sens lorsque la ville se généralise et quelle communauté de destin et de « loi » existe aujourd'hui autour de cette notion entre mondes urbains aussi distincts que ceux du Brésil et de la France, à l'image de l'ensemble de la planète ? L'insertion du débat dans l'agenda international nous encourage à poser des questions à l'échelle planétaire et les Dialogues constituent un espace favorable pour le faire.

En 2018, à Tours – France, a eu lieu le « Vème Dialogue France-Brésil : Nature et Ville : regards croisés franco-lusophones ». Cette réunion visait à approfondir l'effort de réflexion sur la relation espace/société/environnement déjà abordé par de nombreux chercheurs, dans une perspective interdisciplinaire, internationale et comparative. Cette rencontre était structurée en 6 sessions thématiques : Session 1 – L'eau et les espaces

comparativa. Esse encontro foi estruturado em 6 sessões temáticas: Session 1 – L'eau et les espaces verts dans la ville. Trame verte et bleue; Session 2 – La prise en compte des relations ville-nature dans l'aménagement de l'espace à toutes échelles; Session 3 – Nature urbaine, habitat, et mobilités; Session 4 – Nature urbaine cultivée vs nature délaissée; Session 5 – Développement urbain et préservation du patrimoine naturel et du paysage urbain; bem como Session 6 – Les espaces verts en ville : place, fonctions et politiques locales.

Na quinta edição, os Diálogos tiveram o apoio de duas imporantes instituições: a APERAU – Internationale, Association pour la Promotion de l'Enseignement et de la Recherche en Aménagement et Urbanisme e a ANPUR – Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional.

verts dans la ville. Trame verte et bleue ; Session 2 – La prise en compte des relations ville-nature dans l'aménagement de l'espace à toutes échelles ; Session 3 – Nature urbaine, habitat, et mobilités ; Session 4 – Nature urbaine cultivaée vs nature délaissée ; Session 5 – Développement urbain et préservation du patrimoine naturel et du paysage urbain ; Session 6 – Les espaces verts en ville : place, fonctions et politiques locales.

Dans la cinquième édition, les Dialogues ont été soutenus par deux institutions importantes : APERAU – Internationale, Association pour la Promotion de l'Enseignement et de la Recherche en Aménagement et Urbanisme et ANPUR – Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional.

# Conteúdo

## 01

### Espaço Público: Conceitos e Contradições

### Espace Public: Concepts et Contradictions


**GUATELLI, Igor; WISNIK, Guilherme** **p.24**

Desarranjos cooperativos: reivindicando e remontando os espaços públicos no Brasil do século 21

Dérangements coopératifs : revendication et réassemblage des espaces publics dans le Brésil du XXIe siècle

**RUIZ, Lara Machado; RANGEL, Maria Rachel Luiz Freitas; GOMES, Margarida Mussa Tavares** **p.37**

Apontamentos sobre espaços físicos e digitais em tempos pandêmicos

Notes sur les espaces physiques et numériques en temps de pandémie

**CARMO, Elton Paz do** **p.51**

A rua como espaço de convívio: As dinâmicas socioespaciais das pessoas em situação de rua nos espaços públicos da cidade de Santarém, Pará, Brasil

La rue comme espace pour les personnes: La dynamique socio espace des personnes dans la situation de la rue dans les espaces publics de la ville de Santarém, Pará, Brazil

**PASSOS, Rodrigo; ARAÚJO, Alice Viana de** **p.65**

Lazer ativo na cidade de Ouro Preto/MG (Brasil): desigualdades evidenciadas no sistema de espaços livres de uso público

Loisirs actifs à la ville d'Ouro Preto/MG (Brésil): inégalités éprouvées dans le système d'espaces libres d'usage public

**OLIVEIRA, Giuliana Lima; LUZ, Vera Santana** **p.80**

População em situação de rua no centro de Campinas/SP: pactos e contradições

Population sans abri dans le centre de Campinas/SP

**FELIZARDO, Ana Carolina Martins Dias; SPERLING, David Moreno** **p.93**

Contradições entre o Conceito e Práticas do Urbanismo Tático

Contradictions entre le concept et la pratique de l'urbanisme tactique

## 02

## Espaço Público: Práticas Culturais e Formas de Apropriação

## Espace Public: Pratiques culturelles et formes d'appropriation


**LAGE, Daniel Victor Gouveia; COTA, Daniela Abritta** **p.111**

Vivências urbanas de jovens negros da periferia de São João del-Reil - MG

Vivences urbanes des jeunes noires de la perifèrie de São Jão del-Rei - MG

**ARAÚJO, Patricia; IORIO, Leonardo; DETTMANN, Beatriz** **p.126**

Interações entre estabelecimentos comerciais e o espaço prostitucional na área do "Peixão", Rio de Janeiro, Brasil

Interactions entre les établissements commerciaux et l'espace prostitutionnel dans le quartier "Peixão", Rio de Janeiro, Brésil

**WIESZTORT, Laurène** **p.138**

O parque de proximidade, espaço de vínculos e apoios sociais vitais para os idosos nas grandes cidades da América Latina. Estudo de caso em Monterrey (México)

Le parc de proximité, espace de liens et soutiens sociaux vitaux pour les personnes âgées dans les grandes villes d'Amérique latine. Etude de cas à Monterrey (Mexique)

**PIRES, Daniel** **p.153**

Baile do Ozipa: segregação e resistência urbana

"Baile do Ozipa": ségrégation et résistance urbaine

**OLIVEIRA , Thaís de Araújo** **p.167**

A Praça do Santa Inês e a prática socioespacial na temporalidade urbana de Macapá

La place Santa Inês et la pratique socio-spatiale dans la temporalité urbaine de Macapá

**TAVARES, Marcelo Ribeiro; VAZ, Lilian Fessler; MATOS, Madalena Cunha** **p.181**

Esporte no espaço público: as territorialidades do vôlei em Copacabana

Le sport dans l'espace public: les territorialités du volley à Copacabana

**SILVA, Beatriz Fleury e; FELIPE, Delton Aparecido; CIZESKI, Heloisa Alexandre; NUNES, Layane Alves** **p.193**

Práticas e instrumentos para a mobilização política. A experiência da cartilha "A cidade é nossa: espaços públicos livres"

Pratiques et instrument pour la mobilisation politique. L'espérience de l'apprêt "La ville est notre: les espacies publics libres"

**MARTINS, Dayse Luckwü; SANTOS, Lúcia Leitão** **p.206**

O espaço público construído das cidades brasileiras: sua materialidade e o planejamento em questão

L'espace public construit des villes brésiliennes: sa matérialité et l'aménagement en question

**SILVA, Jordana Gouveia e; MEDEIROS, Wilton Araújo de** **p.218**

Neocaipira Contemporânea: identidade, cultura e apropriação no Setor Central de Goiânia-GO através da arte urbana

Neocaipira Contemporain: identité, culture et appropriation dans le Setor Central de Goiânia-GO à travers l'art urbain

**BULHÕES, Rebeca; MOURAD, Laila; VIVEIROS, Liana** **p.228**

Espaços públicos na pandemia da COVID-19: apropriações e usos na cidade sob restrições

Espaces publics pendant la pandémie de COVID-19 : appropriations et usages dans la ville sous restrictions

**CANOVA, Katia; LEMOS, Isabela Sollero** **p.240**

Apropriação e percepção como medidores de demanda em lugares de vulnerabilidade social

Identité et perception en tant qu'indicateurs de demandes dans les lieux de vulnérabilité sociale

**AZEVEDO, Mirandulina** **p.255**

O desenho de espaços públicos e sua apropriação na cidade-jardim: um manifesto retroativo

La conception des espaces publics et leur appropriation dans la cité-jardin: un manifeste rétroactif

## 03

## Espaço Público: Políticas Públicas e Normatização

## Espace Public: Politiques urbaines et normalisation


**REBELO, Sandrine; HAMDOUCH, Abdelillah; CARRIERE, Jean Paul** **p.270**

A fábrica da cidade e o seu espaço público enfrentando os desafios sociais e ambientais: O caso de Porto

La fabrique de la ville et de son espace public face aux defis sociétaux et environnementaux: Le case de Porto

**ABIR, Messaoudi** **p.308**

Espaços públicos tunisianos de frente para a água: novas formas e funções

Les espaces publics tunisiens face à l'eau : des nouvelles formes et fonctions

**CARRIÈRE, Jean-Paul; DINIZ, Fabiano Rocha** **p.320**

Desenvolvendo as margens do rio na cidade diante do teste das mudanças climáticas. Análise de questões e perspectivas a partir do caso do Recife

Aménager les bords de fleuve en ville face à l'épreuve du changement climatique. Analyse des enjeux et perspectives à partir du cas de Recife

**VERDELLI, Laura; FERNANDES, Ana** **p.342**

Mexam-se! Privatização do estar no espaço público e do próprio espaço público na sociedade de fluxos

Circulez ! Privatisation de l'arrêt dans l'espace public et de l'espace public lui-même dans la société des flux

**MACERES, Fabíola; PERES, Renata Bovo** **p.346**

Políticas públicas em espaços livres de lazer no contexto pós-pandemia Sars-Cov-2: aprendizados e adaptações ao contexto brasileiro

Les politiques publiques dans les espaces de loisirs dans le scénario post-pandémique: l'apprentissage et les ajustements dans le contexte brésilien

**COELHO, Gabrielle; MOREIRA, Tomás** **p.361**

Espaço público ou coletivo? – o caso dos empreendimentos residenciais horizontais fechados em Marília

Espace public ou collectif ? – le cas des développements résidentiels horizontaux fermés à Marília

## 04

## Espaço Público: Políticas Públicas e Normatização

## Espace Public: Politiques urbaines et normalisation


**LIMA, Maria Cecília Pedro Bom de; SCHENK, Luciana Bongiovanni Martins** **p.376**

Paisagens potenciais na bacia hidrográfica do córrego Monjolinho, São Carlos, SP

Paysages potentiels du bassin hydrographique du ruisseau Monjolinho, São Carlos, SP

**SILVA, Nayara de Oliveira da; LEONELLI, Gisela Cunha Viana** **p.392**

A incorporação de soluções em drenagem urbana como ferramenta para a (des)valorização de espaços públicos urbanos

L'incorporation de solutions de drainage urbain comme instrument pour la (dé)valorisation d'espaces publics urbains

**ARAÚJO, Alice Viana de; MORAIS, Pablo Henrick Sales de** **p.407**

Morro da Forca: planos ambiciosos e usos extraordinários no espaço da antiga forca de Ouro Preto

Morro da Forca: plans ambitieux et utilisations extraordinaires dans l'espace de l'ancienne potence à Ouro Preto

**COLCHETE FILHO, Antonio Ferreira; VILAS, Danielle Lopes; SOUZA, Anna Calil e** **p.422**

Elementos urbanos de inspiração francesa no Rio de Janeiro

Les éléments urbains d'inspiration française à Rio de Janeiro

# ST01

## Espaço Público: Conceitos e Contradições

## Espace Public: Concepts et Contradictions

Coordenação: Camila D'Ottaviano (FAUUSP/ ANPUR), Cibele Rizek (IAU USP), Denise Morado (EA-UFMG) e Paulo Reyes (UFRGS)

**Vivemos, no Brasil, um momento de grande tensão na defesa e apropriação da coisa pública. Com o espaço público não tem sido diferente. A lógica da privatização tem atingido também espaços públicos por excelência, como praças e parques. Na França, por outro lado, a valorização do espaço público segue sendo uma prática corrente. Esta sessão pretende justamente elucidar e debater os conceitos que permeiam a delimitação da ideia de espaço público, bem como suas contradições, sempre que possível contrapondo as grandes diferenças existentes na realidades brasileira e francesa.**

Temas: conceituação, derivações e nomenclaturas do espaço público; processos de apropriação e privatização; contradições e disputas no uso do território; espaço público versus espaço comum; uso público versus uso coletivo.

**Au Brésil, nous vivons un moment de grande tension dans la défense et l'appropriation des affaires publiques. Concernant l'espace public, cela n'a pas été différent. La logique de privatisation a également touché les espaces publics par excellence, tels que les places et les parcs. En France, par contre, la valorisation de l'espace public reste une pratique courante. Cette session se propose de clarifier et de débattre les concepts qui imprègnent la délimitation de l'idée d'espace public, ainsi que ses contradictions, chaque fois que possible, en s'opposant aux grandes différences qui existent entre les réalités brésiliennes et françaises.**

Thèmes : conceptualisation, dérivations et nomenclatures de l'espace public ; processus d'appropriation et de privatisation ; contradictions et conflits dans l'utilisation du territoire ; espace public contre espace commun ; usage public contre usage collectif.

# Desarranjos cooperativos: reivindicando e remontando os espaços públicos no Brasil do século 21

# Dérangements coopératifs: revendication et réassemblage des espaces publics dans le Brésil du XXIe siècle

**Igor GUATELLI**
*Professor Doutor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Mackenzie*
*Pesquisador Associado do Laboratoire GERPHAU- ENSA Paris La Villette*
*Coordenador do Grupo de Pesquisa Cidade e Arquitetura e Filosofia- FAU-Mackenzie*

**Guilherme WISNIK**
*Professor Livre-Docente da Faculdade de Arquitetura da Universidade de São Paulo*
*Membro do Laboratório para Outros Urbanismos, FAU-USP*
*Membro do Grupo de Pesquisa Cidade e Arquitetura e Filosofia da FAU-Mackenzie*

## Resumo

Cooperação, co-operações, são expressões que enunciam o co, o com, o estar-junto como condição da aparição do território de compartilhamento. Considerações conceituais preliminares colocadas, a partir delas afirmamos que há um desejo cooperativo em práticas simbióticas insurgentes urbanas que nos interessam discutir como efetuação de um mundo cooperativo em potência, que tem a experiência instauradora compartilhada como horizonte. Um horizonte onde a ação plurimodal, sua duração e intensidade parecem se sobrepor à necessidade de realização da « ideia » que a justifica.

Nas duas primeiras décadas do novo milênio uma transformação profunda se tornou perceptível nas cidades brasileiras: um desejo novo pelo espaço público e comum. Esse desejo apareceu na forma de uma miríade de movimentos ativistas de ocupação e apropriação de espaços públicos de norte a sul do Brasil. Referimo-nos a movimentos horizontais, não hierarquizados e auto-organizados da sociedade civil, que vieram a ter grande relevância política, tais como os movimentos "Ocupe Estelita", no Recife, "Praia da Estação", em Belo Horizonte, e "A Batata Precisa de Você", em São Paulo.

**Palvras-chaves**: Cooperação/Ativismo/Plurimodal

## Resumé

Coopération, co-opérations, sont des expressions qui énoncent le co, le *cum*, l'être ensemble comme condition de l'apparition du territoire de partage.

C'est à partir de ces marques conceptuelles posées, que nous affirmons qu'il y a un désir coopératif dans les pratiques symbiotiques insurgées urbaines auxquelles nous nous intéressons en tant qu'effectuation d'un monde coopératif en puissance, qui se donne l'expérience instauratrice partagée comme horizon. Un horizon où l'action plurimodale, sa durée, son intensité semble se superposer au besoin de réalisation de « l'idée » qui la justifie.

Au cours des deux premières décennies du nouveau millénaire une transformation est devenue perceptible dans les villes du Brésil : un désir nouveau de l'espace public et commun. Ce désir est apparu sous forme d'une myriade de mouvements activistes d'occupation et d'appropriation des espaces publics. Nous nous référons à des mouvements horizontaux, non hiérarchisés et autoorganisés de la société civile, qui ont acquis une grande importance politique tels que les mouvements "Ocupe Estelita", à Recife, "Praia da Estação", à Belo Horizonte, et "A Batata Precisa de Você", à São Paulo.

**Mots Cléfs:** coopération/ activism/plurimodale

# Cooperative disarrangements: claiming and remounting public spaces in 21st century Brazil.

## Abstract

Cooperation, co-operations, are expressions that state the co, the with, the being-together as a condition for the appearance of the sharing territory.

Preliminary conceptual considerations pointed out, based on them, we affirm that there is a cooperative desire in urban insurgent symbiotic practices that we are interested in discussing as the realization of a cooperative world in potential, which has the shared establishing experience as a horizon. A horizon where plurimodal action, its duration and intensity seem to overlap with the need to carry out the "idea" that justifies it.

In the first two decades of the new millennium, a profound transformation became noticeable in Brazilian cities: a new desire for public and common space. This desire appeared in the form of a myriad of activist movements for the occupation and appropriation of public spaces from north to south of Brazil. We are referring to horizontal, non-hierarchical and self-organized movements of civil society, which came to have great political relevance, such as the movements "Ocupe Estelita" in Recife, "Praia da Estação" in Belo Horizonte, and "A Batata Precisa de Você", in São Paulo.

**Keywords:** Cooperation/Activism/Multimodal

**O Espaço comum: ontologia do não-privado**

Em sua obra *Voyous* (Derrida, 2003), Derrida discorre longamente sobre a importância do surgimento de uma outra forma de democracia. Essa outra democracia estaria diretamente associada à ideia de evento, ao acontecimento de algo imprevisível capaz de provocar uma interrupção, ou pelo menos de colocar em xeque o fluxo naturalizado do direito e suas leis. Para nós, um fluxo naturalizado ligado às suposições ou indiscutíveis pressupostos que legitimam lógicas associadas ao direito à cidadania, à cidade, de propriedade, e as leis que garantem sustentam esse reino.

Para o filósofo, democracia por vir está ligada à ideia de justiça capaz de ameaçar o próprio direito ao se desarticular dele. Essa interrupção da relação umbilical da justiça com o direito, de sua desvinculação, é a chance da criação de outros vínculos entre justiça democrática e a própria democracia. Para tanto, Derrida assinala a importância do exercício de um resguardo do infinito segredo do outro, de uma alteridade que não pode ser completamente anunciada e esclarecida no momento de seu advento.

Em uma democracia por vir, o que deve ser respeitado é justamente a absoluta alteridade do outro, e não a ipseidade do próprio, ou sua inviolável identidade. Essa outra democracia implicaria uma espera, um resto em restância, pendente, independente de amarras onto-teleológicas, portanto, aberta a novas cópulas e, daí, germinações de uma outra ideia de justiça social, ainda indizível, não identificável.

As chamadas Ocupações, ou *squats*, apontam uma possibilidade de territorialização e gestação dessa outra democracia. Existem algumas indecidibilidades ligadas a essa ação que fazem com que se transformem nesse laboratório urbano da *res publica*. Sobretudo porque, nessa república, os limites entre o não público [e não estamos falando do privado] e o público permanecem, apesar dos seus indecidíveis limites. Esses outros espaços parecem gestar, sem anunciar previamente, um direito à morada que não tem lugar assegurado no próprio sistema jurídico, sustentáculo de nossa democracia. Assim como, para Derrida, essas moradas, no seu próprio processo de constituição, abrem a perspectiva dessa outra democracia, em construção, aqui e agora, por um ato que, em um certo sentido, a ameaça e a fortalece.

Se a democracia por vir é uma promessa que deve permanecer no limite de sua impossibilidade, essas outras moradas, públicas e não-públicas ao mesmo tempo, abertas e fechadas, transformam-se em vetores de sua enunciação. Os usos constitutivos de uma outra lógica espacial e social ameaçam as ideias regulativas e de regulamentação da própria noção de propriedade privada. O ideal de democracia e a idealização do que seja, supostamente, um espaço privado e um espaço público, são superados pelos usos e apropriações que os expropriam de suas propriedades, ao mesmo tempo que os confirmam como lugares de outras comunhões democráticas possíveis, coexistências público-privadas que engendram e conformam zonas de penumbra capazes de acolher e saudar uma ainda indizível democracia.

**Ocupações e os "fins" da propriedade**

Em sua obra *Two treatises of Civil Government*, John Locke (Losurdo, 2019) afirma que a propriedade do indivíduo é mais inviolável que a própria vida. Dentro da lógica de seu pensamento liberal, a liberdade do homem está associada ao direito à propriedade privada, e a violência contra ela, qualquer que seja, inclusive a cobrança de impostos sobre ela, seria algo intolerável. É contra essa primazia da propriedade privada, e sua absolutização como direito e fim primordiais, é que se colocam pensadores como Henry Lefebvre, com seu direito à cidade, e Hannah Arendt, que em sua obra "A condição humana", contra a sociedade de proprietários, defendida por Locke, fala da pólis como o lugar da liberdade e da ação política, ambos essenciais à construção da felicidade, ou *eudaimonia*, para os gregos. De certa forma, para ela, é pelo ato de governar, e pela esfera privada que se constrói a necessidade, servidão, a submissão e, portanto, a infelicidade.

Ao contrário do lar, lugar da hierarquia, da dominação e da soberania, e, portanto, "mais severa desigualdade", a polis, o espaço público, o lugar que reconhece somente "iguais" seria a esfera de manifestação da vida activa, do sujeito que age, e, ao agir politicamente fabrica e inventa algo. Arendt faz uma clara distinção entre essa forma de agir do homem da polis e o chamado homo faber. Para ela, mesmo tendo deixado para trás, o *homo laborans*, o homem doméstico, com sua vida guiada pelas necessidades biológicas e de consumo, no seu processo de construção da obra ainda "tudo é julgado em termos de adequação e serventia [usefulness] em relação ao fim desejado, e a nada mais" (Arendt, 2014). Prossegue refletindo acerca dessa proximidade entre o faber e o labor:

> "o homo faber, na medida em que é apenas um fabricante de coisas e em que pensa somente em termos dos meios e fins que decorrem diretamente de sua atividade da obra, é tão incapaz de compreender o significado como o animal laborans é incapaz de compreender a instrumentalidade. E, tal como os utensílios e instrumentos que o homo faber usa para construir o mundo tornam-se o próprio mundo do animal laborans, também a significação desse mundo, que realmente está fora do alcance do homo faber, torna-se para ele o paradoxal "fim em si mesmo". A única saída do dilema de ausência de significado em toda filosofia estritamente utilitária é afastar-nos do mundo objetivo de coisas de uso e recuarmos para a subjetividade do próprio uso. Só em um mundo estritamente antropocêntrico, onde o usuário, isto é, o próprio homem, torna-se o fim último que põe termo à cadeia infindável de meios e fins, pode a utilidade como tal adquirir a dignidade da significação" (Arendt, 2014)

De um lado: a propriedade privada, o lar, a vida doméstica. Do outro: o labor e a vida de necessidades a serem preenchidas, necessidades ausentes de significações, a efetivação do mundo utilitário e do "utilitarismo antropocêntrico". Alternativa a ambos, um mundo onde labor seja o meio para a construção do próprio homem como seu fim, um fim que não pode ser uma finalidade em-si, entretanto, mas um meio para a construção da significação da ação politica. As Ocupações parecem ser esse outro mundo possível. As chamadas Ocupações, ou essas territorializações do comum são o encontro, em uma zona cinzenta entre a esfera privada e a pública, do labor, da fabricação e da vida *activa*. *Entre* a esfera privada e a esfera pública, as Ocupações, ou esses territórios do compartilhamento, nos mostram, talvez, um entre-mundos com outros fins, inauditos fins.

## O habitar outro e o resgate da ação "indomável": a deflagração de processos

Fins como finalidades, finalidades não mais prescritas por um a priori, como um imperativo categórico kantiano, uma duração contínua, sem fim do em-si-mesmo. A propriedade, como um imperativo categórico, não permite a alteridade de sua identidade, ela simplesmente perdura sem fim, sem um fim que não seja o de ser próprio de alguém, mesmo inerte, infinita em sua passividade, sem direito a morrer para ser outro. Escreve Byung-Chul Han sobre a infinita duração em Kant:

> [...] Assim, a "duração" [*Dauer*] se mostra como uma per-duração [*Fort-Dauer*] sem fim, contínua: " '[...] eu quero[...] que minha duração seja sem fim, persisto nisso e não deixo que me tirem essa crença; pois não me é permitido diminuir nada no mesmo, determina inevitavelmente meu juízo [...].'". O tremendo "interesse" de Kant porta o luto. Ele é nutrido pelo trabalho de luto que consiste em matar a morte. A duração que deve ser "sem fim" não marca nenhuma transcendência. Ela não transcende, a saber, a temporalidade antes da morte em uma "outra temporalidade". Não se espera em Kant, nenhum outro tempo do outro para além do tempo do si. (Han, 2020)

Se, para Kant, a duração que continua ininterruptamente ao infinito é pura passividade, ou, conforme Han, uma atividade pura que nada traz de estranho ao sujeito, e que, por isso, "não envelhece e não sofre nada", permanecendo incólume ao próprio tempo, podemos dizer que a noção de *vida activa* de Arendt é sua antinomia; uma ação capaz de deflagrar, no instante de sua ocorrência, o outro de uma identidade supostamente imutável.

As chamadas Ocupações, sejam elas vinculadas ao direito de moradia ou de apropriações do espaço público, desde o instante que surgem, abrem-se a múltiplas temporalidades e durações da propriedade apropriada ao expropriá-la de sua inércia oito-teleológica. Elas são o lugar onde a morte da finalidade perene e passiva pela ação política-pública de uma vida activa é a possibilidade do florescimento de uma outra ideia de liberdade do sujeito e de uma democracia por vir, uma democracia que passa necessariamente por uma revisão dos sentidos e significados do que seja estar-junto, um estar-junto não prescritivo, talvez, por isso, proscrito.

## O estar-junto

Cooperação, cooperativas, co-operações co-operativas, são expressões que enunciam a conjunção, o com, o estar-junto como condição da aparição do território de compartilhamento. Aparição, termo que designa o aparecimento de algo que acontece para além da mônada individual, do além do um, uma operação de acoplamento entre máquinas celibatárias que as transfiguram no momento da simbiose.

Hoje, é possível perceber um desejo crescente, no Brasil, de práticas urbanas insurgentes que nos interessam discutir como modos de efetuação de um mundo cooperativo em potência, que tem a experiência instauradora e compartilhada como

horizonte. Nas duas primeiras décadas do novo milênio uma transformação profunda foi se tornando perceptível nas cidades brasileiras: um desejo novo pelo espaço público e comum. Esse desejo apareceu na forma de uma miríade de movimentos ativistas de ocupação e apropriação de espaços públicos de norte a sul do Brasil, contestando, muitas vezes, as regulações restritivas impostas pelo estado e as manobras escusas do mercado imobiliário. Referimo-nos a movimentos horizontais, não hierarquizados e auto organizados da sociedade civil, que vieram a ter grande relevância política, tais como os movimentos "Ocupe Estelita", no Recife, "Praia da Estação", em Belo Horizonte, e "A Batata Precisa de Você", em São Paulo. Tratam-se de três movimentos de resistência, constituídos como ONGs, sem comandos centralizados, surgidos inicialmente através de fóruns de internet, visando a retomada das cidades – dos seus espaços e de seus serviços – pelos seus cidadãos.

**O que aconteceu com o urbanismo?**

O que aconteceu com o urbanismo? Essa é uma pergunta que tem sido feita insistentemente por pensadores nas áreas das ciências sociais, dado o descrédito que a disciplina conheceu desde a crise do Movimento Moderno, nos anos 1970, e o crescimento caótico das cidades que se seguiu a partir de então. Enquanto, por um lado, o urbanismo estatal era acusado de cientificista e autoritário, face à tentativa de controlar nos mínimos detalhes a vida das pessoas através do espaço (veja-se o caso paradigmático de Brasília), por outro, as cidades passaram a crescer de forma descontrolada, pelas mãos "livres" da iniciativa privada e da especulação imobiliária.

Criou-se assim uma situação paradoxal: o urbanismo desaparecia como ciência justamente no momento histórico em que era mais necessário. Como se sabe, dada a urbanização acelerada das últimas décadas – desde os anos 1970 na América Latina, e desde os anos 1990 na Ásia e na África –, chegamos a um estágio de desenvolvimento em que, após 5 mil anos de história, a população mundial se tornou predominantemente urbana. As cidades, no entanto, foram entregues ao deus-dará. Segundo a opinião do polêmico arquiteto holandês Rem Koolhaas, a culpa por essa situação não é só do mercado, ou do neoliberalismo. É também dos próprios arquitetos e urbanistas, que, durante o chamado Pós-Modernismo, pretenderam redescobrir a cidade clássica em um momento impróprio, retirando-se da discussão sobre os problemas reais da cidade no capitalismo avançado. Enquanto desenhavam vielas e belas pracinhas para o passeio de pedestres, as cidades explodiam em favelas e subúrbios cada vez mais distantes das áreas dotadas de infraestrutura, induzidos pela mobilidade do automóvel individual. Esse foi o "ponto de não retorno", segundo Koolhaas, o momento de "fatal desconexão", que transformou os urbanistas em "especialistas em dores-fantasmas: doutores discutindo as complicações médicas de um membro amputado" (Koolhaas, 1995).

O diagnóstico fica ainda mais sinistro quando lemos o importante *Planeta favela*, do pensador norte-americano Mike Davis. Apoiado em pesquisas das Nações Unidas, Davis descreve um cenário alarmante para as próximas décadas, no qual a favelização continuará crescendo a um ritmo galopante, combinado à precarização do trabalho. É que a lógica excludente do atual estágio do capitalismo ("tardio", ou "avançado") constrói subliminarmente cidades – sobre o cadáver já exumado do urbanismo moderno – profundamente dualizadas. Isto é, marcadas pela divisão crescente entre os setores ricos

(os condomínios de luxo e as áreas de negócios), conectados a redes globais, e à massa informe de pobreza que permeia esses enclaves cada vez mais fechados e fortificados.

Quando falamos hoje em "cidades globais", estamos na verdade nos referindo a setores de cidades que se conectam a uma rede mundial de circulação de bens e de informações – isto é, de capital. São as suas faces integradas que precisam de marcos arquitetônicos espetaculares para colocá-las na rota internacional do "*city markenting*". Trata-se de uma nova lógica de organização geográfica da produção em uma economia terciária, na qual os Estados Nacionais perderam força diante do desenvolvimento autônomo das cidades.

Acontece que se você passeia por Nova York – talvez a cidade mais "global" do mundo, situada no coração do capitalismo, e berço da liberdade individual –, não sente nem de perto as mazelas das nossas metrópoles da periferia, que seguiram o modelo de Los Angeles. Em Nova York, com o eficiente serviço público de transporte, vai-se com rapidez a qualquer lugar, e as ruas não são desertificadas pela falta de calçadas e de comércio local, muito ao contrário.

Nas cidades brasileiras, como em muitas outras do mundo, entupimos as ruas de carros, os terrenos adjacentes de estacionamentos e de garagens, e o que resta das calçadas é tomado por muros, cercas elétricas e guaritas de vigilância. Onde está a cidade? Em vias de desaparecimento, elas vão se aproximando daquilo que a antropologia urbana definiu como "não lugar": espaços de passagem, que não são apropriados por ninguém. Nesse caldo de insatisfações e paradoxos é que os novos movimentos cooperativos pelo "direito à cidade" eclodem nas cidades brasileiras, catapultados pela grande onda de protestos que tomou o país em 2013.

**Construindo cidades coletivamente**

Como discute Bianca Tavolari, a demanda pelo direito à cidade não nasce em junho de 2013, mas foram os protestos que lhe deram projeção social mais ampla. "Apesar de já integrar o repertório do movimento de moradia pelo menos desde a Assembleia Nacional Constituinte, o termo começou a aparecer de maneira mais enfática tanto nas declarações públicas de lideranças como Guilherme Boulos quanto nas faixas penduradas em ocupações de prédios e terrenos vazios nas grandes cidades". Em Recife, por exemplo, "o Ocupe Estelita recorre ao direito à cidade na tentativa de que o antigo cais não se torne um empreendimento de luxo. Em seus dossiês, os Comitês Populares da Copa listaram os despejos ocasionados pela construção de estádios e avenidas — e a violência policial que os acompanhou — como violações aos direitos humanos e também ao direito à cidade." (Tavolari, 2016)

Portanto, segundo a observação de Luanda Vannuchi, "passado junho, a energia política e a radicalização catalisadas pelos protestos não se dissipavam, sobreviviam nos corpos que experimentaram a rua e pareciam procurar meios onde aterrissar." Assim, prossegue a autora, "se para uma parte desses novos atores políticos isso se converteu em

uma pauta anti-governista ou, ainda mais genérica, "contra tudo o que está aí" – que anos depois resultaria no impeachment da presidenta Dilma Rousseff e na formação de uma onda reacionária na política nacional – do outro lado do espectro político-ideológico as jornadas de junho abriram caminhos para experimentações de radicalização da democracia, afrontando a noção de que o futuro está dado e convidando novos atores a práticas insurgentes de caráter local." (Vannuchi, 2020)

Na escala urbana, a energia de contestação desencadeada pelos protestos culminou na emergência de uma multiplicidade de práticas e lutas pelo espaço público. Um dos precursores desse movimento, o Ocupe Estelita, nasceu em 2014 em resposta ao projeto Novo Recife, um megaempreendimento imobiliário com doze torres de até trinta e oito andares que substituiriam os antigos galpões do Cais José Estelita. Sua luta se pautou pelo direito coletivo à produção da cidade com respeito à memória do lugar, em contraposição à noção de que o tecido urbano serve sobretudo para a extração de renda. E embora brutalmente expulsa em junho de 2014, a ocupação gerou resultados significativos: conseguiu protelar a construção, exigindo que consultas populares fossem feitas para determinar como e a quem deveria atender as construções do Projeto Novo Recife. Ela também tornou o espaço culturalmente vivo, com uma programação regular de artes plásticas, educação, dança e música que seguindo acontecendo por anos.

"A cidade é nossa, ocupe-a" [figura 1], diz o lema do movimento. E, em razão de toda a denúncia aos excessos da especulação imobiliária desencadeada em Recife, a revelação, em 2016, das irregularidades na construção do Edifício La Vue, em Salvador, levaram à queda do Ministro Geddel Vieira Lima, dono do empreendimento, e à sua prisão.

Figura 1: Movimento coletivo Ocupe Estelita. "A cidade é nossa, ocupe-a"
Foto: Paulo Emilio
Source: https://www.brasil247.com/geral/manifestantes-deixam-area-do-cais-jose-estelita

Mas se a obstinada ocupação na área portuária do Recife combinou shows musicais e palestras sobre política urbana à luta real contra a reintegração de posse do terreno pela polícia, o movimento "Praia da Estação", em Belo Horizonte [figuras 2 e 3], por sua vez, se estrutura como um movimento lúdico de ocupação festiva da Praça da Estação – uma das mais importantes da cidade –, durante todos os sábados, por pessoas vestidas em trajes de banho. Algo que começou espontaneamente após um o discricionário decreto do prefeito que proibia aglomerações nesse espaço, em dezembro de 2010. Hoje, mais de

dez anos depois, vemos que o movimento se consolidou como um emblema de resistência da sociedade civil contra os abusos do poder em prol de um uso livre e criativo da cidade. Organizado de forma rizomática, o movimento não possui lideranças, e seus integrantes vão se renovando ao longo do tempo de forma orgânica, à medida que novas pautas e agendas passam a motivar os movimentos de rua na capital mineira.

Figuras 2 e 3: Praça da Estação, Belo Horizonte. Ocupação espontânea de um lugar interditado pela prefeitura. Um exemplo do construir junto pelo estar junto
Fotos: Priscila Musa
Source: https://terrorismobranco.wordpress.com/

Por fim, o movimento "A Batata Precisa de Você" [figuras 4 e 5] se constituiu como um grupo de Urbanismo Tático surgido após a inauguração, pela prefeitura de São Paulo, do novo Largo da Batata em 2013: um espaço estéril e desertificado rodeado por novos edifícios corporativos, numa área que antes se caracteriza como um centro de transporte e comércio popular. Como relata Laura Sobral Rodrigues, o Largo da Batata foi entregue à população em 2013, sem qualquer mobiliário urbano. Não havia previsão do que e quando seria instalado ali. Cicloativistas e outros cidadãos organizaram um abaixo-assinado, solicitando um bicicletário na praça, entregue para a prefeitura. O pedido foi atendido, e o bicicletário foi inaugurado em agosto 2014.

Figura 4: A Batata precisa de você
Fonte: https://catracalivre.com.br/arquivo/o-largo-da-batata-precisa-de-voce/

Figura 5: A Batata precisa de você
Fonte: piseagrama.org/a-batata-precisa-de-você

Nesse contexto, um canal de diálogo importante entre o poder público e a sociedade civil durante o período, ainda que de caráter consultivo, foi o Cades-Pi – Conselho Regional de Meio Ambiente, Desenvolvimento Sustentável e Cultura de Paz de Pinheiros

–, órgão participativo que tem o objetivo de engajar a população, por meio de seus representantes, na discussão e formulação de propostas socioambientais junto à subprefeitura. Constituído de forma bipartite, 50% de seus componentes são eleitos pela sociedade civil e 50% por representantes do poder público, o mandato dos conselheiros é de dois anos, cabendo duas reconduções por igual período.

Em dezembro de 2013, o grupo "Não Largue da Batata", composto por cidadãos e representantes do Cades-Pi que estavam acompanhando a situação e planos para o Largo, pediu e realizou uma reunião com a SMDU, ocasião em que o futuro do Largo da Batata foi discutido com base em um documento entregue com dez pedidos da população, incluindo os de maior participação popular. Na ocasião, o grupo foi informado de que não havia previsão para a instalação de nenhum mobiliário urbano, mas que o que fosse instalado seria discutido com a população.

Em novembro, o grupo já havia promovido um evento propondo várias atividades no Largo, dentre elas a construção de mobiliário para a praça. Nessa ocasião, o Largo ganhou seu primeiro mobiliário urbano, construído *in loco* pelo "Movimento Boa Praça". No ano seguinte, entre as atividades regulares do "A Batata Precisa de Você", além dos participantes se encontrarem levando mobiliários móveis, a partir de abril, mais mobiliário urbano começou a ser construído *in loco*. Assim, nas palavras da pesquisadora, que é também uma das principais propositoras do grupo, a "praça se transformou, durante algumas noites, numa verdadeira marcenaria colaborativa a céu aberto." (Rodrigues, 2018).

Assim, realizando oficinas de construção de mobiliário, e organizando jogos na praça, com a participação de moradores de rua, imigrantes e refugiados, o movimento foi, pouco a pouco, conseguindo incrementar vitalidade em um lugar anódino, à medida que conseguia a concessão da prefeitura para realizar uma gestão compartilhada do espaço, plantando árvores e instalando bancos na praça. Hoje, após a mudança na gestão da prefeitura para uma administração não progressista, esses laços foram quebrados, e a praça retornou à condição de "não-lugar", da qual havia sido temporariamente tirada pela ação comunitária daquele movimento.

Surgidos todos entre o final da primeira e o início da segunda década do presente século, esses movimentos cooperativos e comunitários de ocupação do espaço público no Brasil se apresentam como uma grande novidade histórica. Marcado por um passado colonial e escravocrata, o país se modernizou conservando traços históricos de patrimonialismo, isto é, de desrespeito à esfera pública pela contínua intromissão dos interesses privados. Morando em condomínios fechados, circulando pela cidade em automóveis particulares, e sociabilizando-se em shopping centers, as classes médias e elites urbanas brasileiras pareciam não valorizar os espaços públicos. Contudo, mudanças importantes foram operadas nesse período recente, despertando grandes contingentes urbanos para o desejo de uma vida coletiva que se expressa nos espaços públicos. E ainda, o que é mais interessante: não através da antiga noção de espaço público como um bem oferecido pelo estado à sociedade, mas sim de espaços públicos e comuns construídos coletivamente, por meios de formas cooperativas e solidárias.

Apesar dos reveses políticos recentes, a força social colocada em marcha em todos esses movimentos continua viva, e constitui a principal energia de resistência ao obscurantismo reacionário do governo federal brasileiro. Pois, se o aparato repressivo do estado, vinculado fisiologicamente à polícia e às forças militares, representa uma força molar – nos termos de Gilles Deleuze (1997) –, que se aplica de cima para baixo sobre a sociedade, reencenando velhos modelos de opressão, esses grupos ativistas se configuram, ao contrário, como organizações moleculares, rizomáticas, batalhando de forma resistente em arenas distintas e renovadas. São formas cooperativas, que operam por práticas de compartilhamento, escapando, como linhas de fuga não obedientes, aos processos normativos e repressivos encarnados pelo estado. Grupos sem comando centralizado, que se estruturam pela troca horizontal de saberes, que em tudo se distingue, por exemplo, das formas tradicionais dos sindicatos trabalhistas, por um lado, e dos movimentos de ocupação de moradia, criados por grupos organizados de sem-teto, que se baseiam, necessariamente, em estruturas hierárquicas de poder e divisão de trabalho. Referimo-nos, aqui, a exemplos notórios em São Paulo e no país, como o Movimento Sem-Teto do Centro (MSTC), liderado por Carmen Silva, e o Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto (MTST), liderado por Guilherme Boulos, que é atualmente um dos políticos de maior expressão no campo progressista no Brasil.

Associações rizomáticas como essas são meio por onde fruem novas ideias de coletividades e cooperações e remetem a ideia de agenciamento, conceito central do pensamento deleuzeano. Agenciamentos de corpos, de paixões, de ações que passam a interagir e enunciar algo. A maneira como cada individuo investe e participa na reprodução desses agenciamentos sociais contribui para a expressão de seu vir-a-ser. Conforme Deleuze (1997), os agenciamentos moleculares, no momento em que ocorrem, têm o poder de moldar uma existência que escapa – como linhas de fuga – aos processos codificantes dominantes que incidem sobre a sociedade. A cooperação, portanto, é uma linha de fuga em relação às enunciações molares e axiomáticas que codificam e aprisionam o desejo e o ser-estar em sociedade.

Coletividades cooperativas podem ser a expressão desses agenciamentos moleculares que enunciam outras possibilidades para o estar-junto, com efetivas reverberações na organização social do trabalho e na produção do espaço comum. Se não há desejo que não seja agenciado, na cooperação ele é processado durante a mistura de corpos, de gestos, de procedimentos. Coletividades que não necessariamente se realizam como coletivos uníssonos, mas que, certamente, teatralizam um campo de experimentação de seus desejos a partir do compartilhamento de algo, com ou sem uma finalidade a priori. A vontade de compartilhar algo cria um território de cooperação em que operações ocorrem apenas por ações que se manifestam como trabalho dialógico, nunca um monólogo. Surge, assim, um território onde a comunicação acontece não através de palavras de ordem, mas pela junção de palavras no momento em que acontecem, sem a necessidade de serem ordenadas e regidas previamente por alguém.

Em “Introdução à Sociologia da Música” (2011), Theodor Adorno destaca o trabalho cooperativo, horizontal, desalienado dos músicos de um conjunto de câmera. Geralmente sem um maestro, ou um condutor, os músicos dependem não só do integral conhecimento da obra, mas de uma noção do significado de cada um deles como unidades

coletivas para a execução da obra. É pela troca de olhares, pela cumplicidade e, fundamentalmente, por um trabalho cooperativo desierarquizado, que se constrói a obra.

O grupo de música de câmera talvez seja uma manifestação seminal do trabalho cooperativo e colaborativo, baseado em expertises individuais e execução coletiva horizontal e autoconsciente. Modelo metafórico que encontra paralelo muito expressivo nos agentes ativistas referidos aqui, cujas ações também estão fundadas na horizontalidade participante e desestratificada, que supõe o desencadeamento conjunto de ações coletivas com alto grau de individualidade entre as partes. Uma ação essencialmente desalienante e não conformista, que se opõe à atomização do trabalho.

Contrárias às tramas sociais desierarquizadas, alianças efetivadas por um exercício de soberania tendem à obediência, ao servilismo, ao cumprimento de um a priori. Porém, alianças horizontais, não-hierárquicas, traços constitutivos do ser existencial desses movimentos aqui apontados, configuram-se como emaranhado de singularidades que se realizam ao acontecerem como multiplicidade. Encontram seu campo de imanência em um modo de comunicação em que a vontade do fazer-junto por alguma coisa se sobrepõe à reação a um comando, à execução tal como prevista por aquele que a pré-define soberanamente. Se a ideia de identidade, de um ser uno e unívoco, parte de um modo de existência como asseidade, como um ser em si e para-si, as cooperativas, equivocidades constituídas ou em-potência, são um modo de existência baseado na abaleidade, no necessário vínculo com o outro, existência que depende de outras existências para ser. Abaleidades que podem se territorializar tanto como um grupo camerístico ou como imprevistos, espontâneos e intensos movimentos sociais moleculares urbanos.

São nesses movimentos moleculares, transgressores, guiados por uma ética universal do direito de cidade a todos, que a enunciação do outro, de uma alteridade e um porvir é engendrada. Esses movimentos, baseados no estar-junto e no ser-para-o-outro, com o outro, para além de qualquer identidade a priori, fertilizam espaços urbanos na esperança de sua ressurreição.

Para tanto, sugerem a descontinuidade do tempo imposto, inerte e inercial, a esses espaços, decretando sua morte para que essa alteridade seja possível através de suas ressurreições, sem destruí-los, sem desejar que morram de fato ou que sejam apagados. A fertilização e ressurreição desses espaços opera na descontinuidade desse tempo contínuo que os aprisiona em lógicas do apagamento, da exclusão, da interdição.

Próximo novamente de Han (Han, 2020a), particularmente quando este convoca Heidegger e Lévinas para pensar sobre a problemática relação entre morte e alteridade, a alteridade do ente coletivo urbano passa por uma morte desse ente que, ao mesmo tempo, já vive o luto que adia a sua despedida. Adiamento, por vezes, suficiente para que esse outro do ente seja gestado, enunciado, evitando seu desaparecimento e apagamento absolutos, ou seu retorno como mesmo. O adiamento é um tempo do entre, um tempo que articula e segmenta simultaneamente, ação necessária ao surgimento do outro.

## Bibliografia


- ADORNO. T., Modernidade. In. “Introdução à Sociologia da Música”, pp. 361-414.

- ARENDT H., 2014, A Instrumentalidade e o Homo Faber. In “A Condição Humana”, p. 474.

- DELEUZE, G., 1730- Devir-Intenso, Devir-Animal, Devir-Imperceptível.... In “Mil Platôs, vol. 4, pp. 11-119.

- DERRIDA J., 2003, Le « Monde » des Lumières à Venir (Exception, calcul, souveraineté) I. Téléologie et architecture. In “Voyous”, pp. 167 - 195.

- HAN B. C., 2020, Ética da sobrevivência. In “Morte e Alteridade”, pp. 100-101.

- HAN B. C., 2020a, Morte e Infinitude. In “Morte e Alteridade”, pp. 171 - 294.

- KOOLHAAS R., 1995, Rem Koolhaas, Whatever Happened to Urbanism? in “X,M,L,XL”,pp. 963.

- LOSURDO D., 2019, Direito, Violência, Notrecht. In “Hegel e a Liberdade dos Modernos”, pp. 227-261.

- RODRIGUES L.S., 2018, Mobiliário urbano e participação no Largo da Batata. In “Isso não é um evento: uma análise sobre a dinâmica de uso dos espaços públicos contemporâneos – Estudo de caso: o Largo da Batata”, pp. 89.

- TAVOLARI B., 2016, Direito à cidade: uma trajetória conceitual. In: “Novos Estudos n. 104”,pp. 94.

- VANNUCHI L.V.B., 2020, Depois de junho. In “O centro e os centros: produção e feituras da cidade em disputa”,pp. 221.

# NOTES SUR LES ESPACES PHYSIQUES ET NUMÉRIQUES EN TEMPS DE PANDÉMIE

## APONTAMENTOS SOBRE ESPAÇOS FÍSICOS E DIGITAIS EM TEMPOS PANDÊMICOS

**Lara Machado Ruiz**

*Mestranda, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense*

**Maria Rachel Luiz Freitas Rangel**

*Mestranda, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense*

**Margarida Mussa Tavares Gomes**

*Professora Doutora, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense*

Resumo: A proposta deste trabalho é refletir acerca das reconfigurações entre sujeitos, espaços físicos e digitais no contexto da pandemia do novo coronavírus. O inesperado “fique em casa” impôs limites à circulação de pessoas, ditou novos hábitos e realçou desigualdades sociais. Em algumas cidades, varandas e janelas passaram a ecoar vozes, frases e imagens começaram a ser projetadas em fachadas de prédios e reverberar outros (possíveis) usos do espaço. Num momento em que a recomendação da Organização Mundial de Saúde era a de isolamento social, os ambientes digitais se destacaram como espaços de informação, comunicação e diversão para os que puderam se abrigar em suas casas. Mas a presença do vírus também realçou a segregação e a grave crise sanitária de nossas cidades. A partir dessas considerações, foram desenvolvidas análises dos efeitos do esvaziamento das ruas, das interações em rede, buscando evidenciar tendências sobre as cidades e o uso dos espaços públicos pós-pandemia.

Palavras-chave: Espaço público. Ambientes digitais. Pandemia.

Résumé: Ce travail cherche à réfléchir aux reconfigurations entre sujets, espaces physiques et numériques dans le contexte de la pandémie du nouveau coronavirus. L'inattendu “restez chez vous” a imposé des limites à la circulation des personnes,et a dicté de nouvelles habitudes et mis en évidence les inégalités sociales. Dans certaines villes, les balcons et les fenêtres ont commencé à faire écho des voix, des phrases et des images ont commencé à être projetées sur les façades des bâtiments et à se répercuter sur d'autres utilisations (possibles) de l'espace. Dans le moment où la recommandation de l'Organisation mondiale de la santé était celle de l'isolement social, les environnements numériques se sont imposés comme des espaces d'information, de communication et de divertissement pour ceux qui pouvaient s'abriter chez eux. Mais la présence du virus a également mis en lumière la ségrégation et la grave crise sanitaire qui sévit dans nos villes. Sur la base de ces considérations, des analyses des effets de la vidange des rues et des interactions de réseau ont été développées, cherchant à mettre en évidence les tendances dans les villes et l'utilisation des espaces publics post pandémie.

Mots-clés : Espace public. Environnements numériques. Pandémie.

Abstract: The purpose of this work is to reflect about the reconfigurations between subjects, physical and digital spaces in the context of the new coronavirus pandemic. The unexpected “stay at home” imposed limits on the movement of people, dictated new habits and highlighted social inequalities. In some cities, balconies and windows began to echo voices, phrases and images began to be projected on building facades and reverberate other (possible) uses of space. At a time when the recommendation of the World Health Organization was social isolation, digital environments stood out as spaces for information, communication and entertainment for those who could shelter in their homes. But the presence of the virus has also highlighted social inequalities, segregation and the serious health crisis in our cities. Based on these considerations, analyzes of the effects of emptying the streets and network interactions were developed, seeking to highlight trends in cities and the use of public spaces after the pandemic.

Keywords: Public space. Digital environments. Pandemic.

## 1. INTRODUÇÃO

Historicamente, existe uma estreita relação entre doenças e a vida urbana. Em muitos séculos as particularidades das cidades facilitaram condições de saúde desfavoráveis e, assim, viraram locais propícios à disseminação de doenças e principalmente epidemias.

Para solucionar tais problemas, os centros econômicos, sociais e culturais surgiram com inovações, principalmente na adoção de medidas sanitárias. Esse fator também contribuiu com o planejamento urbano moderno e a engenharia civil. Entretanto, as melhorias nos centros urbanos desconsideravam a precariedade nas periferias (CORRÊA *et al*, 2020). Além disso, à medida que o desenvolvimento científico-tecnológico ia se aprimorando, os serviços de saúde acompanhavam tal evolução e morar no centro urbano se tornou mais vantajoso. (FAJERTAJN, VERAS, SALDIVAS, 2016).

Vale lembrar que inúmeras inovações surgiram após a peste negra da Idade Média, onde estima-se que 50% da população europeia sucumbiu à doença. A grande peste, conhecida como pesadelo da humanidade, era uma doença de cunho sanitário, devido à falta de saneamento, já que os dejetos eram quase sempre descartados nas vias públicas (BORGES; MARQUES, 2020).

Alguns pensadores procuraram formas de lidar com os problemas de saneamento das cidades, com o intuito de promover a saúde dos cidadãos. No século XVIII, o planejamento urbano tinha como objetivos principais promover a higiene e a circulação. Desse modo, algumas cidades passaram por intervenções urbanas, como foi o caso de Nova York. Sendo assim, matadouros e alcaçarias foram reposicionados para fora dos limites da cidade e posteriormente se estabeleceram nas proximidades da fonte de água da cidade, o Lago Coletor.

Tais ações geraram grandes problemas para Nova York, pois, com o tempo, o lago foi drenado e aterrado e a cidade passou a depender de poços rasos, o que ocasionou uma contaminação da água, contribuindo para a epidemia de cólera que ocorreu na cidade em 1833. Como forma de sanar os surtos da doença, a prefeitura implantou um aqueduto para abastecer Nova York com água limpa e impôs a instalação de toaletes conectados à rede de esgoto (CORRÊA *et al*, 2020).

A cidade de Londres, em 1855, também passou por um surto de cólera, mas o *Metropolitan Board of Works* (Conselho Metropolitano de Obras), criado para fornecer a

infraestrutura de planejar a cidade, realizou diversas ações a fim de melhorar a cidade, tais como a rede de esgotos, novas ruas e pontes e também a criação de parques e espaços abertos (BORGES; MARQUES, 2020).

No final do século XIX, a cidade do Rio de Janeiro passou por reformas sanitárias implantadas pelo prefeito Pereira Passos. Tais reformas, que se iniciaram em 1902, foram usadas para respaldar medidas de segregação social. As mudanças foram implementadas de forma desigual, portanto, os moradores dos subúrbios, os menos favorecidos, sofriam com a falta de uma infraestrutura sanitária. (BORGES; MARQUES, 2020).

Importa ressaltar, ainda, que os surtos de *influenza* intervieram diretamente no urbanismo modernista, no que diz respeito ao planejamento e necessidade de ruas largas, espaços abertos e verdes, à presença da iluminação natural, a perspectiva funcional, limpeza e na padronização das construções (CORRÊA *et al*, 2020). Nota-se, portanto, que conforme os séculos foram passando, as doenças foram induzindo transformações nas cidades e estas foram reconhecendo que exerciam importante papel no controle de epidemias.

Em março de 2020, a Organização Mundial de Saúde (OMS) declarou como pandemia a doença causada pelo novo coronavírus (WHO, 2020). Na tentativa de conter a propagação do vírus, a principal recomendação da OMS foi a de distanciamento e isolamento social. A urbe torna-se o principal cenário de propagação do vírus e, com isso, pôde-se observar ruas, avenidas vazias e foram fechados aeroportos, lojas, empresas suspenderam sua produção, atividades culturais e esportivas foram suspensas; e famílias isoladas recorreram de forma mais acentuada aos ambientes virtuais.

A situação do isolamento social, da campanha do "Fique em Casa" intensificou o debate sobre a segregação social e o uso dos espaços públicos na cidade. O novo coronavírus tem despertado a reflexão acerca da cidade e do seu planejamento urbano. A experiência espacial da vida social foi subitamente interrompida e a internet apareceu, então, como um meio para se experimentar um espaço-tempo que acabou por favorecer a comunicação e a criação de narrativas.

Entretanto, importa lembrar que muitos não puderam exercer suas atividades de forma remota, tais como porteiros, faxineiras, motoristas de ônibus, entregadores de aplicativos, profissionais da saúde e trabalhadores da construção civil - além da parte da população que faz parte do "neo lumpesinato digital", como adverte Beiguelman (2020).

A partir dessas considerações, este artigo tem a intenção de refletir acerca das imbricadas reconfigurações entre sujeitos, espaços físicos e digitais no contexto da pandemia de COVID-19. Na tentativa de capturar a complexidade desses fenômenos ainda em curso, foram desenvolvidas análises com base em livros, notícias, artigos, além de reflexões acerca de registros fotográficos que abordam a pandemia com o intuito de evidenciar tendências sobre as cidades e o uso dos espaços públicos pós-pandemia.

## 2. NOVAS CONFIGURAÇÕES ESPACIAIS E IMAGENS DA PANDEMIA

A palavra espaço admite uma grande variedade de conceitos e a busca por sua definição se torna elucidativa "justamente por apresentar a pluralidade de áreas de conhecimento nas quais o espaço tem importância fundamental: e assim, pelas visões por vezes díspares, tem-se a consciência da polissemia do conceito" (DUARTE, 2002, p. 13).

Segundo Milton Santos, o "espaço é formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá" (SANTOS, 2006, p. 39). Para ele, o espaço deve ser considerado um fator da evolução social,

> [...] uma instância da sociedade, ao mesmo título que a instância econômica e a instância cultural-ideológica. Isso significa que, como instância, ele *contém* e *é contido* pelas demais instâncias, assim como cada uma delas contém e é por ele contida. A economia *está* no espaço, assim como o espaço *está* na economia. O mesmo se dá com o político-institucional e com o cultural-ideológico. Isso quer dizer que a essência do espaço é social (SANTOS, 2012, p. 12).

Compreendido dessa forma, o espaço é uma instância da sociedade, produzido a partir da interação entre as forças vivas e sua própria realidade - a condição à ação objetiva no mundo. Assim sendo, o processo de constituição do espaço urbano resulta em uma espacialidade repleta de superposições, imbricações, contradições, continuidades e descontinuidades.

De forma contundente, a experiência da pandemia impôs limites à livre circulação e reunião de pessoas. Borges e Marques (2020) afirmam que, nesse momento:

> Apresentações musicais, palestras e debates, por exemplo, só são possíveis por meio das *lives*, recurso audiovisual específico das redes sociais digitais, amplamente utilizado durante este período de isolamento social. Mais do que nunca, é preciso ver, escutar, falar e se entreter. (BORGES; MARQUES, 2020, p. 44).

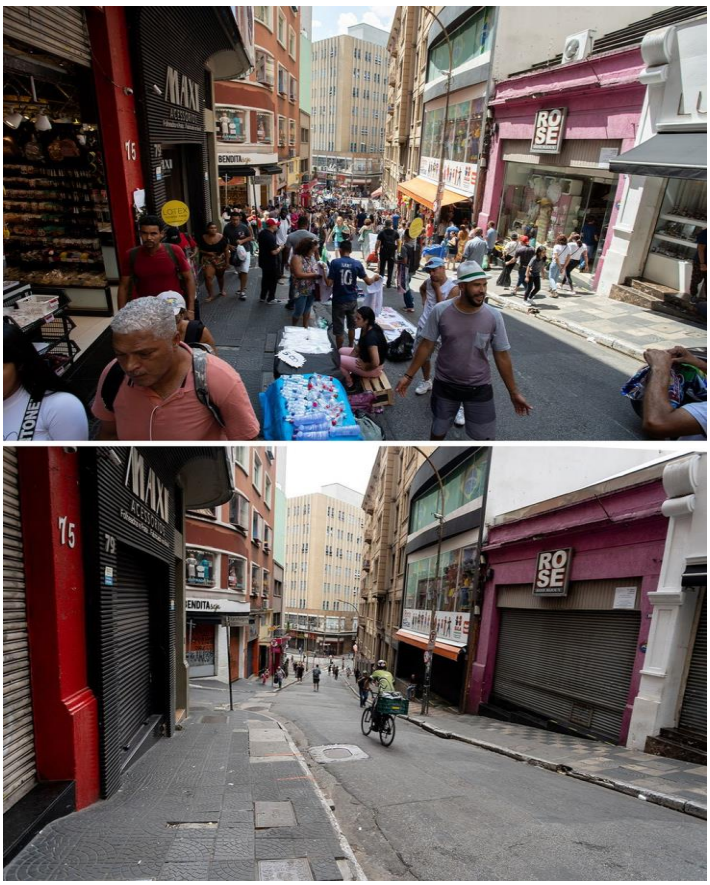
É evidente que a crise da pandemia de COVID-19 ocasionou mudanças na vida cotidiana e esse cenário emergente tem sido relatado por meio de diferentes imagens, algumas delas exibidas a seguir. Talvez uma das mais emblemáticas imagens tenha sido a divulgada pela OMS no dia 11 de março de 2020, em seu perfil oficial do Twitter, caracterizando o estado de contaminação do novo coronavírus como pandemia. O comunicado, feito pela Organização Mundial de Saúde e exibido na Figura 1, confirma o que já havia sido discutido após a rápida propagação do Coronavírus: que o pior cenário estava se confirmando e o vírus havia se espalhado pelo território mundial, impondo uma nova realidade ao cotidiano humano.

Figura 1 - Notificação da Organização Mundial da Saúde sobre a pandemia.

Fonte: World Health Organization (WHO), 2020.

A partir desse momento de iminência do afastamento social, espaços urbanos que antes exibiam um fluxo intenso de movimento, com suas ruas permeadas por um deslocamento heterogêneo e dinâmico, produto das atividades ali desenvolvidas, deram lugar ao vazio inquietante da cultura urbana do isolamento, necessária para conter a propagação do vírus. É o que revela a Figura 2, ao exibir a Ladeira Porto Geral em São Paulo, antes e apenas alguns dias depois das medidas de isolamento como prevenção ao Coronavírus no mês de março de 2020.

Figura 2- Ladeira Porto Geral antes e depois das recomendações de isolamento social.




Fonte: Brandt, 2020.

Ao redor do mundo, muitas imagens como essa circularam evidenciando os efeitos do isolamento sobre o ambiente natural. O espaço digital, com suas novas formas de trabalho e lazer, captou subitamente as atividades das ruas agitadas. Porém, essas mesmas avenidas, refletem com a pandemia uma desigualdade social há muito existente, agora evidenciada, que dividiu as classes em que pôde ficar em casa, e as que tiveram que se colocar ao risco do contágio para não se submeterem a outro risco, o da miséria. A Figura 3 confirma e representa um dos ângulos desse contraste social. Nela, uma das ruas também antes movimentadas do centro de São Paulo, passou a ser utilizada apenas como local de passagem para entregadores, que desde o início da pandemia se expõem ao risco para garantir a renda familiar.

Figura 3 - Entregadores nas ruas vazias do centro de São Paulo.

Fonte: Ferreira, 2020.

Essa imagem corrobora com os dados divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em sua edição extraordinária para coletar dados sobre a pandemia no Brasil, que apontou que em novembro de 2020, apenas 0,3% das pessoas sem instrução ao Ensino Fundamental incompleto puderam trabalhar de suas casas, em oposição aos 27,1% das pessoas com superior completo ou Pós-graduação que estão trabalhando remotamente.

Além da exposição ao risco que parte da população vivenciou para cumprir a jornada de trabalho, outra consequência notória da pandemia são os índices de desemprego no Brasil. No primeiro trimestre de 2021, até maio, a taxa de desemprego ficou em 14,6%, atingindo 14,8 milhões. Atualmente a taxa de desemprego é de 14,1% no 2º trimestre de 2021, mas ainda atinge 14,4 milhões de brasileiros. Esse recuo está relacionado com o aumento da taxa de ocupação, pois o trabalho por conta própria (autônomo) teve um acréscimo significativo e englobou 24,8 milhões de trabalhadores (ALVARENGA; SILVEIRA, 2021). Desse modo, é possível observar mais um dos impactos sociais na vida da população, devido ao novo coronavírus.

Para além das condições de emprego, nas periferias outras problemáticas se agravaram com a pandemia, como é possível observar nos casos de ausência de saneamento básico, infraestrutura deficiente, entre outros. Segundo Borges e Marques (2020) esses momentos de epidemias propagam os discursos de impureza, de contaminação social e que habitualmente, de acordo com a história, geram políticas higienistas de segregação e extermínio no planejamento urbano.

Em contrapartida, para quem pôde ficar em casa, o contato com o espaço externo foi reduzido radicalmente. O caminhar pelas avenidas, muitas vezes fruto do deslocamento para o trabalho, agora se tornou um percorrer por espaços virtuais entre uma videoconferência e outra. Os momentos de lazer também se adaptaram à nova realidade, em uma época de consumo de entretenimento online cada vez mais massivo. Serviços de streaming, redes sociais digitais e jogos se tornaram uma constante na realidade pandêmica.

Os shows e apresentações artísticas também tiveram que se adaptar. Os artistas utilizaram do espaço digital, agora mais habitado do que nunca, para se apresentar por meio de *lives*, que se popularizaram com uma grande força no Brasil e no mundo. Talvez uma das apresentações virtuais mais representativas tenha sido a retratada na Figura 4, do tenor Andrea Bocelli, que se apresentou em um domingo de Páscoa, na agora deserta Catedral de Milão.

Figura 4 - Andrea Bocelli se apresentando na Catedral de Milão, Itália.

Fonte: Ward, 2020.

Agora ocupando o espaço digital e longe dos espaços físicos, o que mais aproxima os cidadãos das ruas nessa nova realidade são as varandas e janelas. Frente ao negacionismo com que a pandemia é tratada no Brasil, milhares de pessoas usam esse espaço de transição do público com o privado para protestar pela saúde no país, nos chamados por Beiguelman (2020) de “janelaços”. Essas novas formas de ativismo, ecoaram ao redor do mundo como mostra a Figura 5 divulgada em uma coleção de fotografias publicada como um relato imagético do ano de 2020 pelo The New York Times. A imagem do Edifício Copan, em março de 2020, mostra um dos primeiros janelaços como resposta a fala do Presidente da República chamando o Coronavírus de uma “fantasia”.

Figura 5 - Moradores vão às janelas do Edifício Copan, SP, para protestar.

Fonte: Baquet, 2021.

Assim como as janelas e varandas passaram a assumir um papel importante na reconfiguração do espaço público durante a pandemia, as fachadas dos prédios também foram palco de manifestações imagéticas.

As insatisfações foram convertidas em imagens, que ao serem projetadas em grandes proporções nas empenas dos edifícios, refletem os anseios e insatisfações populares. Beiguelman (2020) descreve as paredes dos prédios como a nova ágora nos tempos de isolamento social. A Figura 6 traz um exemplo desse tipo de manifestação emergente, com uma projeção na fachada do congresso nacional, lembrando as então cem mil portes por Covid-19 no Brasil no mês de agosto de 2020.

Figura 6 - Projeção no Congresso Nacional como forma de protesto pelas vítimas da Covid-19 no Brasil.

Fonte: G1, 2020.

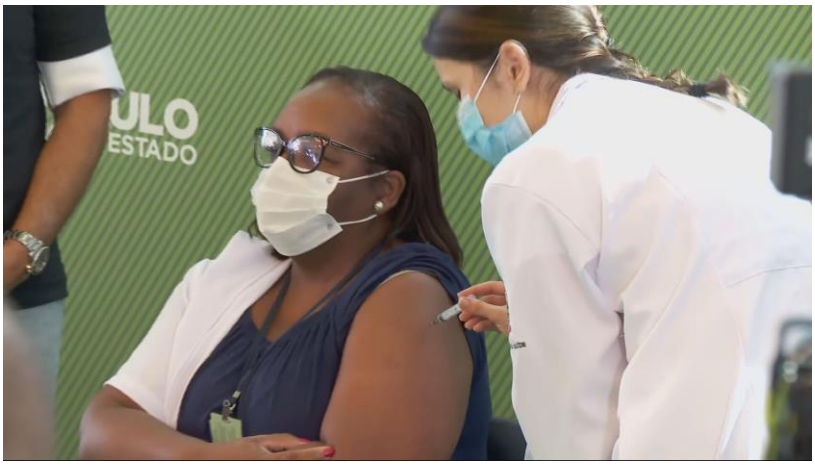
Além das manifestações nas varandas e fachadas dos edifícios, o isolamento social trouxe a sensação de incerteza coletiva, aflorando a necessidade de acesso à informação a respeito das consequências da pandemia. Em adição à importância de comunicar os efeitos sociais da Covid-19, manifestou-se também a urgência de dar voz a circunstâncias há muito silenciadas, agora agravadas. Dessa forma alguns grupos como estudantes, movimentos sociais, centros de pesquisas, entre outros, desenvolveram redes sociotécnicas, algumas baseadas em mapeamentos colaborativos *on-line*, com o objetivo de dar visibilidade a dados não informados pelos gestores e governantes.

Mais uma vez, ocorre a apropriação do espaço digital, que em virtude de sua versatilidade, passou a atuar também como um ambiente de construção e disseminação dessas redes que buscam evidenciar a desigualdade social em tempos de pandemia. Dentre as iniciativas digitais, podemos citar como exemplo a plataforma "Covid nas prisões" (https://www.covidnasprisoes.com/), que se propõe a sistematizar e tornar acessível informações relacionadas a Covid-19 no sistema prisional brasileiro. A plataforma https://mapacolaborativo.org.br/ também se destaca através de sua proposta de reunir em um mapa digital as diversas práticas colaborativas que estão sendo realizadas em todas as regiões do Brasil, tornando possível clicar em pontos do mapa para conhecer as iniciativas daquela região e oferecer apoio, com o objetivo de amenizar danos gerados pela pandemia de Covid-19 no Brasil.

Destaca-se também a plataforma de mapeamento colaborativo “Violações em tempos de Covid – Salve Sul” (http://cdhep.org.br/mapa-salvesul/) que oferece espaço para que moradores, instituições, coletivos, servidores públicos e movimentos sociais sejam capazes de manifestar de maneira georreferenciada diferentes tipos de violações de direitos durante a pandemia, com o objetivo de, a partir desses dados, realizar propostas e reivindicações ao poder público

Dentro desse contexto de manifestações, desigualdades sociais acentuadas, desemprego, mudança de percepção dos espaços públicos e apropriação dos espaços digitais, provocado pela pandemia, emergiram também tempos de esperança com a aprovação do uso emergencial da vacina contra Covid-19 no Brasil. A Figura 7 exibe um marco muito expressivo para a população brasileira quando, em janeiro de 2021, a enfermeira Mônica Calazans se tornou a primeira pessoa do país a ser vacinada contra a Covid-19, dando início a campanha de vacinação, oferecida pelo Sistema Único de Saúde (SUS).

Figura 7 - Enfermeira Mônica Calazans recebe a primeira vacina contra a Covid-19 no Brasil.




Fonte: CNN, 2021.

Embora não tenha sido concluída, a aplicação da vacina contra a Covid-19 na população brasileira trouxe de forma mais tangível a possibilidade de superar a pandemia e retornar às atividades antes consideradas normais. Porém, voltamos gradualmente para um espaço urbano mais uma vez modificado historicamente, mais do que nunca permeado pelas Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), em que só seremos capazes de mensurar todas as suas alterações e os impactos sobre todas as parcelas da sociedade com o passar dos anos.

## 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Num esforço analítico, as reflexões aqui apresentadas buscaram contribuir para a compreensão da necessidade de (re)pensar a cidade e seus espaços públicos - espaços esses que sejam comprometidos com a diversidade de usos coletivos e individuais.

Para uma parte da população, uma série de atividades anteriormente desempenhadas em espaços físicos de sociabilidade, estão sendo realizadas a partir de ambientes digitais obedecendo a uma outra dinâmica de interatividade.

O Brasil que enfrenta os efeitos da pandemia do COVID-19 ainda não solucionou problemas estruturais de ocupação desordenada do solo, de acesso à moradia, além de profundas desigualdades sociais. Assim sendo, a dinâmica singular da pandemia tem sido potencializada pelo conjunto de vulnerabilidades que marcam a realidade da vida urbana brasileira.

Dessa forma, é urgente pensar o presente tentando compreender como essas conexões se articulam e como as cidades podem se tornar adaptáveis a mudanças decorrentes de questões locais e globais (como a pandemia) e flexíveis, ou seja, abertas a novas possibilidades de uso integrados, inclusive, a recursos digitais.

## BIBLIOGRAFIA


- ALVARENGA, Darlan; SILVEIRA, Daniel. Desemprego recua para 14,1% no 2º trimestre, mas ainda atinge 14,4 milhões, aponta IBGE. **G1**, 2021. Disponível em: https://g1.globo.com/economia/noticia/2021/08/31/desemprego-fica-em-141percent-no-2o-trimestre-diz-ibge.ghtml Acesso em: 17 set. 2021.

- BAQUET, Dean. A Year Like No Other. **The New York Times**, 2021. Disponível em: https://www.nytimes.com/interactive/2020/world/year-in-pictures.html?campaign_id=9&emc=edit_nn_20201209&instance_id=24852&nl=the-morning&regi_id=91168454&segment_id=46438&te=1&user_id=bee7cf9541d823316a89b625a0d3dd3a#march. Acesso em 23 jun. 2021.

- BEIGUELMAN, G. **Coronavida**: pandemia, cidade e cultura urbana. São Paulo: ECidade, 2020.

-BORGES, Andrea; MARQUES, Leila (coord.). **Coronavírus e as cidades no Brasil: reflexões durante a pandemia**. Rio de Janeiro: Outras Letras, 2020.

- BRANDT, Marcelo. Coronavírus: as ruas antes e depois do início da pandemia; FOTOS. **G1**, 20 mar. 2020. Disponível em: https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/03/20/ coronavirus-as-ruas-antes-e-depois-do-inicio-da-pandemia-fotos.ghtml. Acesso em: 21 jun. 2021.

- CNN. Primeira pessoa é vacinada contra Covid-19 no Brasil. **CNN**, 17 jan. 2021. Disponível em: https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/primeira-pessoa-e-vacinada-contra-covid-19-no-brasil/. Acesso em: 18 ago. 2021.

-CORRÊA, Fernando. *et al*. Planejamento urbano e epidemias: como doenças do passado transformaram as cidades. **Wri brasil**, 16 Abr. 2020. Disponível em: https://wribrasil.org.br/pt/blog/2020/04/cidades-e-epidemias-como-doencas-do-passado-transformaram-planejamento-urbano. Acesso em: 07 de out. 2020.

- DUARTE, F. **Crise das matrizes espaciais**: arquitetura, cidades, geopolítica, tecnocultura. São Paulo: Perspectiva, 2002.

- ELIAS, N. **Sobre o tempo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1998.

- FAJERTAJN, Laís; VERAS, Mariana; SALDIVAS, Paulo H. N. Como as cidades podem favorecer ou dificultar a promoção da saúde de seus moradores?. **Estudos Avançados**, v. 30, n. 86, p. 7-27, 2016. Disponível em: http://www.revistas.usp.br/ea v/article/view /1150 78. Acesso em: 07 out. 2020.

- FERREIRA, Yuri. Coronavírus: fotógrafo registra o vazio do Centro de São Paulo durante a quarentena. Hypeness, 01 abr. 2020. Disponível em: https://www.hypeness.com.br/2020/04/ coronavirus-fotografo-registra-o-vazio-do-centro-de-sao-paulo-durante-a-quarentena. Acesso em: 21 jun. 2021.

- G1. Projeção no Congresso Nacional lembra 100 mil mortos pela Covid-19 no Brasil. **G1**, 10 ago. 2020. Disponível em: https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2020/08/10/ projecao-no-congresso-nacional-lembra-100-mil-mortos-pela-covid-19-no-brasil.ghtml. Acesso em: 23 jun. 2021.

- IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA . **PNAD COVID19**. Rio de Janeiro: IBGE, 2020. Disponível em: https://covid19.ibge.gov.br/pnad-covid/. Acesso em 22 jun. 21.

- SANTOS, M. **Espaço e método**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

- WARD, Jake. Bringing Andrea Bocelli's Music for Hope to the locked-down masses. **Campaign**, 13 maio 2020. Disponível em: https://www.campaignlive.co.uk/article/brin ging-andrea-bocellis-music-hope-locked-down-masses/1682944. Acesso em 23 jun. 2021.

- World Health Organization. **We have therefore made the assessment that #COVID19 can be characterized as a pandemic**. Twitter: @WHO. Disponível em: https://twitter.com/WHO/status/1237777021742338049. Acesso em: 15 jun 2021.

# A RUA COMO ESPAÇO DE CONVÍVIO: AS DINÂMICAS SOCIOESPACIAIS DAS PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA NOS ESPAÇOS PÚBLICOS DA CIDADE DE SANTARÉM, PARÁ, BRASIL.

# LA RUE COMME ESPACE POUR LES PERSONNES : LA DYNAMIQUE SOCIO-ESPACE DES PERSONNES DANS LA SITUATION DE LA RUE DANS LES ESPACES PUBLICS DE LA VILLE DE SANTARÉM, PARÁ, BRAZIL.

**Elton Paz do CARMO**

**Acadêmico da Universidade Federal do Oeste do Pará – UFOPA**

**Discente do Curso de Licenciatura em Geografia – ICED**

## Resumo:

Protagonizar as pessoas em situação de rua nos logradouros públicos da cidade de Santarém Pará significa evidenciar que a cidade dentro das diretrizes do capital é excludente a ponto de negar o direito à cidade dos indivíduos que sofrem com a falta de uma habitação digna aliada a outras questões pessoais, e que esses sujeitos passam por um processo de marginalização como fruto da falta de políticas públicas, revelando o fenômeno das pessoas em situação de rua que emerge em meio ao caos da cidade, fazendo dos espaços comuns locais de moradia, refuncionalizando esses ambientes de uso coletivo para que atenda às suas demandas e garantam a sua permanência e sobrevivência. Despertar o olhar geográfico para essa dinâmica urbana que poucos têm o interesse de pesquisar e assim protagonizar esses homens e mulheres que sofrem com a invisibilidade e o preconceito estrutural. O objetivo principal dessa pesquisa é ampliar a visão de que as pessoas que vivem em situação de rua mantem relações fundamentais com o espaço urbano. A invisibilidade faz com que se perpetue esse fenômeno diante de um complexo conjunto de adversidades que ganha cada vez mais proporções quando não são apreciados pelo olhar cientifico reforçando o processo de segregação que nega condições dignas de vida para uma significativa parcela da população que vive fora de qualquer benesse social.

**Palavras chave**: cidade, marginalização, invisibilidade.

Le rôle des sans-abri dans les lieux publics de la ville de Santarém Pará, c'est montrer que la ville dans les lignes directrices de la capitale exclut au point de nier le droit à la ville des individus qui souffrent du manque de logement décent combiné avec d'autres problèmes personnels, et que ces sujets passent par un processus de marginalisation en raison du manque de politiques publiques, révélant le phénomène des sans-abri qui émerge au milieu du chaos de la ville, faisant des espaces communs des lieux de résidence, refonctionnalisant ces environnements pour des pour répondre à leurs demandes et assurer leur pérennité et leur survie. Éveiller le regard géographique sur cette dynamique urbaine que peu s'intéressent à la recherche et ainsi conduire ces hommes et ces femmes qui souffrent d'invisibilité et de préjugés structurels. L'objectif principal de cette recherche est d'élargir le point de vue selon lequel les personnes vivant dans la rue entretiennent des relations fondamentales avec l'espace urbain. L'invisibilité fait perdurer ce phénomène face à un ensemble complexe d'adversités qui prennent des proportions croissantes lorsqu'elles ne sont pas appréciées par l'œil scientifique, renforçant le processus de ségrégation qui nie des conditions de vie décentes à une partie importante de la population qui vit en dehors de tout bien social.

**Mots clés :** ville, marginalisation, invisibilité.

## 1. INTRODUÇÃO

As pessoas em situação de rua são sujeitos que necessitam ser protagonizados no espaço urbano, a partir do momento que a rua passa a ser sua única opção, criam-se as relações de convívio e o espaço urbano passa a ser visto e vivido de outras formas. Os indivíduos que utilizam dos espaços públicos como moradia também exercem um papel fundamental enquanto sujeitos sociais e se fazem parte do contexto das cidades, logo também são sujeitos geográficos.

> A população de rua compõe o cenário social de inúmeras cidades do país, e como uma fotografia, retrata o que há de mais desigual e indiferente na sociedade capitalista. Esta população ocupa e interage de diferentes formas nos diferentes lugares que vão constituindo os territórios das cidades (REIS e RIZZOTI, 2013, p.44).

Encontrar-se em situação é chegar ao ápice da marginalização é a face mais cruel desse sistema socioeconômico excludente e desigual. O estado por sua vez é o omisso diante dessa realidade cada vez mais frequente que se materializa nos espaços públicos como reflexos de uma estrutura capitalista que prioriza a produção de riquezas, o que por vezes acaba precarizando a vida daqueles que não se enquadram nessa dinâmica. Para Palombini, (2014) "a existência do morador de rua é uma das contradições máximas do sistema [...]", pois atrelada as desigualdades e outras expressões das questões sociais e espaciais torna esses sujeitos a parte obscura do sistema capitalista, pois a condição de morador de rua nos estudos das politicas sociais é o ápice da marginalização.

A geografia enquanto ciência nos instiga a estudar tais dinâmicas que ocorrem nas cidades. Mesmo com todas as contradições onde o processo de exclusão social é consequência da ocupação do solo urbano que se baseia na lógica capitalista de apropriação privada. Inviabilizando de pronto o acesso a moradia para a população em situação de rua, pois este público não se enquadra nos moldes do capital, haja vista que não dispõe de recursos que possibilite conseguir espaços adequados para habitar. Assim, sem acesso a moradia, essa significativa parcela da sociedade acaba vendo nas ruas sua única forma de permanência na cidade.

A desinformação e o preconceito geram intensos desconfortos em parte da sociedade ao vislumbrar homens e mulheres fazendo das praças, marquises e calçadas lugares de "moradia", sendo que o morador de rua é o resultado de uma sociedade excludente que não oportuniza os menos favorecidos e nas cidades transformam as ruas em lugar de vivência.

O morador de rua precisa se adaptar as dinâmicas urbanas, evitar conflitos e permanecer oculto tornaram-se estratégias de sobrevivência. O morador de rua não pode perambular por certos lugares a todo momento, pois não são vistos com bons olhos por alguns empresários e lojistas e grande parte da população que utiliza os serviços da área central da cidade de Santarém PA.

Comumente esses indivíduos são confundidos com "ladrões" e sofrem constantemente com as ações da polícia — quando acionados ou nas patrulhas de rotina ao se depararem com esses indivíduos quase sempre agem com truculência, expondo o despreparo das forças de segurança pública na abordagem dessa população mais vulnerável. Segundo os relatos das pessoas entrevistas mesmo quando não estão em atitudes suspeitas sofrem com a repressão dos agentes, reforçando desta forma que a preocupação do poder público não é com a existência da população em situação de rua, a preocupação da policia e de uma grande parcela da sociedade é a presença e a permanência desses sujeitos em determinados pontos da cidade, principalmente os locais de maior circulação de pessoas, é sobretudo uma forma de dizer: Onde não existe o capital de maneira proeminente esses grupos podem existir.

> Para o morador de rua, que faz parte da população da cidade, o estado não está a seu serviço. Muito antes pelo contrário, este se faz presente principalmente visando à repressão de tudo aquilo que não se adequa às normas tradicionalmente ditas como civilizadas e os moradores de rua são a expressão máxima dessa transgressão aos princípios burgueses do domicílio, do comportamento social e da propriedade privada (PALOMBINI, 2014, p.49).

Os moradores de rua na cidade de Santarém PA concentram-se em grande parte na área central, onde o fluxo de pessoas é constante, facilitando os serviços por eles oferecidos como guardadores de carros, vendas de artesanatos, carregadores de mercadorias e "mangueadores[1]". Partindo desse pressuposto, os indivíduos em situação de rua prestam serviços de grande relevância para a sociedade, no entanto são rotulados de desocupados, pois

[1] Indivíduo que "pede" dinheiro das pessoas. *Termo Nativo* como expressa SOUSA, Marcelo Lopes de. *Os Conceitos Fundamentais da Pesquisa Sócio- Espacial.* Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

não se enquadram dentro das diretrizes impostas pelo capitalismo, uma vez que estes não produzem visando o acúmulo de riquezas.

O morador de rua é antes de tudo um sobrevivente no espaço onde encontra-se inserido, esses indivíduos são detentores do conhecimento prático das cidades, pois estão radicados nas entranhas dos centros urbanos, conhecem todas as ruas e vielas e sabem quais os lugares são mais seguros e propícios para a sua permanência, são seres humanos autônomos a pesar da sua condição de vulnerável, precisam ser vistos com dignidade.

> (...) pode-se dizer que o fenômeno população em situação de rua vincula-se à estrutura da sociedade capitalista e possui uma multiplicidade de fatores de natureza imediata que o determinam. Na contemporaneidade, constitui uma expressão radical da questão social, localiza-se nos centros urbanos, sendo que as pessoas por ele atingidas são estigmatizadas e enfrentam o preconceito como marca do grau de dignidade e valor moral atribuído pela sociedade. É um fenômeno que tem características gerais, porém possui particularidades vinculadas ao território em que se manifesta. No brasil, essas particularidades são bem definidas. Há uma tendência à naturalização do fenômeno, que no país se faz acompanhada da quase inexistência de dados e informações cientificas sobre o mesmo e da inexistência de políticas públicas para enfrentá-lo (SILVA, 2006, p.95)

Em virtude do dinamismo da "vida nas ruas" esses indivíduos geralmente tendem a se concentrar nos grandes centros urbanos onde há uma maior facilidade na obtenção de recursos e ofertas de trabalhos informais, no entanto o fluxo de pessoas em situação de rua na cidade de Santarém PA é bastante elevado. A sua localização geográfica é fundamental principalmente para as pessoas que utilizam as embarcações fluviais como meio de transporte, Santarém é uma cidade portuária que mantem uma relação intima com os rios sendo uma das principais portas de entrada para o município.

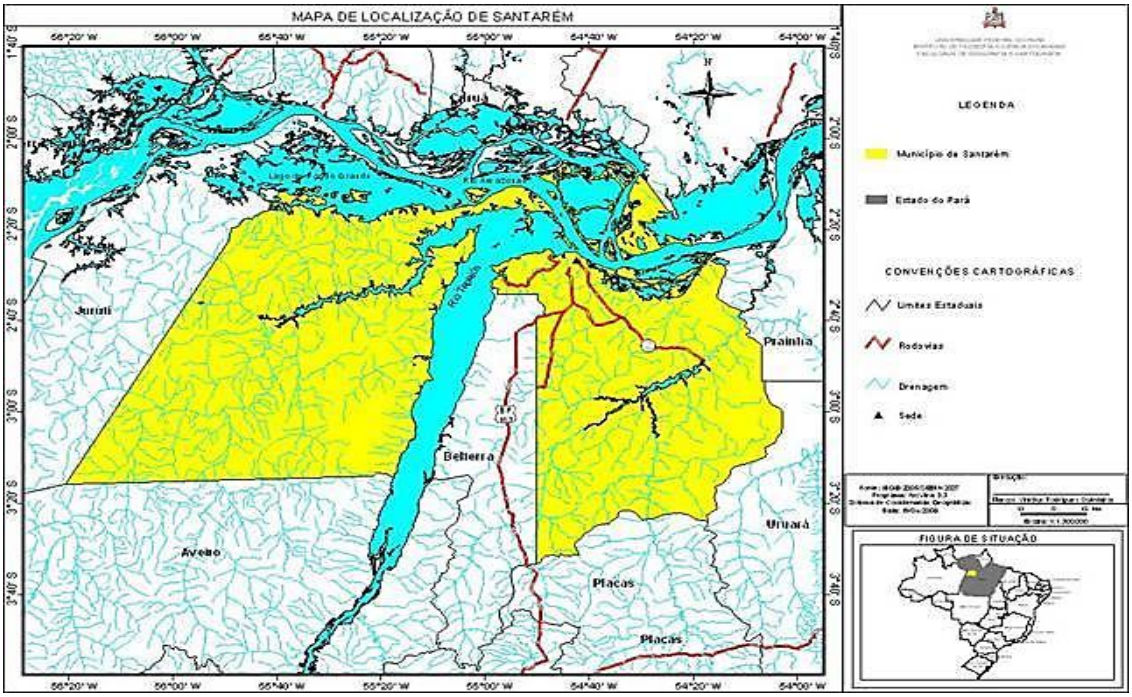
Santarém é uma cidade média conforme expressa Trindade Jr. (2011), situada na mesorregião do Baixo Amazonas, na margem direita do Rio Tapajós (figura 1), é a terceira maior cidade do Estado do Pará e localiza-se de forma estratégica entre duas capitais, Belém[2] e Manaus[3]. Esta posição geográfica de Santarém PA que possibilita que ela se torne um local de passagem desses indivíduos que a princípio objetivam chegar a outras regiões do país. Essa

[2] Em linha reta a distância entre Belém e Santarém é de 698 quilômetros, fonte *www.distanciaentreascidades.com.br*. Acesso em: 15 de agosto de 2019.

[3] Em linha reta a distância entre Manaus e Santarém é de 592 quilômetros, fonte *www.distanciaentreascidades.com.br*. Acesso em: 15 de agosto de 2019.

dinâmica espacial proporciona um elevado número de pessoas em situação de rua chegando e saindo do município, o que acaba refletindo em um elevado número de indivíduos em situação de rua no município de Santarém quando comparado com capitais.

**Figura 1**. Mapa de Localização de Santarém (Sede e Município)




**Fonte**: IBGE,2005. Organizado por Elton Paz (2019)

A sociedade precisa parar de naturalizar o que acontece com esses sujeitos, diariamente pessoas morrem nas ruas de motivos que poderiam ser evitados, o morador de rua não morre, por exemplo, de hipotermia, morre sim da injustiça social que permite que alguém fique exposto ao frio, não se morre de "doença da rua" morre com a ausência de um sistema de saúde que acolha e garanta a saúde dessas pessoas.

É de grande relevância evidenciar os movimentos desses grupos que buscam ecoar a voz das ruas, é importante validar as vidas que foram perdidas sem nenhum glamour, que muitas vezes desceram as sepulturas de maneira indigente pois não tinham se quer um documento ou um familiar que reclamasse o corpo. É necessário entender que ao se deparar com uma pessoa ou um grupo de pessoas dormindo em calçadas ou embaixo de marquises, não faz destes indivíduos alvos de agressões ou que estão ali para serem ateado fogo ou serem

reprimidos pela mão do estado. As vidas das ruas precisam ser preservadas e as lutas desses indivíduos relembradas sempre.

As pessoas em situação de rua em meio a todas as contradições e relações de poder que se traduzem nas cidades, precisam se apropriar dos espaços públicos como estratégia de sobrevivência. A ineficácia do poder público em aplicar políticas que favoreçam essa parcela da população aliado a ingovernabilidade contribuem de maneira ferrenha para a marginalização desses indivíduos.

A condição de pobreza que expulsam cidadãos dos territórios e espaços de convívio, marginaliza esses sujeitos e os tornam “sem lugar”. Sem políticas públicas que os ampare nessa condição adversa e de extrema vulnerabilidade, ocorrem as transformações dos espaços urbanos públicos em territórios particulares. Dentro da lógica capitalista de produção o espaço urbano é delineado de acordo com os seus interesses, o qual evidencia o lugar dos invisíveis enquanto sujeitos segregados dentro do contexto urbano.

> A problemática dos espaços públicos também resulta de uma transformação das práticas urbanas e dos usos e estatutos dos diversos espaços metropolitanos. A distinção entre público/privado, exterior/interior, coletivo/individual, é reajustada pela desagregação social e funcional dos bairros, pelo aparecimento de novas centralidade e pelas novas sociabilidades [...] (MATOS, 2010, p. 19)

O fenômeno da população em situação de rua passou a ser relevante a partir do momento em que esses sujeitos se tornaram frequente nas cidades, reflexo de uma sociedade que exclui os menos favorecidos e as desigualdades tornaram-se frequentes entre os cidadãos. Ao analisar a questão do território vinculada as pessoas em situação de rua, os dados da pesquisa nacional sobre a população em situação de rua, foram primordiais para entender a realidade desses sujeitos e suas interações com os espaços urbanos.

### 1.1 O Niilismo das pessoas em situação de rua no espaço urbano da cidade de Santarém PA.

O termo niilismo teve origem na palavra em latim *nihil*, que significa "nada", e assim o morador de rua se enxerga no espaço urbano santareno, tornaram-se parte da paisagem; instalou-se na sociedade um pessimismo coletivo de que não existem mais soluções para as

mazelas sociais, o sujeito em situação de rua deixa a condição de ser humano para ser uma "coisa" qualquer na cidade, que sofre com o descaso e com a falta de oportunidade.

A sociedade só consegue enxergar o que ela projeta, e invizibiliza o que não é do seu interesse, mas o fenômeno da população em situação de rua está aí, e é uma realidade latente, de maneira insistente e resistente esses homens e mulheres permanecem nos espaços urbanos, em meio a todas as contradições e condições adversas, mantem as suas relações de ocupação, modelando e transformando os espaços onde se inserem com o intuito de atender as suas necessidades. Permanecem na invisibilidade, mas vez ou outra emergem da obscuridade, vezes por meio da violência que carregam diante de tantas agruras e outras vezes como frutos do descaso dos quais são constantemente vítimas.

O morador de rua precisa ser visto como um ser humano que é, um sujeito pensante, possuidor de uma vida, de sentimentos, e de pensamentos, é preciso antes de tudo compreender o seu trajeto de vida até chegar à condição de morador de rua. É difícil levar em consideração as pessoas que fazem dos espaços públicos suas "casas", em uma sociedade individualista essa população desprovida de quaisquer posses não é digna de confiança ou de qualquer consideração.

## 2. DINAMICAS SOCIOESPACIAIS URBANAS DA CIDADE DE SANTARÉM

Os espaços nos centros urbanos seguem as diretrizes do capital conforme revela Carlos (2018, p.14) "As relações coisificadas ocorrem através da mediação do dinheiro". E dentro dessa perspectiva ocorrem os fenômenos das populações em situação de rua, que não se adequam ao frenético ritmo da cidade assumem um papel de coadjuvante no espaço urbano onde deveriam ser protagonistas, pois não seguem regras e nem estruturas pré-definidas, mas sim se dá através da própria observação do mundo a partir da perspectiva da experiência cotidiana.

> O morador de rua adapta seu corpo a essa geografia compressora; vai se reconfigurando na medida em que o espaço o limita e molda de forma contingente o extravasamento de suas emoções – raiva, angústia, euforia, medo, solidão, dor, alegria – na própria mobilidade. Essa corporalidade pode ser traduzida ora na imobilidade e na retenção de movimentos, a evitar conflito com transeuntes e caber nos lugares mínimos para os quais são

> expulsos, ora ao externar explosivamente seus gestos, sua fala, sua agressividade, seus desejos. (FRANGELLA, 2005, p. 204)

O morador de rua é antes de tudo um sobrevivente, na sociedade atual o homem é definido por sua capacidade de "ter coisas", a população em situação de rua segue o ritmo da não acumulação e essa relação entra em conflito com as ideias dos valores urbanos, o homem na cidade é respeitado e avaliado por sua aparência produzida. Sendo estas condições desfavoráveis as pessoas em situação de rua, chegando a ser negado a esses sujeitos o direito a cidade.

> Um homem bem-vestido, descendo de um carro "do ano" na porta de um restaurante da moda será tratado de "doutor". Um cidadão malvestido, descendo do ônibus e parando na porta do mesmo restaurante, sem dúvida alguma, será visto com ressalvas. É quase um ladrão, em potencial. (CARLOS, 2009, p. 20)

A partir do entendimento da produção do espaço urbano e das discussões sobre organização espacial, dá-se ênfase ao "espaço social" que segundo Souza (2013, p. 22) "é aquele que é apropriado, transformado e produzido pela sociedade". O espaço social se baseia nas relações que se constroem e passam a ser estruturantes sociais, o "gregarismo[4]" é um fator primordial para a sobrevivência dos sujeitos em situação de rua em Santarém, esse instinto gregário é preponderante pois garante a proteção durante a noite e a obtenção de recursos e alimentos. A partir desse conceito é possível definir que as pessoas em situação de rua minimamente se organizam dentro de uma realidade paralela a vida domiciliada; uma vez que a dinâmica de permanência desses sujeitos na parte urbana da cidade de Santarém PA ocorre pela interação das ligações afetivas e de identidade dos diferentes grupos nos espaços públicos.

As pessoas em situação de rua enquanto grupos sociais excluídos desempenham um importante papel de fazer e refazer a cidade. É nos espaços públicos e privados que diante dos fatores como: desemprego, doenças, dependências químicas, conflitos familiares dentre outros, acabam por condicionar esses sujeitos a situação de vulnerabilidade restando a estas pessoas a rua como moradia.

[4] Segundo o dicionário Aurélio: 1- aglomeração natural dos indivíduos de uma mesma espécie (vegetal ou animal) 3- nos seres humanos, a tendência a desejar sempre a companhia de outrem; sociabilidade.

A ocupação dos espaços públicos é de certa forma a resistência à segregação social, é o meio de sobrevivência a absoluta falta de outros meios habitacionais.

> O espaço público tem uma função e esta pressupõe um uso, a essência do espaço público está na forma como este é utilizado pelos atores sociais, ou seja, das práticas que possa acolher, que torna possível ou até favorece, podendo a sua forma, favorecer ou inibir essas práticas. Este uso já não se faz só em função das dimensões objetivas dos indivíduos, isto é, idade, gênero, habilidades, classe social, estilo de vida etc. Mas, cada vez mais incorporam outros aspectos subjetivos, como as motivações, as aspirações e os valores dos indivíduos. A dimensão simbólica, ganha força, os espaços passam a ser utilizados também pela sua imagem, qualidade e conforto. (MATOS, 2010, p.20)

As pessoas em situação de rua são agentes modeladores do espaço urbano e caracterizam os espaços coletivos para que atendam seus interesses, a organização está sempre mudando, para cada logradouro público existe uma organização social e essas estruturas sociais fluidas, surgem com o objetivo de atender as relações que decorrem de uma territorialização provisória dos espaços que ocupam.

A interação das pessoas em situação de rua com o espaço urbano, é uma relação de vivência. Destoando da dimensão do poder imposta pelo capital, os sujeitos em situação de rua passam a dar outros significados para os espaços públicos, ganham outras imagens a partir da vivência desses sujeitos com o espaço urbano assim como define Souza (2013, p. 117) “um lugar é um espaço dotado de significado, um espaço vivido”.

Essa relação acaba se tornando conflituosa, pois para a sociedade é inconcebível que os espaços de uso coletivo sejam transformados em lugares de moradia, essas realidades socioespaciais únicas e simplistas frente a complexidade que é o urbano, gera repulsa e incomodo, pois exprimem a contrariedade daquilo que se espera dos comportamentos sociais e dos modos de vida ditos “padrões” para a vivencia na cidade.

Para compreender o fenômeno das pessoas em situação de rua em Santarém PA, é necessário levar em consideração a história de vida de cada indivíduo que hoje encontra-se nessa condição de vulnerabilidade extrema. Os motivos que levam as pessoas a estar em situação de rua são inúmeros, o centro pop em Santarém realiza desde o ano de 2014 o levantamento das causas mais recorrentes que alteram a vida desses indivíduos (Gráfico 1)

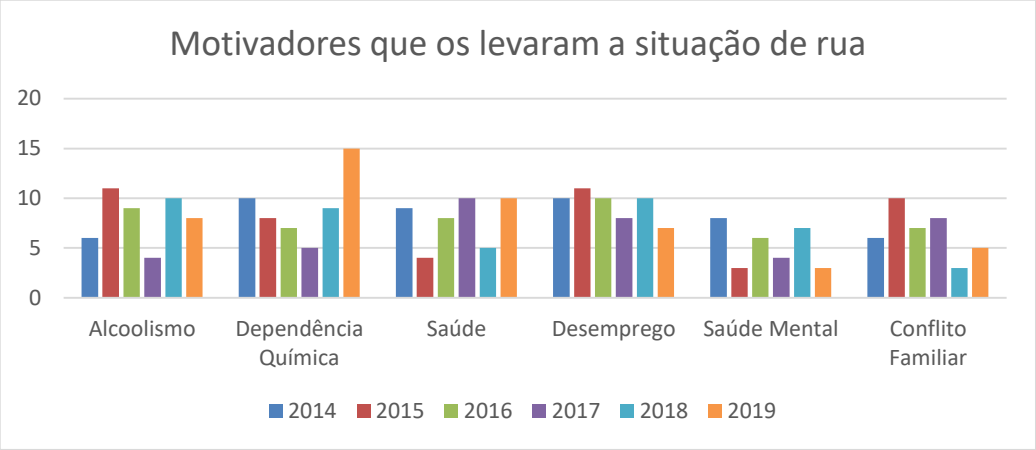
que lhes condiciona a uma realidade de abandono e a um modo de vida excludente e predatório.

As pessoas em situação de rua diariamente estão expostas aos estigmas sociais, que se manifesta na desaprovação, principalmente com a configuração espacial que esses indivíduos propõem aos espaços públicos. Estas configurações espaciais desviantes produzem significativo desconforto para a sociedade, pois de fato, elas alteram uma série de representações e subvertem as lógicas e relações entre o público e o privado; a casa e a rua; o interno e o externo. Ao fazerem isso, conferem grande visibilidade as pessoas que vivem marginalizadas no espaço urbano, relacionando-se principalmente, com a desordem urbana e a desigualdade socioespacial.

Quando se insere o fenômeno da população em situação de rua, dentro das discussões sobre ocupação do espaço urbano, logo tende-se a analisar esses indivíduos a partir de um olhar de desfiliação social, ou seja, como se fosse uma escolha estar na condição de vulnerabilidade. É comum a sociedade relacionar os moradores de rua as questões de dependência química ou cometimento de crimes. Para muitos o morador de rua é a resultante de um descompasso pessoal, não se leva em consideração o histórico de cada pessoa e suas particularidades, haja vista que é muito mais fácil caracterizá-los a partir de um senso comum. Por isso, nas ruas, durante a pesquisa ecoavam comentários de transeuntes e domiciliados “essas pessoas não passam de um bando de bêbados e drogados”.

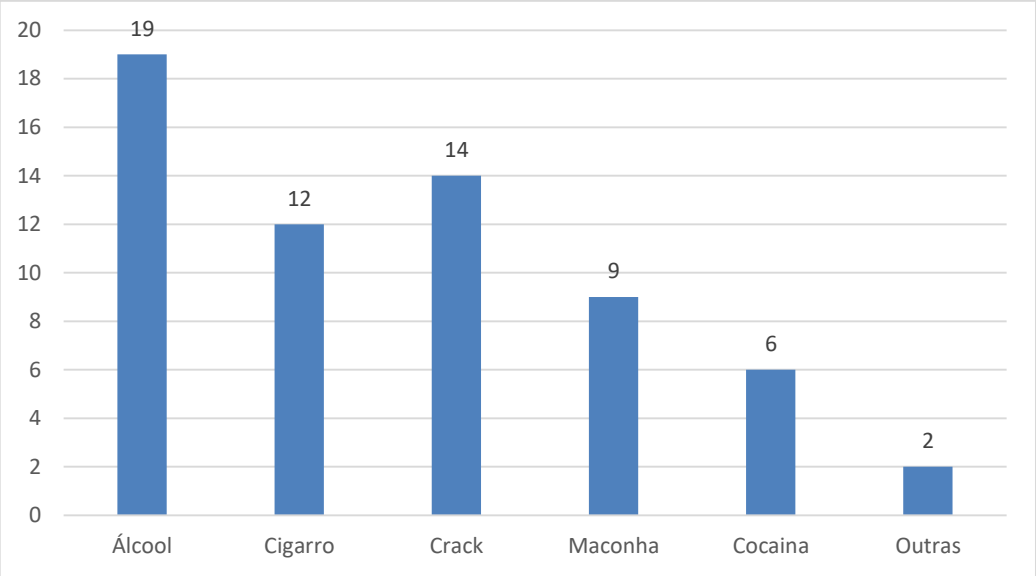
Comentários relacionando moradores de rua com o uso de álcool, me fizeram refletir porque essa relação é tão presente na vida das pessoas em situação de rua. Dados da pesquisa de campo (gráfico 2) apontaram que o consumo abusivo de álcool é a principal droga consumida pelas pessoas em situação de rua em Santarém PA, assim como também é a porta de entrada para o consumo de outras drogas incluído as ilícitas.

**Gráfico 1**. Motivos que os levaram a estar em situação de rua




**Fonte:** Centro Pop (2019). Organizado por Elton Paz (2019)

**Gráfico 2**: Faz uso de alguma substância psicoativa (droga), Qual?




**Fonte**: Carmo, 2019

Como resposta muitos moradores de rua revelaram que estar sob efeito de álcool é uma forma de preparar o corpo para os intemperes aos quais esses indivíduos são submetidos sem um lugar adequado para se abrigarem, assim como também é uma espécie de anestésico para as “cicatrizes” da alma, pois a solidão é companheira desses indivíduos. Na rua a confiança em outros que encontram-se na mesma condição de vulnerabilidade é restrita, prevalece a lei da sobrevivência, onde o espaço urbano designa os melhores lugares para obtenção de recursos durante o dia, e os invisibiliza durante a noite afim de garantir a sua integridade.

> Pelo conjunto dos significados atribuídos ao consumo de álcool, verifica-se que os entrevistados trazem à tona uma conceituação genérica que relaciona o uso do álcool a válvula de escape, fuga ou um jogo de faz de conta por onde circulam desejos e frustrações, abrangendo inúmeras situações relativas a perdas, à solidão, à falta de emprego, à necessidade de esquecimento e anestesia dos problemas e do sofrimento: para não ficar lembrando tanto. (BEZERRA, ROSA &VIEIRA, 2005, p.160).

O discurso da relação "morador de rua e dependência química" por muito tempo ecoado na cidade, faz com que a sociedade reaja a essa população como um "mal social". Mesmo o morador de rua se estabelecendo no centro urbano, a população domiciliada em sua grande maioria os ver como alheios ao círculo local. Durante a pesquisa foi possível observar que os logradouros públicos assumem características da esfera privada, as pessoas em situação de rua são vistas com estranhamento quando utilizam dos espaços comuns para atender as suas demandas pessoais.

É comum os moradores de rua em Santarém PA não terem acesso a determinados locais em virtude da sua condição, existe um processo de segregação latente quanto ao acesso aos lugares de diversão e entretenimento na cidade de Santarém, o espaço urbano ressignifica a sua valorização  e expressa como um dos seus valores fundamentais o estético, o indivíduo sujo e mal trajado não é visto com bons olhos e em muitos casos o próprio morador de rua renúncia o seu direito de frequentar tais lugares pois carrega consigo a premissa de que o espaço público não é um bem público.

## CONCLUSÃO

É importante ressaltar que cada pessoa em situação de rua é um ser humano que carrega consigo toda uma história de vida, cada indivíduo percorreu um longo caminho de agruras até chegar ao ápice da marginalidade social que é a condição de morador de rua.

O sujeito em situação de rua fomenta a capacidade de moldar os espaços públicos de acordo com as suas necessidades mais básicas visando a sua sobrevivência. O espaço urbano extremamente voltado para os modos de produção capitalista tendem a não dialogar com os sujeitos em situação de rua, a historicidade de cada indivíduo que utiliza os logradouros públicos como moradia é suprimida pela priorização do consumo, fazendo com que a população em situação de rua se torne parte desimportante da paisagem.

Essa estruturação do espaço urbano e o arranjo desigual das relações das classes sociais é fator preponderante para marginalização e invizibilização dos menos favorecidos. A ocupação do solo urbano por pessoas que não dispõem de recursos financeiros suficiente para conseguir um espaço adequado para uma habitação digna torna cada vez mais visível o fenômeno das pessoas em situação de rua e evidente nos espaços urbanos.

O morador de rua é o reflexo da face mais cruel do desinteresse do Estado por meio da ingerência e de grande parte da sociedade domiciliada que fecha os olhos para essa realidade que nos circunda, quando se é morador de rua todos os tipos de violência e preconceito tendem a ser redobrados, o racismo e a homofobia, são relatos frequentes dos moradores de rua. É importante cultivar a solidariedade e tentar auxiliar de alguma forma para que esses homens e mulheres consigam ter novas perspectivas de vida uma vez que ser solidário a causa dos menos favorecidos significa enfatizar as lutas diárias de sobrevivência e a resistência dessas pessoas que em meio a todas as adversidades permanecem convictos de que dias melhores virão e novas oportunidades de recomeços e reconstruções de vida podem ser concretizadas.

## BIBLIOGRAFIA


- BEZERRA, Eneida Maria Ramos; ROSA, Cleisa Moreno Maffei & VIEIRA, Maria Antonieta Costa; (Orgs). **População de rua: quem é, como vive, como é vista**. São Paulo: HUCITEC, 1992

- CARLOS, Ana Fani Alessandri**. A CIDADE**. 8. Ed. 2ª Reimpressão – São Paulo: Contexto: 2009. (Repensando a Geografia).

- FRANGELLA, Simone Miziara. **Moradores de rua na cidade de São Paulo: vulnerabilidade e resistência corporal ante as intervenções urbanas.** CADERNOS METRÓPOLE, N. 13, pp. 199-228, 1º sem. 2005.

- MATOS, Fátima Loureiro de. **ESPAÇOS PÚBLICOS E QUALIDADE DE VIDA NAS CIDADES - O CASO DA CIDADE PORTO.** OBSERVATORIUM: Departamento de Geografia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto/CEGOT. Revista Eletrônica de Geografia, v.2, n.4, p.17-33. 2010.

- PALOMBINI, Leonardo Lahm. **MORADORES DE RUA E SUAS RELAÇÕES COM O ESPAÇO URBANO.** Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Geociências, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Porto Alegre, RS, Brasil. 2013. Versão online publicada em 19/09/2014. Disponível em: http://seer.ufrgs.br/paraonde.

- REIS, Mariana Sato Dos & RIZOTTI, Maria Luiza Amaral: **População de Rua, Território e gestão de políticas sociais: para além de um retrato social.** SERV. SOC. REV., LONDRINA, V. 16, N.1, P. 43-65. 2013.

- SILVA, Maria Lucia Lopes da. **Mudanças recentes no mundo do trabalho e o fenômeno população em situação de rua no Brasil 1995-2005**. 220 f. Dissertação (mestrado) - Universidade de Brasília: 2006.

- SOUZA, Marcelo Lopes de. **Os Conceitos Fundamentais da Pesquisa Sócio-espacial**. 1. Ed. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil. 2013.

# Lazer ativo em Ouro Preto: desigualdades evidenciadas no sistema de espaços livres de uso público

# **Loisirs actifs en Ouro Preto: inégalités éprouvées dans le système d'espaces libres d'usage public**

**Rodrigo de Castro Silva Versiani PASSOS**

*Arquiteto Urbanista, Assessor técnico Cáritas Brasileira - Regional Minas Gerais*

**Alice Viana de ARAÚJO**

*Professora doutora, Universidade Federal de Ouro Preto*

*Plus Ultra - Grupo de Pesquisa e Extensão*

A ocupação do espaço nas cidades brasileiras é, sabidamente, frequentemente o resultado de um crescimento urbano desordenado e que reflete mais intensamente os interesses político-econômicos privados do que o bem estar público. Assim, revela problemas em diferentes esferas, ligados a uma estrutura social desigual. As diferenças são perceptíveis, sobretudo no acesso discrepante à infraestrutura urbana e a equipamentos públicos, que podem contribuir para uma melhor qualidade de vida. Em Ouro Preto (MG), o contraste é latente entre centro e periferia, sobretudo quando se trata do acesso a espaços públicos de qualidade. Este trabalho buscou realizar uma análise comparativa entre a oferta de espaços públicos voltados ao lazer ativo no Centro Histórico de Ouro Preto e em um bairro pericentral a ele, comprovando que, mesmo com o relativo artificialismo histórico da paisagem urbana provocado pelas normas patrimoniais, este ainda oferece melhor acesso ao lazer contemporâneo do que as áreas periféricas. Buscou-se comprovar a hipótese de que, no entanto, há formas de qualificar o lazer público nessas periferias já consolidadas, mas para isso é conveniente a adoção soluções não convencionais de planejamento e projeto, como o Urbanismo Tático.

Palavras-chave: lazer ativo, desigualdades, espaço público

L'occupation de l'espace dans les villes brésiliennes est, notamment, souvent le résultat d'une croissance urbaine désordonnée, qui reflète plus intensément des intérêts politico-économiques privés que le bien-être public. Ainsi, elle révèle des problèmes dans différents domaines, liés à une structure sociale inégalitaire. Les différences sont notables, notamment dans les différents accès aux infrastructures urbaines et aux équipements publics, qui peuvent contribuer à une meilleure qualité de vie. À Ouro Preto (MG), le contraste est latent entre centre et périphérie, notamment en ce qui concerne l'accès à des espaces publics de qualité. Ce travail visait à effectuer une analyse comparative entre l'offre d'espaces publics destinés aux loisirs actifs dans le centre historique d'Ouro Preto et dans un quartier péricentral à celui-ci, prouvant que, même avec la relative artificialité historique du paysage urbain causée par la normes patrimoniales, cela offre toujours un meilleur accès aux loisirs contemporains que les espaces périphériques. Nous avons cherché à prouver l'hypothèse qu'il existe cependant des moyens de qualifier les loisirs publics dans ces périphéries déjà consolidées, mais pour cela, il convient d'adopter des solutions de planification et de conception non conventionnelles, telles que l'urbanisme tactique.

Mots clés: loisirs actifs, inégalités, espace public

Active leisure in Ouro Preto: inequalities evidenced in the system of public open spaces

The occupation of space in Brazilian cities is, knowingly, often the result of disorderly urban growth, which reflects more intensely private political-economic interests than public welfare. Thus, it reveals problems in different spheres, linked to an unequal social structure. The differences are noticeable, especially in the discrepant access to urban infrastructure and public facilities, which can contribute to a better quality of life. In Ouro Preto (MG), the contrast is latent between center and periphery, especially when it comes to access to quality public open spaces. This work sought to carry out a comparative analysis between the offer of public spaces aimed at active leisure in the Historic Center of Ouro Preto and in a pericentral neighborhood to it, proving that, even with the relative historical artificiality of the urban landscape caused by the patrimonial norms, il still offers better access to contemporary leisure than peripheral areas. We sought to prove the hypothesis that, however, there are ways to qualify public leisure in these already consolidated peripheries, but for this it is convenient to adopt unconventional planning and design solutions, such as Tactical Urbanism.

Keywords: active leisure, inequalities, public space

## Introdução

A busca por uma melhor qualidade de vida é um tema em alta na sociedade contemporânea e perpassa por diferentes nuances - dentre elas, a gestão do tempo livre e seu emprego em atividades de lazer, reconhecidamente essenciais para a saúde física, mental e social. No entanto, observa-se que, infelizmente, os espaços livres de uso público, locais essenciais de oferta de lazer, dificilmente são democraticamente ofertados ao longo do tecido urbano, raramente contam com boa acessibilidade e, tampouco, permitem muita flexibilidade de usos. Este trabalho se inicia, assim, a partir da observação da relação inconsistente entre a grande valorização do lazer pela sociedade contemporânea e a desigualdade observada no acesso ao lazer público no espaço urbano, sobretudo ao lazer ativo.

O lazer é um tema de muitas definições ao longo do tempo, podendo ser entendido como o tempo livre de obrigações, dedicado a atividades de interesse pessoal (DUMAZEDIER, 1976 apud MENOIA, 2000). De acordo com Araújo (2018) e Santos (2006), pode ser categorizado de acordo com o tipo de atividade desempenhada: lazer passivo (atividades mais estáticas, como a sociabilização e a contemplação, mais amplamente encontradas nos espaços públicos) ou lazer ativo (atividades mais dinâmicas, ligadas ao esporte e a recreação, mais dependentes de alguns condicionantes físicos do espaço para que possam ser desempenhadas).

A oferta de espaços públicos voltados para o lazer ativo nas cidades é relativamente recente e está ligada à ampliação do conceito de lazer testemunhada no século XX, que defendia o reconhecimento de outras atividades como sendo benéficas na ocupação do tempo livre, para além da contemplação e da sociabilização. Nesse mesmo período, uma série de acontecimentos e fenômenos sociopolíticos, como a globalização e o pós-guerra, culminaram para uma mudança na concepção do esporte, que passou a ser reconhecido enquanto um direito e adquiriu dimensões educativas e de inclusão social, como mostram Almeida e De Rose Junior (2010). Avanços em pesquisas na área da saúde comprovaram a importância do ato de brincar para o desenvolvimento infantil e, ao mesmo tempo, a partir dos anos 1970, iniciou-se uma importante jornada de reconhecimento dos diversos benefícios da permanência ao ar livre e do contato com a natureza para o homem.

A partir de então, a recreação e o esporte ganharam mais importância e passaram a ser mais bem vistos pela sociedade, configurando-se em uma nova demanda para as cidades, materializando-se nas suas áreas públicas. Assim, cidades mais recentes, como Brasília-DF, já surgiram com uma ampla oferta de espaços dedicados ao lazer ativo, quase onipresentes na malha urbana. No entanto, verifica-se que, em regiões anteriormente consolidadas, como, por exemplo, nos centros históricos brasileiros de origem colonial, há uma grande dificuldade em encontrar, em seus espaços públicos, um mínimo de áreas destinadas ao lazer ativo. À exiguidade de disponibilidade de grandes áreas que possibilitem, por exemplo, a implantação de quadras esportivas e de parquinhos infantis, soma-se a grande competição por toda e qualquer área livre existente provocada pelas exigentes demandas da mobilidade motorizada.

Além da questão temporal, discute-se que o lazer ativo muitas vezes traduz-se em atividades que demandam amplas áreas livres, muitas vezes indisponíveis pelo grau de consolidação do tecido urbano histórico, ou então estruturas específicas, que podem, inclusive, serem evitadas para que não provoquem descaracterização de paisagens protegidas. No entanto, se muitas vezes há um distanciamento temporal e uma incompatibilidade entre as demandas de lazer contemporâneas e as estruturas urbanas dedicadas ao ócio e à festa de tempos passados, era de se esperar que, ao menos, nas zonas de expansão das cidades históricas, a oferta de lazer na forma de esportes e atividades recreativas fosse abundante. Mas, isso não é necessariamente verificado, como aponta o estudo de caso deste trabalho.

As condições gerais de acesso ao lazer nas cidades brasileiras, independentemente de suas origens temporais, entretanto, ainda estão longe da equidade e da inclusão. Nesse contexto, percebe-se que a crescente pressão popular para o aumento da oferta de lazer ativo nos espaços públicos, tanto nos bairros centrais, quanto nos periféricos, não foi, necessariamente, atendida, seja por falta de recursos financeiros ou mesmo de falta de compreensão da complexidade do tema "espaço público" e das estratégias para que esse tipo de equipamento contribua, efetivamente, para o aumento da qualidade de vida da população.

Percebe-se que tanto a má adequação ao contexto (sociocultural, espacial ou ambiental) (ARAÚJO, 2018), quanto a falta de diversificação nos projetos para permitir variedade de usos (SANTOS, 2006) desqualificam os espaços e demonstram os prejuízos de uma implementação realizada de forma genérica, muitas vezes imediatista e com fins eleitoreiros. Entretanto, achamos válido ressaltar que, se muitas vezes nas áreas centrais consolidadas a ausência de espaços públicos qualificados para o lazer ativo é compensada pela oferta de espaços como academias de ginástica, clubes e playgrounds fechados, o mesmo não é observado nas áreas periféricas das cidades brasileiras, caracterizadas por uma população socioeconomicamente vulnerável, excluída do acesso a muitos serviços privados.

Diante do exposto, questiona-se, neste artigo, se a ausência de planejamento do lazer ativo nas periferias já consolidadas pode ser amenizada de alguma maneira, uma vez que os bairros tendem a oferecer à sua população espaços públicos pouco qualificados e voltados, principalmente, ao lazer passivo. Coloca-se como hipótese que algumas ações de planejamento mais contemporâneas, como o urbanismo tático, possam oferecer condições de melhor equilibrar a oferta de lazer entre centro e periferia e, até mesmo, de promover espaços dedicados ao lazer ativo em áreas geralmente consideradas como consolidadas, ainda que de maneira modesta.

## Metodologia

O Distrito Sede do município de Ouro Preto (MG), além de apresentar carência de quantidade, qualidade e equidade na distribuição de espaços livres voltados para o lazer ativo, possui um Centro Histórico que, além de consolidado, é reconhecido pela

UNESCO como Patrimônio Histórico da Humanidade, condição que limita a intervenção em suas áreas livres públicas em resposta às demandas cambiantes da sociedade.

Apesar de reduzido em área (o perímetro urbano do distrito-sede possui menos de 30km²), observa-se um espaço urbano bastante heterogêneo, com bairros muito distintos entre si. São intensos os contrastes observados entre bairros pertencentes ao Centro Histórico e às periferias, não apenas resultantes de suas diferentes origens temporais e das diferentes classes socioeconômicas que os ocupam, mas também dos esforços de proteção à paisagem histórica da área central testemunhados desde a década de 1930.

Na busca pela definição de um recorte específico, buscou-se investigar os bairros periféricos ao centro antigo, verificando se os contrastes supramencionados eram reforçados pela distribuição de tipos distintos de oferta de lazer. Tomamos como base a hipótese inicial de que, se por um lado o Centro Histórico dispunha de belas paisagens edificadas e de espaços livres carregados de relevância simbólica, nas periferias encontraríamos espaços de menor pressão turística, de maior liberdade projetual e mais aptos a atender às demandas de lazer contemporâneas. Além disso, por serem áreas comumente habitadas por uma população de renda mais baixa, de menor acesso ao lazer privado ofertado nas áreas centrais, essas talvez pudessem ter sido mais agraciadas por intervenções que o promovessem o lazer ativo na esfera pública.

No entanto, após os primeiros reconhecimentos de campo feitos, tanto na área protegida, quanto nos bairros periféricos do distrito-sede, percebeu-se a reprodução da lógica de segregação socioespacial onipresente em cidades de países com forte desigualdade de renda, na qual priva-se a parcela mais vulnerável da população de quase todos os elementos de qualificação urbana e, por consequência, também das oportunidades públicas de lazer. O Centro Histórico, surpreendentemente, apresentou algumas grandes áreas mais contemporâneas voltadas ao lazer ativo (Parque Horto dos Contos, Praça da UFOP e Área de Lazer do Cabeças), enquanto as áreas periféricas apresentaram, majoritariamente, espaços públicos como áreas residuais, pouco qualificadas e, quanto muito, um "campinho" de futebol ou quadra esportiva em mau estado de conservação. Assim, a pesquisa foi reorientada, buscando focar nas áreas periféricas e carentes de áreas intencionalmente voltadas ao lazer ativo, verificando se, mesmo com um grande grau de consolidação, seria possível realizar intervenções que pudessem propiciar à população condições de acesso ao esporte e à recreação de maneira mais ampla, mais diversa e mais democrática.

No recorte geográfico final, chegou-se ao bairro Vila Aparecida, escolhido por representar bem a problemática investigada, na medida em que, como muitas outras áreas periféricas brasileiras, possui características dificultadoras da oferta de lazer ativo, tais como: relevo acidentado; poucos espaços livres disponíveis e, por consequência, limitadas oportunidades de lazer público. Além disso, é interessante revelar que o bairro, de edificações modestas e de ocupação aparentemente desordenada, é constantemente alvo de críticas pela grande visibilidade que este possui do Centro Histórico, sendo acusado pela descaracterização de parte de sua paisagem, o que reforça a segregação entre essas áreas vizinhas.

A caracterização do objeto de estudo foi então feita através de visitas a campo quinzenais em diferentes dias da semana ao longo de um semestre orientadas por princípios da observação participante (INGOLD, 2014), pesquisa bibliográfica e documental sobre o bairro, análise do mapa cadastral, da legislação urbana a qual está submetido e levantamento de dados sobre a população residente. O objetivo desta etapa foi obter um maior conhecimento do contexto e das dinâmicas presentes na região e, após esta etapa, seguiu-se para a análise específica do lazer no bairro.

Partiu-se do estudo do lazer ativo formalmente oferecido, por meio de visitas a campo e análise documental sobre os locais destinados a esse tipo de prática. Como resultado, foi realizada uma análise geral do lazer na Vila Aparecida, identificando o que é atualmente oferecido e detalhando as condições de acessibilidade, quantidade, qualidade e distribuição dos espaços públicos voltados para o lazer. Esta etapa foi realizada com a combinação de métodos vistos em Ghel (2009) e Araújo (2018) e permitiu que fossem elencados os pontos com maior potencial de incremento do lazer ativo no sistema de espaços livres da área e, portanto, preferenciais a receberem intervenções com este fim.

Após essa fase, iniciou-se a busca por ferramentas pertinentes de qualificação dos espaços públicos capazes de inserir ali a oferta de lazer ativo, levando em conta a escala trabalhada, a realidade do município e as condições estruturais de pesquisa. Esta fase revelou dois tipos de ferramentas: formais e informais e as principais fontes consultadas foram o Estatuto das Cidades e a bibliografia, principalmente em Macêdo e Almeida (2015), Barata e Fontes (2016) e Hou (2020), que embasaram a discussão sobre urbanismo tático.

## Caracterização do estudo de caso: A Vila Aparecida

É fácil observar desigualdades nos espaços urbanos brasileiros. Sejam nas cidades antigas ou mais recentes, sempre há manifestas em seu tecido diferenças em infraestrutura e qualidade urbana, reflexos de uma sociedade desigual, de uma expansão espontânea e um planejamento urbano ineficiente, ou inexistente. Ouro Preto (MG), representa bem essa realidade, apresentando contrastes latentes ao longo do seu território.

A cidade teve grande parte do seu tecido urbano formal consolidado nos séculos XVIII e XIX, mas com crescimento expressivo ao longo dos séculos XX e XXI, fomentado por sua recuperação econômica, motivada, por sua vez, principalmente pelo processo de industrialização (BUENO, 2017). O Centro Histórico do Distrito Sede foi tombado na década de 1930 e reconhecido como patrimônio da humanidade em 1980, estando sujeito ao controle ocupacional do IPHAN[1], o que levou a uma intensificação da atividade turística na região e também impactou na formação e consolidação dos bairros adjacentes (SANTANA, 2014).

[1] Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

As regiões periféricas ao Centro Histórico começaram a ser ocupadas ainda na década de 1930, na medida em que a cidade não comportava em sua mancha urbana tradicional a população crescente decorrente da oferta de trabalho nas indústrias (SAYEGH, 2009). Essa população ocupou antigos vazios urbanos, situados por vezes em áreas de declividade muito acentuada e antigas áreas de mineração (MENICONI, 1999), já que não havia forma de abrigá-la em áreas já urbanizadas. Boa parte da periferia imediata à área tombada atualmente é composta por bairros altamente povoados, predominantemente por uma população de renda mais baixa, onde a infraestrutura apareceu posteriormente à ocupação (SANTANA, 2014).

Entre esses bairros está a Vila Aparecida, que surgiu na década de 1960, período complexo do desenvolvimento urbano de Ouro Preto, especialmente após a chegada do grupo Aluminium Limited (Alcan), na década de 1960, atraindo novos habitantes em busca de trabalho. A cidade passou por um processo de crescimento demográfico que demandava mais oportunidades de moradia, em um momento em que se considerava necessária a preservação do núcleo histórico colonial, tanto pelo simbolismo, quanto pela intensificação do turismo na região (OLIVEIRA ,2010; SANTANA, 2014).

O bairro é fruto de uma ocupação espontânea de encosta imediatamente vizinha ao bairro da Barra, componente do Centro Histórico. O poder público se mostrou omisso no que diz respeito à infraestrutura urbana relacionada à implantação das moradias, já que não havia qualquer instrução ou fiscalização por parte dos órgãos competentes nesse período (SANTANA, 2014). No entanto, uma parcela dos terrenos foi rapidamente regularizada através do Regime Foreiro[2] (COSTA, 2011) e o bairro é considerado menos "irregular" do que os que ocupam as demais encostas das serras que emolduram a antiga Vila Rica.

A Vila Aparecida cresceu muito nas décadas seguintes, tendo sua ocupação consolidada já na década de 1970 (OLIVEIRA, 2010). A proximidade de equipamentos educacionais de grande porte, como a UFOP[3] e o IFMG[4], no entanto, aumentou ainda mais a demanda por moradias na região (SANTANA, 2014), pressionando o mercado imobiliário e provocando uma elevação dos preços de aluguel e venda, por vezes incompatíveis com a realidade local. É uma região adensada, com vias estreitas, topografia acidentada e é conhecido como um dos bairros de maior impacto visual no centro histórico (SALGADO, 2010). Predomina-se, ainda, o uso residencial, com presença de discreto comércio local e instituições religiosas.

[2] Extinto por lei municipal em 1971, o Regime Forreiro permitia que terrenos fossem cedidos aos cidadãos para serem ocupados, mediante o pagamento do foro, o imposto sobre os terrenos aforados. A Vila aparecida está entre as regiões com maior número de lotes cedidos com 216 terrenos (COSTA, 2011, pg.339).

[3] Universidade Federal de Ouro Preto.

[4] Instituto Federal de Minas Gerais.

Figura 1: A Vila Aparecida vista do Centro Histórico

Fonte: https://touropreto.wordpress.com/a-vila-aparecida/, 2020

Dentre suas características de morfologia urbana, destaca-se: traçado viário desalinhado e estreito, com calçadas irregulares; lotes pequenos e irregulares, com edificações que em sua maioria ocupam toda a área disponível; edificações que compõem um todo completamente heterogêneo, com o uso de diferentes volumetrias, revestimentos, cores e tipos de cobertura; e ocupação densa, com poucas áreas livres intra e extra lote (SANTANA, 2014). É um bairro pericentral, mas desconexo ao Centro, devido à topografia muito acidentada e à falta de continuidade do traçado que dificultam a mobilidade e a acessibilidade. Além disso, a Vila abriga, predominantemente, habitantes com recursos econômicos mais modestos, segundo o último Censo Demográfico (IBGE), uma população que não tem acesso ao lazer privado disponível com facilidade.

Em uma primeira análise dos espaços potenciais de lazer, podemos descrever a Vila Aparecida como uma região densamente ocupada, na qual as poucas áreas livres existentes são as ruas, pequenos largos resultantes de cruzamentos de vias, uma pequena quadra esportiva presente em seu acesso leste e a área no entorno do Museu Casa dos Inconfidentes, que é caracterizada como ZPAM[5] na legislação do município. Graças a essa escassez de áreas livres mais amplas, percebe-se que certa dificuldade na potencialização do lazer ativo no interior do bairro.

[5] Zona de Proteção Ambiental

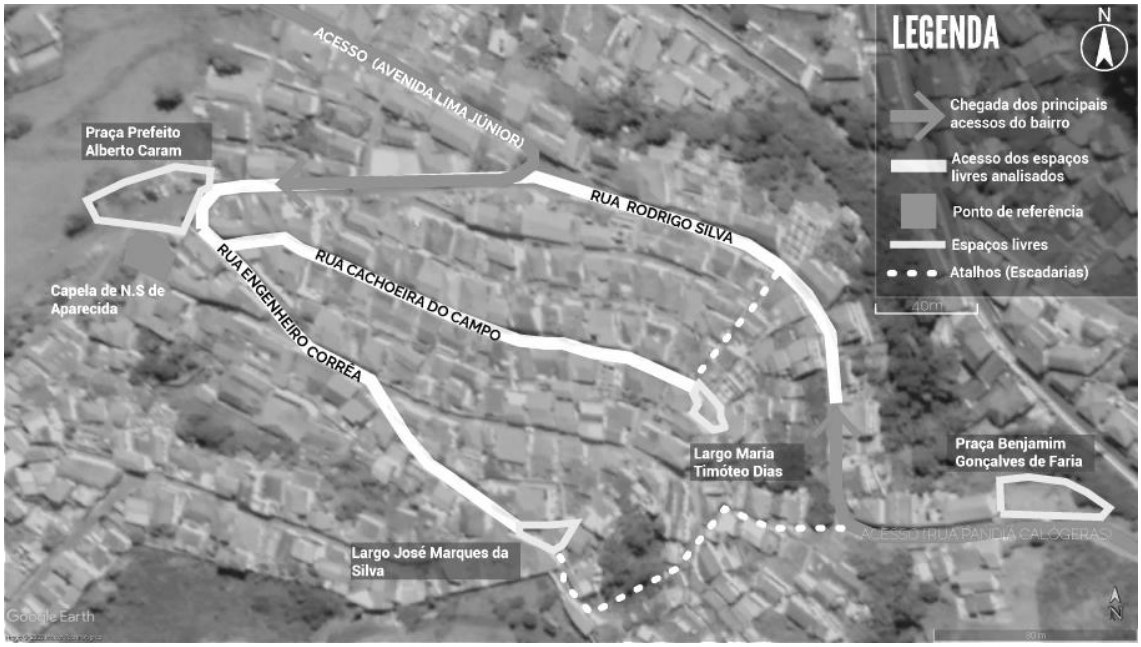
Figura 2: Diagrama: Análise espacial da Vila Aparecida

Fonte: Feita pelos autores com base em imagem de satélite (Google Earth), 2020.

Em uma pesquisa documental, analisando o mapa cadastral e a legislação do município em busca dos espaços livres formalmente classificados, descobriu-se que a Prefeitura Municipal de Ouro Preto, através da Lei n°140 do ano de 2005, reconhece e denomina quatro espaços públicos formais além das ruas. Destes, reconhecemos que apenas dois (Praça Benjamim Gonçalves de Faria e Praça Prefeito Alberto Caram) apresentam potencial de serem apropriados para o lazer devido a suas características de área disponível e acessibilidade, sendo os demais apenas entroncamentos de dimensões muito modestas e pouca vitalidade.

Na Praça Benjamim G. de Faria, localizada junto ao acesso principal do bairro, em sua porção leste, mais bem conectada ao Centro Histórico, foi instalada nos anos 2000, após anos de mobilização dos residentes, uma pequena quadra esportiva e, mais recentemente, uma Academia da Cidade. A localização desses, no entanto, muito distante da maioria das residências e próxima à uma via de grande fluxo, parece inibir as apropriações das faixas etárias mais extremas - crianças e idosos, limitando o uso do espaço aos jovens e adultos. Já a Praça Prefeito Alberto Caram trata-se de um espaço vazio, uma espécie de mistura entre largo e adro asfaltado, em uma das extremidades do bairro mais protegidas do trânsito. Nela não há nenhum elemento de qualificação para incentivar a permanência ou qualquer outra apropriação, salvo a presença do ponto final de uma linha do transporte coletivo local.

Figura 3: Espaços livres reconhecidos da Vila Aparecida




Feita pelos autores com base em imagem de satélite (Google Earth), 2020.

Entretanto, por meio de uma análise de campo mais aprofundada, objetivando identificar áreas potenciais de apropriação para o lazer ativo, outro quatro espaços foram elencados como passíveis de qualificação: o largo no entroncamento das ruas Rodrigo Silva e Engenheiro Corrêa, importante ponto de circulação para entrada e saída do bairro; a Travessa 13 de Maio, uma escadaria que conecta essas mesmas ruas; o final da Rua Engenheiro Corrêa, uma via de baixo fluxo que da acesso apenas ao Museu; e a área externa do Museu Casa dos Inconfidentes, que é um espaço público administrado pela Prefeitura Municipal.

O sistema de espaços livres aqui desenhado e proposto é composto, então, por seis espaços, todos dispostos em um eixo leste/oeste nas principais vias da Vila Aparecida, o que favorece o acesso ao lazer em diferentes regiões do bairro. Os espaços, formalmente reconhecidos pelo poder público ou não, foram selecionados nesta pesquisa por apresentarem: área livre mínima o suficiente para práticas de lazer ativo, vitalidade (analisada pela presença de geradores de fluxo), por terem recebido atividades de lazer eventuais em sua história ou por terem sido observadas apropriações (ainda que modestas) ligadas ao lazer.

Graças ao grande grau de consolidação do bairro e à exiguidade das áreas livres disponíveis, propôs-se, como investigação da possibilidade de incremento do lazer ativo, ao invés da proposição de um grande espaço congregador, capaz de abrigar simultaneamente muitas oportunidades de lazer, de um sistema composto por espaços menores, bem distribuídos ao longo da malha urbana, e de programas complementares, permitindo o desenvolvimento de esportes e recreação, cada qual a sua maneira. Essas áreas ofereceriam oportunidades de apropriação através de intervenções pontuais baseadas em alargamentos de calçadas, requalificação de pavimentação e iluminação,

instalação de pequenos mobiliários e outros investimentos menores. Assim, cada espaço do sistema foi caracterizado quanto ao tipo de intervenção que poderia receber, no sentido das funções/atividades oferecidas, formando um todo que se complementaria, entre atividades de lazer passivo e ativo.

Figura 4: Diagrama: Oferta de atividades no sistema proposto

Fonte: Produzido pelos autores com base em imagem de satélite (Google Earth)

Com o problema delimitado e com soluções investigadas, iniciou-se a busca por ferramentas metodológicas e legais que possibilitassem a melhoria efetiva do lazer ativo no bairro. Foi preciso pesquisar soluções aplicáveis a áreas urbanas bem consolidadas, com as suas limitações espaciais, estruturais e pelo que é imposto pela legislação local. Dessa forma, a busca levou a duas alternativas aplicáveis ao estudo de caso: uma convencional, formalizada por lei e outra mais contemporânea, caracterizada por "Urbanismo Tático", que vem ganhando destaque nos últimos anos ao redor do mundo.

A primeira alternativa consiste no instrumento "Direito de Preempção", legitimado pelo Estatuto das Cidades. É um instrumento que certifica ao poder público municipal a preferência na compra de imóveis urbanos de seu interesse, desde que seja respeitado o seu valor de mercado. Esta, no entanto, está sujeita a a disponibilidade de imóveis privados à venda, de recursos públicos para a compra e, fundamentalmente, da regulamentação municipal da ferramenta com delimitação legal das áreas sujeitas à sua aplicação, o que não ocorre em Ouro Preto. De acordo com a nossa análise, além de mais morosa, essa alternativa seria mais útil à aquisição de imóvel para a construção de espaços mais formais dedicados ao lazer, como os "*pocket parks*" encontrados frequentemente em centros adensados de cidades do Hemisfério Norte.

Já a segunda, que reflete melhor as potencialidades e a realidade urbana da área de estudo, está ligada à implantação de soluções em etapas, é indissociável da participação espontânea do usuário, quebrando a lógica tradicional dos projetos de planejamento

urbano. O Urbanismo Tático configura-se por experiências em menor escala, bem adequadas ao contexto e de rápida aplicação, que visam tornar os espaços públicos mais ativos, por meio da promoção de identificação da população, através de métodos participativos (MACÊDO e ALMEIDA, 2015). Sua fase efêmera, de experimentação, permite a obtenção de um retorno rápido dos usuários e a realização das alterações necessárias também de forma ágil.

Ainda que possua uma fase de experimentação, a bagagem obtida na primeira etapa se converte em definições importantes na etapa definitiva, influenciando diretamente o resultado final e guiando o poder público na tomada de decisões. De acordo com Barata e Fontes (2016), o urbanismo tático propõe ações rápidas em pequena escala que instigam mudanças a longo prazo, ressaltando possibilidades de transformação a baixo custo, impacto e risco. Mas, para serem afetivas, as ações táticas precisam ser executadas cuidadosamente, de acordo com a metodologia adotada e envolvendo os agentes necessários: responsáveis pelo acompanhamento científico, representantes do poder público, possíveis usuários dos espaços e técnicos responsáveis pela implementação.

Assim, de acordo com as características do estudo de caso e com a estratégia de ação fragmentada nos espaços livres potenciais, esta ferramenta se mostrou mais aplicável, principalmente pela facilidade na execução e por serem ações que requisitam em geral um custo mais baixo e bem menos burocracia, se comparada a outras formas de intervenção.

As diretrizes constituíram um sistema complementar em muitos sentidos, combinando usos ligados à recreação, ao esporte, com o lazer passivo e melhorando a comunicação entre as áreas. Com pequenas mudanças e adequações, buscou-se propor um ambiente mais propício à permanência, ao convívio e à apropriação. Apesar de não serem tão complexas ou custosas, as recomendações foram pensadas de forma a ser capazes de melhorar aspectos da vida cotidiana, que podem interferir indiretamente na qualidade de vida dos moradores do bairro.

## Conclusões

Através desta pesquisa pôde-se reconhecer, no bairro Vila Aparecida, um estudo de caso que reflete condições bastante comuns às áreas periféricas ou pericentrais em nosso país. No tangente ao lazer e à sua espacialização, a caracterização do bairro demonstra falta de planejamento inicial de áreas dedicadas à fruição pública, poucas áreas livres existentes, condições muito ruins de apropriação até mesmo para o lazer passivo e a tímida oferta de lazer ativo. Apesar de contar com alguns equipamentos (quadra poliesportiva e Academia da Cidade) percebemos a ratificação da exclusão de grupos, especialmente em relação à localização do equipamento no bairro e ao seu programa que ignora, por exemplo, as atividades adequadas às crianças mais jovens (0 a 12 anos), geralmente numerosas neste tipo de ocupação.

Na análise espacial percebemos que a exiguidade de áreas livres impõe desafios à proposições de melhorias, mas não impede que intervenções pontuais sejam feitas para a inclusão, aqui e ali, seja de equipamentos, seja de simples oferta de área livre disponível para o exercício do esporte e da recreação de forma segura. Enxergamos, neste exercício, a possibilidade de aplicação das mesmas estratégias em diversas realidades, apostando no microdesenho urbano e, principalmente, na forma de viabilização das intervenções.

Acreditamos que, em uma realidade socioeconômica dura e desigual, como a que se coloca hoje no Brasil, e em tantas outras nações em meio à crises de diferentes naturezas, as intervenções urbanas participativas e responsáveis com os recursos públicos sejam muito adequadas e, acima de tudo, passíveis de serem efetivamente conduzidas, distanciando-se de planos utópicos e inatingíveis, trazendo melhorias efetivas para a qualidade de vida das populações periféricas.

## Referências bibliográficas


- ALMEIDA, Marco Antonio Bettine de e DE ROSE JÚNIOR, Dante; *Fenômeno Esporte: Relações com a Qualidade de Vida*. Campinas (SP): IPES Editorial, 2010.

- ARAÚJO, Alice Viana de. ESPAÇOS LIVRES DE USO PÚBLICO EM OURO PRETO- *MG*. 2018. Tese de Doutorado – UFMG, Belo Horizonte, 2018.

- BARATA, Fernandes e FONTES, Sansão; *URBANISMO TÁTICO: experiências temporárias na ativação urbana*, 3° Seminário Nacional Habitar, Belo Horizonte, 2016.

- BUENO, Fernanda Alves de Brito. Entre o Sagrado e o Profano: aspectos da Paisagem Cultural de Ouro Preto, 2017.

- COSTA, Everaldo Batista da; Totalidade Urbana e Totalidade-Mundo: As cidades Coloniais Barrocas face à Patrimonialização global. Tese de Doutorado – USP, São Paulo, 2011.

- DUMAZEDIER, Jofre (1976) *Lazer e cultura popular- Debates*, São Paulo: Perspectiva.

- GEHL, Jan. *Cities for People*. Washington, DC: Island Press, 2010. 269 p.

- HOU, Jeffrey. *Guerrilla urbanism: urban design and the practices of resistance* URBAN DESIGN International (2020), v. 25, p.117–125.

- INGOLD, Tim. *That's enough about ethnography!* Hau: Journal of Ethnographic Theory, v. 4, n. 1, p. 383-395, 2014.

- MACÊDO, Amanda Florêncio de; ALMEIDA, André Moreas de; *O espaço público frente ao urbanismo tático:o caso das Praias do Capibaribe*. 2015. 1º Congresso Internacional de Espaços Públicos, 2015.

- MACEDO, Sílvio Soares; Espaços Livres. Paisagem Ambiente Ensaios São Paulo n. 7 p. 15 - 56 jun. 1995.

- MENICONI, Rodrigo; A Construção de uma cidade monumento: O caso de Ouro Preto. Belo Horizonte, 1999: Escola de Arquitetura da UFMG.

- MENOIA, Thelma Regina. *LAZER: história, conceitos e definições.* Monografia (bacharelado em recreação e lazer) – UNICAMP, Campinas (SP), 2000.

- OLIVEIRA, Leandro Duque de. *Crescimento urbano de Ouro Preto-MG entre 1950 e 2004 e atuais tendências*, 2015.

- OURO PRETO. Lei Municipal Complementar nº93 de 20 de janeiro de 2011, que
Estabelece normas e condições para o parcelamento, a ocupação e o uso do solo urbano no Município de Ouro Preto. Disponível em: <http://200.97.17.194/arquivos/sisnorm/
NJ_txt(12228).html> Acesso em: 2019.

- SALGADO, Marina; *OURO PRETO:Paisagem em transformação*. 2010. Dissertação de Mestrado – UFMG, Belo Horizonte(MG), 2018.

- SANTANA, Marcela M. e STEPHAN, Ítalo C.; *AS BORDAS DA CIDADE COLONIAL: O caso do bairro Vila Aparecida em Ouro Preto/MG*. Belo Horizonte (MG): 3° Colóquio Ibero-Americano Paisagem Cultura, Patrimônio e Projeto – Desafios e Perspectivas, Belo Horizonte, 2014.

- SANTOS, Edmilson Santos dos: *Reflexões Sobre a Utilização de Espaços Públicos para o Lazer Esportivo*. Curitiba (PR): Editora UFPR, 2006.

- SAYEGH, Liliane Márcia Lucas. *Dinâmica Urbana em Ouro Preto: conflitos decorrentes de sua patrimonialização e de sua consolidação como cidade universitária*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo), Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.

# População em situação de rua no centro de Campinas/SP: pactos e contradições

# Population sans abri dans le centre de Campinas/SP

**Giuliana Lima Oliveira**

*Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Pontifícia Universidade Católica de Campinas*

**Vera Santana Luz**

*Professora e Pesquisadora PhD, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Pontifícia Universidade Católica de Campinas*
*Grupo de Pesquisa: EU:CA – Estudos Urbanos: Cultura e Arquitetura*

**Resumo**

Como grau extremo de vulnerabilidade no espaço público, o artigo apresenta o fenômeno da população em situação de rua no centro de Campinas/SP. De acordo com indicadores, estes sujeitos se concentram no Sudeste do Brasil e convergem aos centros urbanos. Em Campinas, o fenômeno cresceu 31,9% entre 2016 e 2019. Objetiva-se apresentar considerações sobre o estatuto legal que visa assegurar direitos de vida digna a esta população e especificidades deste contingente na área de estudo. A investigação parte da análise do arcabouço legal e de bases cartográficas para o estudo observacional em locais determinados de concentração deste contingente: praças, viadutos, calçadões. Busca-se caracterizar sujeitos em situação de rua e sua apropriação espacial urbana, comportamento, bem como morfologia dos abrigos. Os resultados apontam contradições entre a baixa capacidade institucional em superar esta condição em Campinas — preconizada para ser uma cidade inovadora, inclusiva e sustentável —, porém que apresenta esta população sobrevivendo por meio de suas próprias estratégias a expor a desigualdade social como contradição.

**Palavras-Chave:** vulnerabilidade urbana; população em situação de rua; centro de Campinas.

**Resumé**

Comme degré extrême de vulnérabilité dans l'espace public, on present le phénomène de la population sans abri dans le centre de Campinas/SP. Selon les indicateurs, ces sujets sont concentrés dans le sud-est du Brésil et convergent vers les centres urbains. À Campinas, le phénomène a augmenté de 31,9% entre 2016 et 2019. Nous visons considérations sur le statut juridique qui entend à garantir le droit à une vie digne pour cette population et les spécificités de ce contingent dans la zone d'étude. Le recherche part de l'analyse du cadre juridique et des bases cartographiques pour l'étude observationnelle dans des lieux déterminés de concentration de ce contingent: places, viaducs, trottoirs. On cherchons à caractériser les individus vivant dans la rue et leur appropriation spatiale urbaine, leur comportement, ainsi que la morphologie des abris. Les résultats mettent en évidence des contradictions entre la faible capacité institutionnelle de surmonter cette condition à Campinas — recommandée pour être une ville innovante, inclusive et durable —, mais qui présente cette population survivant à travers ses propres stratégies pour exposer les inégalités sociales comme une contradiction.

**Mots clés:** vulnérabilité urbaine; population sans-abri; centre de Campinas.

**Abstract**

As an extreme degree of vulnerability in the public space, we present the phenomenon of the homeless population in the center of Campinas/SP. According to indicators, this people is concentrated in the Southeast of Brazil and converge to urban centers. In Campinas, the phenomenon grew by 31.9% between 2016 and 2019. We present considerations about the legal status that aims to ensure the right to a dignified life for this population and specificities of this contingent in the study area. The investigation starts from the analysis of the legal framework

and cartographic bases for the observational study in determined places of concentration of this contingent: squares, viaducts, sidewalks. It seeks to characterize these persons living on the streets and their urban spatial appropriation, behaviour, as well as shelter morphologies. The results point to contradictions between the low institutional capacity to overcome this condition in Campinas — recommended to be an innovative, inclusive, and sustainable city —, but which presents this population surviving through their own strategies to expose social inequality as a contradiction.

**Keywords:** urban vulnerability; homeless population; center of Campinas.

## 1. Introdução

O presente artigo apresenta algumas considerações entre o estatuto legal brasileiro e a condição real de sobrevivência de sujeitos em situação de rua. Esta abordagem, que parte de uma pesquisa de maior abrangência, tem como objetivo expor possíveis contradições das conquistas de marcos legais em nível federal e sua incapacidade de mitigar significativamente a pobreza, segregação e exclusão. Estes problemas enfrentados pela população em situação de rua são refletidos por meio de dados que apontam seu crescimento e o descumprimento de direitos fundamentais. Como exemplo de estudos de caso apresenta-se um sujeito investigado pela metodologia de observação à distância, sem interfaces pessoais com as investigadoras.

Para estudo observacional à distância no centro de Campinas, em vista de apresentar uma condição real de sobrevivência de um sujeito em situação de rua, procurou-se tecer análises de bases cartográficas e aerofotográficas, com a finalidade de definir um perímetro de investigação. A definição de locais de apropriação e concentração de pessoas em situação de rua compreendeu tipologias de espaços públicos. A análise observacional à distância, que durou em torno de 40 dias, parte de uma amostra preliminar etnográfica urbana qualitativa, com o propósito de investigar condições e características gerais de apropriação urbana, dos abrigos e do cotidiano de pessoas em situação de rua, bem como seus comportamentos.

Este estudo, no centro de Campinas, como metodologia de investigação teórico-crítica, se baseou em pesquisas que apontam os centros urbanos como concentradores do fenômeno em estudo (Bursztyn, 2000; Silva; et al., 2012; Albuquerque, 2017; Filgueiras, 2019). Segundo Cunda & Silva (2020, p. 13) “os habitantes da rua afirmam um cotidiano doméstico na cidade, de existências que visam não somente a sobrevivência material e afetiva, mas o respeito e a convivência em grupo, a liberdade do isolamento ou da loucura”.

Para a população em situação de rua, o espaço urbano é um meio de abrigo e subsistência, que reflete uma condição de vida precária e de marginalização física e socioespacial. A cidade de Campinas, cujo Plano Diretor preconiza como uma cidade inovadora, sustentável e inclusiva, não apresenta medidas reguladoras diante do Desenvolvimento Orientado pelo Transporte (DOT), e poucos instrumentos perante o problema de pobreza, desigualdade, segregação socioespacial e exclusão (Campinas, 2018a).

A amostragem de pequena escala de estudo observacional à distância constituiu um método de aproximação, visando compreender preliminarmente a condição de sobrevivência de sujeitos em situação de rua no meio urbano. A análise de características de apropriação espacial, de abrigos e de sujeitos depreendeu uma sistematização de dados passíveis de conduzir futuras pesquisas acadêmicas. No estudo de campo confirmou-se a concentração do fenômeno população em situação de rua no centro de Campinas e nos lugares pré-estabelecidos. Como resultados, mediante a observação em campo, dados estatísticos e o quadro legal federativo brasileiro foi possível compor evidências da incapacidade de atendimento universal ao contingente estudado e expor a diferença entre viver e sobreviver.

## 2. Estatuto legal *versus* fenômeno de população em situação de rua

No Brasil, a princípio, a partir de 1941, os marcos legais voltados para a população em situação de rua foram definidos pela sujeição à pena de 15 dias a 3 meses de prisão para sujeitos que praticavam a mendicância por ociosidade ou por cupidez (Brasil, 1941, art. 60). Filgueiras (2019) afirma que desde o final do século XX a situação de rua é considerada como questão social e urbana. Desde a Constituição de 1988, a assistência social passa a ser uma das obrigações da ação pública, sendo, por determinação legal, concedida a todos. Após 5 anos de sua promulgação, em 1993 foi instituída a Lei Orgânica da Assistência Social (LOAS), que dispõe sobre sua a organizacional da assistência social. Esta Lei assegura os mínimos sociais em vista de garantir as necessidades básicas de existência e erradicar a pobreza (Brasil, 1993). Entre seus objetivos define-se propiciar "[...] a proteção social, que visa à garantia da vida, à redução de danos e à prevenção da incidência de riscos [...]", a vigilância socioassistencial, bem como a defesa dos direitos e o seu pleno acesso perante as provisões socioassistenciais (Brasil, 1993, art. 2).

No ano de 2005, no entanto, a população em situação de rua não era assistida por estes direitos. Somente após 12 anos à margem dos direitos sociais, o contingente em situação de rua foi incluído nos serviços de atendimento da assistência social, mediante a Lei nº 11.258/05 (Brasil, 2005). Somente em 2011, ocorreu outra mudança significativa no quadro legal brasileiro, onde o Sistema Único de Assistência Social (SUAS), mesmo dispondo de fundamentos desde 2005, foi instituído de forma legal (Brasil, 2011b). O objetivo do SUAS é gerenciar os benefícios previstos pelas leis e integrar as ações entre os entes federativos e agentes da sociedade civil (Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome , 2005).

Em 2009, a população em situação de rua dispôs de uma política significativa voltada para seu segmento, o Decreto nº 7.053/09, que firmou a Política Nacional para a População em Situação de Rua e o Comitê Intersetorial de Acompanhamento e Monitoramento para a população em situação de rua (CIAMP-Rua); este decreto visa qualificar a igualdade e equidade como princípios de ação (Brasil, 2009). Das conquistas elencadas, destaca-se a Portaria nº 940/2011 (Brasil, 2011a), que outorga o acesso de pessoas em situação de rua Ao Sistema Único de Saúde sem a necessidade de apresentação de comprovante de residência, por meio do Cartão Nacional de Saúde. Segundo Cortizo (2015), em 2012, a Portaria nº 122/2012, determinou o funcionamento de equipes do Consultório de Rua (CNAR), que dispõe de atendimento básico integral à saúde mental.

A Política Nacional para a População em Situação de Rua descreve a população em situação de rua como "grupo populacional heterogêneo que possui em comum a pobreza extrema, os vínculos familiares interrompidos ou fragilizados e a inexistência de moradia convencional regular, e que utiliza os logradouros públicos e as áreas degradadas como espaço de moradia e de sustento" (Brasil, 2009, art. 1, parágrafo único). As condições extremas de vulnerabilidade no meio urbano, sob a perspectiva do arcabouço legal brasileiro, expõem condições extremas de vulnerabilidade e indicam a dificuldade dos marcos legais em solucionar de forma significativa os problemas e adversidades enfrentados pela população em situação de rua. Os expedientes para se abrigar nos logradouros públicos, em geral, consistem em estratégias que se materializam por meio do reaproveitamento resíduos urbanos, como anteparos de papelão e lonas plásticas (Morosini, 2016). Desde 2009, o I Censo Nacional sobre População em Situação de Rua — única pesquisa nacional realizada — contabilizou 31.922 pessoas em circunstância de rua. Destas, 70,9% exerciam alguma atividade remunerada, o que desmitifica o estigma de uma população de desocupados e pedintes (Cunha & Rodrigues, 2009).

## 3. Concentração em grandes centros urbanos

A concentração do fenômeno em situação de rua nos centros urbanos é certificada por vários estudos relacionados ao tema (Bursztyn, 2000; Krüger; Antoni & Baldissera, 2021; Silva et al., 2012; Silva & Silva, 2017; Albuquerque, 2017; Filgueiras, 2019). Lucena (2013, p. 11, no que concerne aos centros urbanos, afirma que "por ser uma área que tradicionalmente concentra a atividade comercial, o centro da cidade apresenta características que favorecem a rotina dos moradores de rua". Mediante esta circunstância, consideramos que o contato com o grande fluxo de transeuntes atraídos pela atividade comercial e de serviços durante o dia, pode possibilitar o alcance de auxílio, alternativas de trabalho mesmo que informal e/ou maior disponibilidade de materiais recicláveis, sendo a atividade de catadores uma atividade desempenhada por algumas pessoas em situação de rua. No decorrer do período noturno, a baixa inatividade pode permitir certa segurança aos que pernoitam nestes locais. Estes aspectos podem favorecer a apropriação de centros urbanos por pessoas em situação de rua.

Em analogia, sobre a apropriação de pessoas em situação de rua nos centros das cidades, sua espacialização no território da cidade de São Paulo/SP, realizada por Valeriano (2019), releva não somente a concentração do fenômeno no centro da cidade, como em sua estrutura de sistema viário principal e prováveis subcentralidades constituídas a partir destes eixos. Em Campinas, os estudos expõem a concentração de população em situação de rua por regiões (Gráfico 1): a região leste, com maior concentração do fenômeno em situação de rua, compreende a área central do município e dispõe de maiores rendimentos salariais (Campinas, s. d.; Campinas, 2020).

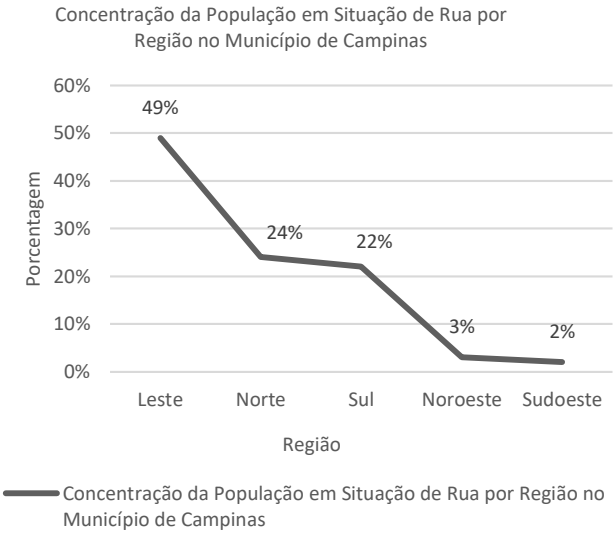



**Gráfico 1: Concentração da população em situação de rua por região no município de Campinas. Fonte: Elaboração própria a partir de Prefeitura do Município de Campinas, 2020.**

A cidade de Campinas, que preconiza seu Desenvolvimento Orientado pelo Transporte (DOT), e visa ser uma metrópole inovadora, sustentável e tecnológica (Campinas, 2018a), apresenta vulnerabilidade socioterritorial significativa. O número do contingente em situação de rua tem aumentado nos últimos anos; entre 2016 e 2019, a população de rua saltou de 623 para 822 pessoas, utilizando os logradouros públicos como forma de sobrevivência (Prefeitura do Município de Campinas, 2020). Recentemente, foi quantificado um acréscimo de 13,4%

entre 2019 a 2021, contabilizando o total de 932 indivíduos em situação de rua (Prefeitura do Município de Campinas, 2021).

## 4. Definição do centro de Campinas

A realização do estudo observacional no centro de Campinas partiu da análise de bases cartográficas e aerofotográficas, visando definir o perímetro de investigação, utilizando-se o Plano Diretor do município (Campinas, 2018a), Lei Complementar nº 208, de 20 de dezembro de 2018, que dispõe sobre parcelamento, ocupação e uso do solo no município de Campinas (Campinas, 2018b), onde é possível visualizar diversas manchas que representam as zonas, a saber: Zona de Centralidade 4 (ZC4), Zona de Centralidade (ZC2), Zona Mista (ZM4), Zoa Mista 2 (ZM2), Zona Mista 1 (ZM1), Zona Residencial (ZR) e Zona de Atividade Econômica (ZAE), como ilustra a Figura 1.

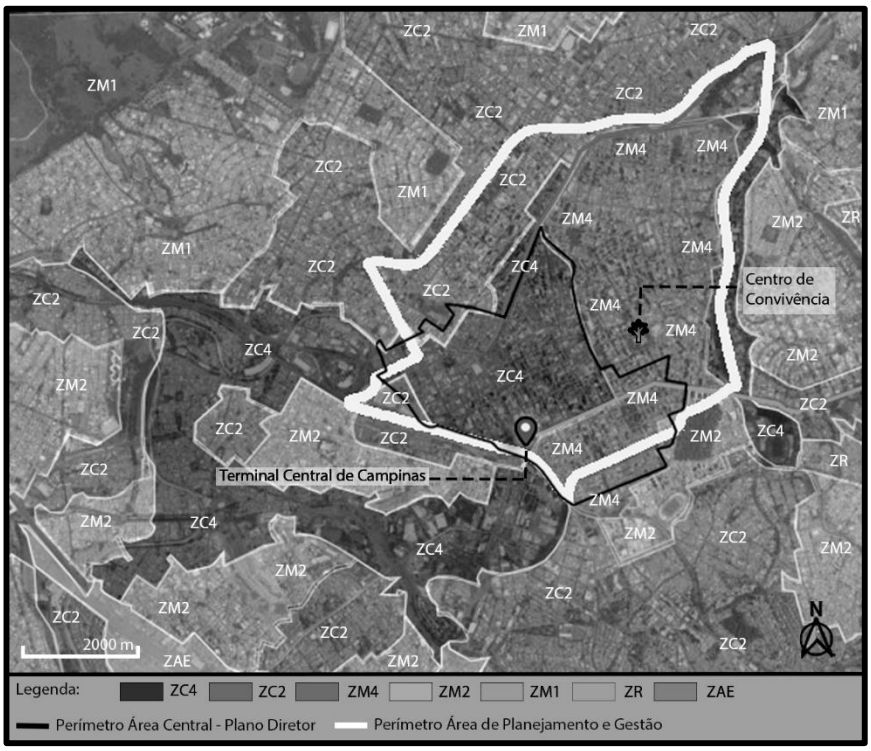



**Figura 1: Foto aérea do centro de Campinas com delimitações do centro segundo a legislação. Fonte: Elaboração própria a partir de Campinas, 2018a, c2021.**

A Figura 1 expõe as diferentes delimitações do que é preconizado como centro de Campinas. Os perímetros apresentados, definidos pelo Plano Diretor de Campinas, são referentes à Área Central da cidade em linha contínua na cor preta e, Área de Planejamento e Gestão (APG) em linha contínua na cor branca (Campinas, 2018a). Considerou-se o perímetro da Área Central dado ao escopo da pesquisa de observação preliminar de pequena escala em comparação ao perímetro da APG, sendo de maior abrangência.

A ZC4, definida como "zona definida pelos principais cruzamentos de DOTs (Desenvolvimento Orientado pelo Transporte), centralidades de alta densidade habitacional, com mescla de usos residencial, misto e não residencial de baixa, média e alta incomodidade" (Campinas, 2018b, p. 23), compreende em grande parte o perímetro da Área Central definida pelo Plano Diretor. Entende-se que as zonas ZC4, ZC2 e ZM2, definidas pela Lei sobre Parcelamento, Uso e Ocupação do Solo (Campinas, 2018b), correspondentes à Área Central,

se espraiam pelo território do munícipio, mas estas delimitações fogem ao escopo de investigação.

### 4.1 Recorte de observação e tipologias de apropriação de população em situação de rua

Para estudo observacional à distância, pretendeu-se abranger tipologias de espaços públicos como locais potenciais de apropriação e concentração de pessoas em situação de rua. Espaços sob viadutos, ruas arborizadas, calçadas, calçadões sem fluxo de automóveis, praças, largos, eixos de transportes e comerciais próximos a estabelecimentos de alimentação, são locais que tendem a ser suporte para subsistência do fenômeno em estudo.

A Figura 2 apresenta os locais elegidos para observação em campo, que compreendem uma exemplaridade de cada tipologia, a saber: um viaduto, um eixo comercial/serviço e outro de transporte. Neste artigo iremos apresentar características de apropriação e de uma determinada pessoa em situação de rua no Centro de Convivência Cultural de Campinas. Os demais locais — o Viaduto Vicente Cury, localizado no entorno do Terminal Central; o eixo comercial/serviço, compreendendo o entorno da Catedral Metropolitana de Campinas, a Praça José Bonifácio e a Praça Rui Barbosa; e o eixo de transporte referente ao entorno do Terminal Rodoviário de Campinas, abrangendo em sua redondeza a antiga companhia ferroviária FEPASA, também foram abordados na pesquisa de maior abrangência que deu origem a este artigo.

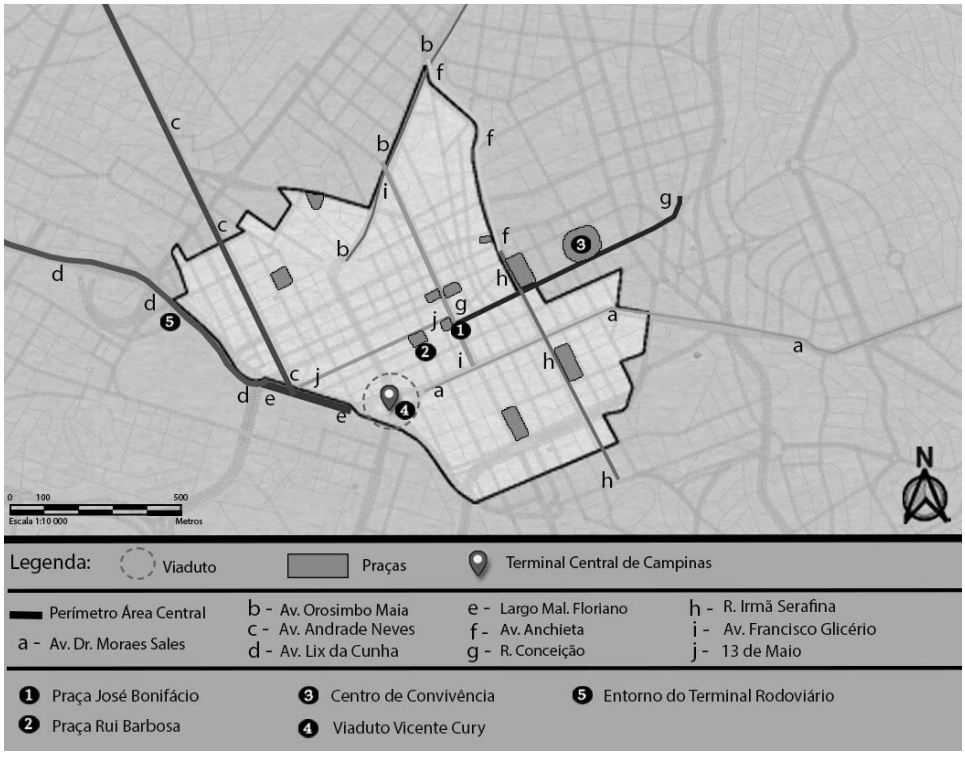



**Figura 2: Locais elegidos para investigação em campo de sujeitos em situação de rua. Fonte: Elaboração própria a partir de MAPBOX, 2021.**

O Centro de Convivência Cultural de Campinas foi eleito por apresentar uma ampla estrutura pública de espaços livres ajardinados, que poderia facilitar uma livre apropriação de pessoas em situação de rua, eventualmente com permanência prolongada. Averiguou-se, mediante investigação de artigos jornalísticos que, além do local se encontrar degradado e em

grande parte abandonado pela municipalidade desde 2011, os registros indicavam a apropriação do fenômeno em estudo na localidade (Braga, 2020; Correio, 2021). Estes aspectos poderiam indicar que esta praça estivesse livre de ações repressoras e/ou higienistas sejam elas estatais ou não. Apesar da obra de reforma do Centro de Convivência ter se iniciado em 2020, procuramos investigar apropriações neste lugar ou em suas imediações.

### 4.2 Método de análise observacional

O método de análise observacional partiu de uma amostra de contingente populacional buscando se utilizar de processos preliminares de etnografia urbana qualitativa. Procurou-se investigar, em campo, condições e características gerais de apropriação urbana, dos abrigos e do cotidiano de pessoas em situação de rua, bem como seus comportamentos. A investigação compreendeu o acompanhamento de determinadas pessoas, em torno de 40 dias, por meio de documentação, registros fotográficos e anotações descritivas visando sua posterior sistematização.

Para os registros em campo, constitui-se uma tabela de aspectos descritivos dos abrigos ou locais de apropriação e características dos sujeitos em situação de rua, elegidos, nos contextos pré-estabelecidos, como apresenta a Tabela 1, a seguir:

| **DADOS SOBRE O SUJEITO** | **SUJEITO 00 – NOME FICTÍCIO** |
|---|---|
| sexo/gênero | descrição |
| faixa etária aproximada | descrição |
| cor | descrição |
| indicativos de trabalho ou renda | descrição |
| forma de alimentação | descrição |
| estado de saúde aparente | descrição |
| processos de higiene pessoal | descrição |
| interação interpessoal | descrição |
| relação afetiva com pessoas ou animais | descrição |
| indicativos de atividades culturais ou lazer | descrição |
| Informações complementares | descrição |
| **DADOS SOBRE O ABRIGO** | |
| apropriação de pré-existências | ex.: marquise, muro, calçada, baixos de viadutos, pisos |
| materiais utilizados para confecção do abrigo | descrição |
| estágio do abrigo | mínimo, intermediário ou complexo |
| Pertences e objetos | descrição |
| grau de permanência nos locais adotados | tendência a nomadismo ou sedentarismo |
| informações complementares | descrição |

**Tabela 1: Sistematização para registro de campo de dados de sujeitos e abrigos correspondentes a observar. Fonte: Elaborado pela autora, 2021.**

Os aspectos abordados dos sujeitos em situação de rua foram sistematizados por meio de classificações referentes ao sexo/gênero, cor, faixa etária, indicativos de trabalho ou renda, alimentação, estado de saúde aparente, higiene, indicativos de interação interpessoal, relação afetiva e atividades culturais ou de lazer. As descrições realizadas podem sugerir maior ou menor condição de vulnerabilidade.

A partir de Zerati e Luz (2021), os abrigos foram classificados mediante três graus de complexidade, a saber: mínimo, intermediário e complexo. O uso de poucos anteparos ou a ausência dos mesmos foram considerados como expedientes de abrigo ou apropriação em

estágio mínimo. Os abrigos que se dispusessem mediante a organização de materiais, elementos, objetos ou que delimitassem o espaço de apropriação foram considerados em estágio intermediário. Estes aspectos que se apresentassem de forma mais consolidada ou que se caracterizassem como estrutura estática foram considerados para classificar os abrigos em estágio complexo.

Foram pré-determinadas, também, classificações referentes aos graus de permanência nos locais de apropriação. A tendência ao nomadismo, relativa aos sujeitos que não permaneciam nos abrigos ou nos locais de apropriação ou sedentarismo, quando houvesse indícios de permanência fixa ou mesmo temporária.

### 4.3 Estudo de campo do fenômeno de sujeitos em situação de rua: praça do Centro de Convivência de Campinas e Sujeito 1

O Centro de Convivência Cultural de Campinas se localiza na Praça Imprensa Fluminense e atualmente está sendo reformado (Figura 3). A presença de tapumes impede, atualmente, a circulação de pessoas no interior da estrutura arquitetônica central, fazendo com que a apropriação da praça conjugada ao equipamento fique alterada em relação ao que poderia ocorrer em situações sem a obra de reforma em curso.

Durante o período de aproximadamente 40 dias foi possível observar a presença de dez pessoas diferentes e em períodos diversos, em situação de rua e, de forma simultânea, quatro pessoas. Neste artigo, apresentamos, como exemplo, um sujeito, por nós alcunhado pelo nome fictício de "João", que permaneceu por volta de 20 dias no Centro de Convivência.

**Figura 3: Foto aérea do Centro de Convivência Cultural de Campinas. Fonte: Elaboração própria a partir de Google Earth, 2021.**

O abrigo que João confeccionou, foi considerado em estágio intermediário, caracterizado pelo uso dos tapumes de chapas metálicas nervuradas da obra de reforma, como estrutura de apoio (Figura 4). João aplicou a estes dois lençóis, que formavam uma tenda, e posicionou

algumas caixas de papelão para estabelecer uma definição ao espaço de apropriação e utilizá-las para guardar seus pertences. O abrigo, aparentemente, proporcionava uma área privada para João, mesmo que incipiente.

A localização do abrigo de João dispunha de certa privacidade, proporcionada pelas superfícies verticais dos tapumes e sombra atribuída pelas árvores em alguns horários do dia. Alguns arranjos conferiram evidências que vão em direção oposta aos estigmas de desordem e sujeira, projetados sobre a população em situação de rua, como a organização do abrigo de João comparada à circunstância de ausência de limpeza pública, pela existência de resíduos espalhados em seu entorno. Mesmo João não ficando durante o dia todo em seu abrigo, os anteparos e o espaço configurado sempre se apresentavam de forma organizada. Aos domingos, barracas das feiras se instalam na praça para venda de artesanatos, roupas, objetos e comida; durante dois destes domingos, vestígios da presença de João nem sequer de seu abrigo foram avistados. Durante a semana, o abrigo de João tornava aparecer, com configuração semelhante e no mesmo lugar.

**Figura 4: À esquerda, abrigo de João. Data: 31/08/21. Horário: 15:08h. Ao centro, João organizando anteparos de seu abrigo. Data: 31/08/21. Horário: 15:33h. À direita, interação interpessoal entre João e uma catadora de materiais recicláveis. Data: 31/08/21. Horário: 15:35h. Local: Centro de Convivência Cultural de Campinas. Fonte: Autora, 2021.**

João foi caracterizado por ser aparentemente do sexo masculino, de cor branca e com idade aproximada entre 30 a 35 anos. Vestia boas vestimentas, apresentando-se de forma asseada, a saber: camisa e short preto, um par de tênis com meias um boné e uma mochila. Estes aspectos não coincidem com os estereótipos de precariedade projetados sobre pessoas em situação de rua. Poderíamos dizer que suas vestimentas indicam pequenas conquistas que se materializaram em forma de pertences. Nos registros do abrigo, notou-se que João dispunha de um prato, bem como, conforme mencionado, caixas para guarda de objetos, o que pode indicar a posse de outros utensílios (Figura 4).

Em uma tarde, por voltas das 15:30 horas, João chegou ao local de seu abrigo e começou a dobrar os lençóis que formavam uma tenda (Figura 4). Após organizar seus anteparos de abrigo, uma mulher se aproximou e conversou amigavelmente com João durante uns 15 minutos (Figura 5). Esta interação interpessoal, que parece ser entre dois estranhos, se encerrou com João caminhando com a mulher até determinado espaço da praça. Percebeu-se que esta mulher, com idade aproximada ente 30 e 35 anos, dispunha de carrinho com sacos plásticos atulhados,

o que indica, provavelmente, o desempenho da atividade de catadora de materiais recicláveis pelo porte do carrinho e material carregado.

Ao retornar ao seu abrigo, João terminou de ajeitar seus pertences e se deitou por uns 50 minutos. Por voltas das 14:20, João começou a depilar sua perna com algo não identificado (Figura 5). João estava se preparando para vender balas, próximo ao semáforo, entre a Praça Jamil Abrahão e a Praça Impressa Fluminense, esquina com a Rua Conceição (Figura 5). Esta observação indica que, provavelmente, houvesse preocupação de João com olhares de censura a respeito de seu asseio pessoal, afastando possíveis clientes.

**Figura 5: À esquerda, interação interpessoal entre João e uma catadora de materiais recicláveis. Data: 31/08/21. Horário: 15:38h. Ao centro, momento de higiene corporal de João. Data: 31/08/21. Horário: 16:18h. À direita, expediente de trabalho de João. Data: 31/08/21. Horário: 16:32h. Local: Centro de Convivência Cultural de Campinas. Fonte: Autora, 2021.**

Em uma tarde, por volta das 15:00 horas, apesar de João não estar presente em seu abrigo, dois homens fumavam (aparentemente maconha, pelo odor) no local (Figura 6). João, ao chegar, após a saída destes dois sujeitos, começou a limpar o local, batendo um lençol no chão, tangendo as cinzas para longe e depois foi embora. Não mais foi observável a presença destes dois homens ou de outras pessoas se apropriando do local de abrigo de João ou do espaço contiguo a ele por ninguém. Caso fosse observado, poderíamos caracterizar este fato como de indícios de uso compartilhado do espaço ou princípios de relação social por João, o que não se deu, mantendo-se João em comportamento isolado perante seu espaço próprio.

**Figura 6: À esquerda, dois homens utilizando o local de apropriação de João para fumar. Data: 13/09/21. Horário: 15:01h. À direita, abrigo organizado por João. Data: 13/09/21. Horário: 15:36h. Local: Centro de Convivência Cultural de Campinas. Fonte: Autora, 2021.**

O abrigo de João esteve instalado no Centro de Convivência por aproximadamente 1 mês. Em uma segunda-feira, João chegou ao local de seu abrigo e não o encontrou, o que o levou a perguntar ,de modo inflamado, a uma funcionária responsável pela limpeza da praça sobre seus pertences. Esta funcionária disse em alto tom que não fazia ideia do ocorrido e João foi embora demonstrando certa indignação. João não foi mais visto por nós na praça como lugar de apropriação. Na mesma semana o vimos, por volta das 16:15 horas, nas imediações da Catedral Metropolitana de Campinas, na Praça José Bonifácio, atravessando a Av. Francisco Glicério com uma marmita em uma sacola em mãos. Dois dias após este ocorrido, João estava pedindo comida defronte ao estabelecimento McDonald's na avenida Glicério, logo à frente. Após este evento, não mais o vimos nas imediações dos locais eleitos para observação (Figura 7).

**Figura 7: À esquerda, João, de pé em uma calçada, carregando uma marmita. Local: Praça José Bonifácio. Data: 29/09/21. Horário: 16:14h. À direita, João sentado em uma calçada, comendo um lanche. Local: Em frente à Praça José Bonifácio. Data: 30/09/21. Horário: 19:46h. Fonte: Autora, 2021.**

## 5. Conclusões

Os processos preliminares de etnografia urbana possibilitaram a confirmação de concentração do fenômeno em situação de rua no centro de Campinas e nos lugares preestabelecidos. A constituição de sistematização e análise mediante metodologia baseada em características de apropriação espacial, dos abrigos e de sujeitos possibilitou uma certa compreensão da condição real dos sujeitos estudados.

O estudo observacional à distância, mesmo compreendendo uma amostragem de pequena escala, constituiu-se em um método de aproximação, capaz de possibilitar, de modo preliminar, a aproximação e compreensão de condições de vivência e sobrevivência de sujeitos em situação de rua no meio urbano. A sistematização de dados sobre características de apropriação espacial, de abrigos e de sujeitos pode conduzir futuras pesquisas acadêmicas.

Entende-se que esta amostragem preliminar não seja capaz de descrever ou interpretar a situação de rua em todas as suas dimensões, sejam elas territoriais, sociopolíticas,

socioambientais ou de caráter individual, porém fica patente que este contingente revela condições insustentáveis de vida urbana. Ratifica-se que o cotidiano de pessoas em situação de rua, a partir da perspectiva de cada sujeito, é imprescindível para defrontar de forma significativa os problemas e adversidades enfrentados pela população em situação de rua.

A condição de sujeitos sobrevivendo nas ruas revela as contradições entre arcabouço legal e sua incapacidade de solucionar problemas de pobreza, segregação e exclusão. A exposição do caso de João, sob uma perspectiva de observação à distância, demostra uma metodologia de aproximação de pequena escala. O estudo de campo, realizado por um período aproximado de 40 dias, foi pautado pela observação à distância em vista de contemplar os cuidados relativos aos protocolos de saúde pública e a total privacidade dos sujeitos.

O predomínio de pessoas em situação de rua, no centro de Campinas, revela sujeitos desenvolvendo seus próprios meios de subsistência, a menos de algumas ações de organizações assistenciais para fornecimento de alimentação, observadas em determinadas ocasiões. A aproximação destas condições extremas de adversidade indica expedientes de resistência significativa, apontando para um aprendizado comum a partir destas pessoas. Campinas, como importante centro metropolitano e com índices de riqueza expressivos, apresenta um contingente populacional que sobrevive por meio de suas próprias estratégias, evidenciando uma das faces extremas da desigualdade social em seu território.

Este estudo foi financiado em parte pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de financiamento 001.

## 6. Bibliografia

- ALBUQUERQUE T. S., 2017, Geografia da população em situação de rua: mudanças na distribuição espacial na cidade de São Paulo nos anos 2009-2014. In "Anais do XVII ENANPUR – Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento, Universidade Federal do ABC (UFABC)". Recuperado de https://anais.anpur.org.br/index.php/anaisenanpur/article/view/1832.

- BRAGA D., 2020, Abandono, sujeira e ratos são problemas no Convivência. CBN – Central Brasileira de Notícias-Campinas. Recuperado de https://portalcbncampinas.com.br/2020/01/abandono-sujeira-e-ratos-sao problemas-do-centro-de-convivencia-de-campinas/.

- BRASIL, 1941, 3 outubro, Decreto-lei nº 3.688, de 3 de outubro de 1941. Lei das Contravenções Penais. Recuperado de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del3688.htm.

- BRASIL, 1988, 5 outubro, Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Recuperado de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm.

- BRASIL, 1993, 7 dezembro. Lei nº 8.742, de 7 de dezembro de 1993. Dispõe sobre a organização da Assistência Social e dá outras providências. Recuperado de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8742.htm.

- BRASIL, 2009, 23 dezembro, Decreto nº 7 .053, de 23 de dezembro de 2009. Institui a Política Nacional para a População em Situação de Rua e seu Comitê Intersetorial de Acompanhamento e Monitoramento, e dá outras providências. Recuperado de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d7053.htm.

- BRASIL, 2011a, 28 abril, Portaria nº 940, de 28 de abril de 2011. Regulamenta o Sistema Cartão Nacional de Saúde (Sistema Cartão). Recuperado de https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2011/prt0940_28_04_2011.html.

- BRASIL, 2011b, 6 julho, Lei nº 12.435, de 6 de julho de 2011. Altera a Lei nº 8.742, de 7 de dezembro de 1993, que dispõe sobre a organização da Assistência Social. Recuperado de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/lei/l12435.htm.

- BURSZTYN M., 2003, No meio da rua: nômades, excluídos e viradores. Rio de Janeiro, Garamond.

- CAMPINAS, s. d., Plano Municipal da Assistência Social PMAS 2018-2021. Recuperado de http://www.campinas.sp.gov.br/arquivos/assistencia-social-seguranca-alimentar/pmas_18_21.pdf.

- CAMPINAS, 2018a, 8 janeiro, Lei Complementar nº 189 de 8 de janeiro de 2018. Dispõe sobre o Plano Diretor Estratégico do Município de Campinas. Recuperado de https://planodiretor.campinas.sp.gov.br/.

- CAMPINAS, 2018b, 20 dezembro, Lei Complementar nº 208, de 20 de dezembro de 2018. Dispõe sobre parcelamento, ocupação e uso do solo no município de Campinas. Recuperado de https://suplementos.campinas.sp.gov.br/admin/download/suplemento_2018-12-21_cod492_1.pdf.

- CORREIO, 2021, Centro de Convivência: o mausoléu da cultura campineira. Recuperado de https://correio.rac.com.br/2021/03/campinas_e_rmc/1068488-cetro-de-convivencia-o-mausoleu-da-cultura-campineira.html.

- CORTIZO R., 2015, Pesquisa Nacional sobre a População em Situação de Rua. Série WWP Relatos de Uso de M&A. Recuperado de https://wwp.org.br/wp-content/uploads/2016/11/Pesquisa-Nacional-sobre-a-Popula%C3%A7%C3%A3o-de-Rua-Relato-de-Uso-WWP-_-PORT.pdf.

- CUNDA M. F. & SILVA R. N., 2020, Me chamam rua, população, uma situação: os nomes da rua e as políticas da cidade. Psicologia & Sociedade, 32, pp. 1-17. DOI: https://doi.org/10.1590/1807-0310/2020v32223876.

- CUNHA J. V. Q. & RODRIGUES M. (Orgs.), 2009, Rua: aprendendo a contar. Pesquisa Nacional sobre a População em Situação de Rua. Recuperado de https://fpabramo.org.br/acervosocial/wp-content/uploads/sites/7/2017/08/052.pdf.

- FILGUEIRAS C. A. C., 2019, Morar na rua: realidade urbana e problema público no Brasil. Cadernos Metrópole, São Paulo, 21(46), pp. 975-1004. Recuperado de https://www.scielo.br/j/cm/a/JDs5DqSqSxZqjCb4mhtJs6D/?lang=pt.

- KRÜGER W. M.; ANTONI C. & BALDISSERA M. A. P., 2021, Situação de rua e abordagem social: desafios operacionais ao SUAS. Revista Polis e Psique, 11(1), pp. 27-44. Recuperado de https://seer.ufrgs.br/PolisePsique/article/view/105153.

- LUCENA W. L., 2013, Território de Exclusão: a distribuição espacial da população de rua do centro de Patos-PB. Cadernos do Logepa. 8(1-2), pp. 103-126. Recuperado de https://periodicos.ufpb.br/index.php/logepa/article/view/12704.

- MAPBOX, 2021, Mapas e localização para desenvolvedores. Recuperado de https://www.mapbox.com/.

- MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO SOCIAL E COMBATE À FOME, 2005, Secretaria Nacional de Assistência Social. Política Nacional de Assistência Social PNAS/ 2004: Norma Operacional Básica NOB/SUAS. Recuperado de http://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/Normativas/PNAS2004.pdf.

- MOROSINI L., 2016, junho, Agenda ameaçada: avanço conservador põe em risco programas sociais e conquistas obtidas com a Constituição de 1988. Radis, 165, pp. 1-35. Recuperado de https://radis.ensp.fiocruz.br/phocadownload/revista/Radis165_web.pdf.

- PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE CAMPINAS, 2020, Prefeitura divulga contagem de 2019 da população em situação de rua. Recuperado de http://www.campinas.sp.gov.br/noticias-integra.php?id=38166.

- PREFEITURA DE CAMPINAS, 2021, Pessoa com Deficiência e Direitos Humanos. Contagem da população em situação de rua. Recuperado de https://drive.campinas.sp.gov.br/index.php/s/2Exk2ARRAg4wz6S.

- SILVA A. C. R., OLIVEIRA A. G. de., OLIVEIRA, J. A., COELHHO, M. E. B., & Garcia, T. L. A., 2012, População em situação de rua: desafios, avanços legais e possibilidades. In Encontro de Iniciação Científica. Anais eletrônicos. Recuperado de http://intertemas.toledoprudente.edu.br/index.php/ETIC/article/view/3688.

- SILVA, D. J. & SILVA, S. C., 2017, População em situação de rua, território e políticas sociais em campos dos Goytacazes/RJ. In XVII Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional. Anais eletrônicos. p. 1-15. Recuperado de http://anpur.org.br/xviienanpur/principal/publicacoes/XVII.ENANPUR_Anais/ST_Sessoes_Tematicas/ST%202/ST%202.4/ST%202.4-02.pdf.

- VALERIANO, S., 2020, 22 outubro, Pessoas em Situação de Rua em 2019. Facebook. Recuperado de https://www.facebook.com/photo.php?fbid=3396780013710645&set=pb.100001360408422.-2207520000..&type=3.

- ZERATI, L; LUZ, V., 2021, Abrigos de rua: estratégias emergenciais de sobrevivência urbana. Monografia de Iniciação Científica, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, São Paulo.

# Conceitos e Práticas de Urbanismo Tático
## Concepts et pratiques de l'urbanisme tactique

**Ana Carolina M D FELIZARDO; David M SPERLING**

*Mestranda, Universidade de São Paulo; Professor Doutor, Universidade de São Paulo*

*Núcleo de Estudos das Espacialidades Contemporâneas*

Resumo
Urbanismo neoliberal é um conceito utilizado para discutir a produção das cidades a partir dos anos 90 com a ascensão do neoliberalismo e, consequentemente, diminuição do poder do Estado, o encolhimento dos planejamentos das cidades e processos de esvaziamento dos espaços públicos. Apresentando-se como uma alternativa ao urbanismo neoliberal, o urbanismo tático, iniciado nos EUA, se propôs a promover ações voluntárias, experimentais, de impacto local, baixo custo, com uma resposta rápida e realista, que incentive capital social (Lyndon, 2012). Contudo, passado fervor inicial e analisando a implementação dessas ações, o urbanismo tático se mostrou um conceito contraditório, desde sua essência às práticas. No Brasil sua importação gerou mais controvérsias, pois não considerou os diferentes aspectos socioeconômicos e práticas informais cotidianas tradicionais similares às ações táticas. O artigo propõe analisar criticamente a importação de conceitos e práticas nomeadas como urbanismo tático e algumas de suas contradições. Destaca-se a importância dessa discussão, pois tais ações são a materialização dessa contradição no espaço público e meios concretos de explicitação desses debates.
Palavras-chave: Urbanismo Tático; Urbanismo neoliberal; Ações Táticas

Resume
L'urbanisme néolibéral est un concept utilisé pour discuter de la production des villes à partir des années 1990 avec la montée du néolibéralisme, la diminution du pouvoir de l'État, le rétrécissement de l'urbanisme et les processus de vidage des espaces publics. Se présentant comme une alternative à l'urbanisme néolibéral, l'urbanisme tactique, initié aux USA, proposait de promouvoir des actions volontaires, expérimentales, à faible coût, à impact local, avec une réponse rapide et réaliste, qui encourage le capital social (Lyndon, 2012). Après ferveur initiale et analyse de la mise en œuvre de ces actions, l'urbanisme tactique s'est révélé être un concept contradictoire, de son essence jusqu'aux pratiques. Au Brésil, son importation a généré plus de controverses, car elle n'a pas pris en compte les différents aspects socio-économiques et les pratiques quotidiennes informelles traditionnelles similaires aux actions tactiques. L'article propose d'analyser de manière critique l'importation de concepts et de pratiques nommés urbanisme tactique et certaines de ses contradictions. Telles actions sont la matérialisation de cette contradiction dans l'espace public et des moyens concrets d'explication de ces débats.
Mots-clés: Urbanisme Tactique; Urbanisme Neoliberal; Actions Tactiques

Contradictions between the Concept and Practice in Tactical Urbanism
Abstract
Neoliberal urbanism is a concept used about city production since the nineties with the rise of neoliberal system, and, consequently, decrease of State power and city planning, resulting in stripping public spaces. Tactical Urbanism was conceived in the USA as an alternative to neoliberal urbanismo promoting short-term, local, volunteer, experimental and low-risks actions, with a realistic feedback, that develop social capital (Lyndon, 2012). However, after the initial enthusiasm and analyzing the real implementation of those actions, tactical urbanism becomes a contradictory concept from principle to practice. The importation of the concept to Brazil results in more contradictions because it did not consider different socio economic aspects and informal daily practices similar to tactical actions already practiced in Brazil, creating new niches. This article critically analyzes these contradictions between concept and practice in tactical urbanism. This discussion is important because these actions are the materialization of this contradiction in public space and physical actions diffusion of these debats.
Key-words: Tactical Urbanism; Neoliberal Urbanism; Tactical Actions

## 1.Introdução

O termo urbanismo neoliberal é utilizado para caracterizar as dinâmicas da produção dos espaços nas cidades desde a década de 90. Seu princípio parte do processo de diminuição do poder do Estado, do aumento das privatizações de setores estatais e de desregulamentações, consequências do sistema neoliberal implementado em vários países desde a década 70. Efeito desse processo foi o encolhimento dos planejamentos das cidades pelas municipalidades e uma diminuição dos investimentos nos direitos básicos como moradia e mobilidade. Para essas novas formas de gestão, ocorreu um avanço nas relações políticas e comerciais do neoliberalismo promovendo as chamadas parcerias público-privadas, associações nas quais o governo pode oferecer uma concessão do gerenciamento de algumas áreas, venda de terrenos e construções para o setor privado, assim, o Estado se exime das responsabilidades de provedor de tais direitos e passa a criar meios para o capital privado atuar na construção das cidades (Harvey, 2006). Sinteticamente, no final dos anos 2000, o sistema capitalista neoliberal sofreu uma crise financeira mundial iniciada nos Estados Unidos. Por conta do grande impacto econômico em vários países e, posteriormente, social e político, alguns teóricos formularam possibilidades e novos cenários para essa conjuntura recente. Dentre essas hipóteses, encontra-se o conceito e práticas do Urbanismo Tático.

Primeiramente conceituado e classificado por Lyndon e colaboradores do *The Street Plan Collaborative* em 2011 no catálogo intitulado *"Tactical Urbanism: Short Term Actions, Long Term Change"*, os autores definiram as intervenções táticas como ações voluntárias, experimentais, de impacto local, baixo custo, buscando uma resposta realista e rápida, na qual o capital social seja incentivado. Cidadãos, ONGs, comércios, serviços, outras instituições privadas e a própria governança podem ser incentivadores, financiadores ou promotores dessas ações. (Lyndon et al, 2011). No ano seguinte, os autores lançaram um novo catálogo, volume 2 da série, com a mesma parte teórico-explicativa, porém, com mais ações táticas, 24 no total. Logo, será este segundo a nossa referência ao conceito de Urbanismo Tático e suas respectivas táticas.

Estas, inclusive, podem variar desde fechamentos de ruas para automóveis, possibilitando a uso pelos pedestres e para outros modais, promovendo espaços para danças, apresentações, jogos e brincadeiras; como mobiliários urbanos, Parklets, Pop-up cafés, *chair bombing* (produção de mobiliário urbano com reaproveitamento de materiais) e bicicletários, pinturas diversas nas calçadas, ruas e edificações, food-trucks, quiosques, hortas comunitárias, e até intervenções de maior porte como alterações em esquinas e rotatórias, além de revitalização de terrenos sem uso ou praças. A difusão dessas práticas se deu, de maneira geral, pela facilidade de divulgação das informações pela internet junto a dois movimentos que ganharam força na época, o "*do-it-yourself*" (faça-você-mesmo) e a ideia de "código aberto", segundo Bradley (2015), tornando essas práticas mais democráticas. Estes fatores somados culminaram numa vasta amplitude de ações que podem ser classificadas a partir da definição de Lyndon et al (2012).

Imagem 1 (direita): Fotografia de Parklet na Rua Oscar Freire tirada em 2018. Fonte: Autoria própria.

Imagem 2 (esquerda): Fotografia da Paulista Aberta tirada em 2020. Fonte: Autoria própria.

No Brasil o conceito chegou logo e as ações táticas ganharam notoriedade e se difundiram rapidamente, principalmente em capitais como São Paulo e Rio de Janeiro e dentre as relevantes (e mais comuns) práticas estão os parklets, as ruas abertas e ações ligadas à mobilidade, como a remodelação de esquinas e alargamento de calçadas através de pinturas na rua. Conjuntamente, iniciaram-se trabalhos científicos na área, contudo, a partir de 2018 houve um aumento significativo no número de estudos e, principalmente, publicações, o que fomentou a difusão de tais ações, inclusive promovidas e realizadas por grupos de pesquisa.

Assim, esse artigo tem como objetivo analisar criticamente as contradições entre conceito e práticas nomeadas como Urbanismo Tático a partir de autores brasileiros e da bibliografia base internacional sobre a temática, para tanto, utilizamos de parte dos resultados da revisão sistemática realizada durante o mestrado em que a pesquisadora se encontra.

## 2.Desenvolvimento

### 2.1. Conceituações e debate sobre o UT

Um dos pontos de debate é o fato de existir uma vastidão de ações táticas dentro do próprio catálogo de Lyndon et al (20012), tornando comum que várias intervenções locais e de baixo custo sejam classificadas como ações táticas sem o serem de fato, pois, utilizam-se de parte das características do Urbanismo Tático, e não do todo correspondente ao conceito e a uma classificação adequada. Outro ponto associado é que, ao mesmo tempo em que a relação com o contexto local é uma premissa do Urbanismo Tático, a replicação de ações padronizadas são largamente difundidas, como no caso dos *food-trucks* ou parklets; há um padrão de implantação e design replicados em várias cidades do mundo, culminando em uma fácil incorporação ao urbanismo neoliberal, como ocorrido.

Compreendendo algumas dessas contradições do conceito, Brenner (2015) faz uma crítica ao Urbanismo Tático à partir do catálogo da exposição *Uneven Growth: Tactical Urbanisms for Expanding Megacities*. O autor não classifica o movimento como democrático além de elucidar os limites das ações táticas, uma vez que, ao contrário do preconizado, não entram em atrito com o sistema, muito menos com o modo de produção neoliberal. Prossegue sua crítica questionando o Urbanismo Tático por não ser fiel aos seus próprios ideais e caracterizando sua relação com o urbanismo neoliberal de cinco formas: (1) ao reforçar as falhas do sistema neoliberal, ou ao internalizar essas falhas (2), ao projetar táticas neutras (3), ou implementar outras com caráter subversivo (4), e, muitas vezes, ao atuar sem planejamento, ao acaso (Brenner, 2015). É nítido o foco da crítica de Brenner no modelo político-econômico e na falta de resposta do Urbanismo Tático às dinâmicas desse mesmo modelo.

Por outro lado, outros(as) pensadores(as) vão contrapor Brenner no sentido de que o Urbanismo Tático não se propõe a resolver grandes problemáticas urbanas, e sim, questões locais, principalmente, fomentando o capital social, ou seja, para população compreender seu papel de cidadão ativo politicamente, bem como das formas de participar das decisões públicas e governamentais. Portanto, questões de infraestrutura e moradia não estariam no escopo das ações táticas. Tal argumentação é reforçada pela junção entre o micro e o macro planejamento, tão defendida por vários(as) autores(as) e pelo próprio catálogo de Lyndon et al (2012).

> "Como apontado pelos proponentes do urbanismo tático DIY, essas intervenções espaciais de autoconstrução temporárias e com baixo orçamento não podem, entretanto, substituir os investimentos e planejamentos públicos (ou dos comuns) de longo prazo. Elas deveriam ser vistas como propostas experimentais que podem ser apreendidas pelos planejamentos formais de longo prazo. Através do urbanismo tático e do comum urbano temporário, pode-se testar e exemplificar quanto o planejamento institucionalizado e democraticamente responsável poderia ser renovado e desenvolvido." (BRADLEY, 2015, p.103, tradução nossa)

## 2.2. Recepção do UT no Brasil

Simultaneamente, em 2011 no Brasil, Marcos Rosa publicou o livro "Micro Planejamento: práticas urbanas criativas", no qual reúne uma série de ações micro na mancha urbana de São Paulo e cidades vizinhas. Sendo concomitante à Lyndon et al (2011), a catalogação de Rosa difere-se em alguns critérios, porém, parte-se do mesmo princípio, ações rápidas, de baixo custo, promovidas pela população local, destacando-se a revitalização de espaços públicos. Vários autores(as) complementam a parte teórica do livro discutindo a relação das cidades com essas intervenções por diferentes perspectivas, como Paola Jacques e Saskia Sassen, tornando-se uma referência para a academia brasileira. Percebe-se que o movimento de formalizar ações informais tornou-se uma constante, tanto nacional, como internacionalmente, tendo em vista a quantidade de pensadores (as) não só abordando a temática, mas criando categorias e modos de fazer e usar para esses tipos de ações.

É necessário destacar alguns acontecimentos que endossaram a importação das ações táticas para o Brasil. Primeiramente, os protestos de 2013 retomaram as manifestações de rua, possibilitando novos olhares para a cidade, além de reavivar o papel de cidadão. Assim, em conjunto com um governo de esquerda (Dilma como presidente e Fernando Haddad como prefeito da cidade de São Paulo), formou-se um contexto favorável para as ações táticas se instalarem e difundirem. Em particular, na cidade de São Paulo, dois eventos tiveram relevância, o Design Weekend e a X Bienal de Arquitetura, em 2013. O primeiro buscou conectar o design às disciplinas de arquitetura e urbanismo, trazendo a ocupação dos espaços na cidade como ponto fundamental do evento. A Bienal teve como grande mote "Cidade: modos de fazer, modos de usar" trazendo discussões desde a escala de macro planejamentos, quanto de pequenas intervenções locais; sua principal questão foi a mobilidade. No ano seguinte, foi aprovado o Plano Diretor Estratégico para a Cidade de São Paulo, no qual fomentaram-se a instalação de ações táticas, como o Centro Aberto, os parklets, as Ruas Abertas e a implementação de várias ciclovias e ciclofaixas.

A disseminação das táticas no Brasil foi rápida e logo se iniciaram várias pesquisas sobre a temática, como as realizadas por Sansão-Fontes (2012), Hori (2016), Nogueira (2017) e Maziviero e Almeida (2017), além de muitos trabalhos de conclusão de curso, iniciações científicas, workshops e cursos. Contudo, uma análise crítica sobre as importações de Urbanismo Tático como um todo, desde o conceito, táticas, impactos para outros países ainda está por ser feita.

O Brasil, como a América Latina, apresenta uma realidade de economia informal na qual quiosques, vendedores ambulantes, trailers de comida, entre outras formas alternativas de venda, já faziam parte do cenário cotidiano, contudo, com o Urbanismo Tático um novo nicho, que trás esses mesmos elementos de uma forma "gourmetizada" e "vintage", agregando valor através do design, é formalmente aceita, tanto como objeto em si, como no discurso e conceitos apresentados pela academia. Não raro exclui-se o que já era tradicional e comum na conjuntura nacional, pois, ainda há uma segregação entre o trailer de comida e o *food-truck*, por exemplo, sendo ambos não se encontram nos

mesmos lugares da cidade, não possuem o mesmo público e um é considerado Urbanismo Tático e o outro trabalho informal (Felizardo, 2018).

> "O que Lyndon et al. (2015) falhou foi em não prever a atratividade do urbanismo tático como um meio barato de organização de lugares para atores corporativos, e sua longa tradição de ser ignorada e até criminalizada quando assumida por moradores marginalizados que desenvolveram tradições de urbanismo informal." (BERGLUND, 2018, p.32, tradução nossa)

## 2.3. Desdobramentos da pesquisa e análises

A base teórica sobre o Urbanismo Tático foi definida através de revisão bibliográfica sobre a temática e, posteriormente, buscando entender como o conceito de Urbanismo Tático se desenvolveu e foi pautado na academia brasileira. Com esse objetivo, foi realizada uma revisão sistemática, ou seja uma "revisão planejada para responder uma pergunta específica e que utiliza métodos explícitos e sistemáticos para identificar, selecionar e avaliar criticamente os estudos, e para coletar e analisar os dados destes estudos incluídos na revisão." (BOTELHO; MACEDO; FIADO, 2010, p3).

Em um primeiro momento, foram identificados 329 títulos nas bases de dados Scopus, Scielo, Google Acadêmico e Web of Science, respondendo à pergunta "Como o Urbanismo Tático é abordado no Brasil?". Foram pré-definidos os seguintes critérios de inclusão na primeira etapa de seleção, (1) Urbanismo Tático no título, resumo ou palavras-chave, (2) a partir da leitura do resumo ficou clara a relação com a pergunta; e exclusão: (1) não tínhamos acesso ao texto completo, (2) textos fora da área de Arquitetura e Urbanismo, (3) textos em outras línguas além do inglês e português, (4) a partir da leitura do resumo ficou claro que não tinha relação com a pergunta e (5) textos que não tinham nenhuma conceituação de Urbanismo Tático. A partir desses critérios, foram eleitos 51 textos para leitura completa, dos quais 22 artigos foram incorporados neste estudo. Nesse primeiro recorte de análise, as teses, dissertações e livros não foram considerados.

A partir da leitura dos artigos foi possível reconhecer alguns padrões e diferenças entre os mesmos, além de questões individuais de cada texto significativas para o panorama do conceito no Brasil. Paralelamente, iniciamos uma pré-categorização dos artigos considerando os pontos mais relevantes para guiar as análises, são eles: linha argumentativa do texto, escala de mais ou menos favorável aos preceitos do Urbanismo Tático; se é um estudo de caso ou um debate sobre a temática; quais táticas urbanas são abordadas; qual a região geográfica do(a)(s) autor(a)(s) e das táticas; e as referências gerais e específicas, nacionais e internacionais. Assim, um panorama sobre o debate do Urbanismo Tático no Brasil pode ser delineado, segundo as análises previamente elucidadas.

Primeiramente, há uma predominância de estudos de caso com táticas produzidas nas próprias localidades dos(as) pesquisadores(as), inclusive, muitas são fruto do próprio grupo de pesquisa no qual estão inseridos, como no caso do LabIT na UFRJ. Ações ligadas à mobilidade foram as táticas mais tratadas nos artigos. Parte trouxe os parklets e Park(ing) Day (em um dia do ano, loca-se uma vaga de estacionamento para ações recreativas e de lazer), outras as ciclovias e ciclofaixas, mas todas abordaram a relação dos pedestres com a rua. Essa questão é significativa, pois, a infraestrutura viária é, normalmente, tratada como ação macro de planejamento urbano e, portanto, de responsabilidade da municipalidade, contudo, todos os estudos nessa área mostram que apenas esse modo de planejamento não é suficiente para os problemas identificados como a priorização dos automóveis e esquecimento dos outros modais, levando muitos(as) teóricos(as) a abordarem o vínculo entre o macro e micro planejamento como essenciais e complementares, como já mencionado.

Dos 23 artigos, apenas 8 possuem uma abordagem de debate sobre a temática do Urbanismo Tático, enquanto a maioria usa-se do aporte teórico para apresentar e desenvolver um estudo de caso. Contudo, mesmo os textos teóricos apresentam uma abordagem favorável às táticas urbanas, relatando pouca ou nenhuma crítica ao modelo e/ou conceito do Urbanismo Tático, mesmo quando Brenner - um dos mais reconhecidos críticos do modelo - é citado. Curiosamente, os trechos selecionados dos textos críticos do autor, são escolhidos de modo a se encaixarem em prol das táticas urbanas e das próprias argumentações apresentadas nos mesmos, tornando o debate sobre o tema mais

contraditório do que já se apresenta, dado que o texto de Brenner é notoriamente analítico e divergente das proposições de Urbanismo Tático.

Há um grande distanciamento do fazer Urbanismo Tático em relação ao conceito e à crítica acadêmica. Primeiro, em função da já comentada vastidão de ações táticas e promotores das mesmas, muitas intervenções são consideradas como táticas, sem o serem de fato. Parte disso vem da divulgação em massa das ações, promovidas e incentivadas pelos promotores do Urbanismo Tático (como Lyndon et al.), sem a correspondente difusão do impacto dessas práticas. Outra parte decorre da própria academia em não analisar criticamente os resultados das intervenções e focar nos projetos, desenvolvimento dos mesmos e no impacto temporal imediato, e não ao longo prazo. Reforçamos que esse movimento do fazer é importante, principalmente porque em todas as ações com real engajamento da população (e não participação simbólica), há uma resposta direta ao capital social e, para nós, esse é o grande trunfo do Urbanismo Tático; contudo, a crítica precisa se expandir além do fazer, pois, como temos demonstrado, vão além do projeto em si.

Outro ponto relacionado, é o de cada autor(a) criar e/ou moldar o conceito de Urbanismo Tático às suas próprias intervenções ou objetos de estudo, esse movimento fragmenta o conceito inicial, e muitas vezes, se distancia do mesmo. Exemplo disso, visível no diagrama a seguir, é o fato de muitos artigos não citarem nenhum dos volumes de Lyndon et al. (2012 e 2015), partindo de proposições nacionais do conceito ou de releituras do mesmo. Embora estando em grande parte das citações, não corresponde à metade das publicações. Como mencionado anteriormente, a adaptação ao contexto de cada país, e principalmente, de cada região é necessária entretanto, não é o caso desses(as) autores(as), pois se utilizam das mesmas ações táticas com seus respectivos modos de projetar, pensar e fazer do conceito original, como no excerto a seguir, no qual define-se o que são “ações temporárias”.

> “Tais intervenções, além da transitoriedade, caracterizam-se pela pequena escala; contém alguma subversão do espaço, relacionada ao uso ou às normas vigentes, buscam interagir com o cidadão e

> ativar o espaço, colocando-o em movimento; envolvem a participação cidadã; estimulam as relações sociais; e em geral são motivadas por situações particulares. (Sansão-Fontes 2013)" (Sansão-Fontes, Fabião, 2016, p.)

Abaixo apresentamos um diagrama de Sankey com os 22 textos considerados, a sua posição relativa ao tema e as principais referências, anto internacionais como nacionais, por eles utilizadas para embasar sua argumentação. Dividimos a argumentação em 3 categorias: (1) "Argumentação a favor do UT, sem ressalvas", quando o texto não tem um posicionamento crítico em relação ao Urbanismo Tático; (2) "Argumentação a favor do UT, com ressalvas", o texto faz algumas ponderações sobre o Urbanismo Tático, mas sem um posicionamento contrário e (3) "Argumentação neutra", para apenas um texto, no qual, não há juízo de valor referente ao conceito.

Uma análise é tocante aos autores internacionais. Nas 3 linhas de argumentação há uma predominância das leituras de Lyndon et al. 2012, Lyndon e Garcia 2015, Brenner 2016 e Gehl 2013, reforçando esses títulos como uma bibliografia base sobre a temática, muito embora a avaliação crítica desses textos difira razoavelmente nas linhas de argumentação. Desses 4 textos, 2 (Lyndon et al. 2012 e Gehl 2013) são basicamente manuais de intervenções faça-você-mesmo nas cidades, ainda que Gehl (2013) não se proponha a discorrer sobre ações táticas e nem as mencione. Há uma predominância de Rosa 2013, Maziviero 2016 e vários de Sansão-Fontes, conformando o foco da produção nacional.

Relacionado a isso, é perceptível também pelo diagrama a quantidade de autores que produziram mais de um texto, principalmente nacionais. Dessa forma, podemos analisar o fato por algumas diretrizes. Como já citado, há uma concentração de publicações dos próprios grupos de pesquisa tendo em vista que algumas universidades se tornaram pólo de estudos, além da própria produção e disseminação do Urbanismo Tático no país; assim, uma conclusão plausível é da própria divulgação dessas ações como fomentam as próprias diretrizes de Lyndon et al (2012) sobre o fazer tático, inclusive, reiterado pela quase unanimidade dos artigos nacionais em publicar estudos de

caso e projetos, já abordado nesse texto. Por outro lado, essa centralização pode inibir autocríticas e novas perspectivas, fazendo o assunto se fechar nele próprio.

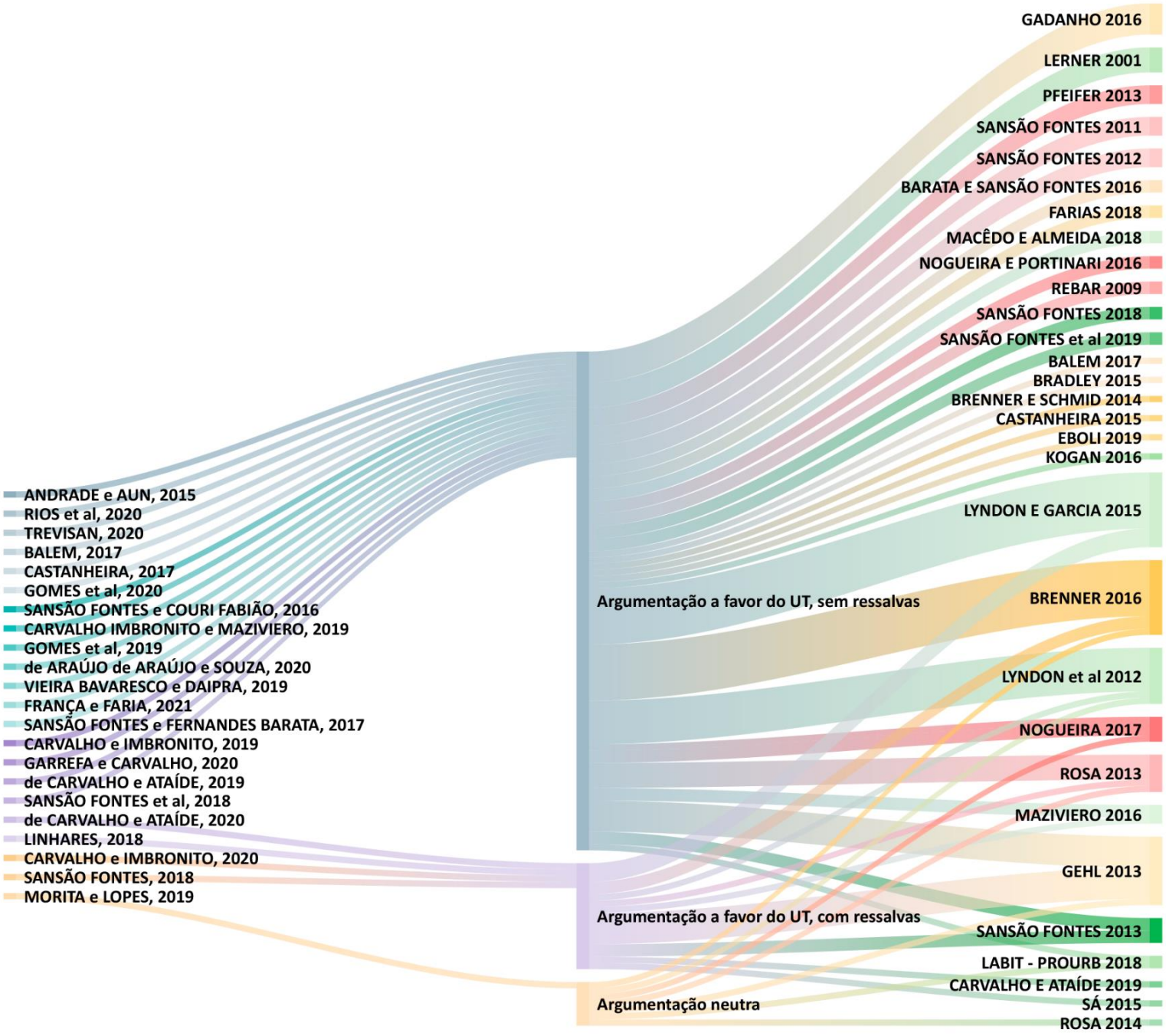



Imagem 3: Diagrama de Sankey do posicionamento dos textos e a relação das referências nacionais e internacionais de Urbanismo Tático (UT) utilizadas quantitativamente. Fonte: Autoria própria.

## 3. Considerações finais e Conclusão

É notável que desde sua concepção o conceito de Urbanismo Tático possui discrepâncias. Em parte por promover a unificação, formalização e divulgação de ações espontâneas e cotidianas - diferentes entre si em forma, função e contexto - em uma mesma conjuntura, elaboração e produção. Sua disseminação e popularidade são consequências da crise financeira mundial, do espraiamento de ações DIY pela internet, e de outros fatores já mencionados, somada à uma conjuntura na qual valorizava os movimentos *hipsters* e *vintage*, portanto, observa-se um apelo através do design dessas ações voltado à esse nicho.

Dado o rápido espraiamento das ações táticas no Brasil, principalmente nas capitais, e da sua ampla divulgação no âmbito acadêmico, muitas vezes sugerindo a divulgação dessas práticas, falta no Brasil uma análise crítica do fenômeno, principalmente da sua importação, tanto no debate e disseminação das práticas, quanto na Academia. Levar em conta os diferentes cenários sociais, econômicos e financeiros, é a base para compreender os limites do que é o Urbanismo Tático no Brasil quando comparado aos propalados por autores estrangeiros como Lyndon et al (2012). Sobretudo ao considerar o trabalho informal uma prática recorrente no nosso cenário cotidiano, como mencionado.

Quando há, a crítica nacional se restringe ao processo de gentrificação gerado pelas ações táticas, contudo é necessário ir além dessa argumentação. Primeiramente, é importante analisar o impacto a longo prazo das ações táticas para avaliar a veracidade dessa afirmação, uma vez que, para se constatar esse processo há a necessidade do acompanhamento do transcurso do período de alguns anos, procedimento não realizado em nenhum dos artigos avaliados. Temos observado, contudo iniciativas, que, por serem promovidas pela classe criativa, normalmente branca e endinheirada, e financiadas por grandes marcas e instituições, já são produzidas em locais com processo de gentrificação corrente, não sendo sua principal causa, mas parte integrante dela. Por outro lado, as ações em regiões carentes de infraestrutura e lazer visam suprir essas demandas de base, portanto, sem potencialidade e proporcionalidade para promoverem gentrificação.

Entendemos que o capital social como ferramenta de inclusão a processos democráticos é importante para a população exercer o papel de cidadãos ativos na sociedade, e em algumas publicações sobre projetos implementados de Urbanismo Tático esse lado é confirmado, contudo precisamos ser criteriosos com todo o contexto. Várias ações táticas são idealizadas e promovidas independentemente da população local ou de qualquer instância social; outras se dizem participativas, mas são apenas consultivas sobre a opinião da comunidade, ficando fora dos demais processos de construção e implementação. Essa brecha já se encontra no próprio conceito de Urbanismo Tático, uma vez que adota como promotores de ações táticas qualquer pessoa ou entidade (privada ou pública), sem a qualificação dos seus modos de participação. Assim, o caráter participativo e de formação do capital social parece ser um campo ainda a ser explorado em profundidade, caso a caso, em relação às práticas de Urbanismo Tático.

Por fim, o movimento de formação de um debate e a constituição de práticas de Urbanismo Tático apropriados ao contexto brasileiro são importantes, tendo em vista as especificidades econômicas, sociais e culturais aqui mencionadas. Não só utilizar-se do conceito de Lyndon et al., mas recolocá-lo criticamente à nossa realidade, assim como em relação às críticas de suas vinculações ao urbanismo neoliberal. Talvez quem mais se aproximou dessa iniciativa foi Marcos Rosa quando seleciona intervenções, primordialmente, de cunho social, sem visar o lucro ou ser uma propaganda de uma marca/empresa, em locais de baixo investimento municipal. No entanto, acompanhar esse movimento ao longo do tempo é primordial para entender o processo e a situação atual dos conceitos e práticas de Urbanismo Tático no Brasil.

## 4.Referências

- ANDRADE, L; AUN, E., 2015. O avesso de Brasília ao avesso: táticas para intervenções no Conic. *In*: Congresso Internacional de Espaços Públicos, 1, 2015, Porto Alegre. **Anais […]**, 2015.

- BALEM, T, 2017. Microurbanismo Efêmero: Entre Táticas de Construir e Revelar a Cidade. *In*: Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional, 17, São Paulo, 2017. **Anais […]**, 2017.

- BERGLUNG, L., 2018. Excluded by design: informality versus tactical urbanism in the redevelopment of Detroit neighborhoods. **Journal of Cultural Geography**.

- BRADLEY, K., 2015. Open-Source Urbanism: Creating, Multiplying and Managing Urban Commons. **Footprint: Commoning as Differentiated Publicness**. p. 91-108. Disponível em: < https://journals.library.tudelft.nl/index.php/footprint/article/view/901/1065>. Acesso em 09/03/2022.

- BRENNER, N., 2015**. Is "Tactical Urbanism" an Alternative to Neoliberal Urbanism?**. Nova Iorque, Post. Disponível em: < http://post.at.moma.org/content_items/587-is-tactical-urbanism-an-alternative-to-neoliberal-urbanism>. Acesso em 09/03/2022.

- BRENNER, N.; PECK, J.; THEODORE, N., 2012. Após a Neoliberalização?. **Caderno Metrópoles**, v.14, n.27, p. 15-39.

- CARVALHO, L. K.; IMBRONITO M. I.; MAZIVEIRO, M. C., 2019. Resistências urbanas a ação tática como insurgência e sua presença no território periférico de São Paulo. **Revista Nacional de Gerenciamento das Cidades**, v. 07, n.46, 2019.

- CARVALHO, L. K.; IMBRONITO, M. I., 2019. A ação coletiva como instrumento de transformação urbana e sua presença no território periférico de São Paulo. *In:* Simpósio Nacional de Gestão e Engenharia Urbana: SINGEURB, 2, 2019, São Paulo. **Anais [...].** Porto Alegre: ANTAC, 2019.

- CARVALHO, L. K.; IMBRUNITO, M. I., 2019. Resistências urbanas e sua conjunção em rede. **Revista Políticas Públicas & Cidades**, vol.9, n.3, p.13-27.

- CARVALHO, M. C. R. de; ATAIDE, R. M. da C., 2020. Cartografias Temporárias Da Cidade De Natal-RN. *In*: Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, 6, 2020, Brasília. **Anais** [...], 2020.

- CASTANHEIRA, E. B., 2017.Cidade: Apropriação e Micro Intervenções. *In*: A Língua que Habitamos: Seminário Internacional – AEAULP, 4, 2017, Belo Horizonte. **Anais [...] Volume 5: A Cidade Construída e a Cidade Sonhada**. Belo Horizonte. Disponível em: > http://aeaulp.com/alinguaquehabitamos/index.php/pt/publicacao>. Acesso em 09/03/2022.

- CRUZ, S. S., & PAULINO, S. R. (2019). Desafios da mobilidade ativa na perspectiva dos serviços públicos: experiências na cidade de São Paulo. urbe. **Revista Brasileira de Gestão Urbana**, v. 11, e20190026. https://doi.org/10.1590/2175-3369.011.e20190026

- DE ARAUJO, E. C.; DE ARAÚJO, J. T.; DE SOUZA K. M., Cidades e Crise Urbana Iminente: Reflexões acerca de sociabilidades e Políticas Públicas no Período Pós-Quarentena nas Cidades Brasileiras. *In*: Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, 6, 2020, Brasília. **Anais** [...], 2020.

- DE CARVALHO M. C. R.; ATAIDE, R. M. da C., 2019. Movimentos de Resistência e Cultura na Cidade de Natal-RN: A Criação dos Lugares a Partir das Intervenções Temporárias. In: Simpósio Nacional de Geografia Urbana – SIMPURB, 16, 2019, Vitória. **Anais [...] GT-10: Práticas culturais na produção da cidade.** Vitória, 2019.

- FELIZARDO, A. C. M. D., 2018. **Os Parklets na Cidade de São Paulo – Projetos e Apropriações**. Disponível em: < https://www.researchgate.net/publication/332848864_Os_Parklets_na_Cidade_de_Sao_Paulo_-_Projetos_e_Apropriacoes>. Acesso em 09/03/2022.

- FRANÇA, T. N. F. L.; FARIA, T. C. de A., 2021. COVID-19 e Urbanismo Tático novas possibilidades de uso do espaço público em tempos de pandemia. *In*: Congresso Latino-americado de Desenvolvimento Sustentável. **Anais […]**. 2021.

- GARREFA, F.; CARVALHO, F. F., 2020. Três conceitos para o aumento na segurança viária de pedestres e ciclistas: urbanismo tático, ruas completes e ruas seguras. **Revista Latino-americana de Ambiente Construído e Sustentabilidade**, v.1, n.1, 2020.

- GOMES, J. D. *et al*., 2019. Urbanismo tático em discussão para o desenvolvimento urbano. **Research, Society and Development**, v.9, n.2., 2019.

- GOMES, J. D. *et al*., 2020. A cidade cinética: transições e transformações por meio do urbanismo efêmero e o direito à cidade. **Revista de Arquitetura e Urbanismo do PROARQ (Online)**, Rio de Janeiro, n.35, p.12-27, 2020.

- HARVEY, D., 2006. **A produção capitalista do Espaço**. São Paulo.

- HORI, ., 2016. **Os Coletivos Urbanos da cidade de São Paulo: ações e reações.** São Paulo.

- LINHARES, M. S., 2018. **Intervenções Táticas Cicloviárias: A utilização da bicicleta como modal de transporte na cidade de João Pessoa.** UFPB

- LYNDON, M. et al. 2012 **Tactical Urbanism: Short Term Actions, Long Term Change.** Vol.2. - Disponível em:< https://issuu.com/streetplanscollaborative/docs/tactical_urbanism_vol_2_final >. Acesso em 09/03/2022.

- LYNDON, M. et al., 2011. **Tactical Urbanism: Short Term Actions, Long Term Change. Vol. 1**. Disponível em: <https://issuu.com/streetplanscollaborative/docs/tactical_urbanism_vol.1>. Acesso em 09/03/2022.

- MAZIVEIRO, C; DE ALMEIDA, E., 2017. **Urbanismo Insurgente: ações recentes de coletivos urbanos ressignificando o espaço público na cidade de São Paulo.** XVII ENANPUR. São Paulo. Disponível em: < http://anpur.org.br/xviienanpur/principal/publicacoes/XVII.ENANPUR_Anais/ST_Sessoes_Tematicas/ST%206/ST%206.1/ST%206.1-04.pdf>. Acesso em 09/03/2022.

- MOMA. **Uneven Growth: Tactical Urbanisms for Expanding Megacities.** The Museum of Modern Art, New York, 2014. Disponível em: <http://www.moma.org/momaorg/shared/pdfs/docs/publication_pdf/3209/MoMA_UnevenGrowth_PREVIEW.pdf >. Acesso em 09/03/2022.

- MORITA, C. A. M.; LOPES, R. S., 2019. Caminhos para uma apropriação em arquitetura. Possibilidades de resistência e ruptura face ao capitalismo neoliberal. **Risco Revista de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo (Online)**, 17(2), 114-128. https://doi.org/10.11606/issn.1984-4506.v17i2p114-128.

- NOGUEIRA, P. C. E., 2017. **Urbanismo tático e a cidade neoliberal: corpo e política na poética do coletivo Opavivará!** Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Rio de Janeiro.

- RIOS, A. L .S. et al., 2020. Acupuntura Urbana na Comunidade Serviluz, em Fortaleza-CE: Biofilia, Conectividade e Bem-estar. *In*: Congresso Internacional de Espaços Públicos, 1, 2015, Porto Alegre. **Anais […]**, 2015.

- ROSA, Marcos L., 2011. **Micro Planejamento: práticas urbanas criativas.** São Paulo, Editora de Cultura.

- SANSÃ-FONTES, A., 2018. Intervenções temporárias e marcas permanentes na cidade contemporânea. ***Arquitetura Revista,*** *8*(1), 31–48. https://doi.org/10.4013/arq.2012.81.05. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/arquitetura/article/view/arq.2012.81.05> . Acesso em 09/03/2022.

- SANSÃO-FONTES, A. *et al*., 2018. Táticas cidadãs para ativação de áreas subutilizadas: o caso das hortas comunitárias do Rio de Janeiro. **Revista arq.urb (Online),** São Paulo, n.23, p. 147-168, set./dez. 2018.

- SANSÃO-FONTES, A.; COURI-FABIÃO, A., 2016. Além do público/privado. Intervenções temporárias e criação de espaços coletivos no Rio de Janeiro. **Revista de Arquitectura**, Bogotá, v.18, n.2, p.27-39, jul./dec.2016.

- SANSÃO-FONTES, A.; FERNANDES-BARATA, A., 2017. Urbanismo Tático e Sustentabilidade: Experiências Táticas no Fomento ao Transporte Ativo. *In*: Conferência Latino-Americana e Europeia sobre Edificações e Comunidades Sustentáveis: Euro-ELECS, São Leopoldo, 2017. **Anais […]**. 2017.

- TREVISAN, E, 2020. Ruas de Estar: Projetos de Zona 30 em Belo Horizonte. *In*: Seminário Internacional de Investigação em Urbanismo, 12, 2020, São Paulo, Lisboa. **Anais […]**, 2020.

- VIEIRA, M. F. P.; BAVARESCO, P.R.; DAIPRAIL. , 2019. Intervenções Táticas no Espaço Urbano. **Research, Society and Development**, v.8, n.5, 2019.

# ST02

## Espaço Público: Práticas Culturais e Formas de Apropriação

## Espace Public: Pratiques culturelles et formes d’appropriation

Coordenação: Anne Latendresse (UQAM), Laila Nazen Mourad (UCSal), Jorge Bassani (FAUUSP), Paola Berenstein (UFBA)

**Num contexto de ultraliberalismo, as reconfigurações econômicas, sociais, culturais e urbanas em curso no país constituem-se como desafios para as práticas culturais e as forma de apropriação dos espaços públicos urbanos. Esta sessão pretende discutir e analisar as práticas socioculturais, identitárias e espaciais contemporâneas. Pretende-se avançar no debate sobre as tensões sociais manifestas no espaço público tanto no âmbito do exercício de identidades coletivas quanto nas projeções acerca do mundo em comum.**

Temas: Práticas socioculturais e espaços públicos; narrativas sociais e periferias; figurações culturais e formas de apropriação do espaço público; espaço público e mobilização política; assimetrias sociais e produção cultural; crítica estética e análise social; experiência coletiva e imaginário político; espaço público, ativismo e dissenso; ação cultural, visibilidade e legitimação social; práticas espaciais e resistência.

**Dans un contexte d'ultralibéralisme, les reconfigurations économiques, sociales, culturelles et urbaines en cours dans le pays constituent des défis aux pratiques culturelles et à l'appropriation des espaces publics urbains. Cette session vise à discuter et à analyser les pratiques socioculturelles, identitaires et spatiales contemporaines. Il vise à faire avancer le débat sur les tensions sociales qui se manifestent dans l'espace public tant dans l'exercice des identités collectives que dans les projections sur le monde en commun.**

Thèmes : pratiques socioculturelles et espaces publics ; récits sociaux et périphéries ; figurations culturelles et formes d'appropriation de l'espace public ; espace public et mobilisation politique ; asymétries sociales et production culturelle ; critique esthétique et analyse sociale ; expérience collective et imagination politique ; espace public, activisme et dissension ; action culturelle, visibilité et légitimité sociale ; pratiques spatiales et résistance.

# VIVENCES URBAINES DES JEUNES NOIRES DE LA PERIFÈRIE DE SÃO JOÃO DEL-REI – MG

VIVÊNCIAS URBANAS DE JOVENS NEGROS DA PERIFERIA DE SÃO JOÃO DEL-REI – MG

**Daniel Victor Gouveia LAGE**
*Arquiteto e urbanista pela Universidade Federal de São João del-Rei.*

**Daniela Abritta COTA**
*Doutora em Geografia pela UFMG, Professora do curso de Graduação em Arquitetura e Urbanismo e do curso de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal de São João del-Rei. Laboratório de Arquitetura e Urbanismo Social (LAUS) e Observatório Urbano de São João del-Rei, MG.*

**Resumo:**
Este trabalho tem como objetivo refletir sobre a vivência urbana de jovens negros periféricos no espaço público de São João del-Rei, MG. Analisando os dados disponíveis (BRASIL, 2017; CERQUEIRA *et al*, 2018), percebe-se claramente, a vulnerabilidade social em que se encontra a juventude negra brasileira. Contribui para este cenário lamentável o Racismo Estrutural (ALMEIDA, 2018) que coloca negros em situações de desvantagem em relação aos sujeitos não-negros. Assim, este trabalho revela que as desigualdades sociais existentes no espaço urbano estão também relacionadas às desigualdades raciais.
Busca-se, por meio da aplicação de entrevistas e questionários focados na análise da percepção que esses jovens negros têm com relação à cidade, evidenciar que a vivência urbana e a forma de apropriação do espaço público é bastante restrita e,na maioria das vezes, violenta, tanto nos bairros periféricos onde moram, quanto nas áreas centrais da cidade. A partir disso, buscaremos refletir sobre alternativas no campo das políticas públicas e do planejamento urbano que possam minimizar essas disparidades e contribuir para a efetivação do "direito à cidade" (LEFEBVRE, 2001) para esses indivíduos.

**Palavras-chave:** vivência urbana, juventude negra, São João del-Rei – MG

**Résumé:**
L´ objectif de ce travail c´est réfléchir sur l´expérience urbaine des jeunes noires de la périphérie de São João del-Rei. MG, en analysant les données disponibles (BRASIL, 2017 ; CERQUEIRA et al, 2018) on apprécie clairement la vulnérabilité sociale dans laquelle se trouve la jeunesse noire brésilienne. Il contribue pour ce malheureux scénario le Racisme Structurel (ALMEIDA, 2018) qu'il place les noirs dans des situations de désavantage par rapport aux sujets no-noirs. Donc, ce travail révèle que les inégalités sociales existant dans l'espace urbain elles sont également liés aux inégalités raciales.
On recherche à travers de l´application d´entretiens et questionnaires concentré axe sur l´analyse de la perception que ceux jeunes noires ont en relation à la cité, montrer que l´expérience urbaine et la forme d´appropriation de l´espace public est assez restreint et, la plupart des cas, violente, au tant dans les quartiers périphériquesoù habitent- ils, comme dans les zones centrales de la cité. En partant de ça, ont chercheront à réfléchir sur les alternatives dans le domaine des politiques publiques et l'urbanismequi peuvent minimiser ces disparités et contribuer à l´efficace au « droit à la ville » (LEFEBVRE, 2001) pour ces gens.

**Mots-clés:** experience urbain, jeunesse noire, São João del-Rei – MG

## YOUNG BLACK PEOPLE'S URBAN EXPERIENCES FROM THE OUTSKIRTS OF SÃO JOÃO DEL-REI – MG

**Abstract:**
This work aims to reflect on the urban experience of young peripheral black people in the public space of São João del-Rei, MG. Analyzing the available data (BRASIL, 2017; CERQUEIRA et al, 2018), the social vulnerability of Brazilian black youth is clearly perceived. Structural Racism (ALMEIDA, 2018) contributes to this unfortunate scenario, which places black young at a disadvantage compared to non-black subjects. Thus, this work reveals that the social inequalities that exist in urban space are also related to racial inequalities.
We seek to evidence, through the application of interviews and questionnaires focused on the analysis of the perception that these young black people have about the city, that urban experience and the form of appropriation of the public space is very restricted and, in most cases, violent, both in the peripheral neighborhoods where they live and in the central areas of the city. From this, we will seek to reflect on alternatives in the field of public policies and urban planning that can minimize these disparities and contribute to the realization of the "right to the city" (LEFEBVRE, 2001) for these individuals.

**Key words:** urban experience, black youth, São João del-Rei – MG

## 1. INTRODUÇÃO: O "DIREITO À CIDADE" DE LEFEBVRE E A PERDA DE SEU CARÁTER ORIGINAL

Segundo Rolnik (1995) a cidade é uma obra social coletiva. Porém, sabemos que nem todos têm acesso a ela na sua integridade. Neste contexto, o conceito de "direito à cidade", estabelecido por Lefebvre (2001) vem permeando as discussões recentes sobre o planejamento urbano e busca o usufruto igualitário de todos os recursos existentes na cidade. Para o autor:

> "O direito à cidade se manifesta como forma superior dos direitos: direito à liberdade, à individualização na socialização, ao habitat e ao habitar. O direito à obra (atividade participante) e o direito à apropriação (bem distinto do direito à propriedade) estão implicados no direito à cidade" (LEFEBVRE, 2001, p. 134).

E ainda: "a vida urbana pressupõe encontros, confrontos das diferenças, conhecimentos e reconhecimentos recíprocos (inclusive no confronto ideológico e político) dos modos de viver, dos 'padrões' que coexistem na cidade" (LEFEBVRE, 2001, p. 22), ou seja, ela se fundamenta na diversidade e na coexistência dos diferentes grupos que nela residem.

Para Lefebvre (2001, p. 23), a cidade perdeu sua característica de integração e convivência social no espaço urbano. Ao adquirir um caráter capitalista, a cidade intensificou o "valor de troca" e se tornou um espaço de exploração e segregação. Neste sentido, o "direito à cidade" só seria possível em outro modelo de sociedade, de caráter anticapitalista, onde prevaleceria o "valor de uso", e não o "valor de troca".

De acordo com a Carta Mundial pelo Direito à Cidade (2006, p. 1), estamos vivendo em um constante processo de urbanização em uma escala global nas últimas décadas; na qual essa taxa tende a crescer ainda mais nos próximos anos. Para Sanches, Sobreira e Araujo Junior (2017, p. 5), conforme cresce o número de pessoas residentes nas cidades, o número de conflitos sociais urbanos também aumenta, pois é no espaço urbano onde as desigualdades na distribuição de renda, de oportunidades, de poder político, de acessos aos bens e serviços públicos em geral, vão se tornar mais evidentes. Por isso, segundo os autores (2017, p. 6), a questão urbana se tornou uma temática bastante discutida internacionalmente, fazendo com que o conceito de "direito à cidade" fosse incorporado em alguns documentos internacionais, tornando-o um fundamento jurídico.

Isso também se refletiu no Brasil. A Constituição de 1988 incorporou em seu texto o princípio da função social da propriedade e dedicou um capítulo inédito sobre a política de desenvolvimento urbano, responsabilizando o poder público municipal na elaboração do Plano Diretor, lei que determinaria diretrizes gerais para o desenvolvimento urbano local. Entretanto, somente 13 anos depois é que houve a regulamentação desses dispositivos constitucionais, com a criação do Estatuto da Cidade em 2001. Apesar do Estatuto evidenciar a questão do "direito à cidade" colocando-o como elemento central no sistema jurídico brasileiro, seus instrumentos não se propõem a romper com as estruturas de poder e opressão capitalistas e por vezes servem apenas para minimizar alguns problemas (SANCHES; SOBREIRA; ARAUJO JUNIOR, 2017, p. 8).

Para os autores (2017, p. 10), a partir do momento em que o "direito à cidade" é assimilado pelo Estado e pelos sistemas jurídicos, este conceito político-filosófico, construído por Lefebvre, de caráter revolucionário e anticapitalista, se perdeu, adquirindo um caráter

jurídico acrítico, que não contesta as estruturas do sistema capitalista na qual a sociedade se baseia e as cidades se configuram, visando apenas uma democratização simplista do acesso à cidade, sem considerar as especificidades dos vários grupos de indivíduos que nela habitam (classe, gênero, raça, sexualidade, faixa etária, e etc.). Para que as desigualdades urbanas sejam amenizadas, é necessária a realização de propostas que possam integrar as demandas pelo "direito à cidade", que também reconheçam a diversidade social que compõe a cidade, buscando a igualdade de oportunidades para todos os indivíduos, sem discriminação. E isso diz respeito também à juventude negra periférica, que se encontra em situação de extrema vulnerabilidade social, destituída desse "direito à cidade" que é fundamental para o desenvolvimento pleno desse grupo social na sociedade.

## 2. JUVENTUDE NEGRA BRASILEIRA E A QUESTÃO DA VIOLÊNCIA

O Estatuto da Juventude, lei brasileira de nº 12.852/2013, classifica como jovens, as pessoas com idade entre 15 e 29 anos de idade. Esta lei surge com o objetivo de instituir os direitos dos jovens e estabelece os princípios das políticas públicas voltadas para este público. De acordo com o Censo Demográfico de 2010 (IBGE, 2010), o número de brasileiros que se encontram nessa faixa etária entre os 15 e 29 anos[1] corresponde a aproximadamente 27% da população.

Um dos principais motivos para a criação de políticas públicas voltadas para esse grupo populacional específico é a violência. Segundo Cerqueira et al (2018, p. 3), só nos últimos 10 anos, 553.000 pessoas morreram por causa da violência intencional no Brasil, notando-se uma enorme variação entre as Unidades Federativas, onde a situação é bastante grave nos estados das regiões Nordeste e Norte do país. Os autores (2018, p. 21) também contam que só em 2016, 63,5% do total geral de óbitos por homicídios, eram de jovens entre 15 e 29 anos, sendo que 94,6% deles eram do sexo masculino.

O Índice de Vulnerabilidade Juvenil à Violência 2017 (IVJ 2017) apresenta dados relacionados à vulnerabilidade dos jovens brasileiros à violência. Além disso, o IVJ também indica uma variável de cor/raça, levando em consideração as diferenças de mortalidade entre jovens brancos e negros no Brasil, com um indicador intitulado *risco relativo* (Gráfico 1), que é dado pela razão entre a taxa de mortalidade por homicídio entre os dois diferentes grupos.

[1]Apesar do IBGE considerar como jovem apenas a população com faixa etária entre os 15 e 24 anos, para esse estudo, iremos considerar a faixa etária definida pelo Estatuto da Juventude, que acrescenta os 5 anos posteriores (de 25 até os 29 anos) para a formação desse grupo populacional.

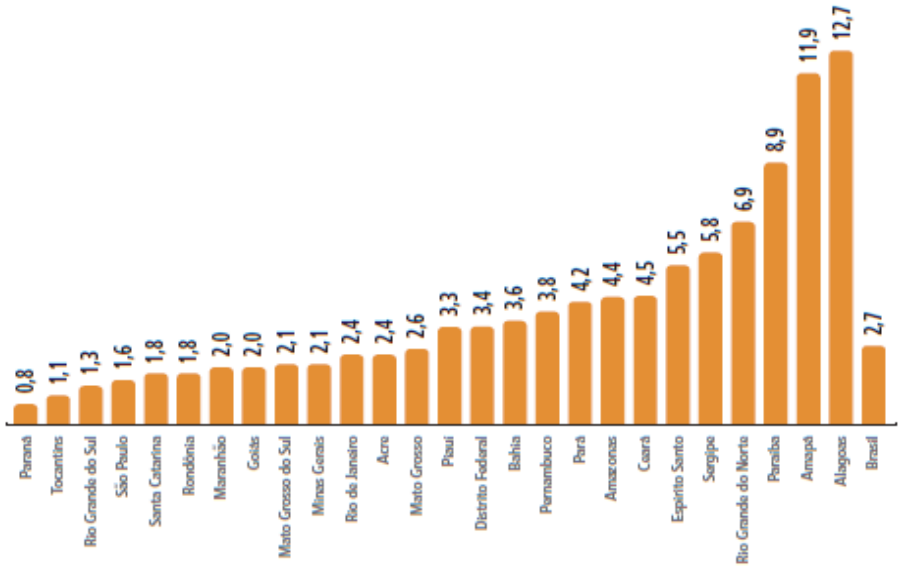



**Gráfico 1: Risco relativo de um jovem negro ser vítima de homicídio em relação a um jovem branco, Brasil e UFs. Fonte: IVJ – Violência e Desigualdade Racial 2017, Ano base 2015; FBSP**

Diante disso, percebe-se claramente, a predominância em todo o Brasil, de jovens negros entre as vítimas de homicídio, se comparados aos jovens brancos na mesma faixa etária. Conforme a Secretaria de Governo (2017, p. 27), "em média, jovens negros têm 2,71 mais chances de morrerem por homicídio do que jovens brancos no país". Para agravar ainda mais a situação, estudos revelam que a desigualdade das mortes violentas por cor/raça vem aumentando nos últimos 10 anos e, de acordo com Cerqueira *et al* (2018, p. 4), "71,5% das pessoas que são assassinadas a cada ano no país são pretas ou pardas".

No ano de 2015 foi realizada uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) no Senado Federal com o objetivo de investigar o assassinato de jovens no Brasil. Conclui-se que, de algum modo, os homicídios da juventude brasileira, em geral, e mais precisamente da juventude negra, estão relacionados à ação e/ou omissão do Estado Brasileiro (BRASIL, 2016, p. 146).

> "Seja pelo crescimento dos homicídios decorrentes de intervenção policial, muitas vezes nominados de autos de resistência; seja pela violência emergente do tráfico de drogas nas comunidades de baixa renda, resultado da ausência estatal; seja pelo racismo institucional que se infiltra nas instituições públicas e privadas. Como resultado, a população jovem negra vai sendo dizimada, com números que realmente se aproximam de uma guerra civil" (BRASIL, 2016, p. 146).

Além disso, é necessário ressaltar que tais fatos estão relacionados ao racismo fortemente presente e estruturado na sociedade. Silvio Luiz de Almeida, em sua obra intitulada "O que é racismo estrutural?", busca refletir sobre os conceitos de racismo como elemento estruturador das relações sociais. O autor (2018, p. 25) define racismo como "uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertençam". Ainda segundo ele:

> "O racismo – que se materializa como discriminação racial – é definido pelo seu caráter sistêmico. Não se trata, portanto, de apenas um ato discriminatório ou mesmo de um conjunto de atos, mas de um processo em

> que condições de subalternidade e de privilégio que se distribuem entre grupos raciais se reproduzem no âmbito da política, da economia e das relações cotidianas" (ALMEIDA, 2018, p. 27).

Segundo Bernardino e Galdino (2004, p. 24), "vários dados estatísticos revelam que a raça é uma variável importante na explicação das desigualdades sociais, sobretudo quando se analisa o mercado de trabalho, educação, saúde". Tais desigualdades refletem na vivência cotidiana dos indivíduos no espaço urbano, sendo os negros os mais prejudicados. Para a Secretaria de Governo (2017, p. 47), é necessário "assumir que a violência letal está fortemente endereçada à população negra e que este é um componente que se associa a uma série de desigualdades socioeconômicas". Portanto, para que essas desigualdades sejam anuladas, "políticas eficientes de prevenção da violência devem ser desenhadas e focalizadas, garantindo o efetivo direito à vida e à segurança da população negra no Brasil" (CERQUEIRA et al, 2018, p. 41), especialmente para o caso da juventude negra periférica.

Bourdieu (2002) acrescenta ainda o conceito de "violência simbólica", definido como uma forma de violência exercida sem o uso de ação física, afetando o sujeito violentado "moral e psicologicamente". Segundo ele, este tipo de violência se estabelece na aceitação, por vezes inconsciente, de determinada imposição, que pode ser econômica, social, cultural, institucional ou simbólica. Verificaremos como estes tipos de violência se manifestam para os jovens negros da periferia de São João del-Rei, MG.

## 3. SÃO JOÃO DEL-REI E A JUVENTUDE NEGRA PERIFÉRICA

São João del-Rei está localizada no estado de Minas Gerais, estando a 184 km da capital Belo Horizonte. A cidade surgiu com a descoberta de ouro na margem esquerda do Rio das Mortes, por volta do ano 1705. No ano de 1713 ela se elevou a categoria de vila, e no ano de 1838 ela se tornou oficialmente cidade. Com a decadência da atividade mineradora, ela passou a se ocupar da agricultura e da pecuária. Posteriormente, a essas atividades somou-se a atividade industrial, (produtos metalúrgicos e têxteis) que passou a ter importância significativa na cidade. Entretanto, na década de 1960, com a transferência da industrialização para a região central do estado devido à recessão, São João del-Rei passou a intensificar suas atividades de prestação de serviços e de comércio (SANTOS, 2018, p. 37 e seg.).

De acordo com Santos (2018, p. 43), "pelo seu passado aurífero e a forte presença negra, a cidade apresenta espaços com acessos diferenciados por grupos", pois, "enquanto grandes e imponentes igrejas estão localizadas no centro", (...) "os terreiros de candomblé e umbanda - religiões afro-brasileiras - estão situados na periferia da periferia, nos bairros mais afastados". Para a autora, o centro histórico de São João del-Rei, lugar para onde os olhares do poder público estão voltados, está cercado por aqueles que encontraram nas margens da cidade uma maneira de resistir e viver, mesmo que se tratando de uma São João del-Rei muito diferente da "oficial".

Santos (2018), ao retratar a atual situação da população negra são-joanense, especificamente da mulher negra, aponta as desvantagens que negras (e negros também) possuem em relação a melhores condições de ocupação formal no mercado de trabalho, salário, nível de instrução e condições adequadas de saneamento. Segundo ela (2018, p. 57), os dados "sintetizam parte das análises sobre relações de classe, raça e gênero. Se relações sociais são relações espaciais, então se pode entender que os dados apresentados se materializam na forma da cidade".

Atualmente, os dados mais recentes mostram que cerca de 42% dos habitantes residentes no distrito sede do município de São João del-Rei são negros, considerando pretos e pardos autodeclarados no Censo (IBGE, 2010).

Podemos observar na Figura 1 que nos bairros Senhor dos Montes e Tejuco, conhecidos por serem bairros periféricos, por estarem localizados em áreas com algum tipo de risco ambiental e por serem carentes de infraestrutura urbana adequada e de serviços básicos de saúde, lazer e educação, a população negra é sobrerrepresentada, compondo mais da metade dos residentes nesses bairros. Já nos bairros centrais (Centro e Jardim Central), onde existe a concentração do comércio e dos serviços prestados e uma infraestrutura urbana de melhor qualidade, os negros representam apenas cerca de ¼ dos moradores dos moradores. Já nos bairros semiperiféricos, ou periferias de classe média e média-alta, que possuem serviços públicos e diversos estabelecimentos, tais como supermercados, lojas, farmácias, etc., a taxa de habitantes negros fica próximo dos 40%.

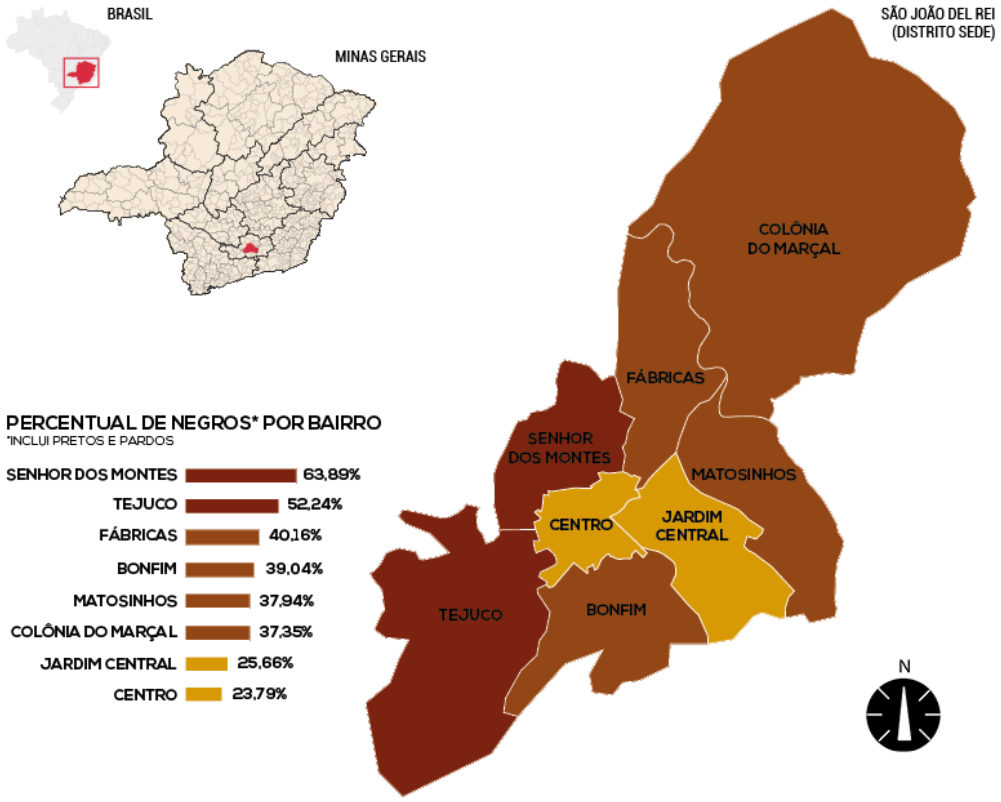



**Figura 1: Mapa – Concentração da população negra em São João del-Rei, 2010 Fonte: Elaborado pelo autor com base nos dados do Censo Demográfico do IBGE, 2010.**

Segundo Santos (2018, p. 45), São João del-Rei é uma cidade que coloca os interesses do mercado em primeiro plano, por meio da articulação e imposição do poder público local, dos empresários e de promotores imobiliários. Apenas quem tem dinheiro para pagar por ela é que usufrui dos melhores lugares que ela tem para oferecer. Para os demais, que não possuem poder aquisitivo para custear esse "produto", restam somente as áreas periféricas da cidade, resultando na segregação socioespacial.

## 4. VIVÊNCIAS URBANAS DA JUVENTUDE NEGRA PERIFÉRICA SÃO-JOANENSE

Para compreender melhor a vivência urbana da juventude negra periférica de São João del-Rei, foram utilizadas as seguintes metodologias de pesquisa: a entrevista, o questionário e o mapa mental. Tais metodologias visam apreender a experiência urbana vivida pelos jovens negros, tanto nos bairros onde moram (periferia), quanto no restante da cidade (centro).

De modo geral, em relação à segurança, percebe-se que, para esses jovens, independente da faixa etária, é tranquilo viver no bairro onde moram. Alguns deles se sentem seguros e confortáveis caminhando por ele; mas, isso acontece porque a grande maioria sempre morou no mesmo bairro desde que nasceu, e por isso, eles conhecem os demais moradores e vice-versa. E., 17 anos, relata: "Onde eu moro é sossegado, é bem tranquilo. Acho que é pelo fato de eu ter nascido lá e conhecer todo mundo desde sempre. Por isso eu me sinto bem seguro".

Entretanto, as mulheres são as que mais afirmaram sentir certa insegurança e desconforto em caminhar pelo bairro, principalmente no período da noite, em que há menos movimento. A insegurança também aumenta quando pessoas desconhecidas começam a circular pelo bairro, por conta do tráfico de drogas. Essa movimentação de estranhos pelo bairro acaba gerando desconfiança e medo:

> "Eu sou mulher, né. Geralmente eu não me sinto segura andando em um monte de lugares. Mas aqui no bairro, eu me sinto segura porque eu conheço a maioria das pessoas. Mas também depende da época. Às vezes o bairro tá muito movimentado com coisa que não é legal. (...) Eu tô falando do tráfico em si, né. Quando tá bombando vem um pessoal muito estranho. Sempre tem um cara estranho andando na rua. E quando eles somem fica mais tranquilo". (G., 20 anos)

O que percebemos é que existe certa contradição nessa relação de segurança e insegurança: ao mesmo tempo em que esses jovens se sentem seguros em caminhar pelo bairro, pelo fato de conhecerem os demais moradores, eles também evitam alguns lugares específicos e até mesmo são ensinados a evitá-los, porque são considerados perigosos, ou por serem ruas muito estreitas, pouco movimentadas e iluminadas, ou até mesmo por conta de serem conhecidas como áreas que pertencem ao tráfico de drogas:

> "O bairro não é tão perigoso assim, sabe. Não é tudo isso que dizem. Mas a gente é ensinado a tomar muito cuidado. Então tem alguns pontos específicos que a gente evita e por isso acaba que às vezes a gente fica um pouco mais receoso de passar por alguns lugares do bairro. Entende a contradição? De um lado a gente é ensinado uma coisa, mas como eu conheço o bairro e as pessoas que moram nele, eu sei que não é tão assim". (F., 29 anos)

Essa contradição em relação à segurança também aparece quando esses jovens contam da relação que eles possuem com outros bairros da cidade, principalmente com as áreas centrais. Alguns jovens dizem que se sentem um pouco mais seguros nesses bairros centrais porque existe um policiamento maior. Mas, a partir de determinado horário eles já não se sentem tão seguros, por conta do pouco movimento, do medo de desconhecidos e da reduzida ação da polícia. Já outros acreditam que a presença da polícia intimida, pois a abordagem policial é marcada de violência e é constante. L., 24 anos, relata: "Não me sinto seguro quando vem a polícia, que vê a gente maloqueiro desse jeito e já chega junto. Toda hora a gente tá sendo abordado, mesmo quando tá tranquilo".

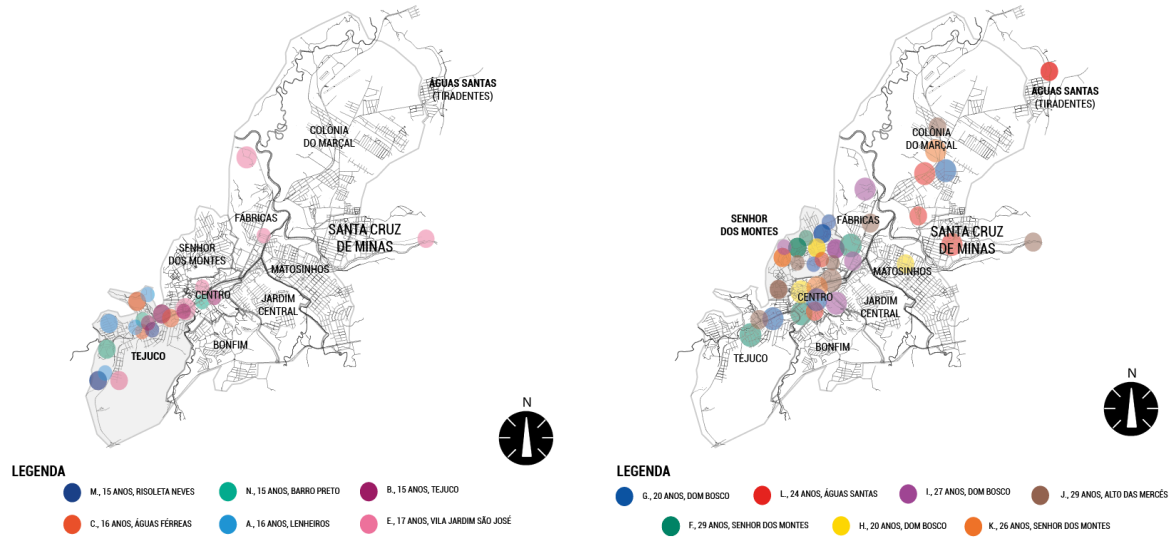
G., 20 anos, moradora do bairro Dom Bosco, aponta essa contradição no comportamento da polícia: “Essa coisa da segurança, é muito estranha também, porque são pessoas que deveriam fazer a nossa segurança. Mas a gente não se sente nenhum pouco seguro”. Para ela, a experiência vivida no Centro por muitos dos jovens negros da periferia de São João del-Rei é muito diferente da vivida nos bairros onde eles moram; mas, que em ambas existe a violência: “A gente, enquanto pessoas pretas periféricas, a gente está num ambiente de violência em qualquer ambiente, seja na comunidade onde a gente mora, seja no Centro”. Ela também se refere à “violência simbólica” (BOURDIEU, 2002) que inibe o jovem periférico de circular pela cidade, como se certos espaços fossem “proibidos” para eles ou como se eles não devessem estar em determinados lugares:

> “Quando eu tô na Rua da Cachaça, eu vejo jovens da mesma comunidade que eu, dando volta no quarteirão pra não ter que passar naquela rua, que é só atravessar no meio de pessoas e, isso é tão violento, que a pessoa ela nem consegue, ela nem concebe a ideia de que: “Opa, por que eu vou dar essa volta, se eu posso passar aqui no meio dessa rua?”. Mas não passa, porque mesmo sendo um lugar aberto, público, porque é uma rua, parece que é uma coisa demarcada”. (G., 20 anos).

Outras duas jovens também relataram experiências negativas ao circular pelo Centro da cidade. F., 29 anos, conta: “Tem uns olhares, principalmente com a questão do cabelo. Eu reparo muito. Por mais que você não saiba o que as pessoas estão pensando, pela expressão facial delas você percebe”. H., 20 anos, relatou: “Uma vez no Centro, na fila da Casa Lotérica, umas senhoras ficaram olhando estranho pra mim. Uma pessoa de cima (dos bairros periféricos altos) é olhada diferente no Centro. Principalmente pessoas negras”.

Para D., arte-educador negro são-joanense, a cidade limita o espaço de ação dos jovens negros de um jeito muito cruel, principalmente dos mais novos. Em São João del-Rei, onde o passado escravocrata ainda é muito presente no imaginário da população, é muito bem colocado os lugares que esses jovens negros podem e não podem ir. “Se a gente tá falando de um corpo, que tem toda uma construção de uma narrativa que coloca ele num lugar subalternizado pela sociedade, ele aprende a se ver assim. Ele aprende que a sociedade vê ele assim”. É uma estrutura que pretende manter esse corpo subalternizado no espaço. A função desse corpo negro é trabalhar, servir como mão-de-obra barata. O direito ao lazer lhe é negado.

De acordo com Almeida (2013, p. 156), a relação que os jovens periféricos estabelecem com as áreas centrais da cidade é diferente da relação com o bairro onde vivem, no qual existe um sentimento de pertencimento ao lugar. Sair do bairro onde moram significa transitar pela cidade, e muitos desses jovens têm certo receio de andar pelo centro da cidade ou por outros lugares distantes do seu local de origem. Para o autor (2013, p. 157), “o bairro apresenta-se para os jovens como uma referência, um espaço que proporciona certa segurança, mesmo que seja conhecido na cidade pelo alto índice de violência”, onde essa relação de pertencimento é demonstrada na forma como esses jovens chamam o lugar: “pedaço”, “quebrada”, “comunidade”. Apesar desses jovens possuírem relações afetivas com o bairro, principalmente por conta dos moradores, amigos e vizinhos, e dos movimentos culturais e religiosos que ali existem, eles também pontuaram que a questão da violência e do tráfico de drogas, além da distância de grandes supermercados e a falta de infraestrutura (asfalto e iluminação) em alguns lugares, são fatores que fazem com que a vida na periferia seja mais custosa.




**Figuras 2 e 3: Mapas dos principais lugares da cidade que os jovens entrevistados costumam frequentar. À esquerda, o mapa dos adolescentes (15 a 18 anos), à direita, o mapa dos demais jovens (19 a 29 anos). Fonte: LAGE, 2019, p. 72-73.**

Um fato curioso que podemos observar no que diz respeito à circulação e apropriação dos espaços urbanos por esses jovens negros é que entre, os adolescentes, com idades entre 15 e 18 anos, a compreensão da experiência urbana vivida por eles na cidade ainda é muito limitada ao bairro onde vivem e a outros bairros periféricos próximos, se estendendo no máximo a alguns lugares pontuais próximos do Centro, como a praça da Biquinha. Acreditamos que uma das hipóteses para esse fato é que as atividades desses jovens adolescentes se concentram apenas ali na periferia. A maioria deles é estudante do ensino fundamental e médio, e frequenta escolas do próprio bairro onde moram, ou de bairros periféricos vizinhos; portanto, eles ainda não têm a necessidade ou até mesmo o interesse de ir até outros bairros da cidade.

Os demais jovens, com idades entre 19 e 29 anos, costumam frequentar outros bairros periféricos, mas também costumam ir a outros lugares da cidade, sobretudo o Centro. Geralmente esses jovens vão até esses outros bairros para encontrar com amigos, já que a socialização é muito importante para eles. Mas outro grande motivo apontado para o deslocamento até outras partes da cidade é a falta de serviços de comércio, saúde e lazer nos bairros de periferia. A concentração deles no Centro da cidade faz com que esses jovens se desloquem para as áreas centrais para ter acesso a esses serviços. A questão do trabalho e dos estudos também é outra justificativa. Para esses jovens negros periféricos, esses outros bairros da cidade têm muito movimento por conta comércio e prestação de serviços, além de lugares para lazer. São bairros mais bem cuidados, com uma infraestrutura melhor, porque o olhar do poder público é mais atento, se comparado aos bairros periféricos.

**Figura 4: Mapa Mental de H., 20 anos, moradora do bairro Dom Bosco. Fonte: LAGE, 2019, p. 69**

O mapa mental de H. (Figura 4), 20 anos, moradora do bairro Dom Bosco, é um ótimo exemplo para demonstrar a desigualdade existente entre centro e periferia no que diz respeito à oferta de serviços e comércio, obrigando esses jovens a se deslocarem até o centro para ter acesso aos serviços. Porém, a articulação entre Centro e Periferia é bastante complicada, seja pela topografia, seja pela escassez e pelo preço (alto) do transporte público. Assim, a mobilidade urbana deste público é precária. Prova disso, é que 62% desses jovens costumam andar a pé, enquanto que 30% costumam usar da bicicleta como principal meio de transporte. 8% usam skate como alternativa. De acordo com G., 20 anos, o transporte público é a última alternativa: "Raramente eu pego o ônibus. Só quando tá chovendo e não tem outra opção. Ônibus é muito caro aqui na cidade, né. E a cidade, querendo ou não, é uma cidade pequena".

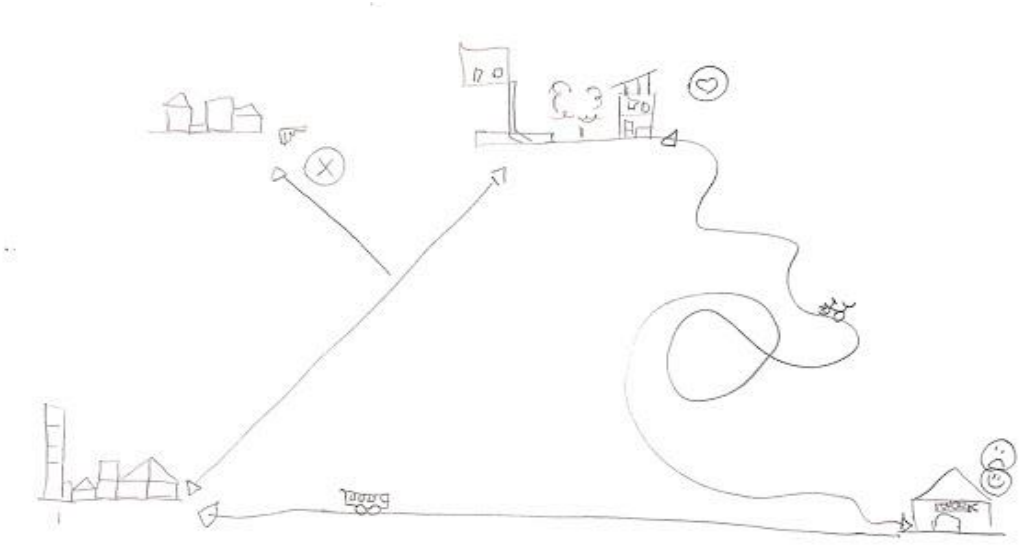


**Figura 5: Mapa mental de K., 26 anos, morador do bairro Senhor dos Montes Fonte: LAGE, 2019, p. 70**

O mapa mental de K. (Figura 5) é interessante, porque ele retrata essas dificuldades de mobilidade urbana. Na parte superior, ele desenhou o bairro onde mora, Senhor dos Montes, e na parte inferior, do lado direito, ele desenhou o lugar onde trabalha, no bairro Colônia. Para

representar o caminho de casa até o trabalho, ele desenhou uma bicicleta (principal meio de transporte utilizado por ele) em uma linha que dá muitas voltas, mostrando que é um caminho muito difícil e pouco acessível. No canto inferior esquerdo, ele desenhou o Centro da cidade, com algumas edificações. O curioso é que esse percurso do Centro até o trabalho no bairro Colônia é representado por uma linha reta e um ônibus, demonstrando que o acesso entre esses dois bairros é mais facilitado.

Entretanto, apesar de todas as adversidades em que se encontra, a juventude negra periférica são-joanense ainda resiste por meio de manifestações sociais, culturais, artísticas, e também políticas, vinculadas principalmente com o Movimento Hip Hop da cidade. "Nós jovens da periferia estamos gritando para ser vistos. A gente tá gritando por oportunidades e a cidade tá fechando os olhos pra isso" (SANTOS, 2018a apud SANTOS, 2012, p. 81).[2] Enquanto arte-educador, D. acredita que a juventude negra periférica tem uma corporeidade muito expressiva; pois, como ela presentifica toda essa dinâmica de poder, ela tem uma atuação vigorosa diante dessa situação: "Quando esse corpo, que é subalternizado, ele se coloca de uma forma libertária frente a esse sistema ele rompe uma estrutura de opressão, uma estrutura de opressão não só do corpo dele, mas também do corpo do outro".

E foi assim, que alguns desses jovens negros periféricos, inconformados com essa situação, começaram a se articular por meio do Movimento Hip Hop, se encontrando em lugares centrais e espaços públicos da cidade pra se reunirem e fazer Rap. Surgiu então o Rap na Bika, que de acordo com G., começou com a inquietação de meninos periféricos que iam pro Centro: "o T. se encontrava com amigos na Praça da Estação pra batalhar, e aí quando viu foi chegando muita gente. Daí decidiram fazer um evento, da batalha, um evento. Então foram pra Praça da Biquinha, por isso que chama Rap na Bika, fizeram lá". G. conta que o projeto existe há aproximadamente 3, 4 anos; e que, apesar de ter sido idealizado e iniciado por T. e outros rapazes, atualmente a organização é totalmente feminina. Uma série de atividades são desenvolvidas: oficinas para as crianças, rodas de conversas para as mães, apresentações de artistas locais, exibições de curtas e claro, as famigeradas batalhas de rap (Figura 6).

Almeida (2013, p. 158) conta que para os jovens ligados ao Movimento Hip Hop, o bairro enquanto "quebrada" é ainda mais forte, pois tornou-se um posicionamento político falar da periferia, da "quebrada". Para o autor (2013, p. 159), essa associação do bairro, o local, a um grupo mais geral, intitulado "periferia", fez com que os limites territoriais e geográficos foram rompidos, possibilitando certa interação e cooperação entre jovens de vários bairros distantes do centro. Esse fenômeno também ocorre com o Rap na Bika. G. conta que, por mais que a grande maioria do público seja do bairro Tejuco, pessoas de outros bairros também participam do evento.

De acordo com Silva (2007, p. 6), "a experiência de vida na localidade é o que confere legitimidade política ao discurso musical. Os rappers assumem, assim, a condição de porta-vozes de um universo silenciado pelos meios de comunicação e ignorado pelo poder público". F., 29 anos é MC. Ela faz parte do Movimento Hip Hop são-joanense há 12 anos. Começou no Break e há 4 anos atua como rapper. Para ela, estar no Centro é se afirmar, é resistir. É ocupar espaços que lhes são negados com o intuito de romper com esses discursos de opressão: "É uma forma de falar isso aqui é o nosso espaço, a gente não vai continuar isolado na periferia onde vocês delegaram como sendo nosso espaço, não. A gente vai chegar e ocupar".

[2] SANTOS, D. Entrevista concedida a Bruna Lúcia dos Santos. São João del-Rei, 25 abr. 2018a

**Figura 6: Atividades realizadas pelo Rap na Bika Fonte: Página oficial do Rap na Bika <https://www.facebook.com/rapnabika/> Acesso em 08 jun. 2019**

G., 20 anos, que é uma das organizadoras do Rap na Bika conta das dificuldades que o grupo tem encontrado para a realização do evento, principalmente por conta da burocracia envolvida e da falta de apoio da Prefeitura e afirma: "Os órgãos públicos não consideram a gente importante. Acha que é um bando de gente que não tem nada pra fazer, quando na verdade somos apenas jovens, mulheres e crianças procurando ter algum momento de lazer na cidade".

Segundo Almeida (2013, p. 165), essa geração de jovens cria relações muito próximas entre lazer e participação, onde o lazer é considerado não apenas um direito, mas também uma plataforma política; que serve para esses jovens se encontrarem uns com os outros e se expressarem diante da sociedade. Para o autor (2013, p. 170), "é como se o 'direito à cidade', assumido há tempos como bandeira de diferentes grupos juvenis periféricos da metrópole tenha se transformado em direito à cultura". E ainda: "pensar a resistência pela cultura é compreender que a ação política adentrou o cotidiano e, por outro lado, que a cultura se faz presente neste cotidiano" (ALMEIDA, 2013, p. 167).

## 5. CONCLUSÃO: POR UM DIREITO À CIDADE LEFEBVRIANO

De acordo com Almeida (2013, p. 161), "a apropriação da cidade, de seus espaços e equipamentos, constitui-se como um elemento fundamental da condição juvenil contemporânea", pois, a circulação pela cidade e o acesso ao que ela oferece transformaram-se em demandas, mostrando, da parte de alguns destes coletivos, a necessidade da criação de políticas públicas. Entretanto, é importante salientar que tais políticas não podem somente

trabalhar no sentido de subverter a lógica do estereótipo de uma juventude descompromissada e irresponsável e de que o Estado é o único capaz de criar e gerenciar tais políticas. Ações que valorizam práticas culturais da juventude negra, apesar de importantes, os mantêm à margem da cidade (ou seja, se concentram nas periferias), não garantindo a esses sujeitos o "direito à cidade" no sentido proposto por Lefebvre. As áreas centrais da cidade ainda vão continuar sendo "a cidade", ou seja, aquela parte da cidade em que esses jovens não terão acesso e nem o direito de circular por ela.

Enquanto planejadores precisamos repensar as políticas que, por mais bem intencionadas e inovadoras elas sejam, correm o risco de apenas "democratizar" a cidade sem de fato romper com as estruturas de opressão presentes no espaço urbano. Para Miraftab (2016, p. 366), "o planejamento como o conhecemos está se defrontando com uma crise de legitimidade. Suas contradições e falsas promessas manifestam-se em crescentes desigualdades"; por isso "necessitamos considerar essas práticas seriamente e reconhecê-las como instâncias do fazer a cidade, como exemplos das pessoas planejando seus próprios futuros, um futuro que corporifica um urbanismo humano" (2016, p. 367).

Segundo a autora (2016, p. 368), um planejamento insurgente seria um modelo alternativo onde as práticas cidadãs também são reconhecidas como formas de planejamento. O planejamento insurgente e os agentes envolvidos em suas práticas buscam uma inclusão através da autodeterminação, onde os direitos das pessoas são de fato efetivados. Acreditamos que o planejamento insurgente seja uma das principais alternativas capazes de efetivar o "direito à cidade" revolucionário e anticapitalista defendido por Lefebvre.

Assim como o conceito de "direito à cidade" de Lefebvre foi esvaziado com a sua inserção aos sistemas jurídicos estatais, os movimentos sociais insurgentes correm o risco de perderem o seu significado, e assim desaparecer. É preciso que nós, enquanto planejadores, sejamos cuidadosos ao nos aproximar dos movimentos sociais, entendendo o nosso lugar enquanto apenas agentes coadjuvantes e apoiadores, evitando apagar o protagonismo dos seus dirigentes.

Para que o "direito à cidade" seja amplamente assegurado a todas e todos, é necessário que todas e todos estejam engajados nessa luta, independente da cor/raça, gênero, sexualidade, faixa etária, condição social e origem. É importante que todos tenham espaço para se autoafirmar, e assim apresentar as suas pautas e lutar pelos seus direitos. Principalmente a juventude negra e periférica, que mesmo estando em situação de extrema vulnerabilidade social, demonstra um enorme potencial como agente transformador da sociedade. Neste sentido, concluímos este trabalho concordando com Gabriela Leandro quando afirma que:

> "(...) nesse país Brasil, tão vasto, a arquitetura, o urbanismo e o planejamento urbano foram e ainda são peças fundamentais para manutenção das opressões nas cidades. Embora imaginar e construir territórios sejam práticas históricas inerentes à população negra do lado de cá do Atlântico, o racismo, essa tecnologia que opera o mecanismo de morte, continua a produzir a desumanização de determinados sujeitos, corroborando para a desclassificação de sua propriedade no fazer cidade. O racismo neutraliza o constrangimento da eliminação do outro, e de suas faculdades. Reconhecer a sua existência estrutural e encará-la de frente parece ser o único caminho viável para que seja profícuo o encontro entre o direito à cidade e as questões raciais, vislumbrando a conciliação para uma vida comum possível" (LEANDRO, 2019, online).

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**


- ALMEIDA, Renato S. "Juventude, direito à cidade e cidadania cultural na periferia de São Paulo". **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, Brasil, n. 56, p. 151-172, jun. 2013.

- ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte: Letramento, 2018. 204 p.

- BERNADINO, Joaze; GALDINO, Daniela (Org.). **Levando raça a sério**: ação afirmativa e universidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2004. 251 p.

- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002. 160 p.

- BRASIL. Presidência da República. Secretaria de Governo. **Índice de vulnerabilidade juvenil à violência 2017**: desigualdade racial, municípios com mais de 100 mil habitantes. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2017. 87 p.

- BRASIL. Senado Federal. **CPI Assassinato de Jovens**. Brasília, 2016.155 p.

- BRASIL. Senado Federal. **Estatuto da juventude**: atos internacionais e normas correlatas. Brasília, 2013.103 p.

- CERQUEIRA, Daniel et al. **Atlas da Violência 2018.** Rio de Janeiro: IPEA/FBSP, 2018. 93 p.

- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico 2010 - São João del-Rei (MG)**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/sao-joao-del-rei>. Acesso em: 06 abr. 2019.

- FÓRUM SOCIAL MUNDIAL. **Carta Mundial Pelo Direito à cidade**. Bamako, Caracas e Karachi, 12 jun. 2006.

- LAGE, Daniel Victor Gouveia. **Juventude negra e o direito à cidade:** Um estudo sobre a vivência de jovens negros da periferia em São João del-Rei - MG. 2019. 130 f. TCC (Graduação) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei, 2019.

- LEANDRO, Gabriela. **Direito à cidade e questões raciais.** Salvador: Coletiva, 2019.

- LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade.** São Paulo: Centauro, 2001.

- MIRAFTAB, Faranak. "Insurgência, planejamento e a perspectiva de um urbanismo humano". **Revista Brasileira de Estudos Urbanos Regionais**, Recife, 2016.

- ROLNIK, Raquel. **O que é cidade.** São Paulo: Brasiliense, 1995.

- SANCHES, Jussara Romero; SOBREIRA, Gabriel Miaki; ARAUJO JUNIOR, Miguel Etinger de. "De Lefebvre a Harvey: uma análise crítica do direito à cidade como instituto jurídico". **Organizações e Sustentabilidade**, Londrina, v. 5, n. 1, p. 3-19, set. 2017. Semestral.

- SANTOS, Bruna Lúcia dos. **O lugar da mulher negra no espaço urbano**: da segregação socioespacial à resistência no bairro São Dimas em São João del-Rei - MG. 2018. 99 f. TCC (Graduação) - Curso de Geografia, Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei, 2018.

- SILVA, José Carlos Gomes da. "Juventude e segregação urbana na cidade de São Paulo: os números da vulnerabilidade juvenil e a percepção musical dos rappers". **Ponto Urbe** (online), 2007. Disponível em: <http://pontourbe.revues.org/1250> Acesso em: 14 set. 2019

**Interactions entre les établissements commerciaux et l'espace prostitutionnel dans le quartier Peixão, Rio de Janeiro, Brésil.**

**Interações entre estabelecimentos comerciais e o espaço prostitucional na área do "Peixão", Rio de Janeiro, Brasil.**

**Patricia ARAÚJO[1]**

**Leonardo IORIO[2]**

**Beatriz DETTMANN[3]**

*Mestranda em Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro[1]*

*Mestrando em Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro[2]*

*Mestranda em Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro[3]*

*Grupo de Pesquisa Território e Cidadania*

Os espaços públicos são o *lócus* de uma grande diversidade de usos do cotidiano das cidades. Neles, atividades de diferentes tipos, como comércio e sociabilidade, coexistem e articulam um conjunto de práticas e formas que, sob o estatuto público, apresentam uma espacialidade própria, cuja lógica é de inquestionável interesse geográfico. Diante disso, nos perguntamos como as diferentes atividades se relacionam entre si nos espaços públicos das cidades. O objetivo deste trabalho é descrever as relações existentes entre a prostituição de rua e a atividade comercial na localidade do "Peixão", localizado na Ilha do Governador, Rio de Janeiro, Brasil. Realizamos observações empíricas sobre as morfologias e os comportamentos presentes nesse espaço. Analisamos como essas diferentes atividades se associam, conformando um espaço de sociabilidade noturna marcado pela prática da prostituição. Concluímos que a noite no Peixão se estrutura a partir de dois períodos distintos, que marcam uma mudança nas formas de uso e organização do espaço, no papel desempenhado por espaços públicos e privados e nas estratégias de visibilidade adotadas pelas prostitutas para a atração de clientes no local.

**Palavras-Chaves:** Espaços Públicos, Vida Noturna, Prostituição, Sociabilidade

Les espaces publics sont le lieu d'une grande diversité d'usages quotidiens dans les villes. En eux, des activités de différents types, comme le commerce et la sociabilité, coexistent et articulent un ensemble de pratiques et de formes qui, sous le statut public, présentent leur propre spatialité, dont la logique est d'un intérêt géographique certain. L'objectif de ce travail est de décrire les relations existantes entre la prostitution de rue et l'activité commerciale dans la localité de "Peixão", située à Ilha do Governador, Rio de Janeiro, Brésil. Nous avons fait des observations empiriques sur les morphologies et les comportements présents dans cet espace. Nous analysons comment ces différentes activités sont associées, formant un espace de sociabilité nocturne marqué par la pratique de la prostitution. Nous concluons que la nuit à Peixão est structurée à partir de deux périodes distinctes, qui marquent un changement dans les manières d'utiliser et d'organiser l'espace, dans le rôle joué par les espaces publics et privés et dans les stratégies de visibilité adoptées par les prostituées pour attirer des clients dans le local.

**Mots-clés:** Espaces publics, Vie nocturne, Prostitution, Sociabilité

**Interactions between commercial establishments and the prostitution space in the "Peixão" area, Rio de Janeiro, Brazil.**

Public spaces are the locus of a great diversity of everyday uses in cities. In them, activities of different types, such as commerce and sociability, coexist and articulate a set of practices and forms that, under the public statute, present their own spatiality, whose logic is of unquestionable geographic interest. Therefore, we ask ourselves how the different activities relate to each other in the public spaces of cities. The objective of this work is to describe the existing relationships between street prostitution and commercial activity in the locality of "Peixão", located in Ilha do Governador, Rio de Janeiro, Brazil. We made empirical observations about the morphologies and behaviors present in this space. We analyze how these different activities are associated, forming a space of nocturnal sociability marked by the practice of prostitution. We conclude that the night in Peixão is structured from two distinct periods, which mark a change in the ways of using and organizing the space, in the role played by public and private spaces and in the visibility strategies adopted by prostitutes to attract clients in the local area.

**Keywords:** Public spaces, Nightlife, Prostitution, Sociability.

## INTRODUÇÃO

Os espaços públicos das grandes cidades abrigam grande variedade de usos. Além de muitas vezes promoverem a conexão entre as edificações, são *lócus* de diversas atividades de lazer e de sociabilidade, resultado igualmente de suas características materiais e do encontro entre indivíduos resultante de seu estatuto de público (GOMES, 2002). No entanto, é comum identificar nas ruas, parques e praças das cidades o uso dos espaços públicos para interesses privados, com destaque para seu aproveitamento para atividades econômicas. Tal aproveitamento se materializa na ocupação desses espaços por vendedores ambulantes ou mesmo por projeções de estabelecimentos comerciais instalados nas edificações.

Alguns desses diversos usos dos espaços públicos já foram tipificados em pesquisas científicas (GEHL, 2011; KIM, 2015) e mesmo por legislações locais e planos urbanos em cidades de todo o mundo (RIO DE JANEIRO, 2008; BLOOMBERG, 2013; RIO DE JANEIRO, 2019). Na cidade do Rio de Janeiro, a venda ambulante e a projeção de bares e restaurantes sobre as calçadas adjacentes são usos econômicos dos espaços públicos tipificados e permitidos com limitações de localização e de extensão. O princípio básico que origina a classificação nesses casos, é que o conhecimento das atividades que têm lugar nos espaços públicos permite planejamento e regulação mais eficientes dos espaços públicos.

Nesse contexto, indicamos a prostituição, como uma atividade econômica que pode ter lugar sobre os espaços públicos, e que é pouco estudada, tipificada e, portanto, conhecida. Caracterizada pela comercialização do sexo, a prostituição pode ter lugar tanto em espaços privados quanto em espaços públicos. Trata-se de uma profissão regularizada no Brasil, mas que sofre com grande estigma social, de modo que algumas características lhe sejam próprias, como códigos não proclamados de vestimenta e de postura das mulheres que oferecem esse serviço e uma presença mais discreta sobre espaços públicos mais densamente ocupados. Principalmente devido ao estigma social e à escassez de dados oficiais sobre a prostituição, poucos estudos buscaram entender sua espacialidade.

Considerando as dificuldades de obtenção de dados oficiais sobre os espaços prostitucionais na cidade do Rio de Janeiro, foi executado, o mapeamento da atividade nos espaços públicos, com questionários divulgados virtualmente e trabalhos de campo de reconhecimento dessas áreas. Como resultado, pôde-se perceber, que os espaços prostitucionais se distribuem por toda a cidade do Rio de Janeiro, com maior concentração nas proximidades da área central da cidade, mais precisamente nos bairros da Praça da Bandeira, Quinta da Boa Vista e São Cristóvão. Em pesquisas empíricas, também foi possível notar que essa atividade pode se dar de maneira isolada, em áreas mais afastadas de comércio e espaços de sociabilidade, ou mesmo em associação com estabelecimentos comerciais, em áreas mais movimentadas da cidade. Tal associação é dada, pela proximidade física da atividade

prostitucional com os estabelecimentos, mas alguns indícios de observação nos fazem acreditar que existem relações mais complexas entre os profissionais do sexo e os estabelecimentos comerciais. Um caso a ser mais profundamente estudado na cidade do Rio de Janeiro está situado na região administrativa da Ilha do Governador. Em um dos espaços prostitucionais situados nessa região, percebe-se a presença das profissionais do sexo ora nas ruas, ora nos estabelecimentos comerciais, onde o programa é concluído.

A partir do um mapeamento participativo pôde-se identificar que a prostituição nos espaços públicos se distribui em diferentes áreas na Ilha do Governador. São sete locais que apresentam tal prática, são elas: a Praia Belo Jardim, no bairro Galeão; Praia do Cocotá, no bairro Cocotá; Praia Congonhas do Campo, **Praia de Guanabara e Avenida Paranapuã no bairro da Freguesia**; e por fim no corredor Esportivo da Avenida do Magistério no bairro da Portuguesa, segundo a Figura 1. A Ilha é a segunda região na cidade do Rio de Janeiro que possui a maior concentração de espaços prostitucionais. Um desses espaços públicos conhecido como "Peixão", localizado na praia do bairro da Freguesia, apresenta uma particularidade em sua espacialidade. Nele, a atividade não permanece discreta como é de costume. Existe uma forte associação com os bares existentes no local e comportamentos mais espontâneos. O estudo aprofundado dessa configuração espacial poderá nos fornecer informações relevantes sobre a prostituição, sobre a sua relação com o espaço público e sobre sua associação com estabelecimentos comerciais.

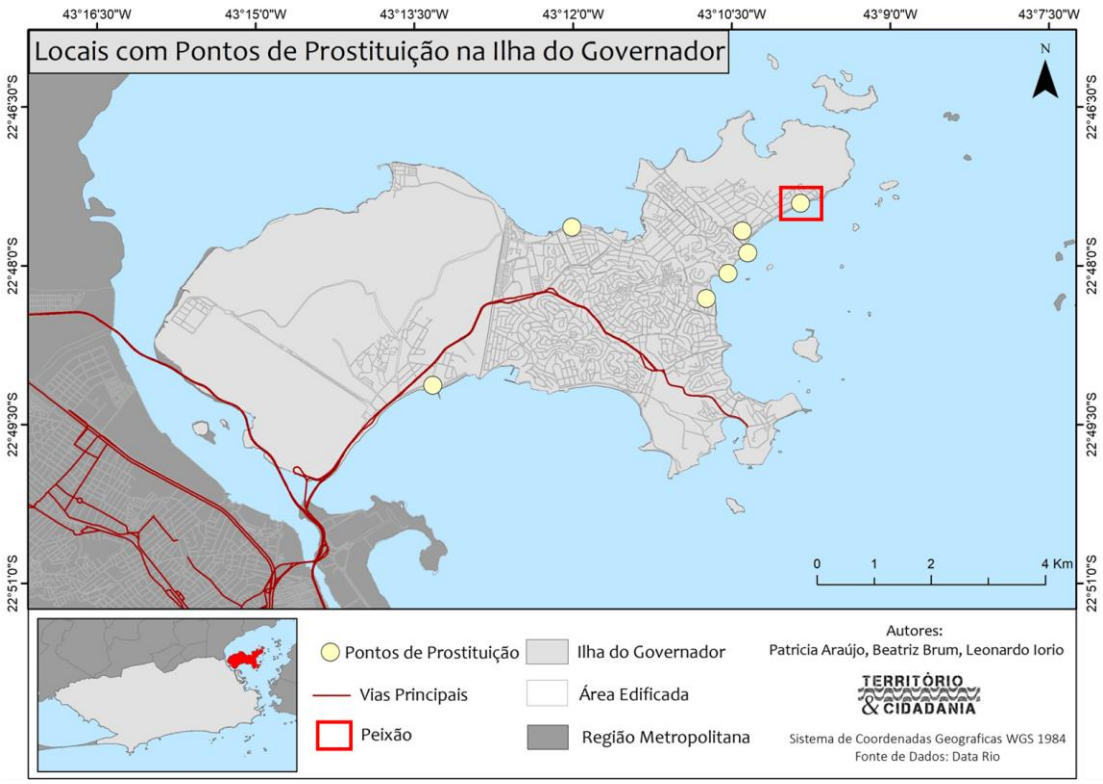



Figura 1 - Pontos de Prostituição na Ilha do Governador, em destaque o estudo de caso.

A Ilha do Governador é uma ilha localizada na Baía de Guanabara, na Zona Norte do Rio de Janeiro, se divide em 14 bairros e abriga o único aeroporto internacional do estado, o Aeroporto Internacional Tom Jobim. Para além desse contexto, a Ilha apresenta uma expressiva variedade de comércios e de serviços em seu interior, de maneira que, apesar da intensa integração com o continente, corresponde a uma área relativamente isolada geograficamente. Entre praças, parques, ciclovias e complexos esportivos ao ar livre, os espaços públicos da Ilha do Governador são intensamente utilizados diariamente, como locais de encontros, lazer, atividades físicas e sociabilidade. Destaca-se, nesse sentido, o uso das orlas, cujas calçadas abrigam práticas esportivas e

aeróbicas ao longo do dia e, à noite, tornam-se importantes espaços de sociabilidade e lazer noturno do bairro[1] - dentre eles, o Peixão.

Diante disso, o objetivo desse trabalho é descrever as relações existentes entre a prostituição de rua e a atividade comercial na localidade do "Peixão". Para isso, realizamos uma análise sobre a posição do Peixão no bairro da Freguesia, na Ilha do Governador, além de observações empíricas sobre as morfologias e os comportamentos presentes nesse espaço. Procuramos analisar por meio de croquis como essas diferentes atividades se associam nesse lugar da cidade.

## A PROSTITUIÇÃO, A NOITE E OS ESPAÇOS PÚBLICOS

Segundo De Mattos e Ribeiro (1995) o espaço laboral da prostituição pode se especializar em duas grandes categorias: nos espaços privados (boates, termas, prostíbulos, casas de massagens, saunas e outros) e nos espaços públicos (ruas, praças, esquinas, calçadões, parques e etc.). É importante acrescentar uma terceira categoria: o espaço virtual ou cyber espaço que vêm sendo um meio de importante visibilidade e comunicação para a prostituição (PISCITELLI, 2005; LORENZI, 2019). No primeiro caso, os espaços privados, a exposição dos corpos, a negociação e a finalização do programa[2], em geral, ocorrem dentro de uma edificação. Diferente disso, o cyber espaço se limita até a fase de negociação, nela eles marcam um local físico que em geral é no espaço privado para finalizar o programa.

Nos espaços públicos, a visibilidade e a exposição dos corpos atraem clientes que são transeuntes, tanto pedestres quanto pessoas em veículos. O espaço público é o meio de garantir a publicidade do produto, os corpos das (os) profissionais e realizar a negociação do programa, pouco importando onde ele será "finalizado". Nos espaços públicos os comportamentos dos indivíduos que oferecem o serviço são próprios. Existe uma certa norma que é a da discrição, para que profissional e cliente não sejam expostos, bem como manter a segurança desse negócio, visto que a atividade sofre com estigma social. A abordagem com o cliente varia dependendo do tipo de espaço público no qual se trabalha, e pode ocorrer a partir de elogios, de passar a mão no próprio corpo até expor alguma parte dele.

Está claro, portanto, que uma das principais características dos espaços públicos segundo Gomes (2012) - a visibilidade - é simultaneamente aproveitada e evitada. Por estar acessível aos olhos de muitos transeuntes, o serviço é visto e eventualmente divulgado para outras pessoas, de modo que a área de prostituição seja conhecida como um ponto de oferta do serviço. Ao mesmo tempo, pode ser uma atividade estigmatizada, muitos profissionais e clientes buscam a partir de códigos e com discrição.

Outra característica importante da prostituição é a sua associação com diferentes atividades comerciais como: os bares, vendedores ambulantes, taxistas, quiosques de praia, entre outros. Essa união, é também um acordo informal, que garante a segurança física dos profissionais que trabalham na rua. Muitas vezes, a prostituição se utiliza dessas estruturas físicas como os bares, os pontos de taxi, os quiosques para fazerem o seu ponto[3].

---

[1] É importante ressaltar que os principais espaços de sociabilidade da Ilha do Governador historicamente tendem a se concentrar na orla: A praia de São Bento, no bairro do Galeão, a Praia da Bica, no bairro do Jardim Guanabara, a praça Iaiá García, na praia da Ribeira e o Peixão, na Praia da Freguesia.

[2] Termo utilizado no âmbito da prostituição para todas as suas instâncias.

[3] Ponto é o nome dado ao local onde os profissionais do sexo se fixam para obter cliente.

Dessa forma, é importante perceber como a prostituição pode se espacializar de diferentes maneiras. Nos espaços públicos isso implica diretamente na visibilidade do fenômeno, nos comportamentos de todos aqueles envolvidos com a atividade e as normas que regem esses comportamentos. Chama atenção também, como as diferentes morfologias do espaço urbano implicam em todas essas categorias.

Ainda sobre a interface entre a prática da prostituição e o seu uso e apropriação dos espaços públicos da cidade, podemos notar um importante elemento mediador entre essas dimensões: a noite. Não queremos assim afirmar que essa relação se dá de maneira única e homogênea, se desenvolvendo da mesma forma por toda a cidade, ou que a prostituição é uma prática exclusivamente noturna. Afinal, já vimos que a própria atividade se diferencia entre si e se associa a diferentes tipos de espaços, elementos e práticas na cidade, bem como a vida noturna, internamente diferenciada entre si. Uma visão homogeneizadora acerca desses elementos apenas limitaria nossas capacidades de análise do processo.

É notório, porém, como a noite assume protagonismo como um espaço-tempo privilegiado à realização da prostituição em espaços públicos. Um exemplo disso é o fato de que diversos espaços de prostituição na cidade passam por um processo de ativação ao longo da noite, sediando práticas e atividades que se extinguem ou são menos intensos durante os períodos diurnos como o famoso caso do bairro de Copacabana. À noite é possível ver muitos profissionais ao longo da Avenida Atlântica próximo ao conhecido restaurante carioca MAB's até a praça do Lido.

A noite é também um terreno privilegiado no sentido da atribuição de visibilidade e invisibilidade[4] à atividade da prostituição, elementos essenciais a sua prática, como vimos anteriormente. O jogo de posições proporcionado pelas condições de iluminação urbana noturna em espaços públicos são importantes fatores na orientação da lógica espacial da atividade, pois os espaços iluminados, conjugados ao estatuto público do espaço, conferem a visibilidade necessária aos corpos para a atração de clientes e os pontos de menor iluminação proporcionam menor visibilidade ao programa e maior privacidade às pessoas envolvidas.

Nesse sentido, com base em Góis, (2016), compreendemos a noite não como um período específico do dia, mera parte do ritmo circadiano, mas como um espaço-tempo dotado de um conjunto de práticas e atividades múltiplas e variadas e que guardam uma relação direta com as especificidades do período noturno, tal como a iluminação urbana. Nas palavras do autor, a noite se estrutura como

> "[...] uma construção socioespacial, ou seja, o que define o noturno são as práticas sociais e as formas construídas que se dedicam ao encontro social sob condições de iluminação, negociação e localização especialmente criadas para o que os agentes sociais definem como noite." (GÓIS, 2016, p.186).

A partir dessas ideias, acreditamos que a vida noturna e suas dinâmicas internas são parte essencial do entendimento da prática de prostituição em espaços públicos, sobretudo se considerarmos a intensa associação da prostituição com outras práticas de comércio e lazer na cidade.

## OPERACIONALIZAÇÃO

Em princípio, realizamos uma descrição física e situacional da área de estudo, considerando o tipo de uso do solo urbano predominante na vizinhança, os aspectos arquitetônicos das edificações comerciais, os equipamentos urbanos, às condições de iluminação pública, o tipo de logradouro, considerando que se trata de uma atividade na calçada. Em um primeiro momento, utilizamos o

[4] Sobre a relação entre espaços públicos, iluminação urbana e a criação de paisagens noturnas na cidade do Rio de Janeiro, ver *Paisagens luminosas e cenários noturnos: formas, práticas e significados da noite na cidade do Rio de Janeiro*, de Marcos Paulo Ferreira de Góis.

*software Google Earth* e a sua ferramenta *Street View* para realizar uma observação exploratória. O *Google Earth* possui a função de apresentar um modelo tridimensional do globo terrestre, construído a partir de mosaico de imagens de satélite. Dessa forma, é possível identificar lugares, construções, cidades, paisagens, entre outros elementos, através da ferramenta *Street View*, que são imagens a partir da vista do observador. As imagens fornecidas pelo *software* são de maio de 2019. Posteriormente, realizamos um trabalho de campo de confirmação dos elementos previamente identificados - físicos e situacionais - e para analisar sua atividade noturna.

O trabalho de campo foi realizado em uma única noite de sexta-feira (10/09), dia da semana em que o local está mais movimentado, de acordo com observações anteriores. Permanecemos no local entre as 19:00 e as 21:30 horas. Com uma ficha de observação, foi possível verificar os comportamentos de prostitutas, dos funcionários do bar, dos clientes de ambas as atividades, bem como sua movimentação pelo espaço, seja ele a rua ou o interior dos bares. Identificamos os trajetos predominantes e a relação entre os indivíduos que compõem aquela situação sócio-espacial e descrevemo-nas em croquis da localidade, que foram analisados posteriormente, em gabinete. Por segurança, não foi possível tirar fotografias da localidade.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Peixão está inserido em uma área predominantemente residencial do bairro da Freguesia, sendo o seu entorno marcado por um conjunto de casas térreas, de arquitetura original e com pouca manifestação de atividades residenciais e fluxos de moradores no local (FIGURA 2). A oferta de comércio e serviços no bairro se manifesta de maneira pontual, sendo a orla, onde o Peixão está localizado, marcada pela presença de quiosques, cuja oferta de comidas, bebidas e espaços de estadia é um atrativo a frequentadores locais. No intervalo da orla em que o Peixão se localiza, há a presença de dois quiosques a uma distância considerável do local, estando um aberto, com frequentadores sentados em mesas e cadeiras usufruindo o local para consumação e sociabilidade, e o outro fechado. Nota-se que a frequência de quiosques na orla se faz mais intensa no início da praia, declinando ao longo de sua extensão e sendo quase nula ao final, onde a prostituição ocorre.

FIGURA 2 - Fotografia da área do Peixão, 2021. Fonte: *Google Earth.*

A área ao redor do Peixão também abriga o ponto final de ônibus que ligam a Ilha do Governador a diferentes espaços da cidade, além de um quartel da Marinha e um ponto turístico do bairro, a Pedra da Onça. Imediatamente ao lado do local, na mesma calçada, localiza-se uma casa de festas de um lado e um motel de outro, ambos sem movimentação ao longo do período observado.

O Peixão compreende um conjunto de três bares, os quais serão chamados neste trabalho de Bar 1, Bar 2 e Bar 3, seguindo sua ordenação da esquerda para a direita como identificado no croqui. A exibição dos nomes dos estabelecimentos em placas não faz parte de sua estratégia de visibilidade e atração de clientes, sendo bem discreta. As edificações dos três bares são contínuas entre si e o seu conjunto de morfologias apresenta uma padronização quanto à sua organização interna. A entrada em seu interior se dá a partir de uma pequena escada, com cerca de quatro degraus, por conta de sua elevação em relação ao nível da rua. A escada conduz ao portal de entrada, alinhada à direita da fachada do bar. Ao adentrar os estabelecimentos, é possível perceber um padrão de organização interno. O salão é preenchido por um conjunto de mesas e cadeiras de plástico, à direita e à esquerda. A parte direita da parede frontal à entrada abriga o balcão de atendimento, onde são vendidos comes e bebes para consumação local ou na rua em frente ao estabelecimento. Por conta dessa área de venda de produtos e das ocasionais filas nesse espaço, a presença de mesas é menos densa do lado direito do salão, cujas paredes exibem informes de regras do estabelecimento, cardápios e no caso do Bar 1, uma televisão.

Já o lado esquerdo abriga a maior parte das atividades de sociabilidade dos estabelecimentos. Não apenas a maior presença de mesas e cadeiras se torna um elemento atrativo e concentrador de clientes, mas também a ofertas de jogos, como a sinuca e máquinas de jogos, um maior volume da música no local e a maior oferta de espaços livres para danças e interações levam esse lado a sediar a maior parte das interações entre os frequentadores do local, tanto entre si, quanto com as prostitutas que ali trabalham. O lado esquerdo também abriga as passagens para os ambientes mais internos e reservados dos estabelecimentos, onde acredita-se que ocorra a realização de programas em cômodos internos.

O espaço externo a esses estabelecimentos se localiza em uma faixa da orla da Praia da Guanabara. Uma rua de mão única, na direção do interior do bairro, e com baixo fluxo de carros é utilizada ao longo da noite, mas mais intensamente em suas primeiras horas, por praticantes de atividades físicas e exercícios aeróbicos. Nota-se que os praticantes de exercícios são homens e usualmente estão sozinhos, enquanto as praticantes mulheres sempre andam em grupos. A passagem de pedestres e transeuntes é também rara no local, bem como a parada de veículos que não tenham relação direta com o uso do Peixão. O outro lado da rua abriga a orla da praia, em uma faixa de calçada estreita e sem a presença de quiosques. A mureta que separa a calçada da areia serve de local de permanência e sociabilidade entre os frequentadores do Peixão. A calçada oposta é também ocupada por carros, motos e bicicletas de frequentadores do local, ao passo em que nenhum automóvel estaciona na calçada do próprio estabelecimento.

As primeiras horas da noite marcam um momento em que as atividades no Peixão ainda se manifestam de maneira tímida. Os bares já estão em funcionamento, com ofertas de consumo de comes e bebes e serviços de prostituição disponíveis, bem como o funcionamento da iluminação local. O fluxo de clientes ainda é tímido. No campo realizado, em torno das 19h é possível observar um grupo de quatro amigos no Bar 1, conversando e consumindo cerveja, em uma mesa do lado esquerdo do bar, logo ao lado de uma máquina de jogos. Já o Bar 2 abrigava um homem que, acompanhado de uma prostituta, estava sentado a uma mesa também do lado esquerdo, consumindo cervejas, enquanto outra prostituta se sentava no lado direito e conversava com o atendente do bar. Não se observou neste momento nenhuma ocupação no Bar 3 (FIGURA 3).

Na calçada oposta, ocupações pontuais de pessoas de pé e sentadas no meio fio e na mureta da orla se associavam à presença de carros, motos e bicicletas que eram estacionados no local. Alguns

motoristas estacionaram os carros no meio fio e de pé, virados para os bares, observavam a movimentação no local. A edificação dos estabelecimentos em relação à calçada e a presença de amplas janelas se tornam elementos fundamentais na visibilidade das ações ocorridas nos estabelecimentos, de forma que pessoas posicionadas na calçada oposta podem observar o seu interior (FIGURA 3).

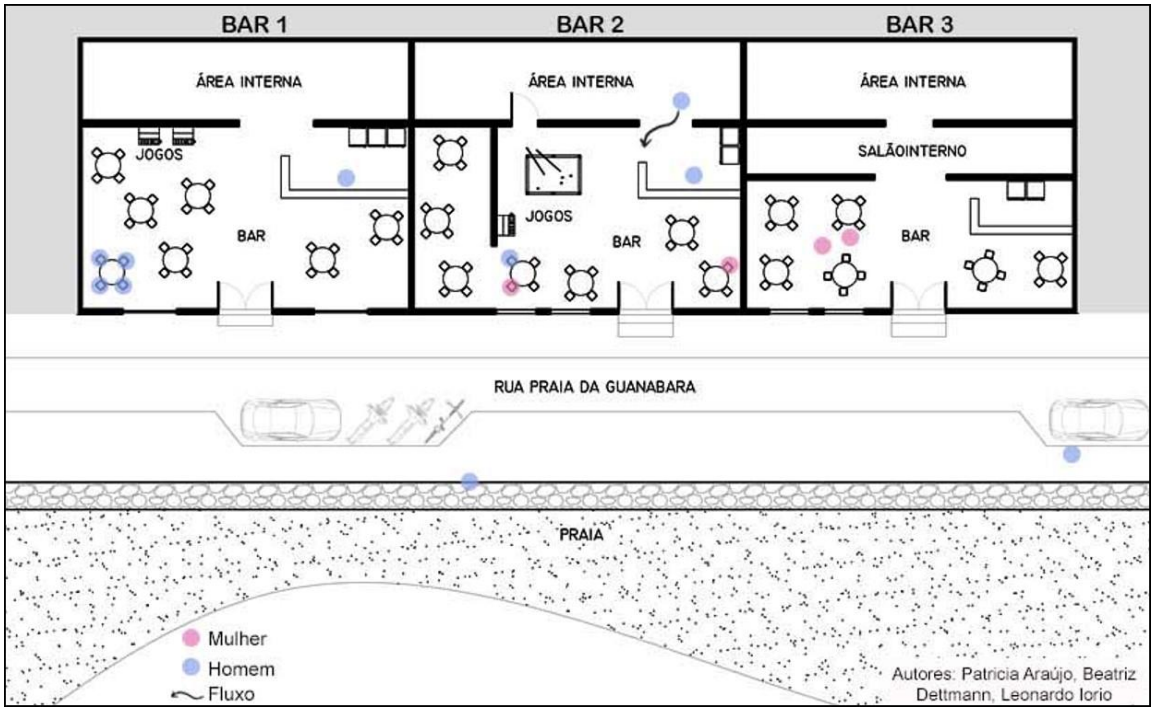



Figura 3 - Primeiro Momento da Noite

Ao longo desse primeiro período, os fluxos de pessoas são pontuais. Clientes e prostitutas chegam ao local de carros, motos ou a pé. Sobre os automóveis, chama atenção o uso de carros de transporte complementar, como táxi e Uber, para o transporte de prostitutas, enquanto os clientes em sua maioria chegam com veículos privados, que ficam estacionados em frente ao local. Já os pedestres, chegam aos bares após uma caminhada pela calçada oposta aos bares do Peixão, atravessando a rua apenas ao chegar em frente aos estabelecimentos.

A interação entre os espaços privados dos estabelecimentos e os públicos das calçadas começa a se conformar a partir de conversas estabelecidas entre clientes, em sua maioria amigos, a partir das janelas do local, em uma situação de interação social que geralmente culmina na entrada do segundo no estabelecimento. Os fluxos de entradas e saídas dos estabelecimentos também vão se intensificando com o tempo, com destaque para o Bar 3. Esse tipo de movimentação se fez tanto por clientes quanto por prostitutas chegando ao local.

Ao longo da noite, o cenário que se observa no Peixão começa a se reconfigurar gradualmente. A prática de atividade física no local se torna mais rara, enquanto o interior dos bares e as calçadas passam a concentrar mais pessoas. As ocupações nas muretas seguem um padrão onde os grupos de frequentadores, que por vezes não se conheciam antes do encontro no local, se concentram na faixa de calçada alinhada à entrada dos estabelecimentos, ainda que do lado oposto da rua, consumindo álcool (FIGURA 4). Nesse sentido, observam-se três maiores ocupações nas calçadas, correspondentes às três entradas dos estabelecimentos.

Um maior número de frequentadores começa a acessar o local e realizam observações dos bares, para decidir em quais deles entrar. Por vezes, os grupos entram nos estabelecimentos e após passar alguns segundos em seu interior, saem e entram no seguinte, em uma aparente busca por melhores

condições de estadia no local, seja em termos de preços, ofertas de produtos, tipos de mulheres no local, lotação do espaço, tipo de músicas e iluminação (FIGURA 4). Observamos aqui que apesar de uma organização espacial padronizada, o comportamento desses frequentadores nos indica a existência de especificidades em cada um dos bares, levando à sua diferenciação.

Nesse momento, as estratégias de visibilidade e as formas de abordagem das prostitutas para com os clientes mudam. O que antes se fazia quase que de forma passiva, onde elas ficavam no interior dos bares esperando a chegada dos clientes, assume uma estratégia ativa. A partir das 20:15h, aproximadamente, as prostitutas dos três bares passam a ocupar as soleiras das portas, como estratégia de atração dos frequentadores concentrados do lado de fora e de captação dos indecisos em meio à sua escolha de bar. Esse comportamento se intensifica ao longo da noite, quando as prostitutas passam a ocupar (e significativamente) as calçadas e as ruas em frente aos bares. Elas passam a integrar os grupos de homens concentrados na faixa da orla e ali permanecem, em situação de sociabilidade (FIGURA 4). Enquanto algumas tiravam fotos de si com um aparelho celular, outras consumiam álcool com os homens ali presentes e uma chegou a pegar emprestada a bicicleta de um deles para transitar em frente aos bares. À exposição de corpos, soma-se então os tratos sociais de interação e o uso da abordagem direta a partir da voz e de chamados a transeuntes, estes mais raros, como forma de abordagem.

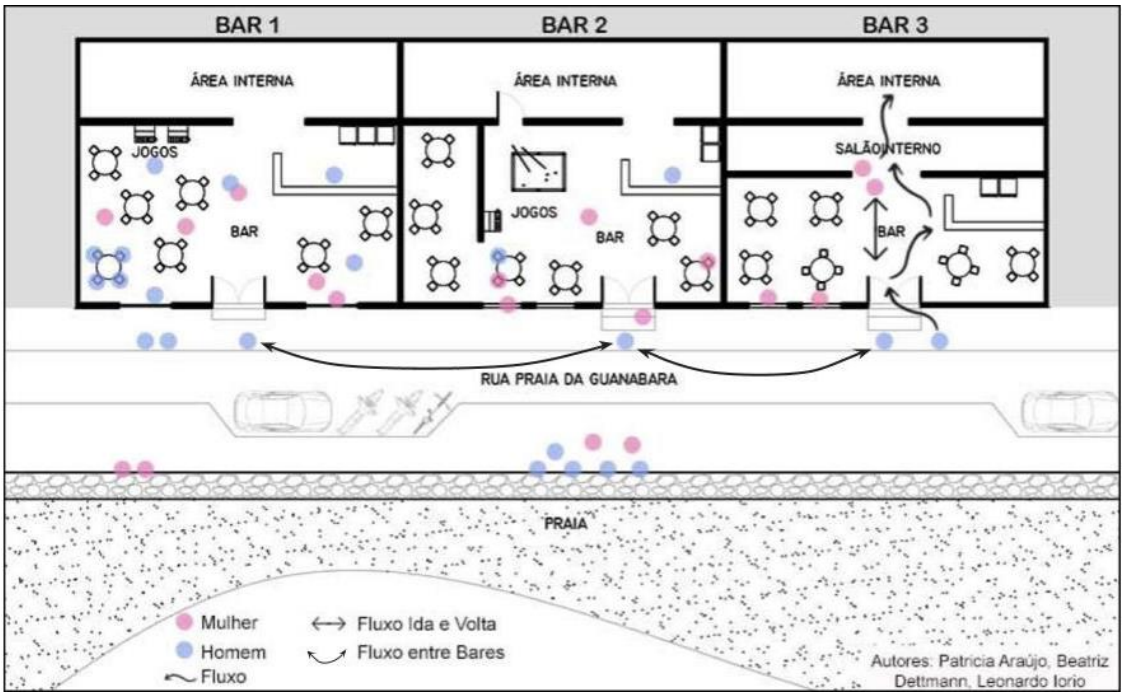



Figura 4 - Segundo Momento da Noite

O interior dos bares também passa a ser mais densamente ocupado, não apenas por clientes, mas também por prostitutas que permanecem no local, acompanhadas e/ou desacompanhadas. As acompanhadas, em geral, permanecem à mesa com os seus clientes (FIGURA 4). Foi possível observar uma situação em que a interação entre cliente/prostituta se encerrou com um beijo à mesa, após a consumação de cerveja no local, indicando uma maior variedade de usos e formas de programas sem a realização de sexo. Isso pode indicar uma finalidade de uso do espaço de prostituição e da companhia feminina pelo simples desejo de interação social, sem maiores pretensões.

Já em relação às mulheres desacompanhadas, foi possível observar um comportamento que oscila do desfile pelo estabelecimento, transitando por seus ambientes, à dança. Os fluxos de homens desacompanhados no interior desses espaços também são visíveis, porém menos constantes. Foi possível observar um comportamento típico de homens que engloba a sua chegada ao Peixão, a

entrada em um dos estabelecimentos e a sua saída, de vinte a trinta minutos depois. Esse comportamento nos leva a pensar na possibilidade de realização de programas nos cômodos internos dos bares e seu tempo médio.

O momento de ocupação da soleira das portas por parte das prostitutas e sua posterior projeção para a rua e calçadas marca uma virada nas estratégias de visibilidade assumidas pelas mesmas ao longo da noite. A nova postura ativa é marcada pelo desenvolvimento de ritos de sociabilidade nos espaços públicos adjacentes a esses estabelecimentos e uma maior liberdade de movimentação pelos corpos femininos. A sua associação a um bar específico enquanto prestadora de serviços, mais nítida no primeiro período observado, se torna menos evidente com o passar das horas. Uma prostituta associada ao Bar 3, por exemplo, interage ao longo da noite com prostitutas associadas aos Bares 1 e 2, chegando por vezes a adentrar suas dependências.

Essa transição marca também uma reconfiguração do cenário observado e uma nova forma de uso do espaço, bem como um deslocamento da atividade para um espaço com o estatuto público. O que antes era uma atividade mais reservada aos espaços privados e confinados dos bares, ganha as ruas e os espaços públicos. Nesse sentido, não apenas o cenário observado se reconfigura, os ritmos se modificam e abre-se a cena da prostituição. As estratégias de visibilidade e abordagem adotadas pelas prostitutas e o papel do espaço público no desenvolvimento dos ritos de sociabilidade no local se transformam, bem como a relação com o entorno, havendo maior densidade e circulação nos e entre os espaços (bares, calçadas, orla etc.).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A vida noturna no Peixão se estrutura a partir de uma divisão entre dois períodos fundamentais, que marcam diferenciações no que diz respeito à sua organização espacial, às práticas desenvolvidas no local, às formas de uso e apropriação do espaço e às estratégias adotadas pelas prostitutas no local para dar visibilidade à oferta de seus serviços. Ao longo do primeiro período, nas primeiras horas da noite, os ritos de sociabilidade desenvolvidos no local são muito mais contidos ao interior dos estabelecimentos, espaços privados, onde clientes e prostitutas, ainda em baixa quantidade, utilizam o mobiliário do local para a consumação de bebidas e formas de interação que podem ou não culminar na realização de um programa. Os bares, semelhantes entre si, abrigam poucas pessoas e se apresentam independentes entre si, músicas e iluminação própria. As ocupações nas calçadas são rarefeitas, bem como a entrada e a saída de pessoas nos estabelecimentos.

Com o avançar das horas e com o aumento da presença de clientes no local, o uso dos espaços públicos, sobretudo da mureta da orla concentrada em frente aos estabelecimentos, se torna mais intenso. Os clientes, geralmente em grupos, passam a ocupar a rua de maneira mais densa, alinhados à entrada dos bares e a circulação e a parada de carros, motos e bicicletas, transportando clientes e prostitutas aumenta consideravelmente. Nesse momento, as prostitutas, que anteriormente aguardavam clientes no interior dos espaços privados, sendo visíveis apenas através das janelas, passam a ocupar as ruas e permanecer em situação de sociabilidade e consumo com os grupos de homens concentrados na orla. As estratégias de visibilidade de seus serviços mudam, ganhando o caráter de abordagens mais ativas. Os espaços públicos passam a ganhar ao longo do segundo período o protagonismo como local principal das interações sociais, mas sem que os espaços privados sejam esvaziados ou percam sua importância.

Embora esses dois períodos possam ser bem delimitados quando analisamos a distribuição espacial de pessoas pelo local, o momento de transição entre eles é de grande interesse geográfico. Ao final do momento 1, quando as atividades ainda estão contidas no espaço privado, as prostitutas ocupam as janelas e portas, com o corpo à mostra e o olhar voltado para a rua, em busca de clientes

no espaço público. O início do momento 2 é marcado pela invasão da rua pelas prostitutas que vão à calçada e à escada do bar chamar clientes para que entrem no estabelecimento. Mais do que uma simples captação de clientes, a calçada adjacente ao bar e sua escada são palco de interações entre as prostitutas e os clientes. Por fim, elas se juntam à atividade de sociabilidade recém formada do outro lado da rua, junto à mureta. Não se trata, então, de dois momentos estanques antes e depois da invasão do espaço público, a fachada permeável e a calçada assumem o papel de fronteira entre o espaço público e o espaço privado. As portas e janelas grandes e abertas e a escada de acesso compõem uma fachada permeável, conforme definido por Teixeira e Silva (2018), pela possibilidade de acesso físico e visual ao interior da edificação. A calçada torna-se, então, o que os autores, baseando-se no trabalho de Karssemberg (2015), entendem como um espaço híbrido entre o público e o privado.

Por fim, nota-se que a presença dos bares e dos serviços por ele oferecidos para além da prostituição, como música, comes e bebes, além de espaços de estadia ao longo da noite, é fundamental na conformação do Peixão como um espaço de prostituição. Enquanto o primeiro período indica uma independência entre os estabelecimentos, o aumento do número de frequentadores do local no segundo período revela uma integração entre os espaços, seja a partir dos clientes, que buscam entre eles as melhores opções de consumo e lazer, seja entre as prostitutas, que apesar de associadas a um dos bares, utilizam as dependências dos outros ao longo da noite. configurando um sistema de bares. A própria posição dos bares e suas entradas orientam a localização das concentrações de pessoas ao longo da orla, que ocupam uma posição privilegiada na observação dos atos que ocorrem em seu interior.

O Peixão, portanto, apesar de ter como característica central a oferta de prostituição na Ilha do Governador, apresenta uma vida noturna marcada pelo desenvolvimento de práticas de sociabilidade e formas de uso que não tem como necessária finalidade a realização de um programa. Os clientes encontram na integração entre os espaços privados dos bares e nos públicos da orla um espaço propício ao encontro social. Já as prostitutas, ao participarem desses ritos de sociabilidade, utilizam esse espaço como local privilegiado de exposição de seus corpos e visibilidade a sua oferta de serviços, que quando acionados são levados para o ambiente privado e cômodos internos dos bares.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS


- BLOOMBERG, Michael Rubens. Active Design: Shaping The Sidewalk Experience. Department of City Planning: New York City, 2013, 124 p.

- DE MATOS, Rogério Botelho; RIBEIRO, Miguel Angelo Campos. Territórios da prostituição nos espaços públicos da área central do Rio de Janeiro. Boletim Goiano de Geografia, v. 15, n. 1, 1995.

- GEHL, Jan. Life Between Buildings: using public space. 1ed. Washington: Island Press, 2011.

- GÓIS, Marcos Paulo Ferreira de. Paisagens luminosas e cenários noturnos: formas, práticas e significados da noite na cidade do Rio de Janeiro. Niterói, Río de Janeiro: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2016. 211p.

- GOMES, Paulo Cesar da Costa. Espaços Públicos: um modo de ser do espaço, um modo de ser no espaço. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.). Olhares Geográficos. Modos de ver e viver o espaço. 1. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012, p. 19-42.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. A condição urbana: ensaios de geopolítica da cidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002, 304 p

- KARSSENBERG, Hans; LAVEN, Jeroen; GLASER, Meredith e VAN‘T HOFF, Mattijs. The City at Eye Level: Lessons for Street Plinths. Eburon Academic Publishers, 2015.

- KIM, Annette Miae. Sidewalk City: remapping public space in Ho Chi Minh city. 1 Ed. Chicago: The University of Chicago press, 2015. 252 p.

- LORENZI, Glaucia. Prostituição virtual: o impacto das novas tecnologias na “Profissão mais antiga do mundo”. Contribuciones a las Ciencias Sociales, n. junio, 2019.

- PISCITELLI, Adriana. Viagens e sexo on-line: a Internet na geografia do turismo sexual. Cadernos Pagu, n. 25, p. 281-326, 2005.

- RIO DE JANEIRO (município). Livreto Calçadas Cariocas: sínteses e parâmetros. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Urbanismo (SMU), 2019.

- RIO DE JANEIRO (município). Decreto nº 29.881, de 18 de setembro de 2008. Legislação municipal do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/1017211/DLFE-238836.pdf/decreto2.9.8.8.1.0.8._posturasmunicipais.pdf>. Acesso em 17/08/2021.

TEIXEIRA, Bárbara Klóss; SILVA; André de Souza. Fachadas ativas e sua influência na qualidade de vida urbana. Cadernos de Arquitetura e Urbanismo v.25, n.36, 2018.

# Le parc de proximité, espace de liens et soutiens sociaux vitaux pour les personnes âgées dans les grandes villes d'Amérique latine. Etude de cas à Monterrey (Mexique).

# O parque de proximidade, espaço de vínculos e apoios sociais vitais para os idosos nas grandes cidades da América Latina. Estudo de caso em Monterrey (México).

**Laurène WIESZTORT**

*Docteur, Université d'Artois, F-62000 Arras, France*

*Laboratoire Université Lille Nord de France, Artois, EA 2468, Discontinuités, F-62000 Arras, France*

Resumo

Âmbito da investigação : Os parques urbanos desempenham um papel primordial no bem-estar mental e físico dos cidadãos das grandes metrópoles e, mais particularmente, dos idosos. Sofrem das ilhas de calor urbano e do isolamento social que se reforça com a idade. Os parques urbanos de proximidade são as soluções para estes dois males que trazem frescura ao coração do tecido urbano denso, mas também do vínculo social. É o segundo que nos vai interessar

objectivo s: O artigo pretende pôr em evidência a importância dos parques de proximidade como espaços públicos de vínculos e de apoios sociais para romper o seu isolamento social .

Metodologia: Método de estatística mista sequencial e de observação de terreno. A análise baseia-se num inquérito a 125 indivíduos com mais de 60 anos e numa campanha de observação a nível de quatro parques da aglomeração de Monterrey, no México.

Resultados: Os resultados indicam que, para os idosos, a presença de um parque de proximidade viável é primordial e a saída para o parque: vital. O parque de proximidade é um lugar de encontro, de intercâmbio e de reunião e permite também às pessoas idosas tecer uma rede social, nomeadamente de apoios sociais por vezes primordial na sua vida. Assim, é essencial pensar, criar, conceber parques, por um lado, acessíveis às pessoas idosas, de proximidade, e que favoreçam os intercâmbios e os laços sociais

Palavras-chave: Parque urbano de proximidade, idosos, vínculo social

Résumé

Cadre de recherche **:** Les parcs urbains jouent un rôle primordial dans le bien-être mental et physique des citadins des grandes métropoles et plus particulièrement des personnes âgées. Elles souffrent des îlots de chaleur urbaine et de l'isolement social qui se renforce avec l'âge. Les parcs urbains de proximité sont les remèdes à ces deux maux apportant de la fraicheur au cœur du tissu urbain dense mais aussi du lien social. C'est le second qui va nous intéresser.

Objectifs **:** L'article ambitionne de mettre en évidence l'importance des parcs de proximité comme espaces publics de liens et de soutiens sociaux pour rompre leur isolement social .

Méthodologie **:** Méthode de statistique mixte séquentielle et d'observation de terrain. L'analyse s'appuie sur une enquête auprès de 125 individus de plus de 60 ans et une campagne d'observation au niveau de 4 parcs de l'agglomération de Monterrey, au Mexique.

Résultats **:** Les résultats indiquent que pour les personnes âgées, la présence d'un parc de proximité praticable est primordiale et la sortie au parc : vitale. Le parc de proximité est un lieu de rencontre, d'échanges et de réunions et permet également aux personnes âgées de se tisser un réseau social notamment d'appuis social parfois primordial dans leur vie. Ainsi, il est essentiel de penser, créer, concevoir des parcs d'une part accessibles aux personnes âgées, de proximité, et favorisant les échanges et liens sociaux.

Mots-clés : Parc urbain de proximité, personnes âgées, lien social

**The proximity park, a space of links and vital social supports for the elderly in the big cities of Latin America. Case study in Monterrey (Mexico).**

Abstract

Research framework**:** Urban parks play a key role in the mental and physical well-being of urban dwellers in major cities, especially seniors. They suffer more from urban heat islands and the social isolation that increases with age. The urban parks of proximity are the remedies to these two evils bringing freshness to the heart of the dense town but also of the social bond. It is the second that will interest us

Objectives**:** The article aims to highlight the importance of local parks as public spaces of links and social supports to break their social isolation.

Methodology**:** The Statistical Method is sequential mixed and field observation method. The analysis is based on a survey of 125 individuals over 60 years of age and an observation period in and near four parks in the Monterrey metropolitan area of Mexico.

Results**:** The results indicate that for the seniors, the presence of a practicable proximity park is essential and going to the park is vital. The nearby park is a meeting place, for exchanges and meetings and also allows the elderly to weave a social network including social supports sometimes primordial in their life. Thus, it is essential to think, create, design parks accessible to the elderly, proximity, and promoting exchanges and social ties.

Keywords: Urban proximity park, seniors, social connection

## 1. Contexte de l'étude

Le vieillissement des populations est un phénomène mondial. L'organisation mondiale de la Santé (OMS) explique que la population mondiale vieillit rapidement. Les chiffres sont les suivants : entre 2000 et 2050, la proportion de la population mondiale de plus de 60 ans doublera pour passer d'environ 11% à 22%. Le nombre absolu de personnes âgées de plus de 60 ans devrait ainsi augmenter pour passer de 605 millions à deux milliards d'individus au cours de la même période. L'OMS met également en évidence deux faits importants : 1/Les pays à revenu faible et intermédiaire connaîtront l'évolution démographique la plus rapide et la plus importante ; 2/Le nombre de personnes âgées de 80 ans ou plus, par exemple, aura été multiplié par quatre ou presque pour atteindre 395 millions entre 2000 et 2050. Pour la première fois dans l'histoire de l'humanité, une majorité d'adultes d'âge moyen voire plus âgés auront leurs parents toujours en vie. C'est deux faits posent la question de l'encadrement et le soutien de ces personnes très âgées ayant des enfants eux-mêmes âgés (parfois plus en capacité de se charger d'elles).

Selon Chambon (2005), le vieillissement de la population observé dans la plupart des pays industrialisés contribue à en modifier profondément la structure démographique. Une configuration inédite est ainsi apparue, marquée à la fois par un accroissement du poids démographique des personnes âgées et par un accroissement de la durée de vie et donc de la cohabitation des générations (Loriaux, 1995). Ces évolutions conduisent experts et médias à se préoccuper de l'incidence d'un tel bouleversement sur la place et le rôle réservés aux personnes âgées dans la société et à poser la question de leur intégration sociale.

L'objectif de cet article est de se demander dans quelle mesure les parcs urbains de proximité peuvent permettre de rompre l'isolement social des personnes âgées et favoriser le lien entre-elles voire un appui social. Définissons dans un premier temps l'isolement social. Le travail réalisé en 2003 par l'INSEE dans le cadre de l'enquête conduite par Jean-Louis Pan Ké Shon explique qu'il ne faut pas limiter le champ de l'isolement aux personnes n'ayant aucun contact avec autrui, l'enquête se réfère alors au degré d'inscription dans les réseaux de sociabilité (nombre de contacts, sur une période donnée, avec la famille, les amis, le voisinage, les collègues) (CESE, 2017). La figure 1 du CSA research, illustre cela :

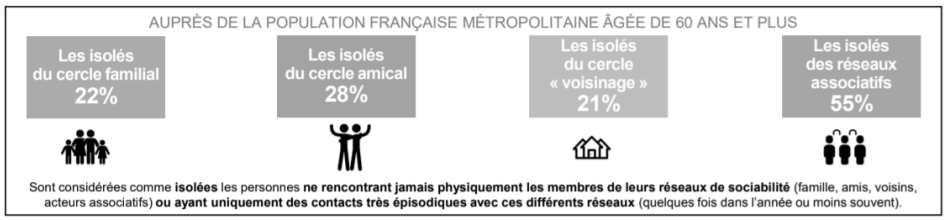


Figure 1 : L'isolement social des personnes âgées en France.
Source : CSA research, 2017.

Audirac (1985) explique qu'il y a de plus en plus de personnes âgées qui vivent seules. Les familles les accueillent de moins en moins (les modes de vie ont changé, les enfants vivent à loin) et les personnes âgées sont soit placées dans une structure d'accueil, soit seules à leur domicile. C'est dans ce contexte que l'on observe un isolement social de plus en plus marqué, et ce, dés la retraite. Le travail permet d'acquérir un statut social qui détermine la place occupée dans la société, son identité sociale (Vézina, Derriennic. & Monfort, 2001). Sans travail, l'individu en est dépourvu et sa participation en est amoindrie. Les personnes âgées se trouvent quelque peu marginalisées par la coupure avec l'environnement professionnel et, souvent, par les incapacités physiques. Elle l'est aussi par la distension des liens familiaux (Audirac, 1985).

De nombreux auteurs mentionnent aussi qu'une personne âgée est socialement insérée lorsqu'elle participe activement à diverses associations ou institutions à caractère récréatif, éducatif, ou politique (Knipscheer et Van Rijsselt, 1993 ; Quellet, 1995). Ainsi, l'intégration serait conçue comme une caractéristique strictement individuelle, une variable dont la valeur dépend du nombre et de la fréquence des relations interpersonnelles. Chambon (2005) nuance cette proposition en expliquant que les personnes âgées intègrent souvent des associations qui réunissent des personnes âgées uniquement, de ce fait l'intégration est limitée à une tranche d'âge.

Notons q'une part importante de l'état de santé d'un individu tient à son degré d'intégration dans la communauté. Les individus sans liens sociaux ont une espérance de vie plus faible que ceux qui ont davantage de relations sociales (Corin, 1996). C'est dans ce cadre que le lieu de vie, logement, quartier, ville, jouent un rôle primordial. L'environnement urbain qu'occupent les personnes âgées est composé d'aménagements qui peuvent être pour eux, antithétiques ou prothétiques (Laroque, 2011). Nous savons que les personnes âgées expérimentent l'environnement naturel proche (Coupleux, 2013), ainsi que son influence sur les opportunités d'affronter des défis quotidiens dans le vieillissement (Wahl et Lang, 2003; Krause, 2004). Le choix du lieu de vie pour une personne âgée est crucial mais souvent imposé. Par le lieu de vie nous entendons, son habitat, son quartier, son cadre de vie. Celui-ci doit lui permettre de maintenir des activités quotidiennes (Andrews et Phillips, 2005; Peace, Holland et Kellaher, 2006; Sánchez González, 2015) mais aussi et surtout un tissu social. L'espace urbain et architectural peut être à la fois une ressource ou une contrainte pour la personne âgée et peut favoriser ou au contraire accentuer ses déficiences et l'isoler. L'environnement physique (repérage dans l'espace, déplacement, contact avec l'extérieur, stimulation des sens) et social (intimité, vie collective, contacts sociaux) ont un impact direct sur le degré de dépendance. En effet, une même déficience n'induit pas le même degré de dépendance selon l'environnement. Le parc urbain de proximité est quant à lui un aménagement vital au bien-être des personnes âgées (Wiesztort, 2019a). Mais pour qu'il le soit il doit être accessible.

Le parc urbain rend un certain nombre de services écosystémiques (Wiesztort, 2019b). Il apporte de la nature au cœur de villes artificielles, de la fraîcheur et lutte contre l'îlot de chaleur urbain. Il dépollue, permet l'infiltration des eaux de pluie, crée des zones d'ombre qu'apprécient les personnes âgées, plus fragiles face aux canicules et sujettes aux problèmes respiratoires. De plus, de nombreuses études démontrent que la nature a des bienfaits sur la

santé physique des individus (Bilal and al., 2016 ; Björk and al., 2008 ; Van Dillen and al., 2012 ; Wolch and al., 2014) et mentale (Grahn and al., 2010; MacKerron, 2013). La nature est bénéfique pour la santé de manière directe et indirecte et donc à différentes échelles : par la pratique d'activité physique, par sa simple vue, elle agit sur le moral (stress, violence), par son contact (se promener dans un bois, un parc, apprécier l'air pur, la végétation, cultiver). Thoreau dans son *Journal* (1840) en a la conviction, le contact avec la nature est primordial pour l'être humain. Les citadins en ont conscience. Il ressort que la nature est synonyme de « vie » en ville. Elle permet de distinguer les saisons (à l'automne les feuilles tombent ou changent de couleurs) et les éléments de nature sont des repères au cœur de la ville (avec le vent les branches bougent).
Notre étude porte sur l'intérêt social du parc urbain de proximité pour les personnes âgées (plus de 60 ans). Les résultats présentés sont tirés d'une recherche postdoctorale réalisée à l'Université Autonome de Nuevo Léon au Mexique en 2016. Ce travail de recherche qualitative et quantitative a pour enjeu l'analyse des effets du vieillissement démographique sur les requêtes d'équipement urbain qui sont spécifiques (Wiesztort, 2013) et en particulier dans les parcs urbains. L'objectif était d'apporter des recommandations qui permettent d'affronter les défis que pose ce phénomène. De la même manière, nous prétendions, contribuer à l'impulsion d'une ligne de recherche relative à l'urbanisme gérontologique. Selon Dumont, dans la longue histoire de l'humanité, le vieillissement représente un phénomène inédit (Dumont, 2018). L'étude porte sur l'agglomération de Monterrey (Mexique) qui est représentative des grandes villes d'Amérique Latine. La thématique du vieillissement en ville y est très intéressante puisqu'en 2050, on estime qu'un latino-américain sur quatre sera un adulte âgé qui vivra en ville.

## 2. Méthodologie

### 2.1. Méthodes d'enquête

Notre analyse s'appuie sur de l'observation directe et sur une enquête mixte séquentielle réalisée entre les mois de mars 2016 et août 2016 auprès de 125 individus âgés de plus de 60 ans (Tableau 3). L'étude a été menée dans l'agglomération de Monterrey dans l'Etat de Nuevo Léon au Nord du Mexique. Le travail de terrain est passé par plusieurs étapes : un inventaire qualitatif des parcs (observation des équipements et des individus, relevés techniques à l'aide d'un senseur HOBBO ware), une pré-enquête qualitative auprès de dix individus, puis l'enquête quantitative. Celle-ci se compose de huit thèmes (Tableau 1) et 64 questions fermées. Le premier thème permet de faire connaissance avec l'enquêté. Les autres suivent une évolution dans l'étude du rapport de l'individu avec le(s) parc(s) qu'il fréquente. Ils cernent ainsi l'ensemble des angles d'approches de la question que nous voulions aborder.
Les différents types de questions fermées utilisées dans le questionnaire sont :
- La question fermée à choix exclusif
(Exemple : 12/ ¿Cuándo prefiere venir al parque? Semana/ Fin de semana);
- La question fermée à choix multiple, qui propose une liste de réponses préétablies
(Exemple : 32/ Que usted utiliza en el parque? El andador /El césped/ Los bancos/ Las mesas/ Los aparatos de deporte/ Los canchas de deporte/ El wifi/ Las áreas de juego para los niños/ Los kioscos de comida y bebida);
-La question quantitative, avec un choix numérique
(Exemple : 10/ ¿Con que frecuencia usted viene al parque? Todos los días/ 2-3 por semana / 1 por semana/ 1 cada 2 semanas/1 por mes);

-La question qualitative qui met en évidence une préférence, une évaluation
(Exemple : 17/Te gusta venir al parque? Muy poco/ Poco/ Mucho/ Muchissimo).

| Thèmes | Nombre de questions | Objectifs |
|---|---|---|
| 1-Présentation et environnement socio-économique de la personne enquêtée | 9 | Connaître l'individu enquêté (sexe, âge, profession, état civil, vie à domicile, état de santé) |
| 2-Fréquentation d'un espace vert | 13 | Cerner son rapport au parc, son choix de parc et sa fréquentation |
| 3-Environnement de proximité et personne âgée / Distance parc-domicile | 3 | Obtenir des informations sur le déplacement parc-domicile (moyen de déplacement, distance, temps) |
| 4-Fonctions d'exploration et d'interprétation | 5 | Evaluer le parcours parc-domicile de l'enquêté (obstacles, équipements pour faciliter la mobilité) |
| 5-Activités des personnes âgées dans le parc | 8 | Connaître les pratiques et usages dans les parcs (ce qu'ils recherchent, ce qu'ils y font, ce qu'il manque dans le parc qu'ils fréquentent) |
| 6-Socialisation dans le parc des personnes âgées | 8 | Comprendre le rôle social du parc (interactions sociales, rencontres, point de réunion, expériences positives ou négatives) |
| 7-Perception de la santé des personnes âgées en relation avec le parc<br>a/Bien-être et santé en relation avec les pratiques dans un parc<br>b/ Bien-être physique<br>c/ Bien-être psychologique | <br>5<br>6<br>7 | Evaluer la contribution du parc au bien-être de l'individu (physique et psychologique) |
| 8-Pharmacie et personnes âgées | 2 | Avoir connaissance, de l'impact de la sortie au parc sur la prise de médicaments |

Tableau 1 : Présentation du questionnaire
Source : L. Wiesztort, 2019.

### 2.2. Périmètre d'étude

Le cas d'étude est l'agglomération de Monterrey située dans l'Etat de Nuevo Léon au Mexique. La ville de Monterrey, capitale de l'Etat, compte 1.1 millions d'habitants. Sa zone métropolitaine, englobe douze municipalités, pour un total de 4,1 millions d'habitants. Nous avons choisie cette agglomération car elle est représentative de nombreuses grandes métropoles mondiales et notamment d'Amérique latine. Elle est industrielle, très polluée (Guajardo Quiroga, 2002) avec peu d'espaces verts. Le climat y est aride et les citadins en souffrent.

A partir de la répartition des personnes de plus de 60 ans dans l'agglomération de Monterrey et l'indice de marginalisation, nous avons élu des quartiers composés d'un pourcentage élevé de personnes âgées, et, au niveau de vie (taux de marginalisation) différents. Nous souhaitions des milieux géographiques et sociaux variés. Deux sources (CONAPO et INEGI) ont été utilisées. Un travail de cartographie nous a permis de distinguer les aires ayant les taux de personnes âgées les plus importants et d'élire 4 parcs au sein de l'agglomération (2 dans les aires à faible marginalisation et 2 dans les aires à forte marginalisation). Les parcs désignés sont les suivants : les parcs Alameda, Las Americas, Anáhuac et Las Arbóledas (Tableau 2).

| | **Parcs linéaires** | **Parcs ponctuels** |
|---|---|---|
| **Faible taux de marginalisation** | Anáhuac | Las Américas |
| **Taux de marginalisation élevé** | Las Arboledas | Alameda |

Tableau 2 : Parcs sélectionné selon le taux de marginalisation du quartier.
Wiesztort L., 2019.

Dans le cadre de cette recherche, nous avons également fait un travail sur la forme des parcs urbains, en s'interrogeant sur la forme la plus adaptée au contexte et problématiques actuelles

des grandes villes. Nous n'aborderons pas ce pan de la recherche dans cet article. Tous les enquêtés ont été interrogés dans (2/3 des enquêtés) ou à proximité des parcs (1/3).
Le travail d'observation sur lequel nous nous appuyons, consistait à observer directement les pratiques, usages et comportements d'un individu ou groupe d'individus dans les parcs élus. Ces observations ont été réalisées sur des tranches de deux heures, à différents moments de la journée (matinée ou après-midi) et chaque mois.

### 2.3. Echantillon

125 individus ont été enquêtés (Tableau 3). Les personnes âgées enquêtées ont été informées qu'elles étaient totalement libres de refuser de participer à l'enquête ou de s'en retirer à tout moment, et que les analyses seraient anonymisées. Pour ce faire, leurs prénoms ont été modifiés. Nous avions pour objectif d'interroger au minimum 30 personnes âgées par parc. Nous en avons interrogés 31 dans les parcs Alamedas ainsi que Las Américas, et respectivement 30 et 33 pour les parcs Anáhuac et Las Arboledas. La majorité des enquêtés ont entre 60 et 69 ans (79 individus, soit 63.2% de l'échantillo,), 40 entre 70 ans et 79 ans (soit 32%) et 6 entre 80 ans et 86 ans (soit 4.8%). 86 ans est l'âge de la personne la plus âgée que nous avons pu enquêter. Il était difficile d'avoir plus de personnes très âgées car elles ne sont pas nombreuses dans les parcs. De plus, les individus les plus âgés étaient parfois dans l'incapacité de répondre à nos questions (fatigue, difficultés de compréhension ou d'expression orale). Parmi les 125 interrogés, la majorité sont des hommes. Les femmes ne représentent que 24% des enquêtés. Dans l'agglomération de Monterrey, les femmes sont une minorité à aller au parc, notamment en raison de l'insécurité dans l'Etat de Nuevo Léon (homicides, violences, vols, cartels, enlèvements). Les femmes les plus nombreuses étaient dans le parc Las Americas, au cœur d'un quartier aisé, plus sécuritaire. De plus, le parc est récent, les arbres y sont encore petits et laissent une visibilité importante et donc une plus grande sécurité. Notons également que la génération de personnes âgées actuelle est une génération où les femmes ne travaillaient pas. Ces femmes âgées ont toujours été à la maison et s'occupaient de celle-ci. Sortir au parc n'est pas dans leurs habitudes, contrairement aux hommes qui l'ont prise depuis la retraite.

| Age | Effectif | Effectif par tranche d'âge | Effectif par sexe |
|---|---|---|---|
| 60 | 25 | | |
| 61 | 5 | | |
| 63 | 7 | | |
| 64 | 4 | 79 | 60 Hommes |
| 65 | 5 | | 19 femmes |
| 66 | 7 | | |
| 67 | 6 | | |
| 68 | 5 | | |
| 69 | 15 | | |
| 70 | 9 | | |
| 71 | 2 | | |
| 72 | 6 | | |
| 73 | 3 | | 33 hommes |
| 74 | 5 | 40 | 7 femmes |
| 75 | 4 | | |
| 77 | 4 | | |
| 78 | 2 | | |
| 79 | 5 | | |
| 80 | 1 | | |
| 81 | 1 | | 3 hommes |
| 83 | 3 | 6 | 3 femmes |
| 86 | 1 | | |
| Total | 125 | | |

Tableau 3 : Echantillon de l'étude
Source : L. Wiesztort, 2019

### 2.4. Les outils d'analyse

Pour la réalisation du travail cartographique qui a permis d'élire les parcs au sein de l'agglomération de Monterrey, nous avons travaillé à partir des données du Conseil national de la population (Conapo) et l'Institut National de Statistiques et Géographie (Inegi) et utilisé le logiciel de SIG : MapInfo.
L'analyse de l'enquête a, quant à elle, été réalisée avec le recours à un logiciel d'analyse statistique et prédictive IBM SPSS, afin d'analyser les résultats quantitatifs et coupler aux mieux les données. Les documents présentés dans cet article, issus de ces outils d'analyse ont été traduits depuis l'espagnol, langue dans laquelle l'étude a été menée.

## 3. Résultats

### 3.1. Le parc offre une vie sociale

Selon Soleymani et al. (2018), il n'existe pas de personne âgée "type". Certains à 80 ans possèdent des capacités physiques et mentales comparables à des individus ayant la vingtaine. Il y a une grande diversité d'expériences et de besoins des personnes âgées. Cette hétérogénéité de leur état de santé s'explique par le parcours de vie, le genre, l'environnement social et économique, le lieu de résidence, les différentes générations auxquelles appartiennent les personnes âgées, la culture. Pour autant, nous savons que les personnes âgées sont une catégorie de population fragile. Selon Kopp-Bigault et Walter, 17% des décès par suicide dans le Monde concernent des individus de plus de 65 ans. Les facteurs de risque observés concernent les troubles de santé mentale, mais aussi l'influence de l'isolement et du manque de soutien social sur ces individus (Kopp-Bigault, Walter, 2019). Ainsi, les personnes âgées sont soumises et souffrent d'un isolement social de plus en plus marqué avec l'âge (Pan Ké Shon, 2003). L'isolement et la solitude peuvent contribuer à une fragilité physique, psychique et sociale (Soleymani, Berrut, Campéon, 2018).
Le parc de proximité est un espace public que fréquentent de nombreuses personnes âgées et celui-ci permet de rompre l'isolement social. Les définitions de l'isolement social sont diverses mais s'accordent sur le manque de contact et lien avec d'autres individus. Par exemple, au niveau européen, l'institut Eurostat, dans le cadre des enquêtes européennes, considère comme socialement isolées les personnes qui ne voient jamais leur famille ni leurs amis, n'ont plus de contact personnel et ne reçoivent aucune aide en cas de besoins. Le CESE considère pour sa part que s'il peut provenir de la faiblesse des liens dans leur fréquence ou dans leur régularité, l'isolement social peut aussi être la conséquence d'une qualité durablement insuffisante des relations (CESE, 2017). Et c'est dans le parc de proximité que la personne âgée, lorsque sa mobilité le lui permet, va chercher puis construire sa vie sociale. Selon Long et Tonini, plus que le contact direct et l'échange, le simple fait de se trouver dans un espace vert collectif suffit à éprouver un sentiment de partage et de rencontre, à construire un lien social (Long, et Tonini, 2012). Long et Tonini observent deux catégories d'individus : ceux qui cherchent l'espace libre, le plus tranquille, à l'écart des autres usagers. Ils se l'approprient et font de cet espace collectif un usage privé. Puis ceux, qui se dirigent vers les autres usagers, dans une démarche grégaire. Ils représentent la majorité des individus chez les personnes âgées et c'est ces individus que nous intéresse.

#### 3.1.1. Le parc est un lieu de réunion

Le parc permet de se réunir entre amis ou en famille (Boutefeu, 2007). 44,8 % des enquêtés dans l'agglomération de Monterrey révèlent se rendre au parc pour retrouver des

connaissances. Pour la moitié (50.9 %) ce moment de retrouvaille est important, et pour 40.9 %, il est même indispensable à leur bien-être (Figure 2) :

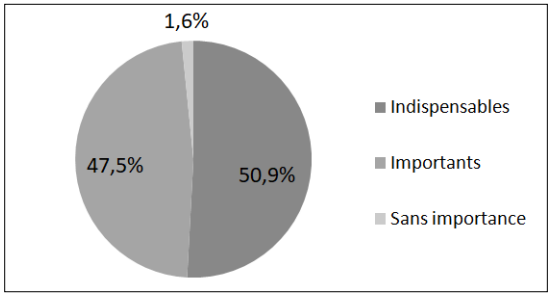



Figure 2 : Le parc, un lieu de réunion très important pour les personnes âgées
Source : L. Wiesztort, 2019.

20 % des enquêtés viennent au parc avec un membre de sa famille. Bien souvent, ils font le chemin ensemble depuis le domicile. Alors que lorsqu'ils disent « retrouver des amis », le parc est un point de rendez-vous, le trajet s'effectue seul pour 87 %.

Les personnes âgées qui vont au parc pour retrouver des amis y passent beaucoup de temps. 61 % restent plus de 1h30 et 43 % plus de 2 h dans le parc (parfois une demi journée) alors que les autres individus passent en majorité entre 15 et 30 mn (Figure 3 et 4). Ce temps correspond à une promenade, qui est une des activités majeures des personnes âgées dans les parcs urbains. Les observations sur le terrain nous ont permises de comprendre que certains individus profitent de cette sortie au parc pour voir plusieurs amis, à différents moments consécutifs, et ce, afin d'occuper la journée. Ils peuvent ainsi occuper un même banc durant plusieurs heures mais être rejoints par différents amis au cours de ce laps de temps.

Les interactions sociales permettent le maintien d'un mode de vie autonome pour les personnes âgées ainsi que la consolidation des réseaux de solidarité. Cattell et Curtis en 2008, observent également qu'elles contribuent au bien-être des aînés sur le plan émotionnel. C'est ce que les témoignages ont fait ressortir :

Verbatim 1 : « Lorsque je viens au parc, je vois mes amis et je revis »

Verbatim 2 : « Moi, j'aime venir au parc car il y a mes vieux amis, on parle de nos vies, on passe le temps … et je ne suis pas seul chez moi»

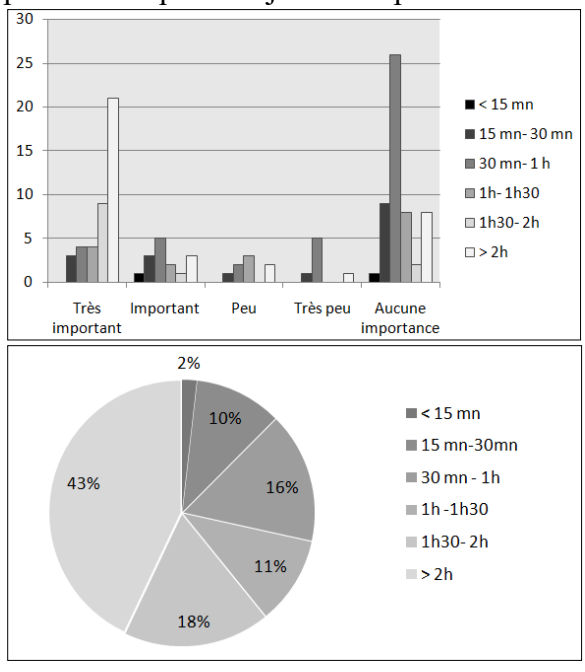



Figure 3 : Temps passé dans le parc selon l'importance accordée à la réunion avec des amis.
Figure 4 : Temps passé dans le parc pour les personnes qui y vont afin de retrouver des amis

Source : Wiesztort L., 2019.

### 3.1.2. C'est aussi un lieu de rencontre

Le parc est un lieu de rencontre (Long et Tonini, 2012 ; Clavel, 2010). « Le lien social créé est alors plus ou moins fort et plus ou moins concret selon que les usagers se contentent de la proximité de l'autre, qu'ils échangent quelques banalités et politesses ou qu'une véritable conversation s'installe » (Long et Tonini, 2012, paragraphe 44). Il permet de rompre l'isolement des personnes âgées. Nous ne parlerons pas de la notion de solitude qui est bien plus complexe et « ne doit pas se réduire aux seules formes d'isolement « statistiquement observables » et encore moins au seul fait de vivre seul. Si ces situations peuvent constituer des terreaux favorables à son émergence, la solitude, notamment dans sa forme éprouvante, est surtout liée à la représentation d'une privation » (Campéon, 2016, p. 13), d'un manque (Élias, 1998). « On vit son entourage et on se vit soi-même comme une béance » (Lalive d'Épinay, 1992, p. 172).

Le parc est un espace public où nous pouvons rencontrer d'autres individus qui sont, bien souvent, dans une démarche similaire à la notre : passez un moment au calme, au contact de la nature ou pratiquer différentes activités au frais, dans un cadre verdoyant (Wiesztort, 2019a). Certains enquêtés ont déclaré se rendre au parc pour rompre leur isolement et être au contact d'autres personnes. Ils peuvent rechercher un simple contact visuel ou parfois un échange. Pour 98 %, cet instant passé au parc est plus qu'important et pour plus de la moitié il est indispensable. 84 % des personnes interrogées précisent qu'elles apprécient rencontrer de nouvelles personnes et discuter avec elles. Pour 65 %, elles adorent cela (Figure 5).

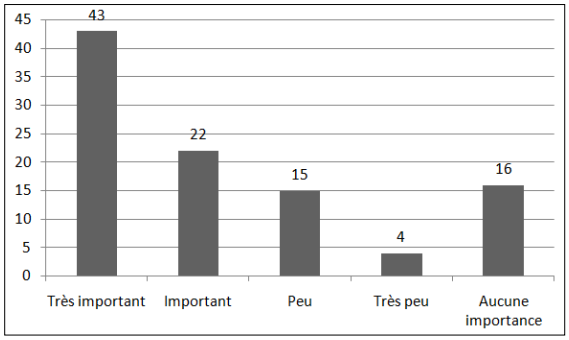



Figure 5 : Importance pour les personnes âgées de rencontrer de nouvelles personnes et discuter avec elles (en %).

Source : Wiesztort L., 2019.

Précisons également que 60,8 % vont au parc pour être au contact de personnes d'âges différents, notamment plus jeunes. Certains expliquent :

Verbatim 3 : « Au parc, il y a beaucoup de jeunes familles et parfois on peut discuter avec elles ».

Le lien social émane du comportement des usagers, mais il est également corrélé aux pratiques. Certaines étant plus propices que d'autres à l'échange et au partage. La surveillance des jeux d'enfants est l'activité qui génère le plus d'échanges entre les adultes par exemple (Long. et Tonini, 2012). Certaines personnes âgées nous ont expliqué qu'elles se positionnent stratégiquement prés des jeux pour enfants pour avoir des échanges avec les parents qui surveillent et les enfants. Ils ont ainsi l'impression de participer à l'activité de la famille. Un semblant de famille lorsque leurs propres enfants vivent loin. D'autres parlent d'échanges de savoirs :

Verbatim 4 : « J'aime regarder les jeunes jouer au basket, parfois on parle NBA, j'adore ça ! …. moi, je ne peux plus jouer »

Les activités sportives collectives sont également très propices aux échanges selon Long et Tonini (2012). Bien souvent, les personnes âgées ne sont plus en capacité de jouer mais apprécient encore le jeu. C'est un moyen d'échanger autour d'une passion commune avec les joueurs.
Verbatim 5 : « Moi je fais du sport sur les appareils de musculation, et il y a des jeunes qui m'aident parfois. Ils me conseillent car ils font du sport à l'université. Ils s'y connaissent ! Moi non. »
A delà des échanges, il y a les conseils, nous pouvons également parler du parc comme d'un lieu d'appui social ;

### 3.2. Le parc permet à la personne âgée d'avoir un appui social

Notre étude a révélé que le parc de proximité était également un lieu d'appui social très souvent vital pour de nombreuses personnes âgées (voisins, amis, famille de cœur, solidarité intergénérationnelle (Simard, 2015)). Le parc répond à un besoin social des individus. Koff explique que si des personnes âgées peuvent bénéficier de l'aide d'un(e) conjoint(e) ou des enfants pour favoriser leur maintien à domicile, mais aussi les aider, les accompagner et empêcher l'isolement, certain.e.s aîné.e.s n'ont pas d'autres choix que de compter sur leurs propres ressources pour satisfaire leurs attentes (Koff Théodore, 1992). Le tableau 4 met cela en évidence. Moins une personne âgée a d'aide à domicile, plus elle doit la chercher ailleurs. Fréquenter un parc de proximité est souvent une solution pour obtenir du soutien régulièrement. La figure 6 met en évidence l'importance pour les personnes âgées de cette démarche :

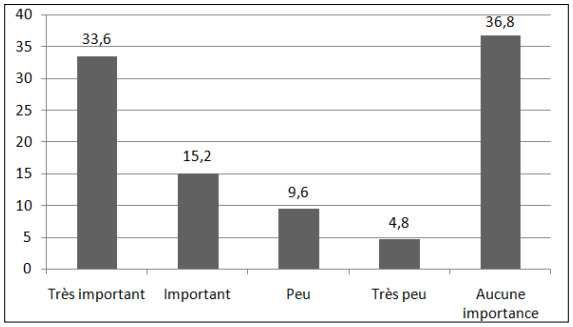



Figure 6 : Importance du parc comme lieu d'appui social pour les personnes âgées (en %)
Source : Wiesztort L., 2019
63.2 % des personnes interrogées voient le parc comme un lieu où ils peuvent obtenir un appui social. Prés de la moitié des interrogés ont expliqué que l'appui social qu'ils trouvaient dans le parc était important ou très important. Cet appui peut se traduire pas une aide apportée par des voisins, des amis, qu'ils vont trouver au parc. Parfois, ils ne sont pas assez proches pour se voir à domicile mais la sortie au parc est l'occasion de se rencontrer et demander un soutien de divers ordres (résoudre un problème, aide administrative, soutien moral). Par appui social, il est surtout question d'un appui psychologique. Les personnes âgées ont parfois besoin de ce type de soutien, pour se confier et éviter les angoisses qui peuvent être provoquées par la solitude croissante. Le soutien peut également se traduire par des conseils, une aide administrative ou parfois une aide physique. Mais toutes seront à caractère ponctuel.

#### 3.2.1. Les hommes recherchent plus un appui social dans les parcs que les femmes

L'étude a mis en évidence que les femmes qui allaient au parc y vont très rarement pour faire des rencontres, pour créer un lien ou trouver un appui social. 52 % y vont pour accompagner les petits enfants aux jeux ou pour 55%, seule, pour faire une activité sportive. Nous avons également noté que les sorties des femmes au parc sont régulières (puisqu'elles correspondent

aux sorties avec les enfants ou à l'activité physique qui doit être régulière) mais elles sont plus réduites en termes de temps que celles des hommes (tableau 2). Elles restent en moyenne 50 mn dans le parc. Dans ce laps de temps, elles sont très peu à chercher un appui social, contrairement aux hommes (Figure 7). 66 % des femmes déclarent ne pas chercher d'appui social dans le parc. Les 34 % qui le font sont des femmes qui vont chercher un soutien auprès d'amie(s) qu'elles connaissent très bien (parfois des voisines). Les hommes, quant à eux, sont nombreux à rechercher un appui social. 74 %, dont 60 % qui comptent beaucoup sur cette aide. Nos entretiens ont permis de comprendre cette donnée. Un grand nombre vivent seuls. Ils sont veufs ou séparés et cette aide devient parfois primordiale pour réaliser certaines tâches, avant effectuées par leurs épouses (administratif notamment). Rappelons que nous sommes dans une génération où les femmes ne travaillaient pas ou peu et géraient la maison, les démarches administratives, etc. Certains hommes ont expliqué qu'ils trouvaient des réponses, de l'aide, voire un soutien auprès de certains voisins ou femmes.

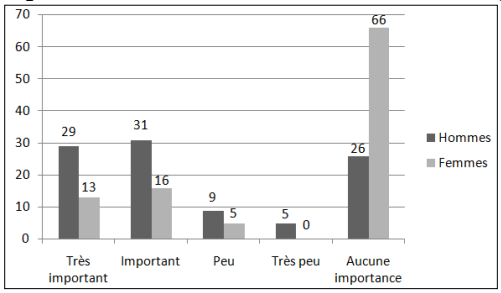



Figure 7 : Pour vous le parc joue t-il un rôle d'appui social ? (en %)
Source : Wiesztort L., 2019.

### 3.2.2. Plus la personne est âgée plus elle a besoin d'un appui social

En vieillissant, les occasions de perdre des relations se multiplient et celles d'en construire d'autres sont moins nombreuses. Après 70 ans, l'isolement progresse fortement et continûment avec l'âge. (Pan Ké Shon, 2003). La période de 79 à 83 ans qui correspond à l'entrée dans la dépendance, peut coïncider de façon aigüe avec la problématique de l'isolement social. Dans l'agglomération de Monterrey, les personnes de la tranche d'âge de plus de 79 ans étaient peu nombreuses dans les parcs, tout simplement en raison de leur perte d'autonomie liée au vieillissement. Beaucoup sont dans l'incapacité de se rendre au parc et par conséquent de trouver un appui social s'ils en ont besoin. Nos données montrent une augmentation du besoin d'aide sociale avec l'âge. Les individus viennent au parc pour la trouver mais ceci est possible jusqu'à un âge limite d'autonomie et de mobilité (propre à chacun). Ce besoin est également lié à leur diminution des capacités mentales et physiques. Plus, ils vieillissent et plus elles s'amoindrissent. En effet, selon Baulieu, le vieillissement altère progressivement tous les aspects de la santé. La santé physique est atteinte par la sénescence physiologique, qui touche les systèmes sensoriels (ouïe, vue), le système locomoteur, le système immunologique (baisse de la résistance contre les infections), etc. La santé mentale est menacée par la baisse des capacités intellectuelles, des tendances dépressives, et le risque de démences séniles, que l'on ne peut ni prévoir ni éviter (Baulieu, 2002). Pour ces raisons, l'individu va peu à peu perdre ses capacités et surtout son autonomie. Il va devoir faire appel à une tierce personne pour accomplir des tâches qu'il était capable de réaliser seul avant. Il l'a cherchera au parc si ses capacités physiques et mentales le lui permettent.

### 3.2.3. La quête d'aide sociale dans le parc de proximité dépend de la classe sociale de l'individu

Une place modeste dans la hiérarchie sociale est le plus fortement associée à l'isolement relationnel (Pan Ké Shon, 2003). L'isolement relationnel concerne les personnes qui n'entretiennent qu'un nombre très faible de contacts avec autrui. Deux groupes sociaux sont particulièrement touchés : les personnes âgées et les personnes socialement défavorisées, en particulier les titulaires de faibles revenus et les non-diplômés (Pan Ké Shon, 2003). Selon l'association française Regain, les processus d'isolement social touchent surtout les plus faibles. Il existe une corrélation entre l'isolement social et la précarité ainsi qu'entre l'isolement social et la situation de handicap (accessibilité-mobilité). Le tissu social s'appauvrit en particulier pour ceux qui, par perte de mobilité ou du fait de leur situation précaire, ne peuvent sortir de leur quartier, leur rue, leur palier, voire leur appartement ou leur chambre. En vieillissant, les occasions pour les personnes âgées de construire de nouvelles relations s'amoindrissent alors qu'en parallèle elles perdent petit à petit leur entourage (amis, famille, connaissances). Le niveau de revenu joue un rôle dans l'attitude des personnes âgées, celle qui ont les moyens financiers d'avoir une aide à domicile par exemple, ne vont pas au parc dans une quête d'aide ou d'appui social, puisqu'ils l'ont à domicile. Nous avons voulu voir s'il y a avait une corrélation entre les individus qui reçoivent une aide économique (financière) de la part de leur famille pour pouvoir vivre et ceux qui recherchent un appui social dans les parcs urbains de proximité (Tableau 4). Il en existe bien une :

**Corrélations**

| | | Una red de apoyo social | Ayuda economica | Numero en la casa |
|---|---|---|---|---|
| Una red de apoyo social | Corrélation de Pearson | 1 | ,070 | -,870** |
| | Sig. (bilatérale) | | ,439 | ,000 |
| | N | 124 | 123 | 121 |
| Ayuda economica | Corrélation de Pearson | ,070 | 1 | ,193* |
| | Sig. (bilatérale) | ,439 | | ,032 |
| | N | 123 | 124 | 124 |
| Numero en la casa | Corrélation de Pearson | -,870** | ,193* | 1 |
| | Sig. (bilatérale) | ,000 | ,032 | |
| | N | 121 | 124 | 125 |

*. La corrélation est significative au niveau 0,05 (bilatéral).

**. La corrélation est significative au niveau 0.01 (bilatéral).

Tableau 4 : Corrélation entre l'aide économique familiale, la recherche d'un appui social dans les parcs et le nombre d'individus au domicile.

Source : L. Wiesztort, 2019

Comme le coefficient est positif, plus l'aide économique d'un membre de la famille est importante plus la recherche d'appui social dans le parc l'est également. En examinant la valeur du coefficient (r = 0,70), nous pouvons dire que l'effet de la relation entre ces deux variables est de grande taille et que l'association est très forte.

L'analyse a permis également de démontrer une corrélation significative au niveau 0.01 (bilatéral) concernant le nombre d'individus au domicile de la personne âgée et sa recherche d'appui social dans le parc qu'elle fréquente. En effet la corrélation est forte et négative (r= -0.870). Ce qui signifie que moins il y a de personnes dans le domicile de la personne âgée, plus elle est à la recherche d'un appui social dans le parc. Et inversement, la présence d'autres personnes au domicile engendre un besoin moindre d'appui social. Ce constat semble logique. La personne âgée a besoin de moins d'aides extérieures si elle est déjà entourée à son domicile. Ce constat est également ressorti avec les personnes veuves vivant seules.

## 4. Conclusion

Notre étude met en évidence que le parc est créateur de liens sociaux sous de multiples formes, mais aussi qu'il y a des différences selon les individus (sexe, catégories socioéconomiques, âges). Le parc est un lieu de rencontre, on peut y rencontrer des individus de diverses origines, cultures, catégories sociales (selon le quartier), âges. Il y a des échanges et c'est ce que de nombreuses personnes âgées recherchent. Celles-ci utilisent également le parc comme un lieu de réunion. Le parc est un espace public frais et donc agréable au sein de villes toujours plus denses et minérales. Les personnes âgées qui souffrent davantage des îlots de chaleur urbaine aiment s'y retrouver. Ils se réunissent entre amis, membres de la famille et en profitent durant de nombreuses heures. C'est un moyen de rompre leur isolement à domicile. Le parc est également un lieu où les personnes âgées peuvent trouver un appui social qui est nécessaire au bon fonctionnement de leur vie. Mais, il faut ajouter que les amis et les voisins ne sont pas des acteurs sociaux significatifs qui interviennent (comme pourrait le faire un membre de la famille ou un aidant professionnel) sur le plan de l'organisation de la vie quotidienne. Ils seront donc davantage une aide extérieure ponctuelle.
Ces moments au cœur du parc sont très importants voire vitaux pour les personnes âgées. Selon Kopp-Bigault et Walter (2019), 17% des décès par suicide dans le Monde concernent des individus de plus de 65 ans et ils sont liés pour beaucoup à leur isolement et au manque de soutien social. Le parc joue donc un rôle très important dans leur vie.
Mais nous devons insister sur un élément clé : la proximité des parcs. Nous avons traité de parcs de proximité car sans cette proximité, les personnes âgées ne peuvent pas se rendre au parc. Par proximité, nous entendons 200 mètres maximum de rayonnement autour du domicile. Dans ce rayon, nous sommes dans un espace de proximité auquel peut avoir accès une personne âgée à pied au quotidien (García Ballesteros and al., 2016 ; Sánchez González, 2009).
Nous parlons de proximité, mais il faut également aborder la notion d'accessibilité. Même si nous avons constaté à travers l'enquête que les personnes âgées à Monterrey s'adaptent à leur environnement et notamment au trajet qu'ils doivent emprunter pour aller au parc, l'accessibilité du parc peut être un frein à partir d'un certain âge. Si les personnes âgées rencontrent des difficultés, des obstacles (dénivellation, racines d'arbre, bordures, routes à traverser) ou qu'il n'y a aucun équipement de confort pour se reposer en cas de baisse de forme (tel qu'un banc), le trajet jusqu'au parc ne sera que plus difficile. Notamment s'il est quotidien. Il est donc primordial d'équiper, aménager les parcs mais aussi les rues qui permettent d'y accéder.
Nous savons qu'il y a un manque de parcs de proximité dans les grandes villes et par conséquent que les personnes âgées ne peuvent profiter des bienfaits sociaux de ceux-ci.
En explicitant de nombreuses variables observables au sein de chaque catégorie d'âge, de sexe pour les personnes âgées, mais aussi selon les milieux socio-économiques et résidentiels, nous illustrons enfin que le parc urbain de proximité mérite d'être analysé comme un remède à l'isolement social des personnes âgées et donc repensés au cœur des villes durables de demain.

## Références bibliographiques

- Andrews Gavin, J., Phillips, D. R., 2005. Ageing and Place: Perspectives, Policy, Practice ». London: Routledge Studies in Human Geography.

- Audirac, P. A., 1985. Les personnes âgées, de la vie de famille à l'isolement In: Economie et statistique, N°175, Mars 1985. Ménages et familles : vers de nouveaux modes de vie? / Fécondité et milieu social / Les personnes âgées. pp. 39-54.

- Baulieu, E-E., 2002. Le vieillissement : aspects médicaux et sociauxAging alters progressively all aspects of health. Compte rendus, Biologies, Volume 325, Issue 6, Juin 2002, Pages 699-717.

- Bilal, U., Díez, J., Alfayate, S., Gullón, P., Del Cura, I., Escobar, F., Sandín, M., Franco, M., 2016. Population cardiovascular health and urban environments: The Heart Healthy Hoods exploratory study in Madrid, Spain. In *BMC Medical Research Methodology*, 16 (1), art. no. 104.

- Björk, J., Albin, M., Grahn, P., *et al*, 2008. Recreational values of the natural environment in relation to neighbourhood satisfaction, physical activity, obesity and wellbeing. Journal of Epidemiology & Community Health 2008;62:e2.

- Boutefeu, E., 2007. La nature en ville : des enjeux paysagers et sociétaux. *Géoconfluences*, avril 2007. URL : http://geoconfluences.ens-lyon.fr/doc/transv/paysage/PaysageViv.htm

- Campéon, A., 2016. Vieillesses isolées, vieillesses esseulées ? Regards sur l'isolement et la solitude des personnes âgées. Gérontologie et société 2016/1 (vol. 38 / n° 149), p. 11-23.

- CESE (Conseil économique social et environnemental), 2017. Combattre l'isolement social pour plus de cohésion et de fraternité Avis du Conseil économique, social et environnemental sur le rapport présenté par M. Jean-François Serres. France, 186 pages.

- Chambon, M., 2005. Entre âgéisme et sagéisme : les orientations relatives à l'intégration sociale des personnes âgées. *Les Cahiers Internationaux de Psychologie Sociale*, numéro 67-68(3), 125-136. doi:10.3917/cips.067.0125.

- Clavel, M., 2010. Un ailleurs au sein de la ville: Le parc des Buttes-Chaumont. *Ethnologie française*, vol. 40(4), 609-621. doi:10.3917/ethn.104.0609.

- Corin, E., 1996. La matrice sociale et culturelle de la santé et de la maladie, *in Être ou ne pas être en bonne santé : biologie et déterminants sociaux de la maladie*, Montréal, Presses de l'université de Montréal.

- Coupleux, S., 2013. Populations âgées en ville. In Población y ciudad. Experiencia espacial, Egea C. Sanchez D. dir, Universidad de Granada, Universidad de Nuevo León, UGR edición, Grenade.

- CSA Research, 2017. La solitude et l'isolement chez les personnes de 60 ans et plus. Étude n°1700242, 24 pages.

- Dumont, G F., 2018. Géographie des populations. Concepts, dynamiques, prospectives. Paris, Armand Colin, 247 p.

- Élias, N., 1998. La solitude des mourants. Paris : Christian Bourgois, 119 pages.

- Garcia Ballesteros, A., Jeminez Blasco, B C., 2016. Envejecimiento y urbanización: implicaciones de dos procesos coincidentes. *Invest. Geog* [online]. N.89, pp.58-73. ISSN 2448-7279. http://dx.doi.org/10.14350/rig.47362.

- Grahn, P., Stigsdotter, U.K., 2010. The relation between perceived sensory dimensions of urban green space and stress restoration. Land-scape & Urban Planning, 94, pp. 264–275.

- Knipscheer, K. et Van Rijsselt, R., 1993. Les personnes âgées d'Europe : intégration ou exclusion ? *Europe Sociale*, 1, p. 41-48.

- Koff Théodore, H., 1992. «Aging in Place: Rural Issues», Generations, vol. 16, no 2, pp. 53-55.

- Kopp-Bigault, C., Walter, M., 2019. Prévention du suicide des personnes âgées en France. Vers une stratégie multimodale de lutte contre la dépression et l'isolement : CQFDI. L'Encéphale,Volume 45, Supplement 1, Pages S35-S37

- Krause, N., 2004. Lifetime trauma, emotional support, and life satisfaction among older adults. The Gerontologist, v. 44, n. 5, p. 615-623.

- Lalive d'Épinay, C,. 1992. Le point de vue du sociologue. La solitude : un défi à l'analyse sociologique. Dans Groupe SOL, *La solitude, ça s'apprend !* Genève, Suisse : Georg Éditeur, p. 159–174

- Laroque, G., 2011. Ma maison, c'est mon château. Gérontologie et société 2011/1 vol. 34 / n°136, p. 8-11.

- Loriaux, M., 1995. Les conséquences de la révolution démographique et du vieillissement sociétal : restructuration des âges et modification des rapports entre générations. *Sociologie et Sociétés*, 27,n.2, p. 9-26.

- Long, N., et Tonini, B., 2012. « Les espaces verts urbains : étude exploratoire des pratiques et du ressenti des usagers », *VertigO - la revue électronique en sciences de l'environnement* [En ligne], Volume 12 Numéro 2 | septembre 2012, mis en ligne le 31 octobre 2012

- MacKerron, G., Mourato, S., 2013. Happiness is greater in natural environments. Glob. Environ. Change, 23, pp. 992-1000.

- Pan Ké Shon, J-L., 2003. Isolement relationnel et mal-être, Insee Première, n° 931 - Novembre2003, 4 pages

- Peace, S., Holland, C., Kellaher, L., 2006. Environment and Identity in Later Life. Maidenhead: Open University Press.

- Quellet, J. H., 1995. Prévention et promotion sociale des personnes âgées. *Le Gérontophile*, 17, p. 3-7.

- Sánchez González, D., 2009. Contexto ambiental y experiencia espacial de envejecer en el lugar: el caso de Granada. Papeles de Población v. 15, n°60, p. 175–213.

- Sánchez González, D., 2015. Ambiente físico-social y envejecimiento de la población desde la Gerontología Ambiental y Geografía. Implicaciones socioespaciales en América Latina. Revista de Geografía Norte Grande, n°60, p. 97-114.

- Simard, M., 2015. «Quelques jalons en vue de l'élaboration d'une politique territoriale du vieillissement au Nouveau-Brunswick», Vie et vieillissement, vol. 12, no 3, pp. 33-41.

- Soleymani, D., Berrut, G., Campéon, A., 2018. Promouvoir la participation sociale des personnes âgées. In La Santé en action, 52 p.

- Thoreau, H-D, 1840. Journal 22 octobre1837-31 décembre 1840. Vol.1, Finitude, 253 p.

- Van Dillen, S.M.E., De Vries, S., Groenewegen PP, Spreeuwenberg P., 2012. Greenspace in urban neighbourhoods and residents' health: Adding quality to quantity. Journal of Epidemiology and Community Health, 66(6),e8.

- Vézina, M., Derriennic, F. & Monfort, C., 2001. L'impact de l'organisation du travail sur l'isolement social. *Travailler*, 5(1), 101-117. doi:10.3917/trav.005.0101.

- Wahl, H. W., Lang, F., 2003. Aging in context across the adult life: Integrating physical and social perspectives. In: Wahl R.; Scheidt R.; Windley P. (eds.). Annual Review of Gerontology and Geriatrics: Aging in context: Socio-physical environments. New York: Springer, p. 1-35.

- Wiesztort, L., 2013. Las representaciones y las esperas de los ciudadanos en términos de espacios de "naturaleza" en la ciudad. In Experiencia espacial, Egea C. Sanchez D. dir, Universidad de Granada, Universidad de Nuevo León, UGR edición, Grenade.

- Wiesztort, L., 2019a. Pratiques des personnes âgées dans les parcs urbains. Etude de cas dans l'agglomération de Monterrey (Mexique). Les Cahiers de QuaMoTer, Quartiers et pratiques des habitants, número de 2019. (Livre en ligne). https://f.hypotheses.org/wp-content/blogs.dir/3725/files/2019/06/Article-Laur%C3%A8ne-W-MEP.pdf

- Wiesztort, L., 2019b.La naturaleza en el corazón de la ciudad y de la vivienda, factor de bienestar y de salud ». In Ciudad, Vivir, Habitar. Ouvrage bilingue (français-espagnol). Editorial Universidad de Granada. 394 p.

- Wolch, J.R., et al., 2014. Urban green space, public health, and environmental justice: The challenge of making cities 'just green enough. Landscape and Urban Planning, 125 (2014), pp. 234-244.

Autor: Daniel Brochado Pires, dnlbp@hotmail.com

**Baile do Ozipa: segregação e resistência urbana**

**Resumo**

A cultura urbana brasileira permeia-se por uma produção plural e conflituosa de manifestações que encontram nos territórios o meio necessário para o autorreconhecimento público, para as vivências criativas e para reafirmação de identidades seja de grupos ou classes sociais. O campo de abordagens desse presente trabalho é analisar essa tradição em movimento, através do "pancadão" prática cultural marcada, essencialmente, pelo consumo do gênero musical funk brasileiro, na qual são difundidos por potentes caixas de som em vias públicas, como ruas e estacionamentos. Nesse sentido, investigaremos o "Baile do Ozipa", pancadão que ocorre numa região periférica de Campinas-SP e se localiza num bairro marcado por altos indicadores de vulnerabilidade social. Nosso objetivo é analisar os conflitos e coesões numa realidade em que ao mesmo tempo que é vista por um viés negativo de criminalização, violência e segregação por não abarcarem moralidades e legitimidades institucionais; ela também é movida por um polo de manifestação positiva pela visão de muitos jovens que encontram nessas expressões espaços de convívio e sociabilidade do cotidiano.

PALAVRAS-CHAVE: pancadão; cultura urbana; direito à cidade.

**Introdução**

O presente trabalho, procurar tratar sumariamente a relação do bairro Parque Oziel na cidade de Campinas-SP na sociabilidade do baile funk conhecido como Fluxo do Ozipa. Este bairro, localizado na região do Jardim Monte Cristo, tem sua história de formação territorial e social confundida com a própria história de luta coletiva de seus moradores. A então ocupação, levava o nome de Oziel, em homenagem ao militante do MST brutalmente assassinado no massacre de Carajás. A mobilização de assegurar o direito à terra nesse espaço da cidade de Campinas, localizada às margens de importantes rodovias e cravado na periferia da cidade, foi inicialmente liderada pelo MTST- Movimento dos Trabalhadores Sem Teto. No fim dos anos 90, a ocupação revolucionou o ambiente político da cidade ao realizar diversificadas manifestações, caminhadas e caravanas visando a luta por moradia, o direito pelo saneamento básico e a eletricidade. Estas movimentações só foram possíveis de serem implementadas devido ao papel de organicidade das associações de moradores e de igrejas que tinham uma atuação coletiva extremamente territorializada na região.

Desde então, se por um lado o Parque Oziel historicamente tem sido marcado por sua trajetória de luta vinculada aos movimentos populares, também possui uma característica ainda atual de extrema precaridade de infraestrutura urbana e indicadores de pobreza. Segundo consultas no Atlas de Desenvolvimento Humano no Brasil, que revela os dados do Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM)1, como forma de compreendermos sua realidade de segregação socioespacial, enquanto bairros que tem o valor da terra valorizado na cidade de

1 Disponível em: http://www.atlasbrasil.org.br/ e https://www.br.undp.org/. O IDHM é baseado em três indicadores: longevidade, renda e educação. Seu valor vai de 0 a 1, quanto mais perto de 1, mais desenvolvido. É um índice que mantém um padrão do IDH Global da ONU, embora com pequenas adaptações para o contexto nacional. Seu diferencial é que nas regiões metropolitanas há possibilidade de separação dos índices por unidades territoriais menores, muito próximas do que entendemos como bairros. Atentamos para o fato que os dados se referem ao último CENSO realizado no país, em 2010, portanto, todas as comparações referenciais serão deste ano. Elaboração: Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil. Pnud Brasil, Ipea e FJP, 2020.

Campinas, como Alphaville, Gramado, Nova Campinas, Barão Geraldo, possuem um IDHM superiores à de países2 como Noruega, Austrália e Nova Zelândia; os bairros mais segregados da cidade como Parque Oziel, Monte Cristo, Satélite Íris, Residencial Bandeiras, possuem IDHM correspondente ao de Filipinas e Botsuana.

Em suma, estamos tratando nesse trabalho sobre a sociabilidade coletiva de um bairro, como tantos outros nos grandes centros urbanos, que devido a produção social do espaço urbano capitalista, tem acentuado uma dinâmica de identidade interna e externa à comunidade, marcada por realidades e sensos comuns reproduzidos pela ideologia hegemônica. Assim, Parque Oziel é um bairro que produz uma relação social resultado de uma coesão e conflito em permanente movimento, pois ao mesmo tempo que sofre os efeitos da segregação, também produz formas de resistência urbana. Essa reprodução social de produção urbana, combina, numa dimensão uma orientação econômica diante ao valor de troca da terra, e em outra dimensão aquilo que é tido como valoração cultural, ou seja, as desigualdades urbanas vivenciadas correspondem uma luta constante contra as hierarquizações que incidem nos conflitos material e simbólico (VÉRAS, 2018).

Após cerca de 25 anos da construção da ocupação do Parque Oziel na cidade de Campinas-SP, nos deparamos com novas ações de estigmatização sobre a região. Se num primeiro momento as estigmatizações reproduzidas de fora e dentro da comunidade tendiam as simplificações como "rebeldes" pelo direito à moradia, agora ocorreria um movimento de "pânico moral" (WACQUANT, 2001) devido a realização dos pancadões de funk na região, em específico o Baile do Ozipa. Nestes termos, haveria uma combinação da segregação do ponto de vista econômico devido ao nível de renda e pelo valor de troca da terra, mas também uma segregação do ponto de vista cultural devido a parte significativa de grupos de jovens consumirem a sociabilidade do funk na rua.

Lefebvre (2019) já indicava que a segregação é uma categoria oposta ao de diferença, pois ao separar, cria-se empecilhos de convivência diversa e plural. Nesse sentido, o bairro do Oziel, por ter acentuado grau de segregação devido aos indicadores socioeconômicos, também reproduziria uma segregação cultural, na qual o baile funk seria tratado como uma marginalidade simbólica de menor valor, estabelecendo uma hipótese em que "(…) o estigma refente ao lugar se sobrepõem-se assim ao já universal estigma da pobreza" (WACQUANT, 2001, p.168).

Diante um contínuo processo de criminalização do bairro e do gênero musical funk pelo estado e o senso comum da sociedade, forma esta acentuada a partir de 2015 pela Lei Municipal nº 14.862 (CAMPINAS, 2015) conhecida como "Lei do Pancadão" e a "Operação Pancadão" iniciada em 2020 no contexto de pandemia, o presente trabalho pretende analisar quais as consequências dos efeitos do bairro Parque Oziel na sociabilidade desses jovens no Baile do Ozipa.

Quando abordamos os "efeitos do bairro" queremos evitar neste trabalho um conceito idealizado de bairro. Assim, não consideramos a escala "bairro" como uma determinante estruturante exclusivo para definição da sociabilidade social, ou seja, a essência de uma realidade urbana, suas características e processo de formação, não são exclusividades de uma análise estrita de um modelo de bairro específico (LEFEBVRE, 1971). De toda forma, nossa questão metodológica e teórica neste trabalho, coloca o bairro como prioridade, pois permite compreender a questão da segregação da cultura, por identificar nessa categoria uma atuação de escala em que podemos estudar a sociabilidade existente entre o lugar e a cidade.

Existe historicamente no Brasil duas linhas dominantes de entendimento que pesquisam a categoria bairro, uma é a humanista-cultural e a outra marxista-lefebvriana, em que pese diferenças

2 Disponível em: http://www.pnud.org.br

importantes, ambas compartilham de um conceito mínimo de bairro enquanto uma instância que carrega trajetórias particulares em um lugar, mas que são marcadas fortemente por um sentimento coletivo de vivência, coesão e conflito (HALLEY, 2014). Somaria ainda além dessas duas linhagens, uma forma complementar de pensar o bairro que são os pesquisadores dos "efeitos de vizinhança", mais comum nas investigações acadêmicas dos Estados Unidos e França, porém ainda não tão usual no Brasil. Basicamente, essa linha de pensamento foca na articulação de escala do bairro: área residencial, localidade e distrito (KEARNS; PARKINSON, 2001), abordando as ambivalências da diversidade social de classes num mesmo espaço social (BACQUÉ; FOL, 2005).

Assim, embora tenhamos algumas linhas de abordagem conceitual sobre o bairro, utilizadas nas diversificadas disciplinas como geografia, sociologia, urbanismo, antropologia, adotaremos considerações importantes destas escolas, mas focaremos na análise sociológica formulada por Lefebvre (1971) em que propõem pontos importantes para o entendimento dos efeitos dos bairros: o entendimento da história daquela localidade e as relações com outras esferas da vida social, de modo, a articular as tipologias dos bairros com as tendências gerais da sociedade contemporânea. Portanto, se o Parque Oziel carrega uma história de luta, ao mesmo tempo que emana uma carga de estigma das instituições e da sociedade a esse "espaço condenado"(WACQUANT, 2001, p.168), estamos aqui interessados em compreender esse processo e suas consequências sobre a expressão cultural do funk consumido pelos jovens pelo fenômeno pancadão em pleno espaço público da região.

Mais especificamente, o problema se concentra em identificar os efeitos, os estigmas, os conflitos e coesões da identidade coletiva constituída no bairro do Pq. Oziel sobre a sociabilidade da juventude no Baile do Ozipa. Os jovens desse bairro compreendem o local como importante na sua expressão cultural? Quais conteúdos carregam a experiência do pancadão que podemos associar à uma forma de segregação urbana mais geral na cidade de Campinas-SP? Qual o papel do estado nessa configuração?

Nesse sentido, analisaremos as plataformas digitais Youtube, Instagram e Facebook oficiais da organização do Baile do Ozipa, como mecanismos de investigação para compreensão de um tipo contemporâneo de interação social (FERRAZ, 2019). A observação das plataformas, constituem um processo valorativo de conectar trajetórias passadas, diante uma diversidade de perfis, que se caracterizam como usuários reais da experiência do baile do Ozipa. Em suma, adotaremos um método tido como olhares etnográficos virtuais ou digitais, que são formas preliminares de observação participante, mas baseada nos instrumentos síncronos e assíncronos das mídias digitais (CARDENAS, 2020). Este movimento é múltiplo situado, utilizando vídeos, fotos, músicas, conversas em redes sociais como instrumentos de análise da organização da comunidade, como nos aponta Claudia Ferraz (2019, p.53): "Mais que um campo de interação social, as mídias em rede on-line produzem e reproduzem comportamentos, valores e preceitos do controle desempenhado pela cultura a que estão submetidas".

Assim, a abordagem metodológica desses preliminares olhares etnográficos em ambiente virtual, baseiam-se em outra ferramenta importante, conhecida como Análise de Redes Sociais (ARS), abordagem oriunda da sociologia, da antropologia e da psicologia social que foca na investigação, interpretação e tabulação das redes sociais, como sistemas conectados que atingem fórmulas importantes para entendimento da vida social (SILVA *et al*, 2006). Nos parece pertinente esse método diante aos fatos expostos, pois a análise das redes sociais permite investigar laços de um determinado sistema, organização, *constructo* social, que embora heterogêneos, compartilham sentimentos comuns (SILVA, FIALHO, SARAGAÇO, 2019).

Para atuarmos com essa metodologia o presente texto apresentará uma abertura da forma e tendência espacial que o funk brasileiro produz no ambiente urbano brasileiro nas últimas décadas,

uma descrição de dados e informações referentes a como o poder público trata, organiza e reproduz uma lógica sobre os pancadões na cidade de Campinas, e por fim, analisaremos estritamente o Baile do Ozipa, utilizando as ferramentas e problemáticas já acima delineadas.

## 1. Produção Espacial do Funk Brasileiro.

A manifestação da cultura popular como fenômeno social indutor de comportamentos e identidade coletiva na produção do espaço urbano brasileiro, não é uma dinâmica recente, data da consolidação da transição demográfica da urbanização e reproduz uma certa tradição de repressão social, simbólico e de violência sobre as expressões negras: jongo, capoeira, samba, etc. A obra "A integração do negro na sociedade de classes" de Florestan Fernandes (1966, p.46) apontava que na virada do século XIX pro XX no período pós abolição da escravatura, as elites das cidades, justificando "civilidade" e "progresso" reprimiram e proibiram manifestações culturais das populações negras nas cidades, a justificativa era que estas perturbariam o "sossego e o decoro da população branca".

Com o funk brasileiro, essa realidade histórica brasileira de tentativa de valoração do que seria apropriado ou não para o aceite cultural, também se torna algo permanente. Diferente da trajetória de parte da cultura popular, como samba e MPB, ou mesmo do Hip-Hop que teve sua ação articulada com o movimento negro como iniciativa para uma luta social respalda por representação política, o gênero funk possui uma estratégia diferente, sua gênese não é intrínseca a revindicação política direta, ela se faz na sociabilidade direta e espontânea de grupos de jovens nesses espaços tão marcados por miséria e abandono (HERSCHMANN, 2005).

A produção social do espaço para o funk portanto é um ambiente potencial, talvez o único, para lutar contra a lógica da marginalização cultural e segregação urbana. Nesse sentido, identificamos três tendências históricas da forma urbana de expansão do funk enquanto gênero cultural, tais movimentos, são frutos de uma gama variada de condicionantes da produção e reprodução cultural, sejam motivos econômicos, políticos, midiáticos, de formatação estética, o que nos cabe aqui é identificar pontualmente esses três momentos como tendências do espaço e tempo social, são elas: os bailes de comunidade; os rolezinhos e os pancadões.

### 1.1. Os Bailes sobem os morros.

O funk brasileiro tem seu início na cidade do Rio de Janeiro, influenciado pelos bailes de black music: soul, funk dos Estados Unidos e que aqui no país tocavam nos bailes junto de outros gêneros musicais, como o rock. Rapidamente, ocorreram hibridizações no ritmo, influenciados pela batida Miami Bass e percussão brasileira o que esteticamente constituiu como um som musical e um gênero cultural semelhantes ao que vemos ainda hoje (VIANNA, 2014). O soul nos anos 60 foi um gênero musical de conscientização política e simbólica da população negra, reafirmando laços de orgulho, posteriormente o *funky* assume esse movimento, basicamente, reforçando esteticamente uma batida forte e marcada (ARAÚJO, 2011).

Do ponto de vista do espaço urbano, os funkeiros constituíram o novo estilo musical brasileiro "nas ruas – em especial nas de terra batida – nas praias e, principalmente, nos bailes" (HERSCHMAN, 2005, p. 128). Embora Vianna (2014) identifica-se que os primeiros bailes ocorreriam em equipamentos culturais na região central do Rio de Janeiro, o mesmo relata que rapidamente nos anos 80, eles caminham para os subúrbios, pois os centros culturais desejavam na época "elitizar" sua programação. O fato é que desde seu início o funk brasileiro cria sua identidade simbólica e territorial através de um contexto de conflito, onde o sentimento de exclusão ensejava uma busca para disputa na ocupação dos espaços (ARAÚJO, 2011).

Nessa trajetória de marginalização e conflito, os bailes, ocorriam nos espaços com usos específicos, na qual, poderíamos classificá-los em três tipos: os bailes de comunidade (gratuitos e onde se orientava a proibição de brigas entre os presentes), os bailes usuais, e os bailes de corredor (esses dois últimos onde se notavam mais brigas, e havia toda uma estrutura organizativa onde cada público teria que ficar no lugar indicado, por exemplo: o local das mulheres na pista de dança era definido antes dos eventos) (VAL;OLIVEIRA, 2016). Sendo a violência aqui relatada nesse período muito referenciada às brigas de grupos rivais de jovens, ou discussões no evento.

Em suma, a primeira forma de expansão no espaço urbano do funk, teve como forma a ocupação de locais como quadras, ruas, escolas de samba, carregando na sociabilidade local, os seguintes objetivos identificados: a) interação; b) efervescência; c) transgressão (VIANNA, 2014). Ressalta-se portanto a transgressão como um elemento importante, não necessariamente no sentido político tradicional, mas na sua forma de emancipar de condições simbólicas e espaciais hegemônicas.

### 1.2. Os rolezinhos ocupam os *shoppings*.

A partir do contexto nacional em desenvolvimento nos anos 90, em que as forças hegemônicas reproduziam o ideário que a violência urbana era o mal estar do Brasil (DUNKER, 2015), algumas transformações estéticas e territoriais foram identificadas no funk fruto desta realidade de acirramento do conflito social. Neste desenvolvimento histórico e social neoliberal de acentuação das desigualdades em todos os seus âmbitos, emergia uma sociedade baseada no medo e na violência urbana. Nesse momento, surge nos territórios do funk o estilo conhecido como "Proibidão", ou seja, a exaltação da violência do conflito social. A moralidade e distinção passam a ser disputadas a partir da força. Essa temática e forma de abordagem se expande no transcorrer das últimas duas décadas no estado de São Paulo, via baixada santista (VAL; OLIVEIRA, 2014).

O crescimento material no poder de renda da classe trabalhadora observado na primeira década desse século, instigou, principalmente, nos grupos sociais de jovens, uma valoração maior do consumo e do estilo de vida, é nesse momento que surge um novo subgênero musical do funk, conhecido com Ostentação. Sua temática visava basicamente narrativas de uso sobre marcas de luxo e da competição material, faziam sua produção por meio de uma mídia amplamente digitalizado com produtos audiovisuais que rapidamente deixariam de ser uma expressão restrita às juventudes periféricas, mas também atingiria outras classes e espaços das cidades. Essa sociabilidade visivelmente motivada pela distinção, causa ambivalências, pois ao mesmo tempo insuflava o consumo do luxo como forma última de identidade coletiva, também se revelava como uma lógica subversiva, pois questionavam a racionalidade do marketing das empresas culturais hegemônicas (PINHEIRO-MACHADO, SCALCO, 2014).

A forma urbana de sociabilidade do funk Ostentação sintetiza o seu local, a partir da temática que era cantada pelas letras das músicas, ou seja, os equipamentos comerciais, vivenciados como templos do consumo. Nesse sentido, a partir de 2013, surge a rotina dos "rolezinhos" que basicamente eram a ida de grupo de jovens das periferias para sociabilidade nos shoppings e estacionamentos. Essa ocupação espacial, na ambivalência acima relatada, revelava a emulação da reificação do capital que os *shoppings* significava, um nítido ambiente de distinção para juventude (MACHADO, 2015). Esses locais foram escolhidos portanto por situarem um local de prestígio, uma possibilidade real e concreta dos jovens driblarem os estigmas sociais, porém mantendo uma conexão com os territórios que marcavam seus locais de trabalho, estudo e moradia.

Rapidamente as elites criminalizam essa movimentação dos rolezinhos, reproduzindo proibições jurídicas e criando narrativas negativas sobre a sociabilidade desses jovens. Basicamente, os setores do estado e os proprietários dos shoppings, adotaram um recurso jurídico

chamado “Interditos Proibitórios” como forma de proibir estas práticas nos equipamentos (SEVERI; FRIZZARIM; BORGES, 2015). Somado a isso, podemos colocar o uso do aparato midiático comercial na criminalização da imagem destes jovens, assim como, a criação de narrativas punitivistas por parte de políticos de direita. O pancadão, e o local do funk, mais uma vez, se deparavam com a lógica segregacionista, imputando novas estratégias em busca de sua expressão.

### 1.3. Os pancadões rebelam-se no espaço público.

Após um amplo processo de criminalização, estigmatização e proibição do consumo do funk sob o uso dos jovens periféricos em espaços privados de consumo, nos últimos anos, tem se notado a passagem do ambiente desses equipamentos particulares para uma ocupação do espaço público, com semelhanças aos primeiros bailes de comunidade. É neste momento que surgem com mais fôlego na sociabilidade jovem brasileira os chamados “pancadões”. O nome caracteriza o som alto difundido por potentes caixas de som automotivo, com forte impacto na condução rítmica, criando um ambiente focado na vivência da batida, remete a um termo compartilhado desde os bailes dos anos 80 e 90 em que pancadão significava as músicas mais agitadas em que o público curtia entre os paredões de som (HERSCHMANN, 2005).

Somado a criminalização do rolezinho, do ponto de vista comercial, o funk ostentação não encontrava mais tanta adesão nos meios digitais. A própria crise econômica sentida mais fortemente com o desemprego a partir de 2015, dificultou o poder de compra da população, o que corrobora com a hipótese de uma certa estagnação na produção temática de ostentação e uma busca da juventude por novos territórios e temas para sua fruição.

Essa radicalidade de ocupação do espaço público pelo pancadão era marcada pela ação da transgressão, pois potencializava um caráter extremamente festivo, proporcionando trocas afetivas de relações humanas e promovia o consumo de produtos e serviços locais das periferias. Em suma, era uma festividade transbordadora que questionava as moralidades e os instrumentos normativos hegemônicos. Rapidamente, diante as notícias e recepção pelos efeitos de parte da vizinhança, as estigmatizações começaram a rotular esse público. Para o senso comum e o estado, tratava-se de uma expressão de marginalidade da juventude que revelava seu lado mais negativo, como a violência, a sexualidade e as drogas. Estas ideologias produziam e reproduziam repertório de estigmas, como se as sociabilidades “degeneradas” fossem as únicas estruturantes dessas manifestações culturais.

## 2. O Pancadão em Campinas-SP e o Baile do Ozipa.

Perpassado essa trajetória histórica de formulação do funk enquanto gênero musical que encontra no espaço um ambiente de transgressão que luta por visibilidade e reconhecimento, cabe agora nos determos a alguns pontos do pancadão em Campinas-SP que pode nos dar uma visão mais ampla da realidade territorial. Antes de seu mapeamento, torna-se importante uma breve descrição da legislação que visa a criminalização dos pancadões. Tal investigação revela para além das normas, as ideologias explícitas (ou implícitas) na tratativa da ocupação festiva do espaço público como um problema policialesco.

### 2.1. Legislação e mapeamento dos pancadões.

Em Campinas, ocorreu uma das primeiras legislações municipais voltadas especificamente para proibição do pancadão. Na metade de 2014 a lei 14.862/2014 (conhecida como Lei do Pancadão) é aprovada, delimitando que:

> Art. 1º Fica expressamente proibido a utilização de equipamentos de som automotivo e equipamento sonoro de qualquer natureza, em qualquer tipo de veículo automotor, estacionado nas vias públicas ou privadas e demais logradouros do município, bem como em espaços privados de livre acesso ao público, tais como postos de combustíveis e estacionamentos, com emissão de sons ou ruídos em excesso, que possam perturbar o sossego público, independentemente do nível de intensidade sonora, especialmente no horário noturno.

Ao analisar a peça, observamos algumas inconsistências do ponto de vista legal e social. Primeiramente, a mesma não se configura somente como fiscalizadora do nível do som, mas também, na proibição da realização de confraternização e convívio que envolvam qualquer ambiente coletivo de uso de som em automóveis. A lei não específica o limite de decibéis do que é considerado como "sons ou ruídos em excesso". Aliás, já existe uma legislação nacional exclusiva seja no código civil ou mesmo na constituição federal que regulamenta o nível de som nas vias, nos prédios, na vizinhança, de modo, a garantir condições de usufruto contra transtornos causados por sons e ruídos abusivos.

Em seguida, no âmbito político, ao analisar a audiência pública que ocorreu na Câmara Municipal de Campinas, o autor da Lei, representantes do poder público municipal, autoridades policiais, defenderam as normas programadas e criticaram os ambientes dos pancadões. Basicamente, estes atores institucionais visualizam, desde seu princípio, os pancadões como: crime ambiental, problema de saúde pública, manifestações promotoras no caos na vizinhança, e que portanto, devem ser prontamente combatidos e reprimidos.

Como forma de compreender a totalidade do pancadão no território da cidade, no primeiro semestre de 2021, adjunto de um mandado de uma vereadora na cidade de Campinas, enviamos um Requerimento solicitando as ocorrências de pancadões por bairro na cidade, desde o ano de implantação da lei, coletando os seguintes resultados:

Tabela 1 – Ocorrências de pancadão, por ano, em Campinas

| Ano | Registro de ocorrências |
|---|---|
| 2015 | 1501 |
| 2016 | 1724 |
| 2017 | 1560 |
| 2018 | 1413 |
| 2019 | 1381 |
| 2020 | 3030 |

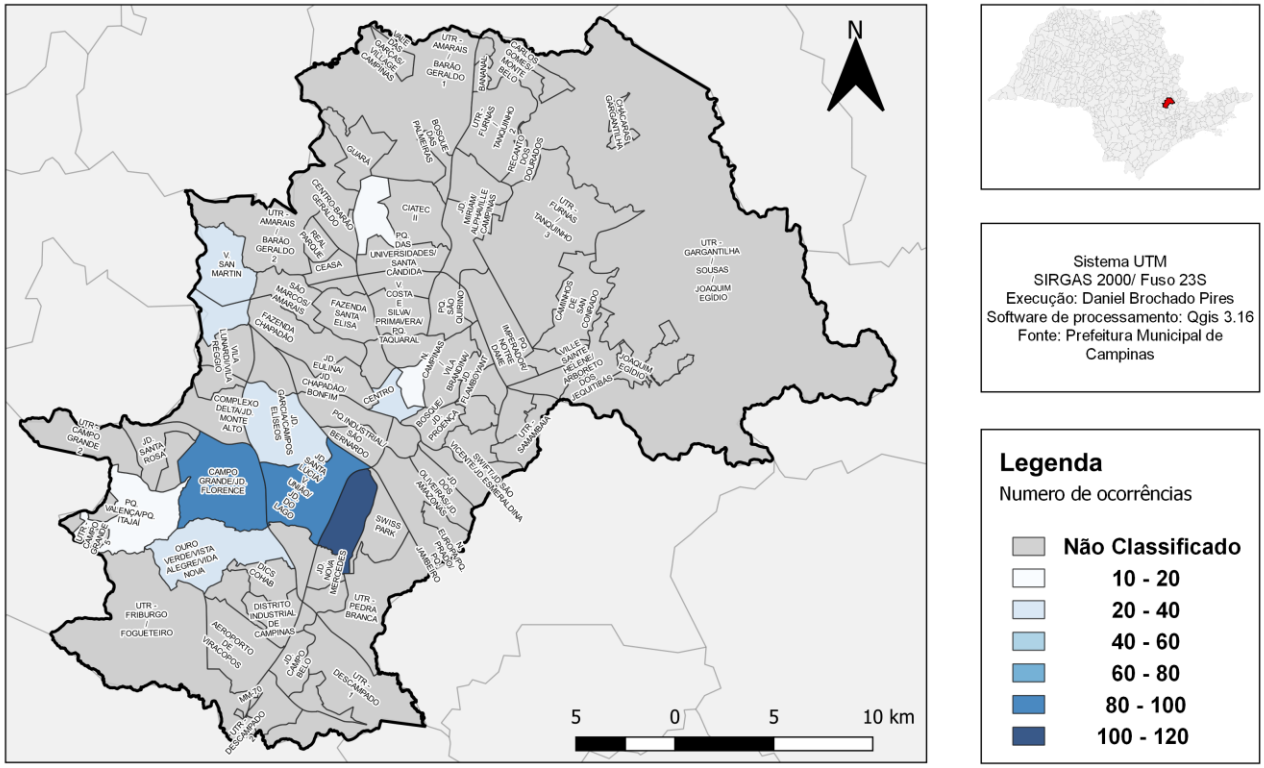
Fonte: Requerimento Guarda Civil, 2021

Ao utilizarmos o software livre QGIS e destrincharmos essas ocorrências em camada georreferenciada da cidade Campinas, obtemos a disposição espacial no mapa 1[3]. Os dados e os relatos dos guardas incluídos no requerimento, revelam que dentre cerca de 400 bairros existentes em Campinas-SP, aproximadamente, 270 bairros tiveram ocorrências de pancadões, ou seja, 67,5 % do território de Campinas. A maioria dos eventos ocorrem em vias públicas. Quanto ao local mais usual, ocorrem, principalmente, nas vias, mas também em espaços coletivos privados, como

3 Foi escolhido o ano de 2019 como período referência, pois em 2020, com o advento da pandemia e a Operação da Guarda Civil, aumentaram sobremaneira as ocorrências, portanto consideramos 2019 como um ano mais adequado para análise real do fenômeno, certamente, o que não exclui em aprofundar em trabalhos futuros as tendências entre os anos.

estacionamentos, postos de combustível, entre outros. Relatam ainda que embora não dê pra precisar estatisticamente, a imensa maioria do público é jovem.

Mapa 1 – As 12 UTB[4]'s com maiores ocorrências de pancadão no ano de 2019




4 Unidades Territoriais Base- unidades mais ampliadas que bairros.

Fonte: Elaboração própria, a partir dos dados do Requerimento.

Referente a territorialização, a região com maior incidência é “Jd das Bandeiras/ Jd São José”, unidade territorial que engloba bairros como Parque Oziel/Monte Cristo. Logo em seguida, “Campo Grande/Jd. Florence” e “Jardim Maria Rosa/ Pq. São Paulo” que fazem parte respectivamente de territórios periféricos mais amplos conhecidos como Campo Grande e Ouro Verde. Unidades territoriais como “UNICAMP/Cidade Universitária” e “Cambuí” aparecem na lista de maiores frequências, porém com menos incidência no número de ocorrência se comparado aos bairros periféricos. Cabe um apontamento que estes são bairros com grande presença de bares e equipamentos de lazer, portanto a lógica do pancadão não pode ser considerada apenas um fenômeno periférico.

Há portanto um predomínio dos pancadões na região sudoeste da cidade, mesmo espaço que corresponde ao padrão de segregação de outros indicadores sociais, o que nos faz problematizar que a escala, os efeitos e o estigma do bairro são componentes importantes para conceber o pancadão.

**2.2 Os efeitos bairro nas relações do baile.**

Ao investigarem as rebeliões urbanas na França em 2005, Beaud e Pialoux (2005) identificaram que as autoridades, diante o cenário de manifestações escolheram o discurso da violência e dos “culpados”, “violentos”, “irredutíveis” e “selvagens” como responsáveis únicos da gênese do problema manifesto. Eles avançam no argumento e retratam que há uma falsa polarização entre jovens violentos e jovens tidos como de “bem”, porém, os jovens das classes populares se motivam para rebeliões devido aos sacríficos cotidianos do urbano (BEAUD, PIALOUX, 2005). Nos fica a questão, diante o cotidiano segregado do Parque Oziel, estariam aqueles jovens expressando sua rebeldia cotidiana através de uma manifestação cultural como o pancadão?

Criado em 2011 e realizado semanalmente, geralmente às sextas e/ou sábados; feriados (com grandes mobilizações de público nos feriados de natal e ano novo), o Baile do Ozipa tem seu local de realização que variou nos últimos anos, já ocorreu no Monte Cristo, na Gleba B, mas principalmente sempre ocorreu nas vias bem próximas à rodovia no Parque Oziel. Ao analisar matérias jornalísticas e postagens nas redes sociais da organização do baile, o público médio estimado é de mil pessoas, podendo chegar até 5 mil pessoas em datas especiais. As ruas adjacentes em que vai ocorrer o baile em determinado dia, são escolhidos também fruto dos territórios em que a Polícia Militar tenha maior ou menor atuação. É um baile que serve também de polo aglutinador de outras quebradas de Campinas e região, recebendo caravanas de outras cidades da Região Metropolitana de Campians (RMC), constituindo-se assim, não apenas como uma manifestação territorial daquela região, mas sim como uma atração cultural das periferias.

Analisando as redes sociais oficiais do Fluxo do Ozipa “(fluxodoozipa_oficial) no facebook, youtube e instagram, cabe relatarmos rapidamente o ponto de vista estético a linguagem difundida. Referente ao ritmo musical, observa-se uma prevalência do subgênero Eletro Funk, que tem inspiração na música eletrônica *Dance, House,* Psy. Há portanto no baile, uma inspiração música e de sociabilidade nas rave, espaço musical este tradicionalmente consumido por jovens de classes mais altas. Na temática das letras mais compartilhadas nos vídeos e lives das redes sociais, encontra-se a hipersexualização das relações, a objetificação do corpo feminino, o uso do humor com produções audiovisuais da moda, desagravos com a questão policial, se vê presente ainda a exaltação da ostentação e a valorização do bairro Ozipa e das quebradas.

Um ponto interessante que nos chama atenção na divulgação de eventos do Baile do Ozipa é a articulação com outras atividades de lazer na região. Há banners de divulgação para o Festival de

Pipa, shows de funk na cidade, estímulo ao comércio local. A lógica de colocar em redes- ações e atividades complementares no bairro só é possível com estratégias de comunicação comunitária, sendo o Baile do Ozipa um espaço de atração de público, torna-se também um ambiente de comunicação dentre parcelas dos moradores do bairro. A ação necessária de potencializar uma divulgação não vista em outros meios "tradicionais" estabelece nos bairros periféricos as "(…) relações de vizinhança" ( SERPA, 2004, p.21) que "(…) constituem um caso particular de redes do cotidiano" (SERPA, 2004, p.21).

O espaço coletivo do bairro não se faz amorfo às reproduções exploradas pelas indústrias culturais. Assim, mesmo num ambiente de sociabilidade de lazer festivo e gratuito, há processos de emulações do período de ostentação que se massificou no Brasil da década passada. Podemos notar nos grupos do facebook, assim como, em comentários na página do Instagram, que o público frequentador tem como uma estratégia de ostentação a disputa pelo barulho do escapamento das motos, como uma ferramenta seja de mostrar o poderio do equipamento, seja para chamar atenção das outras pessoas. Como revela a música "Baile do Ozipa" de Taylor do F e MC Tauan: "Baile do Ozipa onde tem várias cocotas. É que eu passei de foguetão, tirei de giro entre elas, os cria do CRJ passa e pá!(…)".

Assim como, existe um processo frequente do baile do Ozipa- as batalhas de *Umbrellas* que são guarda-chuvas de marcas de grife utilizadas para enfeitar o fluxo ou então promover o poderio de compra da pessoa sobre determinada marca. Há relatos também que o uso desses guarda-chuvas servem, ao serem movimentados como ventiladores, para reduzir o calor e melhorar a ventilação do ar diante a aglomeração da manifestação, facilitando o consumo de drogas.

Estas ações de interação do baile, certamente, também promovem situações de conflitos entre a própria comunidade inserida no território do Oziel. Como sabemos o fator vizinhança detém por um lado uma "(…) comunidade de experiências que cria laços muitos fortes entre eles" (BEAUD; PIALOUX, 2005, p.40), mas por outro também externa heterogeneidades sociodemográficas que revelam sociabilidades diferenciadas do que aquelas visualizadas na manifestação do baile. Sobre análise preliminar de como os organizadores do baile valorizam a vizinhança, em específico, o grupo dos familiares e dos trabalhadores, identificamos formas de discussões com parcela dos próprios frequentadores do baile do Ozipa e uma campanha de conscientização para usos com modos específicos que seriam adequados para manifestação.

É comum, por exemplo, ao visualizar postagens dias antes da festa do baile, campanhas preventivas solicitando para que o público consumidor do fluxo, não "tire de giro" com moto fazendo barulho, nem urine na porta das casas, pois são fatores que rebaixariam o baile diante a comunidade. Tais instrumentos de conscientização visam evitar o desequilíbrio das relações intracomunitárias, o que a nosso ver quebraria a identidade de pertencimento ao bairro. Nossa hipótese para esses cuidados, seria causado pelo conflito de pertencimento entre os moradores do Oziel com os frequentadores que vem de outras quebradas, e visa exatamente a boa manutenção da infraestrutura do ambiente do bairro, que é de fato, o espaço social de seus familiares e local de seu trabalho.

Nesse sentido, além de campanhas de conscientização de uso do local, que envolvem a divulgação das redes e até faixas expostas no local do evento, há também uma defesa enfática por parte dos organizadores do baile sobre questões sociais e urbanas da comunidade, citemos aqui alguns exemplos: não danificar patrimônios comerciais locais, possibilitar o fluxo dos trabalhadores que amanhecem cedo e preservar o bom estado de uma praça recém inaugurada no local.

Essas campanhas de conscientização e as consequentes disputas intracomunitárias no baile, podem nos revelar dois pontos estratégicos dos objetivos de preocupação dos atores envolvidos na

produção do Fluxo do Ozipa. O primeiro tem a intenção de escala interna, de estabelecer e fortalecer relações de vizinhança com o território e o segundo tem como intuito evitar ações que gerem atenção sobre as forças policiais ao baile, devido à recorrência de viaturas no local para reprimir o baile.

Como observamos sumariamente, há dimensões heterógeneas de sociabilidade do território sobre a complexidade de temáticas que envolvem o mundo funk: lazer, cultura, juventude, sexualidade, drogas, violência, bandeiras reivindicatórias. Ocorre que o funk em sua dimensão dos "pancadões" ou "fluxos", é caracterizado po uma aglomeração acentuada de jovens sobre instrumentos de som, mas que não se restringem à música em si, mas à toda uma rede de relações que empregam duas dinâmicas dialéticas no território: conflito/coesão e comunidade/sociedade.

**Conclusão**

Este trabalho, com observações preliminares da relação do bairro com o Baile do Ozipa, identifica que por um lado, para aqueles que produzem e frequentam a manifestação, há um movimento de coesão naquilo que Sabatini e Braian (2008) analisam como a busca de uma identidade, ou seja, assim como outros momentos históricos, em que as cidades aglutinavam população imigrante para manutenção de tradições; comunidades quilombolas e indígenas, como método de manutenção das culturas de matriz histórica dessas populações, haveria uma estratégia desses grupos se auto-organizarem no bairro como sensação de pertencimento, utilizando objetivamente um sub-gênero cultural como isolamento, diante a lógica de marginalização urbana (KATZMAN, 2001).

Historicamente quem sistematiza culturalmente aquilo que é tido como pertencimento e legimitado no espaço urbano foi o estado e mercado (ALBINATI, 2008). O que nos revela, ao analisar as redes sociais e os comentários do público, é que há por parte do público frequentador do Baile do Ozipa, um combate constante ao simbolismo da autoridade, ou seja do confronto com aquilo que é tido como a realização do crível, do autorizado (CERTAU, 1995).

Portanto, observando essa dupla dimensão do pertencimento e do confronto, concluímos que a segregação do bairro sobre o Baile do Ozipa por um lado gera um efeito negativo: de não legitimação da manifestação do funk enquanto uma festa musical que se insere em espaços urbanos da cidade e de estigmatização devido a associação de marcadores como violência e sexualidade como realidades homogêneas do bairro. E por outro lado, tem um efeito positivo, ao ativar redes de compartilhamento de sociabilidades locais que permitem a criação de um sentimento de pertencimento, mesmo que esse se construa por uma via dinamicamente baseada na diversão, no lazer, a cultura da festa. Assim, embora não utilizando dos mesmos instrumentos políticos como seu gênero irmão RAP, o funk, na observação no Baile do Ozipa, reforça um sistema de revolta inusitado e com forte grau reivindicatório pelo direito à cidade,

Com isso, esses resultados preliminares, através da observação metodológica proposta, nos instigam perguntas para trabalhados futuros: qual a relação direta do estado com esse espaço? Como pensar uma política cultural em locais que sofrem com a segregação urbana? Para tentar elaborar análises para essas questões temos que partir que a questão dos pancadões vai pra além do funk, reforça um movimento de propulsão em busca de novas sociabilidades sobre aquelas pessoas tidas como marginalizadas na vida urbana, como diz um dos relatos dos frequentadores: "(...) Em Campinas não tem nada pra *nois* a não ser lugar fechado que custa um absurdo eu fico indignado".

## Bibliografia


- ALBINATI, Mariana. Cultura e Território: Equipamentos Culturais em bairros populares de Salvador. IV ENECULT – Encontro de Estudos Multidisciplinares em Culturas. UFBA, Salvador – 2008. Disponível em: http://www.cult.ufba.br/enecult2008/14573.pdf. Acessado em 16 de fevereiro de 2021D1:D1048576

- ALVES, Alexandre; JÚNIOR, Wilson. "A constituição da forma urbana no eixo estratégico da Anhanguera: A urbanização dispersa, os sistemas de espaços livres, os assentamentos populares e os condomínios residenciais de alto padrão". Anais do XVIII Encontro de Iniciação Científica–ISSN1982- 0178, Anais do III Encontro de Iniciação em Desenvolvimento Tecnológico e Inovação–ISSN2237-0420 , 24 e 25 de setembro de 2013

- ARAÚJO, Fábio. A territorialidade dos bailes funk em Volta Redonda-RJ: Espaços de lazer da juventude de baixa renda. Rev. GEOMAE Campo Mourão, PR v.2n.e.1 p.97 - 116 2ºSem 2011

- BACQUÉ, Marie-Hélène; FOL, Sylvie. Retour sur la « Zac Basilique » : la diversité comme moteur d'un projet urbain Revue communale d'études et de recherches n° 65 Août, 2016

- BACQUÉ, Marie-Hélène; FOL, Sylvie. Ségrétation et politiques de mixité sociale aux états-unis.CNAF. Informations sociales, CAIRN, nº125, 2005

- BEAUD, Stéphane; PIALOUX, Michel. Rebeliões urbanas e a desestruturação das classes populares. Tradução de Vera Telles , Revisão técnica de Sergio Miceli. Tempo Social, revista de sociologia da USP, v. 18, n. 1, pp. 37-59, França, 2005

- CAMPINAS. Lei municipal Nº 14.862 de 25 de julho de 2014. Dispõe sobre a proibição do uso de aparelhos de som, portáteis ou instalados em veículos automotores estacionados, nas vias, e logradouros públicos que venham perturbar sossego público e dá outras previdências. Campinas-SP, 2014

- CÁRDENAS, Jorge. Etnografía digital multisituada: jóvenes universitarios y universitarias estudiando desde casa en tiempos de covid-19. Cadernos de Campo (São Paulo, online) , vol. 29, n.2 , p.1-19,|USP, São Paulo, 2020

- CERTAU, Michel. A cultura no plural. Tradução Enid Abreu Dobránszky – Campinas, Papirus, 1995.

- D`ANDREA, T. A Formação dos Sujeitos Periféricos: Cultura e Política na Periferia de São Paulo. Tese de Doutorado em Sociologia -Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2013

- DUNKER, Christian. Mal estar, sofrimento e sintoma. Uma psicopatologia do Brasil entre muros. São Paulo: Boitempo Editorial, 2015

- FERRAZ, Cláudia.A etnografia digital e os fundamentos da Antropologia para estudos em redes on-line. Revista de arte, mídia e política, São Paulo, v.12, n.35, p. 46-69, jun.-set.2019

- GUELLATI, Yacine. OS JOVENS EM SEU BAIRRO: Efeitos de bairro e sociabilidades juvenis no município de Águas Lindas de Goiás. (dissertação de mestrado). UNB, Brasília, 2014.

- HALLEY, B. M. Bairro rural/bairro urbano: uma revisão conceitual. GEOUSP – Espaço e Tempo, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 577-593, 2014.

- HERSCHMANN, Micael. O funk e o hip-hop invadem a cena. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005

- KATZMAN, Ruben. Seducidos y abandonados: pobres urbanos, aislamento social y políticas públicas. Revista de la CEPAL, vol 2001, pp.171-189, dec.2001. Disponível em: https://www.un-ilibrary.org/content/journals/16820908/2001/75/12, acessado em 02 de julho de 2021

- KEARNS, Ade; PARKINSON, Michael. The Significance of Neighbourhood . Urban Studies, Vol. 38, No. 12, 2103–2110, 2001. Disponível em: http://usj.sagepub.com, Acessado em: 27 de Dezembro de 2021

- LEFEBVRE, Henri. A revolução urbana. Tradução de Sérgio Martins – 2.ed – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2019

- LEFEBVRE, Henri. De lo rural a lo urbano. - Barcelona: Ediciones Península, 1971

- MACHADO, Antônio. O rolezinho e as novas catedrais. In: SEVERI, Fabiana Cristina; FRIZZARIM, Nickole Sanchez. Dossiê Rolezinhos: Shopping Centers e violação de Direitos Humanos no Estado de São Paulo. Ribeirão Preto- Faculdade de Direito de Ribeirão Preto FDRP/USP, 2015. Disponível em: http://www.direitorp.usp.br/wpcontent/uploads/2015/05/Doss %C3%AA-Rolezinhos.pdf Acessado em: 29 de dezembro de 2021

- PEREIRA, Alexandre. Funk Ostentação em São Paulo: Imaginação, Consumo, e Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação. Revista USP, nº1, Dossiê sobre Cultura Popular Urbana, jun de 2014. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/revistaec/article/view/98367 Acessado em 20 de jul de 2021

- PEREIRA, Alexandre. Rolezinho no shopping: aproximação etnográfica e política. Revista Pensata, V.3, N.2, mai de 2014b. Disponível em: https://periodicos.unifesp.br/index.php/pensata/issue/view/679/33, acessado em: 25 de novembro de 2021

- PINHEIRO-MACHADO, Rosana; SCALCO, Lucia. Rolezinhos: Marcas, Consumo e Segregação no Brasil. Revista USP, nº1, Dossiê sobre Cultura Popular Urbana, jun de 2014. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/revistaec/article/view/98372, acessado em: 22 de novembro de 2021

- SABATINI, Francisco; BRAIAN, Isabel. La segregación, los guetos y la integración social urbana: mitos y claves. Revista Eure, Vol XXXIV, m.104, pp. 5-26, Santiago, dec 2008. Dis- ponível em: https://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0250-71612008000300001 , acessado em 15 de dezembro de 2021

- SERPA, Angelo. Experiência e vivência, percepção e cultura: uma abordagem dialética das manifestações culturais em bairros populares de Salvador-Bahia. Editora UFPR: R. RA´E GA, Curitiba, n. 8, p. 19-32, 2004.

- SEVERI, Fabiana; FRIZZARIM, Nickole; BORGES, Saulo. O perfil dos processos judiciais sobre os rolezinhos em São Paulo. In: SEVERI, Fabiana Cristina; FRIZZARIM, Nickole Sanchez. Dossiê Rolezinhos: Shopping Centers e violação de Direitos Humanos no Estado de São Paulo. Ribeirão Preto- Faculdade de Direito de Ribeirão Preto FDRP/USP, 2015. Disponível em: http://www.direitorp.usp.br/wpcontent/uploads/2015/05/Dossi%C3%AA-Rolezinhos.pdf Acessado em: 29 de Dezembro de 2021

- SILVA, Antonio; MATHEUS, Renato; PARREIRAS, Fernando; PARREIRAS, Tatiane. Análise de redes sociais como metodologia de apoio para a discussão da interdisciplinaridade na ciência da informação. Ci. Inf., Brasília, v. 35, n. 1, p. 72-93, jan./abr. 2006

- SILVA, Carlos; FIALHO, Joaquim; SARAGOÇA, José. Análise das redes sociais e Sociologia da Ação. Pressupostos teóricos metodológicos. Revista Angolana de Sociologia , n.º 11, pp. 91-106 , Junho de 2013

- VAL, Ana Paula; OLIVEIRA, Maria (orgs). Funk SP: qual o rolê? Prefeitura de São Paulo, Prefeitura de São Paulo, São Paulo, 2016, disponível em: https://issuu.com/ccjuventude/docs/livro_funk_qual_e_o_role, acessado em 20 de outubro de 2021.

- VIANNA, Hermano. O mundo funk carioca. Edição digital. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2014

- WACQUANT, Loïc. Os condenados da cidade – estudos sobre marginalidade avançada. - Rio de Janeiro: Ravan, 2001
São Paulo, 2016, disponível em: https://issuu.com/ccjuventude/docs/livro_funk_qual_e_o_role, acessado em 20 de

# La place Santa Inês et la pratique socio-spatiale dans la temporalité urbaine de Macapá

A Praça do Santa Inês e a prática socioespacial na temporalidade urbana de Macapá

**Thaís DE ARAÚJO OLIVEIRA**

*Bacharel em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Amapá*

O espaço público de uma cidade é entendido como o lugar do lazer, do descanso, da conversa corriqueira, da livre circulação, da troca e, sobretudo, da possibilidade do encontro com o outro. Contudo, muitos desses espaços têm se perdido devido à falta de atento às regulações urbanas e ao caráter identitário da população que não se vê nos espaços propostos, situação que vem ocorrendo em Macapá, Amapá. Devido ao crescimento acelerado da cidade desta cidade, poucos projetos voltados para os espaços públicos foram efetivados e a preocupação foi direcionada a fim de suprir mormente as demandas da questão habitacional do município, deixando de lado as necessidades da comunidade que estão voltadas para o âmbito do lazer, bem como o afastamento das raízes culturais e as práticas coletivas e democráticas de se pensar a cidade. Entretanto, alguns bairros se destacam no que diz respeito às dinâmicas de espaço público e práticas socioculturais amparadas no contexto histórico formador da cidade, entre eles, o bairro Santa Inês.

Neste sentido, o propósito deste trabalho é explorar as dinâmicas históricas que pavimentam a criação da Praça do Santa Inês, espaço este que se localiza às margens do Rio Amazonas, na cidade de Macapá. O bairro Santa Inês se caracteriza como um lugar de referência aos primórdios da expansão urbana do município, contemplado pela orla e as diversas dinâmicas urbanosociais ali vivenciadas. Este bairro possui um caráter multifacetado, por ser palco de inúmeras atividades, entre elas: funções turísticas da orla; a condição comercial devido a rampa portuária, que recebe pessoas e mercadorias; a presença dos munícipes, entre outros. Dos aspectos metodológicos, a investigação utiliza o levantamento bibliográfico, construindo desta maneira, o debate sobre o espaço público "a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos" (GIL, 2008, p. 50).

A região estudada era frequentada tanto pelos moradores locais, quanto pelos ribeirinhos responsáveis pela oferta de produtos como o peixe, o camarão e produtos agrícolas que ali desembarcavam, além de serviços de transporte fluvial prestados por estas pessoas. Logo, nos primórdios do bairro Santa Inês, verifica-se uma faceta voltada para o comércio e outras atividades do cotidiano, como tomar banho de rio e caminhar. O surgimento do bairro se acentua com a expansão que surge ao Sul, com o bairro do Trem e parte do bairro Beirol. Para Botelho (2011), outros problemas foram surgindo, como a ocupação dos braços de lagos e ressacas, que foram sendo ocupados desordenadamente, aterrados indevidamente, aumentando cada vez mais o problema de saneamento da cidade. *A posteriori*, os planos urbanísticos precisaram evidenciar o planejamento para o Bairro Santa Inês, conforme esse crescimento aumentava.

A cidade de Macapá como área de atuação da Superintendência da Zona Franca de Manaus (SUFRAMA) foi alvo dos investimentos de infraestrutura de urbanização para a costa, onde foi consolidada a Orla do Santa Inês, em que a obra denominada "Infraestrutura turística da Orla de Macapá – Bairro Santa Inês" (SANTOS, 2016, p.156) recebeu R$ 1.739.195,45 da SUFRAMA. Dessa forma, é possível analisar o início de planejamento com finalidades de lazer e turismo para a área, contudo, sem levar em conta as multiterritorialidades existentes.

Assim, esse processo de urbanização interferiu nas atividades que ocorriam popularmente na área como o banho de rio e a aportagem de pequenas embarcações, devido ao desenvolvimento turístico dado à área e drenagem da praia do remanso. Os principais elementos concebidos foram, de acordo com Brito e Cantuária (2014) o muro de arrimo, expansão da via margeando o rio, canteiros paisagísticos com quiosques e mobiliário urbano.

Justamente devido sua localização geográfica, o Bairro Santa Inês então tornou-se um lugar de intensa movimentação de pessoas e mercadorias, um pequeno centro comercial ao ar livre, onde funciona a feira popular do Bairro Santa Inês, que aglomera pessoas, notadamente estes ribeirinhos de localidades vizinhas e os residentes que consomem os produtos desembarcados ali, caracterizando uma relação intensa e cotidiana entre a cidade e o campo. Posteriormente, a institucionalização do bairro Santa Inês ocorreu por meio da Lei municipal nº 187/83 – PMM, em 17 de novembro de 1983.

Com a especulação imobiliária decorrente da infraestrutura instalada para construção e expansão da orla até o bairro Araxá, no final da década de 1990, paulatinamente, os primeiros moradores foram sendo substituídos por aqueles de poder aquisitivo mais elevado. Suas casas (de madeira com aparência de palafita) foram demolidas para construção de modernas residências, pequenos prédios residenciais e comerciais, com destaque a bares e restaurantes.

Conforme os apontamentos supracitados, a atividade de comércio à margem do Rio remonta mesmo antes da criação do bairro Santa Inês e sempre esteve presente na área estudada, bem como a intrínseca paisagem ribeirinha,

influenciando diretamente na configuração espacial que abarca a Praça do Santa Inês, a dinâmica sociourbana presente no bairro e na infraestrutura que se encontra ali. Logo, compreende-se que a percepção do espaço garante a continuidade das relações socioespaciais e as práticas espaciais abrem caminho para o espaço da representatividade e tradução do conjunto de necessidades sociais e urbanas. Para Lefebvre (2006), o espaço da representação, exprime as experiências vividas e nessas vivências, pode ser o ponto de partida para qualquer discussão que pretenda promover alguma transformação do urbano.

Então é imprescindível inferir quais práxis são predominantes nos lugares, quais as "convergências simbólicas" e as experiências partilhadas nesse processo de edificação ou reconstrução do público no espaço das cidades. E, para além, verificar este cruzamento de vários espaços e atividades convergem para a redefinição das condições da sociedade, sendo capazes de conferir uma nova forma à cidade.

Os espaços de uso genuinamente públicos de Macapá diluíram-se pelo bairro, lado a lado com os espaços públicos habituais, gerando raízes se estendendo no território. Na realidade urbana atual, se percebe que espaços coletivos criados pela própria população se vinculam à proximidade com o Rio Amazonas, como os equipamentos e pontos de lazer configurados na orla de Macapá tendem a fazer e trazem, ainda, cargas simbólicas não observadas anteriormente, como a Praça do Santa Inês, único espaço com esta característica morfológica no bairro. Em detrimento das diversas práticas que acontecem na região, a praça atua quase como um espaço residual que se mostra como elemento propenso a se converter em um melhor espaço público por ser construído em meio às diversas dinâmicas que sempre estiveram ali.

Assim, a prática urbana no bairro aponta uma diversidade de maneiras que os espaços públicos são construídos em Macapá, com diversas dimensões e características, traçando então um perfil de perspectiva multiuso. A Praça do Santa Inês abarca desde playgrounds a campos de área e espaços de contemplação, além da possibilidade de prover arborização para aumento do conforto ambiental para a população. Portanto, elencar estes contextos e entender como a cidade tem criado seus espaços públicos promove a germinação de ambientes mais pertinentes, assim, abrindo um leque de novas dimensões de vida e relacionamento da sociedade com o lugar, fomentando uma produção eficaz da cidade.

Palavras-chave: Espaço Público. Amazônia. Práxis cultural.

L'espace public d'une ville est compris comme le lieu du loisir, du repos, de la conversation, de la libre circulation, de l'échange et, surtout, de la possibilité de rencontrer l'autre. Cependant, beaucoup de ces espaces ont été perdus en raison du manque d'attention portée aux réglementations urbaines et du caractère identitaire de la population qui ne se reconnaît pas dans les espaces proposés, une situation qui s'est produite à Macapá, Amapá. En raison de la croissance accélérée de la ville, peu de projets que visant les espaces publics ont été réalisés et la préoccupation a été dirigée pour répondre principalement aux demandes de la question du logement de la municipalité, laissant de côté les besoins de la communauté qui sont axés sur la portée des loisirs, ainsi que la suppression des racines culturelles et les pratiques collectives et démocratiques de penser la ville. Toutefois, certains quartiers se distinguent par la dynamique de l'espace public et les pratiques socioculturelles soutenues dans le contexte historique qui a formé la ville, parmi eux, le quartier de Santa Inês.

Dans ce sens, l'objectif de cet article est d'explorer les dynamiques historiques qui ont pavé la création de la Praça do Santa Inês, un espace situé sur les rives du fleuve Amazone dans la ville de Macapá. Le quartier de Santa Inês se caractérise comme un lieu de référence aux premiers temps de l'expansion urbaine de la ville, contemplé par le front du fleuve et les différentes dynamiques urbano-sociales qui y sont vécues. Ce quartier a un caractère multiforme, car il est le théâtre de nombreuses activités, parmi lesquelles: les fonctions touristiques du front dy fleuve; la condition commerciale due à la rampe portuaire, qui reçoit des personnes et des marchandises; la présence des municipalités, entre autres. Du point de vue méthodologique, la recherche utilise l'enquête bibliographique, construisant ainsi le débat sur l'espace public "à partir d'un matériel déjà élaboré, constitué principalement de livres et d'articles scientifiques" (GIL, 2008, p. 50).

La région étudiée était fréquentée à la fois par les résidents locaux, en tant que riverains responsables de l'approvisionnement en produits tels que le poisson, les crevettes et les produits agricoles qui y débarquaient, en plus des services de transport fluvial assurés par ces personnes. Ainsi, au début du quartier de Santa Inês, il existait une facette axée sur le commerce et d'autres activités quotidiennes, comme les bains dans la rivière et les promenades. L'émergence du quartier est accentuée par l'expansion qui se dessine au sud, avec le quartier Trem et une partie du quartier Beirol. Pour Botelho (2011), d'autres problèmes surgissaient, comme l'occupation des bras des lacs et des réservoirs, qui étaient occupés de manière désordonnée, mis en décharge de manière inappropriée, augmentant de plus en plus le problème d'assainissement de la ville. A posteriori, les plans urbanistiques devaient mettre en évidence la planification du quartier de Santa Inês, au fur et à mesure que cette croissance augmentait.

La ville de Macapá, en tant que zone d'opération de la Surintendance de la zone de libre-échange de Manaus (SUFRAMA), a été la cible d'investissements en infrastructures d'urbanisation pour la côte, où l'Orla do Santa Inês a été consolidée, dans laquelle le travail appelé «Infrastructure touristique du front de mer de Macapá - Bairro Santa Inês» a reçu R$1.739.195,45 de la part de la SUFRAMA (SANTOS, 2016, p.156).

De cette façon, ce processus d'urbanisation a interféré avec les activités qui avaient cours dans la zone, comme la baignade dans la rivière et l'amarrage des petites embarcations, en raison du développement touristique donné à la zone et du drainage de la plage de Remanso. Les principaux éléments conçus étaient, selon Brito et Cantuária (2014) le mur de soutènement, l'élargissement de la route bordant la rivière, les parterres paysagers avec des kiosques et du mobilier urbain.

Précisément en raison de sa situation géographique, le quartier Santa Inês est alors devenu un lieu d'intense circulation de personnes et de marchandises, un petit centre commercial à ciel ouvert, où fonctionne la foire populaire du quartier Santa Inês, qui rassemble des personnes, notamment ces riverains des localités voisines et des habitants qui consomment les produits débarqués là, caractérisant une relation intense et quotidienne entre la ville et la campagne. Par la suite, l'institutionnalisation du district de Santa Inês a eu lieu par le biais de la loi municipale n° 187/83 - PMM, le 17 novembre 1983.

Avec la spéculation immobilière résultant des infrastructures mises en place pour la construction et l'extension du front du fleuve jusqu'au quartier d'Araxá à la fin des années 1990, les premiers résidents ont été progressivement remplacés par des personnes au pouvoir d'achat plus élevé.  Leurs maisons (des maisons en bois ressemblant à des pilotis, qui sont appelés «Palafitas») ont été démolies pour construire des résidences modernes, de petits immeubles résidentiels et commerciaux, notamment des bars et des restaurants.

Selon les notes susmentionnées, l'activité commerciale sur les berges remonte à une époque antérieure à la création du quartier de Santa Inês et a toujours été présente dans la zone étudiée, de même que le paysage riverain intrinsèque, influençant directement la configuration spatiale qui englobe la Praça do Santa Inês, la dynamique socio-urbaine présente dans le quartier et les infrastructures qui s'y trouvent. Il est donc entendu que la perception de l'espace assure la continuité des relations socio-spatiales et que les pratiques spatiales ouvrent la voie à l'espace de représentativité et de traduction de l'ensemble des besoins sociaux et urbains. Pour Lefebvre (2006), l'espace de représentation, exprime les expériences vécues et dans ces expériences, peut être le point de départ de toute discussion qui entend promouvoir une certaine transformation de l'urbain.

Il est donc essentiel de déduire quelles sont les praxis qui prédominent dans les lieux, quelles sont les «convergences symboliques» et les expériences partagées dans ce processus de construction ou de reconstruction du public dans l'espace des villes. Et, en outre, vérifier que ce croisement de divers espaces et activités convergent pour redéfinir les conditions de la société, en étant capable de conférer une nouvelle forme à la ville.

la réalité urbaine actuelle, on remarque que les espaces collectifs créés par la population elle-même sont liés à la proximité du fleuve Amazone, comme tendent à le faire les équipements et points de loisirs configurés le long du front du fleuve de Macapá, et apportent également des charges symboliques non observées auparavant, comme la Praça do Santa Inês, seul espace présentant cette caractéristique morphologique dans le quartier. Aux dépens des différentes pratiques qui ont lieu dans la région, la place agit presque comme un espace résiduel qui se montre comme un élément susceptible de devenir un meilleur espace public pour avoir été construit au milieu des différentes dynamiques qui ont toujours existé.

De cette façon, la pratique urbaine dans le quartier met en évidence la diversité des modes de construction des espaces publics à Macapá, avec des dimensions et des caractéristiques différentes, dessinant ainsi le profil d'une perspective multi-usages. Par conséquent, répertorier ces contextes et comprendre comment la ville a créé ses espaces publics favorise la germination d'environnements plus pertinents, ouvrant ainsi un éventail de nouvelles dimensions de vie et de relation de la société avec le lieu, favorisant une production efficace de la ville.

Mots-clés : Espace public. L'Amazonie. Praxis culturelle.

## 1 INTRODUÇÃO

O espaço público de uma cidade é entendido como o lugar do lazer, do descanso, da conversa corriqueira, da livre circulação, da troca e, sobretudo, da possibilidade do encontro com o outro. Contudo, muitos desses espaços têm se perdido devido à falta de atento às regulações urbanas e ao caráter identitário da população que não se vê nos espaços propostos, situação que vem ocorrendo em Macapá, Amapá. Devido ao crescimento acelerado da cidade desta cidade, poucos projetos voltados para os espaços públicos foram efetivados e a preocupação foi direcionada a fim de suprir mormente as demandas da questão habitacional do município, deixando de lado as necessidades da comunidade que estão voltadas para o âmbito do lazer, bem como o afastamento das raízes culturais e as práticas coletivas e democráticas de se pensar a cidade. Entretanto, alguns bairros se destacam no que diz respeito às dinâmicas de espaço público e práticas socioculturais amparadas no contexto histórico formador da cidade, entre eles, o bairro Santa Inês.

A região estudada era frequentada tanto pelos moradores locais, quanto pelos ribeirinhos responsáveis pela oferta de produtos como o peixe, o camarão e produtos agrícolas que ali desembarcavam, além de serviços de transporte fluvial prestados por estas pessoas. Logo, nos primórdios do bairro Santa Inês, verifica-se uma faceta voltada para o comércio e outras atividades do cotidiano, como tomar banho de rio e caminhar. O surgimento do bairro se acentua com a expansão que surge ao Sul, com o bairro do Trem e parte do bairro Beirol. Para Botelho (2011), outros problemas foram surgindo, como a ocupação dos braços de lagos e ressacas, que foram sendo ocupados desordenadamente, aterrados indevidamente, aumentando cada vez mais o problema de saneamento da cidade. *A posteriori*, os planos urbanísticos precisaram evidenciar o planejamento para o Bairro Santa Inês, conforme esse crescimento aumentava.

Os espaços de uso genuinamente públicos de Macapá diluíram-se pelo bairro, lado a lado com os espaços públicos habituais, gerando raízes se estendendo no território. Na realidade urbana atual, se percebe que espaços coletivos criados pela própria população se vinculam à proximidade com o Rio Amazonas, como os equipamentos e pontos de lazer configurados na orla de Macapá tendem a fazer e trazem, ainda, cargas simbólicas não observadas anteriormente, como a Praça do Santa Inês, único espaço com esta característica morfológica no bairro. Em detrimento das diversas práticas que acontecem na região, a praça atua quase como um espaço residual que se mostra como elemento propenso a se converter em um melhor espaço público por ser construído em meio às diversas dinâmicas que sempre estiveram ali.

## 2 O ESPAÇO URBANO CONTEMPORÂNEO E OS ESPAÇOS PÚBLICOS

Para Lefebvre (2006), o espaço é um produto social, isto é, cada sociedade produz seu próprio espaço a partir de suas relações sociais, de suas bases produtivas e culturais. Assim, o espaço serve como ferramenta de ideias e ações e funciona como um meio de controle e dominação. Desta forma, o espaço urbano é tido como um produto de escala maior, pois, além de representar uma configuração espacial, ou seja, a forma da cidade e tudo o que ela carrega, este conceito engloba diversas dinâmicas sociais que acarretam nos fenômenos urbanos, agentes diversos que se manifestam na cidade e inúmeros outros instrumentos e conceitos que validam o espaço urbano (CÔRREA, 2005; SANTOS, 1985; SUTIL, 2003).

O autor supracitado também aponta que os processos espaciais da cidade são originados de uma determinada estrutura socioeconômica e são responsáveis pela criação das formas espaciais que possuem determinadas funções sociais e econômicas. Assim, condicionantes da forma urbana estão relacionados aos acontecimentos e vivências encontrados dentro deste espaço, além destes agentes que manifestam suas necessidades e intenções dentro do campo que é o espaço urbano público. (CÔRREA, 2005).

Sendo assim, o espaço público é um dos principais pilares que organiza a vida nas cidades e colabora para a configuração espacial de um bairro ou região, sendo utilizado como ponto de encontro e até referência espacial de uma localização. Trata-se de um espaço de convívio de uma população e sua integração que dá unidade à cidade.

Castells (2009) discorre que, ao criar, diversificar e também ao valorizar espaços públicos, a cidade se transforma em um espaço físico carregado de identidade, em lugar simbólico de construção da cidadania. Verifica-se então que, para o resgate destes espaços públicos, a participação popular e a conexão estabelecida entre o meio e o cidadão são elementos importantes, pois, a própria comunidade é agente modificador da configuração formal da cidade e, assim, pode traduzir suas necessidades em um ambiente construído de modo a valorizar o meio urbano.

Finalmente, entende-se que o espaço urbano dá visibilidade para diversas formas de configurações espaciais, entre eles, o espaço público, que vai além de um espaço que recebe pessoas, configura a morfologia da cidade ou retoma o verde ao meio urbano. Logo, o espaço público permite um caminhar democrático e se torna um palco aberto às construções sociais, identitárias e culturais de uma sociedade. O espaço público se torna pertinente, pois gera poder político e induz a influência dos cidadãos em produzir efeito nas deliberações democráticas, assumindo de forma autorizada um protagonismo na construção do espaço urbano público, reafirmando uma cidade mais democrática.

## 3 A PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO DAS CIDADES AMAZÔNICAS

Os processos de urbanização nas cidades amazônicas, em sua maioria, foram expressivamente conturbados e frutos de decisões externas ao contexto regional. Consequentemente, após a implantação de empreendimentos significativos, pertinentes à projetos de mineração, agropecuária e de colonização induzida, muitos problemas foram surgindo em todos os campos que compõem as áreas urbanizadas, de modo especial, em relação à moradia, infraestrutura, serviços e recursos ambientais, refletindo um uma nova dinâmica populacional para a região, bem como em um crescimento urbano desordenado em grande parte das cidades amazônicas.

É importante ressaltar neste contexto que, a configuração urbana e regional amazônica apresenta características, de certa forma, diferenciadas com relação ao urbanismo industrial típico das regiões do Centro-Sul brasileiro, o que remonta a um aspecto ímpar da urbanização, onde os rios e a floresta possuem um papel importante em sua condição urbana.

Nesta contextualização, Trindade Jr (2015, p. 330) infere que, para se estudar a região Norte, é necessário ter ciência da urbano-diversidade a fim de "conceber uma Amazônia urbana, plural e diversa, à semelhança do que se pensa em relação à biodiversidade e à sociodiversidade", que contrapõe a imagem de homogeneidade reservada à Amazônia.

Assim, a configuração de urbanização na Amazônia se difere por ser uma unidade regional não homogênea, exibindo diversos processos de expansão, especialmente econômicos e sociais, entretanto, com fortes implicações políticas e culturais. Esta lógica territorial de produção do espaço amazônico é apontada por Becker (2013) como "floresta urbanizada", isto é, uma metáfora sobre a região que possui diversas possibilidades, seja pela exploração capital, de recursos, da força de trabalho e outros, que definiam novas maneiras de se apropriar do território já ocupado, apropriação esta que ocorreu por meio da implantação de redes de integração espacial com outros polos do país e indução de fluxos migratórios para a região.

Para Meneses (2000), a década de 1990 consagrou a intensificação do processo de urbanização da Amazônia, comprovado não só pelo aumento da população urbana, como também pelo surgimento de novos municípios. Para a autora citada, estes centros urbanos locais, independentemente de sua posição na hierarquia urbana, fomentaram o apoio logístico para que novos municípios amazônicos fossem implementados.

Portanto, a região Norte ganhou um fluxo de deslocamento de pessoas de modo célere e, nesta totalidade, acarretou-se em uma oscilação na expansão urbana sem o apropriado planejamento urbano, que conseguisse acolher toda a população rapidamente. Assim, com a finalidade de receber a demanda populacional do momento, somente eram pensadas as habitações, como elementos desagregados do planejamento urbano.

## 4 MACAPÁ EM PAUTA: A EXPANSÃO URBANA DA CAPITAL

Macapá (figura 1), sendo uma cidade amazônica, também acompanha este cenário de urbanização desordenada, onde, dentre os diversos conflitos identificados em seu espaço, ressaltam-se aqueles de ordem urbano-ambiental. Trindade Jr. (2009) por seu turno, aponta a região como uma centralidade urbana que é resultado da intensificação dos fluxos entre Belém e Macapá, permitindo que esta alcance o limite fronteiriço com a Guiana Francesa[1].

Figura 1 – Localização de Macapá, Amapá, na região Amazônica.

Fonte: Elaborado pela autora (2020).

[1] A Guiana Francesa possui nome oficial Departamento Francês do Ultramar (*Département d'Outre-mer*), está situada na América do Sul, sendo limitada, à norte, pelo Oceano Atlântico, à leste e sul, pelo estado do Amapá, à oeste, pelo Suriname.

Macapá é a capital e o maior município do Amapá. Está localizada na Amazônia Setentrional, atualmente, mais de 95,7% de sua população reside em área urbana (IBGE, 2017). Seu percurso histórico mostra que o desenvolvimento urbano, até a transformação do Território Federal do Amapá em Estado, por meio da Constituição Federal de 1988, foi resultado de amplos projetos econômicos voltados à exploração, relativos ao extrativismo, à exploração mineral e às políticas públicas direcionadas à "ocupação" e ao desenvolvimento da Amazônia.

Com a estadualização do Amapá em 1988, geram-se novas dinâmicas na região. Contudo, é a partir da década de 1990, que novos fluxos econômicos, sociais e demográficos, novos atores e novas redes se configuram no espaço da sub-região de Macapá. Porém, com ausência de investimento destinado ao planejamento urbano levou o município a expandir seus limites de modo tumultuado, sem infraestrutura, formando espaços através de invasões, termo popular que designa a ocupação de uma propriedade ou solo urbano que não cumpre função social conforme previsto no Código Civil, consolidando assim, este modelo característico de urbanização desordenada em Macapá (SOUZA, 2014).

Os fatores aqui ressaltados, que conduzam à expansão urbana de Macapá, refletem significativamente na qualidade de vida de sua população, onde, segundo Gatti (2013) é e sempre será medida pela dimensão da vida coletiva que é expressa nos seus espaços públicos dispostos democraticamente pela cidade, seja no parque, na praça, na praia ou mesmo na rua.

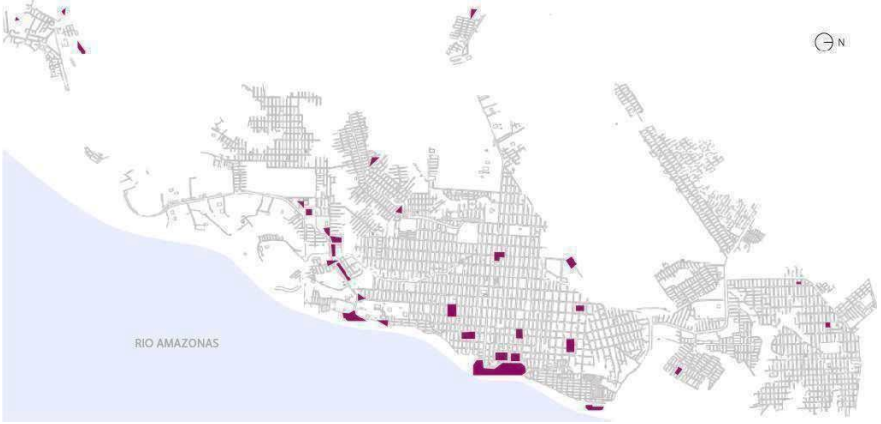
Devido ao crescimento acelerado da cidade de Macapá aqui apontado, não houve a efetivação de projetos voltados para os espaços públicos da cidade e a preocupação foi direcionada a fim de suprir mormente as demandas da questão habitacional do município, deixando de lado as necessidades da comunidade que estão voltadas para o âmbito do lazer, bem como o afastamento das raízes culturais e as práticas coletivas e democráticas de se pensar a cidade.

## 4.1 A PRÁTICA URBANA E A FORMAÇÃO DE ESPAÇOS PÚBLICOS LIVRES NA CAPITAL AMAPAENSE

O Plano Diretor tem um papel fundamental no modo de produção da cidade e rege inúmeras considerações nas particularidades formais do espaço urbano, bem como do espaço público. Para além disto, é primordial para o desenvolvimento de áreas de interesse turístico, como se observa na Orla de Macapá e, ainda, para aquelas zonas localizadas em áreas de influência de empreendimentos ou atividades com significativo impacto ambiental na região ou no país, pois estes estão atrelados aos aspectos de qualidade de vida de uma população.

Conforme apontado, assim são providos os espaços indispensáveis para o desenvolvimento e expansão do município, logo, a cidade terá mais ou menos espaços públicos de acordo com a análise desta necessidade urbana. Dito isto, é possível entender como os espaços públicos são distribuídos na cidade de Macapá. De acordo com o mapeamento disponível no Plano Diretor do município, isto é, a catalogação formal dos espaços públicos da cidade, em 2004 constam 30 espaços referentes a praças no meio urbano (figura 2). Além disso, o mapeamento da última atualização do Plano Diretor levanta os jardins públicos e jardinetes, entretanto, estes não se configuram como praças ou não são espaços que recebem os mesmos usos.

Figura 2 – Mapa de identificação de praças na cidade de Macapá.




Fonte: Elaborado pela autora (2020) com base no Plano Diretor (2004).

Ainda, conforme o mapa apresentado, é possível notar que os espaços públicos mais assistidos e de maior área espacial se localizam na região central da cidade e que outra quantidade relevante destes espaços se manifesta no sentido Zona Sul da cidade. Na cidade de Macapá se verifica então uma má distribuição de espaços públicos que se deu devido à expansão urbana que hoje conta com 28 bairros oficializados e mais 33 bairros que passam pelo processo de nova delimitação e definição por meio da Secretaria Municipal de Habitação e Ordenamento Urbano (PREFEITURA DE MACAPÁ, 2020).

Para além disto, cabe ressaltar que o mapeamento não abarca os espaços que surgiram de modo espontâneo recentemente, nem os que foram criados na última gestão municipal e não traduz mais o quantitativo de espaços públicos existentes no município.

## 4.2 A PRAÇA DO SANTA INÊS E SEU ENTORNO COMO ESPAÇO DE PRÁTICAS SOCIOURBANAS

Próximo à região central da cidade de Macapá e remontando os primórdios da expansão urbana do município, o Santa Inês (figura 3) é um pequeno bairro que abriga o objeto de estudo desta pesquisa, a Praça do Santa Inês.

Hoje o bairro é referência na cidade por estar localizado em frente ao Rio Amazonas, sendo contemplado pela orla e as diversas dinâmicas urbanosociais que ali são vivenciadas. Este bairro possui um caráter multifacetado, por ser palco de inúmeras atividades, entre elas: funções turísticas da orla, a condição comercial devido a rampa portuária que recebe pessoas e mercadorias, a presença dos munícipes, entre outros.

Em seus aspectos históricos, a segunda metade do século XX, em meados da década de 1960, verifica-se a aparição de alguns aglomerados que compuseram o que hoje se conhece como Bairro Santa Inês, dentre eles estão a Vila Mucajá e o aglomerado da Vacaria, nome este que faz referência à fazenda que abatia gado naquela região (TOSTES, 2006). A região, mesmo que próxima ao centro da cidade, detentora da pompa e modernização arquitetônica, era considerada área rural na década de 1960, devido aos sítios que produziam gado leiteiro.

Figura 3 – Localização do bairro Santa Inês em Macapá – AP.

Fonte: Elaborado pela autora com base no Google Earth (2020).

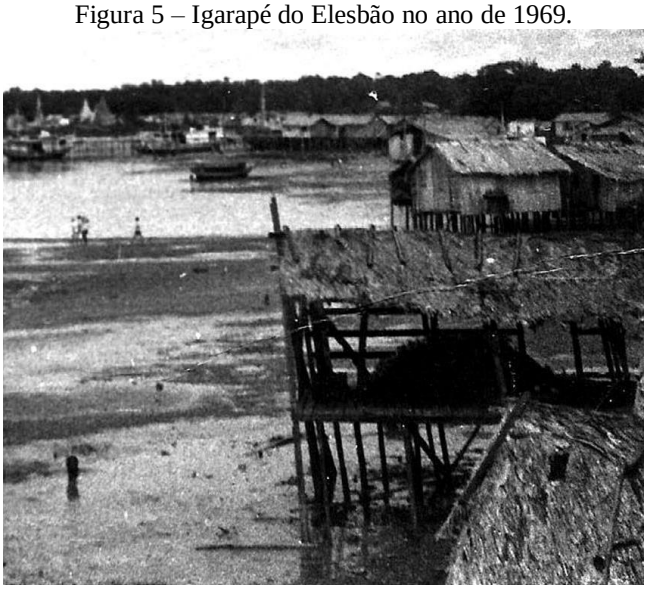
Outras alcunhas surgem na literatura para designar as comunidades na orla de Macapá. Conforme Botelho (2011) aponta, o bairro Santa Inês outrora era conhecido como "Igarapé do Elesbão" e "Praia da Vacaria", esta última denominação se dá devido à falta de construções portuárias que possibilitava então a existência de uma faixa de areia que existiu até os anos 1990 na orla da cidade (figura 4).

Figura 4 – Captura de tela do filme Antítese, mostrando a orla nos anos 1990.

Fonte: Magalhães Produções (1990).

A população que deu início à produção deste espaço e povoou a região era de origem ribeirinha, nativos das ilhas do Pará e do Marajó, desta maneira, a produção urbana naquela época remonta uma morfologia urbana característica das palafitas (figura 5), ou seja, um tipo de habitação em madeira construída sobre estacas e pilares, comumente erguidas sobre áreas alagadiças. Neste seguimento, a região era frequentada tanto pelos moradores locais, quanto pelos ribeirinhos responsáveis pela oferta de produtos como o peixe, o camarão e produtos agrícolas que ali desembarcavam, além de serviços de transporte fluvial prestados por estas pessoas. Logo, nos primórdios do bairro Santa Inês, verifica-se uma faceta voltada para o comércio e outras atividades do cotidiano, como tomar banho de rio e caminhar.

Figura 5 – Igarapé do Elesbão no ano de 1969.



Fonte: Olivar Cunha (1969).

Apesar da configuração arquitetônica simples, a região era visada para estruturação urbanística por apresentar uma conexão com estas ilhas do Pará, sendo palco para o trânsito de mercadorias que abasteciam a cidade e recebendo a população que migrava para o Estado por meio fluvial e aportavam seus barcos na região (figura 6). Isto se confere conforme o Plano Diretor Grumbilf de 1960, sendo este o primeiro plano urbanístico de Macapá, surgido com o intuito de "suprir as necessidades emergenciais a exemplo do fornecimento de água e energia elétrica além do tratamento de esgoto e melhores condições de moradia" (BOTELHO, p. 56, 2011).

Figura 6 – Cais do Santa Inês anteriormente (entre 198? e 199?).

Fonte: Blog Fernando Canto (2011).

A cidade de Macapá como área de atuação da Superintendência da Zona Franca de Manaus (SUFRAMA) foi alvo dos investimentos de infraestrutura de urbanização para a costa, onde foi consolidada a Orla do Santa Inês, em que a obra denominada "Infraestrutura turística da Orla de Macapá – Bairro Santa Inês" (SANTOS, 2016, p.156) recebeu R$ 1.739.195,45 da SUFRAMA. Dessa forma, é possível analisar o início de planejamento com finalidades de lazer e turismo para a área, contudo, sem levar em conta as multiterritorialidades existentes.

Assim, esse processo de urbanização interferiu nas atividades que ocorriam popularmente na área como o banho de rio e a aportagem de pequenas embarcações, devido ao desenvolvimento turístico dado à área e drenagem da praia do remanso. Os principais elementos

concebidos foram, de acordo com Brito e Cantuária (2014) o muro de arrimo, expansão da via margeando o rio, canteiros paisagísticos com quiosques e mobiliário urbano.

Alguns planos urbanísticos produzidos para o município de Macapá descrevem o contexto da cidade e apresentam propostas que manifestam o potencial mercantil e turístico desta. Neste prisma, o Plano Urbanístico da GRUMBILF (1960) mencionou sobre a situação portuária e a orla da cidade, em que o lazer se baseava nas atividades que envolviam este contato com orla, como o banho de rio, pesca e futebol, praticados pela extensão do cais criado para o desembarque de turistas e novos munícipes. Além disso, o plano também levou em consideração o fluxo fluvial, que era utilizado para o transporte de mercadorias destinadas das ilhas, de outros Estados ou do exterior, conforme se verifica no seguinte trecho do plano.

Justamente devido sua localização geográfica, o Bairro Santa Inês então tornou-se um lugar de intensa movimentação de pessoas e mercadorias, um pequeno centro comercial ao ar livre, onde funciona a feira popular do Bairro Santa Inês, que aglomera pessoas, notadamente estes ribeirinhos de localidades vizinhas e os residentes que consomem os produtos desembarcados ali, caracterizando uma relação intensa e cotidiana entre a cidade e o campo.

Posteriormente, a institucionalização do bairro Santa Inês ocorreu por meio da Lei municipal nº 187/83 – PMM, em 17 de novembro de 1983. De acordo com a planta cadastral do bairro, suas delimitações cerceiam a Oeste pelo barranco do Bairro do Trem, a Leste pela margem do Rio Amazonas e ao Sul pela Av. Camaru até a Av. 1° de Maio.

Com a especulação imobiliária decorrente da infraestrutura instalada para construção e expansão da orla até o bairro Araxá, no final da década de 1990, paulatinamente, os primeiros moradores foram sendo substituídos por aqueles de poder aquisitivo mais elevado. Suas casas (de madeira com aparência de palafita) foram demolidas para construção de modernas residências, pequenos prédios residenciais e comerciais, com destaque a bares e restaurantes (figura 7).

Figura 7 – Restaurantes situados na orla de Macapá - AP.

Fonte: Google Maps (2021).

Brito e Cantuária (2014, p. 9) quanto à consolidação do bairro apontam que "o processo se completou no final da década de 1990, quando se observou a consolidação do bairro Santa Inês como área turística e de lazer, composta principalmente por bares, onde o maior atrativo é a vista para o rio".

Ainda, anos mais tarde tem-se a construção dos atracadouros de concreto na orla, os quais, segundo Brito e Cantuária (2014) são denominados popularmente de rampas do Santa Inês (figura 8). Assim, tem-se a consolidação, no território da cidade, de uma rede hidroviária já estabelecida entre a capital e as ilhas do Pará, com o transporte de passageiros e cargas.

Figura 8 – Orla da Praça do Santa Inês em Macapá - AP.

Fonte: Prefeitura de Macapá (2021).

Conforme os apontamentos supracitados, a atividade de comércio à margem do Rio remonta mesmo antes da criação do bairro Santa Inês e sempre esteve presente na área em que compreende a Praça do Santa Inês (figura 9), bem como a intrínseca paisagem ribeirinha, influenciando diretamente na configuração espacial que abarca a Praça do Santa Inês, a dinâmica sociourbana presente no bairro e na infraestrutura que se encontra ali.

Figura 9 – Orla da Praça do Santa Inês em Macapá - AP.

Fonte: Kuwahara (2018).

Entende-se então que os planos, principalmente, o plano da empresa Grumbilf, visto que este deu origem aos planejamentos urbanos de Macapá, tinha por finalidade orientar a expansão do município. Todavia, ele poderia se sujeitar a alterações, onde a evolução futura da cidade em desacordo com as previsões justificasse as alterações. Finalmente, de acordo com Botelho (2011), o autor aponta que houve uma falta de impulso por parte da administração pública em idealizar as proposições propostas por este plano, de modo que a expansão da cidade aconteceu sem ordenamento e infraestrutura, sobretudo em bairros que estavam se configurando, como o Santa Inês.

## 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O percurso teórico aqui abordado foi de fundamental importância para o resgate da história e da produção urbana pouco discutida no Amapá. A inquietação em explorar o assunto aprofundou a compressão do contexto social, urbano e histórico de uma região que abriga a importante relação com o Rio Amazonas enquanto cidade com perfil de centralidade urbana.

Se compreende que o bairro Santa Inês passou por processos de expansão desligados do planejamento urbano que focasse na provisão de espaços públicos, de lazer, de comunhão, de expressão cultural e de reforço da identidade local. Muito foi perdido com o avanço da modernização e da rápida evolução dos objetivos para a área da Praça do Santa Inês e de seu entorno. Com a especulação imobiliária decorrente da infraestrutura instalada para construção e expansão da orla até o bairro Araxá, no final da década de 1990, paulatinamente, os primeiros moradores da região foram sendo substituídos por aqueles de poder aquisitivo mais elevado. A relação econômica com o espaço discutido infere na valorização do "preço da água", isto é, a região da Praça do Santa Inês e da Orla de Macapá é símbolo de um espaço nobre e turístico pela proximidade e conexão com o Rio Amazonas.

Das dinâmicas que ali existiam, perderam-se atividades populares como o banho de rio; aportagem de pequenas embarcações, pois estas agora atracam apenas em espaços específicos de cais no bairro Santa Inês; não se vê a arquitetura palafítica e isto é uma perda para a valorização e perpetuação de um conhecimento tradicional local, entre outros. Assim, a criação da Praça do Santa Inês nos anos 2000 vem como o resgate dos espaços de encontro que também foram perdidos com essa consolidação de projetos de infraestrutura turística.

Na realidade urbana atual, se percebe que os espaços coletivos voltaram à proximidade com o Rio Amazonas, buscando o resgate das cargas simbólicas não observadas enquanto os processos de urbanização aconteciam. A Praça do Santa Inês é o único espaço com morfologia de praça no bairro Santa Inês, que reflete ao passado no qual as pessoas se reuniam na beira do Rio e criavam as dimensões de vida e relacionamento da sociedade com o lugar. Os projetos de criação de infraestrutura não exploraram as dinâmicas historicamente existentes para construir os espaços de convivência, então, a praça do Santa Inês e seu entorno traça um perfil de perspectiva multiuso, representando as atividades que foram dispersas daquele local.

Assim, a prática urbana no bairro aponta uma diversidade de maneiras que os espaços públicos são construídos em Macapá, com diversas dimensões e características, traçando então um perfil de perspectiva multiuso. Portanto, elencar estes contextos e entender como a cidade tem criado seus espaços públicos promove a germinação de ambientes mais pertinentes, assim, abrindo um leque de novas dimensões de vida e relacionamento da sociedade com o lugar, fomentando uma produção eficaz da cidade.

## 5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS


- BECKER, B. **A urbe amazônida:** a floresta e a cidade. Rio de Janeiro: Garamond Universitária, 2013.

- BOTELHO, L. P. **Evolução urbana da cidade de Macapá:** análise do perímetro da Fortaleza de São José de Macapá ao Araxá no período de 1950-2010. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal do Amapá – UNIFAP, Macapá –AP, 2011.

- BRITO, A.; CANTUÁRIA, E. **Da Fortaleza ao Araxá:** O processo de transformação da paisagem cultural da orla do Rio Amazonas em Macapá-AP. Anais 3º Colóquio Ibero-Americano Paisagem Cultural, Patrimônio e Projeto – Desafios e perspectivas. Brasil, Belo Horizonte, 2014.

- CASTELLS, M. **A questão urbana.** Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2009.

- GATTI, S. **Espaços Públicos.** Diagnóstico e metodologia de projeto. Coordenação do Programa Soluções para Cidades. São Paulo: ABCP, 2013.

- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ed. São Paulo: Atlas. 2008.

- GRUMBILF DO BRASIL (Governo do TFA). **Plano urbanístico da cidade de Macapá:** relatório. São Paulo, 1960.

- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Macapá**. Rio de Janeiro: IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2017. Disponível em: https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ap/macapa.html. Acesso em: 24. jan. 2022.

- LEFEBVRE, H. **A produção do espaço.** Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: La production de l'espace. 4ed Paris: Éditions Anthropos, 2000). Primeira versão: início - fev.2006.

- MENESES, M. L. P. **Tendências atuais das migrações internas no Brasil.** Scripta Nova. Revista Eletrônica de Geográfia y Ciencias Sociales. Universidade de Barcelona. No 69 (45), 2000.

- PALHETA, T. C., SANTOS, F. B. SERDOURA, F. **Segregação ou integração dos espaços públicos urbanos:** uma análise da zona norte de Macapá – AP. Anais Pluris Contrastes Contradições Complexidades. 2016.

- PREFEITURA MUNICIPAL DE MACAPÁ. **Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano e Ambiental de Macapá.** 2004

- QUINTAS, D. **Projeto Urbanização do Pier do Santa Inês** (2011). Disponível em: http://eusoudonorte.blogspot.com/2011/06/noticia-boapier-do-santa-ines.html. Acesso em: 08. Nov. 2021.

- SOUZA, A. C. M. de. **Análise do planejamento urbano de um espaço em transformação:** as cidades de Macapá e Santana na perspectiva do desenvolvimento local. Trabalho de Conclusão de Curso (Arquitetura e Urbanismo). Macapá: Ana Cláudia Machado de Souza, 2014.

- SANTOS, M. **Espaço e método.** 1. ed. São Paulo: Nobel, 1985.

- SANTOS, M. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996.

- SUTIL, M. S. **Beirais e platibandas:** a arquitetura de Curitiba na primeira metade do século XX. Tese de Doutorado. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2003. CORRÊA, R. L. **O Espaço Urbano.** 4a Ed. São Paulo: Editora Ática S.A, 2005.

- TOSTES, J. A. P**lanos Diretores no Estado do Amapá:** uma contribuição para o desenvolvimento regional. Macapá, 2006.

- TRINDADE JR., S. C. da. **Cidades e Centralidades na Amazônia:** Dos Diferentes Ordenamentos Territoriais ao Processo de Urbanização Difusa. Revista cidades. p. 305-334, Vol. 12, n. 21. 2015. Universitária, 2013.

- TRINDADE JR., S. da et al. (Org**.). Pequenas e médias cidades na Amazônia**. Belém: FASE/COMOVA, 2009.

# Esporte no espaço público: as territorialidades do vôlei em Copacabana

# Le sport dans l'espace public: les territorialités du volley à Copacabana

**Marcelo Ribeiro TAVARES**
*Doutor em Urbanismo, PROURB/UFRJ, Brasil*
**Lilian Fessler VAZ**
*Professora Doutora, PROURB/UFRJ, Brasil*
**Madalena Cunha MATOS**
*Professora Doutora, CIAUD/UL, Portugal*

O esporte existente em determinados lugares da cidade pode tornar-se uma prática social tão intensa que favorece a ampliação de sentidos para o espaço público e cria fortes vínculos entre seus frequentadores. O objetivo desse artigo é evidenciar as múltiplas interpretações que os usuários da praia de Copacabana, no Rio de Janeiro, possuem sobre o vôlei como formador do espaço público e da paisagem da orla carioca. A partir dos referencias teóricos sobre a territorialidade do esporte, o estudo sobre a história do bairro e a pesquisa de campo verificou-se como o vôlei em Copacabana é formador de uma "territorialidade fincada". Conclui-se que desde a chegada dessa modalidade ao Brasil, no início do século XX, a praia de Copacabana tem sido um cenário importante para a vivência amadora e profissional desse esporte, que também revela diversas apropriações do espaço público na contemporaneidade urbana.
Palavras-chave: Copacabana; vôlei; territorialidades.

**Le sport dans l'espace public: les territorialités du volley à Copacabana**
Le sport existant dans certains lieux de la ville peut devenir une pratique sociale si intense qu'il favorise l'élargissement des sens à l'espace public et crée des liens forts entre ses utilisateurs. L'objectif de cet article est de mettre en évidence les multiples interprétations que les usagers de la plage de Copacabana, à Rio de Janeiro, ont du volley-ball en tant que façonneur de l'espace public et du paysage du littoral de Rio de Janeiro. A partir des références théoriques sur la territorialité du sport, de l'étude sur l'histoire du quartier et des recherches sur le terrain, il a été vérifié comment le volleyball à Copacabana forme une « territorialité enracinée ». Il est conclu que depuis l'arrivée de ce sport au Brésil, au début du XXe siècle, la plage de Copacabana a été un scénario important pour l'expérience amateur et professionnelle de ce sport, qui révèle également plusieurs appropriations de l'espace public dans la contemporanéité urbaine.
Mots-clés: Copacabana; volley-ball; territorialités.

**Sport in the public space: the territorialities of volleyball in Copacabana**
The sport existing in certain places in the city can become such an intense social practice that it favors the expansion of meanings to the public space and creates strong bonds between its users. The aim of this article is to highlight the multiple interpretations that users of Copacabana beach, in Rio de Janeiro, have about volleyball as a shaper of public space and the landscape of the Rio de Janeiro coastline. From the theoretical references on the territoriality of sport, the study on the history of the neighborhood and the field research it was verified how volleyball in Copacabana forms a "grounded territoriality". It is concluded that since the arrival of this sport in Brazil, in the beginning of the 20th century, Copacabana beach has been an important scenario for the amateur and professional experience of this sport, which also reveals several appropriations of public space in urban contemporaneity.
Keywords: Copacabana; volleyball; territorialities.

## 1 – Introduction

L'espace public de la plage est naturellement perçu comme un lieu d'excellence pour expérimenter des loisirs et pratiquer des sports. Dans le quartier de Copacabana, créé par le développement du capital immobilier à la fin du XIXe siècle, les bains de mer se sont devenues peu à peu part de la vie urbaine, jusqu'à ce que, dans les années 1930, la plage de Copacabana (comme tout le quartier) entre dans l'imaginaire populaire comme lieu pour vivre de façon moderne (Cardoso et al., 1986). Actuellement, la bande de sable de Copacabana, avec environ quatre kilomètres de extension, concentre plusieurs activités et est connue comme l'endroit idéal pour le footvolley, ainsi que pour les sports de plage typiques, tels que le foot-volley, le frescobol, le surf, le football, le « altinho », entre autres.

La base de cette recherche qui est synthétisée ici se trouve dans la thèse de doctorat en urbanisme défendue en 2020 à l'Université fédérale de Rio de Janeiro (Tavares, 2020). Le fondement théorique adopté vient de les travaux sur la territorialité du sport, développés originalement par des chercheurs français, comme Augustin (1997, 2002, 2018, 2020), Callède ; Augustin (2007), Lefebvre (2003) et Lefebvre, Rouult ; Augustin (2013). Le travail du géographe Gilmar Mascarenhas (1999a, 1999b, 1999c, 2001, 2006, 2011) se démarque comme précurseur des discussion sur le sport au Brésil.

Méthodologiquement, la recherche s'est appuyée sur une revue de la littérature et une étude de terrain pour construire une feuille de route d'actions qui comprenait des enquêtes sur les filets existants à le front de mer pour la pratique du volleyball, et aussi des conversations informelles avec des habitués du lieu, puisque le premier auteur était pratiquant du sport pendant plusieurs d'années et a joué à Copacabana. Un questionnaire en ligne a ensuite été appliqué auprès des personnes clés identifiées lors de la recherche sur le terrain, pouvant transmettre ce questionnaire à distance, puisque cette étape a été réalisée au plus fort de la pandémie, en avril 2020. Avec les 200 réponses envoyées, il fut possible identifier les principales territorialités que le volley a introduit sur la plage et quels aspects plus pertinents sont mis en évidence et interprétés par les habitués du questionnaire. Le questionnaire a été organisé à partir du découpage en trois grands blocs de questions : classification, communication et contrôle, aspects constitutifs de la formation des territorialités, selon les travaux de Sack (2009).

Comme les principaux résultats obtenus, qui sont résumés dans cet article et dans d'autres publications dérivées de la thèse, on peut distinguer Tavares (2018, 2020) et Tavares; Vaz; Matos (2020a, 2020b, 2021a, 2021b). Ces publications confirment qu'il existe des territorialités créées par la pratique du volleyball sur la plage de Copacabana et que ces territorialités favorisent la formation de sociabilités dans cet espace public de la ville. Ensuite, les discussions dans les sphères théorique, historique et sociale, respectivement, sont récapitulées.

## 2 – La territorialité de l'espace et provenante du sport

L'idée que un territoire est nécessairement un pays ou un espace démarqué par des frontières crée une énorme confusion. Cependant, il est essentiel de comprendre que le mot « territoire » est directement lié au concept d'espace. Pour Raffestin (2009), le mot « espace » précède « territoire », car le territoire est généré à partir de l'espace et, une fois qu'un certain acteur s'approprie de l'espace, que ce soit de façon concrète ou abstrait, il le territorialise, selon ses besoins. L'espace a donc une grande importance pour comprendre le quotidien des individus.

Il existe, pourtant, un espace dans lequel le territoire a été créé et délimité ; dans cet espace il y a aussi le développement des relations sociales quotidiennes, qui se déroulent dans les sphères les plus diverses par les sujets, dans leurs lieux de vie. C'est de là que se forme la notion de territorialité. Selon Saquet (2009, p. 90), la territorialité est liée au pouvoir exercé et « extrapole des relations politiques, impliquant aussi des relations économiques et culturelles, des individus et des groupes, des réseaux et des lieux de contrôle, même que temporaire, du et dans l'espace géographique ».

Considérant que le territoire est un concept associé à l'espace, le terme « territorialité » est associé à un territoire , où s'établissent des relations d'échange fondées sur le pouvoir. Selon Sack (2009), les êtres humains comprennent la territorialité comme une stratégie géographique efficace pour contrôler les choses et les personnes à travers une zone de contrôle ; la territorialité se manifeste à des degrés divers et dans des contextes sociaux variés, ce qui en fait donc « une expression géographique première du pouvoir social » (Sack, 2009, p. 5).

À l’aide d’une étude de la dimension sociale de l'activité sportive, la Géographie du Sport estime que pour que la pratique du sport se réalise pleinement, il est nécessaire de disposer de lieux appropriés, créés selon des règles, des aspirations et principes de chaque modalité (Mascarenhas, 2006), de cette façon, les espaces urbains et naturels pourront être occupés et appropriés par des groupes de praticiens qui contribueront à l'existence d'« un élargissement territorial des loisirs » (Augustin, 2002, p. 424). La manifestation du sport dans un lieu détermine, pourtant, une relation entrelacée de formation de territorialité ; le binôme sport et société forme une articulation importante à étudier dans le cadre des études spatiales et à partir de la ville contemporaine.

À Copacabana, le volleyball est devenu un exemple emblématique de l'articulation du sport avec la plage pour la formation de ce que nous appelons la territorialité du volleyball. La plage de Copacabana, qui était utilisée pour les loisirs populaires entre les années 1930 et 1940, a été considérée comme un espace public qui dénotait un statut et était fréquentée par une classe dominante qui contemplait le bord de mer comme possibilité d'être en bonne santé et de pratiquer du sport sous exposition au soleil, comme le frescoball et le volleyball de plage (O'Donnell, 2013). Un ensemble de petits territoires à long de toute la plage a attiré l'attention sur la formation d'une territorialité du volleyball, due à la transformation d'un lieu dans la ville au profit d'une activité de groupes avec des caractéristiques et intérêts différents, qui se territorialisent.

Le litoral de Copacabana est donc l'un des premiers espaces où l'expérience du volleyball s'est consacré sur une des plages brésiliennes; dans cet espace public on voit la formation des territorialités spécifiques qui s'insèrent de manière subtile et au même temps forte dans l'espace. La fixation des piquets sur le sable, l'acte de planter, détermine la force du marquage du territoire. D'autre part, les marquages qui y sont placés deviennent subtils lorsque le jeu de volley-ball a lieu et attire les joueurs et les spectateurs, favorise les championnats, les fêtes et tous les éléments qui envisagent la pratique de ce sport.

Figure 1: Des filets de volleyball plantés sur la plage de Copacabana démarquant une territorialité du sport.

Figure 2: Des filets de volleyball plantés sur la plage de Copacabana démarquant une territorialité du sport.

## 3 – La territorialité à Copacabana, Rio de Janeiro

Fondée en 1565, la ville de Rio de Janeiro s'est initialement étendue vers les quartiers actuels de Flamengo et Botafogo, où les premiers habitants vivaient dans des petites et grandes fermes. Au fil du temps, la ville a été considérée comme stratégique par l'Empire portugais en raison de son port. Cependant, à la fin du XIXe siècle, la ville n'était pas encore divisée fonctionnellement et le centre de Rio concentrait presque tous les usages. Les logements devaient être proches du travail car il y avait un carence de moyens

de transport. Entre les années 1870 et 1890, il y a eu une augmentation significative de la population et la mise en place de tramways et de trains a commencé à faciliter la circulation des personnes leur permettant de résider dans des endroits plus éloignés du Centre. Ce fut une période productif, qui engendra la formation de plusieurs quartiers et stimula le marché immobilier (Cardoso et al., 1986).

Le quartier de Copacabana, à son tour, a subi une révolution urbanistique entre les années 1940, 1950 et 1960. Au cours de cette période, le quartier est devenu une expression significative des forces économiques, sociales et culturelles et a commencé à définir un nouveau concept de vie urbaine pour les citoyens et le Brésilien en général : l'incorporation immobilier, l'évolution des classes moyennes de la ville et la recherche du prestige social donné par le lieu de résidence (Cardoso et al., 1986). En 1960, il y a eu la construction du tunnel qui a commencé à lier la Rue Barata Ribeiro à la Rue Princesa Isabel, permettant l'expansion du quartier et aussi la duplication de l'Avenida Atlântica, aussi comme la remodelage de la promenade par Roberto Burle Marx (Lima et al. , 1992) , ce qui a encore favorisé l'utilisation de cet espace de la ville pour des fins de loisirs.

La relation entre le front de mer de Copacabana et les sports de loisirs existe depuis les années 1920, avec la promotion de plusieurs championnats amateurs de beach-volley, ainsi que des compétitions de plongeon, de pelada, de volant et de beach soccer, qui ont donné naissance à plusieurs clubs (Empresa de Turismo do Município do Rio De Janeiro S.A, 1992). Dans les années 1960, d'autres arrivent à la scène, comme l'« alligator », une sorte de surf avec le corps sans utiliser de planche, le footvolley, une pratique qui mélange les techniques du beach soccer avec le beach volley, en plus de la pêche sous-marine (Fonseca, 2011). Il convient toutefois de remarquer que les pratiques sportives réalisés sur la plage ne se déroulaient pas toujours pacifiquement, car le jeu avec des balles ne convenait pas à ceux qui étaient allongés sur le sable et cela faisait toujours l'objet de nombreuses réglementations (Andreatta; Chivari; Rego, 2009).

L'histoire de Copacabana est directement liée au beach-volley. Melo (2011) souligne qu'il existe des registres de pratique du volley-ball sur les plages nord-américaines depuis les années 1920 et que dans cette même décennie, en 1927, il y avait déjà des pratiquants de volley-ball à la hauteur du Posto Seis de la plage, près du fort de Copacabana. Entre les années 1930 et 1940, de nombreux filets de volley-ball ont été installés dans le périmètre entre le Leme le et Posto Seis. Les équipes étaient mixtes et composées de résidants du quartier. Selon le Grupamento Marítimo de Salvamento

(Regroupement Maritime de Sauvetage), il y avait déjà 256 filets de volley-ball accrédités pour tout le bord de mer de la zone sud à cette époque et la plupart d'eux étaient situés à Copacabana, en plus, le week-end, ce nombre a triplé en raison de l'apparition de filets pas régularisés. (Empresa de Turismo do Município do Rio de Janeiro S.A, 1992). L'histoire du quartier de Copacabana et le début de la pratique du beach-volley au Brésil, au début du XXe siècle, révèlent une relation particulière qui perdure jusqu'à nos jours.

Figure 3: Des filets de volleyball plantés sur la plage de Copacabana démarquant une territorialité du sport.

## 4 – La plage comme lieu de formation des sociabilités

La plage, de façon général, est aperçue comme un lieu démocratique, où le soleil se lève pour tout le monde, et ses visiteurs, théoriquement, partagent l'espace de manière civilisée et cordiale. Cependant, trois aspects pertinents doivent être soulignés: (1) la plage comme lieu de dispute pour l'espace, où les marchands ambulants cherchent à se nourrir et les amateurs de sports et de loisirs à s'amuser ; (2) la plage qui établit des normes et des codes, qu'ils soient officiels ou culturels, dans le but de créer des lieux d'appréciation et, par conséquent, favoriser la ségrégation ; (3) la plage qui arbitre les conflits résultant de l'intensité des usages qui existent dans cet espace public. Ces trois aspects combinés forment le complexe réseau des sociabilités qui se déroulent à le borde de mer.

### 4.1 – La plage comme lieu de dispute pour l'espace : travail et sport

Les plusieurs activités commerciales existant sur les plages attirent l'attention pour de nombreuses raisons, allant de l'organisation des travailleurs à la manière créative dont ils abordent les habitués. Cantanhede (2005) souligne le créatif travail informel au long du front de mer de Copacabana, qui comprend un large éventail d'activités. Reginensi et Pereira (2013) portent leur attention sur les nombreuses activités menées sur les trottoirs de Copacabana. Au cours de notre recherche sur le volley, les répondants n'ont pas fait référence directe aux travaux réalisés sur la plage, car la grande majorité s'a concentré sur l'utilisation pour les loisirs et le sport. Cependant, une personne a tenu à remarquer que les meilleurs filets étaient fabriqués à la main, par M. Nonô, au Posto 6, confirmant l'importance du travail de l'artisan.

Concernant le sport, la plupart des personnes interrogées dans notre enquête n'ont pas signalé de conflit lié au volleyball joué sur la plage de Copacabana. Cependant, il y avait ceux qui ont souligné certaines recommandations, telles que: "[...] Je pense juste qu'il devrait y avoir des moments précis pour la pratique au Posto 6, tenant en compte la petite étendue de sable", se référant à l'étroit bande de sable à cet endroit et l'inconfort généré lorsque le filet de volleyball est installé un week-end ensoleillé - compromettant probablement le petit espace existant. Un autre répondant a cependant souligné la sécurité que la présence de filets de volley apporte à certains points de la plage : « [...] les groupes de joueurs aident avec la sécurité des baigneurs, car sa présence inhibe la pratique des petits cambriolages ». Un autre interlocuteur encore questionne la performance des écoles de volley sur la plage de Copacabana : « [...] manque de panneaux identifiant les moments précis où les «écoles autorisées» peuvent utiliser l'espace afin que d'autres puissent utiliser le même espace sans coût », une demande claire de transparence, concernant les utilisations autorisées et interdites de la plage.

### 4.2 – La plage qui établit des normes et des codes et favorise la ségrégation

Invités à commenter le volleyball à la plage de Copacabana, les répondants de notre enquête ont soulevé des points intéressants, tels que : "Je pense que l'espace de la plage est très démocratique et à Copacabana la bande de sable est très large", ce qui nous amène à déduire qu'il y a assez d'espace pour que tout le monde puisse interagir en harmonie. Deux autres répondants ont souligné la différence qu'il y a sur la plage entre les moments plus fréquentée et les moments quand elle est très vide: "les week-ends avec beaucoup de

soleil, la plage devient très 'bondée' et ça interfère avec notre routine de pratique". Pour un autre répondant, "c'est un délice de profiter de la plage quand les gens partent, le soleil n'est pas aussi fort et le vent diminue". Dans les deux rapports, nous pouvons vérifier que l'idée de la plage idéale n'est pas compatible avec beaucoup de personnes différentes réunies dans cet espace soi-disant démocratique, bien que la majorité des répondants ait déclaré que la plage appartient à tout le monde, ce que, en principe, est vrai.

On voit donc qu'il est nécessaire de relativiser l'idée que la plage est un lieu démocratique par excellence. Bien qu'il s'agisse d'un espace public dans lequel, théoriquement, tous les citoyens ont les mêmes droits, il y a des aspects qui font s'effondrer l'idée d'égalité absolue.

### 4.3 – La plage qui arbitre les conflits

La ségrégation qui existe dans la ville s'étend à l'espace public de la plage. Barickman (2016) souligne que la grande étendue de la bande de sable existante sur les plages de Copacabana et d'Ipanema a permis que les baigneurs de développeraient leurs activités, cependant, cela a toujours été conditionné à la création de paramètres pour les habitués et les activités. Depuis quelques années pourtant, la question du contrôle des plages a pris de nouveaux contours. Farias (2016) et Santos (2013) attire l'attention au fait de que la politique appelé « choc de l'ordre », mise en place en 2009, sous l'administration d'Eduardo Paes (2009-2012 et 2013-2016), alors maire de la ville de Rio de Janeiro, n'était pas le meilleur moyen de garantir l'ordre urbain, car l'idée répressive qui opère dans un organisme complexe comme l'espace public métropolitain expose des fragilités sociales (et urbaines) qui sont loin d'être résolues. Sur le front de mer, cette action municipale a mené à la standardisation des équipements et à la régulation du commerce, divisant les avis sur l'importance du contrôle rigide sur l'espace et sur la manière dont ces actions aboutissent à une exclusion sélective et à une gentrification.

La plage de Copacabana est (et semble avoir toujours été), assurément, un lieu de grande visibilité. Cette constatation fait de la plage un lieu non seulement de manifestations sur le bord de mer, mais aussi d'installations et de protestations sur le sable. Plus d'une fois, par exemple, la plage a été le scénario choisi pour protester contre les morts dans la ville. De nombreuses manifestations ont utilisé des croix pour marquer symboliquement les vies perdues, pour exemple des manifestations organisées en 2007 et aussi en 2020, à l'occasion de la pandémie de coronavirus. En d'autres termes, à

Copacabana, une plage très visible, protester sur le sable est une manière de chercher une plus grande répercussion pour les sujets qu'on veut discuter.

## 5 - Considérations finales

Au milieu de toute la complexité sociale que contiennent les villes, les métropoles ont élargi les interfaces avec les citoyens, compte tenu du grand nombre d'usages et de fonctions que comporte l'espace urbain. En ce sens, les espaces publics sont le lieu de visibilité des questions présents dans la ville de façon plus collective.

La dispute pour le territoire n'est pas organisée sans relations de pouvoir établies, avec la participation d'intérêts privés à être médiés dans l'espace public, tenant en compte quelques lignes directrices et codes établis par la législation municipale. Mais il y a une territorialité spécifique du volley : une fois que ses les filets sont fichés dans le sable, ils donnent des indices qu'un territoire s'y organise qui ne se complète qu'avec l'assemblage de tout l'appareil du sport et avec la participation des joueurs. Et les territorialités spécifiques du volleyball à Copacabana : le long de son bande de sable étendu, les groupes se spécialisent dans des lieux et des temps, établissant des routines qui dépassent en complexité, mais sont régis par un ensemble d'habitudes sédimentées, avec l'organisation de groupes légalement soutenus, où les relations de pouvoir sont évident dans le contrôle de chaque filet.

Dans notre recherche, la grande majorité des répondants ont remarqué, en effet, la formation de groupes d'amis et la socialisation comme les principaux éléments liés au beach volley à Copacabana. Il y avait des témoignages, tels que : « Le volley de Copa est une thérapie pour la vie où on retrouve des amis, on bavarde après le volley, on va boire une bière et les discussions et les rires continuent ; puis chacun part en son chemin, en attendant le lendemain pour se retrouver », et aussi : « Je crois qu'en plus de faire du sport, il y a aussi le côté socialisation avec les autres, fondamental pour notre développement personnel ».

Donc, il nous a attiré l'attention la formation d'une territorialité provenant des nombreuses pratiques de volleyball sur le sable, par la transformation d'une place dans la ville au profit d'une activité de groupe. Si, comme déjà dit, il y a une territorialité du sport, de la façon dont chaque activité sportive est organisée et insérée dans l'espace urbain, on peut dire qu'il y a la formation d'une territorialité pour moyen du volleyball. À

Copacabana, le littoral consacré comme le lieu des premières expériences de ce sport sur les plages brésiliennes, à son tour, on voit un riche champ d'histoires accumulées.

## **Bibliographie**


- ANDREATTA V.; CHIAVARI, M.; REGO, H., O Rio de Janeiro e sua orla: história, projetos e identidade carioca. SMU; Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro, n. 201, 12/2009.

- AUGUSTIN, J. P. Une géographie des médiations territoriales: cultures, territoires et pratiques sportives. Sciences de la société, n. 101, 2018, p. 84-91.

- AUGUSTIN, J. P. La diversification territorial et des activités sportives. L'année sociologique, n. 2, v. 52, 2002, p. 417-435

- AUGUSTIN, J. P. Les territories incertains du sport. Cahiers de géographie du Québec, n. 114, v. 41, 1997, p. 405-411.

- AUGUSTIN, J-P; SUCHET, A. Pratiques sportives et projets de territoire. Cahiers de géographie du Québec, n. 171, v. 60, 12/2016, p. 433-438. Disponível em: https://doi.org/10.7202/1041215ar. Acesso em: 27 jan. 2020.

- AUGUSTIN, J. P; SUCHET, A.; CALLÈDE, J. P. Politiques sportives, relations socials et action collective. Sciences de la société, n. 101, 2017. Disponível em: http://journals.openedition.org/sds/6013. Acesso em: 27 jan. 2020.

- BARICKMAN, B. J. Medindo maiôs e correndo atrás de homens sem camisa: a polícia e as praias cariocas, 1920-1950. Recorde: Revista de História do Esporte, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, 06/2016, p. 1-66.

- CALLÈDE, J. P. AUGUSTIN J.P. 2007 – Géographie du sport. Spatialités Contemporaines et mondialisation. Paris, Armand Colin (collection U – Géographie), 224 p., cartes, fig., ill. Les Cahiers d'Outre-Mer– Revue de Géographie de Bordeaux, n. 250, 06/2010, p. 293-295.

- CANTANHEDE, A. Multidão e solidão na orla de Copacabana. 2005. Tese (Doutorado em Planejamento Urbano e Regional) – Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de janeiro, 2005.

- CARDOSO, E.; VAZ, L.; ALBERNAZ, M.; AIZEN, M.; PECHMAN, R. História dos bairros – memória urbana: Copacabana. Rio de Janeiro: João Fortes Engenharia; Editora Index, 1986.

- EMPRESA DE TURISMO DO MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO S.A., RIOTUR. Copacabana-1892/1992: Subsídios para a sua história. Rio de Janeiro: RIOTUR, 1992.

- FARIAS, P. Um "Choque de Ordens": uma análise sobre o controle do espaço público na orla carioca. Brasiliana – Journal for Brazilian Studies, v. 4, n.2, 2016, p. 163-190.

- FONSECA, F. Praia de Copacabana: Eventos no espaço público. 2011. Dissertação (Mestrado em Urbanismo) – Programa de Pós-graduação em Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

- LEFEBVRE, S. (Org.). Sports et villes. Enjeux économiques et socioculturels. Québec: Presses de L'Université du Québec, 2003.

- LEFEBVRE, S.; ROULT, R.; AUGUSTIN, J. P. Les nouvelles territorialités du sport dans la ville. Québec: Presses de L'Université du Québec, 2013.

- LIMA, E.; CARVALHO, L.; VENTURA, C.; AVILA, M. (Orgs.). Rio de Janeiro, uma cidade no tempo / Rio de Janeiro a city through time / Rio de Janeiro une ville au cours du temps. Rio de Janeiro: Diagraphic Projetos Gráficos e Editoriais Ltda, 1992.

- MASCARENHAS, G. Uma Introdução à Geografia dos Esportes, Scripta Nova - Revista Eletrónica de Geografía y Ciencias Sociales, Barcelona, 03/1999a.

- MASCARENHAS, G. Construindo a Cidade Moderna: a introdução dos esportes na vida urbana do Rio de Janeiro. Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, CPDOC (Fundação Getúlio Vargas), n. 23, 06/1999b, p. 17-39.

- MASCARENHAS, G. A geografia e os esportes: uma pequena agenda e amplos horizontes. Conexões: Revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, Campinas, v. 1, n. 2, 12/1999c, p. 47-61.

- MASCARENHAS, G. Lugares de aventura: turismo esportivo e visões da natureza. In: FARIA, I. (Org.). Turismo: sustentabilidade e novas territorialidades. Manaus: Universidade do Amazonas, v. 1, 2001, p. 85-98.

- MASCARENHAS, G. Cluster esportivo-recreativo de Pelotas e Rio Grande – RS, 1880- 1920. In: DACOSTA, L. (org.). Atlas do esporte no Brasil. Rio de Janeiro: CONFEF, 2006, p. 59.

- MASCARENHAS, G., BIENENSTEIN, G., SÁNCHEZ, F. (Orgs.). O jogo continua: megaeventos esportivos e cidades. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2011.

- MELO, V. Uma antiga sacada no litoral carioca: o vôlei de praia. Rio, cidade "Sportiva", 07/2011. Disponível em: https://cidadesportiva.wordpress.com/2011/07/16/uma-antigasacada-no-litoral-carioca-o-volei-de-praia/. Acesso em: 20 dez. 2019. [blog.]

- O'DONNELL, J. A invenção de Copacabana: culturas urbanas e estilos de vida no Rio de Janeiro (1890-1940). Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

- RAFFESTIN, C. A produção das estruturas territoriais e sua representação. In: SAQUET, M.; SPOSITO, E. (Orgs.). Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos. São Paulo: Expressão Popular; UNESP, 2009.

- REGINENSI, C., PEREIRA, M. Cotidiano e partilha do sensível na praia de Copacabana. In: GOMES, M.; MAIA, R.; CARDOSO, I; FRANÇA, B. (Orgs.). Renovação urbana, mercantilização da cidade, desigualdades socioespaciais. Rio de Janeiro: Mauad, 2013, p. 139-156.

- SACK, R. D. Human territoriality: its theory and history. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

- SANTOS, N. Conflitos sobre os usos do espaço urbano na cidade do Rio de Janeiro: a operação "Choque de Ordem". Teoria e Cultura, Juiz de Fora, v. 8, n. 1, 06/2013, p. 85- 92.

- SAQUET, M. Por uma abordagem territorial. In: SAQUET, M.; SPOSITO, E. (Orgs.). In:Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos. São Paulo: Expressão Popular; UNESP, 2009, p. 73-94.

- TAVARES, M. Territorialidades do vôlei em Copacabana/RJ. Salvador: UFBA, (Corpocidade: Atualização Crítica, v. 1), 2018, p. 94.

- TAVARES, M. Copacabana: as territorialidades do vôlei e suas múltiplas interpretações. 2020. 229 f. Tese (Doutorado em Urbanismo) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

- TAVARES, M.; VAZ, L.; MATOS, M. Sports and Public Space: volleyball practice in Copacabana and Carcavelos/Cascais Beaches. Journal of Civil Engineering and Architecture, v. 14, 2020a, p. 92-99. Disponível em: https://www.davidpublisher.com/Article/index?id=42528.html Acesso em: 15 jan. 2022.

- TAVARES, M.; VAZ, L.; MATOS, M. Territorialidades do esporte: o vôlei em Copacabana. Boletim Goiano de Geografia, v. 40, e62664, 2020b. Disponível em: https://revistas.ufg.br/bgg/article/view/62664 Acesso em: 15 jan. 2022.

- TAVARES, M.; VAZ, L.; MATOS, M. Copacabana e o vôlei: uma história de lazer e esportes na praia. Oculum Ensaios, Campinas, v. 18, e214899, 2021a. Disponível em: https://periodicos.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/oculum/article/view/4899 Acesso em: 15 jan. 2022.

- TAVARES, M.; VAZ, L.; MATOS, M. A praia como lugar de memória e formação de sociabilidades. Revista de Gestão Ambiental e Sustentabilidade – GeAS, v. 10, n. 1, e19543, 2021b. Disponível em: https://periodicos.uninove.br/geas/article/view/19543 Acesso em: 15 jan. 2022.

# PRATIQUES ET INSTRUMENT POUR LA MOBILISATION POLITIQUE. L'EXPÉRIENCE DE L'APPRÊT « LA VILLE EST NOTRE: LES ESPACES PUBLICS LIBRES »

# PRÁTICAS E INSTRUMENTOS PARA A MOBILIZAÇÃO POLÍTICA. A EXPERIÊNCIA DA CARTILHA "A CIDADE É NOSSA: ESPAÇOS PÚBLICOS LIVRES"

**Beatriz Fleury e SILVA**
*Professora Doutora, Universidade Estadual de Maringá,*
*Curso de Arquitetura e Urbanismo*
*Laboratório de Pesquisa em Habitação e Assentamentos Humanos (Lapha)*

**Delton Aparecido FELIPE**
*Professor Doutor, Universidade Estadual de Maringá,*
*Curso de História*
*Núcleo de Estudos Interdisciplinares Afro-Brasileiros (NEIAB)*

**Heloisa Alexandre CIZESKI**
*Mestranda em Teoria e História da Arquitetura e Urbanismo,*
*Instituto de Arquitetura e Urbanismo IAU-USP*
*Laboratório de Estudos do Ambiente Urbano Contemporâneo (LEAUC)*

**Layane Alves NUNES**
*Professora Doutora, Universidade Estadual de Maringá,*
*Curso de Arquitetura e Urbanismo*
*Grupo de Pesquisa Qualis*

**PRÁTICAS E INSTRUMENTOS PARA A MOBILIZAÇÃO POLÍTICA.**
**A EXPERIÊNCIA DA CARTILHA "A CIDADE É NOSSA: ESPAÇOS PÚBLICOS LIVRES"**

O trabalho expõe a experiência do desenvolvimento da Cartilha "A Cidade é Nossa: Espaços Públicos Livres", elaborada no âmbito da rede nacional de mobilização social BR CIDADES, pelo núcleo de Maringá-Paraná, com apoio do Mandato Goura, Deputado Estadual do Paraná. O Núcleo, atuante há dois anos, se constitui como um projeto de extensão da Universidade Estadual de Maringá, cujo objetivo é a construção de uma nova agenda urbana para o país, em conjunto com a rede nacional. Para isso, realiza-se no Núcleo ações voltadas às políticas, programas e projetos municipais, a fim de fomentar a participação popular na temática do direito à cidade. Para atingir tais objetivos, em 2019, um dos primeiros materiais produzidos foi a cartilha mencionada, pensada como instrumento de política urbana, elaborada como uma alternativa metodológica para aproximar a população dos debates urbanos e sobretudo afirmar a importância dos espaços livres públicos do município sede do núcleo. A proposta se estruturou com propósito educacional, apoiada numa linguagem simples e objetiva, ao trazer como conteúdo prerrogativas do direito ao uso e possibilidades de reivindicação dos espaços públicos.

Palavras-chave: política urbana; mobilização social; material didático.

## Introdução

A participação popular nas políticas urbanas é uma das pautas levantadas desde a década de 1980, fruto do Movimento Nacional pela Reforma Urbana, que teve sua importância reafirmada quando da aprovação da Lei Federal do Estatuto da Cidade em 2001 (Lei n. 10257/01). Fazendo parte do conhecido ciclo virtuoso (MARICATO, 2014), o Estatuto deu origem a diversos instrumentos de gestão democrática, colocados à disposição dos gestores públicos e da população, com o intuito de construir cidades verdadeiramente para todos. Na ocasião, muitas ferramentas de apoio foram criadas e colocadas à disposição para fomentar a mobilização social nas políticas urbanas, uma delas foram cartilhas, utilizadas pelo seu potencial de estabelecer o diálogo entre seu conteúdo e seu público alvo, através de recursos gráficos e interativos.

Neste sentido, tomando como objetivo a promoção do diálogo entre a gestão pública e a comunidade, o BR Cidades núcleo de Maringá, o qual se constitui projeto de extensão vinculado à Universidade Estadual de Maringá, elaborou a cartilha "A Cidade é Nossa: Espaços Públicos Livres", abordando como tema central os espaços públicos e sua capacidade de promoção do direito à cidade. Espera-se, ainda, que a cartilha, ao ser utilizada como um instrumento em ações com grupos da população, possa estimular uma participação popular consciente nos espaços urbanos, ao conhecer e reconhecer práticas possíveis de uso e convívio nos mesmos.

## A rede Br Cidades

O Br Cidades foi criado em 2017, no âmbito da Frente Brasil Popular, e hoje já se constitui como uma ampla rede de ação coletiva que envolve 19 núcleos estaduais, tendo como participantes pesquisadores e professores de 23 universidades, entidades técnicas e estudantis, profissionais de diversas áreas, movimentos sociais, todos em torno da perspectiva de inserir na agenda urbana e política nacional, o debate sobre as cidades.

O objetivo norteador da rede Br Cidades é fortalecer os agentes sociais na promoção das políticas públicas, com maior enfoque nos temas: função social da terra; investimento público nas periferias e favelas; democracia na construção orçamentária; cidade antirracista; ampla mobilidade urbana; moradia digna; meio ambiente como bem comum e saneamento como direito humano; pelo direito das mulheres à cidade; acesso a cultura urbana; segurança cidadã; saúde pública e universal, entre outros. Neste sentido, busca-se agir com base na construção de um urbanismo social, que objetiva a transformação de territórios populares, que em sua maioria estão colocados à margem do planejamento urbano oficialmente aplicado no Brasil. Outro ponto de discussão fundamental, para este grupo, é o entendimento de que a participação popular se coloca como ponto primordial na construção coletiva das políticas públicas, assim, se faz importante o uso de ferramentas de auxílio do empoderamento social e do fortalecimento da construção coletiva urbana.

Desde sua criação em 2017, a Rede vem realizando diversas ações de incidência político-social, como debates e produção de materiais formativos sobre o direito da população

LGBTQIA+, sobre racismo estrutural, saneamento, recuperação da democracia, orçamento público, planejamento urbano, entre outros. Em parceria com outras organizações, como a Fundação Rosa Luxemburgo e a Revista Carta Capital, tem também expandido as reflexões propostas com a sociedade.

## O Br Cidades Núcleo Maringá

Dentro do contexto de ações propostas pelo Br Cidades, em agosto de 2019 foi criado o Núcleo Maringá, no Estado do Paraná, que em seguida, foi institucionalizado como um projeto de extensão da Universidade Estadual de Maringá, vinculado ao Departamento de Arquitetura e Urbanismo. O Núcleo é formado por um grupo multi e interdisciplinar composto por professores universitários, estudantes, integrantes de movimentos sociais e profissionais de diversas áreas ligados à política municipal.

O Núcleo Maringá segue as diretrizes estabelecidas pelo Br Cidades Nacional, mas também define ações específicas construídas para a dinâmica do município, já que a realidade urbana da cidade de Maringá (cidade de médio porte) é diferente das das grandes metrópoles. Nesse contexto urbano, em que o núcleo está inserido, foi traçado seu objetivo principal: o de promover a participação popular nas políticas urbanas; isso foi realizado até o momento por meio de diferentes ações multidisciplinares, que vão desde a construção de mapas colaborativos, palestras, cursos de capacitação, até a produção de materiais didáticos voltados à educação popular, como cartilhas, programas de rádio e vídeos interativos.

Maringá, desde sua gênese, na década de 1940, possui um território direcionado para o mercado imobiliário, em uma clara prática da ideia de cidade-mercadoria, com forte protagonismo dos agentes imobiliários na construção das políticas urbanas e por consequência nos rumos do desenvolvimento territorial e construção de direitos. Ao mesmo tempo, os agentes sociais ficam às margens da construção de uma cidade democrática e igualitária (RODRIGUES 2004; CORDOVIL, 2010, SILVA, 2015).

Dessa forma, o objetivo principal do Núcleo Br Cidades Maringá é buscar formas para inverter esse processo, fomentando a participação popular e inserindo grupos subalternizados

nas discussões sobre a cidade, em uma tentativa de combater as ações de grupos hegemônicos que atuam pela manutenção da cidade mercadoria. Para tal, uma das alternativas utilizadas foi o desenvolvimento da Cartilha mencionada "A Cidade É Nossa", cuja essência visa transmitir uma alternativa de construir democraticamente espaços urbanos melhores, por meio de ações de planejamento urbano que optem por estimular participação e escutar os anseios de todas as pessoas.

## A construção de uma Cartilha: "A Cidade É Nossa: espaços públicos livres"

A elaboração da cartilha se deu a partir da troca de conhecimentos e experiências entre os integrantes do Núcleo, adquiridos no envolvimento com a rede do Br Cidades e também em outros espaços vivenciados. Seja pela participação nas discussões em audiências públicas e também em conselhos municipais, observando as demandas apresentadas e discutidas; pelo trabalho em secretarias municipais; ou em outros movimentos sociais, tomando ciência sobre as pautas reivindicadas destes grupos; e também pelos debates internos da Universidade. Observamos, então, um cenário de baixa participação popular nas construções das políticas públicas em Maringá, um reflexo do afastamento entre cidadão e política que se dá por conta de diversos fatores, entre eles a falta da cultura de participação em relação à política urbana, o que só foi experimentado pela primeira vez no município logo após a aprovação do Estatuto da Cidade em 2001, quando ocorreu o 1º Congresso da Cidade realizado em 2003. Isto posto, traçamos possíveis ações que possibilitaram a formação de uma conscientização e mobilização social, abordando a temática do direito à cidade.

Em momento síncrono, tomou-se conhecimento das ações realizadas pelo mandato do Deputado Estadual Goura, que iam na direção do que se objetivava executar no núcleo em Maringá, de elaboração de materiais educativos sobre diversos temas, dentre eles, uma cartilha fomentando a ocupação das ruas de Curitiba (capital do Estado do Paraná) pela população. Esse material chamou a atenção dos integrantes do Núcleo e nos incentivou na concepção do material para Maringá.

Assim, o Núcleo retomou seu olhar para o território maringaense, e somando ideias, identificou que há uma perda significativa do sentimento de pertencimento do cidadão com o

espaço público. Além disso, viu-se que esse sentimento gera distanciamento das práticas ativas na e com a cidade. Então, nos pareceu apropriado que a primeira ação concreta do grupo destacasse a importância de fomentar uma discussão que possibilitasse a mobilização sobre os espaços públicos da cidade e o nosso direito de reivindicar e ocupar os mesmos espaços que são para todas as pessoas. Retomando a ideia de que o espaço público é o lugar do encontro, da vida em comunidade, das práticas coletivas e da sociabilidade.

Assim, a Cartilha foi elaborada pelo Núcleo e contando com o contato e apoio do Mandato Goura, tivemos a base gráfica para iniciar o projeto e viabilizamos as impressões. No fim, o conteúdo obtido não se aplica exclusivamente para Maringá, podendo ser replicada e distribuída em outras cidades, independente da escala urbana, pelo Mandato caso quisessem.

Alguns outros objetivos foram se somando ao processo, pensando em abranger os usos potenciais da cartilha, como seu potencial enquanto ferramenta para iniciar um debate sobre o tema; ser a base da discussão de rodas de conversas; ser um material distribuído em eventos relacionados à temática; ou ainda embasar eventos realizados pelo próprio Núcleo vinculados ao tema. Para tanto, a linguagem da Cartilha precisaria se adequar aos seus objetivos de uso e manuseio, buscou-se uma linguagem simples e próxima da população em geral, que gostaríamos de alcançar e criar esse canal de diálogo.

Para que tais objetivos fossem alcançados, a Cartilha seguiu uma produção gráfica bastante cuidadosa e criteriosa, para que tivéssemos a maior pluralidade de corpos, raças e relações representados, já que vivemos numa cidade habitada e povoada por todes. Destaca-se a importância e forte declaração que o próprio título já traz: "A CIDADE É NOSSA", deixando claro nossa intenção de reivindicar o que é nosso por direito (figura 01).

*Figura 1 - Capa e Contracapa A Cidade É Nossa. Fonte: Cartilha A Cidade É Nossa.*

O sumário e o objetivo da cartilha são apresentados logo de início, com imagens de pessoas conscientes de seus direitos e participantes ativos da construção das nossas cidades. Destacamos uma frase de Harvey (2014), em que coloca o direito à cidade muito mais do que um direito de acesso individual ou grupal aos recursos que a cidade incorpora, mas como o direito de mudar e reinventar a cidade de acordo com nossos mais profundos desejos, jogando luz para que esta construção seja coletiva e recuperando a intenção da cartilha de instrumentalizar a luta urbana pelo direito à cidade.

É também apresentado na Cartilha uma definição do que é caracterizado como espaço público (figura 02), destacando seus aspectos simbólicos em uma  nuvem de palavras, além de materializar seus aspectos físicos, com o uso de recortes de espaços públicos livres e quais seus tipos - praças, parques, parklets e ruas. Em toda a cartilha estão distribuídas frases de luta e incentivo à ocupação desses espaços, junto de desenhos interativos.

*Figura 2 - O que é espaço público? Fonte: Cartilha A Cidade É Nossa, pp 3-4.*

Nas páginas seguintes (figura 03), aparecem de forma didática algumas categorias desses espaços e algumas características e qualidades de um "bom" espaço público. A intenção é trazer mecanismos para que a população consiga identificar por si mesma os espaços públicos livres que existem na cidade e avaliá-los enquanto sua qualidade, para, assim, tomar consciência desses locais e cobrar do poder público melhorias, manutenção, intervenções, etc. Somado a isso, também destacamos algumas possibilidades de ocupação desses espaços, buscando incentivar os diferentes usos deles pelas pessoas.

*Figura 3 - Categorias e formas de ocupar os espaços públicos. Fonte: Cartilha A Cidade É Nossa, pp 5-6.*

A cartilha, ainda, contou com um encarte extra (figura 04), no nosso caso específico da cidade de Maringá - que pode ser alterado e construído para outras cidades que queiram adotá-la - com um mapa indicando os principais, se não todos, os espaços públicos livres da cidade e junto deles, as ciclovias existentes. Trouxemos números de contato de órgãos públicos responsáveis pela gestão do território  e alguns recortes de legislações municipais que abordam os espaços livres de Maringá, Paraná.

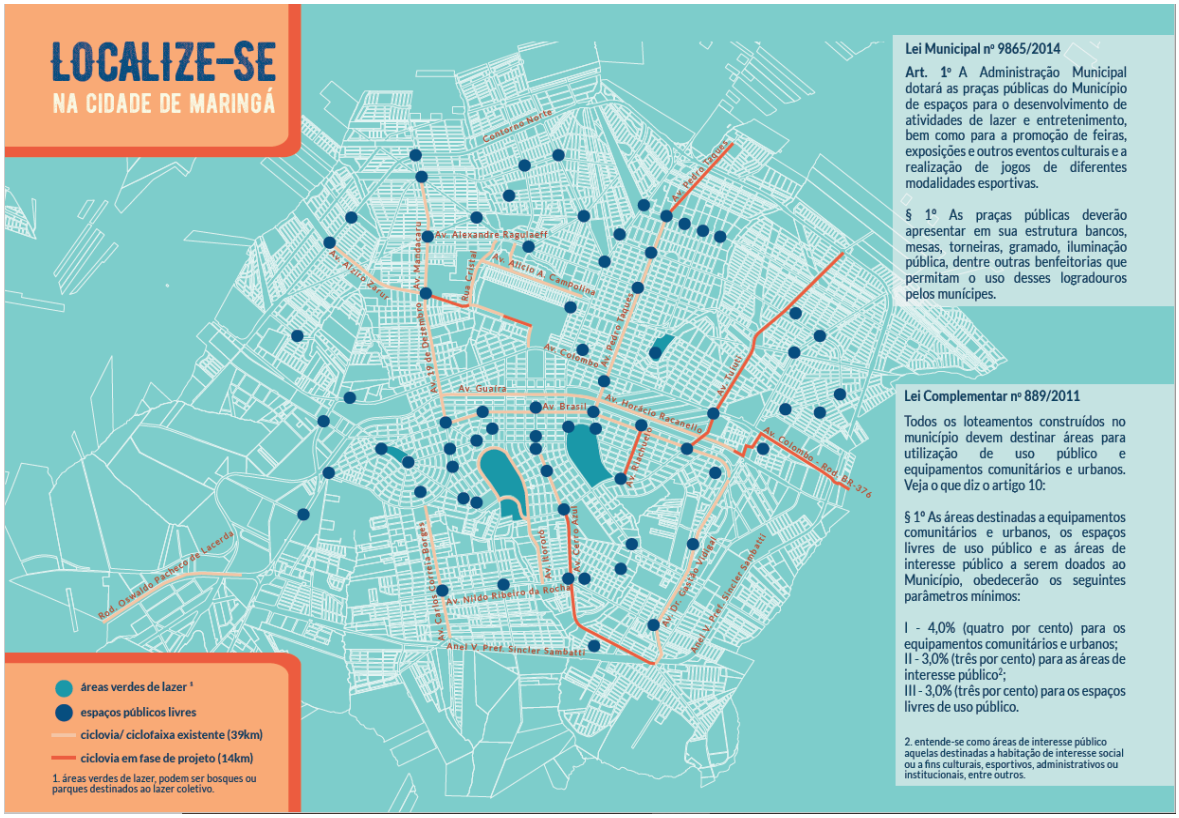



*Figura 4 - Espaços públicos livres na cidade de Maringá, Pr. Fonte: Cartilha A Cidade É Nossa, encarte extra.*

A cidade de todas, todos e todes é também apresentada relacionando o direito à cidade aos direitos humanos, defendendo um espaço público de livre acesso a qualquer pessoa, utilizando recortes da Constituição Federal, ressaltamos também algumas normas básicas para um bom convívio social (figura 05). Além disso, mostramos que há a possibilidade de mudanças serem realizadas pelos próprios moradores do bairro, ainda que de pequenas escalas já fazem a diferença, bons exemplos aparecem em diversas passagens do texto.

*Figura 5 - Cidade, um direito de todos. Fonte: Cartilha A Cidade É Nossa, pp 7-8.*

Nas últimas páginas, abordamos questões relacionadas aos espaços de circulação: ruas e calçadas (figura 06); tratando da mobilidade urbana e do respeito somado à segurança no trânsito, com um foco voltado ao modal da bicicleta. Também trouxemos em destaque a ideia de cidades caminháveis, que sejam acessíveis para todas as pessoas.

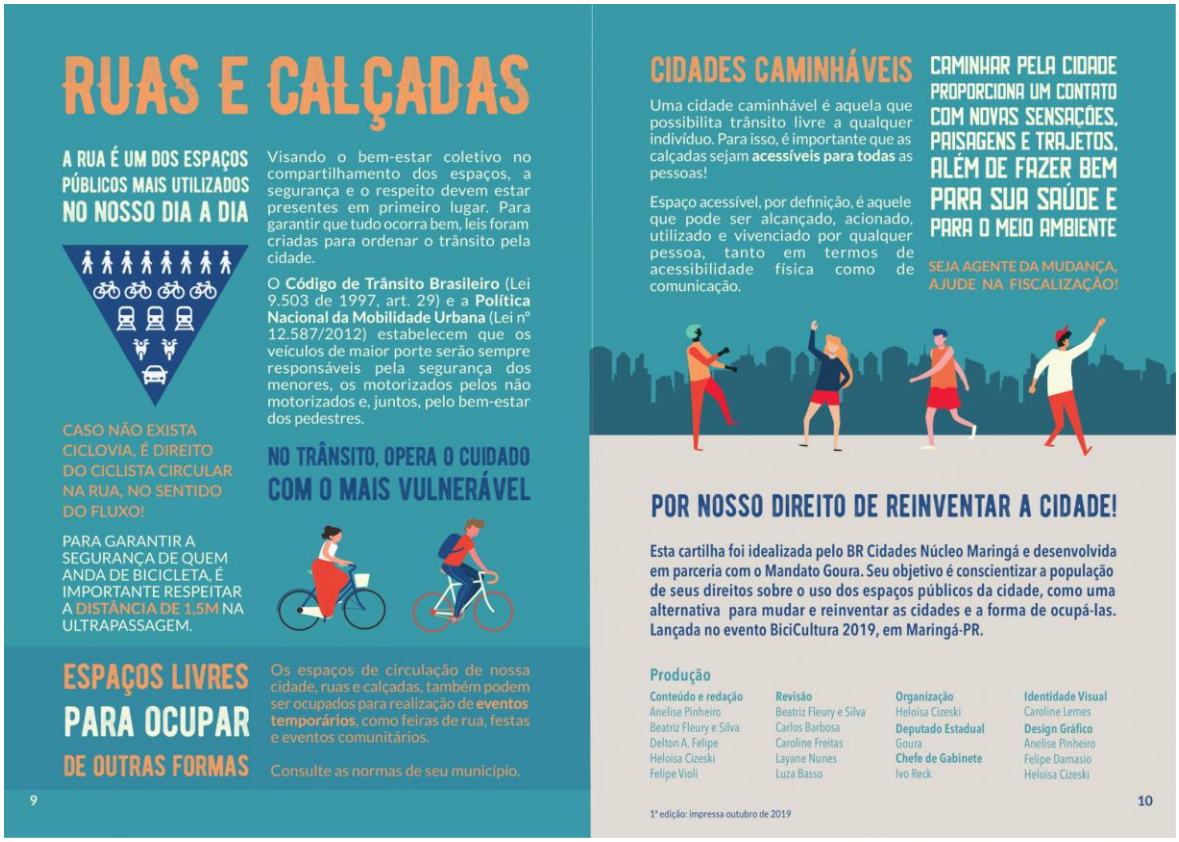



*Figura 6 - Mobilidade urbana e cidades caminháveis. Fonte: Cartilha A Cidade É Nossa, pp 9-10.*

O lançamento da Cartilha ocorreu durante o Encontro Brasileiro de Mobilidade por Bicicleta e Cicloativismo, denominado BiciCultura, sediado na Universidade Estadual de Maringá, em novembro de 2019. A cartilha está disponibilizada para download gratuito no site do Br Cidades Nacional[1], cujo material poderá ser utilizado por qualquer gestor, como apoio à ações de planejamento para incentivar a população a participar da construção coletiva de sua cidade, ou grupos e organizações sociais que busquem discutir a temática em suas atividades.

## Conclusão

A cartilha foi lançada no final de 2019 e no início de 2020 tivemos a eclosão da pandemia da Covid-19, devido a isso não conseguimos realizar todos os eventos que pretendíamos para mobilizar o debate acerca do tema, onde o material seria mais divulgado, também colocado em

[1] Acesso ao material por meio do link: https://www.brcidades.org/_files/ugd/9fc67a_8387293805f04c16a986b513dcdb072c.pdfDE-É-NOSSA-ESP-PÚBLICO (brcidades.org)

prática e ainda utilizada como ferramenta de ações com grupos da população. Contudo, com a adaptação de inúmeras atividades remotas em grupo, antes presenciais, a cartilha desde então vem sendo divulgada em meio eletrônico.

Neste ano de 2022, com a retomada gradual das atividades presenciais, estuda-se ações vinculadas às secretarias municipais como as de Planejamento Urbano e Meio Ambiente, além de outros espaços de debate sobre a cidade, para seguir com os objetivos pretendidos e expostos anteriormente.

Apesar das limitações impostas para sua ampla divulgação e ainda aplicação nos territórios como previsto, a repercussão da Cartilha tem sido muito positiva. Hospedada no site do Br Cidades Nacional é referência para outros Núcleos na construção de suas ferramentas, assim como para o Mandato do Deputado Goura, na construção de novas cartilhas e ações. Você pode encontrar o material na sua versão online (igual a impressa) no site www.brcidades.org.

## Bibliografia


- CORDOVIL, F. C. de S., 2010. A aventura planejada: engenharia e urbanismo na construção de Maringá, PR 1947 a 1982, São Carlos, Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) Universidade de São Paulo.

- HARVEY, D., 2014. Cidades Rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana. São Paulo: Martins Fontes.

- MARICATO, E., 2013. Brasil, cidades: alternativas para a crise urbana. 7. ed. - Petrópolis, RJ: Vozes.

- RODRIGUES, A. L., 2004. A pobreza mora ao lado: segregação socioespacial na região metropolitana de Maringá. 2004. 258 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

- SILVA, B. F., 2015. A recente produção imobiliária no aglomerado metropolitano Paiçandu-Maringá-Sarandi: novos arranjos, velha lógica. São Paulo, Tese (Doutorado em Habitat) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo.

# O espaço público construído das cidades brasileiras: sua materialidade e o planejamento em questão

# L'espace public construit des villes brésiliennes: sa matérialité et l'aménagement en question

**Dayse Luckwü Martins**
*Professora Doutora, Universidade Federal de Pernambuco*
*LiArq - Laboratório Interdisciplinar de Arquitetura: Estudos e Pesquisa em Psicanálise, Fenomenologia e Imaginários*
**Lúcia Leitão Santos**
*Professora Doutora, Universidade Federal de Pernambuco*
*LiArq - Laboratório Interdisciplinar de Arquitetura: Estudos e Pesquisa em Psicanálise, Fenomenologia e Imaginários*

Resumo
As críticas à produção dos espaços públicos construídos recaem sobre a lógica do espetáculo e da criação de cenários como marcas mercadológicas das cidades, que têm seus espaços homogeneizados, negando-lhes uma de suas principais características, o lugar do dissenso e do encontro. Assim, os objetos construídos, os *dispositivos* espaciais, ganham protagonismo. A hipótese é de que há um movimento de retomada do espaço público – dado em função dos *dispositivos* construídos – por parte do planejamento urbano, seguindo uma lógica espacial do projeto, sobrepondo-se às *disposições* sociais. Objetivamos investigar a produção atual dos espaços públicos no Brasil, utilizando como aporte conceitual a *materialidade híbrida* de Isaac Joseph (1999) que observa a natureza indissociável entre os dispositivos construídos e as disposições sociais nos espaços públicos construídos. Os procedimentos metodológicos baseiam-se na teoria "ator-rede" de Latour (2012), buscando desenvolver associações entre humanos e não-humanos, entendidos aqui como as *disposições* sociais e os *dispositivos* construídos do espaço, analisados segundo categorias baseadas nos atributos entre tais relações.

Palavras-chave: espaços públicos construídos, planejamento urbano, materialidade híbrida

Resumé
Les critiques de la production d'espaces publics construits suivent la logique du spectacle et de la création de scénarios comme marques marchandes des villes, dont les espaces s'homogénéisent, leur refusant une de leurs caractéristiques principales, le lieu de dissidence et de rencontre. Ainsi, les objets construits, les dispositifs spatiaux, deviennent protagonistes. L'hypothèse est qu'il y a un mouvement de reconquête de l'espace public – en raison des dispositifs construits – par l'aménagement urbain, suivant une logique spatiale du projet, superposée aux dispositions sociales. Nous visons à enquêter sur la production actuelle des espaces publics au Brésil, en utilisant comme support conceptuel la matérialité hybride d'Isaac Joseph (1999) qui observe la nature indissociable entre les dispositifs construits et les dispositions sociales des espaces publics construits. Les démarches méthodologiques s'appuient sur la théorie «acteur-réseau» de Latour (2012), cherchant à développer des associations entre humains et non-humains, entendus ici comme dispositions sociales et dispositifs construits de l'espace, analysés selon des catégories basées sur les attributs entre ces relations.

Mots clés: les espaces publics construits, l'aménagement urbain, matérialité hybride

The built public space of Brazilian cities: its materiality and the planning in question

Abstract
Criticisms of the production of constructed public spaces follow the logic of the spectacle and the creation of scenarios as market marks of cities, which have their spaces homogenized, denying them one of their main characteristics, the place of dissent and meeting. Thus, constructed objects, the space devices, play a leading role. The hypothesis is that there is a movement of retaking the public space – due to the constructed devices – by the urban planning, following a spatial logic of the project, overlapping with social dispositions. We aim to investigate the current production of public spaces in Brazil, using as conceptual support the hybrid materiality of Isaac Joseph (1999) who observes the inseparable nature between the constructed devices and the social dispositions of the constructed public spaces. The methodological procedures are based on Latour's (2012) "actor-network" theory, seeking to develop associations between humans and non-humans, understood here as social dispositions and constructed devices of space, analyzed according to categories based on the attributes between such relationships.

Keywords: constructed public spaces, urban planning, hybrid materiality

## Introdução: espaço público construído em questão

As críticas à produção dos espaços públicos construídos contemporaneamente recaem sobre a lógica do espetáculo e da criação de cenários como marcas mercadológicas das cidades que têm seus espaços homogeneizados, negando-lhes uma de suas principais características, o lugar do dissenso e do encontro. O problema dos espaços públicos nas cidades parece ganhar força atualmente como uma temática emergente oriunda de diversas frentes, principalmente frente à pandemia de Covid-19 quando a necessidade por espaços livres se torna tão relevante. Espaço de disputas, dos planejadores urbanos, dos movimentos espontâneos de ocupação, está diretamente atrelado à crise da cidade neoliberal e parece despontar também como uma das perspectivas para tal questão. Notadamente, os espaços públicos construídos das cidades vêm ganhando a atenção por parte de diversos atores com destaque para os promotores do espaço público, aqui chamados de *fabricantes*, os movimentos espontâneos de ocupação, bem como, a Academia. Atenção essa, que nesta pesquisa, anunciamos como um *movimento de retorno* aos espaços públicos urbanos.

Observa-se que o espaço público no contexto neoliberalizante e de mercado, passou a ser guiado por uma lógica que põe em evidência o projeto urbanístico e arquitetônico dos espaços construídos como criadores de marcas, atribuindo-se aos *dispositivos construídos do espaço*, a prerrogativa de mobilização da vida urbana. Nesse ponto anuncia-se o objeto de estudo deste trabalho que busca refletir sobre como a produção espaço público construído[1] no Brasil, têm dado ênfase aos *dispositivos construídos*, dentro de uma lógica de mercado. E a necessidade de tratar da indissociabilidade das *disposições sociais*[2] segundo o conceito de *materialidade híbrida* de Joseph (1999). A hipótese da pesquisa é de que há um movimento de retomada do espaço público em diversas frentes, e vista por parte do planejamento urbano, esse movimento se dá, atribuindo ao projeto para os espaços, uma maior importância em função dos *dispositivos construídos*, sobrepondo-se às *disposições sociais* na busca por criar marcas mercadológicas para tais espaços. Objetivamos desta forma, investigar teoricamente a produção atual dos espaços públicos no Brasil, utilizando como aporte conceitual a *materialidade híbrida* de Isaac Joseph (1999) que observa a natureza indissociável entre os dispositivos construídos e as disposições sociais nos espaços públicos construídos.

Para o planejamento urbano, muitas vezes, as ações sobre os espaços públicos das cidades se dão como criadoras de marcas do lugar. No Brasil, especificamente, as intervenções aparecem como marcas de gestões municipais, servindo também para legitimar ações de apaziguamento social. O debate acadêmico discute como tais ações visam a negação dos dissensos e dos conflitos (DELGADO, 2011; JACQUES, 2009) inerentes ao espaço público social que se rebatem sobre o espaço público construído, tratado sob a perspectiva do sistema econômico mundial. A falência das teorias urbanísticas modernistas e as críticas advindas da negação dos espaços públicos alimentam as discussões acerca da temática desde os anos 1960 até a atualidade, e mesmo as críticas a essas teorias, começam a passar também por uma revisão (SABOYA, NETTO e VARGAS, 2015).

Carrión (2004) observa ainda que a confrontação com o tema se dá em meio a um cenário de crise urbana, devido a uma privatização crescente do espaço público e à perda da função

[1] Trata-se neste artigo do espaço público das cidades. Portanto, enfatiza-se o termo "construído" junto à expressão "espaço público" para diferenciar de outras esferas ou dimensões que o espaço público contempla.

[2] Dispositivo técnico: entende-se os objetos construídos que equipam o espaço (JOSEPH, 1998). Disposição social: entende-se as formas ou maneiras de arranjos sociais em interação com os dispositivos técnicos (JOSEPH, 1998).

social que esse desempenha nas cidades. Assim, se por um lado, a agenda do planejamento urbano contemporâneo tem trazido à tona a questão do espaço público, muitas vezes para legitimar um discurso de inclusão e coesão social a partir de projetos urbanísticos (MORAIS, 2012), por outro lado, observa-se o contraponto, a partir de movimentos de ocupação espontâneos que, em alguns casos, tomam os espaços públicos das cidades com pautas reivindicatórias promovendo o embate direto com o planejamento urbano estabelecido (HARVEY, 2014).

Dentro desse contexto de crise urbana, o espaço público aparece como uma temática transversal, ou seja, que percorre os debates sobre a cidade a partir do pós-modernismo e na contemporaneidade, exatamente porque ele é o lugar onde os processos de coexistência tomam forma, como debatem Joseph (1988), Carrion (2004) e Delgado (2011). Carrion (2004) aponta que, por ser uma das temáticas de maior confrontação social, a ideia de que o espaço público participa do embate ao caráter privatizador da cidade que o mercado busca impor dentro do sistema capitalista, apresenta-se como o lugar do civismo, do encontro e da visibilidade. No caso do Brasil, ocupar os espaços públicos construídos passou a se constituir, portanto, como o contraponto a uma cidade cada vez mais privatizada.

Neste sentido, observa-se que os espaços são projetados segundo uma lógica programática que busque favorecer a coesão social segundo o discurso dos fabricantes como aponta Morais (2012). Sob a ótica do planejamento urbano, os fabricantes, seriam os técnicos e aqueles ligados à gestão pública, cuja prerrogativa, é a elaboração dos projetos para os espaços públicos. Utilizando uma linguagem lefevbriana (2008), o *espaço concebido* seria o que designa o espaço dos fabricantes. Os outros atores sociais seriam os usuários do espaço, aqueles que o vivenciam. Sob esse aspecto, o espaço público contemporâneo se encontra imerso em uma crise a partir do momento em que passou a ser produzido com um caráter homogeneizante e midiático, ou seja, voltado para o espetáculo, deixando assim, de ser "uma autêntica representação da diversidade". Para Jacques (2009) o processo de homogeneização nega os conflitos próprios do espaço público, se tomarmos uma concepção mais filosófica do termo. Para a autora:

> Os atuais projetos urbanos contemporâneos são realizados no mundo inteiro segundo uma mesma estratégia: homogeneizadora, espetacular e consensual. Estes projetos buscam transformar os espaços públicos em cenários, espaços desencarnados, fachadas sem corpo: pura imagem publicitária (JACQUES, 2009).

Destarte, os espaços públicos construídos se inserem dentro de uma lógica de produção do espaço, o espaço dos planejadores urbanos, e de uma lógica de apropriação, a dos usuários. Joseph (1999) observa que intrínseca à produção dos espaços públicos, deveria se articular políticas públicas diversas, por parte do planejamento urbano, inserindo-as aos sistemas de espaços públicos das cidades. Todavia, muitas vezes, essa articulação é inexistente e os espaços públicos ganham a conotação de cenários como peças publicitárias das cidades na contemporaneidade. A problemática pontuada abre perspectivas para pensar o espaço público enquanto temática emergente na contemporaneidade, principalmente, frente ao cenário pandêmico da Covid-19 quando a premência pela articulação de políticas públicas e os espaços públicos das cidades assumem relevância quando da necessidade por espaços livres e abertos.

Assim, busca-se analisar, sob a ótica de Isaac Joseph, que caminhos o espaço público percorreu para compreender os processos que moldaram a natureza dos espaços públicos das

cidades atribuindo-lhes o conceito de *materialidade híbrida* (1999) que conjuga o social e o espaço construído que se realiza em um momento de ação.

Ao observar a natureza híbrida dos espaços públicos, propõe-se uma aproximação com a teoria "ator-rede" de Latour (2012). Essa desenvolve *associações* entre *humanos* e *não-humanos*, entendidos aqui como as *disposições* sociais e os *dispositivos construídos* do espaço, possibilitando a formulação de associações entre categorias analíticas baseadas nos atributos das relações do espaço construído e o social como será apresentada segundo a ótica de Joseph (1999).

Considerando que a *materialidade híbrida* do espaço público coloca em debate a análise dos *dispositivos técnicos* do espaço público construído e as *disposições sociais* segundo determinados arranjos, como destaca Joseph (1999), começamos a evidenciar duas esferas imbricadas – o social e o construído – que formam um *coletivo* conforme passamos a entender a partir de Latour e Law (2012).

## A teoria *ator-rede*

A teoria ator-rede, ANT, define-se como uma *sociologia das associações* segundo Latour. Seu objetivo é estabelecer vínculos entre *humanos* e *não-humanos* levando-se em consideração que os objetos também "agem". Sobre as *associações*, Latour observa que "para a ANT, social é o nome de um tipo de associação momentânea caracterizada pelo modo como se aglutina assumindo novas formas" (2012, p. 100). A ANT parte do entendimento de que o social pode ser reagrupado em função da participação dos atores. Para o autor, "qualquer coisa que modifique uma situação fazendo diferença é um ator – ou, caso ainda não tenha figuração, um actante" (2012, p. 108). Ou seja, um ator, dentro dessa perspectiva, é algo que leva outros a agirem.

Nesse "agir", os objetos atuam de duas maneiras, como *intermediários* ou *mediadores*. Segundo Latour, *intermediário*: "é aquilo que transporta significado ou força sem transformá-lo; definir o que entra já define o que sai" (2012, p. 65). E *mediadores:* "transformam, traduzem, distorcem, e modificam o significado, ou os elementos que supostamente veiculam" (2012, p. 65).

Buscando melhor compreender a teoria ANT, observamos também sobre as *associações* o que fala Akrich, autora que desenvolve um importante trabalho acerca da sociologia das técnicas usando como base a teoria ator-rede:

> Os objetos técnicos definem, em sua configuração, uma certa partição do mundo físico e social, atribuem papéis a certos tipos de atores – humanos e não-humanos – excluindo outros, autorizam certos modos de relação entre estes diferentes atores etc… de maneira tal que eles participam plenamente da construção de uma cultura, no sentido antropológico do termo, ao mesmo tempo que eles se tornam obrigatoriamente os mediadores em todas as relações que nós mantemos com o "real". (AKRICH, 2014, 161)

A observação de Akrich coaduna-se ao que Latour fala sobre as interações possíveis entre os que atuam em uma ação. Diz Latour*:* "frente a um objeto, atentem primeiro para as associações de que ele é feito e só depois examinem como ele renovou o repertório de laços

sociais" (2012, p. 334). Dentro desse âmbito, a ação é o acontecimento que coloca em diálogo os atores *humanos* e *não-humanos*. Assim, para o autor, "a ação deve permanecer como surpresa, mediação, acontecimento" (2012, p. 74). Portanto, o momento da ação pauta-se pela interação dos atores passando a formar um *coletivo* que segundo Latour: "designará o projeto de juntar novas entidades ainda não reunidas e que, por esse motivo, obviamente não são feitas de material social" (2012, p. 112).

Do ponto de vista das *associações*, faz-se então, a conexão com a natureza da *materialidade híbrida* dos espaços públicos das cidades como observa Joseph, que congrega os *dispositivos* e as *disposições* aos momentos da ação[3]. Nesse sentido, estabelece-se a conexão com o que Latour designa por atores *humanos* às *disposições* sociais, assim como, os *não-humanos* aos objetos ou *dispositivos* espaciais construídos no espaço urbano. Portanto, ao referir-se neste trabalho às categorias de análise, adotamos os termos *disposições* sociais e *dispositivos* espaciais para designar *humanos* e *não-humanos* respectivamente. É neste sentido que a teoria ator-rede ajuda a pensar como os dispositivos construídos do espaço, vistos como atores, têm tido o papel de mobilizar as disposições sociais no cenário atual.

O que se pretende com esta aproximação teórica é mostrar a relação indissociável entre *dispositivos* e *disposições* ainda que a lógica do planejamento urbano atual tenha dado relevância aos *dispositivos* como estratégias de mercado. Como já enfatizado, Joseph (1999) busca investigar as relações subjetivas que permeiam o espaço público que se realiza a partir da interação entre o social e o construído no momento de ação.

## **Joseph mobiliza as dimensões social e construída do espaço público a partir do conceito de *materialidade híbrida*.**

Atento às questões sociológicas do espaço público, Joseph inicia a análise do mesmo a partir de sua *dispersão* que tem seus reflexos no espaço urbano construído. Para o autor a "dispersión corresponde a la natureza misma del espacio público urbano" (1988, p. 19). Dispersão que não está presente apenas no espaço edificado da cidade, mas nas próprias relações sociais. Para discutir essa questão, o autor se utiliza da metáfora do sonâmbulo e do insone. A metáfora do sonâmbulo diz respeito ao indivíduo que não está atento às relações públicas que persistem enquanto dorme. O uso de tal figura de linguagem seria aquilo que caracteriza, do ponto de vista social, o espaço público contemporâneo. Ou seja, o espaço público experienciado de modo disperso uma vez que as relações sociais se caracterizam pela superficialidade, como afirma o autor recorrendo a sociologia de Simmel acerca da grande cidade. Diz Joseph sobre a questão da superficialidade das relações na cidade: "es um médio en el que las identidades se dejan ler en la superfície, en el que "lo más profundo es la piel" (Joseph apud Deleuze, 1988, p. 48). Superficialidade que acaba por suplantar a questão do civismo no espaço público atual.

A oposição à metáfora do sonâmbulo seria a do insone, aquele que se encontra vigilante e, por isso, tenderia a caminhar em direção à alteridade[4], pois estaria atento aquilo que o cerca (1988, p.15). Contudo, para o autor o que marca as relações sociais no espaço público atual seria a figura do sonâmbulo. Tais metáforas são utilizadas para caracterizar as relações sociais

[3] Ver também o capítulo II do livro *A Representação do eu na vida cotidiana*, quando Goffman (1985) trata da formação de equipes.

[4] Segundo Joseph: *"La filosofía de Emmanuel Lévinas nos há enseñado a concebir la relación com el outro a través de la irrupción del rostro, que es la vez presencia absoluta y alteridade radical"* (JOSEPH, 1988, p.107).

no espaço público hodierno fruto de intensas modificações das sociedades ao longo do tempo. O espaço público que deixou o seu caráter político, desde quando anunciado por Arendt, para ser lido no espaço das relações sociais cotidianas conforme escreve o autor:

> Lo que se nos da es más bien la experiencia de la fluidez de la copresencia y de la conversación, de las pequeñas oposiciones sociales que son nuestras vacilaciones, la experiencia del excedente de socialidad em su materialidade discursiva (JOSEPH, 1988, p. 18).

Assim, apoiado em reflexões oriundas da microssociologia, Joseph aponta que em relações públicas de *encontro* e *copresença*, existem marcos que passaram a nortear a experiência da vida em público (JOSEPH, 1988), ou seja, atributos que permeiam tais relações que seriam: o *intervalo*, aquilo que separa o indivíduo do outro; o *contexto*, no qual se desenrola a ação e está inserido o intervalo; e, o *marco*, dentro do qual se situa o contato ou a interação. Tais atributos das relações de contato no espaço público marcam como se dão as interações sociais da *copresença* no trato das ações ordinárias e circunstanciais cotidianas.

Pautado ainda pelas formas de representação individual que a partir da microssociologia buscou observar, Joseph percebe que o comportamento do indivíduo no espaço púbico foi sendo moldado a partir de práticas de civilidades que a vida urbana, em coletividade, ensejou. Todavia, ressalta que para restabelecer o espaço público no seu sentido político, apenas uma filosofia da alteridade não seria o suficiente (JOSEPH, 1988). Por isso, e uma vez que o espaço público se encaminhou para a dispersão, Joseph alerta e reclama para a necessidade premente de se observar o caráter político das relações no espaço público. Para o autor:

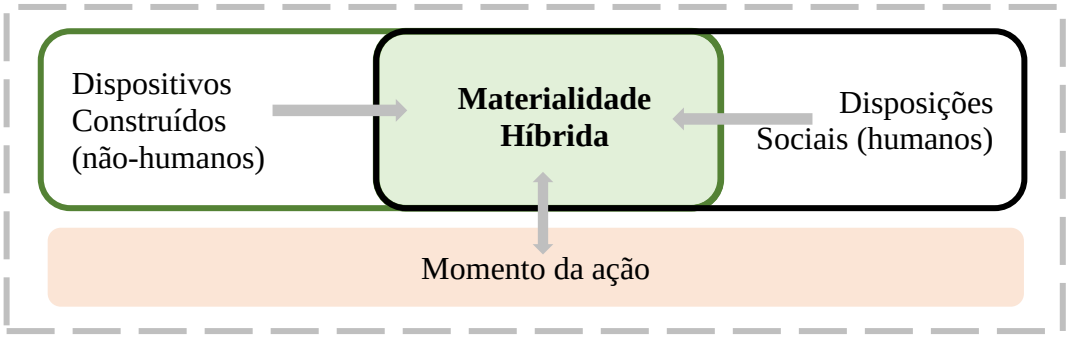
> Hay que tomar seriamente las exigências del espacio público. Hay que tener en cuenta el elemento político de las civilidades. Precisamente, esse excedente de socialidad que es lo único que permite hablar de un espacio público, que permite no confundirlo con uma relación intersubjetiva, es el contexto en el cual se despliega dicho espacio, es su marco (JOSEPH, 1988, p. 18).

Nesse sentido, tomando o caráter político como elemento importante para as relações no espaço público, o autor aponta para a questão do caráter cívico que o espaço público comporta enquanto um *bem público*: “el espacio público tiene necesidad no sólo de la pluralidad de las diferencias, sino también de su enmarañamiento” (1988, p. 18). Assim, Joseph atribui a devida importância à questão de que o espaço público é o lugar do dissenso e não do consenso, ou seja, da pluralidade.

Mas a visão do autor não se dá apenas sobre a questão social do espaço público. Joseph alerta para o risco dos reducionismos. O espaço público não pode se reduzir à sua dimensão social, tampouco à sua dimensão meramente física e construída (JOSEPH,1998). O que caracteriza a natureza do espaço público é sua *materialidade híbrida*. E nesse sentido, o autor, mais uma vez, reclama a necessidade de articulação entre o que ele chama de “sociologie des circonstances avec l'expérience concrète des espaces publics” (1992, p. 212).

É dessa maneira que a *materialidade híbrida* caracteriza o espaço público urbano e as práticas sociais. A *materialidade híbrida* do espaço público é composta por “dispositivos construídos que equipam o espaço ou o criam como cenografia e por disposições ou arranjos de visibilidade que só têm pertinência em e por um momento da ação” (1999, p. 34).

Diagrama 1: Síntese da *materialidade híbrida* de Joseph e da teoria ANT




Fonte: Elaborado pela autora

Usando de uma analogia com a cenografia, os dispositivos construídos, ou espaciais, seriam dotados de "qualidades sensíveis, luminosas ou sonoras" (1999, p. 34), ou seja, o espaço público é também o espaço do tato, da visibilidade e da escuta. Nesse ponto, Joseph ancora seu pensamento na sociologia interacionista de Goffman. O espaço do tato guarda o que Joseph denomina de *sentido de reserva.* Segundo esse princípio, um ator busca ser sociável com seus interlocutores ao mesmo tempo que mantêm um distanciamento em relação aos mesmos (JOSEPH, 1988). Esse princípio se inter-relaciona ao surgimento de comportamentos advindos do viver no espaço urbano. Segundo Joseph:

> Más precisamente, fue menester que la ciudade hiciera crecer certo número de comportamentos – y en este sentido se debería definir la urbanización como um processo qualitativo, como difisión y expansión de la urbanidade (JOSEPH, 1988, p. 106).

Nesse sentido, observa-se como se constitui a *materialidade híbrida* do espaço público, uma vez que se confirma a mútua influência do social e do construído. Portanto, o *princípio de reserva,* como explicitado, guarda as formas de "como se relacionar com o outro" ao mesmo tempo em que se está "separado um do outro", marco da vida em público (1996, p. 212). Nesse marco, o espaço público é o espaço da visibilidade e da escuta. Aqui, mais uma vez, a sociologia de Goffman[5] – na qual Joseph se apoia – traz uma grande contribuição ao abordar a questão dos momentos e formas de interação social. Para Joseph, essa *materialidade híbrida* pressupõe uma relação do objeto (*dispositivo*) no espaço construído, com as maneiras de percepção, com o ato de visibilidade e de escuta no espaço.

O próprio espaço público construído das cidades também pode ser entendido como um dispositivo que tem a prerrogativa de colocar em diferentes graus de tensão, segundo o autor, a proximidade e a distância nos processos de *encontro* e *copresença*. (JOSEPH, 1999). Do ponto de vista dos dispositivos, Joseph fala daquilo que "equipa"[6] os espaços construídos e os dotam de qualidades. Esse é um ponto importante, dentro do pensamento do autor, pois se relaciona ao *senso comum* e à atribuição de urbanidade a determinados espaços (JOSEPH, 1996). Podemos salientar que mesmo características que dizem respeito à ordem do espaço físico urbano tem seu rebatimento direto nas interações sociais. Ou seja, mesmo que se pretenda isolar um determinado aspecto para tratar de uma especificidade com relação ao espaço público,

[5] Joseph faz alusão a Goffman para quem "a vida pública é definida como esfera da visibilidade mútua" (2004, p.74).

[6] Joseph utiliza a palavra "equipa" para se referir aos dispositivos tomando como referência a cenografia. Poderíamos discutir a adequação do termo para a Arquitetura, uma vez que os dispositivos podem ser vistos como aqueles que configuram o espaço.

acaba-se reportando à sua natureza híbrida, uma vez que o mesmo pode evocar a aproximação e o distanciamento, com consequências diretas nas interações sociais.

Aliado às categorias de *proximidade* e *distanciamento* que qualificam o espaço público, Joseph preocupa-se com uma questão que considera ter sido negligenciada acerca da problemática dos espaços públicos atuais. Essa questão diz respeito à acessibilidade, que contempla os *rituais de acesso*, os *modos de deslocamento* no espaço de circulação da cidade (JOSEPH, 1999). Acessibilidade que está diretamente atrelada à mobilidade como um modo de deslocamento e articulação entre os sistemas ou territórios que dizem respeito às continuidades e descontinuidades do tecido urbano, pois o habitante da cidade é antes de tudo um *ser de locomoção* (JOSEPH, 1999). Dessa maneira, a questão da acessibilidade e da mobilidade no espaço público, tem também uma importância fundadora para as práticas de espaço, para o ato de caminhar enquanto prática de realização do espaço público. Para as práticas que se operam no espaço público, que o qualificam como lugar de ação (JOSEPH, 1996). É nesse sentido que Joseph aponta para a "acessibilidade como operadora da urbanidade" (1999, p.36).

Como *ser de locomoção*, o habitante da cidade põe em questão as *disposições* que dizem respeito aos arranjos ou às maneiras de interação social que se dão no espaço público urbano, em relação aos *dispositivos*. Portanto, as disposições sociais se dão em função das interações que vão desde o momento do primeiro encontro até os inter-relacionamentos que se dão no espaço público construído. É importante destacar também no pensamento do autor que o encontro no espaço público é marcado por linguagens – que não se reduzem a linguagem falada – o que nos reporta aos processos de escuta e de apreensão simbólica como já citado, e às civilidades que levam à formação da urbanidade.

A materialização da *natureza híbrida* do espaço público se forma a partir de dois aspectos que o autor reconhece como *espaço pleno*, o espaço da ação, que depende do contexto e dos diferentes tipos de ação e o *espaço vazio*, aquele que ainda não se realizou como pleno, pois ainda é o momento do encontro primeiro dos atores sociais, onde há apenas o primeiro ato de interação (JOSEPH, 1999). Nesse sentido, o espaço público carrega essa hibridação entre a materialidade do construído e a materialização do encontro. Sobre essa questão, Joseph afirma que "um espaço só é público mediante um trabalho de qualificação que remete aos momentos de ação e às estruturas práticas da experiência" (1998, p. 33).

Portanto, a passagem do *espaço vazio* para o *espaço pleno* reside na realização das práticas de espaço. O próprio Joseph aponta o caminho para tal entendimento, pois, para o autor, o que instaura o espaço público urbano é uma relação com aquele que o atravessa, que o explora (JOSEPH, 1998), que faz com que o *intruso* seja aceito, que se dissipe no espaço. Portanto, enquanto o *espaço vazio* se caracteriza pelo momento da primeira interação, o *espaço pleno*, caracteriza-se pela realização da ação, perpassando pelo reconhecimento do outro, que se dá nos processos de escuta e que atribui ao espaço público o caráter de *visibilidade mútua* (JOSEPH, 1996).

Neste ponto, a analogia com os vazios urbanísticos tem pertinência, pois para Joseph "o espaço não é um invólucro nem um vazio no interior do qual se desenrola um drama ou uma ação" (2004, p.76). O vazio pode ser assim compreendido como o que ainda não se realizou se não houver as práticas socioespaciais que os signifiquem[7]. Em confirmação a isso, Joseph

[7] Sobre o vazio na Arquitetura ver Zevi na obra *Saber ver a Arquitetura*. De acordo com Zevi, a arquitetura só se realiza, ou se define com a presença humana. Sobre o assunto, o autor comenta: "já dissemos que as quatro fachadas de uma casa, de uma igreja ou de um palácio, por mais belas que sejam, constituem apenas a caixa dentro

complementa: “daí, a atenção ao tratamento qualitativo e sensível dos espaços urbanos, garantia de um sentido e de uma adequação aos usos que os citadinos lhes dão (2004, p.76).

## Reflexões metodológicas sobre a *materialidade híbrida* e teoria ator-rede

Observar a produção dos espaços públicos das cidades no Brasil frente ao conceito de *materialidade híbrida* como apresentado, remete a reflexão de que essa, mais do que nunca, tem a necessidade da oposição, socialmente e urbanisticamente falando, que se contraponha a qualquer homogeneização. Ao reportar-se a Joseph (1999), quando discorre sobre as categorias ou atributos do espaço público urbano, o autor as coloca de maneira a revelar oposições inerentes às relações entre os dispositivos espaciais e às disposições sociais, a exemplo de proximidade – distanciamento, encontro – copresença, civilidades – incivilidades, continuidades – descontinuidades, o que evidencia o caráter de dissenso característico do espaço público urbano. Contrapõe-se assim, a lógica programática e de mercado que coloca em destaque os dispositivos espaciais frente às disposições sociais.

Vistas como associações possíveis formando coletivos sob a ótica da ANT, objetivou-se também apresentar uma contribuição para os estudos dos espaços públicos urbanos. A materialização do espaço público reside nas associações estabelecidas entre dispositivos construídos do espaço e disposições sociais, ou seja, entre as interações dos humanos e os não-humanos. Tais interações já se estabelecem como uma ação para a realização do espaço público.

Alguns pontos são importantes destacar. No universo das associações, as relações espaciais muitas vezes não encontram correspondência nas relações sociais que podem depender de outros fatores para explicá-las. Por exemplo, a proximidade espacial dos dispositivos não significa proximidade social no sentido do encontro com o outro, com o diferente.

As categorias aplicadas ao espaço, a exemplo de civilidades enquanto linguagem espacial e copresença, podem ser reveladoras de um espaço mais ou menos democrático. Os pares de associações propostos revelam também que as dinâmicas urbanas e articulação entre os usos, continuidades e descontinuidades podem evidenciar aspectos positivos ou negativos dos espaços públicos construídos, a exemplo de como se pode observar a urbanidade de um lugar. Ressalta-se assim, que a natureza dessas interações é bastante diversa.

## Considerações finais

A base teórica aplicada a leitura de distintas realidades dos espaços públicos no Brasil evidencia que, dada a complexidade com a qual o espaço público urbano se apresenta na atualidade, os atores passaram a ser múltiplos, não se restringindo apenas aos fabricantes e aos usuários. Assim sendo, dentro do cenário descortinado, percebemos que os dispositivos construídos do espaço, seguindo a lógica projetual dos fabricantes passaram a desempenhar um papel tão importante para a produção física do espaço que se apresentam também como um “ator” a partir do momento em que o projeto para o espaço público ganhou o protagonismo

---

da qual está contida a jóia arquitectónica. A caixa pode ser artisticamente trabalhada, ousadamente esculpida, esburacada com gosto, pode constituir uma obra-prima, mas continua sendo uma caixa [...]” (1997, p.19 e 20).

como estratégia, nos reportando a De Certeau, dentro do discurso dos fabricantes, aqui representado pelas ações do planejamento urbano.

Nesse sentido, para a compreensão dos novos atores, é preciso estabelecer uma rede de conexões ou associações a fim de analisarmos de que maneira atuam no espaço público das cidades. Nesse ponto, a teoria ator-rede é um contributo importante para a construção da metodologia partindo da associação de categorias analíticas e associações espaciais como coletivos a serem estudados.

Desta forma, as associações passam ao primeiro plano. Percebemos, então, como foco de nossas análises, que são as relações entre disposições sociais e dispositivos que se constituem como um novo ator nesse contexto. As relações mediadas pela ação são as realizadoras do espaço. Os usuários com táticas de utilização, expressão feliz de De Certeau (1994), transformam os dispositivos a partir da ação, e ao fazê-lo, também passam a conceber uma nova relação espacial, designando-se como um novo ator mediador que não é apenas aquele que vivencia o espaço, mais um inventor de uma nova associação.

Pensando sob a perspectiva das associações, passamos a observar também que os dispositivos construídos desempenham o papel de atores (ou actantes) dentro da lógica projetual do espaço público contemporâneo. Nesse aspecto, o que Akrich diz faz todo o sentido: "os objetos técnicos possuem um conteúdo político no sentido de que eles constituem os elementos ativos de organização das relações dos homens entre eles e com seu ambiente" (2014, p. 161). Ou seja, aos objetos técnicos entendidos como os dispositivos construídos, atribui-se uma ação política no espaço como aponta a autora. Desta forma, os dispositivos se apresentam como atores fundamentais dentro da lógica da produção dos espaços públicos, representando muitas vezes, o elo entre os fabricantes e os usuários. Assim, observa-se que o projeto arquitetônico e urbanístico é um importante protagonista muitas vezes para criar marcas do lugar que tem o espaço público construído como foco. Uma vez que o espaço público passou a ser agora, o lugar da visibilidade daqueles que o projetam dentro de uma lógica de mercado.

Os fabricantes dos espaços públicos, passaram a agir segundo estratégias (DE CERTEAU, 1994) de intervenção sobre os espaços públicos que priorizam os dispositivos construídos do espaço. Desta maneira, os fabricantes revestem-se de um discurso que se volta para essa prática. No Brasil, temos observado, que as intervenções se evidenciam não como um planejamento urbano de caráter mais amplo, mas como marcas de gestões municipais, muitas vezes a partir da transposição de modelos de realidades distintas. Para os fabricantes, o discurso sobre os espaços públicos legitima a visibilidade sobre sua gestão. Fica evidenciado que os dispositivos espaciais, nesse contexto, passam a ser atores principais dentro dessa lógica vivenciada na contemporaneidade, desempenhando um papel político no cenário do espaço público construído do país, colocando em segundo plano, na maioria das vezes, as disposições sociais.

Assim, o espaço público contemporâneo das cidades, é o lugar das associações entre atores múltiplos que agem sobre o mesmo transformando-o e recriando-o de diferentes maneiras. É antes de tudo, o espaço das relações. Neste sentido, o espaço público contemporâneo tem a necessidade da oposição, socialmente e urbanisticamente falando, que se contraponha a qualquer homogeneização.

## Bibliografia

- AKRICH, Madeleine. Como descrever os objetos técnicos? In: Boletim Campineiro de Geografia. V. 4, n. 1. Campinas: AGB, 2014.

- ARENDT, Hannah. A condição humana. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1991.

- CARRIÓN, Fernando. Espacio público: punto de partida para la alteridade. Bogotá: Ciudad e Inclusión: Por el derecho a la ciudad, 2004. Disponível em HYPERLINK "http://www.flacso.org.ec/docs/artfcalteridad.pdf" www.flacso.org.ec/docs/artfcalteridad.pdf. Acesso em 16/05/2017.

- DE CERTEAU, Michel. A invenção do cotidiano: artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

- DELGADO, Manuel. El espacio público como ideología. Madrid: Los libros de la Catarata, 2011.

- GEHL, Jan. Cidades para pessoas. São Paulo: Perspectiva, 2013.

- GOFFMAN, Erving. A representação do eu na vida cotidiana. Petrópolis: Vozes, 1985.

- HABERMAS, Jürgen. Mudança estrutural da esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

- HARVEY, David. Cidades rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

- JACQUES, Paola Berenstein. Apologia da deriva: escritos situacionistas sobre a cidade. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

- _____. Notas sobre espaço público e imagens da cidade. Disponível em http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/10.110/41. Acesso em 10/04/2017.

- JOSEPH, Isaac. Belém: paisagem, coisa pública. In: Cadernos do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Ano 18, n.1 e 2. Rio de Janeiro: UFRJ/ IPPUR, 2004.

- _____. L'espace public comme lieu de l'action. In: Les Annales de la recherche urbaine. Espaces publics en - villes. N. 57-58, 1992.

- _____.El transeunte y el espacio urbano. Buenos Aires: Gedisa, 1988.

_____. Paisagens urbanas, coisas públicas. N. 30/31. In: Caderno CRH. Salvador: jan./ dez. 1999.

- _____. Paisagens urbanas, coisas públicas. Repositório Institucional. Disponível em https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/2954. AcesLATOUR, Bruno. Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica. Rio de janeiro: Ed. 34, 1994.

- LATOUR, Bruno. Reagregando o social: uma introdução à teoria do ator-rede. Salvador/Bauru: Edufba/Edusc, 2012.

- LEFEBVRE, Henri. A revolução urbana. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

- _____. Espaço e política. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

- _____. La production de l'espace. Paris: Éditions Anthropos, 2000.

- _____. O direito à cidade. São Paulo: Centauro, 2001.

- LEITÃO, Lúcia. Quando o ambiente é hostil: uma leitura urbanística da violência à luz de sobrados e mucambos e outros ensaios gilbertianos. Recife: Editora UFPE, 2014.

- MARICATO, Ermínia et al. Cidades rebeldes: Passe Livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. São Paulo: Boitempo/ Carta Maior, 2013.

- _____. Para entender a crise urbana. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

- MARTINS, Dayse Luckwü. LEITÃO, Lúcia. O espaço público construído das cidades brasileiras: o ativismo projetual do planejamento urbano versus ocupação. Disponível em https://periodicos.ufpa.br/index.php/ncn/article/view/9367

- MARTINS, Dayse Luckwü et al. Padrões de ocupação do solo e níveis de urbanidade: o caso do Altiplano Cabo Branco em João Pessoa. In: A língua que Habitamos. V. 6. Belo Horizonte, 2017.

- MORAIS, Marcele Trigueiro de Araújo. Pacificação da cidade - a urbanidade legitimada: o caso dos espaços públicos do grand ensemble Les Minguettes, em Lyon. In: Urbanidades. Rio de Janeiro: Folio Digital/ Letra e Imagem, 2012.

- SABOYA, Renato T. de; NETTO, Vinicius M.; Vargas, Júlio Celso. Fatores morfológicos da vitalidade urbana Uma investigação sobre o tipo arquitetônico e seus efeitos. Disponível em: http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/15.180/5554 Acesso em 28/03/2017.

- SENNETT, Richard. O declínio do homem público: as tiranias da intimidade. Rio de Janeiro: Record, 2014.

- SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio Guilherme (Org.) O fenômeno urbano. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

- ZEVI, Bruno. Saber ver a arquitetura. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

# Neocaipira Contemporânea: identidade, cultura e apropriação no Setor Central de Goiânia-GO através da arte urbana

Neocaipira Contemporain: identité, culture et appropriation dans le Setor Central de Goiânia-GO à travers l'art urbain

**Jordana Gouveia e SILVA**
*Arquiteta e Urbanista, Mestranda, Universidade Estadual de Goiás – UEG*

**Wilton de Araújo MEDEIROS**
*Arquiteto e Urbanista, Professor Pós-Doutor, Universidade Estadual de Goiás - UEG*

*Programa de Pós-Graduação (Mestrado Profissional) em Estudos Culturais, Memória e Patrimônio - PROMEP/UEG*

**Resumo**

Este artigo investiga a produção do espaço urbano em Goiânia-GO, tomando por base a análise visual de murais de arte urbana pintados em edifícios do Setor Central, núcleo pioneiro da cidade. Foram analisados os símbolos presentes no mural intitulado "Geraldinho, buscando contrapor os discursos presentes na imagem: aspectos regionais e globais, tradicionalismo e contemporaneidade. Adiante, buscou-se investigar as motivações para a intervenção artística – como projeto artístico independente e peça publicitária. Finalmente, o trabalho debate sobre como tais intervenções podem contribuir ou não na apropriação do lugar público, (re)produzindo aspectos identitários e culturais na urbes, por meio do resgate de aspectos tradicionais em um contexto contemporâneo. Metodologicamente, as análises historiográficas e iconográficas do mural selecionado se basearam em teóricos que tratam da temática das visualidades, em específico Didi-Huberman (2013) e Manguel (2001); a revisão bibliográfica se baseou em conceitos que abarcam a produção social do espaço urbano, presentes em Serpa (2020) e Corrêa (2020).

**Palavras-chave:** espaços públicos; arte urbana; visualidade.

**Résumé**

Cet article étudie la production de l'espace urbain à Goiânia-GO, sur la base de l'analyse visuelle de peintures murales d'art urbain peintes dans des bâtiments de Setor Central, un noyau pionnier de la ville. Les symboles présents dans la peinture murale intitulée « Geraldinho » ont été analysés, cherchant à contrecarrer les discours présents dans l'image : aspects régionaux et mondiaux, traditionalisme et contemporanéité. Plus loin, nous avons cherché à enquêter sur les motivations de l'intervention artistique – en tant que projet artistique indépendant et pièce publicitaire. Enfin, l'ouvrage débat sur la manière dont de telles interventions peuvent contribuer ou non à l'appropriation de l'espace public, en (re)produisant des aspects identitaires et culturels dans les villes, à travers le sauvetage d'aspects traditionnels dans un contexte contemporain. Méthodologiquement, les analyses historiographiques et iconographiques de la fresque sélectionnée se sont appuyées sur des théoriciens qui traitent de la thématique des visualités, notamment Didi-Huberman (2013) et Manguel (2001) ; la revue de littérature s'est appuyée sur des concepts qui englobent la production sociale de l'espace urbain, présents dans Serpa (2020) et Corrêa (2020).

**Mots clefs:** espaces publics ; art urbain; visualité.

## Contemporary Neocaipira: identity, culture and appropriation in the Setor Central of Goiânia-GO through urban art

**Abstract**

This article investigates the production of urban space in Goiânia-GO, based on the visual analysis of urban art murals painted in buildings in Setor Central, a pioneering core of the city. The symbols present in the mural entitled "Geraldinho" were analyzed, seeking to counteract the discourses present in the image: regional and global aspects, traditionalism and contemporaneity. Further on, we sought to investigate the motivations for artistic intervention – as an independent artistic project and advertising piece. Finally, the work debates how such interventions can contribute or not to the appropriation of the public place, (re)producing identity and cultural aspects in the cities, through the rescue of traditional aspects in a contemporary context. Methodologically, the historiographic and iconographic analyzes of the selected mural were based on theorists who deal with the theme of visualities, specifically Didi-Huberman (2013) and Manguel (2001); the literature review was based on concepts that encompass the social production of urban space, present in Serpa (2020) and Corrêa (2020).

**Keywords:** public spaces; urban art; visuality.

## Enxergando as imagens: o sertanejo psicodélico na cidade cinza

Figura 01. Mural “Geraldinho”, Edifício Dona Chafia, Setor Central, Goiânia-GO

Fonte: Bicicleta Sem Freio. Foto: Shock Frames (2020)

Ao olharmos o mural “Geraldinho” (figura 01), localizado na empena do Edifício Dona Chafia, na Rua 03 do Setor Central, em Goiânia-GO, somos direcionados imediatamente para a expressão alegre do personagem em destaque no painel: olhos semicerrados e um sorriso aberto, como que capturado em meio a uma conversa, no momento exato em que o homem acabou de contar uma anedota muitíssimo engraçada.

Para os goianos, essa personagem é bastante conhecida: se trata de Geraldinho Nogueira, contador de histórias ou “causos”, crônicas orais do cotidiano goiano, da rotina das fazendas e do dia-a-dia do homem sertanejo, reforçadas pela linguagem e as expressões características do humorista, que fez sucesso ao narrar suas histórias em programas de rádio e televisão nas décadas de 1980 e 1990 (CASTRO, 2010).

Tal cotidiano é reforçado ainda pelos diversos elementos que compõem a obra ao redor do personagem principal: o frango com seu pescoço comprido e penugem em tons avermelhados (característicos do "frango caipira" goiano), ao lado direito de Geraldinho; a árvore do Ipê Amarelo, planta nativa do cerrado goiano, ao lado esquerdo do mesmo; logo acima, à direita, o tradicional carro-de-boi, meio de transporte bastante utilizado nos meios rurais ainda nos dias de hoje; as cachoeiras, representativas de diversas cidades goianas; o bule de café, assim como o milho e os dentes de alho, que remetem à culinária sertaneja e ao momento do "cafezinho", que geralmente era quando as histórias eram contadas; as araras, possivelmente representando a natureza, assim como uma brincadeira com sua característica de "faladeira"; abaixo da personagem principal, as folhas da mandioca, os frutos do pequi e as flores do buriti, alimentos típicos do cerrado, circundo de forma decorativa do mural; logo abaixo, no canto inferior esquerdo do mesmo, o rádio, representado a carreira artística do contador de histórias, que se apresentou em programas de rádio e televisão; e, finalmente, o copo de vidro, ao lado de garrafa de cerveja, tendo em vista o conhecido apreço de Geraldinho por bebidas alcoólicas.

Segundo o filósofo e historiador da arte francês Didi-Hubberman, o processo de ver e de olhar a imagem faz parte do trabalho do historiador: ao analisar determinada imagem a partir da problematização, é possível "rasgar" e "montar" a mesma, buscando entender seus sentidos e contextos visíveis e invisíveis:

> O ato de ver não é o ato de uma máquina de perceber o real enquanto composto de evidências tautológicas. O ato de ver não é o ato de dar evidências visíveis a pares de olhos que se apoderam unilateralmente do dom visual para se satisfazer unilateralmente com ele. Dar a ver é sempre inquietar o ver, em seu ato, em seu sujeito. Ver é sempre uma operação de sujeito, portanto uma operação fendida, inquieta, agitada, aberta. Entre aquele que olha e aquilo que é olhado. (DIDI-HUBERMAN, 1998,77)

Para o autor, as imagens estão inseridas em um contexto muito maior do que apenas a imagem por si só; a imagem é, pois, anacrônica:

> Porque a imagem é outra coisa que um simples corte praticado no mundo dos aspectos visíveis. É uma impressão, um rastro, um traço visual do tempo que quis tocar, mas também de outros tempos suplementares - fatalmente anacrônicos, heterogêneos entre eles - que não pode, como arte da memória, não pode aglutinar. (DIDI-HUBBERMAN, 2012, p. 216)

Da mesma forma, Manguel (2001) defende a ideia de que toda imagem pode ser lida e traduzida em palavras, pode contar histórias. O exercício de ler as imagens busca compreender o conteúdo da imagem em todos os seus aspectos possíveis:

> Quando lemos imagens – de qualquer tipo, sejam pintadas, esculpidas, fotografadas, edificadas ou escaneadas -, atribuímos a elas o caráter temporal da narrativa. Ampliamos o que é limitado por uma moldura para um antes e um depois e, por meio da arte de narrar histórias (sejam de amor ou de ódio), conferimos à imagem imutável uma vida infinita e inesgotável. (MANGUEL, 2001, p. 27)

Deste modo, este trabalho toma como método analisar os símbolos identificados dentro do painel escolhido: todos os elementos representativos da cultural regional popular do estado de Goiás identificados remetem, sem dúvidas, a uma *memória coletiva* goiana vinculada à vida rural e a um passado saudosista no campo (OLIVEIRA & CARMO, 2016).

Todavia, essas diversas imagens dentro da obra são representadas por meio de uma visão contemporânea dessa *memória afetiva*, utilizando-se como instrumento visual a arte urbana, o grafite. Ao mesmo tempo em que os autores da obra buscam representar a tradição goiana, eles também exprimem suas próprias características por meio da escolha das cores e composições dos elementos, agregando um ar moderno e psicodélico à figura do homem caipira. Contrapõem-se, pois, o antigo e o novo, a tradição e o contemporâneo.

Ao ser reproduzida por meio do grafite, forma de expressão artística contemporânea, a figura de Geraldinho integra-se à paisagem urbana da cidade de Goiânia e seu Setor Central, núcleo original da capital goiana, fundada na década de 1930. As imagens contidas no mural evocam a memória afetiva goianiense, ao retratar diversos elementos regionais e por homenagear a figura de Geraldinho.

## Enxergando as ferramentas: o grafite e suas imagens enquanto produtores sociais do espaço urbano

Seguindo o método de Didi-Hubberman, outro elemento se destaca junto às *imagens dentro da imagem*: a garrafa de cerveja – justamente porque Geraldinho era comumente visto junto ao copo de cachaça, não de cerveja. Analisando atentamente a imagem da garrafa é possível perceber um rótulo bem visível, no qual consta uma marca de cerveja. A partir deste elemento, o mural além de ter seu caráter artístico, assume também um caráter de peça publicitária, podendo ser visto como uma ação de marketing para promover a marca de cerveja em específico, que tem em sua descrição principal ser uma "cerveja goiana". A Cerveja Esmera, marca indicada no rótulo, inclusive utiliza a figura de Geraldinho em seus materiais de divulgação (figura 2):

Figura 02. Publicação em rede social oficial da Cerveja Esmera, 2020

Fonte: Cerveja Esmera, 2020.

Tendo em vista a publicidade "embutida" no mural, percebe-se, pois, que da mesma forma que o grafite se apropria da memória afetiva que envolve a figura popular de Geraldinho, a marca se apropria da arte do grafite enquanto elemento de valorização de um determinado espaço da cidade, bem como da memória afetiva que envolve a personagem escolhida.

Segundo Daneluz e Pozenato (2007), percebe-se que existem diversos casos ao longo dos anos em que a chamada contracultura foi apropriada por um sistema que globaliza e dá suporte à polifonia urbana: no caso do grafite, seu discurso enquanto intervenção urbana é apropriado pelo mercado, sendo inserido num suporte de publicidade e propaganda. No contexto contemporâneo, é importante destacar também a midiatização do grafite por meio das redes sociais: a presença dos murais na cidade contribui, de certa forma, para a valorização de tais espaços pelo usuários, uma vez que o painéis são obras "instagramáveis", sendo apropriados por seus observadores em suas redes sociais voltadas para fotos e vídeos, como é o caso do *Instagram.*

Segundo Duarte (2006), a integração entre mídia e cidade está alterando também a forma como as pessoas se relacionam com o espaço urbano:

> O advento da mídia implica numa reformulação profunda do sentido de cidade e nos valores que levam ao deslocamento do desejo de cidades. Os meios de comunicação de massa permitem que se multipliquem e amplifiquem as temporalidades da urbes. (...) Costumes, circunstâncias de outras cidades também atravessam a importância da própria urbe na qual se vive. A mídia abre vários portais hiperdimensionais, janelas de comunicação para realidades possíveis da própria cidade e de várias cidades entre si. (DUARTE, 2006, p. 106)

A utilização do grafite e da arte urbana também é vista em ações de revitalização e requalificação de espaços urbanos, como forma de agregar novos usos e valorizar determinado local ou bairro da cidade. Todavia, tais ações acarretam também consequências negativas, como a gentrificação: o espaço passa a ser elitizado, restringindo seu caráter público em oposição a um aspecto privado, sobretudo quando ligado a determinados atores sociais – no caso, mercado imobiliário e empresas privadas.

> Através do processo de revitalização urbana conhecido como *gentrification*, que pode ser definido como "formas de empreendimentos econômicos que elegem certos espaços da cidade como centralidades e os transformam em áreas de investimentos públicos e privados" este processo de apropriação do espaço urbano pelo poder público tem um caráter fortemente cultural, pois articula-se com uma "dimensão simbólica do poder". (JUNQUEIRA, 2006, p. 151)

No intuito de entender as motivações para a realização da intervenção artística, se faz necessário analisar também seus autores, bem como se deu a vinculação da marca Cerveja Esmera e o mural.

O painel "Geraldinho" é de autoria do coletivo Bicicleta Sem Freio, composto pela dupla de artistas visuais goianos Douglas Pereira e Renato Reno, cujo trabalho é reconhecido internacionalmente. O mural faz parte do projeto Manifesto Urbano e irá compor o "Circuito de Arte" segundo Larissa Pitman, produtora de arte e idealizadora do projeto, em entrevista concedida à Revista Factual (2020):

> A intervenção urbana realizada através do projeto Manifesto Urbano considerou ocupar o Centro da cidade, porque ali há uma memória coletiva sobre a nossa cultura, arquitetura e história. Além disso, o Centro de Goiânia é marcado pela diversidade de classe e tem um fluxo diário intenso. (...) O Manifesto Urbano é um projeto independente da Valenta com o objetivo de promover ocupações e intervenções urbanas que dialogam com as pautas sociais e políticas, a fim de promover debates e reflexões na sociedade goiana sobre diversos temas, através da arte urbana. (...) a proposta do patrocínio direto com a Cerveja Esmera de Goiás possibilitou a criação de mais dois murais de arte urbana no Circuito da Rua 3. (...) Os murais patrocinados pela Cerveja Esmera de Goiás farão parte do Circuito de Arte da Rua 3, produzido pela Valenta. Nesse pequeno circuito as obras tem como objetivo ressaltar a cultura goiana, os elementos populares e costumes nativos. O primeiro mural construído pela dupla Bicicleta Sem Freio faz uma homenagem ao Geraldinho maior contador de causos do Brasil, que é goiano, e foi uma das personalidades que ficou marcada por gerações. (PITMAN, 2020)

Segundo Brito (2014), o grafite enquanto peça publicitária desvia parte de sua espontaneidade e de seu ideal crítico de manifestação da contracultura, estando voltado para o sentido objetivado pelo patrocinador, se aproximando mais do design e da comunicação. Ainda, segundo Serpa (2018), o mercado se apropria das diversas manifestações culturais:

> É o mercado quem vai ditar em última instância quais manifestações culturais devem ser "revitalizadas" ou "retradicionalizadas", afastando-as gradativamente do seu sentido e valor de culto originais e transformando, nesse processo, a experiência e a memória dos envolvidos em vivência e mercadoria, a ser consumida como objetos de marketing empresarial e turístico. (SERPA, 2018, p. 170)

## Enxergando as estruturas: considerações sobre espaços públicos, identidade, memória e apropriação

Segundo Correa (2020), o espaço urbano é produzido socialmente, sendo consequência da ação de diversos agentes sociais "dotados de interesses, estratégias e práticas espaciais próprias, portadores de contradições e geradores de conflitos entre eles e outros segmentos da sociedade" (CORREA, 2020, p. 43). Segundo o autor, o espaço urbano é " (...) produzido, impregnado de materialidades, (...) mas também pleno de significados diversos, como aqueles associados a estética, *status*, etnicidade e sacralidade" (CORREA, 2020, p. 44). Logo, grafite e a arte urbana podem ser analisados enquanto processos sociais de produção do espaço na cidade, que são gerados a partir da ação de agentes sociais – no caso tanto seus autores artísticos como seus patrocinadores.

Destarte, o grafite também está ligado a um sentido efêmero e mutável, mesmo que como peça publicitária. Segundo Kist e Guimarães (2018), assim como o grafite, o espaço urbano também é passível de modificações cotidianas, estando em constante mutação:

> (...) o cenário urbano se altera temporariamente (com o grafite), já que atinta se apaga ou a visualidade é substituída por outra, de acordo com o assunto em voga. Então, "temos a desterritorialização vinculada ao desenraizamento e ao enfraquecimento das identidades territoriais". Entretanto, esse enfraquecimento não provoca, necessariamente, um desaparecimento da identidade do povo, pois, se tratando de cultura, a entendemos como organismo vivo, portanto, gera-se uma reconstrução. (KIST e GUIMARÃES, 2018, p. 1262)

Desta forma, o mural "Geraldinho" extrapola os limites enquanto mural de arte urbana, por se tratar de uma ação de marketing; do mesmo modo que não pode ser resumir a peça

publicitária, por se tratar também de uma intervenção artística cujo objetivo é a formação de um circuito de arte no Setor Central de Goiânia-GO.

Para Serpa (2018, p. 26), as novas formas de intervenção urbana contemporânea ao agregar os sentidos do mercado financeiro por meio da cultura "homogeneíza as diferenças culturais em prol de modos de consumo mundializados"; logo, a escolha do grafite enquanto ferramenta de divulgação de determinado discurso pode ser questionada. Ainda, segundo o autor:

> A publicidade comercial ultrapassa os limites do consumo de bens e passa a investir diretamente no campo politico, dirigindo-se explicitamente à opinião pública, propondo sua "formação". As sensações, o divertimento e o espetáculo são, afinal, a essência dessa "assimilação consumidora", constituindo uma cultura que é, ao mesmo tempo, de massa e "personalizada", centrada sobre o imediatismo e a força da autoidentificação. (SERPA, 2018, p. 36)

Este conflito do mural enquanto imagem e seus significados reflete o espaço urbano, que se divide entre as tensões dos diversos atores urbanos, conforme explica Junqueira (2006):

> Inútil, portanto, procurar na cidade o espaço ocupado pelas classes e identificá-lo como espaço da cultura popular ou da elite. O processo que Harvey denomina "destruição do espaço através do tempo" se desdobra no deslocamento das tensões entre culturas das classes no espaço público urbano, na medida em que, por exemplo, um local apropriado por intervenções do bloco no poder pode ser transformado pelo uso das classes subalternas, num local de expressão popular ou do "povo". (JUNQUEIRA, 2006, p. 150)

Para Costa (2000), o grafite deve ser visto também como agente construtor do imaginário da cidade, uma vez que o painel olha e olhado pelo transeunte observador:

> O imaginário urbano é construído, a partir de signos, fragmentários e dispersos que são ligados pelo observador, num enfoque interpretativo sobre as paisagens visuais. Ruas, placas de sinalização, publicidades, prédios, shoppings centers, tudo se relaciona, solicitando a participação e a cumplicidade do observador e da cidade (...) As intervenções grafitadas, representam diversos olhares sobre a cidade, percebidos por variados tipos de receptores, cada qual com suas experiências individuais e suas múltiplas leituras. A ação desses manifestantes, grafiteiros ou pichadores, cada qual ao seu estilo e objetivo, exerce um diálogo direto, atuante e reivindicatório, chamando atenção para os novos papéis exercidos pelo homem no espaço público das cidades modernas. (COSTA, 2000, p.32)

Para tanto, a análise de tais intervenções artísticas na cidade deve englobar não apenas o seu caráter simbólico e imagético, enquanto mural de arte urbana, mas é necessário incluir também as motivações e justificativas de sua criação. No caso do painel "Geraldinho", nota-se que mesmo que sua justificativa principal seja a de compor o Circuito de Arte da Rua 3, conforme afirmado por Pitman (2020), a presença da figura mítica do contador de causos que se tornou "garoto propaganda" da Cerveja Esmera sucinta questionamentos. O conflito entre arte e publicidade extrapola os limites da empena do Edifício Dona Chafia, atingindo a produção do espaço da cidade.

Nesse sentido, no exercício de análise das visualidades presentes no painel "Geraldinho", assim como afirmado por Didi-Hubberman (2012), a imagem nos instigou a pensar e estender nosso olhar *além*, buscando o invisível e o virtual presente nos símbolos, "renovando nossa linguagem" e buscando entender como a apropriação do grafite e da arte urbana pelo mercado

publicitário reflete na forma como os indivíduos se relacionam com os espaços públicos na cidade.

**Referências Bibliográficas**


- ARCE, J. M. V. *Vida de barro duro - Cultura Popular Juvenil e Grafite*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1º ed., 1999.

- BRITO, D. *Graffiti, do paleolítico ao séc. XXI.* In. Blog Aline Couri: *História das Artes Visuais 1 – 2014.2*. Disponível em: <https://hav120142.wordpress.co m/2014/11/20/graffiti-do-paleolitico-ao-secxxi-2/>. Acesso em: Outubro/2021.

- CARMO, C. do C. *Práticas e representações da cultura popular sertaneja: um contador de causos, Geraldinho Nogueira*. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas). Goiânia: Universidade Federal de Goiás (UFG), 2010.

- COSTA, R. A. R. *A recepção e a estética das imagens grafitadas nos espaços da cidade de São Paulo.* São Paulo, Dissertação de Doutorado, ECA-USP, 2000. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/0 01101009>. Acesso em: Outubro/2021.

- CORRÊA, R. L. *Sobre agentes sociais, escala e produção do espaço: um texto para discussão.* In. CARLOS, Ana Fani Alessandri; SOUZA, Marcelo Lopes de; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (Org.). A Produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafio. São Paulo: Contexto, 1ª ed., 2020.

- DIDI-HUBERMAN, G. *Quando as imagens tocam o real.* Belo Horizonte: Pós, v.2, n.4, p.204-2019, 2012.

- _____. *O que vemos e o que nos olha.* Campinas: Editora 34, 1998.

- DICKINSON, J. *"Killadelphia".* In: CAMPOS, Ricardo; BRIGHENTI, A. M; SPINELLI, L; (Orgs). *Uma Cidade de Imagens: Produções e Consumos Visuais em Meio Urbano.* Lisboa: Editora Mundos Sociais, 2011, p. 77 – 106.

- DUARTE, Eduardo. *Desejo e cidade – múltiplos tempos, das múltiplas cidades, de uma mesma cidade.* In: PRYSTHON, Angela. *Imagens da cidade: espaços urbanos na comunicação e cultura contemporânea.* Porto Alegre: Sulina, 2006, p. 100-114.

- GOTTDIENER, M. *A produção social do espaço urbano*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2. Ed., 2016.

- JUNQUEIRA, L. *Manguebit e gentrification: relações entre cultura e espaço urbano de Recife.* In: PRYSTHON, Angela. *Imagens da cidade: espaços urbanos na comunicação e cultura contemporânea.* Porto Alegre: Sulina, 2006, p. 148-158.

- MANGUEL, A. *Lendo imagens: uma história de amor e ódio.* São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

- MARTINS, V. *Painéis de grafite colorem e trazem vida à paisagem urbana do Centro de Goiânia.* Goiânia: Revista Factual, reportagem veiculada em 15 de dezembro de 2020. Disponível em: <https://revistafact ual.com.br/goias/cultura-e-diversao/2020/12/15/paineis-de-grafite-colorem-e-trazem-vida-a-paisagem-urbana-do-centro-de-goiania/>. Acesso em: setembro/2021.

- OLIVEIRA, E. C. de; CARMO, C. do C. *O último narrador: os causos de Geraldinho e os saberes populares em Goiás*. Goiânia: Fragmentos de Cultura, vol. 26, n.3, 2016, p. 415-426.

- PITMAN, L. In. Entrevista concedida a Vinícius Martins. *Painéis de grafite colorem e trazem vida à paisagem urbana do Centro de Goiânia.* Goiânia: Revista Factual, reportagem veiculada em 15 de Dezembro de 2020. Disponível em: <https://revistafactual.com.br/goias/cultura-e-diversao/2020/ 12/15/paineis-de-grafite-colorem-e-trazem-vida-a-paisagem-urbana-do-centro-de-goiania/>. Acesso em: Setembro/2021.

- SERPA, A.. *Por uma geografia dos espaços vividos: geografia e fenomenologia*. São Paulo: Contexto, 1ª ed., 2021.

- _____. *Lugar e centralidade em um contexto metropolitano*. In. CARLOS, Ana Fani Alessandri; SOUZA, Marcelo Lopes de; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (Org.). *A Produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafio*. São Paulo: Contexto, 1ª ed., 2020, p. 97-108.

- _____. *O espaço público na cidade contemporânea*. São Paulo: Contexto, 2. Ed., 2018.

- SPOSITO, M. E. B. *A produção do espaço urbano: escalas, diferenças e desigualdades socioespaciais.* In. CARLOS, Ana Fani Alessandri; SOUZA, Marcelo Lopes de; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (Org.). A *Produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafio.* São Paulo: Contexto, 1ª ed., 2020, 123-136.

# Espaces publics pendant la pandémie de covid-19 : appropriations et usages dans la ville sous restrictions

# Espaços públicos na pandemia da covid-19: apropriações e usos na cidade sob restrições

**Rebeca BULHÕES, Laila MOURAD, Liana VIVEIROS**
*Mestre. Professora Doutora da UCSAL. Professora Doutora da UCSAL.*
*Territórios em resistência. DCidade – Processos Urbanos e Direito à Cidade*

RESUMO:

As cidades são formadas por diversos grupos sociais que a vivenciam de acordo com suas particularidades e por meio de variadas práticas sociais. Entendendo os espaços públicos como o local do encontro, das trocas, da diversidade social, das disputas, da liberdade, compreende-se que é neles onde ocorre boa parte da vida urbana, sendo também onde o direito à cidade pode se expressar. O uso e a apropriação desses espaços se dão de formas distintas pelos agentes sociais, que explicitam em suas práxis o modo de conceber e de fazer a cidade. Com o advento da pandemia da COVID-19, muitas dessas características dos espaços públicos ganharam maior visibilidade, ao mesmo tempo que novas dinâmicas foram trazidas para a rotina das pessoas, especialmente com o comando do distanciamento social, mas não apenas. Este trabalho se propõe a analisar algumas das mudanças acarretadas pela pandemia nos espaços públicos e como elas implicaram na apropriação desses espaços por alguns grupos sociais.

**Palavras-chaves**: Espaço público. Direito à cidade. Pandemia do Coronavírus.

ABSTRAIT:

Les villes sont formées de divers groupes sociaux qui la vivent selon leurs particularités et à travers diverses pratiques sociales. Comprenant les espaces publics comme un lieu de rencontre, d'échanges, de diversité sociale, de disputes et de liberté, on comprend que c'est là qu'a lieu une bonne partie de la vie urbaine et que le droit à la ville peut s'exprimer. L'usage et l'appropriation de ces espaces se font de manières distinctes par les agents sociaux, ils explicitent dans leurs praxis le mode de concevoir et de faire la ville. Avec l'avènement de la pandémie de COVID-19, beaucoup de ces caractéristiques des espaces publics ont gagné une plus grande visibilité, alors que simultanément de nouvelles dynamiques ont été proposées à la routine des personnes, particulièrement avec la directive de distanciation sociale, mais pas uniquement. Ce travail propose d'analyser quelques changements provoqués par la pandémie dans les espaces publics et ce qu'ils impliquent dans l'appropriation de ces espaces de la part de certains groupes sociaux.

**Mots-clés :** Espace public. Droit à la ville. Pandémie du coronavirus.

# Public spaces in the COVID-19 pandemic: appropriations and uses in the city under restrictions

ABSTRACT:

Cities are formed by different social groups that experience it according to their particularities and through various social practices. Understanding public spaces as the place for meetings, exchanges, social diversity, disputes, freedom, it is known that they are where a good part of urban life takes place, as well as where the right to the city can be expressed. The use and appropriation of these spaces varies according to social agents, who express in their praxis the way of conceiving and making the city. With the advent of the COVID-19 pandemic, many of these characteristics of public spaces gained greater visibility, while new dynamics where brought into people's routine, especially with the command of social distancing, but not only that. This work aims to analyse some of the changes brought by the pandemic in public spaces and how they implied the appropriation of these spaces by some social groups.

**Key words:** Public space. Right to the city. Coronavirus pandemic.

## 1. Introdução

As cidades se configuram como locais onde as maiores aglomerações de pessoas acontecem. Arendt (2007) entende que a vida na cidade se organiza em duas esferas, a privada e a pública, a primeira se referindo a tudo que é individual, à vida íntima, da família, do doméstico, podendo ser atrelado ao isolamento, enquanto a segunda é formada por um coletivo, se relaciona a tudo que é comum, possuindo um caráter político e social e definido por ela como onde se expressa a liberdade e onde ocorre o encontro. Com a modernidade, houve a aproximação dessas duas esferas, podendo até se sobrepor e levando ao surgimento de uma esfera híbrida, a esfera social.

Dentro da cidade, essas esferas assumem uma materialidade à qual é atribuída, pela sociedade, uma forma e uma função. Assim, a esfera privada é expressa nos espaços privados, a exemplo das edificações residenciais e comerciais e a esfera pública se expressa principalmente nos espaços públicos (praças, parques, ruas...) locais de livre acesso e utilização de todos. A aproximação das duas esferas também pode ser identificada nos espaços, Damatta (1997) e Lefebvre (2006) enxergam uma relação entre os espaços público e privado, o primeiro entendendo que o espaço da rua é uma espécie de extensão da casa e o segundo, que o espaço público compreende o privado e vice-versa, como é o caso de edifícios públicos, que também possuem uma instância privada.

Tanto espaços públicos quanto privados são frutos da produção social. Dessa forma, os espaços sofrem alterações na medida que as dinâmicas da vida urbana se modificam. Sennett (2018) traz os conceitos de ville e cité, onde o primeiro se referiria ao lugar físico enquanto o segundo seria a mentalidade formada por percepções, comportamentos e crenças. Assim, elas dividem a cidade em ambientes construídos e a maneira como as pessoas o habitam. Lefebvre (2001), por sua vez, entende que a vida urbana é formada por um jogo de opostos, entendidos por ele como necessidades sociais e que sua expressão nos espaços da cidade é que configura a produção do espaço. O direito de usufruir da vida urbana e de criar e produzir a cidade é o que ele vai chamar de direito à cidade.

Percebe-se que o urbano é o local do encontro de pessoas, onde elas se conectam com a cidade e por isso é importantes a existência de locais de parada, onde se desaceleram os fluxos da vida cotidiana. É dentro desse contexto que se encaixam os espaços públicos. Eles podem ser entendidos como espaços que ultrapassam as principais definições e as funções para as quais foram projetados, sendo então espaços mutáveis, que podem variar de acordo com as necessidades, disputas, vontades e interesses sociais, se configurando como lugar das trocas, das manifestações, das lutas, das expressões e das práticas individuais e coletivas. É nestes espaços onde as pessoas podem ser vistas, contribuindo para o maior entendimento do outro, para a construção de identidades, para experiências da vida urbana. Eles estão sujeitos às mudanças do cotidiano e da diversidade das pessoas que nele vivem e o constroem. Lefebvre (2002) compreende a rua como o lugar do teatro, do espontâneo, do ator, do movimento, da mistura, sendo onde os grupos se manifestam e se apropriam do espaço, ou seja, diferentes formas de vivenciar o espaço e dar significado a ele a depender do grupo social ou pessoa que ali ocupa, muitas vezes extrapolando as funções para a qual foi projetada.

Segundo Rolnik (1995), ao longo do tempo surge uma necessidade de organização da vida pública dentro da cidade, comumente administrada por um poder urbano. Este, por sua vez, cria ordens, regulamentos, define o que é permitido e o que é proibido, criando uma hierarquia e uma expressão espacial. Isso pode ser exemplificado nas filas de ônibus, nos semáforos, faixas de pedestre, sendo importante ressaltar que nem sempre essas regras se expressam de maneira igualitária, às vezes favorecendo mais alguns grupos sociais do que outros.

Essa maneira de organizar a cidade varia de acordo com o tempo e com as prioridades daqueles que administram a cidade. Durante a pandemia do coronavírus, iniciada no final de 2019, foram implementadas às dinâmicas urbanas novas regras e regulamentos para que se evitasse uma elevada contaminação de pessoas e com isso o colapso do sistema de saúde. Isso levou a mudanças nas rotinas das pessoas e adoção de novas maneiras de se relacionar entre si e com a cidade, interferindo também nos espaços públicos. Com isso em mente, este trabalho busca analisar algumas das mudanças acarretadas pela pandemia nos espaços públicos e como elas implicaram na apropriação desses espaços por alguns grupos sociais. Para isso, foram identificadas discussões levantadas durante a pandemias sobre os espaços públicos através de revistas, *lives* e ensaios.

## 2. Diferentes formas de apropriação dos espaços públicos antes da pandemia

Para melhor entender as transformações sofridas pelos espaços públicos e a forma como eles são apropriados durante a pandemia, faz-se necessário compreender algumas das dinâmicas que já ocorriam antes desse período. Verificou-se que a produção do espaço é fruto da sociedade e que existe uma administração nas cidades que organiza a vida urbana, logo, as regras e regulamentos também interferem na produção do espaço da cidade. No entanto, às vezes, essas regras não são capazes de atender as dinâmicas urbanas, por exemplo: caminhar pela cidade prescinde um descanso, fazendo-se a necessário ter calçadas bem cuidadas com bancos, iluminação, arborização etc. características que muitas ruas, calçadas e praças carecem, tornando-as muitas vezes inóspitas à permanência. No intuito de controlar as atividades que ocorrem nos espaços públicos, restringindo aquilo que é visto como inadequado, muitas arquiteturas hostis foram surgindo, a exemplo de bancos inclinados, pedras e pinos no chão, que inibem não apenas o uso de públicos específicos, mas do público em geral.

O planejamento estratégico, uma das formas de se pensar e construir a cidade do último século, entende o espaço público como uma mercadoria, tornando-o adequado a um padrão de atração mundial e não às necessidades sociais da população que o utiliza. Dentro dessa linha de pensamento, o espaço público é muitas vezes pensado como museu, ponto turístico e/ou como espaço de relevância histórica, servindo como publicidade das cidades. Muitos deles são então submetidos a requalificações, nas quais pode ocorrer uma subversão da lógica de vida previamente existente. Algumas dessas reformas estão atreladas a equipamentos de segurança, regulamentações e limitações de uso (SANTOS A., 2018), inibindo a apropriação espontânea de determinados públicos, alguns dos quais considerados inapropriados dentro dessa lógica de mercadoria.

A aproximação entre as esferas pública e privada também traz a individualidade para os espaços públicos, fazendo com que muitos dos seus usuários entendam que estes espaços são para seu usufruto apenas, não compreendendo-o como espaço coletivo. Observa-se então alguns pequenos atos de descaso como jogar lixo no chão, urinar na rua, degradar equipamentos públicos, entre outros. Isso também contribui para uma inibição da plena utilização dos espaços públicos por alguns grupos sociais. Um exemplo dessa apropriação do privado no espaço público são a utilização de praças e calçadas para lazer e consumo, como é o caso de restaurantes que colocam mesas e cadeiras nesses espaços, os parklets, as barracas de praia, entre outros.

Percebe-se então que nem sempre a cité e a ville dialogam entre si, cada uma trazendo suas regras quanto ao tipo de comportamento e o uso que cada espaço deve ter. São nos espaços de divergências de interesses e de conflitos que conseguimos perceber uma falta de democracia e a restrição do livre uso dos espaços públicos, consequentemente, uma inibição do direito à cidade. Quando o poder administrativo, que deveria regularizar de forma democrática esses locais, favorece um determinado grupo, muitas vezes os interesses privados, ele também

contribui para renegar outros atuantes daquele espaço. A exemplo disso, Iacovini (2019) traz que algumas iniciativas legislativas têm contribuído para restringir o direito à manifestação: elas vão da simples modificação da rota de transportes públicos, dificultando acesso ao local da manifestação, até mesmo decretos que impeçam a ocupação desses espaços.

A interferência do poder administrativo também atua na própria construção dos espaços, através da abertura de vias largas em locais adensados, privatização de espaços públicos, padronização na construção de praças e parques que nem sempre dialogam com a realidade de onde são inseridas e a já mencionada arquitetura hostil. Assim, muitas vezes identificamos nas cidades espaços pouco acolhedores, com pouca iluminação, sem banheiros, bancos, calçadas malcuidadas etc. Isso contribui para que alguns grupos sociais, que já sofrem com a violência das cidades, encontrem também dificuldades de ocupar esses espaços. Dentre esses grupos, podemos destacar: mulheres, moradores em situação de rua, idosos, pessoas com deficiência, LGBTQ+, skatistas, trabalhadores informais, entre outras minorias.

Rodrigues (2017) traz a questão das mulheres que não tiveram participação no planejamento urbano ao longo da história e constantemente tentam conquistar seu espaço. Elas se deparam com espaços inseguros e vulneráveis, tendo, com frequência, que se adaptar às condições do meio, muitas vezes percorrendo caminhos mais longos, mas que lhe proporcionem uma maior sensação de segurança. Klintowitz (2017) traz a realidade de algumas mulheres que vivem em favelas e se utilizam do espaço da rua como uma extensão do espaço doméstico, em sua maioria de pequenas dimensões, que não comporta todas as atividades diárias. Ela fala sobre como muitas dessas mulheres utilizam esses espaços para lavar roupas e ainda sofrem pressões pela prática da atividade.

Nos territórios populares os moradores utilizam de forma mais intensa o espaço público, não apenas como um espaço de lazer, mas também como o espaço do trabalho, de luta e até mesmo de moradia. Isso implica dizer, que as alterações feitas nesses espaços possuem um impacto muito maior na vida desses cidadãos. Observa-se também que pessoas que vivem em comunidades, costumam ter um senso de coletivo muito forte, sendo alguns dos motivos a sobrevivência e o acesso a recursos não disponibilizado pelo governo. Essa particularidade também interfere na forma como essas pessoas lidam com os espaços públicos.

Klintowitz (2017) fala, ao mesmo tempo, do papel da laje como espaço que assume diferentes funções a depender do usuário que a ocupe. Assim, esse espaço às vezes ganha algumas utilizações que o aproximam dos espaços públicos, como as brincadeiras das crianças, as festas e socializações nesses espaços. Klintowitz (2017) entende que, por conta dos espaços apertados no solo, as lajes muitas vezes assumem o papel de espaço público e de troca.

Os moradores em situação de rua são outro grupo afetado nos espaços públicos. Muitos deles não podem se higienizar propriamente, pela ausência de banheiros públicos, a arquitetura hostil contribui para restringir os locais propícios a passar a noite, com a presença de bancos inclinados ou com barras de ferro na lateral, pedras e plantas espinhosas em locais cobertos, goteiras estrategicamente espaçadas etc. Algumas dessas medidas são o resultado da ação de moradores de condomínios e/ou donos de lojas. Com relação à segurança, eles também se encontram vulneráveis, tanto por conta de ataques de violência, crueldade e preconceito, quanto por estarem sujeitos a ter seus pertences roubados.

Por sua vez, idosos e pessoas com deficiência encontram dificuldade de acesso e usufruto dos espaços públicos, pois muitos deles não são adaptados a essas pessoas, sem falar na precariedade da condição das calçadas (desniveladas, esburacadas). Muitas das medidas de acessibilidade que se tornaram obrigatórias são aplicadas sem critério e fiscalização, apenas contribuindo para a desorientação e acidentes das pessoas com deficiência. Além disso, os

espaços de uso rotineiro, como pontos de ônibus, sinaleiras, não são pensados para atender às necessidades dessas pessoas.

Quanto aos trabalhadores informais como vendedores ambulantes, atores, performantes em sinaleiras, entre outros, as dificuldades se voltam também para se defender das autoridades públicas. Muitos vendedores costumam ter seus pertences confiscados, impossibilitando-os de ganhar seu sustento. As reformas urbanas também dificultam a sua plena apropriação dos espaços públicos, na medida em que praças e calçadas são demolidas para a construção de uma nova via, fazendo-se necessário que seus usuários encontrem um novo local para vender sua mercadoria. Tais medidas são contrastantes com a ocupação de calçadas e praças por estabelecimentos privados já citados, que também utilizam os espaços públicos para comercializar seus produtos, mas não costumam ser inibidos por isso.

A discriminação, a violência e o preconceito nos espaços públicos também atingem a população LGBTQ+. Iacovini (2019) chama a atenção para o fato de o Brasil ser o país com maior índice de assassinato de pessoas trans, muitos dos quais ocorrem em espaços públicos. Nesses espaços essa população ainda sofre com agressões físicas, assédios e até homicídio. Apesar disso, o espaço público é de extrema importância para esses grupos sociais, pois é onde eles ganham visibilidade em seus protestos, onde as redes de apoio, assistência e denúncia ganham força e reúnem as massas.

Todavia, mesmo diante de toda essa adversidade, os espaços públicos ainda são o espaço onde os grupos podem se manifestar e lutar por seu direito à cidade. Rolnik (1995) fala que são nas manifestações civis que a rua assume o caráter de civitas e deixa de ser apenas espaço de circulação. É nessas apropriações dos espaços públicos que a vontade dos cidadãos desafia o poder urbano, principalmente quando assumem um caráter público ou de festa. Vemos isso no carnaval, onde a rua passa a ser o espaço da música, da brincadeira, da diversidade, da convivência. Também nas celebrações religiosas, que conectam rua, praça e às vezes praia, servindo como espaço para demonstração de fé. São nas festas populares que as muralhas invisíveis se dissolvem (Rolnik, 1995) e o espaço público exibe com maior força sua diversidade, conflitos, alianças e solidariedade.

Percebe-se então que os direitos são fortalecidos através da criação de movimentos sociais e das suas manifestações nos espaços públicos, através da visibilidade que eles proporcionam. É também com as pequenas atividades diárias, com apropriações que subvertam a lógica e a regra do poder público, que as pessoas exercem o seu direito à cidade. Entendendo que tanto mudanças no espaço quanto mudanças no comportamento das pessoas implicam na maneira como os locais são apropriados e utilizados, torna-se interessante discutir como a pandemia do coronavírus implicou mudanças no espaço público.

## 3. Grupos sociais e os desafios de apropriação do espaço público durante a pandemia

A descoberta do novo vírus SARS-COV-2 no final de 2019 em Wuhan, na China, provocou um grande impacto no mundo, ao se verificar que este espécime altamente transmissivo, se espalhou pelo globo em poucos meses. Com o intuito de frear o avanço da doença e devido ao pouco conhecimento sobre as características do vírus, muitos governos adotaram medidas de distanciamento social, chegando até ao isolamento social, o conhecido *lockdown.* Observou-se então cidades sendo fechadas, ruas, praças e parques interditados, pessoas passando a trabalhar remotamente, meios de transporte reduzindo frotas, fiscalização nas ruas, uso de máscara, álcool em gel, lavar as mãos com frequência etc.

No caso do Brasil, as políticas públicas emergenciais adotadas pelo governo federal mostraram um negacionismo em relação a doença e uma preocupação maior com a economia do que com a saúde da população. Observou-se um distanciamento dos três níveis de governo (federal, estadual e municipal), onde cada um lutava pela sobrevivência de sua população da

melhor forma que podia e com os recursos de que dispunha, ressaltando ainda mais a desigualdade no combate à pandemia no país. Percebe-se assim uma política de mercantilização de direitos como saúde, educação, habitação, saneamento básico, entre outros, que acabam se tornando dependentes da boa vontade e dos recursos de instancias locais e doadores. Assim, nota-se uma corrida não para salvar vidas, mas uma disputa de poder baseada em interesses econômicos.

Apesar de todos os esforços e das regras de distanciamentos social, faz-se necessário entender que as cidades e a população brasileira não são homogêneas, nem todos possuem as condições necessárias para praticar todas essas recomendações. Um fator importante a ser levado em conta quanto à disseminação da doença são as condições do local onde ela se instala, como também as reações de percepção e combate ao vírus (POR QUE..., 2020). Em locais insalubres e onde as políticas administrativas custam a serem adotadas e têm pouca efetividade, observa-se uma maior propagação do vírus. A questão da desigualdade é outro fator relevante, pois populações mais vulnerabilizadas são mais afetadas. Em parte, muitas dessas questões que vemos hoje durante a pandemia, fazem parte de um longo processo de construção histórica das cidades brasileiras, fortemente permeadas pelo colonialismo, patriarcalismo e escravatura. Tais questões ficam evidentes quando nos deparamos com a segregação socioespacial urbana.

Além deste cenário de desigualdade, observamos que os espaços públicos foram esvaziados, interditados, fiscalizados e bloqueados. Isso contribuiu para chamar atenção com relação ao estranhamento de se ver praças, ruas e calçadas vazias, mostrando como é nesses locais que boa parte da vida urbana acontece. As medidas adotadas neste período, por mais necessárias que sejam, não deixam de ferir e afrontar a liberdade (ARENDT, 2007) e o direito à cidade (LEFEBVRE, 2001) e, por conta da heterogeneidade das cidades, isso não ocorre de maneira igualitária entre os grupos sociais que nelas vivem.

Alencar (2020) levanta a questão de que, diferente de quarentenas praticadas em outros momentos da história, a nossa realidade de distanciamento social não implica necessariamente em não comunicação. Os recursos da tecnologia digital têm contribuído para que as pessoas se mantenham conectadas umas às outras durante esse período, assim, muitas delas conseguem realizar tarefas como pagar contas, fazer mercado, se reunir com a equipe de trabalho de dentro de suas casas. Todavia, essa tecnologia não absorve todas as dimensões da *cité*, com seus espaços de encontro, fricções, contradições e diversidade. No caso do Brasil, no entanto, é apenas uma parcela da população que possui este privilégio, enquanto muitos não possuem recursos básicos como água, esgoto e energia, muito menos os equipamentos necessários para efetuar suas tarefas do trabalho em casa. Rolnik (2020) ainda traz uma outra questão referente ao constrangimento que muitos trabalhadores passam no trabalho remoto por não possuírem um espaço favorável ou a privacidade necessária para desempenhar suas funções.

A pouca infraestrutura que algumas regiões das cidades possuem, dificulta a prevenção contra o coronavírus, pois nem todos possuem condições de atender às recomendações estabelecidas pelos órgãos de saúde, por mais simples que elas possam parecer. Moradores de favelas, cortiços, subúrbios e ocupações, muitas vezes não possuem o devido abastecimento de água nem esgotamento sanitário, além de alguns não possuírem recursos para comprar os materiais de limpeza (ALENCAR, 2020). Todavia, percebe-se que em algumas comunidades existem alternativas para lidar com essa escassez, como pias comunitárias em ruas, colocando assim o espaço público como um suporte às necessidades básicas.

Além disso, o próprio confinamento dentro de casa, em sua maioria de cômodos pequenos, configura-se um martírio para os diferentes grupos sociais (LEMOS, 2020c), ao mesmo tempo que manter o distanciamento social é impraticável. No caso das mulheres, a pandemia contribuiu para o aumento da carga de trabalho, aliado à intensificação das atividades

domésticas e o crescimento da violência doméstica (LIMA J., 2020; SANTOS B., 2020). Para muitas delas, ter acesso limitado aos espaços públicos implica perder um espaço de refúgio, onde os movimentos de luta ganham força (BOGADO, 2018), onde podem denunciar os abusos quando não têm acesso a meios digitais, onde praticam parte das suas tarefas domésticas (KLINTOWITZ, 2018). Schwarcz (O MUNDO..., 2020) ressalta que muitas dessas mulheres enxergam a rua como espaço da sociabilidade, o que torna ficar em casa um peso ainda maior. Isso implica dizer, que muitas das questões que as mulheres já tinham que lidar antes da pandemia, agora se veem intensificadas devido às restrições de uso dos espaços públicos.

Crianças e idosos também tiveram suas rotinas afetadas pelo confinamento. As crianças perderam acesso aos seus espaços de brincadeira, tiveram seu aprendizado interrompido ou dificultado, pois muitos não possuíam condições para acompanhar remotamente, restando-lhes muitas vezes apenas os limites de suas casas, a exemplo das lajes. Por sua vez, os idosos acabaram por ter seus espaços de exercícios e sociabilidade restringidos. Muitos tiveram que lidar com os maus tratos de parentes no ambiente doméstico, com denúncias de violação dos seus direitos chegando a aumentar 5 vezes entre março e maio de 2020 (LIMA M., 2020), enquanto outros eram abandonados em asilos. Há ainda aqueles que moram sozinhos e que não mais puderam encontrar refúgio nas caminhadas pela rua, no descanso e conversas nas padarias, bares e restaurantes. O conto de Jean Abreu (2020) “Páginas em Branco”, retrata essa realidade ao contar a rotina e o saudosismo de um senhor isolado em quarentena durante a pandemia.

Por sua vez, o aumento de despejos e remoções durante a pandemia deixou ainda mais pessoas em situação de vulnerabilidade, muitos passando a ter que morar nas ruas (BRITO et al., 2020). Os moradores em situação de rua são outro grupo social que tiveram sua realidade afetada com a pandemia. Para essas pessoas, não há possibilidade de distanciamento ou isolamento social, dificultando sua proteção contra o vírus. Além disso, problemas como a ausência de banheiros públicos, água e sabão, que muitas vezes os forçam a lavar as mãos em poças de água (LIMA; CHARLEAUX, 2020), já existentes antes da pandemia, agora ganham uma proporção ainda maior. Outro agravante é o fato de muitas dessas pessoas não estarem aptas a receber os auxílios emergenciais disponibilizados pelo governo por não possuírem documento de identificação. (HONORATO; OLIVEIRA, 2020; LIMA; CHARLEAUX, 2020).

Outro grupo social afetado com as regras de distanciamento e isolamento social foram os trabalhadores que não puderam exercer suas funções remotamente (ALENCAR, 2020; SANTOS B., 2020). Muitos desses profissionais não possuem recursos como internet ou materiais necessários para realização das suas tarefas, forçando-os a saírem às ruas e se deslocar para seus trabalhos (A CIDADE..., 2020). Alguns trabalhadores ganham seu sustento de maneira informal, a exemplo de entregadores de *delivery*, vendedores ambulantes, pessoas que fazem performances em sinaleiras etc (ALENCAR, 2020), e boa parte das suas funções implicam em estar na rua, ou seja, o espaço público é imprescindível para o sustento dessa população. Durante a pandemia, esses trabalhadores que já possuíam dificuldades, como terem seus produtos confiscado, agora tiveram que lidar com a ausência de público nas ruas, seus principais consumidores e espectadores. Junto a eles, trabalhadores de serviços essenciais (enfermeiros, médicos, atendentes de farmácia, supermercado...) também tiveram de se expor nas ruas e nos transportes públicos, um dos apontados como ponto de fragilidade para proliferação do vírus.

As mudanças de hábitos também chegam aos espaços públicos, às vezes criando conflitos novos como o uso de máscaras e o distanciamento social, nem sempre respeitado por todas as pessoas (LEMOS, 2020b). A utilização e apropriação desses espaços pelo setor privado como restaurantes, bares e cafés se intensificou na medida em que estabelecimentos deste tipo passaram a ocupar o espaço de calçadas e da rua no intuito de reduzir o contágio nos espaços

fechados (MELO, 2020). Esse avanço acaba por comprometer espaços de passagem, dificultando o trânsito de pedestres quando não devidamente adequados.

Observou-se também situações em que o espaço privado assume algumas das funções do espaço público como a troca e o encontro, estabelecendo conexão entre as pessoas através das varandas, janelas, portas e lajes. Klintowitz (2017) já mencionava o espaço da laje como um auxiliador do espaço público dentro das comunidades, onde as dimensões da rua e de praça são demasiado pequenas, antes da pandemia. Observa-se então uma intensificação dessa prática, principalmente em atitudes como a de um estudante de educação física, que passou a utilizar o espaço da laje para fazer exercícios físicos e compartilhar seus treinos com seus vizinhos (CARNEIRO, 2020). Também viu-se pessoas cantando músicas, trocando informações e conversas em janelas e varandas, se aproximando e se reunindo nos limites do espaço privado.

Percebe-se com esses relatos que muitos dos desafios já encontrados por alguns grupos sociais antes da pandemia, agora são agravados devido às condições restritivas de combate ao vírus. Ao mesmo tempo, nota-se a importância do espaço público no dia a dia das pessoas e como eles podem contribuir positivamente para o bem-estar e a qualidade de vida da população. Todavia, a pandemia também incentivou iniciativas importantes no intuito de amenizar a situação de vários desses grupos. No caso dos moradores em situação de rua, por exemplo, foram criados centros de auxílio provisório para ajudar com informações e barracas e viu-se a instalação de pias e banheiros públicos em algumas cidades (HONORATO; OLIVEIRA, 2020; LIMA; CHARLEAUX, 2020). Outro movimento veio do padre Júlio Lancellotti, que usou uma marreta para tirar pedregulhos de debaixo de um viaduto em São Paulo, chamando a atenção da mídia e levando a prefeitura a remover as pedras que fazem parte da arquitetura hostil da cidade (SAYURI, 2021).

Em algumas comunidades, a solidariedade e capacidade de organização dos moradores chamou a atenção ao assumirem a função de proteger e sustentar as pessoas que ali vivem (ALENCAR, 2020; BRITO et al., 2020; CIDADE..., 2020). Tais atitudes são ainda mais relevantes pois os espaços híbridos de apoio a essas comunidades, como escolas e outros serviços sociais, que contribuíam para a sobrevivências de muitas famílias, foram fechados durante o período de crise.

## 4. Considerações finais

A pandemia foi responsável por grandes mudanças nas vidas e rotinas das pessoas. Ela contribuiu para o avanço em várias áreas como na tecnologia e na ciência, assim como acelerou e agravou muitas das tendências que já estavam ocorrendo na sociedade. Ela também contribuiu para chamar atenção para muitos dos problemas que já existiam nas cidades, dando-lhes maior visibilidade. Em relação aos espaços públicos e as suas diversas formas de apropriação, não foi diferente. Muitos dos grupos sociais que já encontravam problemas para ocupar estes espaços antes, enfrentaram empecilhos ainda maiores durante esse período, sem falar do risco de contaminação como agravante. A tentativa de regularização e imposição de uma ordem nos espaços públicos ganhou também uma nova categoria: o distanciamento social. Por mais necessários que sejam os cuidados a serem tomados nos espaços públicos como o distanciamento, o uso de álcool em gel e máscaras, tais regras acabam por trazer algumas limitações e modificações a esses espaços, às quais a população está sendo forçada a se adaptar.

O momento também contribuiu para ressaltar as particularidades dos territórios das cidades, mostrando como existem diferentes formas de se apropriar dos espaços e que as lógicas aplicadas para um não necessariamente funcionam para os demais. É o caso das medidas de distanciamento e isolamento social, que possuíram menor adesão em comunidades de baixa renda, onde a população precisava sair para ganhar seu sustento e onde o espaço público possui

um papel fundamental na rotina dessas pessoas. Assim, fazendo-se necessário repensar as formas de se combater as epidemias de maneira que melhor dialogue com a dinâmica dos diferentes locais das cidades. Uma possibilidade seria a educação e alerta da população quanto ao risco de contágio, juntamente com a distribuição de material e recursos para a proteção. Medidas mais factíveis de aplicação, principalmente para a população mais dependente do sistema público de saúde, podem contribuir para uma maior adesão desse público no combate à disseminação do vírus.

Outra questão de extrema importância foi o fechamento, restrição e obstrução dos espaços públicos ter mostrado uma realidade mais próxima do que seria uma crise ou morte desses espaços. De certa forma, essas e outras medidas acabam por ferir o livre exercício do direito à cidade e da liberdade, segundo os ideais de Lefebvre (2001) e de Arendt (2007). Percebe-se então como as medidas de prevenção contra a doença implicam mudanças na apropriação e utilização dos espaços públicos, interferindo na rotina de seus usuários. Todavia, percebe-se também que a essência do espaço público resiste, seja nos limites das casas ou nos poucos usuários nas ruas. A complexidade desses espaços fica clara com as infinitas possibilidades de uso e com a diversidade de públicos que os ocupa. Essa heterogeneidade contribui para entender o papel do espaço público na vida contemporânea e como ele possui uma função diferente para cada usuário que dele se apropria.

A pandemia contribuiu ainda para visualizar algumas falhas e incoerência de projetos dos espaços públicos, levantando questões como a arquitetura hostil e a ausência de equipamentos sanitários nestes locais. Compreender que as ruas, praças e parques precisam atender ao usuário em suas necessidades do dia a dia, auxiliando e não dificultando suas rotinas. Também faz-se necessário repensar a qualidade de espaços urbanos públicos que são construídos e se eles dialogam com a heterogeneidade de públicos que irão se utilizar deles, para que assim seja possível que pessoas se apropriem deles com mais segurança e se sentirem pertencentes àquele espaço.

Foi possível notar também os limites da tecnologia, que embora tenha sido fundamental para o combate da doença, ainda esbarra em questões como a desigualdade social, restrição de acesso a esses recursos, necessidade de se adotar medidas de isolamento e distanciamento social. O desenvolvimento acelerado desses meios gera repercussões nos espaços públicos e em sua apropriação, especialmente quando a ela estão atreladas reformas urbanas. Essas, por sua vez, muito comuns após epidemias ao longo da história, causam certo receio quanto ao que será proposto para as cidades daqui em diante e como isso vai afetar os espaços públicos e seus usuários.

Após dois anos de pandemia ela ainda não chegou ao seu fim e as consequências deste prolongamento estão sendo vistas em nossa sociedade. A grande questão é o que será feito daqui em diante, se os ensinamentos deste período servirão para acarretar mudanças nas maneiras de criar e se apropriar dos espaços públicos ou se a vida nas cidades voltará ao seu modelo pré pandemia.

## 5. Bibliografia


- ABREU J., 2020, Páginas em branco. In “Pandemias: cuidados, prevenção, efeitos e consequências sobre a vida humana: dimensões múltiplas de uma temerária e inquietante experiência coletiva”, 2020, pp. 20-29.

- A CIDADE é nossa com Raquel Rolnik #6: E quem não pode trabalhar de casa?. [*S. l.*: *s. n.*], 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Mn4C0HZ_4vM&list=WL&index=27&t=89s. Acesso em: 8 set. 2020.

- ALENCAR E., 2020, A vida nas favelas: Como três comunidades – em São Paulo, Rio e Recife – enfrentam a pandemia. In “Piauí”, 04/2020. Disponível em: https://piaui.folha.uol.com.br/vida-nas-favelas/. Acesso em: 6 nov. 2020.

- ARENDT H., 2007, As esferas pública e privada. In “A condição humana”, 2007, pp. 31-83.

- BOGADO M., 2018, Rua. In “Explosão feminista: arte, cultura, política e universidade”, 2018, pp. 23-42.

- BRITO G. *et al*., 2020, Coronavírus nas cidades: proteger quem mais precisa é o grande desafio. In “Labcidade”, 03/2020. Disponível em: http://www.labcidade.fau.usp.br/coronavirus-nas-cidades-proteger-quem-mais-precisa-e-o-grande-desafio/. Acesso em: 21 out. 2020.

- CARNEIRO G., 2020, Bairro mais afetado de SP tem alívio durante pandemia com ginástica na laje. In “Uol” 04/2020. Disponível em: https://www.uol.com.br/esporte/ultimas-noticias/2020/04/26/bairro-mais-afetado-de-sp-tem-alivio-durante-pandemia-com-ginastica-na-laje.htm. Acesso em: 24 jan. 2021.

- CIDADE, pandemia e conflitos sociais. **UC Livre Resiste**, 25 jun. 2020. Disponível em: https://www.facebook.com/112286860526090/videos/213410596373304. Acesso em: 17 nov. 2020.

- DAMATTA R., 1997, Espaço – casa, rua e outro mundo: o caso do Brasil. In “A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil”, 1997, pp. 19-45.

- HONORATO B.; OLIVEIRA A., 2020, População em situação de rua e COVID-19. In “Revista de Administração Pública”, 07-08/2020. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-76122020000401064&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 6 nov. 2020.

- IACOVINI R., 2019, Por uma nova ordem do espaço público: o direito à cidade para todos. In “Archdaily”, 10/2019. Disponível em: https://www.archdaily.com.br/br/927621/por-uma-nova-ordem-do-espaco-publico-o-direto-a-cidade-para-todos. Acesso em: 10 jun. 2020.

- KLINTOWITZ D., 2017, O lugar das mulheres nas ruas e praças suspensas nas favelas brasileiras. In “Direito à cidade: uma visão por gênero”, 2017, pp. 56-61. Disponível em: https://wp.ibdu.org.br/conteudo/direito-cidade-genero/. Acesso em: 14 nov. 2019.

- LEFEBVRE H., 2006, “A produção do espaço” 02/2006.

- LEFEBVRE H., 2002, “A revolução urbana”, 2002. Disponível em: https://www.academia.edu/15150220/02_LEFEBVRE_H_1999_A_revolu%C3%A7%C3%A3o_urbana_Belo_Horizonte_Editora_da_UFMG_cap_8_A_ilus%C3%A3o_urban%C3%ADstica. Acesso em: 1 dez. 2020.

- LEFEBVRE H., 2001, “O direito à cidade”, 2001.

- LEMOS A., 2020b, Lavits_Covid19_#24: A Máscara da Covid-19 no Brasil. In “Lavits” 12/2020. Disponível em: https://lavits.org/lavits_covid19_24-a-mascara-da-covid-19-no-brasil/?lang=pt. Acesso em: 25 jan. 2021.

- LEMOS A., 2020c, Novo coronavírus e isolamento digital. In “Lab404”, 03/2020. Disponível em: http://www.lab404.ufba.br/novo-coronavirus-e-isolamento-digital/. Acesso em: 22 jan. 2021.

- LIMA J., 2020, A campanha oficial contra a violência doméstica: e as críticas a ela. In “Nexo”, 05/2020. Disponível em: https://www.nexojornal.com.br/expresso/2020/05/19/A-campanha-oficial-contra-a-viol%C3%AAncia-dom%C3%A9stica.-E-as-cr%C3%ADticas-a-ela. Acesso em: 31 de jul. de 2020

- LIMA J.; CHARLEAUX J., 2020, Quais as medidas para a população de rua na pandemia: pessoas desabrigadas estão entre as mais vulneráveis à doença e às implicações econômicas da crise por ela causada. In “Nexo”, 03/2020. Disponível em: https://www.nexojornal.com.br/expresso/2020/03/28/Quais-as-medidas-para-a-popula%C3%A7%C3%A3o-de-rua-na-pandemia.br/pandemia-sem-agua-na-torneira/. Acesso em: 5 nov. 2020.

- LIMA M., 2020, Denúncias de violência contra idosos crescem cinco vezes na pandemia. In “Observatório do terceiro setor”, 06/2020. Disponível em: https://observatorio3setor.org.br/noticias/denuncias-de-violencia-contra-idosos-crescem-cinco-vezes-na-pandemia/. Acesso em: 29 jul. 2020.

- MELO C., 2020, Como o coronavírus vai mudar nossas vidas: dez tendências para o mundo pós-pandemia. In "El País", 04/2020. Disponível em: https://brasil.elpais.com/opiniao/2020-04-13/como-o-coronavirus-vai-mudar-nossas-vidas-dez-tendencias-para-o-mundo-pos-pandemia.html. Acesso em: 16 jul. 2020.

- O MUNDO Pós-pandemia com Lilia Schwarcz: lições da história. [*S. l.*: *s. n.*], 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=kvWDAMzBhT4&list=WL&index=2. Acesso em: 7 mar. 2021.

- POR QUE o Brasil não aprende com o passado? Com Sidney Chalhoub. [*S. l.*: *s. n.*], 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=dhDH8hCz2pA&list=PLn4I3GiL7Qa1AR9GHt2TzzrQCDW6fnWEV&index=13. Acesso em: 20 fev. 2021.

- RODRIGUES C. F., 2017, A mulher no espaço público: uma reflexão acerca do processo de urbanização contemporâneo e da (não) participação das mulheres na produção do espaço. In "SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO", 2017.

- ROLNIK R., 1995, "O que é cidade", 1995.

- ROLNIK R., 2020, Teletrabalho não vai salvar nossa combalida mobilidade urbana. In "LabCidade", 10/2020. Disponível em: http://www.labcidade.fau.usp.br/teletrabalho-nao-vai-salvar-nossa-combalida-mobilidade-urbana/. Acesso em: 28 fev. 2021.

- SANTOS A., 2018, "**Espaços construídos, espaços praticados e pertencimento em salvador, no CHS e no Politeama**: experiências da FGM de apoio às artes e de apropriação de espaço pelas artes D`A Outra Companhia de Teatro", 2018.

- SANTOS B., 2020, "A cruel pedagogia do vírus", 2020. Disponível em: http://www.abennacional.org.br/site/wp-content/uploads/2020/04/Livro_Boaventura.pdf. Acesso em: 28 out. 2020.

- SAYURI J., 2021, O que é arquitetura hostil. E quais suas implicações no Brasil. In "Nexo", 02/2021. Disponível em: https://www.nexojornal.com.br/expresso/2021/02/03/O-que-%C3%A9-arquitetura-hostil.-E-quais-suas-implica%C3%A7%C3%B5es-no-Brasil. Acesso em: 25 fev. 2021.

- SENNETT R., 2018, "**Construir e habitar**: ética para uma cidade aberta", 2018.

# Apropriação e percepção como medidores de demanda em lugares de vulnerabilidade social

## Identité et perception en tant qu'indicateurs de demandes dans les lieux de vulnérabilité sociale

Katia CANOVA

*Doutora pesquisadora/FAU USP Pesquisadora no rizoma francês Chôros*

Isabela SOLLERO LEMOS

*Doutoranda/FAU USP*

*Ambas no Lab-QUAPÁ/FAUUSP*

Partindo da conceituação de “pracialidade” elaborada por Eugenio Queiroga em sua tese de doutorado (2001), esta apresentação pretende explorar a apropriação dos espaços de uso público pelos cidadãos em bairros considerados de vulnerabilidade social. Para tanto, trazemos as aproximações estudadas pela historiadora Sandra Pesavento (2007) para os espaços urbanos quanto à sua materialidade, sociabilidade e sensibilidade, com o intuito de extrair material para uma “tradução” de desejos e “registro de olhares” da população que habita esses espaços.

Utilizamos imagens capturadas em trabalhos de campo em cidades latinoamericanas, dando ênfase para o uso da rua e buscando as narrativas construídas na dissociação entre denominação, uso proposto, materialidade e apropriação efetivada. Trazemos também alguns exemplos de apropriações de espaços públicos de Lyon, França, construindo crítica entre o papel do profissional de desenho urbano, espaço construído e desejos de uso e apropriação pela população usuária local.

A prática de uma arquitetura crítica demanda a apreensão dos lugares, e uma interação construtiva acerca dessas apreensões, no sentido de gerar reflexões críticas que enriqueçam a discussão, e se desenvolvam mais no âmbito das elaborações coletivas do que no âmbito dos legados individuais.

Palavras-chave: espaços públicos, apropriação, pracialidade

Résumé :

Partant de la conceptualisation de la “placialité” élaborée par Eugenio Queiroga dans sa thèse de doctorat (2001), cette présentation se propose d'explorer l'appropriation des espaces d'usage public par les citoyens dans des quartiers considérés comme socialement vulnérables. À cette fin, nous appliquons aux espaces urbains les approches étudiées par l'historienne Sandra Pesavento (2007) concernant leur matérialité, leur sociabilité et leur sensibilité, afin d'extraire des matériaux pour une " traduction " des désirs et un " registre des regards " de la population qui habite ces espaces.

Nous utilisons des images capturées lors d'un travail de terrain dans des villes d'Amérique latine, en mettant l'accent sur l'utilisation de la rue et en recherchant les récits construits dans la dissociation entre la dénomination, l'utilisation proposée, la matérialité et l'appropriation effective. Nous apportons également quelques exemples d'appropriation d'espaces publics à Lyon, France, construisant une critique entre le rôle du professionnel du design urbain, l'espace construit et les désirs d'utilisation et d'appropriation par la population locale utilisatrice.

La pratique d'une architecture critique exige l'appréhension des lieux, et une interaction constructive sur ces appréhensions, dans le sens de générer des réflexions critiques qui enrichissent la discussion, et se développent davantage dans le cadre d'élaborations collectives que dans celui d'héritages individuels.

Mots-clés : espaces publics, appropriation, “placialité”

**Appropriation and perception as measurers of demand in places of social vulnerability**

Abstract:

Starting from the conceptualization of “placiality” elaborated by Eugenio Queiroga in his doctoral thesis (2001), this presentation intends to explore the appropriation of spaces of public use by citizens in neighborhoods considered of social vulnerability. To this end, we bring the approaches studied by historian Sandra Pesavento (2007) to urban spaces regarding their materiality, sociability and sensibility, in order to extract material for a "translation" of desires and "register of looks" of the population that inhabits these spaces.

We use images captured in fieldwork in Latin American cities, emphasizing the use of the street and seeking the narratives constructed in the dissociation between denomination, proposed use, materiality, and effective appropriation. We also bring some examples of appropriation of public spaces in Lyon, France, building a critique between the role of the urban design professional, the built space and the desires of use and appropriation by the local user population.

The practice of a critical architecture demands the apprehension of places, and a constructive interaction about these apprehensions, in the sense of generating critical reflections that enrich the discussion, and develop more in the scope of collective elaborations than in the scope of individual legacies.

Keywords: public spaces, appropriation, “placiality”

## 1. Objetivos, metodologia, bases conceituais

Partindo da conceitualização da pracialidade elaborada pelo arquiteto urbanista Eugenio Queiroga em sua tese de doutorado (2001), esta apresentação pretende explorar a apropriação de espaços de uso público por cidadãos latino-americanos em bairros considerados socialmente vulneráveis. Para isso, aplicamos as abordagens estudadas pela historiadora Sandra Pesavento (2007) aos espaços urbanos em termos de materialidade, sociabilidade e sensibilidade, assim como suas inter-relações, a fim de extrair materiais para uma "tradução" dos desejos e um "registro de olhares" da população que habita esses espaços.

Eugênio Queiroga (2001) qualifica a praça com base na natureza dos eventos que ocorrem nela, e não no sistema de objetos: "O que define a praça é o que ocorre nela, portanto um sistema de ações que tem uma forte conotação pública, de livre acesso, visando o encontro, é o que irá caracterizar um subespaço como uma praça". Neste sentido, situações de "pracialidade" podem possivelmente ocorrer em ruas, avenidas, espaços abertos e mesmo em edifícios [...]" (QUEIROGA, 2001).

Sandra Pesavento traz a sensibilidade e a "percepção das emoções e sentimentos da vida urbana", a criação do Ethos: "É através deste processo mental de aproximação que o espaço se torna um lugar, ou seja, um portador de sentido e memória; que passamos a ver uma cidade como uma metrópole, uma realidade urbana que, desde seu surgimento, provocou uma revolução na vida, no tempo e no espaço; que criamos as categorias de cidadãos e excluídos para expressar as diferenças visíveis e perceptíveis no contexto urbano, provocando a criação de novas identidades a partir do gesto, do olhar e da palavra que qualifica" (PESAVENTO, 2007).

Deve-se chamar aqui a atenção para o uso do termo "vulnerabilidade social" associado a uma configuração material de menor valor econômico, em detrimento da riqueza da sociabilidade experimentada nessas comunidades identificadas como vulneráveis. Sem descuidar dos fatores de justiça espacial, especialmente no que diz respeito aos investimentos públicos para melhorar a qualidade de vida dos cidadãos, observamos uma situação de rica expressão cultural e de intenso uso dos lugares.

As apropriações públicas nos desafiam a buscar interpretações mais profundas e dinâmicas, pois nos espaços públicos abertos, os hábitos, as negociações, as disputas e os conflitos mudam rapidamente. Muitas vezes as estruturas físicas dos espaços podem mostrar realidades similares de um lugar para outro, mas através do prisma da apropriação pública, os elementos e fenômenos são diferenciados.

Trata-se de buscar mais profundidade e empatia na maneira de olhar, perceber, compreender, comunicar: dar voz aos territórios, à maneira como eles são, à maneira como são ditos, à maneira como são relatados. Através da observação e da escuta atenta, é possível extrair informações relevantes e propor situações que fazem sentido e que, além disso, podem incentivar os habitantes a repensar o projeto ou, em apropriação, a transformar o espaço.

O exercício de aumentar a capacidade de compreender e explicar como cada território “fala”, através de seus sentidos e vozes, nos faz afirmar a prática do especialista, no caso o arquiteto, como um tradutor de desejos.

Utilizamos imagens capturadas durante o trabalho de campo em cidades latino-americanas, em particular na Cidade do México e São Paulo, Brasil, focalizando o uso da rua

e procurando narrativas construídas na dissociação entre nomeação, uso proposto, materialidade e apropriação real.

Também fornecemos alguns exemplos de apropriação de espaços públicos em Lyon, construindo uma crítica entre o papel do profissional de planejamento urbano, o espaço construído e os desejos de uso e apropriação por parte da população local de usuários.

No centro deste questionamento está a preocupação de criar novas visões, novas traduções e um diálogo intenso e diversificado entre planejador urbano e cidadão, a fim de legitimar os processos de participação e escolha nos diferentes desejos da cidade.

A prática da arquitetura crítica requer a apreensão de lugares, e uma interação construtiva sobre essas apreensões. É importante que a interpretação - e com ela a capacidade de ouvir, de se colocar no lugar do outro e de compreender o que cada situação levanta - adquira um "peso maior" para gerar reflexões críticas que enriqueçam a discussão e se desenvolvam mais no campo das idéias e das ações do que no dos legados individuais.

## 2. Escalas, interações e a construção da cultura urbana

Pesquisar realidades urbanas sob a ótica das apropriações públicas dos sistemas de espaços livres está relacionado ao exercício da pesquisa como transgressão, tensionando as culturas, as estruturas socioeconômicas, as forças históricas e, sobretudo, os processos de transformação das configurações espaciais. Tal complexidade demanda a compreensão do espaço urbano a partir de diferentes escalas de aproximação. Ou seja, a leitura é interescalar justamente porque o território é multiescalar. Partindo desse princípio é possível propor aprofundamentos, aproximações e também, dialeticamente, o exercício contrário, que é o distanciamento, a leitura do contexto. Entende-se que mesmo ações ordinárias do cotidiano se dão dentro de um contexto multiescalar[1].

A interescalaridade constrói em determinados fenômenos um protagonismo maior de uma escala ou de outra, mas na totalidade espacial, todas as inter-relações escalares representam o reconhecimento das realidades do lugar. No estudo das apropriações públicas cotidianas, o mergulho no lugar e suas interpretações comumente buscam compreender a relevância da escala local para, a partir dela, compreender a cidade. Esse processo, que é de certa maneira, educativo e pedagógico, contribui para a construção de uma cultura urbana.

A cultura urbana apresenta alto potencial transformador porque, através dela, o conhecimento sobre a cidade é trocado e dividido. Os bens materiais e imateriais relativos à memória e afetividade com o território são incorporados e, com isso, se efetiva gradativamente o empoderamento, a construção crítica da cidadania. A cultura urbana, então, promove a consciência social e convoca a cidadania para assumir coletivamente as capacidades de governança dos territórios. Assim, o interesse na escala local, sem perder de vista a multiescalaridade, pode contribuir para o fortalecimento dos interesses locais que são determinantes para a qualificação dos territórios, para a implementação de soluções mais integrais e eficientes e, sobretudo, para uma visão futura e mais justa da cidade. A justiça

[1] Milton Santos ressalta que o lugar deve ser compreendido levando-se em conta a totalidade do processo, e a realidade global também precisa ser entendida através das diferenças regionais (SANTOS, 1978).

espacial[2] trata precisamente de acreditar na força do espaço, na força da cidade como formadora e transformadora de sociedades, como fonte de produção de uma nova política, de um novo olhar crítico sobre o mundo.

## 3. Práticas de campo: o mergulho no lugar

Estar na cidade é ter uma posição. O lugar exerce influência, ou seja, afeta o corpo e, por sua vez, condiciona a nossa maneira de pensar, ser e falar. Por conta disso, o processo de interpretação e apreensão do cotidiano pelas práticas sociais nos espaços livres é mais completo no encontro com os territórios. A ideia consolidada que exalta o "torna-se um estrangeiro" ao pesquisar determinado lugar se contrasta com o que naturalmente se faz justamente nos cotidianos pessoais: quando pessoas se encontram pela primeira vez, buscam se conhecer, chegar mais perto, entender seus pontos de vista para se ter uma visão mais objetiva e completa do outro.

O reconhecimento do lugar, não como objeto de estudo, mas como lugar de enunciação, sensibiliza e transforma os conceitos prévios. Acumular experiências no território transforma a visão de mundo e complementam a leitura derivada do conhecimento próprio do lugar[3]. Além disso, possibilita uma abertura para o descobrimento de outros saberes e outras competências que podem ser articuladas, ou mesmo contrastadas por oposição. Assim, as percepções, sensações e afetos vividos no encontro com o território se confrontam com fundamentos teóricos que vêm de campos de estudos distintos e podem resultar em processos críticos e produção de conhecimento colaborativo.

Defende-se a inserção horizontal do pesquisador nos encontros diários, sem hierarquias pré-determinadas, já que todos nós fazemos parte do cotidiano, como mais um entre muitos membros da sociedade, que busca agir para melhorias, assim como fazem muitos outros. Tal inserção ordinária e corriqueira, aberta às possibilidades da convivência diária, é diferente daquela do especialista e do observador imparcial[4]. Ainda assim, estar em campo não é necessariamente garantia de êxito. Mais além de estar presente, a capacidade de observação e escuta é fundamental para desenvolver e abrir novas janelas. Através da observação e escuta atentas é possível extrair informações pertinentes e propor situações que tenham sentido e, mais além, que possam provocar as pessoas do lugar a redesenhar o desenho, ou na apropriação, a transformar o espaço.

---

[2] O espaço é um componente da sociedade e o modo como as pessoas se relacionam com os espaços de suas vidas produz mais justiça ou menos. Isto não é indiferente para a vida de cada um. Assim como elementos do cotidiano não são banais e podem mudar o curso da história. Sobre o conceito de "justiça espacial", ver: LÉVY, J. Le Tournant Géographique: Penser l' espace pour lire le monde (A Virada Geográfica: pensar o espaço para ler o mundo). Paris: Belin, 1999.

[3] O pesquisador não apenas apreende o significado do arranjo do nativo, mas ao perceber esse significado e conseguir descrevê-lo agora nos seus termos (dele, analista), é capaz de atestar sua lógica e incorporá-la de acordo com os padrões de seu próprio aparato intelectual e até mesmo de seu sistema de valores. (MAGNANI, 2002).

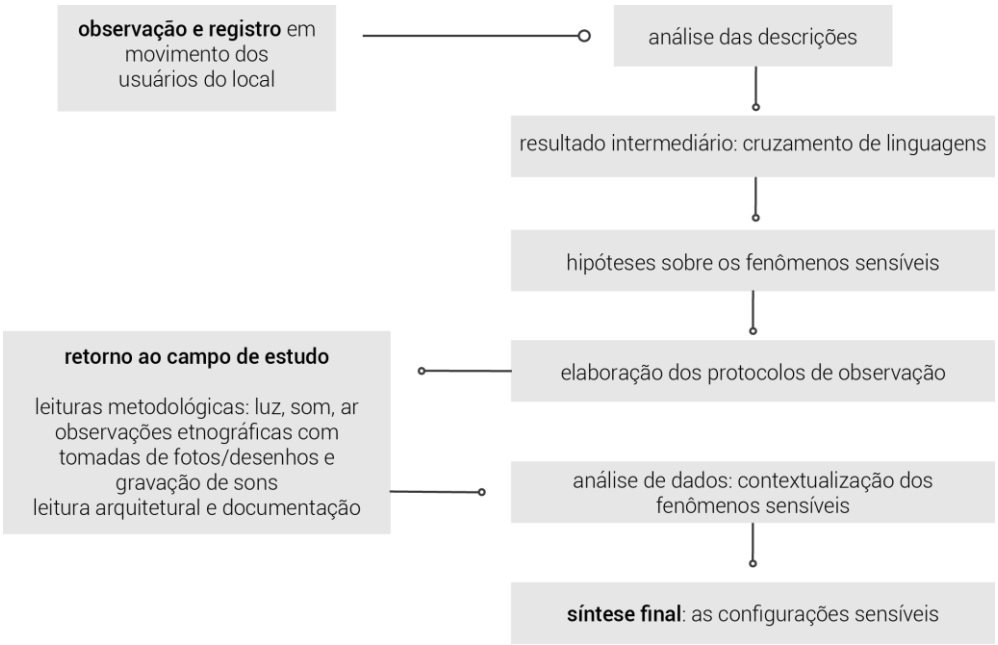
[4] Ver SPINK, P. K. O pesquisador conversador no cotidiano. Psicol. Soc. [online], vol.20, n.spe, 2008.

**Figuras 01 e 02: Apropriações públicas de espaços livres em territórios periféricos latino-americanos.**

Fonte: Isabela Lemos, 2021.

A seguir veremos um exemplo de metodologia de registro de percepção em trabalho de campo, onde vários pesquisadores fazem um processo de registros, em um primeiro momento em movimento, identificando fenômenos sensíveis e suas hipóteses de contexto (dinâmicas, barreiras, pontos de atração e repulsa), passando para a elaboração de um protocolo de registros mais apurados (desenhos, contagens, aplicação de questionários, captação de sons e imagens), para daí passar para a elaboração de análises e síntese. É um tipo de elaboração cujo processo de trabalho permite graus diferentes de interações entre técnicos e população, além de formas variadas de leituras e aproximações. Também permite revisões e atualizações, sendo o processo em si mais rico que a própria síntese ou resultado. Por outro lado, requer ou equipe grande ou muitas idas a campo para um registro mais variado e detalhado, tendo limitações de abrangência territorial.

**Figura 03. Esquema de registro de percepção em trabalho de campo, Thibaud (2008)**




Fonte: THIBAUD, 2008, p 83 *apud* STRAUS, E. *Du sens de sens*, Grenoble, Jérome Millon, 1989; MERLEAU-PONTY, M. *Le visible et l'invisible*, Paris, Gallimard, 1964; GIBSON, J. J. *The ecological approach to visual perception*, Londres, Lawrence Erlbaum Associates, 1986; ARENDT, H. *Condition de l'homme moderne*. Paris, Calmann-Lévy, 1961; SCHUTZ, A. *Le chercheur et le quotidien*, Paris, Méridiens-Klincksieck, 1987. Tradução nossa.

Outra abordagem do assunto foi realizada por um grupo de autores franceses que se dedicaram à classificação dos tipos de estudos da percepção e avaliação da paisagem. Estabeleceram três tipos de paradigmas de acordo com o perfil dos participantes, sujeitos, tipo de avaliação, objeto, método, propriedades da paisagem e fontes de dados. Os três diferentes paradigmas estão relacionados a três diferentes práticas no estudo da percepção da paisagem, desde o mais tecnicista e "distante" ao mais aberto e envolvido em facilitar a autonomia dos usuários locais. O primeiro paradigma estabelecido é o "especialista", comumente conhecido nas administrações públicas ou na pesquisa tradicional mais tecnicista. O segundo é o paradigma experimental, que mescla o olhar profissional ao público pesquisado, o sujeito; e o terceiro, experimental, é pautado em atividades e discussões consensuadas e vivenciadas essencialmente pelo público. Percepções e demandas comuns. Tal classificação também estimula a reflexão sobre a prática profissional que acredita-se que deva estar direcionada para o ganho de autonomia coletiva e para a expansão do imaginário sobre a diversidade de possibilidades de criação e transformação dos espaços de vida. À medida que as vivências e interações vão acontecendo, se fortalecem os interesses locais e capacidades de governança nos territórios.

**Tabela 1. Caraterísticas dos estudos da percepção e de avaliação do meio ambiente**

| | **Paradigma especialista** | **Paradigma experimental** | | **Paradigma experiencial** |
|---|---|---|---|---|
| | | Tendência psicofísica | Tendência cognitiva | |
| **Participantes** | profissionais | Profissionais e público | | Público |
| **Sujeitos** | observador treinado | observador que responde | observador participante | observador iniciante |
| **Tipo de avaliação** | medidas | preferências | | consensos |
| **Objeto principal** | meio | sujeito | | interação sujeito/meio |
| **Método** | reducionismo | holismo | | sistêmico e complexo |
| **Propriedades da paisagem** | princípios artísticos, ecológicos e de planejamento | Propriedades socioculturais (idade, gênero, origem, profissão, nacionalidade) | | experiência cotidiana (familiaridade, sociabilidade) |
| | | qualidades estéticas características específicas da paisagem | dimensões cognitivas (atratividade, familiaridade, coerência, legibilidade, complexidade, mistério...) | |
| **Fontes de dados** | análise estrutural | questionário local, fotos e vídeos | | atividades, fotografia auto-dirigida, material literário e artístico |

Fonte: (LE LAY *et al*, 2005, p 3); tradução nossa.

### 3.1 Exercício em quatro praças da cidade de Lyon, França

O exemplo a seguir se configura na aplicação do paradigma experimental em quatro praças da cidade de Lyon entre agosto de 2018 e maio de 2019, buscando uma qualificação composta pela análise das transformações históricas de suas materialidades, dinâmicas de uso e perfil de usuários. Para tanto foram pesquisados documentos de iconografia, registros de datação de transformações nos edifícios, análise do sistema de transporte público, atividade de fachadas, ambiência urbana, contagens de pedestres e tráfego de veículos motorizados e não motorizados, além de registro de faixa etária e identificação de gênero. Este levantamento se apropriou de técnicas de urbanismo tático como praticado pela SP Urbanismo no Programa Centro Aberto, a estadunidense NACTO/CGDI e a dinamarquesa Gehl Architects, além de propor registros de percepção de ambiência, tanto quanto a sua materialidade, como das relações sociais estabelecidas nestes lugares. Os locais foram selecionados com a colaboração do professor Bernard Gauthier, da Universidade de Lyon, e tiveram como premissa serem centralidades representativas de sociabilidade e mobilidade em diferentes escalas. Assim, foram selecionadas duas praças no centro comercial e turístico, Cordeliers e Jacobins, entre rios, uma outra na principal saída desse centro para sudeste, Gabriel Péri, (setor de maior expansão urbana em ocupação de território), e a última na centralidade que marca a saída de Lyon em direção a Paris, Valmy.

**Figura 04. Praças estudadas de Lyon.**

Fonte: Katia Canova, 2018 e 2019.

Após o exercício de definição dos perímetros pela percepção de ambiência foram realizados os levantamentos de contagens de pessoas e veículos, classificação das fachadas quanto ao grau de atividade e aplicação de foto-questionário online para obtenção de dados, que, segundo o Método de Análise Hierárquica (AHP – Analytic Hierarchy Process), desenvolvido pelo matemático Thomas Saaty (1991), permite fazer a ponderação entre as classes dos indicadores, e entre os indicadores, em sequência de comparações por pares,

possibilitando o uso de variáveis numéricas estatísticas associadas a dados resultantes de análise qualitativa. É um método decorrente do funcionamento natural da mente humana, que agrupa situações e estabelece hierarquias entre os grupos, identificando prioridades. A partir dessa ponderação dos dados obtidos pudemos classificar as quatros praças segundo sua urbanidade, baseadas em percepção, ativação e uso dos espaços.

Nos casos aqui apresentados observamos o melhor resultado na Place Valmy, uma centralidade periférica rica em usos e atividades para faixas etárias variadas, seguida da Gabriel Péri, uma centralidade pulsante com importante polo intermodal de transporte, além de concentração de comunidades imigrantes. Em terceiro lugar ficou a Place des Jacobins, centralidade turística recém transformada para o uso de pedestres, porém com pouco mobiliário de permanência e ativações para as crianças da escola local. Por último observamos a Place des Cordeliers, centralidade descaracterizada como praça, local de passagem de veículos motorizados e pouco ativada ou convidativa.

## 4. A importância da interpretação

Diante da força e diversidade de interações sociais que existem nos espaços livres públicos, e a crescente necessidade de compreender as complexidades e as tensões em seus usos, resulta importante suscitar leituras mais sensíveis, empáticas e sistêmicas da cidade. Neste sentido, o estudo das apropriações públicas nos desafia a buscar interpretações mais profundas e dinâmicas, dado que nos espaços livres públicos os hábitos, as negociações, as disputas e os conflitos mudam rapidamente. Muitas vezes as estruturas físicas dos espaços podem mostrar realidades similares entre um lugar e outro, mas através da lente da apropriação pública os elementos e fenômenos se diferenciam. Sendo assim, como estimular a alteridade para ler e entender as apropriações nos diferentes contextos da cidade? Como pensar e fortalecer nossa capacidade de interpretação e atuação nos territórios?

Podemos refletir sobre as etapas que envolvem o estudo das apropriações públicas: (i) identificação, (ii) interpretação, e (iii) representação. Em um primeiro momento, as apropriações são práticas socioespaciais comuns, banais. Todas as pessoas são capazes de descrevê-las, já que todas elas realizam essas práticas, como parte de seu cotidiano. Entretanto, por conta de seu dinamismo e de suas diferentes temporalidades, sua representação é complexa e, ao mesmo tempo, fundamental como ferramenta e insumo para proposições projetuais e políticas públicas.

Mesmo o "ato da identificação" está atrelado a uma percepção pessoal. Os elementos que cada um distingue em determinado território podem ser diferentes, por conta das diferentes relações construídas a partir das experiências próprias. Reconhecemos o mundo a partir das nossas referências de vida e isso nos faz eleger alguns temas ou elementos daquele lugar e não eleger outros. E esta escolha carrega um juízo que valoriza certos aspectos e outros não - ou seja, ainda que não de forma científica (no sentido mais estreito do que se concebe como ciência), a identificação ocorre através da lente pessoal de cada um, que vai lançar com mais força algumas questões que outras. O sentido da identificação do território apresenta os “pré-conceitos” que se carregam aqui e lá, porém possibilita a criação de campos de interação construtiva: percebemos coisas diferentes e partilhamos horizontalmente tais diferenças para uma compreensão mais aproximada da realidade se estivermos abertos para sermos surpreendidos.

Na etapa da representação, apesar de existirem exemplos interessantes[5], os métodos de análise, mapeamento e representação gráfica de apropriação de espaços livres públicos foram pouco explorados, são ainda limitados na abrangência e, por vezes, pouco expressivos, principalmente no campo da Arquitetura e Urbanismo. Acredita-se que isso aconteça, não por falta de competência técnica dos profissionais, mas talvez porque busca-se um método único e "miraculoso" para ser replicado em todo e qualquer espaço. Contudo, se a apropriação pública é singular de cada lugar, de cada grupo de pessoas, de cada cultura, então como um "método modelo" poderia ser pertinente em todos os territórios? Não é o caso de ir armado de categorias ou técnicas pré-definidas e aplicá-las, mas de perceber o que o lugar tem a dizer, quais são as lógicas e conceitos locais, como são as relações entre aqueles grupos sociais, [...] e só então propor elementos e fenômenos que fazem sentido de serem revelados com base nessa leitura[6].

É justamente neste esforço que está a importância da interpretação: se colocar no lugar do outro e compreender a lógica desde o ponto de vista do outro pode ser um caminho para o pensamento com ousadia de transitar em outros contextos. Compreender os territórios exige esforços que vão além de categorias técnicas de análise quantitativa ou qualitativa. Se faz necessário INTERPRETAR essas realidades socioespaciais de maneira aberta, livre de preconceitos e principalmente, que abarque as respectivas complexidades locais. Trata-se de buscar mais profundidade e empatia sobre a maneira de olhar, de perceber, de compreender, de comunicar: dar voz aos territórios, a como eles são, como eles se contam, como se relatam. Pensar nesse "caminho do meio", que é a interpretação, como o coração do processo. Esse exercício de potencializar a capacidade de entender e explicar como fala cada território, através dos seus sentidos e suas vozes, nos faz assentir a prática do arquiteto como tradutor de desejos[7].

**Figuras 05 e 06: Apropriações públicas de espaços livres em territórios periféricos latino-americanos.**

Fonte: Isabela Lemos, 2021.

[5] Alguns instrumentos de abordagem experiencial podem contribuir para o significado e compreensão do lugar tais como a *walkthrough*, mapa comportamental, mapeamento cognitivo, entre outros. Ainda assim, são técnicas que, quando definidas de antemão, podem limitar a percepção do lugar e impedir que o pesquisador veja elementos e fenômenos que vão além daquele conteúdo.

[6] Nesse sentido, Lucrécia Ferrara (1993) questiona "de que maneira criar um método que não se imponha ao espaço ambiental a ponto de oferecer, no próprio método, os pressupostos a serem desenvolvidos na leitura e à medida que o leitor apreende o espaço e com ele se identifica?".

[7] A ideia do "técnico como tradutor" foi apresentada oralmente por Michel Lussault em palestra durante o evento "Chôros 36h", promovido pelo laboratório de pesquisa Chôros, na École Polytechnique Fédérale de Bruxelles em 2020.

### 4.1 Materialidade, sociabilidade e sensibilidade

A partir disso, é possível discutir certos aspectos inerentes à relação entre materialidade, sociabilidade e sensibilidade propostos por Sandra Pesavento. No caso dos territórios perifericos latinoamericanos estudados, a falta de limites físicos claros entre o espaço privado e o espaço público da rua e também a coexistência em tecidos urbanos densos promove algumas relações que são intensificadas. A forte convivência entre os moradores gera conflitos, mas também gera sociabilidade e vitalidade urbana. As interações sociais, as “dinâmicas de vizinhança", a cooperação se desenvolvem, mesmo que por necessidade, e comumente revelam atitudes criativas nas espacialidades do cotidiano.

Por outro lado, na cidade de Lyon, apesar de algumas das praças estudadas apresentarem desenhos sofisticados, elas não suscitam a interação social. Não há ativação cultural e são poucos os atrativos de permanência. Outras praças tiveram suas funções transformadas e descaracterizadas ao longo do tempo e, consequentemente houve um esvaziamento da pracialidade. Novos eixos de mobilidade motorizada foram priorizados e passagens para pedestres passaram a ser arriscadas tornando-as lugares fracos do ponto de vista da interação social.

Portanto, restringir-se somente à materialidade não é o suficiente para interpretar realidades urbanas e compreender os sentidos que cada lugar carrega. Se de fato interessa entender tais complexidades, como fazer para interpretar melhor os diferentes modos de vida nos espaços?

**Figuras 07 e 08: relação da materialidade e da sociabilidade sobre os usos dos espaço**

Jardim Ângela: Limites tênues entre o espaço privado e a rua - forte convivência

Place Gabriel Péri: A materialidade como "barreira visual" de uma comunidade de imigrantes, com apelo estético e em local de referência histórica

Jardim Ângela - São Paulo. Lemos, I. 2019
Place Gabriel Péri/Guillotière - Lyon. Canova, K. 2019

**Figuras 09 e 10: relação da materialidade e da sensibilidade sobre os usos dos espaços**

Jardim Ângela: a rua e a calçada como espaços de convivência e acolhimento

Place des Cordeliers: a rua e a calçada como lugares de passagem e de serviços urbanos (acesso ao metrô, ponto de taxi, caminho para a ponte).

Jardim Ângela - São Paulo. Lemos, I. 2020

Place des Cordeliers - Lyon. Canova, K. 2018

## 5. Uma perspectiva crítica sobre o papel do/a arquiteto/a

A interpretação traz consigo a subjetividade por ela ser feita pelo sujeito individual, ou coletivo. Isso faz com que a mesma ferramenta construa resultados diferentes, dependendo dos intérpretes dos sujeitos. Entretanto, mesmo esse sujeito-indivíduo é sua individualidade, e é também sua coletividade. Coletivo porque existe cultura, e ela é responsável pelos múltiplos papéis de cada sujeito individual. A individualidade não apaga o fato de sermos sujeitos coletivos - que vêm de certos lugares, que adquirem certos saberes, que participam de certos grupos sociais. Quando somos conscientes da nossa coletividade presente na realidade cotidiana, colocamos em prática habilidades sociais de comunicação, alteridade e humanidade. Assim, subjetividade e empatia se complementam. Se elas são articuladas e cultivadas, saberes próprios poderão ser trocados para além das diferenças culturais, na busca por construir alternativas coletivamente.

No caso, a arquitetura e urbanismo como formação pode estimular esse sujeito arquiteto (individual e coletivo), com toda subjetividade e empatia em suas interpretações, a encontrar novas possibilidades em cada esquina, a olhar para as coisas e ver as possibilidades daquilo ser diferente e imaginar outras formas de relacionar pessoas e lugares. Ao mesmo tempo, a imersão nos territórios, fundamental nos estudos de apropriação pública, também aponta para um olhar crítico sobre o ofício do arquiteto: a constatação de que, em geral, a Arquitetura que se ensina está bem distante da cidade que se pratica. Atravessar desde a (i) identificação para a (iii) representação (ou até proposição) reduz a complexidade das análises urbanas e, consequentemente, limita as possibilidades de pensar em projetos de transformação territorial e superação da desigualdade. A prática de uma arquitetura crítica demanda a apreensão dos lugares, e uma interação construtiva acerca dessas apreensões. Importante que aquele "caminho do meio", que é a (ii) interpretação - e, com ela, a capacidade de escuta, de se colocar no lugar do outro e perceber o que cada situação te suscita – ganhe “maior peso” no sentido de gerar reflexões críticas que enriqueçam a discussão, e se desenvolvam mais no âmbito das ideias e ações do que no âmbito dos legados individuais.

Apesar de falarmos o mesmo idioma e estarmos sob o mesmo sistema métrico decimal, todos temos valores diferentes e competências próprias, sejam elas provenientes do meio acadêmico ou não. Aprender com os territórios, estudar, conhecer, pesquisar as diferentes realidades urbanas, as maneiras de se apropriar publicamente dos espaços livres é um interesse para não projetar tão mal. Projetos propostos a partir da alienação dos estúdios de arquitetura

comumente apresentam problemas de diversas naturezas – desde a impossibilidade de implantação até a falta de manutenção – estando fadados ao fracasso. Por outro lado, muitas obras "toscas", feitas com as próprias mãos e derivadas de um conhecimento que não vem da vangloriada leitura moderna, estão muito melhor contextualizadas ao lugar e fazem sentido.

Isto não é um questionamento sobre a importância do papel dos arquitetos na configuração da cidade, e sim uma convicção na ecologia dos saberes[8] como um caminho para o arquiteto contribuir para a arquitetura popular[9]. Trata-se de entender a multiplicidade de vivências que existem em nossa sociedade e suportar essa diversidade. A partir do reconhecimento e articulação entre os diferentes saberes, buscar ler melhor os lugares, e portanto, por interação, trabalhar melhor nos lugares. Desenvolver o conhecimento aberto que passa pela compreensão dos diversos habitus[10], avançar para o aprender com os territórios e construir juntos.

**Figuras 11 e 12: Apropriações públicas de espaços livres em territórios periféricos latino-americanos.**

Fonte: Isabela Lemos, 2020.

8 "O colonialismo, para além de todas as dominações por que é conhecido, foi também uma dominação epistemológica, uma relação extremamente desigual de saber-poder que conduziu à supressão de muitas formas de saber próprias dos povos e/ou nações colonizados. As epistemologias do Sul são o conjunto de intervenções epistemológicas que denunciam essa supressão, valorizam os saberes que resistiram com êxito e investigam as condições de um diálogo horizontal entre conhecimentos. A esse diálogo entre saberes chamamos *ecologias de saberes* (SANTOS, 2009).

9 "Popular" no sentido de que pertence ao povo, de empoderamento; o que não quer dizer autoconstrução, ainda que com ela possa dialogar e aprender também.

10 *Habitus* é um conceito definido pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu e se refere a um sistema de disposições incorporadas e de tendências que organizam as formas pelas quais os indivíduos percebem o mundo social ao seu redor e reagem a ele. Essas disposições geralmente são compartilhadas por pessoas de um mesmo grupo à medida que o *habitus* é adquirido através de *mimesis*, constituída na prática e sempre orientada para funções e ações do agir cotidiano. *Habitus* é, portanto, "um sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona a cada momento como uma matriz de percepções, de apreciações e de ações - e torna possível a realização de tarefas infinitamente diferenciadas, graças às transferências analógicas de esquemas" (BOURDIEU, 2003).

## 6. Conclusão

Medir qualidade urbana pressupõe uma discussão complexa entre variáveis de diversas naturezas. Como arquitetos, temos muita familiaridade na obtenção e tratamento de dados materiais, porém dados de sociabilidade e sensibilidade/percepção são grandes desafios de "olhar", "escutar" e "traduzir" quando existe a necessidade de quantificar e ponderar situações para uma análise comparativa ou para subsídios a decisões administrativas.

Nas aproximações metodológicas e exercícios aqui apresentados fica claro que a escala de análise possibilita olhares e abordagens distintas, sendo que na escala local existe uma maior flexibilidade e potencial criativo de modos de aproximação e captura dos desejos e práticas de sociabilidade. Também observamos que as práticas de convivialidade são elementos-chave de qualificação dos ambientes urbanos. Com isso percebemos que não são as materialidades mais elaboradas ou de maior importância de investimentos financeiros que determinam uma urbanidade mais qualificada.

Na discussão da participação social no processo de decisão sobre o planejamento urbano democrático fica cada vez mais urgente o estudo e proposição de novas formas de aproximação entre técnicos e população, além de, e para, a qualificação da governança. A interescalaridade associada à interdisciplinaridade afirma a necessidade de reforço dos processos. Além disso, a mudança do paradigma do planejamento urbano proposta na Nova Agenda Urbana da ONU-Habitat, de 2016, coloca o cidadão no centro das discussões, como principal agente de definições de demandas, como escala principal de referência e como beneficiário máximo das ações.

Nessa lógica, fica evidente que as dinâmicas cotidianas e o processo de construção de sociabilidade afetiva, de pertencimento e valorização cultural são ou devem ser as pautas essenciais do trabalho técnico. A qualificação e diversificação de processos participativos é matéria urgente e central do urbanismo contemporâneo.

## 7. Bibliografia


- BOURDIEU, P, 2003, **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. Campinas: Papirus.
- CANOVA, K., 2020, **Urbanidade e Justiça Espacial na Cidade de São Paulo: Metodologia de Análise e Subsídio para a Tomada de Decisão no Planejamento Urbano**. 325 f. Tese (Doutorado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- FERRARA, L. D., 1993, **Leitura sem palavras**. São Paulo: Atica.
- LE LAY, YF; PIEGAY, H; COSSIN, M., 2005, **Les enquêtes de perception paysagère à l'aide de photographies - Choix méthodologiques et exemples en milieu fluvial**. Besançon, França, Septièmes Rencontres de Théo Quant, janeiro 2005. Disponível em: http://thema.univ-fcomte.fr/theoq/pdf/2005/TQ2005%20ARTICLE%2025.pdf. Acesso em 07/10/2019.
- LEMOS, I. S., 2020, **Apropriações públicas de Sistemas de Espaços Livres em *Latinoamérica:* um olhar sobre o cotidiano nas periferias de grandes metrópoles**. 363p. Memorial de Qualificação (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- LÉVY, J., 1999, **Le Tournant Géographique: Penser l' espace pour lire le monde** (A Virada Geográfica: pensar o espaço para ler o mundo). Paris: Belin.
- MAGNANI, J., 2002, "De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana". **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol. 17, n. 49.
- PESAVENTO, S. J., 2007, **Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias**. Rev. Bras. Hist., São Paulo , v. 27, n. 53, p. 11-23, June 2007 . Available from: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882007000100002&lng=en&nrm=iso>. access on 16 Sept. 2019. http://dx.doi.org/10.1590/S0102-01882007000100002.
- QUEIROGA, E. F., 2001, **A megalópole e a praça: o espaço entre a razão de dominação e a razão comunicativa.** Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- SANTOS, B.S.; MENESES, M.P. (Orgs.), 2009, **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Edições Almedina.
- SANTOS, M., 1978, **O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos**. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- SPINK, P. K., 2008, **O pesquisador conversador no cotidiano**. Psicol. Soc. [online], vol.20, n.spe.
- THIBAUD, JP., 2008, La méthode des parcours commentés. *In*: GROSJEAN, Michèle; THIBAUD, Jean-Paul (Orgs.). **L'espace urbain en méthodes**. 2ª ed. Marseille, Parenthèses, 2008, p 79-99

O desenho de espaços públicos e sua apropriação na cidade-jardim: um manifesto retroativo

**La conception des espaces publics et leur appropriation dans la cité-jardin: un manifeste rétroactif**

**Mirandulina AZEVEDO**

*Doutor, Universidade Federal do Mato Grosso do Sul,*

*Instituto de Arquitetura e Urbanismo,*

*YBY – Grupo de Estudos Fundiários, Políticas Urbanas,*

*Produção do espaço e da Paisagem.*

O desenho de espaços públicos e sua apropriação na cidade-jardim: um manifesto retroativo

A crise do espaço público pode ser pensada também a partir de uma revisão que considere a dimensão cultural do problema e a cidade como um todo. Nesse sentido vale rever o debate gerado pela ação da Sociedade dos Urbanistas Belgas por meio da revista *La Cité*: *urbanisme, architecture, art public* (1919-1935) que deu visibilidade e legitimação social a variedade de experiência da cidade-jardim que a cada país assumia feição diferenciada. A revisão do tema mostra que essa experiência foi campo privilegiado de ação pública. A maioria dos projetos eram focados em desenho urbano sensível à paisagem, na relação de aproximação de espaços públicos e privados, na leitura dos hábitos e práticas de apropriação locais. A experiência múltipla da cidade-jardim pode ser vista como um manifesto retroativo no sentido de abrir diálogo às metáforas urbanas do passado para melhor pensar a cidade contemporânea. Não podemos esquecer que foi justamente num momento de perigo que tal experiência foi imaginada e criada como uma resposta baseada no entendimento de que é no plano da cidade que a política é feita.

palavras-chave: espaço público, paisagem, apropriação.

La conception des espaces publics et leur appropriation dans la cité-jardin: un manifeste rétroactif

La crise de l'espace public peut être pensée à partir d'un état des lieux qui considère la dimension culturelle du problème. Il faut revoir le débat suscité par l'action de la Société des Urbanistes belges à travers la revue La Cité: urbanisme, architecture, art public (1919-1935), qui a donné une visibilité et une légitimité sociale à la variété des expériences de la cité-jardin. L'examen montre que cette expérience a été un terrain privilégié de l'action publique. Les projets se sont concentrés sur l'urbanisme sensible au paysage, sur la relation de rapprochement des espaces publics et privés, sur la lecture des habitudes et pratiques locales d'appropriation. L'expérience de la cité-jardin peut être vue comme un manifeste rétroactif au sens d'ouvrir un dialogue sur les métaphores du passé pour mieux penser la ville contemporaine. On ne peut oublier que c'est précisément dans un moment de danger qu'une telle expérience a été créée comme une réponse fondée sur la compréhension que c'est au niveau de la ville que se fait la politique.

Mots-clés: espace public, paysage, appropriation.

The design of public spaces and their appropriation in the garden city: a retroactive manifesto

The crisis in the public space can also be thought of based on a review that considers the cultural dimension of the problem and the city as a whole. In this sense, it is worth reviewing the debate generated by the action of the Society of Belgian Urbanists through the magazine La Cité: urbanisme, architecture, art public (1919-1935), which gave visibility and social legitimacy to the variety of experience of the garden city in each country. it took on a differentiated feature. The review of the theme shows that this experience was a privileged field of public action. Most of the projects were focused on landscape-sensitive urban design, on the relationship of approximation of public and private spaces, on the reading of local appropriation habits and practices. The multiple experience of the garden city can be seen as a retroactive manifesto in the sense of opening a dialogue to the urban metaphors of the past in order to better think about the contemporary city. We cannot forget that it was precisely in a moment of danger that such an experience was imagined and created as a response based on the understanding that it is at the level of the city that policy is made.

Keywords: public space, landscape, appropriation.

**O desenho de espaços públicos e sua apropriação na cidade-jardim: um manifesto retroativo**

## 1.Introdução

O diagnóstico de Habermas acerca da relação esfera pública e privada não se esgota na famosa frase da 'privacidade sob holofotes. O autor explicitamente reconhece que o grande problema é que a vida urbana não é mais vista como se fosse pública. "No momento, a problemática social da metrópole moderna não consiste tanto no fato de ter perdido marcos essenciais da vida urbana. A correlação entre esfera pública e esfera privada está perturbada. Ela não está perturbada porque o homem metropolitano é *per si* um homem de massa e, por isso, não tem mais senso para o cultivo da esfera privada, mas porque não lhe é mais possível ter uma visão global da vida cada vez mais complicada de toda a cidade de um modo que ela seja pública" (Habermas, 1984).

Entendemos que a crise do espaço público contemporâneo pode ser pensada também a partir de uma revisão que considere a dimensão cultural do problema e a cidade como um todo. A experiência da cidade-jardim, considerada "a última utopia e o primeiro modelo disciplinar da intervenção urbana à escala do território" (Tafuri 2012), suscita, no mínimo, um reexame à luz das questões contemporâneas dos usos dos espaços públicos, seja pela amplitude do tema e do debate à época, e do legado e da variedade de aplicações que, hoje, em parte, são consideradas patrimônio cultural. Não se trata de nostalgia, mas de avaliar experiências urbanísticas em que o espaço de vida não se restringia ao confinamento doméstico e o espaço público a isolamento. O objetivo do artigo é revisitar o tema da cidade-jardim tendo em vista a multiplicidade de experiências vividas em cada país, selecionando determinadas experiências de modo a observar em foco o desenho de seus espaços de uso público e privado, observando a relação com a paisagem local, hábitos de uso e práticas construtivas adotadas.

O artigo é um dos resultados da pesquisa de pós-doutorado intitulada "Urbanismo, preservação e reconstrução no entre guerras: a cidade (re)vista ", realizada no IAU-USP – Instituto de Arquitetura e Urbanismo sob supervisão de Tomás Moreira. A pesquisa tem como base o acervo da revista *La Cité: urbanisme, architecture, art public* (1919-1935), que fez parte do "ciclo de debates sobre urbanismo que se iniciou com o surgimento de diversos periódicos" (Sica ,1981). A revisão do tema mostra que essa experiência foi campo privilegiado de ação pública. A maioria dos projetos eram focados em desenho urbano sensível à paisagem, na relação de aproximação de espaços públicos e privados, na leitura dos hábitos e práticas de apropriação locais. Justificamos o subtítulo - um manifesto retroativo - no sentido de abrir diálogo às metáforas urbanas do passado, no caso, a experiência múltipla da cidade-jardim para melhor pensar a cidade contemporânea.

Como se sabe a expressão "manifesto retroativo" foi utilizada por Rem Koolhas em "Nova York Delirante" no sentido de com esta designação conceptual, aliar a força explosiva e disruptiva do manifesto para explicar a formação da cidade moderna, sem as formulações utópicas e heroicas da arquitetura consagradas pela crítica e pela história, mas valorizando a grande produção de edifícios emblemáticos dos construtores de Nova York, especialmente entre 1890 e 1940, em Manhattan (Koolhas, 2008). No nosso caso, o objeto de um 'manifesto retroativo' é a experiência política consubstanciada nos projetos de cidades-jardim, nos interessa exatamente a combinação bem-sucedida de utopia e realidade dessas experiências,

portanto bem distinta da celebração da livre iniciativa de Rem Koolhas, mas a ideia de reavaliar uma experiência urbanística significativa e fazer dela um manifesto é a mesma.

O referencial teórico adotado para a releitura do conceito de cidade-jardim e de suas aplicações está ancorado na tradição dos estudos culturais aberta por Raymond Williams. A produção intelectual a ser investigada é aquela resultante da ação de um grupo social específico – a dos arquitetos e urbanistas belgas organizada sob o nome de Sociedade dos Urbanistas Belgas (SUB).

O grupo SUB fez do periódico *La Cité* porta-voz da sua ação política, participação em debates internacionais, regionais e locais. "No século 20 houve um acentuado desenvolvimento de determinados tipos de formação cultural 'internacional' – ou, melhor, 'paranacional'" (Williams,1992). A guerra transformaria esta rede de estudos internacional em referência para o processo da reconstrução. O corpo técnico belga fazia parte de uma rede internacional constituída pelo Royal Institute of British Architects, o Town Planning Institute, l'International Garden Cities e o Town Planning Association Belga, empenhados em realizar conferências sobre a reconstrução da Bélgica. A divisa 'a reconstrução da Bélgica pelos belgas' implicaria na conversão do exemplo inglês em termos correspondentes à situação daquele país.

É importante frisar que as intervenções urbanísticas analisadas fazem parte de um conjunto de condições políticas e econômicas postas em marcha depois da primeira guerra. A Sociedade dos Urbanistas Belgas (SUB) teve papel de destaque na primeira conferência organizada em abril de 1920 em Bruxelas pela União das Cidades e Municípios Belgas. No evento, foram definidas as grandes linhas de ação da recém-criada Société Nationale des Habitations à Bon Marché. A empresa concedia empréstimos a taxas de juro baixas e reembolsáveis a longo prazo, de forma a permitir a construção de habitações a rendas muito moderadas.

O ato de revisão demanda não apenas ver com 'outros olhos' uma documentação consagrada e introduzir fontes menos conhecidas e sim retomá-la na intertextualidade, isto é, na conjunção com outros textos e conceitos da mesma época e de períodos anteriores.

## 2. Questões metodológicas: o texto é trans linguístico

No interesse de uma revisão do debate e das propostas do período encaminhou-se uma metodologia voltada para a análise mais ampla das práticas discursivas da época, discernindo recorrências, diferenças e contradições que permitem divisar nuances e recuperar aspectos pouco discutidos nas interpretações mais conhecidas. Em seu conjunto, escritos e desenhos, publicados na revista *La Cité*, são tomados por nós, nesta investigação em curso como práticas discursivas, conforme formulado por G.Teyssot.

"O discurso 'sobre' arquitetura, portanto, fornece material para uma chamada 'leitura'. A análise do discurso, da lógica que lhe é peculiar, deveria permitir-nos individualizar instrumentos conceptuais e 'práticas discursivas' que serviram para estruturar o processo de desenho num determinado momento. Mas o 'texto' não deve ser visto como apenas uma coleção de depoimentos a serem analisados em termos gramaticais ou sintáticos. Pelo contrário, o seu aspecto fundamental como 'discurso' é lógico e semântico. O objetivo da análise é revelar o universo a que se refere o discurso. Neste sentido, o texto foi definido como um instrumento 'trans linguístico'; relaciona-se com outros textos, tanto anteriores como sincrônicos de si. O texto 'produz' e incorpora esta produtividade como uma forma de produção e uma técnica. Funciona dentro de um dado espaço histórico que é ele próprio um espaço de textos (práticas discursivas, logo significativas, logo semióticas). A produtividade

do texto consiste na sua ‘intertextualidade’, oferecendo ‘um ponto de interseção para aquilo que foi dito noutros textos” (Teyssot, 2010).

### 2.1 A cidade-jardim e o melhoramento

O tema da cidade-jardim teve destaque na revista exatamente, como observou Tafuri, pelo seu duplo caráter de utopia e modelo de intervenção e que se ligam a antecedentes semânticos e lógicos. Não menos importante é o seu pertencimento a uma longa cadeia de consequências do vocábulo “melhoramento” que desde seus primórdios se inseriu em contextos de desejos de superação de condições materiais de vida.

“Em seus primeiros usos, referia-se a operações para proveito monetário, quando era muitas vezes equivalente a investir, e em especial a operações relacionadas à terra, frequentemente o cercamento de terras comuns ou de terrenos baldios. Do século 16 até o final do 18, o significado predominante foi o de operações lucrativas vinculadas à terra; no século 18, tornou-se uma palavra-chave de um capitalismo agrário modernizador. O sentido de ‘utilizar para fins lucrativos’ mantém-se em expressões que sobreviveram, como ‘melhorar a ocasião’ e ‘melhorar a hora’. O significado mais amplo de ‘tornar algo melhor’ desenvolveu-se a partir do século 17 e fixou-se, frequentemente, em superposição diretas no século 18” (Williams, 2007).

Do ponto de vista das cidades existentes “a noção de melhoramento passava a significar a constituição de um processo que permitiria que a estrutura herdada, pudesse atingir patamares mais altos de valorização, ao mesmo tempo em que concretizava o sentido do novo – a expansão em curso - que, a bem da verdade, era a mola propulsora do melhoramento” (Azevedo, 2016).

Em ternos de novas propostas a própria ideia dos ímãs de E.Howard é a ilustração do núcleo estruturador do argumento em defesa da cidade-jardim, não por acaso, em seu primeiro momento era baseada no investimento em propriedade da terra para o desenho de uma nova forma de desenho de cidade em que os recursos naturais seriam respeitados e valorizados, em outras palavras, a atualização dos investimentos e benfeitorias rentáveis do campo na cidade, uma notável contraposta à cidade liberal e seus problemas sanitários, estéticos e éticos.

O universo das cidades-jardins é, portanto, compreendido como projeto de um contexto de melhoramento de matriz urbana e sua ampla repercussão em todo mundo, muito se deve aos efeitos persuasivos dessa ideia em certos setores da sociedade. Desse modo a ideia pode assumir diferentes formas de acordo com o lugar e dialogar com contextos políticos, de financiamento e culturais específicos a partir da leitura de seus variados intérpretes, arquitetos e urbanistas. “Na Bélgica, a ideia de cidade jardim de Howard se deslocaria para a noção de *quartiers* de áreas residenciais com equipamentos na periferia das cidades (Fourcaut, 1999).

### 2.2 A leitura das cidades-jardim

Para a análise dos resultados que apresentamos a seguir como estudos de caso entendemos que “o conteúdo a analisar é duplo: como matéria-prima, há, por um lado, um discurso escrito sobre arquitetura em geral, um determinado edifício ou um certo programa. Por outro lado, somos primeiramente confrontados pelo desenho na forma de um instrumento de representação e depois disso, pelo próprio trabalho em toda a opacidade das suas formas, em suma, na sua realidade material.” (Teyssot, 2010).

Os escritos, sob a forma de artigo, reportagem ou de memorial forneceram dados sobre os projetos, seus objetivos, intenções, técnicas, programas e os desenhos sobre forma, estrutura, materiais e, principalmente, sobre as relações espaciais, percursos, inserções na

paisagem, tipologias, enquadramentos entre outras informações sobre corpo e uso dos ambientes.

Observou-se que as experiências em torno da ideia de cidade jardim no entre guerras apresentavam determinados atributos que lhe proporcionavam uma paisagem construída diversificada e dinâmica, fossem inseridas em ambientes mais afastados da trama urbana ou mais próximas a bairros consolidados.

A análise do desenho desses fragmentos urbanos, em que pese suas diferenças de lugar, de materiais e de escala revela um roteiro comum orientados por uma preocupação de qualificar limites de espaços de uso público e privado. Os atributos podem ser enumerados: primeiro. os modos de agrupamento das edificações são geradores de relações de transição; segundo, a variação de tipologias com configuração de um jogo dinâmico de diferenças na paisagem, com espaços que sobram; terceiro, equilíbrio entre áreas construídas e não edificadas com a presença de áreas de fundo relevantes; quarto, a sequência de jardim externo, piso de transição, calçada e rua; quinto, a atenção a detalhes construtivos e uso de materiais que podem ser tradicionais ou inovadores a depender dos objetivos e condições do empreendimento.

## 3. Estudos de caso

Foram selecionados 3 projetos: 1. Copenick, próximo a Berlim, do arquiteto O.Salvisberg; Stynen (1979) destacaria no ambiente belga os projetos de cidade-jardim de Van der Swalmen.2. a Cité Moderne em Berchem-Sainte-Agathe (Bruxelas) feita em colaboração com Louis Van der Swalmen e Victor Bourgeois, e 3. Le Logis Floreal de Van der Swalmen em colaboração com diversos arquitetos.

### 3.1. Copenick

As informações sobre esse projeto foram dadas pelo autor, o arquiteto O.Salvisberg a Fernando Bodson em visita a Alemanha, em 1921.

A descrição do arquiteto é precisa e poética, relata o traçado, a estrutura urbana e a paisagem, considerando a Figura 1., em tradução direta: “A cidade de Copenick fica no limite da ferrovia perto também está uma usina de gás. Algumas moitas de pinheiros, alguns carvalhos cresciam alegremente neste terreno plano. A estação ferroviária da Baixa Silésia fica nas proximidades. O plano publicado mostra apenas os primórdios da cidade; deve ter 400 moradias, apenas 120 são construídas. A *Dahlwitzerstrasse*, que dá acesso à estação, começa com um espaço livre, dedicado às árvores, existentes ou plantadas, de forma a tornar o acolhimento o que o caminho-de-ferro sempre proibiu. Esta rua principal muito curta, cujas calçadas correm ao longo de tiras de grama, leva a uma praça onde estão agrupados alguns edifícios de uso coletivo. É daqui que irradiam as artérias secundárias. A usina de gás é mascarada por uma rua norte-sul com um layout de barriga de peixe. Este é o efeito mais feliz. No triângulo, algumas casas são agrupadas para formar a *Cour aux Tilleuls* entre elas. Reparei na limpeza dos caminhos que se arrastam entre os jardins e os pequenos canos de esgoto do cruzamento, no cruzamento. Eu admirei especialmente o "senso de rua" que Salvisberg foi capaz de alcançar ao todo. Tudo está aglomerado e, no entanto, tudo está impregnado de ar puro!” (Bodson, 1925).

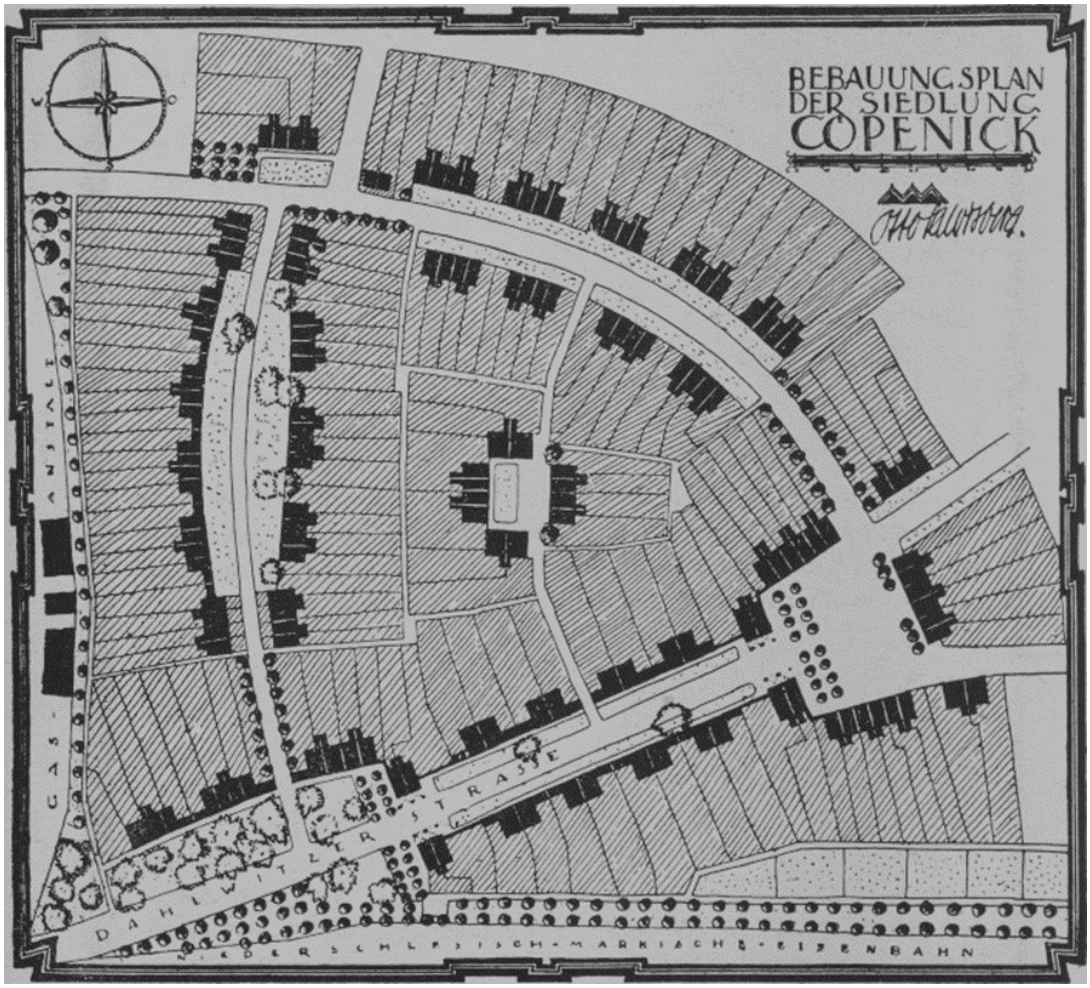



Figura 1. Plano da cidade-jardim de Copenick

Fonte: La Cite, vol.5, n.3, jan 1925

A rua principal Dahlwitzerstrasse (Figura 1 e 2) conduz ao interior do conjunto abrindo com arcos e terminando em uma praça onde se encontram os edifícios públicos do lugar. A tipologia presente nessa rua é formada por residências que se agrupam em duas formando um só corpo que se liga aos outros idênticos por muros que protegem áreas internas e ao mesmo tempo criam um cenário de continuidade espacial para a rua e há uma faixa de grama em um espaço intermediário até o trecho para passeio e só depois a rua propriamente dita.

De acordo com a Figura 1, da praça sai uma rua em curva que mantem o mesmo esquema de transição de espaços com faixas de grama, passeio e via, o tipo é formado por agrupamentos de quatro casas e não há muros, há no entanto espaço vazio entre os agrupamentos de casas na mesma proporção que o da rua principal. A terceira rua que fecha o triângulo possui layout de barriga de peixe, com a área de grama expandida em curva bem como o passeio, há árvores e a tipologia é formada por agrupamento de quatro casas, mas com o mesmo esquema de muros para continuidade visual da rua principal. Existem estritamente apenas três tipos de habitações e todas idênticas entre si. Na descrição de Bodson “O arranjo, o agrupamento, os poucos cachos de pinheiros entram em jogo para dar ao conjunto um aspecto vivo, sem monotonia. Os tapetes de erva que se estendem à frente das casas, limpos e densos, dão a sua nota repousando sobre o todo, que canta.” (Bodson, 1925).

Figura 2 Entrada *Copenick Dahlwitzer Strasse*

Fonte:La Cité, Vol. 5, n. 3, jan 1925

A planta das casas responde à teoria do fogão central, cara aos povos das regiões frias. Tudo está agrupado em torno dele! O duto de fumaça vai até a cumeeira do telhado e, atravessando um sótão, fica bem isolado. As paredes são rebocadas, são ásperas por fora, para proteger o tijolo.

Ainda segundo o relato de Bodson, o terreno foi adquirido da administração tributária pelo município ao preço de um marco por metro quadrado. Uma empresa de interesse público foi criada para construir a colônia com subsídios do estado e do município. Isso mantém as ruas e gramados. As casas são vendidas aos deficientes por 20 p.c. em dinheiro, ou seja, por uma pequena casa 3 a 4.500 marcos, e o restante é pago com o reembolso de uma hipoteca concedida a longo prazo e em condições liberais. Os outros habitantes pagam um terço em dinheiro e libertam-se do restante devido nas amortizações anuais. As casas menores têm 61 metros quadrados de área habitável e foram vendidas por 15 mil marcos maiores, têm 80 metros quadrados, mas custam de 21 a 23 mil marcos. Enquanto as habitações do tipo 3 tinham 113 metros quadrados de espaço útil e foram vendidas por 34.000 marcos

### 3.2. Cité Moderne

*A Cité Moderne* (1922-1925) *em Berchem-Sainte-Agathe* (Bruxelas) feita em colaboração de Van der Swalmen e Victor Bourgeois é considerada a mais notável realização do ponto de vista da linguagem modernista e do uso de materiais industrializados em relação ao conjunto das cidades-jardim belgas. Preserva, contudo, a mesma cuidadosa relação entre edificação e paisagem centrada na dinâmica de diversidade comum aos propósitos de uma implantação pitoresca.

Van der Swaelmen estava convencido que a realização de uma cidade-jardim era um trabalho coletivo e que deveria expressar uma nova maneira de viver. O bom êxito das construções dessas cidades era também resultado de um movimento cooperativo bastante forte e presente e, na medida do possível, o arquiteto procurava consultar futuros moradores. Temos como resultado uma correspondência feliz entre uma nova imagem arquitetônica e um novo modelo de vida comunitária (Van Loo, 1996).

O projeto da *Cité Moderne* levava em consideração a orientação solar e os desníveis do terreno. A densidade média proposta era de cerca de 30 moradias por hectare. Os planos baseavam-se numa hierarquia muito avançada de espaços públicos, em perfis viários diferenciados e na acessibilidade dos jardins situados no interior do quarteirão. As habitações eram agrupadas de forma a desenhar formas urbanas características e a organizar espaços visualmente fechados. As instalações do bairro costumavam ser agrupadas em uma praça, de modo a concentrar a vida coletiva ali. A relação entre as moradias e o espaço externo repetia a mesma lógica de *Copenick*. A tipologia é diferente, mas, aqui, também a rua era formada por residências que se ligavam as outras idênticas criando um cenário de continuidade espacial para a rua com uma faixa de grama em um espaço intermediário até o trecho para passeio e só depois a rua propriamente dita (Figura 3).

As instalações do bairro foram colocadas em uma praça, de modo a concentrar a vida coletiva ali. As habitações foram agrupadas de forma a desenhar formas urbanas características e a organizar espaços visualmente fechados. Na *Place des Cooperators* (Figura 4) há um encontro de dois espaços fechados por edificações que tomados individualmente dão o efeito de proteção, mas que juntos tornam-se mais extensos e formam uma praça maior com outra dinâmica visual. Esquemas espaciais dessa ordem estão entre as razões pelas quais as pessoas se sentiam bem nos tecidos urbanos tradicionais como apontou Camilo Sitte na "Construção da cidade segundo seus princípios artísticos".

Figura 3. La Cité Moderne

Fonte: Disponível em: http://belgiumonstage.be/sites/default/files/pictures/SINT-AGATHA-BERCHEM.jpg

Figura 4. Vista geral *Place des Cooperators*

Fonte: Disponível em: https://monument.heritage.brussels/fr/buildings/38239#&gid=null&pid=8

### 3.3 Le Logis-Floréal (1922-1929)

Construído em conjunto por duas sociedades cooperativas a partir de 1922, é considerado o feito mais notável de Louis Van der Swaelmen. Com suas 1.500 moradias (vinte e cinco a trinta moradias por hectare), seus equipamentos públicos e suas lojas, é também a conquista mais importante em termos de habitação de baixo custo.

Van de Swaelmen aproveitou um sítio excepcional e muito acidentado de quase cinquenta hectares para criar seis unidades habitacionais diferentes (o triângulo, a praça, o trapézio, o funil, a ferradura, a rotunda, o planalto), caracterizadas por uma paisagem específica e tratamento arquitetônico. “Esta foi a obra capital a que, durante vários anos, se dedicou com predileção, em comunidade de pensamento e ideal com o arquiteto deste vasto conjunto, Jean Jules Eggericx” (Verwilghen, 1929).

Le Logis teve sua construção feita por meio de dezessete canteiros de obra, divididos em dois períodos (1921-1933) e (1950-1977) conforme detalhou (Druart, 1996). A continuidade da experiência se deve ao princípio cooperativo que a organizou e a colaboração perfeita entre a visão de o urbanismo sensível a paisagem de Van der Swaelmen e a capacidade técnica e projetual do arquiteto Jean Jules Eggericx, responsável pelo projeto das edificações.

Van der Swaelmen soube tratar os acidentes naturais, caminhos e vegetações do sítio, tendo conseguido fazer recortes e desenhos que tornavam cada trecho um lugar identificável e único. Em seu trabalho, de maneira intensa em *Logis-Flóreal* Van der Swaelmen reflete a categoria do pitoresco pois para fazer urbanismo e paisagismo usou “a lição da jardinagem, que era essencialmente um educar a natureza sem destruir a espontaneidade” (Argan, 1992).

“O edifício Fer à Cheval (Figura 6), cujo nome e forma derivam do traçado octogonal da praça onde se encontra, é o mais importante e o mais alto destes edifícios. Na época em que foi construído, era o edifício mais alto da área de Bruxelas. Construída no topo das colinas de Boitsfort, esta casa-torre, que mostra em uma de suas faces dez andares, domina toda a cidade "Floréal" da qual constitui de certa forma o eixo vertical. O dado do problema não está isento de algum romantismo. Mas o arquiteto J. J. Eggericx foi capaz de evitar a armadilha. As fachadas são muito sóbrias e a própria torre é alta, sem outro ornamento que a

divisão rítmica de suas janelas e o acento de um imenso telhado de vidro que, de alto a baixo do edifício, ilumina sem interrupção o vão da escada. Se voltarmos ao tempo em que a obra foi prevista, concordaremos que o edifício, atualmente notável, superou em escala e interesse arquitetônico tudo o que conhecíamos na Bélgica no campo da habitação de baixo custo" (Eggericx, 1930).

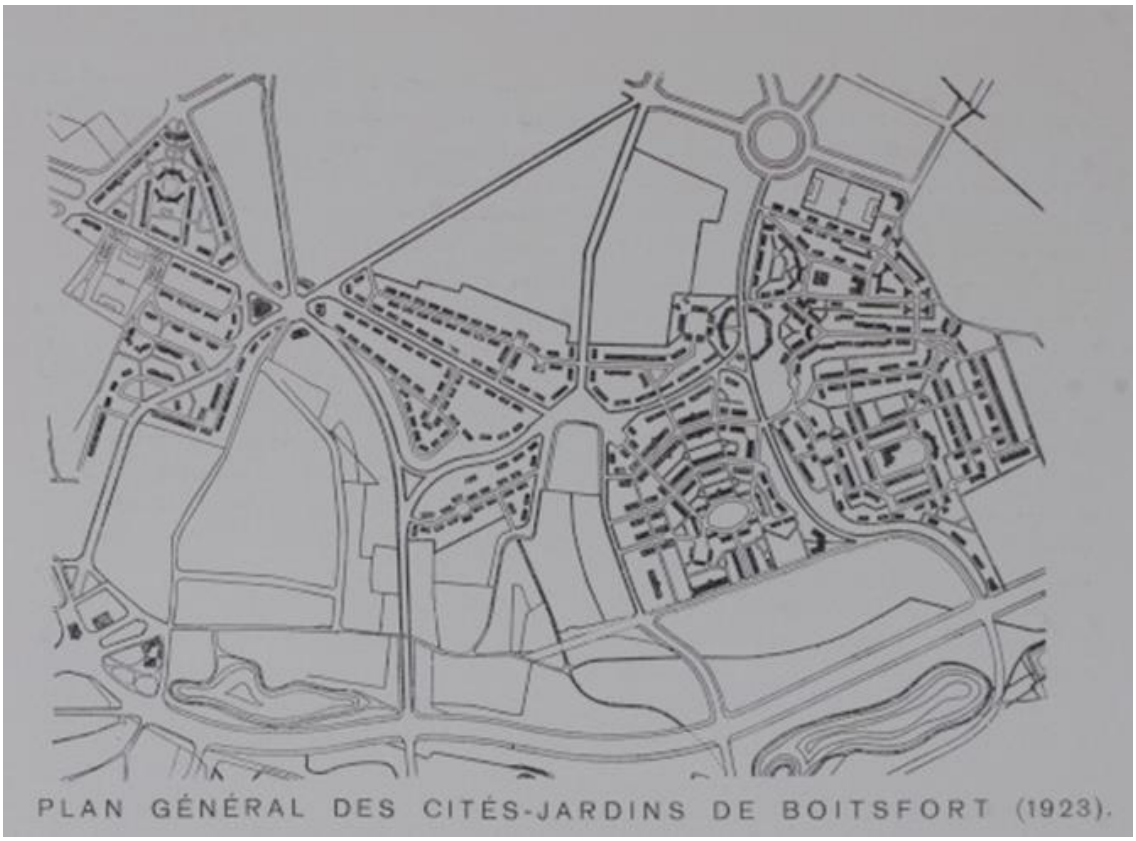



Figura 5 Cidade jardim *Le Logis-Flóreal*

Fonte: La Cité, vol.8, n.6, dezembro 1929

Figura 6 Edifício *Fer le Cheval*

Fonte: La Cité, Vol. 9, n. 1, Jul 1930

## 4. Conclusão

As cidades do pós-guerra enfrentaram uma crise sem precedentes (destruição de infraestrutura e equipamentos urbanos coletivos, falta de habitações, crise política e econômica) compreenderam a importância fundamental da presença do setor público na reorganização das cidades e do território e no atendimento às necessidades básicas como moradia, saúde e educação.

A reorganização da cidade possibilitou a formulação de um desenho urbano novo, naquele momento, traduzido pelo esquema espacial da cidade- jardim e da ideia de que o espaço projetado deveria corresponder às expectativas políticas do coletivo e da noção de 'melhoramento'. A noção de melhoramento comportava a modelagem da paisagem e de sua escala, no sentido de que pensar a cidade como um jardim é um ato criativo (assim como a jardinagem é um ato educativo com observou Argan) de garantir o conforto do privado com qualidade construtiva, e de pensar o espaço de uso público ativo, modelado e educativo. A experiência múltipla da cidade-jardim pode ser vista como um manifesto retroativo no sentido de abrir diálogo às metáforas urbanas do passado para melhor pensar a cidade contemporânea. Para os urbanistas belgas, o novo desenho para a cidade-jardim era propriamente arte cívica, incluía a consciência de que a construção da paisagem é projeto político.

## 5. Bibliografia

(- ARGAN, G., 1992, Clássico e Romântico. In: "Arte Moderna do Iluminismo aos movimentos contemporâneos", pp 11-73).

(- AZEVEDO M., 2016, Registros em revista: melhoramento, ciência urbanística e metrópole. In “XIV Seminário de História da cidade e do urbanismo. Cidade, arquitetura e urbanismo. Visões e revisões”, 2016, pp 242-252).

(- BODSON F., 1925, Cöpenick petite cite pres de Berlin. In: *La Cité: urbanisme, architecture, art public*, 3/1925 pp 49-53).

(- DRUART Y., 1996, Cronologie des diffenrents Chantiers. In: “Le Logis 1921-1996 75 ans de vie de notre Cité-jardin”, p 9-37).

(- EGGERICX J., 1930, L'immeuble a appartements du “fer a cheval ”cité-jardin ”floréal” a boitsfort-bruxelles. In: *La Cité urbanisme, architecture, art public*, 1/1930 pp 2-16).

(- FOURCAUT A., 1999, La cité-jardin contre le lotissement. 1900-1930. Urbanisme, 309/1999, pp 22-24).

(- HABERMAS J., 1984, Mudança na estrutura social da esfera pública. In: “Mudança estrutural da Esfera Pública: investigação quanto a uma categoria da sociedade burguesa”, pp 169-212).

(- KOOLHAAS R., 2008, Nova York delirante*:* um manifesto retroativo para Manhattan).

(- SICA P.,1981, Historia del Urbanismo. El Siglo XX).

(- SITTE C., 1992, A construção das cidades segundo seus princípios artísticos).

(- TAFURI M., 2012, Origini dell’urbanistica moderna. In “Architettura Contemporanea”, pp 20-31).

(- TEYSSOT G., 2010, Heterotopias e a história dos espaços. In “Da Teoria da Arquitectura: Doze Ensaios”, pp 31-44).

(- VAN LOO A.,1996, La cité-jardin, laboratoire du mouvement moderne en Belgique. In: Cités, Cités-jardin: une histoire européenne, p 33-51).

(-VERWILGHEN R,.1929, In memoriam Louis van der Swaelmen le confrère, l'urbaniste. *La Cité urbanisme, architecture, art public* 6/1929, pp 84-88).

(- WILLIAMS R., 2007, Melhorar [improve]. In “Palavras-Chave: um vocabulário de cultura e sociedade”, p 277).

(- WILLIAMS R., 1992, Formações. In: “Cultura”, pp 57-85).

# ST03

## Espaço Público: Políticas Públicas e Normatização

## Espace Public: Politiques urbaines et normalisation

Coordenação: Gisela Cunha Viana Leonelli (FEC-Unicamp), Luciana Bondiovanni Martins Schenk (IAU USP), Paulo Emílio Buarque Ferreira (UP-Mackenzie), Renato Pequeno (UFC)

**No contexto de forte avanço do neoliberalismo e nas transformações na produção do espaço urbano, o espaço público têm sido cada vez mais marginalizado e, muitas vezes, negado e não produzido ou ainda é visto como território a ser apropriado pela iniciativa privada. Esta sessão pretende aprofundar a compreensão desses processos, seus desdobramentos e especificidades na normatização, produção e gestão do espaço público, considerando os traços particulares das realidades estudadas. Pretendem-se também discutir a normatização para a produção dos espaços públicos, os agentes envolidos nessa produção, seus novos arranjos, instrumentos urbanísticos, financeiros e de gestão utilizados.**

Temas: Transformações na produção e gestão do espaço público; novos arranjos, instrumentos urbanísticos, regulatórios e de financiamento na produção e gestão do espaço público; agentes e práticas de produção dos espaços públicos.

**Dans le contexte de la forte avancée du néolibéralisme et des transformations de la production de l'espace urbain, l'espace public est de plus en plus marginalisé et souvent nié et non produit ou encore considéré comme un territoire à s'approprier par initiative privée. Cette session vise à approfondir la compréhension de ces processus, de leur déroulement et de leurs spécificités dans la normalisation, la production et la gestion de l'espace public, en tenant compte des particularités des réalités étudiées. Il y a également l'intention de discuter de la normalisation de la production d'espaces publics, des acteurs impliqués dans cette production, de leurs nouveaux agencements, des instruments urbanistiques, financiers et de gestion utilisée.**

Thèmes : Transformations dans la production et la gestion de l'espace public ; nouveaux agencements, instruments urbanistiques, réglementaires et financiers dans la production et la gestion de l'espace public ; agents et pratiques de production des espaces publics.

# Vers un renouvellement de la planification urbaine : le cas du Plan Directeur Municipal de Porto

**Sandrine REBELO**, Doctorante, UMR 7324 CITERES, Université de Tours, France. sandrine.rebelo@icloud.com

**Abdelillah HAMDOUCH,** Professeur, UMR 7324 CITERES, Université de Tours, France. abdelillah.hamdouch@univ-tours.fr

**Jean-Paul CARRIÈRE**, Professeur Émérite, UMR 7324 CITERES, Université de Tours. France. jean-paul.carriere@univ-tours.fr

**Résumé :**
Sous l'effet des changements globaux, environnementaux et sociétaux, et des crises qu'ils induisent, le renouvellement des pratiques de planification urbaine s'impose comme une exigence de plus en plus forte. C'est pourquoi, à travers le monde, s'opère un mouvement général vers des formes de planification plus intégrée, plus systémique, plus adaptative et plus inclusive, en articulant des objectifs territoriaux, sociaux et environnementaux. Dans tous les cas observables aujourd'hui, les plans d'urbanisme visent à atteindre une meilleure cohérence d'ensemble dans les stratégies urbaines conçues en réponse aux changement globaux.
Cet article a pour ambition de mettre en évidence ces évolutions de la planification et de la « fabrique de la ville », à partir de l'examen des réorientations récentes du Plan Directeur Municipal (PDM) de Porto adopté en 2021. Si l'on ne peut prétendre qu'il s'agit d'un cas d'étude paradigmatique, le PDM de Porto offre toutefois une bonne illustration d'une conception émergente en Europe de la planification urbaine, où la dimension du projet stratégique prend le pas sur la dimension réglementaire de la planification. Quatre innovations majeures en termes de méthode et de contenu de planification ressortent à la lecture du PDM 2021:

- Le nouveau plan vise à renforcer les centralités, quel que soit leur niveau, et s'inspire d'un modèle d'organisation spatiale polycentrique hiérarchisé et maillé, et non plus monocentrique.
- Il affirme beaucoup plus nettement que par le passé la volonté de renforcer l'urbanité de la ville et les espaces de socialisation et de rencontre.
- L'objectif de transformation des rapports ville-nature s'y concrétise par de nouvelles réponses au « désir de nature » des habitants, mais aussi par une nouvelle appréhension des risques naturels ; notamment en recherchant les solutions d'un mieux vivre avec le fleuve et la mer, tout en anticipant mieux les risques liés à l'eau (submersion marine et inondations)
- Enfin, ce plan directeur, contrairement à ses prédécesseurs, est présenté par ses initiateurs comme le résultat d'un processus de co-construction et partenarial

**Resumo :**

As mudanças globais, ambientais e sociais, tão como as crises que elas provocam, exigem cada dia mais a renovação das praticas de planejamento urbano. É por isso que, em todo o mundo,

existe um movimento geral no sentido de formas de planejamento mais integradas, mais sistémicas, mais adaptativas e mais inclusivas, através da articulação de objectivos territoriais, sociais e ambientais. Em todos casos que podemos observar hoje, os planos urbanísticos são elaborados com fim de obter melhor coerência global dentro das estratégias de desenvolvimento urbano e das respostas aos desafios globais.
Esse artigo visa destacar essas evoluções do planejamento urbano e da « fabrica da cidade » examinando as reorientações do Plano Diretor Municipal (PDM) da cidade do Porto (Portugal), adotado em 2021 pela Camara municipal. Embora não possa ser considerado um estudo de caso paradigmático, o PDM do Porto é uma boa ilustração de uma concepção europeia emergente de planejamento urbano, onde a dimensão estratégica do projecto tem precedência sobre a dimensão regulamentar do planejamento.
Quatro grandes inovações em termos de método de planejamento e conteúdo destacam-se no PDM 2021:

- O novo plano diretor visa reforçar as centralidades, seja qual for o seu nível, e inspira-se num modelo de organização espacial hierárquico e policêntrico, em vez de um monocêntrico .
- Afirma muito mais claramente do que no passado o desejo de fortalecer a urbanidade da cidade e os espaços de socialização e encontro.
- O objetivo de transformar a relação cidade-natureza é aí materializado por novas respostas ao "desejo de natureza" dos habitantes, mas também por uma nova apreensão dos riscos naturais; nomeadamente procurando soluções para uma vida melhor com o rio e o mar, antecipando melhor os riscos relacionados com a água (submersão marinha e inundações).
- Por fim, este plano diretor, ao contrário de seus antecessores, é apresentado por seus autores como resultado de um processo de co-construção e parceria.

**Mots-clefs :** Planification urbaine, changements globaux, soft planning, projet urbain, Plan Directeur Municipal de Porto, polycentrisme,
**Palavras-chave :** Planejamento urbano, mudanças globais, soft planning, projeto urbano, Plano Diretor Municipal do Porto, policentrismo

## 1. Introduction

Le début du XXIème siècle marque l'entrée définitive dans l'ère de l'anthropocène (Stoermer et Crutzen, 2000), c'est-à-dire dans la période où l'action humaine devient la principale force de changement sur la terre, mais aussi engendre un « désordre » (Germenne et Denis 2017) qui se vérifie à toutes les échelles spatiales, y compris celle des villes et des territoires locaux. Les manifestations en sont multiples, mais aussi interdépendantes. Elles s'expriment à travers un ensemble de défis globaux, tant à l'échelle planétaire que locale, à la fois environnementaux (changement climatique, montée des océans[1], 6ème extinction de la biodiversité, artificialisation

[1] Ce phénomène a été abordé de façon spécifique au cours des *Dialogos 6*, lors de la communication présentée par nous-même avec Fabiano Diniz, et reprise dans un autre article de ce numéro.

des sols…) et sociétaux (vieillissement des populations, inégalités d'accès aux ressources, insécurité alimentaire, migrations massives…) qui ont déjà fait l'objet d'une très large littérature pluridisciplinaire, en particulier avec la parution des rapports du GIEC. Le dernier rapport (2021) illustre à lui seul la multi-dimensionnalité et le caractère profondément systémique de ces phénomènes, dont la traduction spatiale aux différentes échelles s'impose aujourd'hui comme un facteur de redéfinition des enjeux des politiques territoriales et des pratiques de planification spatiale, notamment au sein des villes. Ce nécessaire renouvellement des processus de conception des projets urbains et des démarches de planification territoriale, plus particulièrement dans les métropoles, est aujourd'hui renforcé par les effets déjà perceptibles de la crise sanitaire mondiale que nous traversons depuis le début de l'année 2020, elle aussi d'origine systémique. En à peine plus de deux ans, nos modes d'habitat, de travail, d'éducation, de mobilité, de communication, de socialisation… habituels sont ainsi significativement affectés par le choc pandémique, qui a fait émerger subitement de nouvelles consciences, aspirations et pratiques, tout en accélérant des tendances et demandes structurelles (notamment celles liées à la qualité de vie, au rapport à la nature et à la préservation de l'environnement) qui étaient d'ores et déjà en mouvement depuis ces deux ou trois dernières décennies.

Sous l'effet des changements globaux, des chocs et des crises de tous ordres qui nous affectent, et en réponse aux défis qu'ils produisent, l'exigence d'une planification urbaine repensée et rénovée, tant dans ses objectifs que dans ses procédures, s'impose à tous : chercheurs, élus, praticiens de l'urbanisme, acteurs économiques, habitants – citoyens. Il s'agit tout à la fois d'inventer de nouvelles relations ville-nature (Carrière § *al.*, 2021a, 2021b), de « fabriquer » une ville résiliente, durable, socialement cohésive, et au total d'élaborer des stratégies de développement urbain s'inscrivant dans le mouvement du « *soft spatial planning* » (Desjardins, 2020). En effet, ce sont les pratiques de planification urbaine de plus en plus standardisées sous l'effet de la globalisation qui sont aujourd'hui remises en question, du fait des grands changements sociétaux et environnementaux, tels que les transitions démographiques et le vieillissement inexorable des populations, la révolution numérique, la résurgence d'un « désir de nature » (L. Bourdeau-Lepage, 2017) renforcé par la pandémie, ou encore les risques majeurs, émergents sous l'effet du changement climatique.

Telle est l'hypothèse centrale qui préside à la rédaction de ce texte, et que l'on se propose d'illustrer par l'exemple des réorientations du Plan Directeur Municipal de Porto.

Si nous considérons ce cas comme illustratif de notre analyse, nous ne saurions pour autant affirmer qu'il puisse être vu comme totalement paradigmatique, compte tenu des spécificités locales. Toutefois, il s'avère que, à Porto comme dans la plupart des villes européennes ou celles d'autres continents, la conjonction des changements mentionnés plus haut conduit par la force des choses à élaborer de nouvelles stratégies de développement urbain, qui se formalisent à travers une rénovation de la planification urbaine. Comme on peut aujourd'hui l'observer de manière de plus en plus prégnante, cette rénovation se traduit par l'élaboration de plans d'urbanisme à la fois plus souples (pragmatiques), plus évolutifs (flexibles) et plus collaboratifs (en particulier participatifs), intégrant des projets d'aménagement de proximité, à des échelles micro-locales. Progressivement, apparaissent ainsi de nouveaux plans d'aménagement intégrant les exigences bioclimatiques (comme par exemple à Paris avec la préparation d'un nouveau « P.L.U. bioclimatique[2] »), les mobilités douces « bas-carbone », la recherche de solutions « *nature-based* » pour réduire les îlots de chaleur (comme à Copenhague), des innovations à la fois technologiques et sociales visant à « fabriquer » des villes résilientes et durables (Forest § Hamdouch, 2015), etc.

*In fine*, ces nouveaux plans d'urbanisme se veulent, à tout le moins dans les discours, porteurs d'une conception de la planification à la fois moins ordonnatrice, moins normative et coercitive, plus stratégique et prospective, plus participative et soucieuse de cohésion territoriale, et au total innovante à travers l'instauration de nouvelles gouvernances au sein, le cas échéant, de nouveaux périmètres, comme ceux par exemple des nouvelles métropoles instituées en France.

Sans rendre nécessairement compte de toutes ces transformations de la planification urbaine, l'adoption en 2021 du nouveau Plan Directeur Municipal (PDM) de Porto offre une bonne illustration d'une conception émergente en Europe de la planification urbaine et de la fabrique de la ville, où la dimension du projet stratégique prend le pas sur la dimension réglementaire de la planification.

[2] En France, le P.L.U ou Plan Local d'Urbanisme définit les règles et servitudes qui régissent l'usage des sols. Il décline les orientations stratégiques apportées par le SCoT (Schéma de Cohérence Territoriale)

Cependant, avant d'aborder l'analyse précise du nouveau PDM de Porto et ses orientations (section 3), il nous apparaît utile de présenter brièvement des éléments généraux à la fois sur la ville de Porto et son aire métropolitaine, et sur le système de planification urbaine au Portugal (section 2). La section 4 conclura l'article en montrant comment le cas de porto s'inscrit dans un mouvement plus général vers des formes de planification plus intégrée et systémique en articulant des objectifs territoriaux, sociaux et environnementaux. Il s'agit d'atteindre une cohérence d'ensemble entre des réponses aux changement globaux. Le PDM de Porto préfigure une nouvelle vision de l'urbain et de la manière de faire la ville.

## 2. Le contexte territorial et institutionnel de la planification urbaine à Porto

Si le cas de Porto nous paraît significatif de tendances en cours affectant la planification urbaine, la ville et son aire métropolitaine présentent des spécificités indéniables, que ce soit du fait de leur histoire et de leur situation géographique singulière sur la façade occidentale de la péninsule ibérique, qu'il convient de souligner de façon à mieux mettre en exergue les évolutions de portée générale que l'on peut y relever.

La ville de Porto, *stricto sensu*, de taille modeste à l'échelle européenne, peut toutefois prétendre s'inscrire dans la liste des métropoles européennes puisqu'elle polarise une aire métropolitaine de 17 *Municipios* crée en 1991. Capitale de la région Norte du Portugal (Figures 1 et 2), Porto, en fort déclin démographique ne compte plus en 2021 que 212 000 habitants[3] répartis sur 4142 ha, soit une densité de 5 118 habitants / km$^2$. Ville-centre de l'Aire Métropolitaine de Porto (AMP), elle n'en est pas pour autant la plus peuplée, puisque sur la rive sud du Douro, Vila Nova de Gaïa la dépasse en taille, avec près de 300 000 habitants. Malgré cela, Porto reste, du fait des fonctions de commandement et de coordination qu'elle concentre, le centre historique et directionnel d'une métropole, elle en croissance démographique, de près de 1,8 million d'habitants répartis sur une superficie de 1 900 km² ; soit une densité de population proche de 950 habitants / km² qui la place au 13$^{ème}$ rang des Métropoles de l'Union européenne. Porto n'échappe donc pas au syndrome de la

[3] Population calculée, non officielle, selon le site web : http://lapopulation.population.city/portugal/porto/ (consultation : 03/02/2022). En 2011, la ville abritait plus de 237 000 habitants selon les données du recensement (source : Censo 2011, I.N.E).

périurbanisation, commun à de nombreuses agglomérations européennes. Néanmoins, elle conserve une très forte attractivité touristique due au caractère exceptionnel de son site sur les rives du Douro, à la richesse de son cadre bâti et de son patrimoine exceptionnel qui justifie son classement UNESCO.

(INSÉRER FIGURE 1 et FIGURE 2 ICI)

L'AMP est souvent présentée comme la capitale économique du pays, en raison notamment de son activité industrielle puissante et de sa croissance urbaine et démographique importante, sa population ayant doublé en moins de 25 ans. Elle est aussi le siège d'un des principaux ports de la façade atlantique de l'Europe, situé sur le territoire de la commune de Matosinhos.

Pour autant, c'est principalement à l'échelle municipale que se mène au Portugal l'élaboration des documents d'urbanisme, dont le *Plano Directeur Municipal* (PDM) qui joue le double rôle de document de planification stratégique et d'instrument de régulation foncière. C'est ce qui explique que, dans la suite de cet article, nous nous concentrions sur les évolutions récentes du PDM pour illustrer les réorientations de la planification en cours à Porto.

Ainsi, même si la ville-centre, ne concentre guère plus de 13,0 % de la population métropolitaine, et si sa population vieillit du fait de faibles taux de natalité et d'un exode des populations les plus jeunes vers les villes périphériques, Porto est confrontée à de multiples enjeux d'aménagement qui concernent aussi bien son rôle de centre directionnel du nord du pays, que la préservation de son patrimoine, la composition de son tissu social (elle n'échappe pas au phénomène de gentrification) ou encore les réponses à apporter aux effets du changement climatique (notamment le risque de submersion de ses parties basses induit par la montée du niveau de la mer), etc. C'est à l'aune de ces enjeux, sources de défis majeurs pour son avenir et ses transformations futures qu'il convient d'analyser le nouveau PDM de Porto, qui ambitionne d'instaurer une nouvelle façon d'aménager la ville, en rupture avec les pratiques antérieures ; ce que nous nous proposons de réaliser en mettant en lumière quatre innovations majeures en termes de méthode et de contenu de planification :

- Le PDM 2021 vise à renforcer les centralités, quel que soit leur niveau, et s'inspire d'un modèle d'organisation spatiale polycentrique hiérarchisé et maillé, et non plus

monocentrique ; tout en promouvant corrélativement des changements dans l'organisation des mobilités.

- Le nouveau PDM affirme beaucoup plus nettement que par le passé la volonté de renforcer l'urbanité de Porto et les espaces de socialisation et de rencontre.
- L'objectif de transformation des rapports ville-nature s'y concrétise par de nouvelles réponses au « désir de nature » des habitants, mais aussi par une nouvelle appréhension des risques naturels ; notamment en recherchant les solutions d'un mieux vivre avec le fleuve et la mer, tout en anticipant mieux les risques liés à l'eau (submersion marine et inondations)
- Enfin, ce plan directeur, contrairement à ses prédécesseurs, est présenté par ses initiateurs comme le résultat d'un processus de co-construction et partenarial.

Telles sont les quatre observations principales qui se dégagent à la fois des ouvrages et documents de planification relatifs à Porto que nous avons pu consulter (Annexe 1) et de seize entretiens semi-directifs d'experts techniques, ingénieurs, architectes, élus et chercheurs impliqués dans la planification ou le développement urbain de la ville de Porto, réalisés courant 2021 (Annexe 2).

En déclinant ces observations, notre propos n'est pas d'ériger notre cas d'étude en modèle normatif à répliquer, mais plus simplement de montrer qu'il s'inscrit dans un mouvement général et mondial d'évolution de la planification urbaine vers des formes plus intégrées et systémiques, articulant des objectifs tout à la fois territoriaux, sociaux et environnementaux, avec le souci d'aller vers une plus grande cohérence entre les réponses locales aux changements globaux. Il s'agit de montrer que le plan d'urbanisme peut lui aussi être un outil de réponse au changement global.

Encart N° 1 : Les principaux outils de planification territoriale au Portugal

Pour comprendre les outils de planification urbaine au Portugal, il faut retenir que ce pays ne compte que deux niveaux de pouvoir, le national et le municipal. Les 7 Régions administratives, sans statut de collectivité territoriale, correspondent à des territoires de déconcentration de l'Etat, tout comme les 18 districts qui composent le territoire continental (les îles de Madère et des Açores jouissant en revanche d'un statut de « Région autonome »). Le véritable siège du

pouvoir local se trouve au sein des 308 municipalités, elles-mêmes divisées en unités de vie locale, les *Freguesias* (Cardoso 1996 ; Lopes 2001).

La politique d'aménagement du territoire repose sur des outils mis en œuvre au niveau national, régional, intercommunal et municipal. Le Programme National de Politique d'Aménagement du Territoire (PNPOT) est un instrument stratégique de développement territorial qui définit les grandes options d'organisation du territoire national. Le second PNOPT a été validé par la loi n° 99/2019. Il vise à établir le cadre stratégique du développement territorial, les lignes directrices du Programme et les enjeux spatiaux des politiques nationales, des programmes sectoriels et spéciaux, des programmes régionaux et également les programmes intercommunaux.

En matière de mobilité urbaine, le cadre réglementaire est basé sur les recommandations formulées dans le Plan Stratégique pour les Transports et les Infrastructures 2014-2020, appelé PETI. Cet outil trouve sa traduction locale dans le Plan d'Actions des Mobilités Durables de l'Aire Métropolitaine de Porto, approuvé en mars 2016.

Le PNPOT, quant à lui, trouve sa déclinaison locale dans le Plan Directeur Municipal, « *Plano Diretor Municipal* » (PDM). Une des originalités du PDM est d'être à la fois un outil d'urbanisme stratégique mais également d'urbanisme opérationnel.

## 3. Le nouveau PDM de Porto : une façon profondément renouvelée de « planifier » la ville

Après un long processus de révision commencé en 2015, le nouveau (le précédent datait de 2006) PDM de Porto a été approuvé le 27 août 2021, incluant un ensemble des projets d'un montant global de 900 millions d'euros à réaliser sur 10 ans. Pedro Baganha, Maire Adjoint de Porto, *Vereador do Urbanismo, Espaço Público e Património* (Conseiller municipal en charge de l'urbanisme, de l'espace public et du patrimoine), a précisé dans une conférence récente (2021) que, selon lui, cette prévision financière, en adéquation avec la capacité financière de la Municipalité de Porto, traduit une véritable volonté politique de mettre en œuvre les politiques publiques et les projets découlant d'orientations nouvelles.

### 3.1 Un plan visant à renforcer les centralités quel que soit leur niveau : vers un modèle relevant du polycentrisme hiérarchisé et maillé, qu'accompagnent des changements dans l'organisation des mobilités.

Le modèle d'organisation spatiale du polycentrisme hiérarchisé et maillé peut se concevoir à toutes les échelles territoriales, y compris intra-urbaine, comme cela a déjà été démontré par ailleurs, notamment dans le cadre du programme européen de recherche en Aménagement du Territoire ESPON 111 (NORDREGIO, 2004, Carrière, 2005, Cattan, 2007). La « vision spatiale » polycentrique se fonde à la fois sur des principes théoriques inspirés par l'approche christallerienne, pensée à ses origines à l'échelle régionale, et sur des perspectives d'aménagement urbain en rupture avec celle d'une organisation urbaine de type radiocentrique (donc monocentrique) « à la Burgess » (1925), basée sur une dichotomie stricte entre centre historique et périphéries, au profit du développement de centralités secondaires, comme l'ont proposé notamment Hoyt (1939) ou Harris et Ullman (1945). L'intérêt premier en est d'éviter une surconcentration des emplois, des services et des fonctions supérieures dans l'hypercentre, avec tout ce que cela suppose en termes d'externalités négatives (pollutions, bruit, congestion des réseaux, mais aussi fracture du lien social…) et de déséconomies d'agglomération. Mais susciter l'émergence de centralités secondaires au sein de l'espace urbain d'une grande ville telle que Porto impose simultanément une réorganisation des flux de déplacement, pour éviter les effets d'une segmentation pouvant elle-même induire des processus de ségrégation, et pour garantir la multi-directionalité des mobilités.

#### 3.1.1 La création de nouvelles centralités au sein de la ville de Porto

Même s'il n'affiche pas de façon aussi nette, le PDM 2021 procède de cette vision, car en réponse au déclin démographique, la municipalité affirme son souhait de renforcer les centralités existantes et en créer de nouvelles au Nord de la ville, dans le secteur d'Asprela, et à l'Est, sur l'ancienne zone industrielle de Campanhã (Figure 3).

Pour autant, il ne s'agit pas d'un bouleversement radical, car la définition des quartiers et des îlots urbains est déjà très marquée au Portugal : les municipalités, « *Concelhos* », sont divisées en paroisses, les « *Freguesias* », qui constituent la plus petite division administrative et circonscription électorale du Portugal.

(INSÉRER FIGURE 3 ICI)

L'identité des municipalités passe donc par le maintien de ces entités locales traditionnelles. Ces quartiers participent à la vie municipale en tant qu'entités consultatives et représentatives. La démocratie participative s'exprime aussi pleinement à cette échelle. Au-delà de certaines compétences déléguées par les municipalités aux *Freguesias*, comme l'entretien des espaces publics, l'état civil et la vie de quartier, l'organisation déconcentrée de certains des services de l'État se fait également à ce niveau, comme la santé avec les maisons de soins, l'éducation nationale avec les écoles, collèges et lycées publics, et l'action sociale avec les crèches et les maisons de retraite.

Le nouveau plan directeur municipal (PDM) cherche ainsi à renforcer les centralités existantes au sein des *freguesias* (Figure 4) par une politique d'offre de logements dans ces quartiers, y compris dans les îlots du centre historique, dont la population a baissé de 30 % entre 2001 et 2011 (passant de 13 218 à 9314 habitants), en vue d'inverser la tendance au déclin démographique tout en favorisant une plus grande mixité urbaine.

(INSÉRER FIGURE 4 ICI)

Dans cette perspective, la municipalité de Porto met en place différents dispositifs de reconversion de surfaces commerciales ou d'activités économiques en logements. Elle prévoit notamment l'exemption de la création de places de stationnement pour toute transformation d'un espace commercial ou d'un bureau en logement de plus de 51 $m^2$ – durant les dix dernières années, le tourisme a créé de nombreux petits logements dans la ville historique dont la surface est inférieure à ce seuil. On note également la création du « zonage inclusif », qui prévoit l'obligation de réserver un pourcentage de logements sociaux pour toute nouvelle opération urbaine. Le zonage inclusif vise ainsi à assurer la réalisation par les promoteurs de logements abordables dans le centre de Porto, où l'augmentation des prix du marché immobilier est forte. Toutes les opérations de plus de 1 500 $m^2$ se voient ainsi appliquer un ratio de 2,5 à 20 % de la surface du programme. Dans le cas contraire, une pénalité financière viendra alimenter le fonds spécifique (FMSAU) dans les conditions prévues dans le règlement du PDM. Ce fonds constitue un système de péréquation financière où les taxes perçues sont directement mises à disposition d'opérations de logements abordables ou sociaux (recette affectée et redistribuée).

D’autres exemples de projets illustrent cette stratégie de renforcement d’espaces de centralité au sein de la ville-centre de l’AMP, par la requalification de friches industrielles comme par exemple la réhabilitation de l’ancien abattoir industriel, désaffecté depuis plus de 20 ans, le *Matadouro,* pour créer une nouvelle centralité urbaine à l’Est de la ville... L'investissement de près de 40 millions d'euros est pris en charge par la société Mota-Engil, qui a remporté l'appel d'offres international lancé par le Conseil municipal de Porto pour la concession de cette friche à de nouveaux équipements et fonctions. Le projet retenu va ainsi accueillir de nouvelles entreprises, des galeries d'art, des musées, des auditoriums et des espaces résidentiels pour favoriser la mixité sociale. Les travaux ont commencé en avril 2019 et l'objectif est qu'ils soient achevés en 2022. Sur les 20 000 m2 disponibles, 7 885 seront gérés par la municipalité, le reste étant exploité par l’entreprise Mota-Engil dans le cadre d’un contrat de concession de 30 ans. À la fin de cette période, l'équipement deviendra totalement municipal. Le projet architectural, réalisé en partenariat avec le bureau Ooda, installé à Matosinhos (municipalité mitoyenne de Porto), est de l'architecte japonais Kengo Kuma, connu pour la signature du stade qui a accueilli les Jeux olympiques de Tokyo.

La reconversion et l’exploitation de l'ancien abattoir industriel de Porto doivent permettre de créer un nouveau quartier autour de cet équipement, qui constitue ainsi l’épicentre de la nouvelle centralité urbaine de la zone orientale de la ville.

### 3.1.2 Vers une approche renouvelée des mobilités urbaines

Remettre en question un schéma spatial strictement monocentrique requiert le préalable de transformations profondes dans l’organisation des mobilités, pour assurer la multiplication des flux croisés entre l’hypercentre et les centralités secondaires, et entre les centralités secondaires elles-mêmes.

Dans le cas de Porto, le nouveau PDM prévoit d’améliorer les conditions d'accessibilité et de mobilité, avec une nouvelle approche des modes de transport collectif, la création de parkings relais, de nouvelles zones multimodales, le développement des mobilités douces et une nouvelle politique de stationnement ; autant d’actions en faveur des mobilités urbaines plus douces et moins mono-centrées, qui modifient profondément la teneur de la planification urbaine.

En matière de transports publics, on notera le renforcement des transports collectifs, avec la définition d'un réseau structurant composé de nouveaux couloirs de bus, type Bus à Haut Niveau de Service (BHNS), sur l'ensemble du territoire. La Figure 5 met en évidence l'ensemble des réseaux des circulations douces existantes et à créer, ainsi que la création de nouvelles zones piétonnes dans le centre historique de Porto. Parallèlement, le Programme National des Investissements (PNI) 2030 prévoit 1 350 millions d'euros pour l'amélioration de l'offre du réseau de transports publics de l'aire métropolitaine de Porto.

(INSÉRER FIGURE 5 ICI)

Le PDM prévoit également une nouvelle politique de stationnement avec la suppression progressive des places le long des axes routiers principaux et des espaces publics, en introduisant des critères de dimensionnement maximal pour les utilisations non résidentielles dans le centre historique, le centre-ville et dans les zones d'influence des stations de métro. Il est ainsi prévu la création des « zones XXI » (selon les termes mêmes employés dans le rapport du PDM), dont l'objectif est d'éliminer progressivement le stationnement à proximité des principaux parcs et espaces publics.

Parallèlement, le PDM propose plusieurs outils pour développer les circulations douces, les transports collectifs et les zones multimodales. La création d'un nouveau terminal intermodal à l'est de la ville à proximité de la gare de Campanhã, dans le quartier Oriental en plein développement, en fournit un exemple intéressant (Figure 6).

(INSÉRER FIGURE 6 ICI)

1,2 million de déplacements sont effectués quotidiennement par tous les modes de transport, dont la moitié sont intra-municipaux et les 50 % restants provenant ou partant de l'extérieur de Porto. Le Terminal Intermodal de Campanhã (TIC) constitue, de ce fait, un projet innovant pour le transport et la mobilité dans la ville et la métropole qui doit permettre d'améliorer la desserte en transports publics et d'augmenter les flux de transports en commun dans Porto. Cet équipement permettra de créer des liaisons urbaines, interurbaines, régionales, nationales et internationales (avec l'accès à l'aéroport). Il permet l'articulation entre les modes de transport, garantissant des conditions confortables et le transfert fluide des passagers. Cet investissement

de 14,5 millions d'euros est financé dans le cadre d'un partenariat public-privé. La fin des travaux est prévue pour 2022.

Cet équipement s'intègre dans un vaste ensemble urbain en cours de rénovation, avec la reconversion de l'Ancien Abattoir Industriel de Porto, *Matadouro,* évoquée ci-dessus, la construction de 23 000 $m^2$ d'habitat, dont 230 logements aidés, la création d'un nouvel embranchement routier, et la construction du nouveau pont sur le Douro. Ce sont près de 100 millions d'euros d'investissements pour le développement de ce quartier Campanhã qui sont investis entre les partenaires publics et privés à court et moyen termes.

À travers cet exemple, de grande ampleur, le PDM intègre une nouvelle conception de la gestion des mobilités, donnant plus de poids aux transports collectifs et aux mobilités douces. Ainsi est prévue la création de cheminements piétonniers et cyclistes qui permettront la circulation vers les quartiers existants et à venir, et la station de métro Dragão (stade de football) (voir Figures 7 et 8) A travers ces projets se concrétise une évolution sensible de la planification urbaine à Porto par rapport aux schémas anciens qui avaient donné une large priorité au transport individuel et routier.

(INSÉRER FIGURES 7 et 8 ICI)

*In fine*, au travers du nouveau PDM, qui prévoit la densification des centralités urbaines et le réaménagement des mobilités, la ville souhaite créer les conditions pour renforcer l'offre de logements tout en favorisant une mixité des usages et en renforçant la cohésion territoriale. L'accès au logement constitue une priorité stratégique pour Porto, de façon à enrayer le déclin démographique des 40 dernières années, qui ne peut se réduire à la seule construction d'habitations nouvelles.

### 3.2 Un PDM visant à renforcer l'urbanité et l'historicité de Porto

Le grand projet urbain de Porto, formalisé par le PDM, entend privilégier la cohésion sociale et la mixité des fonctions, en termes d'équipements (publics et privés) diversifiés et polyvalents, d'activités (économiques, commerciales, culturelles, artistiques…) tout en conservant la mémoire historique et architecturale de la ville.

Ceci explique le projet du PDM de renforcer la protection du patrimoine de la ville, à l'aide d'une nouvelle classification du patrimoine remarquable. Le plan prévoit notamment la définition d'un périmètre de sauvegarde du centre historique, le repérage des zones remarquables et la création d'une base de données (actualisée tous les ans) des biens protégés et des valeurs à préserver, comprenant plus de 1000 objets. Des zones d'intérêt urbain et architectural ont ainsi été créées avec des règles spécifiques, comme la préservation des limites de propriétés cadastrales, le maintien des façades urbaines, des couvertures et des éléments d'identification urbaine (comme les sculptures extérieures ou les moulures et corniches intérieures).

Le projet de réhabilitation du *Mercado do Bolhão* (Marché Bolhão) illustre parfaitement cette volonté de valorisation du patrimoine. Inauguré en 1914, le marché est l'un des lieux les plus emblématiques de la ville de Porto. Cette grande halle a été construite sur 3 niveaux pour accueillir des commerçants du centre de Porto, selon un plan rectangulaire, avec des lignes architecturales néoclassiques (Figure 9), assez similaires à celles de la Gare de São Bento créée à la même époque. La ville de Porto a investi 31 millions d'euros, dont 50 % ont été financés par un programme de l'Union européenne, pour la restauration et la modernisation de ce joyau de la ville ancienne. Le projet de réhabilitation, de l'architecte Joaquim Massena, conserve la conception originale (Figure 8). Il permet à la fois de maintenir les caractéristiques architecturales et traditionnelles du bâti, tout en permettant une modernisation technique pour intégrer les besoins des usagers et commerçants, comme un toit au niveau inférieur, des chambres froides pour le commerce alimentaire, de la climatisation et un accès direct aux transports en commun. La rénovation prévoit également la création d'un sous-sol technique pour faciliter la logistique des commerces et un large tunnel d'accès depuis une rue adjacente. Enfin, la construction de caves permettra d'accueillir la station de métro du même nom. Après 4 années de travaux pilotés par la ville, l'ouverture est prévue pour le début 2022. Cependant, au-delà de l'intérêt patrimonial et historique attaché à ces projets, c'est en même temps le renforcement des espaces de socialisation et de rencontre qui est visé, en cohérence avec le développement des nouvelles centralités, aussi bien qu'avec la valorisation de l'ancienne.

(INSÉRER FIGURE 9 ICI)

### 3.3 Le PDM 2021, un plan pour transformer les rapports ville-nature.

Depuis quelques années, au Portugal comme ailleurs, s'exprime sous l'effet de changements globaux (climatique, mais aussi socio-culturels) un profond « désir de nature » (Bourdeau-Lepage, 2017, Carrière & *al.*2021 a et b) à travers la revendication de villes « plus vertes ». La montée dans les grandes agglomérations de votes et/ou de mouvements sociaux écologistes en est l'une des traductions. Dès lors, la transformation des rapports ville-nature s'inscrit sous des expressions diverses dans les projets d'aménagement urbain et les plans d'urbanisme.

Qui plus est, les défis environnementaux ne peuvent plus être ignorés au moment de repenser l'aménagement des villes. Les métropoles sont particulièrement exposées aux conséquences multiples et désastreuses du changement climatique, comme les pollutions atmosphériques et les risques d'inondation ou de submersion, de sécheresse, d'érosion, d'incendie et d'autres phénomènes météorologiques tels que les vagues de chaleur extrêmes. Chaque territoire, selon son exposition aux risques, nécessite de trouver des solutions qui lui sont propres (Carrière, Hamdouch & Iaţu 2016).

La ville de Porto a ainsi recours à des solutions fondées sur la nature, permettant notamment de rafraîchir l'air et d'accroître la biodiversité en milieu urbain, qui les rendent ainsi plus attrayantes et plus agréables à vivre pour leurs habitants (Hamdouch, 2020). Plus généralement, les urbanistes s'emploient à concevoir des stratégies climatiques appropriées au territoire, dans lesquelles la mise en œuvre et le financement de projets restent cependant un défi. C'est aussi le cas de la ville de Porto.

A cet égard, le PDM 2021 de Porto présente une évolution majeure en matière d'environnement, avec une approche nouvelle visant une meilleure qualité de vie pour les citoyens et l'adaptation du territoire aux défis du changement climatique. La carte de la structure écologique municipale (Figure 10), qui tient compte des risques naturels existants et des trames « vertes » et « bleues » du territoire, est ainsi opposable aux tiers. Cette carte très complète présente sur l'ensemble du territoire les zones vertes d'accès public, des zones vertes à haute valeur écologique, des corridors verts le long des réseaux d'eau existants, et des zones alluviales prévoyant des corridors boisés le long des principaux canaux de la ville. Elle illustre, là encore, un fort renouvellement des orientations de la planification urbaine par rapport aux

approches antérieures, induit par la prise de conscience et une analyse prospective de l'importance des grands défis environnementaux actuels.

(INSÉRER FIGURE 10 ICI)

La carte de la structure écologique de Porto constitue, de fait, un véritable outil en faveur de l'environnement, de la nature en ville, et de la qualité de vie des habitants, à moyen et long terme. Pour atteindre les objectifs inscrits dans le plan, des actions à moyen et long terme sont proposées, tels que le doublement des espaces verts, la réhabilitation des espaces existants, la valorisation et la protection des espaces privés à haute valeur écologique, incluant des incitations fiscales en cas d'ouverture au public. Plus spécifiquement, en matière de construction, elle tente de limiter le recours au béton, tradition portugaise bien marquée. En effet, les espaces non occupés sont souvent transformés en terrasse, ce qui les rend imperméables aux ruissellements des eaux pluviales. Ce plan va permettre d'augmenter les espaces perméables pour lutter contre les inondations.

Ainsi, des corridors verts, associés aux zones alluviales, sont-ils inscrits sur la carte. Le PDM présente des options claires en matière de gestion des ressources hydriques, en faisant coïncider autant que possible les « espaces verts et bleus », dans le but de créer des bassins de rétention et d'autres dispositifs paysagers reposant sur des solutions naturelles et permettant le drainage des flux d'eau. Le plan de la structure écologique municipale définit également des critères de constructibilité, liés à la perméabilité du sol, au maintien des zones d'intérêt écologique, à l'autorisation de la construction en sous-sols, ou encore à la définition de zones de risques naturels.

Le nouveau PDM de Porto participe des changements que l'on commence à observer dans certains pays qui anticipent un risque de submersion marine induit par le changement climatique, à travers la recherche d'une « nouvelle alliance » ville-eau-nature. Face au risque, à l'instar de Porto, des villes, telles que Nijmegen aux Pays-Bas, Manchester au Royaume-Uni ou Recife au Brésil, commencent à s'inspirer plus ou moins directement du concept d'origine chinoise de « ville-éponge », et à réviser leurs plans et projets d'aménagement pour mettre en œuvre des solutions alternatives basées sur la nature et la nécessité de « vivre avec l'eau » (et

non plus contre elle), pour ne plus s'en tenir aux solutions de protection « classiques » (endiguement, etc.) (Carrière & Diniz, 2021).
Enfin, là aussi, un système d'incitations fiscales est proposé aux opérations qui contribuent à la politique environnementale de la municipalité.

On voit donc qu'à travers l'objectif de la Municipalité de densifier la structure verte de la ville, l'environnement et la nature en ville deviennent des sujets centraux du nouveau Plan Directeur de Porto. Même si l'on ne peut nier que c'est aussi une façon d'instrumentaliser le végétal comme outil de marketing urbain, le PDM de Porto reflète bien la volonté de trouver une « nouvelle alliance » (Bourdeau-Lepage 2021) ou un « nouveau compromis » (Hamdouch 2020) entre nature et ville, comme on peut l'observer aujourd'hui dans beaucoup d'exercices de planification urbaine à travers le monde.

Pour illustrer ces orientations et la déclinaison qui en est proposée à Porto, prenons l'exemple du nouveau *Parque central da Asprela* dans le quartier de l'Université. Ce projet vise à constituer le nouveau « poumon vert » avec 6 hectares, dont 5,5 hectares d'espaces verts, situé au nord de la ville, à proximité immédiate du campus universitaire public d'Asprela. L'objectif est de créer une zone paysagère unique à Porto, spécialement conçue pour les circulations piétonnières ou en deux roues pour des dizaines de milliers de personnes qui étudient et travaillent chaque jour dans ce secteur de la ville.

De fait, cette nouvelle orientation de la planification urbaine vient renforcer une réalité environnementale déjà bien ancrée puisque Porto est une ville européenne très végétalisée où les projets architecturaux et immobiliers intègrent traditionnellement des structures végétales pour s'adapter à la topographie. Le recours aux façades et toits végétalisés est fréquent. Le *Parque Saba* (centre commercial et parking), *Praça de Lisboa*, est un exemple intéressant où le toit est utilisé comme espace public (Figure 11). La station de métro Trindade suit également ce modèle.

Le projet du Terminal Intermodal de Campanhã, déjà évoqué plus haut, ouvre sur une véritable intégration urbaine, avec une toiture végétalisée assurant le lien avec les espaces publics environnants très arborés et avec des zones humides préservées, le quartier incluant déjà un espace vert de 4,5 hectares.

(INSÉRER FIGURE 11 ICI)

### 3.4 Le nouveau PDM : vers une recherche de gouvernance partenariale

On peut relever que la mondialisation de l'économie d'une part, la prise de conscience des limites de plans par trop « ordonnateurs » ne procédant que par normes et règlements (souvent peu respectés dans les faits…), d'autre part, ont conduit les villes à se tourner vers une planification plus souple et plus stratégique de leur développement et aménagement (Carrière 2002). C'est à cette période que la notion de « projet urbain », pensé comme noyau dur d'une « vision spatiale globale » consignée dans les documents d'urbanisme a pris la relève d'une approche réglementaire, normative et coercitive de la planification urbaine. La planification urbaine devient à la fois plus globale, plus flexible, et plus collaborative, impliquant différentes composantes de la société civile organisée (par exemple avec la consultation des Conseils de développement dans certaines agglomérations françaises), et parfois des consultations citoyennes. C'est notamment sous la pression citoyenne que les planificateurs sont amenés à mieux prendre en considération les réponses à apporter aux changements globaux.

De plus, la planification urbaine de « nouvelle génération » a pour particularité de faire émerger des formes de gouvernance territoriale plus complexes (Haughton & Allmendiger 2008 ; Petersson & Frisk 2016) au sein de nouveaux périmètres de territoires de projet et de coopération souple, ne coïncidant plus totalement avec les périmètres administratifs préétablis (comme c'est par exemple le cas des pôles métropolitains en France – *cf.* FNAU, 2017).

Ce n'est pas encore pleinement le cas à Porto, et au Portugal, pays où la tradition de la démocratie participative est encore embryonnaire, mais il est à noter que le processus d'élaboration et la méthodologie de travail du PDM 2021 a connu par rapport à l'édition précédente des innovations importantes. En effet, son élaboration s'est réalisée avec le concours de près de 500 partenaires publics et privés, permettant un degré de concertation jamais atteint auparavant.

Ce n'est sans doute pas à travers cela que le PDM 2021 de Porto est le plus illustratif des évolutions émergentes de la planification en Europe, où la concertation et la consultation

citoyenne est largement inscrite dans la culture locale de la planification comme en Allemagne, ou même dans certaines villes brésiliennes qui ont mis en place un budget participatif important, à l'instar de Recife (Carrière, De la Mora, 2014). Néanmoins, les modalités de préparation du nouveau plan, marquent une évolution significative des pratiques, plus en conformité avec les observations constatées dans d'autres contextes nationaux.

## 4. Conclusions et perspectives

Ainsi que nous avons tenté de le montrer, le nouveau PDM de Porto est instructif à la fois sur la nécessité d'évolution de la planification urbaine/métropolitaine dans un contexte de changements et de défis majeurs, et sur les possibilités réelles de l'engagement par les acteurs municipaux et métropolitains d'orientations, d'actions et de projets importants en adoptant une approche résolument renouvelée et volontariste de la (re)fabrique de la ville. Bien entendu, cela ne va pas de soi, car il faut à la fois faire preuve de vision et d'innovation (dans tous les domaines, y compris en matière sociale), de force de conviction et de volonté d'implication des acteurs, et, enfin, de capacités de mobilisation et de coordination tout au long des processus d'élaboration, de mise en œuvre et de suivi des différents projets de transformation et de développement.

Le cas étudié montre également que la sécurisation pluriannuelle des financements est une clé essentielle de la réussite des projets même lorsque des évènements ou évolutions non anticipés requièrent des ajustements ou inflexions. C'est ce triptyque engagement-sécurisation-adaptabilité qui constitue la base fondamentale d'une planification urbaine authentiquement renouvelée, à la fois innovante et pragmatique, permettant de faire face aux défis globaux et incertitudes multiples qui affectent les villes contemporaines et leur capacité de « résilience dynamique », c'est-à-dire leur aptitude à anticiper les mutations et à mobiliser les leviers et efforts permettant de canaliser les changements majeurs imputables notamment au climat et à la mondialisation (Hamdouch *et al.*, 2012).

Ce constat vaut bien entendu pour les villes et métropoles du « monde développé », à l'image de Porto comme nous l'avons vu, mais aussi par exemple de Montréal (Klein et al., 2019) et de Stockholm (Hamdouch, 2015). Il vaut également pour les dynamiques de planification urbaine observables dans des pays du Sud comme par exemple la République Dominicaine **(**Hamdouch

& Galvan-Abreu, 2019**),** ou encore dans des pays européens en transition, comme par exemple en Roumanie (Corodescu-Rosca *et al.*, 2021).

Au Brésil, aussi, les débats sont intenses autour de la question de savoir comment repenser la planification urbaine en réponse aux grands défis sociaux (la lutte contre la pauvreté et la ségrégation socio-spatiale…) et environnementaux (le changement climatique, la préservation de la nature et de la biodiversité…), dans un sens plus favorable au « droit à la ville » (Carrière, 2018); La 4ème édition des *dialogos franco-lusofonos*, organisée à 2016 à Salvador de Bahia en avait déjà apporté la démonstration (Fernandes et Chagas, 2018). De même, nombre de communications présentées lors de la 5ème édition organisée à Tours en 2018, dédiée à la relation ville-nature (Carrière et *al.* 2021a et 2021b*)*, ont également permis de s'interroger sur les nouveaux enjeux de la planification urbaine et sur les efforts visant à intégrer des objectifs de préservation des espaces naturels, à travers des procédures de planification participative, comme à Belo Horizonte, par exemple (Costa et *al.* 2021).

Au-delà du cas d'espèce, l'exemple de Porto s'inscrit donc dans un mouvement général vers des formes de planification plus intégrée, plus systémique, plus adaptative et plus inclusive, en articulant, en dynamique, des objectifs territoriaux, sociaux et environnementaux. Dans tous les cas observables aujourd'hui, il s'agit ainsi d'atteindre une cohérence d'ensemble dans les stratégies urbaines de réponse aux changement globaux (changement climatique et raréfaction des ressources naturelles, notamment) tout en intégrant les facteurs de risque (en particulier environnementaux et sanitaires) et les évolutions des fonctions de l'espace urbain. Dans ce cadre, le PDM de Porto examiné dans cet article préfigure bien une nouvelle vision de l'urbain et de la manière de faire la ville au cours de ce siècle déjà bien entamé. Il faut à présent aux chercheurs davantage documenter et approfondir les contours de cette vision, notamment en multipliant les études de cas et leur comparaison, et aux « acteurs de terrain » (élus, planificateurs, acteurs économiques, citoyens) davantage s'engager dans des approches coordonnées et créatives de définition de voies novatrices de transformation de leurs espaces de vie et d'action.

## Références


Burgel G., Pinol J.-L., 2019. *La ville contemporaine après 1945 - Histoire de l'Europe urbaine*, Le Seuil, Paris.

Burgess E., 1925. The growth of the city, in Park R.-E., *The city,* University of Chicago Press, Chicago.

Carrière J.-P, 2005. Une réflexion sur la construction du polycentrisme en Europe : apports et limites du rapport « Potentials for polycentric development in Europe » *Territoires 2030* n°1 : 47-63

Carrière J-P. : O Direito à cidade. In Fernandes A. et Chagas M.: *O direito à cidade na França e no Brasil : uma nova agenda urbana.* Ed. UFBA, Salvador de Bahia, pp. 763 – 769

Carrière J.-P., De la Mora L., 2014. Précarité urbaine et fragmentation socio-spatiale au sein des métropoles brésiliennes : le cas de Recife, *Géographie, Economie, Société,* 16 (4) : 373-397

Carrière J.-P., Diniz F., De la Mora L., 2020. Economia circular : preservação de recursos naturais e práticas urbanas. Uma análise comparativa (Tours, França & Recife, Brasil), *Risco* n°1 (Numéro spécial *Natureza e cidade* - São Paulo, Brésil) : 35-49

Carrière J.-P., Diniz F. 2021, L'aménagement des espaces urbains littoraux ou riverains des fleuves face à l'épreuve du changement climatique : Analyse des enjeux et perspectives à partir du cas de Recife. Communication présentée lors de la 6ème édition des "Dialogos franco-lusofonos". U. São Paulo (8- 10 novembre)

Carrière J.-P, di Pietro F., Hamdouch A., Robert A., Serrano J. (Eds.), 2021a. *Faire Nature en Ville*, L'Harmattan, Paris.

Carrière J.-P, di Pietro F., Hamdouch A., Robert A., Serrano J. (Eds.), 2021b. *La transformation urbaine au prisme de la Nature*, L'Harmattan, Paris.

Carrière J.-P., Farthing S., 2021. The regeneration of urban riverbanks: a dilemma between environmental and social objectives. Lessons from French and Brazilian case studies. In Di Pietro F. et Robert A. (Eds.), *Urban wastelands and nature*, Springer, New York : 221-241

Carrière J.-P., Hamdouch A., Iaţu C. (Eds.), 2016. *Développement durable des territoires*, Coll. Géographie, Economica - Anthropos, Paris.

Cattan N. (ed), 2007. *Cities and networks in Europe. A critical approach of polycentrism*, John Libbey Eurotext, Surrey (UK).

Corodescu-Rosca E., Hamdouch A., Iatu C., 2021. La temporalité différenciée des stratégies des acteurs locaux comme facteur clé de résilience des métropoles régionales ? Le cas de la Roumanie, *Revue d'Économie Régionale et Urbaine*, N° 5 : 825-849.

CAUE de Paris, 2021. Quel Paris en 2030 avec le futur PLU bioclimatique ? Conférence en ligne : https://www.caue75.fr/content/quel-paris-2030-futur-plu-bioclimatique, consultée le 17/11/2021

Costa H., Costa G., Monte-Mór, 2021, La trame verte et bleue, matrice du renouvellement de la planification métropolitaine au Brésil. Réflexions à partir de l'expérience de Belo Horizonte, in Carrière et *al.*2021b *La transformation urbaine au prisme de la nature,* Editions L'Harmattan, Paris, pp 57-73

Desjardins X., 2020. *Planification urbaine, la ville en devenir*. Coll. Le siècle urbain, Armand Colin, Paris.

NORDREGIO, 2004. Rapport ESPON 1.1.1 *Potentials for polycentric development in Europe.* Libre accès sur : *https://www.espon.eu/sites/default/files/attachments/fr-1.1.1_revised-full_0.pdf*

Fernandes A. et Chagas M., 2018*: O direito à cidade na França e no Brasil : uma nova agenda urbana.* Ed. UFBA, Salvador de Bahia

Gossop C., Brandao Alves F., 2009. Low Carbon Cities, *ISOCARP Review* 5. ISBN-13 : 978-94-90354-04-6.

Hamdouch A., 2015. Transformation urbaine durable et gouvernance participative : Problématisation et éclairages à partir du cas de Stockholm. In : *Quand l'innovation fait la ville durable*, J. Forest et **A**. Hamdouch (Eds.), Presses Polytechniques et Universitaires Romandes, Lausanne, pp. 121-138.

Hamdouch A., 2020. Nature et Ville : L'impossible compromis ? *Risco – Revista de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo (Revue De Recherche en Architecture et Urbanisme)*, 18 (2) : 1-13. Disponible en libre accès sur : https://doi.org/10.11606/issn.1984-4506.v18i2p1-13

Hamdouch A., Depret M.-H., Tanguy C. (Eds.), 2012. *Mondialisation et résilience des territoires. Trajectoires, dynamiques d'acteurs et expériences*, Coll. Géographie contemporaine, Presses de l'Université du Québec, Québec.

Hamdouch, A., Galvan, A., 2019. Social Innovation as a Driver of Urban Transformation? The Case of Planning Approaches in the Dominican Republic. *Urban Planning*, 4 (1) : 31-43. DOI: 10.17645/up.v4i1.1740

Hamdouch A., Nyseth T. (Eds.), 2022. Institutional Innovation and Urban Transformation. Numéro spécial de *CITIES* (à paraître).

Hamdouch A., Nyseth T., Demazière C., Førde A., Serrano J., Aarsæther N. (Eds.), 2017. *Creative approaches to planning and development. Insights from small and medium-sized towns in Europe*. Routledge, London and New York.

Harris B., Ullman E.,L., 1945. The nature of the cities. *The Annals of the American Academy of Political and Social Science* Vol. 242, Building the Future City (Nov., 1945), pp. 7-17 Published By: Sage Publications, Inc. Libre accès sur : https://www.jstor.org/stable/1026055

Haughton G., Allmendinger P., Counsell D., Vigar G., 2009. *The new spatial planning: Territorial management with soft spaces and fuzzy boundaries.* Routledge, London.

Hoyt H., 1939. *The structure and growth of residential neighborhood in American cities*. F.H.A Washington .

Instituto Nacional de Estatística do Portugal, 2012. *Censos 2011 (Dados Definitivos), Quadros de apuramento por freguesia*. *https://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=CENSOS&xpgid=censos2011_apresentacao*

Klein J.-L., Tremblay D.-G., Sauvage L., Ghaffari L. & Angulo W., 2019. Cultural Initiatives and Local Development: A Basis for Inclusive Neighborhood Revitalization. *Urban Planning*, 4(1): 78-90. DOI: 10.17645/up.v4i1.1658

Lévy A., 2013. *Ville, urbanisme et santé : les trois révolutions*, Pascal/Mutualité Française. ISBN-13 : 978-2350190822

Paquet, C., Orschulok, T. P., Coffee, N. T., Howard, N. J., Hugo, G., Taylor, A. W., Adams, R. J., Daniel, M., 2013. Are accessibility and characteristics of public open spaces associated with a better cardiometabolic health? *Landscape and Urban Planning* 118: 70-78. doi:10.1016/j.landurbplan.2012.11.011.

Prüss-Ustün, A., Wolf, J., Corvalán, C., Bos, R., Neira, M., 2016. *Preventing disease through healthy environments A global assessment of the burden of disease from environmental risks*. Geneva, Switzerland : World Health Organization.

Soubelet-Juillie H., Silvain J.-F., 2019. *Sauvons la biodiversité*, Éditions Rustica. ISBN: 281531410X.

`

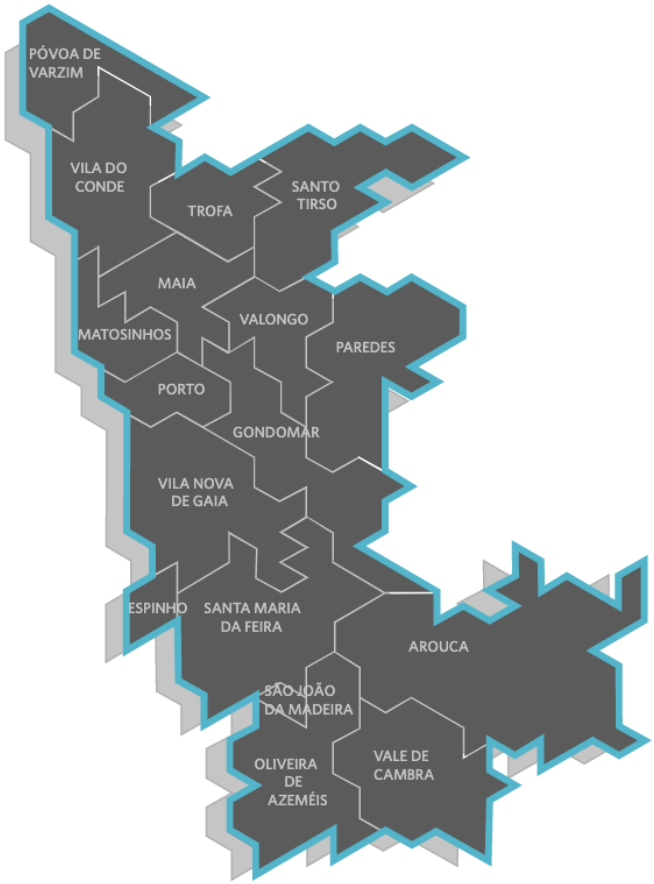
# TABLEAUX ET FIGURES

FIGURE 1 : Carte de l'Aire Métropolitaine de Porto dans la Région Nord du Portugal
FIGURE 2 : Carte de l'Aire Métropolitaine de Porto
FIGURE 3 : Carte des Freguesias de Porto
FIGURE 4 : Carte des centralités urbaines du Plan Directeur de Porto
FIGURE 5 : Carte des infrastructures de transports collectifs du PDM de Porto
FIGURE 6 : Illustration du projet de « Terminal Intermodal de Campanhã »
FIGURE 7 : Illustration 1 du projet « Matadouro »
FIGURE 8 : Illustration 2 du projet « Matadouro »
FIGURE 9 : Illustration 1 du nouveau « Mercado do Bolhão »
FIGURE 10 : Carte de la structure écologique" du PDM de Porto
FIGURE 11: Photo Praca de Lisboa, Porto

FIGURE 1 : Carte de l'Aire Métropolitaine de Porto dans la Région Nord du Portugal

Source: Wikipedia - https://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%81rea_Metropolitana_do_Porto

FIGURE 2. Carte de l'Aire Métropolitaine de Porto

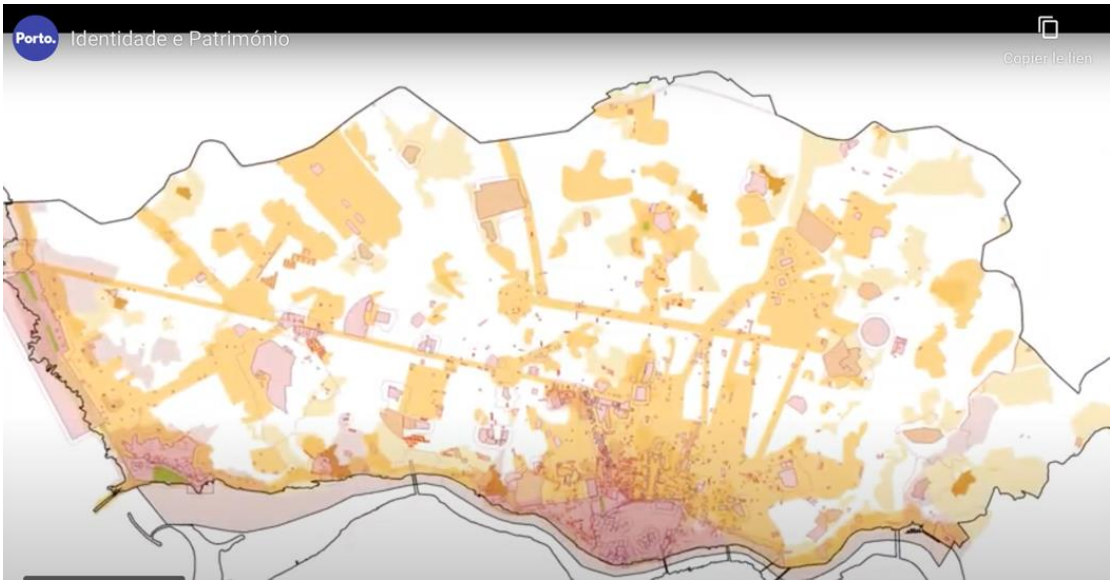



Source: Área Metropolitana do Porto - http://portal.amp.pt/pt/

FIGURE 3. Carte des « Freguesias » de Porto

Source : Tiago Azevedo Fernandes (TAF), Consultant - https://porto.taf.net/dp/htmlnode/8018.html

FIGURE 4 : Carte des centralités urbaines du Plan Directeur de Porto




Source : Câmara Municipal do Porto - https://pdm.cm-porto.pt/documentacao/

FIGURE 5: Carte des infrastructures de transports collectifs du PDM de Porto

Source : Câmara Municipal do Porto - https://pdm.cm-porto.pt/mobilidade-e-transportes/

FIGURE 6 : Illustration du projet de « Terminal Intermodal de Campanhã »

Source: Câmara Municipal do Porto - https://portoinnovationhub.pt/fora_portas/terminal-intermodal-de-campanha/

FIGURE 7 : Illustration 1 du projet « Matadouro »

Source: Kengo Kuma and Associates & OODA - https://www.goporto.pt/grandes-intervencoes/matadouro-de-campanha

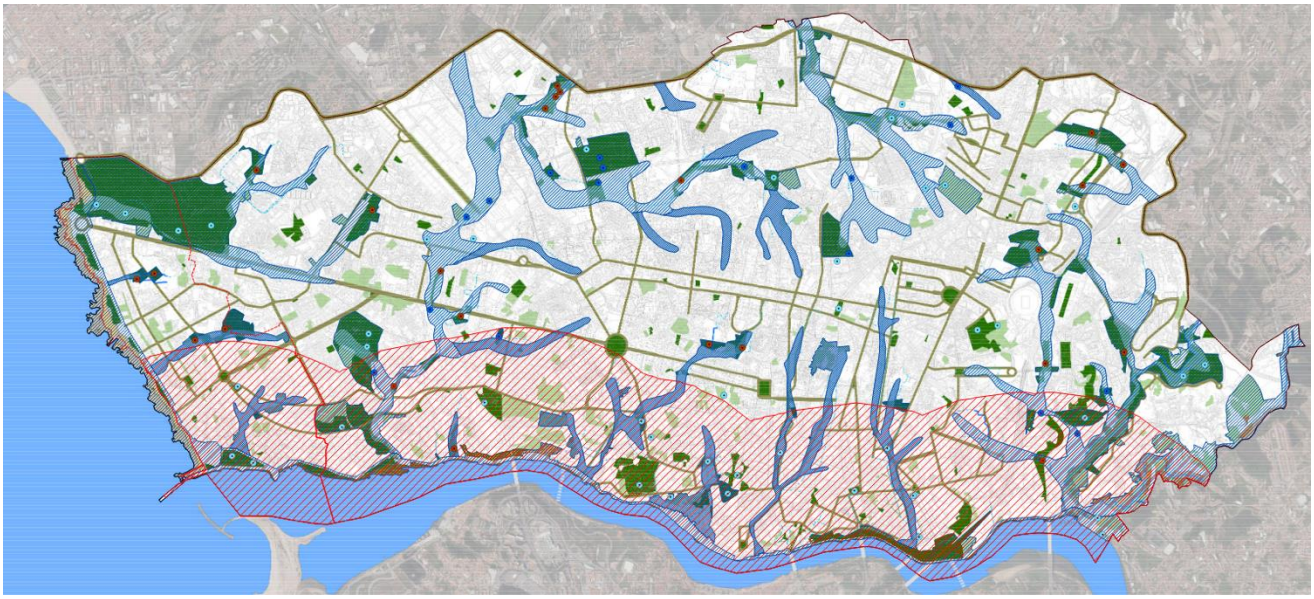
FIGURE 8 : Illustration 2 du projet « Matadouro »

Source: Kengo Kuma and Associates & OODA- https://www.goporto.pt/grandes-intervencoes/matadouro-de-campanha

FIGURE 9 : Illustration 1 du nouveau « Mercado do Bolhão »

Source : Câmara Municipal do Porto - http://www.mercadobolhao.pt

FIGURE 10 : Carte de la structure écologique" du PDM de Porto



Source : Câmara Municipal do Porto - https://pdm.cm-porto.pt/documentacao/

FIGURE 11: Photo Praça de Lisboa, Porto

Source : David Travassos - https://olhares.com/dtravassos

# ANNEXE 1
# Webographie Porto

**Conférence du 20/04/2021 sur les grandes orientations de la nouvelles politiques publiques de la ville en matière de transport** : Pedro BAGANHA, Maire Adjoint de Porto, "Vereador do Urbanismo, Espaço Público e Património et Paulo PINHO, Professeur de planification urbaine et d'environnement à la faculté d'Ingénierie de l'Université de Porto.
https://portoinnovationhub.pt/fora_portas/plano-diretor-municipal-do-porto/

**Mercado do Bolhao**, Porto : Nuno VALENTIM, en charge de la réalisation des travaux
https://portoinnovationhub.pt/fora_portas/restauro-e-modernizacao-do-mercado-do-bolhao/
https://www.youtube.com/watch?v=Ze0f_K5TGmQ&t=5s
https://www.youtube.com/channel/UCJA5FonY5Wbh7jnlYtRNcGQ

**Patrimoine de Porto** : https://youtu.be/nGQaz7J39Y8

**Projet de Plan Directeur Municipal de Porto**: rapport, annexes et cartes: https://pdm.cm-porto.pt/documentacao/

**Terminal Intermodal de Campanha**: Nuno BRANDAO COSTA, Architecte et auteur du projet:
https://www.porto.pt/pt/noticia/terminal-intermodal-de-campanha-conduz-a-cidade-em-direcao-a-oriente
https://portoinnovationhub.pt/fora_portas/terminal-intermodal-de-campanha/

# ANNEXE 2
# Entretiens et présentations

| Nom | Organisme | Fonction | Date |
|---|---|---|---|
| Paulo Pinho | Université de Porto | Professeur de planification urbaine et d'environnement à la faculté d'Ingénierie | 14/09/2021 |
| José Alberto Rio Fernandès | Université de Porto | Professeur à l'Université de Lettres et Géographie | 24/09/2021 |
| Helena Madureira | Université de Porto | Professeure à l'Université de Lettres et Géographie | 02/10/2021 |
| Patrick Zylberman | Expert en Santé | Historien de la santé et spécialiste des épidémies | 18/11/2021 |
| André Cicollela | Expert en Santé | Chercheur en santé environnementale, spécialiste de l'évaluation des risques sanitaires | 18/11/2021 |
| Helène Soubelet | Chercheur et expert en biodiversité | Directrice de la Fondation pour la recherche sur la biodiversité | 18/11/2021 |
| Nuno Valentim | Entreprise | Entreprise Nuno VALENTIM, rénovation du Marche Bolhao, Porto | 19/11/2021 |
| Nuno Brandao Costa | Architecte Porto | Architecte, auteur du projet de Terminal intermodal Campanha | 25/03/2021 |
| Isabel Coimbra | Université de Porto | Doctorante en planification urbaine | 15/04/2021 |
| Virginie Alonzi | Entreprise | Bouygues construction France | 14/04/2021 |
| Pedro Baganha | Municipalité de Porto | Maire Adjoint de Porto, "Vereador do Urbanismo, Espaço Público e Património | 20/04/2021 |
| Susana Maria Magalhães Valente | Municipalité de Porto | Technicienne Municipalité de Porto, en charge de la planification urbaine | 18/05/2021 |
| Paulo Farinha Marques | Architecte | Architecte paysagiste, Parque central da Asprela | 20/05/2021 |
| Isabel Martins | Municipalité de Porto | Directrice de la planification Urbaine | 18/06/2021 |
| Eugénia Rocha | Municipalité de Porto | Technicienne en charge de la planification urbaine | 27/07/2021 |
| Pedro Negrão | Municipalité de Porto | Architecte en charge de l'instruction d'autorisation d'urbanisme | 31/08/2021 |

# Les espaces publics tunisiens face à l'eau : des nouvelles formes et fonctions

# Espaços públicos tunisinos voltados para a água: novas formas e funções

**Messaoudi Abir**

*Docteur en études des paysages et aménagement des territoires à l'ISA chott Meriem Sousse, unité de recherche : VAD à l'ENAU de Tunis.*

Résumé : Aujourd'hui, malgré l'existence des espaces extérieurs urbains, traités et animés, on constate qu'ils sont désertés par les gens. Dépourvus de toute signification sociale, certains espaces publics sont conçus pour répondre à la seule fonction de la mobilité liée au passage ou au transport. Alors que dans d'autres lieux de consommation, les gens viennent en masse, ils sont considérés plus attractifs. A première vue, il parait que l'espace public fonctionne désormais essentiellement par le biais de la création d'animation urbaine proche de lui, mais aussi par la présence de l'eau en deuxième position. Le tropisme de la ville vers les fronts d'eau se vérifie aussi en direction de l'espace public. Ainsi, les espaces publics près de l'eau révèlent de nouvelles formes et ajoutent d'autres rôles. Son traitement paysager et urbain en parallèle du plan d'eau- en dépit de sa simplicité- a certainement était un point prépondérant dans la ville tunisienne puisque celle-ci d'une part a un peu mal géré spatialement sa relation avec l'eau maritime et lagunaire, et d'autre part c'était l'unique endroit qui prévoit une mixité urbaine proche visuellement de l'eau. En revanche, l'effet de ce traitement aussi peut participer à l'accentuation de la confusion entre l'eau lagunaire et maritime. Une comparaison entre un quartier touristique, une station balnéaire au sahel et une nouvelle ville à Tunis nous conduit à observer un rapport dialectique entre la forme urbaine et la mixité sociétale à travers une nouvelle forme de l'espace public. Dans cette sociabilité, s'agit-il d'une simple quête de confort ou plutôt d'une volonté d'affranchissement en vue d'accéder à un rang social meilleur ? Les pratiques urbaines sont- elles conséquentes d'une nouvelle représentation collective des espaces publics mettant fin aux anciens classiques ? Peut- on déduire ainsi que si les mutations des modes de vie universelles nous envahissent, ceux-ci entrainent-ils automatiquement des changements de l'organisation spatiale ?

Mots clés : lieux de consommation, sociabilité, l'espace public

Abstrato : Hoje, apesar da existência de espaços urbanos ao ar livre, tratados e animados, vemos que estão desertos de gente. Desprovidos de qualquer significado social, alguns espaços públicos são projetados para atender à única função de mobilidade relacionada à passagem ou transporte. Enquanto em outros locais de consumo as pessoas chegam em massa, são consideradas mais atraentes. À primeira vista, parece que o espaço público passa a funcionar essencialmente através da criação de animação urbana junto ao mesmo, mas também pela presença de água na segunda posição. O tropismo da cidade para as frentes de água também se confirma em relação ao espaço público. Assim, os espaços públicos próximos à água revelam novas formas e agregam outros papéis. O seu tratamento paisagístico e urbano em paralelo com a massa de água - apesar da sua simplicidade - foi certamente um ponto preponderante na cidade tunisina uma vez que esta, por um lado, tem um pouco mal gerida espacialmente a sua relação com as águas marítimas e lagunares, e por outro por outro lado, foi o único local que prevê uma mistura urbana visualmente próxima à água. Por outro lado, o efeito deste tratamento também pode contribuir para acentuar a confusão entre a lagoa e a água do mar. Uma comparação entre um bairro turístico, uma estância balnear no Sahel e uma nova cidade em Túnis nos leva a observar uma relação dialética entre a forma urbana e a mistura societária através de uma nova forma de espaço público. Nessa sociabilidade, é uma simples busca de conforto ou um desejo de emancipação para acessar uma melhor posição social ? As práticas urbanas são consequência de uma nova representação coletiva dos espaços públicos que põe fim aos velhos clássicos? Podemos então deduzir que, se as mudanças nos estilos de vida universais nos invadem, elas levam automaticamente a mudanças na organização espacial?

Palavras-chave : lugares de consumo, sociabilidade, espaço público

## Tunisian public spaces facing water: new forms and functions

Abstract: Today, despite the existence of urban outdoor spaces, treated and animated, we see that people desert them. Devoid of any social significance, some public spaces are designed to meet the sole function of mobility linked to the passage or transport. While in other places of consumption, people come in droves, they are considered more attractive. At first glance, it seems that the public space is now functioning essentially through the creation of urban animation close to it, but also through the presence of water in second position. The tropism of the city towards waterfronts is confirmed also towards the public space. Thus, public spaces near water reveal new forms and add other roles. Its landscape and urban treatment in parallel with the body of water - despite its simplicity - was certainly a prominent point in the Tunisian city. Since it on the one hand has a little badly spatially managed its relationship with maritime and lagoon water, and on the other hand it was the only place that provides for an urban mix visually near to the water. On the other hand, the effect of this treatment can also contribute to the accentuation of the confusion between lagoon and seawater. A comparison between a tourist districts, a seaside resort in the Sahel and a new city in Tunis leads us to observe a dialectical relationship between the urban form and the societal mix through a new form of public space. In this sociability, is it a simple quest for comfort or rather a desire for emancipation in order to gain access to a better social rank? Are urban practices the consequence of a new

collective representation of public spaces putting an end to the old classics? Can we thus deduce that if the changes in universal lifestyles invade us, do these automatically lead to changes in the spatial organization?

Keywords: places of consumption, sociability, public space

## 1. Introduction :

En se référant à une connotation urbaine qui aujourd'hui se pose comme une pertinente composante de la ville, l'espace public renvoi à des réflexions sur la mixité sociale ou culturelle. Par conséquent, ces deux expressions clés de ce travail qui sont questionnées dans de nombreux écrits et essais dans différentes disciplines et qui continuent à échapper du cadrage théorique nécessitent donc une investigation pour resserrer d'un point de vue méthodologique la position de l'espace public dans la ville fabriquée au bord de l'eau.

Il n'en demeure pas moins que l'analyse de la dynamique spatiale envisage de décoder les représentations en forme, en structure et en couleur de l'espace public qui permet de mettre l'accent sur les positionnements par rapport aux attentes d'usage spatial lié au monde arabo-islamique. Toutefois, cette analyse empruntera à nouveau à la typo-morphologie urbaine et un peu à la sociologie, mais elle s'appuiera surtout sur l'étude d'observation méthodique qui fait référence à la pratique de paysage : les images occuperont une place importante à mesure que ce fil conducteur bercera l'imagination pour faire office d'une analyse concrète. Plus précisément, l'analyse en effet sera consacrée à l'étude détaillée d'un territoire touristique et un autre issu d'une nouvelle ville sur laquelle les lieux de la mixité sont les mieux représentés face aux fronts d'eau. On s'intéresse d'abord à la manière dont s'organisent les espaces publics. Par la suite, on confrontera cette répartition spatiale avec les pratiques et les liens, le phénomène d'appropriation qui constitue les relations dynamiques entre public et privé, entre autre donnera lieu à une actualisation de l'héritage touristique ordinaire et dominant.

Les espaces publics révèlent de nouvelles formes et imposent d'autres rôles. Aujourd'hui encore, malgré l'existence des espaces extérieurs urbains, traités et aménagés, on constate que cette magie du temps social n'est plus possible. Ainsi, pourvu de toute signification sociale, certains espaces publics sont conçus pour répondre à la seule fonction de la mobilité liée au passage ou au transport. Alors que dans d'autres lieux de consommation, les gens viennent en masse faisant halte dans ce lieu considéré plus attractif. Certes, quand la vie y trouve refuge, il sera loisible sous un nouveau jour de s'interroger : Comment se fait que cet espace public attire tant de foule et que tout le monde y trouve satisfaction ?

## 2. Espace public et dynamique spatiale dans la ville de Sousse :

Afin de répondre à cette question, on prétend que sa forme a réussi à construire une certaine image. En ce sens, l'espace public du côté balnéaire de la plage Boujaafar est matériellement conçu d'un revêtement gris quadrillé de lignes blanches. Ce traitement est la matière fondamentale d'une interprétation communale : ça permet clairement de limiter le terrain d'intervention foncière au niveau de la municipalité. En dehors de ce revêtement qui possède donc une logique publique et une cohérence, le traitement des autres trottoirs est hétérogène, et à la base ne motive pas la distinction entre ordre spatial privé et public.

Ensuite, il apparait que dans l'arrangement physique en termes de marquage territorial, ils existent des ambiguïtés qui s'exercent entre l'espace privé et public sous une autre forme. Cette fois, le substrat est un complexe touristique Abou Nawas Nejma compose d'un hôtel avec des espaces extérieurs habituels, mais aussi un cinéma, une galerie marchande, des services plus un magasin, tous à titre de location.

Si au cours de cette étude, il était question d'aborder l'espace public ainsi que les concepts y afférents, ce genre d'espace contrairement à notre première impression rompt avec le modèle traditionnel basé sur la simple opposition au privé. Du côté de la ville, hôtel s'identifie par sa couleur blanc et bleu du village de Sidi Bou Saïd pour récupérer une certaine homogénéité sans que le statut privé soit déclaré. On connait que la clientèle ne s'aperçoivent pas que le magasin ou le cinéma, font partie de l'hôtel Abou Nawas.

Sans pour autant perdre cette qualité, le traitement du sol, en revanche, ne permet pas de définir une visibilité nette de limites entre espace privé et public : de façon plus générale, les jardinières de l'hôtel Abou Nawas se déploient sur un espace commun, par contre aussi le contexte privé est largement ouvert au public et n'est pas seulement réservé aux clients de l'hôtel. Cest là tout le défi de brouillage signalé et signifié, pour qu'il se tient concrètement un dialogue entre l'hôtel et la ville, cette volonté d'ouverture urbaine prend compte de laisser figurer un complexe à caractère urbain, différent des autres orientations concernant les hôtels voisins enclavés et qui fonctionnent par des tours opérateurs. Ce lieu de brassage et de mise en scène d'une urbanité ne doit pas prôner ainsi un espace public indiffèrent vis-à-vis les formes d'appropriation.

Figure 1 : L'hôtel urbain Nejma Abou Nawas

Source : cliché personnel

Alors que tout est soumis aux règles d'un espace accueillant qui renvoi sans doute par des caractéristiques physiques d'une stratégie commerciale à un espace public, cette spécificité du vécu ne signifie pas l'absence du contrôle du propriétaire sur les comportements informels. Tous les petits commerces informels sont maintenus à distance s'appuyant sur le rapprochement entre secteurs publics et privés. L'enjeu d'attractivité devient un atout de poids, en masquant le dessin de limites des espaces privés par la simple appropriation spatiale. Au point que bien souvent, les impératifs de l'aménagement de l'espace public évoluent selon une position optimale d'urbanité.

Afin d'éclairer plus précisément ce classement, il est important de rappeler que l'espace public lorsqu'il est densément fréquenté au bord de l'eau dans la ville, il a tendance à disparaitre peu à peu, pour limiter selon les perceptions le passage et empêcher les usagers à cause de la dominance de l'appropriation : la privatisation devient exclusive.

En rupture avec ce rythme, quand le taux d'occupation informelle est absent, l'espace public est senti vide. Cette prise en compte du rôle de l'appropriation comme moteur positive des fluctuations des usages et qui anticipe par cette charte, l'approche formelle même lorsque la sphère publique est aménagé par un revêtement distinct, ne peut pas aboutir à s'inscrire comme une dynamique engageante qui correspond aux pulsions le long d'une chrono-graphie précise : espace marché, événementiel, festive et mobile.

En somme, l'articulation autour du marqueur de publicisation par l'insertion d'équipement culturel : cinéma ou du commerce (le Magasin Général) est une façon d'être en coprésence dans la vie de la ville. Pour éclairant qu'il soit, l'hôtel est un univers d'échanges quotidiens entre deux boulevards parallèles d'où l'intérêt d'insérer une voie piétonne qui s'ouvre sur la galerie commerciale pour éviter le passage rapide des voitures.

Figure 2 : L'hôtel Nejma Abou Nawes un univers d'échanges entre deux boulevards (en avant et en arrière).

Source : cliché personnel

Ainsi, le terme qui le dénomme : hôtel urbaine n'impose pas seulement des services ordinaires, mais s'adresse plutôt à une clientèle de passage pour pénétrer à l'hôtel : cette mutualisation peut être observe dans d'autres hôtels de proximité ou ailleurs qui peuvent ne pas se réclamer par l'anticipation du passage piéton. D'un point de vue pratique, il s'agit d'une tradition ancienne hérité dans la médina pour les fondouks, réservé à hébergement des marchands et des artisans se greffant près des souks pour la captivité des clients.

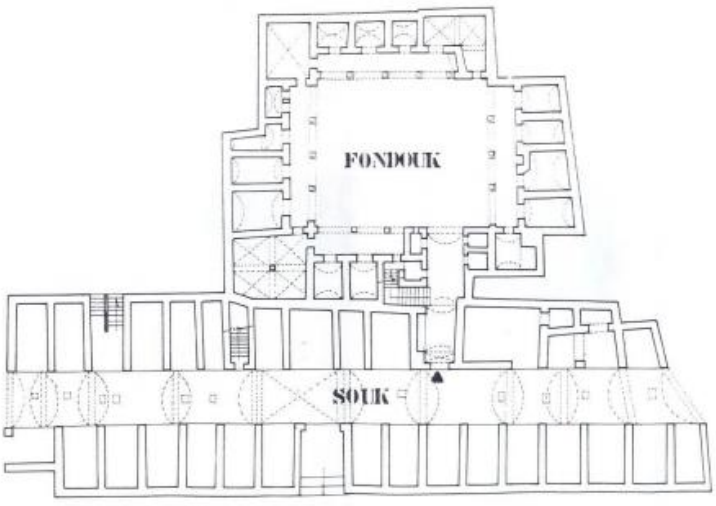



Figure 3 : Fondouk El-Attarine qui s'ouvre sur le souk El-Attarine dans la médina de Tunis.

Source : El GHALI, Adnen, les fondouks de Tunis : Genèse et logique urbaine, Paris, 2007, 70p

En conséquence, il y a également une variation de l'intensité du phénomène de l'appropriation dans la ville de Sousse, au bord de la mer, qui n'efface complètement ni les privatismes, ni les enclaves, sans bien sûr toucher à sa nature. En Arrière de l'hôtel de Nejma, les voies sont prises entre l'activité piétonne et celle des automobiles, mais l'occupation du trottoir par les étalages des commerçants qui d'ailleurs peut déborder sur la chaussée gênent le passage des piétons ; ces derniers seront obligés de marcher sur la route. Tandis que les cloisons, les obstacles s'érigent dans l'espace public, la collectivité locale a nourrit des efforts pour réaffirmer la permanence d'obéissance à la loi pour minimiser le détournement de l'espace public. Aussi, ça sert à garantir l'équilibre entre l'image de l'urbanité et ses articulations lorsque la ville est au contact des étrangers, des autochtones, des cultures et mode de vie divers.

Cette question prend de l'ampleur dans un contexte arabo-islamique, surtout si on voit dans toutes les médinas, les mêmes pratiques d'appropriation des espaces publics par les commerces.

S'agit-il ici d'un contrat citoyen qui correspond dans ses racines profondes à une pratique habituel qui a son cadre spécifique lié à la société ? Ou c'est au contraire révélateur d'incivilité ?

Dans une veine plus interventionniste, il est essentiel de rappeler en amont que dans la médina, *le Fina* à proximité de la rue du passage a toujours la possibilité de muter puisqu'il fait partie de la propriété privée des habitants en face. Ce changement peut se marquer par le droit d'exploitation sans construction ou avec. Par contre, le trottoir dans la ville occidentale, ne peut pas dans tous les cas se décliner ou évoluer selon les intérêts vue qu'il contextualise le droit de la servitude en dépit du voisinage. Si le trottoir porte une dimension plane règlementée par des limites et des mesures, le *Fina* a cette plasticité de prendre en main un volume tridimensionnelle puisqu'il a les mêmes propriétés du bâtiment. Cette caractéristique a été dressée selon un cadre juridique et religieux qui anime le droit de la propriété dans la ville arabo-islamique. Il est donc considéré comme une réserve foncière arabo-islamique pour équilibrer d'une part la pression architecturale et la pression issue des pratiques urbaines temporaires (l'installation des marchands à titre d'exemple pour préserver la fluidité du passage).

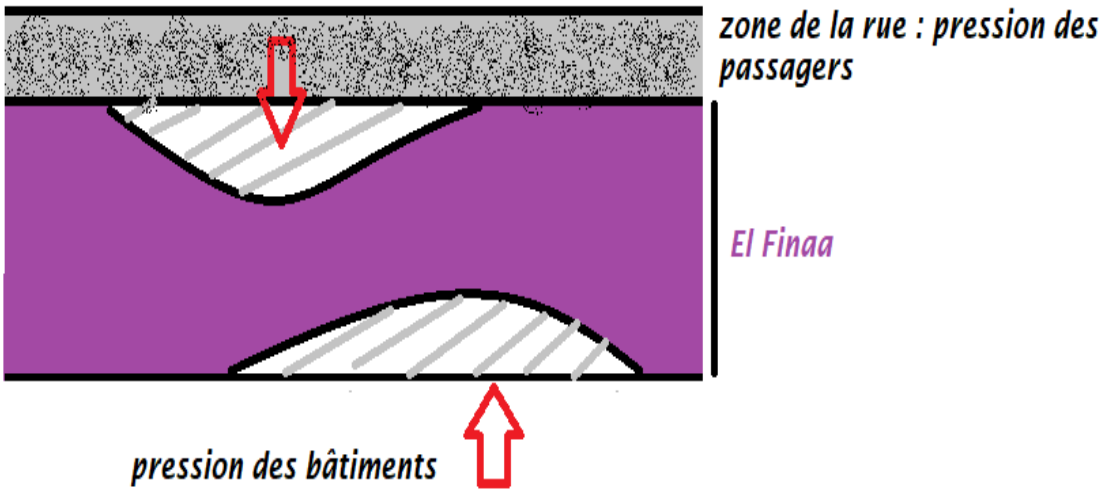



Figure 4 : Schématisation de la fonctionnalité du *Fina* dans la ville arabo-islamique

Source : Sebei, Abid, Réglementation urbaine et lecture de la ville arabo-islamique, Université de Paris 8, 2001, p659.

En effet, la ville n'a pas seulement des effets aliénants, le patrimoine architectural et urbain pourrait bien régénérer sous forme d'une nouvelle construction culturelle, une connotation oubliée, qui développent donc une psychologie régulée par les temporalités de la ville.

A l'heure, l'espace public tunisien vient confirmer la continuité des anciennes pratiques et éclairer la confusion entre la compréhension de l'espace public occidental et un autre arabo-musulman.

A une échelle plus grande, on se demande aussi si les phénomènes d'appropriation et leur diversité auraient des incidences comme l'apparition des phénomènes de détournements ? Bien qu'ils s'en fassent des représentations différentes, ceci rappelle la théorie de la complexité qui traite non seulement ce qu'on observe mais aussi mène une stratégie des imprévus puisque l'observateur fait partie aussi de l'objet. Donc, chaque fois qu'un changement, un affrontement arrive il perturbe la linéarité de ce qu'on voit stable.
A l'invitation de la ville résiliente aux changements climatiques, on voit donc le pari de piétonniser les grands axes viaires dans le projet de Paris 2030, en étalant le même traitement aussi bien pour les mobilités douces que celles rapides. Mieux, nous dégagerons ici, cet angle particulier de la ville ancienne mais également actuelle plus humaine, qui se fait par une infusion d'espace public plus généreux et faisant autorité dans la ville.
Un phénomène comparable peut s'observer sur la plage de Boujaafar. Cette dernière se situe au croisement de deux modèles urbains l'un organique : la médina de Sousse et l'autre en rapport avec la nouvelle ville européenne. Cet environnement a laissé place à la pratique de bain de mer, durant laquelle les hôtels s'approprient la plage pour installer des parasols et les chaises qui restent sous la surveillance du personnel. Mais aussi, le reste de l'espace non réserve sera partagé entre les autochtones et les soussiens. D'autres pratiques, ludiques pour enfants et jeunes adolescents, de pêche à la ligne, de pique-nique augmentent l'attrait de la ville.

Figure 5 : L'appropriation de la plage Boujaafer

Source : cliché personnel.

En effet, sous l'angle de cette mixité fonctionnelle sur la plage qui n'est autre que la réflexion de la mixité morphologique et typologique puisqu' à proximité de l'espace d'habitat s'implantaient les équipements hôteliers, aux abords, on retrouve aussi une mixité de modes de transport.

La mise en œuvre de telle composition, fondée sur l'isotropie urbaine, relativement adaptée à un urbanisme ayant les mêmes propriétés et les mêmes qualités dans tous les coins, exemplifie un espace public en continuité avec la ville et pas situé en périphérie comme limite.
Constitutif de l'animation urbaine, la contribution de la mixité des espaces extérieurs sont toujours liée à une référence arabo-islamique.
L'appréhension d'une station balnéaire d'El Kantaoui qui fonctionne en rhizome comme une petite unité urbaine intermédiaire entre le centre-ville Sousse et le centre Hammam Sousse mais indépendant d'eux, simule le même poids de la ville arabo-islamique.
Le tissu urbain de Kantaoui se compose de deux pôles : le port et la fontaine musicale, entourés par des commerces de style architectural néo-mauresque raffiné selon les attentes de touriste. C'est à ces conditions, qu'on récupère la même ambiance des espaces publics de Boujaafer, bien que la fréquence de visite soit beaucoup plus intense. Cela est due à une composition en tâche d'huile de la porte de la ville, du parc d'attractions, de la fontaine, des sabbats (passage couvert) et des moucharabiehs sur la station qui assure leur connexion par des ruelle étroites en pavé rappelant l'ambiance arabo-musulmane, contrastée par des végétaux en forme géométrique qui reflète l'idéal géométrique de la ville occidentale ou ses jardins classiques.
Pour le port Kantaoui, l'accessibilité des résidences se fait en périphérie par une hiérarchie moins importante que celle du centre réservé au piéton. De plus, la distribution des différentes formes de commerces est en fonction du rythme d'usage : d'un côté, on trouve dans les larges voies les boutiques de souvenirs, les services et les restaurants. De l'autre côté, à un ordre décroissant, dans les voies les moins peuplées, les petits commerces s'adressent aux clients résidentiels.

Figure 6 : le phénomène de l'appropriation à la station balnéaire Kantaoui
Source : cliché personnel

La conceptualisation de l'espace public est beaucoup plus soulignée par l'ambiance traditionnelle que le quartier Boujaafar, donc il s'accompagne par une appropriation plus intense, surtout dans les espaces tout près de la zone centrale. Par contre, en arrière du port, près de la mer, la privatisation de la plage n'a pas eu lieu, la seule spécificité est que les habitants ont un passage viaire pour la mobilité. Sinon les lieux résidentiels sont en retrait visuel par rapport à la zone centrale : plus on s'éloigne moins c'est visible.

### 3. Problématisation des pratiques de l'espace public face à l'eau :

Plus prosaïquement, l'analyse de la dynamique paysagère envisage de décoder les représentations en forme, en structure et en couleur de l'espace public, qui permet de décider de prendre un positionnement positif ou non par rapport à la réussite de ce projet en ville, en terme d'accomplir les attentes des usagers concernant l'aménagement de la corniche. Toutefois, on tente de poser des interrogations cruciales : est-ce que le traitement de corniche a pris la couleur de la puissance de l'eau idyllique, et renvoi lui aussi l'image d'un espace qui fonctionne par ses formes et ses façons indépendamment de l'eau ou même de l'animation urbaine autour de lui ? Quel positionnement prend-elle la corniche dans le contexte urbain ?

La corniche parait l'unique promenade publique qui est repéré au bord de la lagune. Elle est donc une entrée de ville selon une perception paysagère, on vit la nouvelle ville ouverte sur les plans d'eau au moment où on la pénètre et on la pratique. En effet, il s'agit une digue remblayée et aménagée sur une longueur de 665 m. Le traitement de la corniche est simpliste : dotée d`un mobilier urbain ordinaire qu'on peut trouver partout. La forme élancée et linéaire du Phoenix canariencis a provoqué deux images. Dans la première on a forcé le végétal à être reconnu comme minéral puisque son intégration ne recèle pas un choix rythmée mais une simple projection qui n'incite pas le promeneur à découvrir des ambiances donc à marcher.

Dans la deuxième image, la plantation de palmier renvoi à l'image de la corniche balnéaire, de la Marsa, à Bizerte aux berges du lac, le modèle de traitement végétal est répétitif, la lagune est considérée aussi un front de mer. Ce modèle d'aménagement est en fait né au milieu du XIX$^{ème}$ siècle dans la promenade des Anglais en Côte d'Azur. Jadis, ce traitement accentue l'image de la maritimité de la lagune : Mer et lagune sont aussi confondues dans le registre des aménageurs. La corniche est placée en continuité avec l'image de la goulette avant qui était le point de mire des visiteurs tunisois. Cette idée se poursuit si on voit les désirs d'animation de l'eau au bord de la corniche, pour créer des ambiances et attirer plus les visiteurs en ce lieu surtout la nuit. Cette animation non seulement renvoi à l'image de la mer animée et mouvementée par les vagues, mais aussi redonne à l'espace des possibilités de créer des événements artistiques au bord de l'eau via la lumière et la musique.

Les rythmes dans la corniche semblent se concentrer sur les plans d'eau beaucoup plus que l'aménagement paysager de la corniche, c'est seulement l'allure de la corniche courbe qui a brisé la linéarité pour permettre de rythmer le paysage qui s'offre d'une part de la résidence bel Air, et du club nautique d'autre part dans l'extrémité en bas de la corniche. Le traitement en zigzag du pavé n'a pas créé un mouvement puisqu'il ne se transformait pas en volume pour changer les ambiances.

Le paysage de la corniche offre une vue panoramique sur l'eau, avec un arrière-plan formé de la montagne Bou Kornine et l'autre de Zaghouan qui en déviant à gauche on voit deux verticalités un minaret à côté d'une église : cela renvoi l'image d'un pays ouvert à tous les cultes. Par contre, à gauche, la centrale thermique de la goulette a dépassé la ligne de crête (la montagne), une réflexion qui manquait aux aménageurs concernant l'implantation des usines ou autres dans un espace, où la présence d'un arrière-plan constitué de montagne avec une pente assez accentuée compte bien à la valorisation du paysage, puisque le regard tend toujours plus loin à l'horizon, pour décortiquer ses éléments. Au milieu, on voit le fort espagnol Saint Jacques de Chikly joyau patrimonial du site qui date du 16 $^{ème}$ siècle.

Sur plan, on remarque une continuité de couleur dans le traitement du pavé utilisé dans l'esplanade et la corniche. Cette continuité reflète l'articulation de la corniche et de l'esplanade, une articulation qui a réussi à jouer sur la réussite de la corniche.

Concernant la connexion de l'espace public avec l'urbanité aux alentours, une discontinuité dans le traitement des abords de lac est établit pour des raisons acoustiques due au passage des avions, donc c'est la direction des navigations aérienne du Ministère de Transport qui autorise ce positionnement. Il en résulte deux typologies des interfaces d'eau : la première dont l'accès est ouvert aux différents groupes sociaux mais qui est lié à un contexte de loisir, la deuxième où l'eau est privatisée par des immeubles de résidents ou encore par des salons de thé : la lagune sert d'un cadre de vue pittoresque qui rappelle la mer, c'est ce qui explique l'emplacement intercalé d'espace d'animation à convocation touristique : la lagune est traité sur le même point d'égalité qu'un front balnéaire.
La promenade est en fait entourée d'espace de loisir, d'animation et d'espace ludique : terrasses de cafés, restaurants, salons de thé. L'esplanade qui domine la corniche ' Flamingo Center' contient neuf cafés et restaurants dont les galeries sont vitrées : d'ailleurs le verre est le matériel majeur aux berges du lac comme signe d'accès à la modernité, au centre de l'esplanade en forme d'amphithéâtre, un petit square végétalisé.
Sur plan, on remarque une continuité de couleur dans le traitement du pavé utilisé dans l'esplanade et la corniche. Cette continuité reflète l'articulation de la corniche et de l'esplanade, une articulation qui a réussi à jouer sur la réussite de la corniche. Cette conjugaison espace public et espace commercial de commercial va de soi pour assurer la mixité urbaine dans un lieu situé à la limite de la ville européenne.

Figure 7 : L'esplanade Flamingo Center s'ouvre en amphithéâtre sur les plans d'eau

C'est seulement que la forme dominante circulaire de l'espace public à Miami rappelle que la corniche est tracée pour inviter les promeneurs à aller vers les espaces de proximité. La forme panoptique de l'escalier qui est en continuité avec les escaliers extérieurs du théâtre municipal au centre-ville, relève ce plaisir de tout voir en s'asseyant et de pouvoir scruter les passages sans être vu et traduit un désir de piloter une technique de surveillance sur l'autre qui pratique la corniche.
Du fait du vécu, à force de mener des observations de la corniche et ses alentours, il s'avère qu'au même temps la corniche n'est pas pour les résidents un lieu attirant au contraire c'est un lieu à éviter puisqu'il les fait mélanger à une classe sociale inférieure. Il se trouve que les autres résidents ont préféré fréquenter les clubs ou bien les restaurants ou encore les salons de thé en faisant le tri : on ne choisit que les lieux dont l'accès

demande déjà par carte de membre, ceci permet de diminuer une catégorie de clientèle en faveur d'une autre plus classe.
Sans oublier que le mode d'urbanité parait paradoxal, en opposant la mixité sociale dans l'espace résidentiel à celui d'espace public. D'ailleurs même l'espace résidentiel conçu d'avance pour l'habitat se voit muter en des bureaux pour différentes entreprises. Ce qui mène à réduire les relations de mitoyenneté.
Les espaces publics extérieurs en comparaison avec celui de la corniche aménagée en linéaire des plans d'eau paraissent abandonnés et très peu fréquentés comme s'ils sont un simple décor dans la ville et n'envisage pas d'interférence pour son groupe social.
Cette vision nous met en face d'interrogation à propos de l'aménagement urbain aux berges du lac, à l'inverse du désir d'ouvrir la ville à l'eau de gérer une nouvelle centralité urbaine qui donne l'ampleur au centre ancien, il se répercute en nous une image d'une ville enfermée sur elle-même même si d'apparence elle parait se lancer vers l'eau. Cette ségrégation peut-elle peser lourd sur le bon schème qu'on a tracé d'une ville avec une façade maritime ?
En effet, la corniche devient l'arène de pratiques sociales, à différentes séquences scéniques : de répartition, comme d'évitement. Le choix de temps compte bien dans la pratique de l'espace, il s'agit d'une technicité pour éviter de croiser certains comportements jugés inacceptables, alors on aura un décalage de visite entre le matin qui sera consacré pour les résidents des berges du lac, l'après-midi pour les couples, et le soir pour les familles. Les tactiques d'évitement montrent à quel point les pratiques socio spatiales de l'espace public urbain sont entravées par des préoccupations liées à la peur et incommodées par une sensation d'intrusion. Dans la corniche, les jeunes sont des fois les seuls à batifoler et à flâner durant un temps précis. Regarder suppose 'se promener' et se promener implique une revendication plus importante de la vue. Mais le plaisir esthétique du regard ici n'est pas porté sur le décor de l'eau et les échanges symbolique et naturel qu'il présuppose mais dans les jeux de la drague : le corps est pris dans un désir de séduire. Cette prétention s'inscrit dans un cadre choquant pour certains, elle s'accompagne d'un code vestimentaire dit 'osé' chose qu'on ne trouve pas accentué dans le centre de ville, où il reste normé par un certaines traditions. L'espace public a servi pour les femmes spécialement de figurer et d'affecter un sens ' d'individualisation ' en adoptant un mode de vie cosmopolite déduit des images présentées par les médias dans le monde. Assurément, le code vestimentaire a bien tracé la place de la ville comme étant lieu limite, mais aussi qui tend des relations avec le centre dans la logique d'unifier le territoire autour de l'eau dite nouveau instrument d'aménagement urbain.
Toutefois, la forme générique d'une société hyper-dominé par les règles d'étirement et d'évitement, a provoqué un espace envidé des activités culturelles : salle de cinéma, théâtre, salle d'exposition ou centre culturel et a été entassé par les discothèques, cafés, bowlings. L'intérêt des aménageurs était de créer des zones d'animation qui permettent un gain financier rapide, c'est pourquoi ils se sont concentrés essentiellement sur une référence commerciale dans leur aménagement. Certes cette perspective d'une ville sous réserve et objectée à une logique purement rentable reflète que les projets d'aménagement aux berges du lac ne sont qu'à la tutelle d'un agent prédominant avant même l'acteur public : les acteurs privés qui ont voulu transmettre une nouvelle image de la ville à Tunis.
Ainsi, cette image marque au départ une dynamique paysagère en relation avec les translations de modèles et des références internationales puisque jusqu'aux les années quatre-vingt, le modèle à suivre dans les nouveaux quartiers était purement francophone, les français avaient le rêve de rendre la ville un sous-produit français, mais en 1990, on intégrait une autre image américaine qui sert de tracer un sens plus large celui d'une ville avec des normes mondialisées.

Mais, aussi elle laisse figurer par la suite que l'état tunisien dont le régime est autoritaire avait une crainte quelque part de l'espace public. La gouvernance de cet espace potentiellement risqué est organisée en concédant aux entrepreneurs certaines prohibitions : usage de drogue, d'alcool, de prostitution mais surtout les manifestations politiques.

## 4. Conclusion :

L'espace public en formation décèle des phénomènes robustes de concentration sociale dans ses lieux. Prégnante de liens sociaux opposés, ces lieux redonnent des manières de pratiquer la ville. Ils ont rendu possible une façon de revivre la ville au bord de l'eau en héritant deux modèles l'un occidental fondé sur l'individualisme, l'autre découlant d'une culture arabo-musulmane basée sur les liens et les partages en groupe. Mais, à l'intérieur de ces espaces publics il y a eu une dissolution des limites avec l'espace privé qui caractérisaient longtemps les espaces publics arabes. Le phénomène de l'appropriation connotait aux espaces publiques sa nouvelle présence, une présence ou une altérité qui reste aux grés des références traditionnelles une dialectique à discuter. L'urbanité qui en dérive est emmêlée, elle laisse voir des interprétations dissemblables. L'utilisateur potentiel de l'espace public précisément est attiré par ses ambiances mais aussi par le cadrage de l'Urbain, qui s'impose et stimule nos pensées à réfléchir à la lumière de la conjugaison de ces lieux témoignant de pratiques en opposition avec l'ambiance spatiale occidentale, à la connivence entre les usagers et l'espace. De quelle identité peut-on parler dans ces espaces ?

**Bibliographie :**


- El GHALI, Adnen, les fondouks de Tunis : Genèse et logique urbaine, Paris, 2007, 70 p.
- OUESLATI HAMMAMI, Imen, Les centralités du grand Tunis acteurs, représentations et pratiques urbaines, Université de Toulouse, 2010, 642 p.
- NAVEZ BOUCHANINE, Françoise, Les espaces publics des villes maghrébines, enjeu et partie prenante de l'urbanisation, in Revue maghrébine de recherche en urbanisme et aménagement. http://www.navez-bouchanine.com/ouvrages-collectifs/ouvrage-collectif.html
- PICARD, A., La colonie méditerranéenne et la ville, in Identité de la ville méditerranéenne- Actes du colloque de Montpellier,18-19-20 novembre 1993.
- PRELORENZO, Claude, DEHAN Philippe, PICON-LEFEBVRE Virginie, SIMMONET Cyrille, la ville au bord de l'eau : une lecture thématique d'Europan 2, 1993, 109. 42 p.
- PRELORENZO, Claude, La ville au bord de l'eau ou les contemplations du vide, La ville, n° 2, Sur Seine, Le Havre, Rouen, Paris-banlieues, 1995, 163p.
- SANTELLI, Serge, Le creuset méditerranéen : Tunis, Editions du Demi-cercle, CNRS, 1995, 76p.
- TEYPAZ Yvan, L'identité produit de la ville, 2008, 54 p.
- TOUSSAINT, André, lecture du paysage, 20 p.
- SEBEI, Abid, Réglementation urbaine et lecture de la ville arabo-islamique, Université de Paris 8, 2001, 659 p.

**Jean-Paul Carrière**, Professeur émérite à l'Université de Tours, UMR CNRS CITERES.

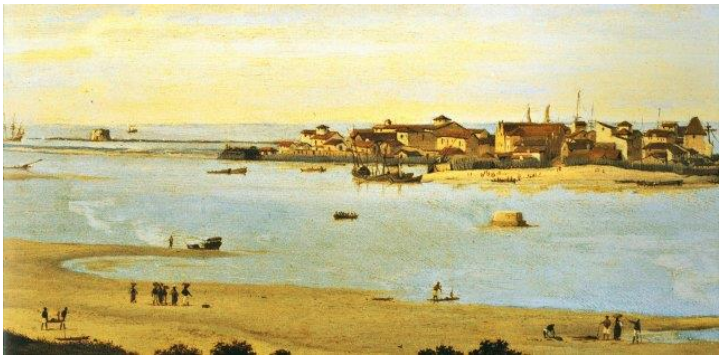
**Fabiano Rocha Diniz**, Professeur adjoint à l'UFPE, Recife, CIAPA.

# L'aménagement des fronts d'eau à l'épreuve du changement climatique : Une analyse franco-brésilienne du cas de Recife

## Introduction

A travers le monde, de nombreuses villes et métropoles se sont développées sur les bords des fleuves, et en particulier près de leurs estuaires à l'instar de Recife au Brésil ou Bordeaux en France (Figures 1 et 2). Bien d'autres exemples pourraient être évoqués pour illustrer l'importance des fleuves dans les dynamiques urbaines, car, comme cela a été démontré maintes fois (CARRIÈRE et FARTHING, 2021 ; DINIZ *& al.*, 2020), l'accès à l'eau a toujours joué un rôle structurant dans les processus d'urbanisation, pour résoudre des problèmes de transport, d'échanges commerciaux, d'approvisionnement ou d'accès à la ressource aquatique à des fins domestiques, agricoles, industrielles ou énergétiques. Ceci explique, qu'en dépit d'appropriations privatives, les abords immédiats des rivières et des fleuves ou de la mer restent en général inscrits dans l'espace public.

Figure 1. L'île de Recife et son port, vers 1637.



https://www.google.com/url?sa=i&url=https%3A%2F%2Fwww.diariodepernambuco.com.br%2Fnoticia%2Fvidaurbana%2F2017%2F06%2Fheranca-holandesa-o-recife-de-mauricio-de-nassau.html&psig=

Figure 2. La ville de Bordeaux et son port, au XVIIème siècle.

https://www.bing.com/images/search?view=detailV2&ccid=xYTzcq0U&id=9F699AE0ABF5454C5C80B46BD4E34607A5B8AFAB&thid=

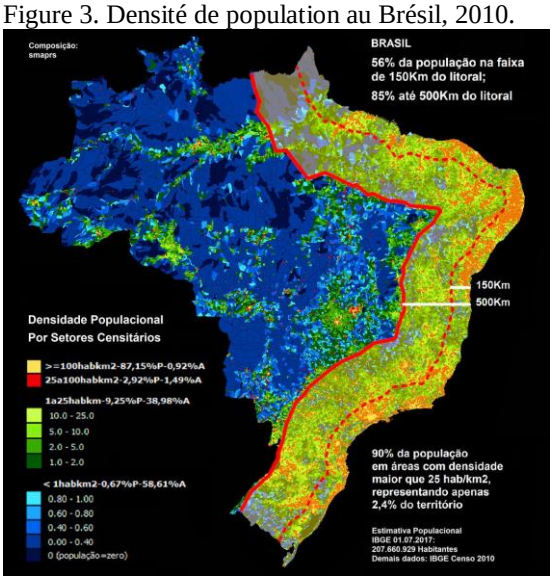
Dans le Nouveau Monde, dès le XVI$^{ème}$ siècle, le besoin de bases pour coloniser les terres et exploiter leurs ressources obligeait les nouveaux peuplements à s'installer près des côtes océanes, ou le long des fleuves, en creusant des ports fortifiés. En Europe, au XIX$^{ème}$ siècle, l'essor du capitalisme industriel, fondé principalement sur le développement de l'industrie textile, très grosse consommatrice de ressources en eau, n'aurait guère été possible sans implantation à proximité des fleuves. C'est pourquoi les premiers aménagements et l'artificialisation des bords de mer ou de fleuve furent essentiellement de caractère industrialo-portuaire, comme ce fut le cas par exemple, en France, avec l'île de Nantes, siège des chantiers navals au cœur-même de la ville, ou avec les quais de Bordeaux accueillant d'immenses surfaces de docks[1].

[1]Ce ne fut pas le cas au Brésil, où l'industrialisation tardive a nécessité ce genre d'aménagement seulement après la première moitié du XX$^{ème}$ siècle, comme ce fut le cas pour le port de Recife dont l'activité a périclité du fait de la l'implantation d'un complexe industrialo-portuaire sur la côte sud de l'état du Pernambouc.

Par la suite, avec la fin de la révolution industrielle et l'émergence d'une société tertiarisée et mondialisée, d'autres perspectives d'aménagement des bords de fleuve ou des rivages maritimes se sont faites jour, alors même que se transformait la planification urbaine et ses outils (DESJARDINS, 2020), les changements « globaux », sociétaux et environnementaux imposant de réviser la conception des plans et des schémas d'urbanisme ; tandis qu'apparaissaient d'autres usages de ces espaces (stations balnéaires, tourisme et loisirs – en France comme au Brésil – « copropriétés fermées » sur le littoral brésilien, etc.).

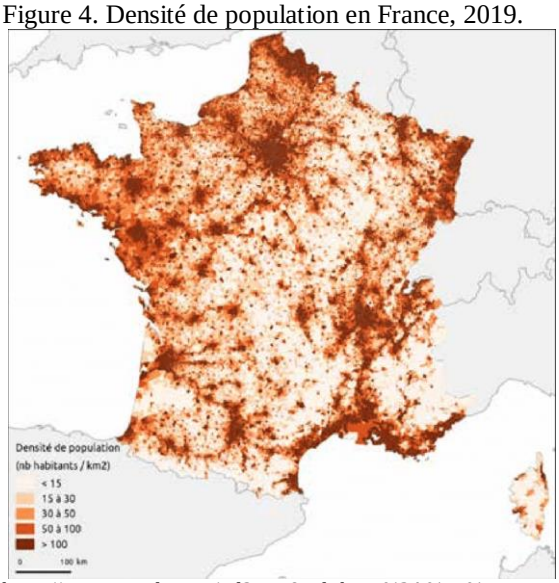
La nécessité de réviser l'aménagement des villes littorales, estuariennes ou riveraines des grands fleuves s'impose tout d'abord par la forte concentration de la population dans ces régions. Le « thalassotropisme », en tant que processus continu d'attraction des populations pour les littoraux, a des répercutions notables : en France, la plupart des villes ayant plus de 1000 habitants/km$^2$ s'installent le long des principaux fleuves et rivières ; au Brésil, plus de 56% des habitants occupent des zones situées dans une frange maritime qui n'excède pas les 150 km de largeur (Figures 3 et 4). Outre la forte concentration de population, apparaissent dans ces territoires de bord de mer ou fluviaux de nouvelles problématiques liées à des phénomènes tels que l'étalement urbain, l'artificialisation des sols, les atteintes croissantes à la biodiversité, l'augmentation des pollutions globales, le changement climatique (CC), l'aggravation des risques naturels majeurs, notamment les inondations (Figures 5 et 6), la montée des eaux maritimes, l'épuisement des ressources, etc. De ce fait les enjeux de l'aménagement des espaces concernés ne s'expriment plus simplement en termes d'occupation des surfaces et se traduisent par une complexité de plus en plus grande.

Figure 3. Densité de population au Brésil, 2010.




https://www.google.com/url?sa=i&url=https%3A%2F%2Ftwitter.com%2Fibgecomunica%2Fstatus%2F1149438213196398592&psig=

Figure 4. Densité de population en France, 2019.




https://www.google.com/url?sa=i&url=https%3A%2F%2Fwww.researchgate.net%2Ffigure%2FDensite-de-population-en-France-en-2019-Lattractivite-croissante-quelle-soit_fig3

Figure 5. Inondation à Recife, 1975.

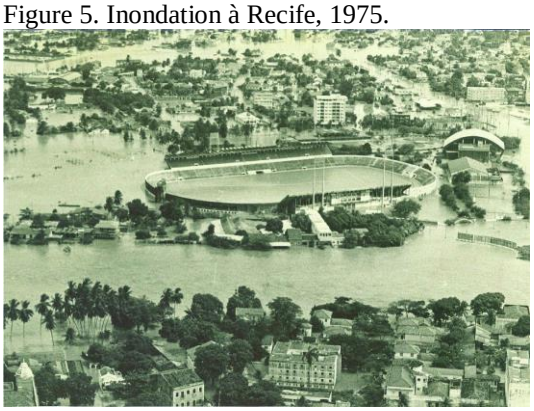


Figure 6. Inondation à Bordeaux, 2016.

https://riachosurbanos.blogspot.com/2015/07/40-anos-do-maior-desastre-natural.html https://www.bing.com/images/search?view=detailV2&ccid=Uqwn8ADE&id=E9AB44B47B7D8C1CE71838C60875605798BEE5B1&thid=

Depuis les dernières décennies du XX$^{ème}$ siècle, ces changements ont imposé une rupture dans la façon d'envisager l'intervention planificatrice des autorités publiques, et au-delà de l'aménagement urbain par l'ensemble des acteurs participant à la « fabrique de la ville ».

Cela se vérifie tout particulièrement dans ce type d'espace singulier que constitue la berge d'un fleuve et ses zones adjacentes, même si aucun espace urbain ne peut prétendre échapper à toute menace de risque majeur.

Sous l'effet des nouvelles exigences, notamment environnementales, et dans un contexte socio-politique marqué par l'émergence de ce que l'on qualifie parfois un peu vite de « néo-libéral », la planification urbaine évolue vers des formes plus flexibles et moins ordonnatrices, relevant du « *soft spatial planning* », permettant à la fois d'intégrer des démarches non institutionnalisées ou informelles (DESJARDINS, 2020) et de concevoir des actions diversifiées, plus décentralisées et participatives à de très petites échelles territoriales (îlots, quartiers, espaces publics, etc.). Dans le cas brésilien, le lancement d'expériences inspirées par le mouvement du « *tactical urbanism* » relève d'une approche dans laquelle les citoyens sont appelés à jouer un rôle important dans le changement à long terme des pratiques d'urbanisme (DINIZ, 2022).

Parallèlement, un « *désir de nature* » s'exprime au sein des villes avec une acuité renforcée (BOURDEAU-LEPAGE, 2016). A la fin du XX$^{ème}$ siècle, un mouvement significatif a pris de l'ampleur en faveur de la régénération des espaces offrant des aménités naturelles au cœur des villes, en particulier de ceux aptes à jouer un rôle d'interface entre nature et ville, comme les bords de fleuve ou de mer ; d'autant plus que la demande d'espaces récréatifs et de loisirs ou à haute qualité paysagère en milieu urbain se fait désormais plus pressante (Figures 7 et 8). La revalorisation des zones de nature, ou originellement naturelles comme celles situées à l'interface des espaces bâtis et des fleuves ou de la mer, n'est certes pas sans provoquer de fortes incidences sur les processus de gentrification que connaissent les cœurs de ville (CARRIÈRE et DE LA MORA, 2018), mais la tendance s'affirme à l'échelle de la société globale en faveur d'une ville « *plus verte* », nécessitant de repenser « *la transformation de la ville au prisme de la nature* » (CARRIÈRE *et al.*, 2021 a et b). Dès lors, on comprend mieux le rôle très stratégique que peut jouer le réaménagement d'un espace fluvial ou d'un front de mer au sein d'une ville.

Figure 7. Jardin du Baobab à Recife, 2019.

Source : Luiz Vieira, 2019.

Figure 8. Réaménagement des quais à Bordeaux, 2022.

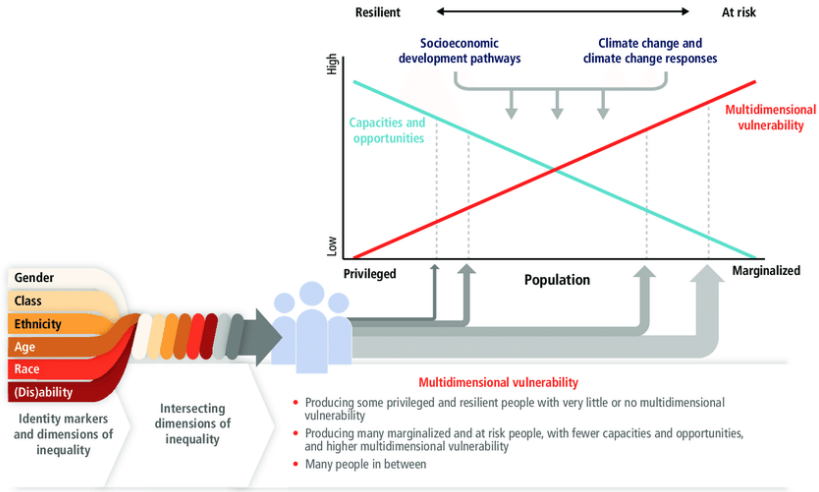
Source : https://img.20mn.fr/XCkOk5bxQbua7u2fFt3ayg/830x532_projet-creation-rue-pietonne-entre-gare-bordeaux-quais.jpg

Enfin, le constat s'impose d'une aggravation des effets des risques dits naturels sous l'effet de l'urbanisation et de la concentration spatiale tant des hommes que des activités (elle peut aussi les engendrer !). Là encore, l'exigence s'impose d'une prise en compte de risques urbains de

plus en plus importants (DUBOIS-MAURY J. & CHALINE C., 2002) dans les opérations d'aménagement, singulièrement dans ces espaces les plus exposés au risque de submersion.

Aujourd'hui, les risques associés au changement climatique (inondations, montée des océans, eutrophisation et asphyxie des rivières, pollutions et altérations de la qualité des ressources hydriques…) comme l'ont montré une actualité récente, tant en France et en Europe qu'au Brésil, sont à l'origine de défis environnementaux, mais aussi sociaux (renforcement des inégalités d'accès aux aménités naturelles…) que doivent relever les aménageurs et urbanistes dans leur approche de la relation ville-eau . Le lien apparaît étroit entre vulnérabilité physique et inégalités sociales, associées aux risques inhérents au CC : Ainsi, le 5ème rapport du Groupe d'Experts Intergouvernemental sur l'Évolution du Climat (GIEC, 2014) a mis en lumière le fait que les populations marginalisées sont les plus exposées aux risques (Figure 9).

Figure 9. La nature multidimensionnelle de la vulnérabilité.




Source: GIEC, 2014.

En comparant les pays des hémisphères nord et sud, le même genre de déséquilibre est perceptible en ce qui concerne la capacité des organisations humaines à faire face aux défis des changements en cours. Il semble que la prise de conscience des enjeux de la nécessité d'une nouvelle relation entre l'espace naturel que constitue le fleuve ou le trait de côte, et l'espace artificialisé de l'urbain reste encore incomplète, notamment en raison d'un manque d'appréhension de la réalité du changement climatique (CC) et de ses effets, dont la montée du niveau de la mer, comme l'a montré le très récent 6ème rapport du GIEC, de 2022.

Dans ce texte, notre réflexion sera presque exclusivement et volontairement centrée sur le risque de submersion induit par les dérèglements du climat, sans pour autant ignorer les autres les risques associés au CC.

Face au dérèglement du climat et de ses conséquences sur les fleuves et les littoraux, les aménageurs urbains continuent à privilégier l'édification d'ouvrages de protection contre les eaux. Toutefois, une nouvelle approche semble se dessiner qui prône une recherche d'équilibre entre les dynamiques humaines et naturelles dans les villes, visant à mettre en valeur les éléments aquatiques en milieu urbain et à concilier des interventions relevant a priori de domaines distincts : l'urbanisme, le paysagisme, l'hydrologie urbaine etc.

De ces constats découlent les questions de recherche auxquelles notre communication entend apporter quelques éléments de réponse :

- Les opérations d'aménagement des bords de fleuve et des fronts de mer en milieu urbain prennent-elles réellement en compte les défis imposés par le CC, et tout particulièrement le risque de montée du niveau de la mer ?
- Le nouveau paradigme de la renaturation de la ville se concrétise-t-il à travers des plans et schémas d'aménagement, en intégrant les risques associés au CC et à la montée des eaux ?

Nous traiterons de ces questions à partir de regards croisés franco-brésiliens, en étudiant les réponses et les solutions mises en place dans le cadre d'expériences menées dans ces deux pays. Toutefois, le cadre limité de cet article nous amènera à privilégier l'étude du cas de Recife, l'une des villes les plus exposées au monde au changement climatique du fait d'un risque majeur de submersion sur une part importante de son territoire, tout particulièrement le long du littoral maritime et des berges des 5 fleuves qui arrosent la ville. Plus précisément nous nous concentrerons sur le Projet Parc Capibaribe (PPC), ayant pour objet l'aménagement des berges du fleuve éponyme, et l'implantation du Jardin du Baobab, une expérience pilote relevant du « *design thinking*[2] » ayant donné lieu à un processus participatif conduit par une équipe de l'UFPE.

Pourront être analysées en contrepoint des expériences d'aménagement des bords de fleuve en ville sur d'autres sites urbains, français ou brésiliens, avec l'intention d'y repérer les indices d'un dépassement d'approches « traditionnelles » au profit d'un nouveau paradigme de l'aménagement, fondé sur la recherche du « vivre avec les eaux ».

## 1. Le changement climatique et la montée du niveau des océans : Quels enjeux pour les villes littorales ou estuariennes ?

La montée du niveau de la mer n'est qu'un des effets du dérèglement climatique, mais il est probablement l'un de ceux à engendrer les répercussions les plus importantes sur le devenir de nombreuses métropoles et villes en majorité situées dans des estuaires, à l'image de Recife.

Force est de constater que le développement des villes continue à privilégier à l'échelle mondiale les zones littorales ou les estuaires des grands fleuves, pour des raisons géoéconomiques bien connues. Le développement économique initié dès le XVII$^{ème}$ siècle a largement contribué au « thalassotropisme » qui a engendré une forte concentration des hommes, des activités et de l'habitat dans les zones de très basse altitude, au premier rang desquelles les zones maritimes ou bordières des grands fleuves, les rendant par le fait-même plus vulnérables à la montée des eaux. Rien n'est venu inverser fondamentalement cette dynamique, qui par elle-même participe à l'augmentation des risques encourus du fait du CC et de ses incidences sur le niveau de la mer.

Selon les données du 6$^{ème}$ rapport du GIEC (2021), le niveau de l'eau s'est élevé sur la planète, en moyenne, de 0,8 mm par an de 4 500 ans avant notre ère à 1880, d'1 mm par an, de 1880 à 2000, de 3 mm par an de 2000 à 2015. Il est désormais très probable que la hausse moyenne du niveau des mers dépassera un mètre à l'horizon 2100, même si la hausse de la température moyenne reste limitée à 1,5° C, ce qui paraît désormais quasiment impossible au vu du même rapport. Les scénarios les plus plausibles étayés par le recours à une instrumentation de plus en plus perfectionnée (observations satellitales, capteurs *in situ* sur toutes les côtes des 5 continents), et à une modélisation de plus en plus robuste, permettent aujourd'hui d'anticiper une fourchette d'élévation du niveau moyen de la mer, à l'échelle planétaire allant de 29 à 110 cm, en 2100 (LACROIX *et al.*, 2021) selon les hypothèses d'intensité du dérèglement

[2] Il s'agit d'une méthodologie fondée sur les principes du développement de produits ou de services en fonction de l'appréhension des besoins, des désirs et des limites des usagers. Cette méthodologie est employée de manière à inclure les attentes des citadins dans le processus de planification.

climatique, ce qui met environ 570 villes dans le monde sous la menace de la montée des eaux, parmi lesquelles Bordeaux et Recife.

Mais, outre qu'il ne s'agit que d'un niveau moyen, qui ne permet pas d'exclure de plus amples variations locales, la possibilité de dépasser la valeur haute de ces projections ne peut être totalement réfutée si la fonte des calottes glaciaires se confirme et s'amplifie : la montée des eaux s'amplifiera bien au-delà de 2100 à cause de l'accumulation de dioxyde de carbone dans l'atmosphère et de la fonte des glaces… on pourrait alors voir la mer monter de plusieurs mètres au cours des siècles à venir, engloutissant de nombreuses villes, dont de nombreuses métropoles globales, telles que Londres ou Paris, selon les données rassemblées par le site web Futura-science.com[3]. Et dans l'hypothèse d'un réchauffement à plus 4° C, après 2100, la ligne de marée haute recouvrirait les terres actuellement occupées par environ un milliard d'habitants, soit 15% de la population mondiale, alors qu'actuellement ce sont 100 millions de personnes qui vivent sous le niveau de la mer. La montée des eaux maritimes combinée à des précipitations extrêmes de plus en plus fréquentes menace aux premier chef les grandes mégapoles asiatiques, mais en Europe au moins 260 villes (source : site futura-sciences[4]) risquent de connaître des inondations catastrophiques, comme celle de juillet 2021 en Allemagne ou en Belgique. A terme, ce sont les régions côtières ou riveraines des grands fleuves qui se trouveront remodelées.

Ces risques conduisent aujourd'hui certaines villes européennes à envisager des mesures de préservation, faisant appel à des techniques diversifiées, comme la construction de digues flottantes, à Venise, le creusement d'un canal artificiel, à Bilbao, la réalisation de corridors pour drainer et canaliser les eaux, à Rotterdam, dans le cadre de son programme de ville résiliente au climat, la surélévation de nouveaux quartiers, comme Hafencity à Hambourg. Ailleurs, comme à Bordeaux, ce sont d'immenses réservoirs souterrains supposés pouvoir absorber les débordements du fleuve qui ont été créés. Mais d'autres villes menacées tentent de trouver des réponses plus « naturelles », comme la création d'un « parc éponge » à Manchester (projet de *West Gordon Park*) ou la mise en œuvre du projet « Chambre pour la rivière » à Nimègue, qui ne retient que des solutions naturelles pour prévenir les crues (création de zones d'expansion dans les zones agricoles environnantes, restauration du lit des 4 rivières, plantation d'arbres pour retenir les eaux, etc.).

Les urbanistes continuent souvent à privilégier des mesures structurelles de protection, basée sur la construction d'ouvrages (barrages, retenues, digues, etc.). Mais une nouvelle approche de nature plus systémique commence à se faire jour, dont les deux exemples mentionnés ci-dessus témoignent. Elle vise, dans un esprit de recherche d'une nouvelle alliance ville-nature (CARRIÈRE *et al.*, 2021 a et b) à créer les conditions d'un « vivre avec les eaux », dès lors qu'il apparaît que les politiques de lutte contre le CC ne parviendront plus à contenir totalement la montée des océans. Le cas de Recife nous permettra de mieux voir comment peuvent s'articuler ces deux démarches.

### 1.1. *La nature multidimensionnelle des enjeux : un aperçu des défis à relever à l'échelle mondiale*

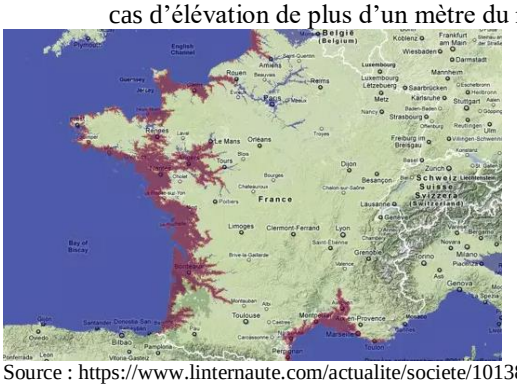
En France, comme au Brésil, le risque de submersion de nombreuses villes ne peut plus être écarté, en particulier sur la façade atlantique. La France n'est pas le pays le plus exposé à ce risque, comparativement aux pays d'Asie ou au Brésil ; toutefois, son territoire pourrait se

[3] https://www.futura-sciences.com/planete/actualites/rechauffement-climatique-montee-eaux-voici-ressembleront-villes-15-c-3-c-rechauffement-59817/. Consultation : 17/10/2021 11: 52

[4] https://www.futura-sciences.com/planete/questions-reponses/risque-inondation-ces-6-villes-europeennes-protegent-inondations-16205/. Consultation : 17/10/2021 11: 58

trouver amputé de sa frange littorale sur une profondeur de plus de 100 km dans les corridors fluviaux de sa façade atlantique.

Figure 10 : Carte des territoires susceptibles d'être exposés à la submersion marine en cas d'élévation de plus d'un mètre du niveau, à l'horizon 2100, en France




Source : https://www.linternaute.com/actualite/societe/1013889-montee-des-oceans-la-france-en-2100/

Les effets de la montée des océans seront de toute évidence variables selon les régions du monde, mais ils conduiront à des situations graves ou extrêmes dans la majorité des cas, à la fois du fait du recul du trait de côte, de la salinisation des nappes phréatiques compromettant l'accès à l'eau douce des zones les plus peuplées des régions littorales, des submersions définitives ou temporaires de terres basses et de pollutions induites par ces submersions. Les conséquences risquent d'être considérables, non seulement en zone côtière, mais aussi par effet de « reflux » dans les estuaires et les grands deltas tels que ceux, en Europe, du Rhône du Pô, du Rhin ou de la Tamise. Ainsi, pour des villes-métropoles en fond d'estuaire, comme Hanovre en Allemagne, Londres en Angleterre, Rotterdam aux Pays-Bas ou Bordeaux en France, le risque à terme d'une submersion définitive ne peut plus être exclu, quelles que soient les mesures de prévention contre les risques d'inondation ; alors que pour certaines, comme Djakarta, commence déjà à se poser la question de leur relocalisation…

La conjonction des deux phénomènes, de la hausse inexorable du niveau de la mer et de l'expansion des activités humaines dans des régions côtières, à l'instar de qui a pu être observé dans le bassin méditerranéen (CARRIÈRE, 2002) crée un défi majeur pour l'ensemble des sociétés humaines à long terme.

Plus de 625 millions de personnes, les plus vulnérables, habitent à moins de 10 m au-dessus du niveau de la mer sur les côtes ou les bords de fleuve, et selon Neuman et *al.* (2015) ils seront plus d'un milliard vers 2050 ! De nombreuses villes-ports sont de ce fait devenues très vulnérables sur tous les continents. L'artificialisation, croissante et mal contrôlée, des zones littorales ou estuariennes, leur densification humaine, constitue le principal facteur de cette vulnérabilité. L'élévation irréversible du niveau de la mer aura des incidences bien au-delà la frange littorale : elle entraînera notamment une modification de l'hydromorphologie des fleuves, qui exigera de repenser l'aménagement des bords de fleuve et des villes qui les occupent.

Face à ces menaces de plus en plus directes, trois familles de scénarios de la façon dont les actions d'anticipation et de prévention des conséquences de la hausse du niveau de la sont envisageables selon la réflexion prospective menée par l'Alliance Nationale de Recherche pour l'Environnement[5] (LACROIX *et al.*, 2021) : celle des scénarios du déni par la société et les gouvernants du CC et de la montée du niveau de la mer, comme on peut le voir dans certains pays, et récemment encore dans les discours des présidents Trump ou Bolsonaro, qui conduisent à des situations de catastrophe généralisée, en dépit de « réveils » possibles mais trop tardifs à

[5] Cet organisme regroupe différents organismes et établissements français qui mènent des recherches environnementales.

la fin du siècle ; celle des scénarios d'abandon progressif du littoral et des zones les plus vulnérables où se concentreront alors les populations les pauvres exposées à des risques majeurs ; celle, plus proactive et plus précoce (dès 2025) de l'adaptation au CC permettant de limiter l'élévation du niveau de la mer en 2100, et impliquant des initiatives et une mobilisation fortes au sein même des grandes métropoles. Cette analyse prospective laisse donc entrevoir des avenirs possibles fortement contrastés, mais surtout elle met en évidence l'extrême urgence qu'il y a s'emparer de la problématique de l'incidence du CC et de la montée subséquente de la montée de la mer, pour renouveler la réflexion sur l'aménagement des villes littorales et estuariennes. Elle nous laisse aussi entrevoir de multiples enjeux qui ne relèvent pas que des conséquences géophysiques.

Ces enjeux concernent tout autant le fonctionnement des écosystèmes riverains des mers ou des fleuves, la préservation de la biodiversité gravement menacée par les submersions des territoires, le maintien quantitatif et qualitatif des ressources en eau nécessaires à l'activité et à la vie humaine, l'évolution de l'agriculture et de la disponibilité des terres agricoles, et la dynamique des sociétés urbaines. Comme on l'a vu, la population exposée continue à croître à un rythme rapide, à la fois du fait de la démographie et du tropisme des zones littorales ou riveraines des fleuves, et de la montée des eaux ; les deux phénomènes se conjuguant pour imposer aux villes de repenser leur aménagement, si ce n'est leur localisation-même. Dans l'hypothèse d'une submersion globale, ce qui serait par exemple le cas de Bordeaux avec un réchauffement à 3°C et une montée de la mer de plusieurs mètres, les pertes seraient incommensurables ; qu'il s'agisse des pertes économiques ou patrimoniales, tout le centre historique, pouvant se retrouver alors noyé sous les eaux de façon définitive, après 2100, dans l'hypothèse d'une insuffisance des stratégies d'adaptation et de protection, selon les simulations proposées par les chercheurs de Climate Global[6].

Nombre de villes riveraines des grands fleuves ou de la mer, possèdent une très haute valeur patrimoniale, car dotées d'espaces bâtis dont la perte serait incommensurable, ce qui en retour induit des coûts de protection considérables. On peut mesurer à cette aune toute l'importance de la lutte contre le CC et de la solidarité internationale indispensable à la réalisation des objectifs définis dans le Traité de Paris sur le climat.

En quoi les développements qui précèdent affectent-ils nos questions de recherche ?

De toute évidence, le risque de submersion appelle, en matière d'urbanisme, un profond renouvellement des approches nécessitant le recours à une démarche qui soit :

- interdisciplinaire, en associant les géosciences et les sciences humaines et sociales (LACROIX, 2021) ;
- prospective, de façon à prendre en compte le temps long, puisque la montée des eaux, y compris dans un scénario de croissance limitée de la température moyenne (+ 1,5° C), est appelée à se poursuivre au-delà de 2100 ;
- et systémique, car au-delà de la relation climat – niveau des mers, le CC suscite des interactions nouvelles entre Société, économie, démographie, organisation spatiale, géopolitique d'une part et état de la planète d'autre part…

C'est en vertu de cette triple démarche que la nécessité de repenser la planification urbaine nous semble relever d'une exigence inéluctable. **Notre hypothèse est en effet est que les procédures et les opérations d'aménagement des espaces urbains riverains des fleuves et des mers n'intègrent pas suffisamment les évolutions à long terme des changements**

[6] Groupement de chercheurs ayant produit des simulations cartographiées des inondations induites par différentes hypothèses de réchauffement climatique à partir des hypothèses du GIEC.

**géophysiques induits par le CC** ; ceci en dépit d'une transformation importante du rapport ville-nature dans la pensée urbanistique.

En ce qui concerne plus particulièrement l'espace public des villes, thème central de ce numéro, on peut aisément comprendre que si la menace qui pèse sur les grandes villes estuariennes, telles que Nantes ou Bordeaux en France ou Recife au Brésil se confirme, c'est tout l'aménagement et la protection des cœurs de ville, qu'il va falloir repenser. Le cas de Bordeaux est à cet égard très révélateur de ces enjeux.

### *1.2. Bref focus sur la région Nouvelle Aquitaine et sa capitale, Bordeaux.*[7]

La Région Nouvelle Aquitaine est la plus vaste des régions françaises (84 000 km²) et occupe toute la partie sud-ouest du territoire national avec un linéaire côtier de 970 km sur la façade atlantique du pays. Région très attractive, dotée d'un patrimoine bâti et naturel de grande valeur, la Nouvelle Aquitaine connaît une dynamique démographique très positive. L'aire urbaine de sa capitale, Bordeaux, approche désormais le million d'habitants. De plus, sur d'importants segments du littoral de la région se sont développés des pôles urbains importants qui structurent la façade atlantique du sud-ouest de la France : La Rochelle premier port de plaisance de France, Arcachon, la conurbation Bayonne-Anglet-Biarritz, et de nombreuses stations balnéaires. Mais Bordeaux, à elle seule, accueille 50% de la population régionale résidant à moins de 60 km de l'océan. Sur l'estuaire de la Gironde, se trouve aussi la centrale nucléaire du Blayais, qui déjà en décembre 1999 faillit être submergée par la montée des eaux, ce qui aurait pu induire une catastrophe majeure.

Le littoral est très diversifié en termes de milieux et d'écosystèmes, alternant côtes rocheuses, grandes plages, estuaires de fleuves (Charente, Gironde et Adour, auxquels s'ajoutent de nombreux petits fleuves côtiers). L'estuaire de la Gironde, où se trouve Bordeaux, est le plus grand des estuaires non endigués d'Europe.

Riche de ses paysages, de ses villes-ports dotées d'un patrimoine bâti de très grande valeur, le littoral aquitain reste cependant surexposé aux risques et très vulnérable aux changements environnementaux, aggravés par une urbanisation insuffisamment maîtrisée. Des activités industrielles se sont développées. Des maisons et des immeubles se sont construits sur les falaises ou en accès direct aux plages, et ont déjà dus être évacués, car sous la pression de la mer, les falaises reculent.

Les enjeux relatifs à la population et l'activité économique de la Région sont donc très forts. Si l'histoire des espaces littoraux aquitains a connu par le passé diverses catastrophes plus ou moins graves, ce sont les occupations des sols et l'étalement urbain qui en ont aggravé les incidences, faute d'une réflexion et d'une anticipation suffisantes, particulièrement dans les estuaires des fleuves les plus importants (Charente, Gironde, Adour). Selon les travaux de l'Observatoire de la Côte Aquitaine (BERNON *et al.*, 2016), le recul moyen du trait de côte à l'horizon 2050 sera de 50 mètres pour les côtes sableuses et de 25 mètres pour les falaises, mais avec une possibilité de brutales aggravations, de l'ordre de 25 mètres, à l'occasion de fortes tempêtes.

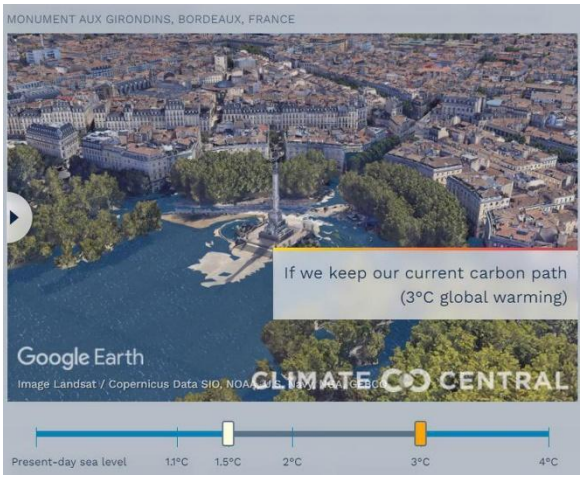
Il serait excessif d'affirmer qu'aucune prise de conscience de ces risques n'a eu lieu. La création d'un Groupement d'Intérêt Public (GIP) « *littoral aquitain* » réunissant désormais l'ensemble des collectivités territoriales du littoral de la Nouvelle Aquitaine et des services de l'Etat témoigne du souci de développer la concertation et de donner de la cohérence aux projets d'aménagement durable de la côte. Cette création a permis en 2012 l'adoption d'une *stratégie*

[7] Ce paragraphe reprend un ensemble d'observations consignées dans le chapitre 4 de l'ouvrage de Lacroix *et al.* (2021)

*régionale de la bande côtière* de la Région, et la mise en place de *stratégies locales de gestion de la bande côtière* sur ses principales zones de vulnérabilité (LEFRANC *et al.*, 2021), en complément des Plans de Prévention des Risques Littoraux (PPRL). Ces initiatives procèdent d'une démarche plus prospective en termes d'urbanisme, en incluant la préservation des espaces naturels. Mais il n'en reste pas moins que le risque majeur lié à la hausse du niveau de la mer sous l'effet du réchauffement climatique concerne Bordeaux, et à cet égard, il n'est pas certain que les actions mentionnées ci-dessus soient à la hauteur des enjeux.

Là encore, trois scénarios plausibles peuvent être envisagés à l'horizon 2050 (LEFRANC *et al.*, 2021), dont les conséquences pourraient se révéler cruciales pour les zones littorales, les villes estuariennes ou balnéaires de la Nouvelle Aquitaine : le premier, qui n'exclut pas l'adoption de mesures de protection, conduit à un abandon progressif du littoral, à un exode non maîtrisé des populations, dont une part importante viendra se concentrer dans l'aire métropolitaine de Bordeaux, elle-même sous la menace d'une submersion partielle. En complément de ce scénario on ne peut exclure l'hypothèse d'un engloutissement du centre historique de la capitale régionale si le dérèglement climatique n'est pas contenu. En effet, sous l'hypothèse d'un réchauffement de 3°C, le centre de Bordeaux, notamment dans sa partie la plus emblématique de la *Place des Quinconces* serait lui-même submergé, comme le montrent les simulations réalisées par le groupement scientifique *Climate central*[8] (cf. fig. 11 et 12). Ce seraient alors des pans entiers de l'espace public de la métropole, remplissant des fonctions majeures de centralité, qui seraient voués à disparaître.

Figure 11. Simulation de la submersion de la Place des Quinconces induite par un réchauffement de + 3° C




Source : Climate Central, 2021.

Figure 12. Simulation de la submersion de la Cathédrale Saint-André de Bordeaux induite par un réchauffement de + 3° C

Source : Climate Central, 2021.

Un second scénario, beaucoup plus favorable et en cohérence avec d'importants efforts d'atténuation des émissions de gaz à effet de serre en Europe et dans le monde, reste plausible sous condition d'actions fortement volontaristes et innovantes permettant de créer des habitats réversibles et modulables dans les espaces rétro-littoraux. C'est le scénario du « *vivre avec l'eau et le risque* » qui supposent des aménagements et des modes d'occupation des espaces littoraux plus compatibles avec les processus naturels et plus évolutifs. On pourrait alors envisager des

[8] « *Climate Central* » est un groupement pluridisciplinaire de chercheurs indépendants qui ont simulé les effets possibles du réchauffement climatique avec la montée des eaux induites dans de nombreuses parties du monde, en se basant sur des données fournies par le 6ème rapport du GIEC. Le site utilise des images interactives, créées à partir de photos de Google Earth. Elles permettent de visualiser les zones submergées dans de nombreuses villes, selon différentes projections de variations de la température allant de 1,2° à 4° C. Bordeaux, et d'autres villes de la côte atlantique française font partie des villes étudiées. Ces photos interactives peuvent être retrouvées à l'adresse : https:// www.climatecentral.org.

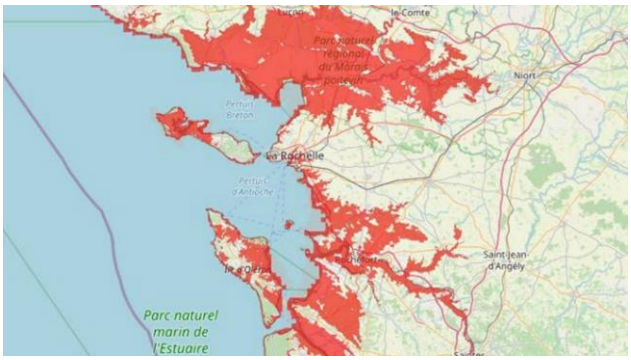
relocalisations de populations et d'activités qui ne privilégient pas la concentration sur l'aire métropolitaine. Mais selon ce scénario, l'élévation du niveau de la mer ayant profondément modifié le linéaire côtier, et le lit des estuaires, la production de vin de Bordeaux sur la rive gauche aura disparu, tandis que la centrale nucléaire du Blayais aura dû être démantelée.

Le troisième scénario est celui de politiques d'aménagement combinant protection de certains sites particulièrement exposés et laisser-faire. Dans ce scénario les politiques d'aménagement tentent de réduire drastiquement l'urbanisation de la bande littorale, tout en renforçant considérablement les mesures de protection des zones à haut risque. En contrepartie l'arrière-pays et les pôles urbains, principalement ceux de Bordeaux et de La Rochelle se trouvent renforcés. Le littoral voit sa morphologie profondément modifiée, avec d'un côté des aires urbaines « sous haute protection » et des zones en libre évolution.

Ces trois scénarios révèlent les enjeux en termes d'urbanisme de la montée de la mer, sur la côte néo-aquitaine. Ils nous montrent aussi que selon les zones la question du choix entre laisser libre le littoral et renforcer la défense côtière avec des normes architecturales strictes ne pourra plus être éludée à l'échelle locale. En Nouvelle Aquitaine comme ailleurs (et notamment à Recife), la lutte contre le CC doit s'accompagner de stratégies d'action locale en réponse à la montée inexorable de l'eau. Le caractère d'urgence des enjeux s'impose comme une évidence. Le scénario du pire n'est pas certain, mais la menace est bien réelle, comme le montre le cas bordelais.

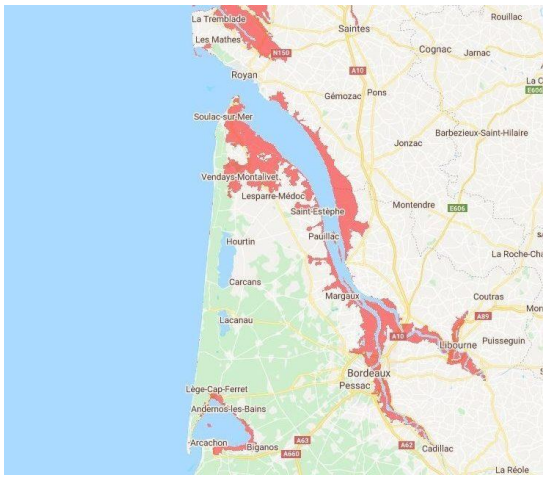
Les deux cartes ci-après (figures 13 et 14) représentent les territoires exposés à la submersion marine en cas d'élévation du niveau de l'Océan d'un mètre, respectivement autour de la Rochelle et le long de l'estuaire de la Gironde et autour de Bordeaux

Figure 13. En rouge, les territoires exposés à la submersion autour de La Rochelle.




Source : BRGM, 2021.

Figure 14. En rouge, les territoires exposés à la submersion autour de Bordeaux et de l'estuaire de la Gironde




Source : BRGM, 2021.

Au total, quelles que soient les simulations et les représentations, les enjeux paraissent considérables ; de simples mesures d'endiguement ne peuvent y répondre. On imagine aussi la lourdeur des engagements économiques et financiers qui en découleraient. Par conséquent, dans les territoires et les villes littorales et estuariennes s'impose la nécessité de repenser de façon beaucoup plus globale et systémique l'aménagement des zones à haut risque de submersion.

Le cas de Recife, avec le projet Parque Capibaribe, nous offre une voie de réflexion sur un réaménagement possible des rives d'un fleuve appelé à voir son niveau s'élever fortement sous l'effet du réchauffement climatique avec ses incidences maritimes. Ce réaménagement s'inscrit dans la perspective du vivre avec les eaux et le risque.

## 2. L'aménagement des espaces publics en fronts d'eau, comme réponse au risque de submersion : l'exemple du Projet Parc Capibaribe à Recife.

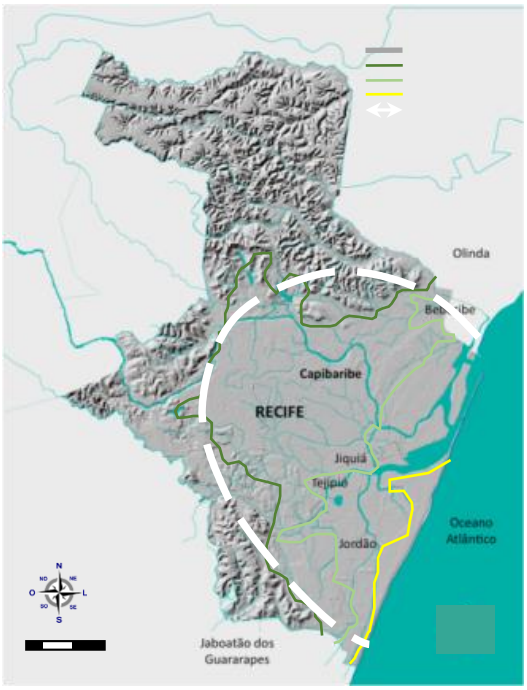
Recife initialement a été construite sur des terres estuariennes sèches, au bord de l'océan Atlantique et sur les rives de l'embouchure commune des fleuves Capibaribe et Beberibe, entre les récifs qui lui ont donné son nom. Le développement de la ville est en grande partie dû au fleuve Capibaribe, dont le lit navigable permettait de transporter les personnes et les marchandises (notamment la canne à sucre) des plaines inondables de l'ouest, à l'océan Atlantique, le port permettant une ouverture vers le monde occidental. Mais c'est l'ensemble du système hydrographique local qui a donné au territoire sa structure, marquée par la présence et l'influence permanente des eaux, aussi bien en fond de vallée inondable que dans les collines qui l'entourent. La Figure 15 donne à voir le réseau hydrographique local et la prédominance des basses terres. Celles-ci occupent la partie centrale du territoire et s'étendent jusqu'à l'océan, à l'est, là où se trouvait le port.

Waldemar de Oliveira (1942) illustre brillamment la configuration essentielle du territoire, née de cette relation intime entre l'eau et le relief, qu'il comparait à un grand « amphithéâtre », la plaine côtière et les milieux estuariens (au centre de l'espace physique) formant, selon son interprétation, une avant-scène (« l'orchestre »). Toujours, selon cette métaphore, l'espace central, entouré des collines environnantes au nord et à l'ouest, constitue l'espace occupé par le public (la « cavea »), les récifs et l'océan Atlantique jouant alors le rôle de la scène (la « scena », Figures 15 et 16). Dans une telle organisation physico-spatiale, les plaines en aval sont l'exutoire naturel des eaux qui s'écoulent des cours d'eau et des collines en amont. Ce pour cette raison qu'Oliveira disait que dans ce territoire, « ce qui n'est pas de l'eau était de l'eau ou sera de l'eau », en cherchant à mettre en relief la nature amphibie de la ville.

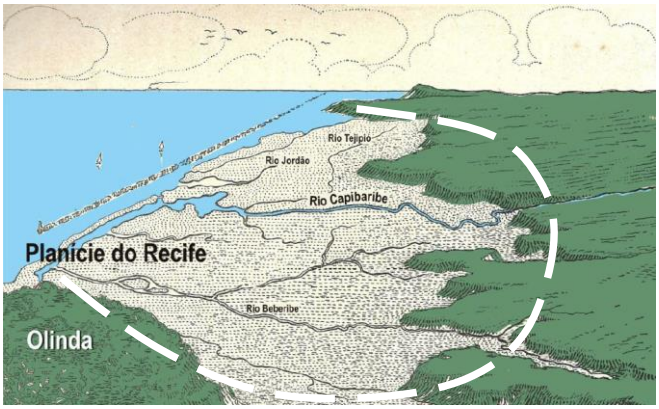
Avec environ 218 km², le système hydrographique de Recife consiste en un réseau de macrodrainage d'une longueur de 105 km, couvrant les bassins des fleuves Capibaribe (avec 20 affluents), Beberibe, Tejipió, Jordão et Jiquiá (RECIFE, 2011). La plaine de Recife est située juste au-dessus du niveau de la mer (de 2 à 10 m) et, dans certaines zones, les niveaux inférieurs de ses terres sont équivalents aux niveaux supérieurs des marées syzygiques, lui conférant les caractéristiques d'une ville estuarienne déjà évoquées. Cela entrave l'écoulement naturel de l'eau en période de pluie, notamment parce que l'arc de collines enserre les terres basses, plates et marécageuses, induisant l'accumulation d'eau à l'intérieur de « l'amphithéâtre ». La moyenne historique des précipitations annuelles cumulées est de 2 254 mm (RABELO *et al.*, 2015), avec des événements pluvieux plus intenses de mai à juillet, ce qui représente un volume important de précipitations dans une région fortement urbanisée et imperméabilisée. La forte pluviométrie et le relief de la ville favorisent les inondations qui s'intensifient et s'étendent encore plus du fait du manque de maîtrise de l'occupation des sols et de l'imperméabilisation croissante.

Figure 15. Recife, Amphithéâtre naturel.

Figure 16. Perspective, schéma de l'Amphithéâtre de Recife.




Source: DINIZ, 2022.

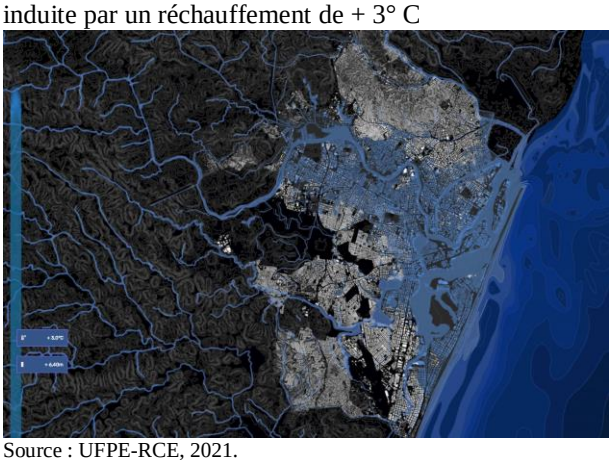



Source: CASTRO, apud VERAS, 2018. Adapté par DINIZ, 2022.

L'organisation de l'espace urbain est très marquée par de fortes inégalités socio-spatiales. Les couches les plus pauvres de la population sont les plus exposées aux risques et les plus durement touchées par les catastrophes. On ne peut parler de risques ou de susceptibilités environnementales sans considérer les conditions sociales et économiques de la production et de l'appropriation de l'espace.

Ce n'est pas un hasard si, compte tenu de sa forte vulnérabilité aux effets du CC, Recife a été considérée par le GIEC comme un « *hot spot* » mondial en matière de changement climatique, en raison de ses effets sur la dynamique hydrologique et de ses impacts sur les communautés humaines les plus vulnérables. Ces effets sont d'autant plus importants que le municipe de Recife a connu une croissance démographique très rapide, passant d'à peine plus de 200 000 habitants au début du XXème siècle, à plus de 1,8 million aujourd'hui. Les simulations des changements induits par un réchauffement de 3° C, menées par les spécialistes du forum-atelier international Recife Exchange Netherlands (UFPE-RCE, 2021), signalent les risques d'élévation de 6,5 m des eaux de mer touchant plus de 840 mille personnes (Figures 17 et 18).

Figure 16. Simulation de la submersion de Recife induite par un réchauffement de + 3° C



Source : UFPE-RCE, 2021.

Figure 17. Simulation de la submersion de l'île de Recife induite par un réchauffement de + 3° C

Source : UFPE-RCE, 2021.

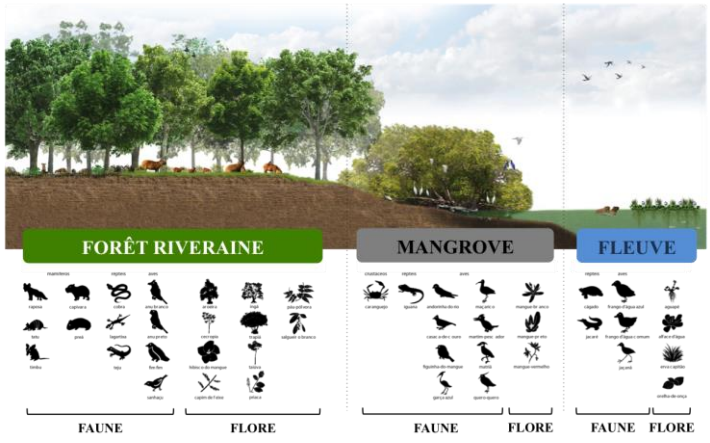
Il faut également souligner l'étroite relation entre la gestion de l'eau et les enjeux de santé publique. Francisco de Oliveira (2008) associe six des « sept plaies de Recife » à la présence

de l'eau – manque d'eau, dengue, filariose, paludisme, maladies de la peau, troubles gastro-intestinaux – ; la dernière des plaies qu'il mentionne, la pauvreté, est une variable qui accentue fortement la vulnérabilité aux autres (DINIZ, 2020). Malgré la persistance de cette situation, très peu a été fait (et est encore fait) pour transformer la situation de précarité et de risques liés aux eaux urbaines. En ce XXI$^{éme}$ siècle, le paradigme de l'artificialisation des éléments naturels de drainage continue de prévaloir, avec l'imperméabilisation des sols, l'enrobage et la rectification des cours d'eau. Les berges des rivières et ruisseaux de Recife, surtout du fleuve Capibaribe, le « berceau » de la ville, continuent d'être traitées comme des bords de route, sans chercher à les valoriser au bénéfice des riverains.

### *2.1. La nature multidimensionnelle de la vulnérabilité de Recife*

Au sein de la ville, sur le territoire du bassin versant du Capibaribe, le niveau de fragilité du milieu physique fluvial et estuarien, et sa faible capacité à résister aux conséquences des évènements climatiques extrêmes, expliquent un degré élevé de susceptibilité de l'environnement. De plus, des variables liées aux infrastructures urbaines, aux modes de production et de vie urbaine, aux dispositifs de planification augmentent ou réduisent le risque d'accidents, et affectent le degré de vulnérabilité des territoires. Il ne suffit donc pas de s'en tenir à la prise en compte de la dynamique hydrologique pour promouvoir un urbanisme résilient et durable : il convient aussi de considérer la manière dont l'espace du bassin versant est occupé et approprié par les citadins. Sans cela, on ne peut espérer mettre en œuvre des moyens et des pratiques permettant à la société et aux structures urbaines de se préserver des accidents et des catastrophes liés aux événements climatiques tels que les précipitations et les inondations. Or, les berges de ce fleuve ont été fortement impactées par une urbanisation effrénée, ayant entraîné l'éradication ou la modification de la végétation sur ses rives. Aujourd'hui les espèces exotiques prédominent, même si persiste une couverture végétale raisonnable servant d'habitat à une faune étonnamment diversifiée. Des animaux comme le capybara (qui donne son nom au fleuve), l'alligator et la loutre habitent encore ses eaux et ses rives ; ouistitis et plusieurs espèces d'oiseaux vivent dans la cime des arbres. Face aux impacts de l'artificialisation, l'écosystème fluvial est encore d'une richesse impressionnante en termes de faune et de flore (Figure 19).

Figure 19 : Profil de l'écosystème riverain du fleuve Capibaribe.




Source: INCITI-UFPE, 2018.

A Recife, prédominent les occupations « irrégulières », mises en œuvre sans planification préalable, au mépris des normes urbaines, des conditions physico-environnementales et de la propriété foncière. En 2014, l'Autorité municipale d'assainissement reconnaissait que plus de 33 % du territoire étaient occupés par des quartiers pauvres, concentrant 53 % de la population de la ville, soit 825 000 habitants (RECIFE, 2014). l'Atlas du développement humain de la Région Métropolitaine (PNUD *et al.,* 2014) souligne que la concentration de la population la

plus pauvre et la plus vulnérable (dont le revenu familial n'excède pas trois fois le niveau du salaire minimum) s'observe dans les zones les plus précaires et les plus exposées aux risques. Or, ces zones correspondent aux points où sont identifiés les problèmes liés aux conflits ville-eau : inondations dans la plaine, glissements de terrain sur les collines, pénuries d'eau et pollution des eaux usées partout.

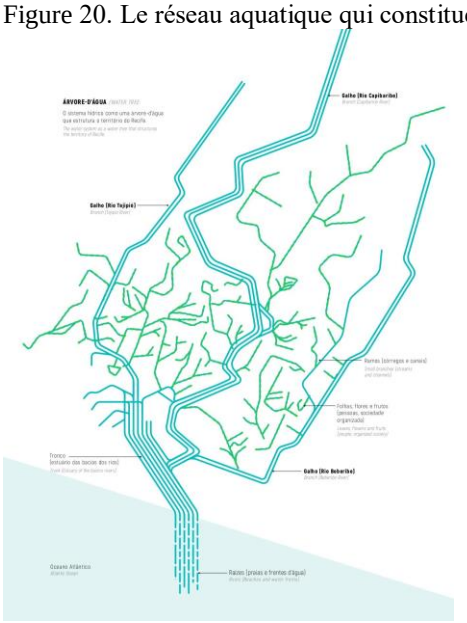
Cependant, le conflit entre la dynamique des eaux et la logique d'occupation urbaine ne se limite pas aux territoires pauvres. Dans les quartiers plus aisés, prédomine un modèle urbanistique qui éloigne les habitants du fleuve et de la « nature » en construisant de grandes routes le long des fleuves et des canaux.

Partout dans la ville, les espaces riverains sont de fait dévalorisés alors qu'ils offrent de réelles potentialités Le rapprochement entre ville et nature ne compte pas parmi les priorités de l'aménagement urbain.

### *2.2. Le Projet Parc Capibaribe, essai de réinvention de la ville de Recife*

Pour changer une culture de l'aménagement bien enracinée, il faut rompre avec des pratiques anciennes, trop souvent considérées comme les plus appropriées simplement parce qu'elles sont « traditionnelles ». C'est là le principe fondateur des travaux des chercheurs de l'Université Fédérale de Pernambuco, membres du groupe Recherche et Innovation pour les Villes (INCITI-UFPE). Ces professionnels ont organisé entre 2011 (à Amsterdam) et 2012 (à Recife) un atelier international, le « Recife Exchange Amsterdam (RXA) », en partenariat entre l'UFPE et l'ARCAM (*Amsterdam Architecture Center*). Leur démarche part d'une métaphore qui mène à envisager le territoire de Recife comme structuré par un « Arbre d'Eau » (Figure 20).

Figure 20. Le réseau aquatique qui constitue l'Arbre d'Eau de Recife.




Source: RECIFE et INCITI-UFPE, 2019.

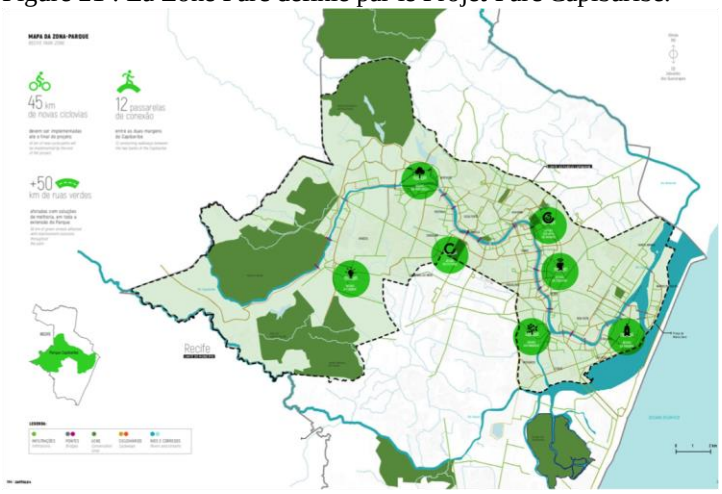
En 2013, les chercheurs de l'UFPE ont été sollicités par la Mairie de Recife (PCR) pour analyser les conditions d'une relation plus positive entre le fleuve et les habitants de Recife, en vue d'améliorer la vitalité urbaine et la qualité de vie. Cette demande a donné lieu à la signature d'une convention entre l'INCITI-UFPE et le Secrétariat à l'Environnement et au Développement Durable (SEMAS-PCR) pour développer un projet de Parc Linéaire en bordure du Capibaribe. Le diagnostic territorial réalisé depuis le début des travaux a montré la pertinence d'une nouvelle vision de l'aménagement des espaces riverains, conduisant à formaliser un projet interdisciplinaire, mobilisant 40 professionnels-chercheurs répartis en 12 groupes d'études issus de divers établissements d'enseignement supérieur. Des études diversifiées et complémentaires

ont été conduites dans des domaines tels que le développement durable, l'urbanisme, la mobilité-accessibilité, la botanique, la biologie, les études spatiales de la morphologie, l'ergonomie, l'habitat, l'ingénierie, l'architecture paysagère, la sociologie, la législation, l'économie, l'histoire, l'accès aux ressources hydriques. Huit recherches empiriques ont été réalisées en collaboration avec des institutions internationales et se poursuivent à travers l'organisation d'ateliers.

Rompre avec une culture d'opposition entre ville et nature, ville et fleuve, est le principal défi que tente de relever ce programme de recherches. Un tel changement de paradigme remet en question l'ensemble de l'action urbanistique, et impose de renoncer à la reproduction de modèles d'aménagement en série, au profit de réponses adaptées aux conditions socio-spatiales et environnementales propres à chaque ville. L'urbanisme, en tant que champ disciplinaire capable de guider la planification et le contrôle du développement de la ville dans ses relations avec l'eau, oblige les urbanistes et tous les professionnels de l'aménagement, à assumer leur rôle de promoteurs du changement en faisant appel à la créativité et l'innovation, en analysant les interrelations entre les dynamiques socio-spatiales et hydriques en milieu urbain ; mais aussi en favorisant la participation de tous les acteurs de la « fabrique urbaine », afin de construire avec eux des villes accueillantes et résilientes.

Les travaux des chercheurs ont abouti à une perspective d'intervention dans le paysage urbain de 42 quartiers, couvrant une superficie de 7 744 ha et impactant la vie quotidienne d'environ 445 000 habitants. Un degré élevé de connaissance de la rivière et de son environnement a été atteint. Les informations disponibles ont permis de guider des macro-orientations pour l'organisation du territoire et un « répertoire » d'actions pour transformer la ville elle-même à partir du Capibaribe. Ces lignes directrices reposent sur la proposition que le fleuve devienne un axe intégrateur de plusieurs systèmes : environnement, mobilité non motorisée, rues partagées, canaux, places et parcs. Le paysage de cette « Ville Parc », qui s'étend sur 30 km de berges, avec une faune et une végétation riveraine, forme un corridor écologique déjà existant. L'enjeu est de le consolider et de l'étendre par la requalification et la mise en place progressive de nouveaux espaces verts et équipements urbains, en fonction des besoins des communautés riveraines et des citadins en général. Une approche basée sur l'écologie urbaine a été adoptée, avec « *l'étude des interactions entre les organismes, les structures bâties et l'environnement naturel, où les gens sont concentrés au sein de la ville* ». Dans cette perspective, le projet Parque Capibaribe transcende conceptuellement la dimension d'un parc linéaire, et crée une «zone de parc» d'environ 1 km de large tout au long de son parcours, du quartier de Várzea au centre de Recife (Figure 21).

Figure 21 : La Zone Parc définie par le Projet Parc Capibaribe.




Source: RECIFE et INCITI-UFPE, 2019.

Le projet du Parc Capibaribe dans son ensemble s'inscrit dans une démarche relevant de l'écologie urbaine. Pour en guider la conception, un « Plan d'Urbanisation et de Sauvetage Environnemental » (PURA) et une législation spécifique pour cette zone ont été adoptés, avec des orientations de moyen et long terme, assorties de garanties de préservation du concept initial du Parc par les futurs gouvernements et services administratifs locaux. PURA vise à promouvoir l'intégration socio-spatiale et la récupération environnementale dans la zone retenue, tout en permettant le développement de formes de mobilité non motorisée. le principes directeurs du PURA s'énoncent comme suit : a) Par l'adoption de solutions simples, promouvoir une transformation urbaine et environnementale à faible coût, tout en favorisant des actions de transformation sociale; b) Par une démarche participative, mobiliser les différents acteurs sociaux pour concevoir et définir ensemble des actions négociées; c) Par l'innovation urbaine, développer et mettre en œuvre des solutions urbaines qui répondent au contexte local, aux besoins des cultures spécifiques aux quartiers et aux demandes des générations futures ; d) Par le biais du prototypage, développer des solutions expérimentables, et évaluables, qui suscitent un sentiment d'appartenance chez les citoyens vis-à-vis des espaces publics riverains ; e) Elargir de manière articulée les interventions proposées dans le périmètre de la zone d'influence du PURA vers les autres bassins existant à Recife, et d'autres villes de la Région métropolitaine.

Les différents cours d'eau et canaux, réserves forestières et espaces ouverts urbains (des espaces publics tels que places, parcs et routes bordées d'arbres) forment un système intégré en « s'infiltrant », à travers l'ensemble de la Zone Parc. Ainsi, les bras du fleuve et leurs environnements riverains s'étendent vers l'intérieur des terres, atteignant des quartiers et des communautés qui en sont séparés, et forment un système réticulaire qui potentiellement peut être renforcé par des opérations d'aménagement aussi bien le long des cours d'eau subsidiaires du Capibaribe, que des routes reliant les espaces au fleuve. L'intégration des différentes composantes du paysage urbain, mêlant environnement, infrastructures permet la création d'espaces de vie. Ceux-ci, articulés entre eux par des cheminements doux, se prêtent à une meilleure appropriation des lieux par les passants, et favorisent une « surveillance spontanée » des lieux publics devenus plus attractifs.

Ainsi, la structuration de la Zone Parc repose sur cinq objectifs de requalification, de rénovation et d'aménagement des voiries et des espaces publics en vue de leur usage par la population : i) Créer des cheminements agréables qui invitent à la promenade ; ii) Instaurer des espaces publics permanents, offrant aux citoyens des activités de loisirs, de rencontres et de coexistence ; iii) Démultiplier les points de liaison entre les deux rives du Capibaribe, pour réduire les distances et améliorer l'interconnexion du réseau viaire ; iv) Aménager des éléments structurants reliant tous les espaces dispersés le long des berges de façon à susciter chez l'usager un sentiment d'unité du parc; et v) encourager l'utilisation et l'appropriation par la population de la zone.

### *2.3. Le Jardin du Baobab, lieu d'expérimentation des solutions*

Pour démontrer l'application de ces orientations, l'équipe du PPC a été invitée à développer un premier projet pilote, pour non seulement évaluer la faisabilité et les obstacles à la mise en œuvre des solutions et de leur maintenance, mais aussi leur efficacité en termes de transformation des espaces riverains et de changement structurel à l'échelle de la ville. A cette fin, a été sélectionné une parcelle ayant fait l'objet d'une appropriation privative, aux abords de l'ancienne station de tramway Ponte d'Uchoa, au bord du Capibaribe.

Sur ce terrain se trouvait un Baobab remarquable, vieux de plus de deux cents ans, occulté par les murs de la propriété privée. La Mairie de Recife a sauvegardé une bande de 18 mètres le long de cette parcelle, ce qui permit de lancer le projet « Jardin du Baobab », en ayant recours à une méthodologie fondée sur l'urbanisme tactique, dont le point de départ était la mobilisation

des acteurs sociaux par l'équipe de l'INCITI-UFPE. Les travaux ont été menés en respectant une approche participative permettant la conception collective des opérations, l'implantation d'un prototype, testé et évalué, l'adaptation du projet originel en fonction de son évaluation, et la construction définitive des installations. Désormais achevé, l'utilisation, la gestion et l'entretien du jardin ont été définies avec les habitants, les commerçants et les entrepreneurs locaux, avec l'appui de l'équipe du projet.

Le Jardin du Baobab a transformé en réalité le rêve de valorisation du potentiel prévu dans le projet global, devenant une attraction touristique à Recife (Figures 22 et 23). Un petit poste d'amarrage flottant permet des traversées en bateaux. Aujourd'hui, le nombre de bateliers et de pêcheurs qui assurent le service de transport de personnes lors de trajets fluviaux est déjà considérable, révélant un potentiel jusqu'alors négligé de solutions de mobilité urbaine presque oubliées dans cette ville amphibie.

Figures 22 et 23. Le Jardin du Baobab fait désormais partie de la vie quotidienne de la population.

Source: RECIFE et INCITI-UFPE, 2019.

Parmi les résultats de cette phase de mise en œuvre des actions pilotes du Projet Parc Capibaribe , il faut mentionner la réponse de l'équipe INCITI-UFPE à la demande des habitants du quartier Graças, organisés en un mouvement appelé « Graças a Nós » (Grâce à nous). La population locale a réagi à un projet de la municipalité qui prévoyait construction d'une route à quatre voies sur les rives du fleuve, entre les ponts de Torre et Capunga. Pour s'opposer à ce projet de voie rapide et faire respecter les orientations générales du projet du Parc Capibaribe, le mouvement s'est engagé dans une démarche de projet collaboratif avec la PCR, en faisant appel à l'équipe d'activation du projet du Parc comme médiateur. Le résultat final a été l'aménagement d'une promenade, avec des trottoirs sur pilotis, des places, une rue partagée à sens unique, avec des voitures et des vélos, et un reboisement avec de la végétation native, en lieu et place de la voie rapide. Malgré ces changements dans l'aménagement des, la Caixa Econômica Federal a garanti les ouvertures de crédit nécessaires à l'exécution des ouvrages. La comparaison entre les illustrations du projet initial, axé sur la mobilité automobile (Figure 24), et le projet en cours de réalisation, préservant les berges et les valorisant par des promenades le long du fleuve (Figure 25), illustre l'impact d'une démarche respectueuse à l'environnement urbain dans les espaces riverains.

Figure 24. Projet initial d'autoroute riveraine avec quatre voies de circulation .

Figure 25. Projet d'itinéraire « doux » sur la rive gauche du Capibaribe

Source: RECIFE et INCITI-UFPE, 2019. Source: RECIFE et INCITI-UFPE, 2019.

**Le Projet Parc Capibaribe est-il une réponse à la hauteur des enjeux du changement climatique ?**

Compte tenu des questions de recherche posées en introduction de cet article, les réponses doivent être envisagées selon trois perspectives : la première à partir de solutions proposées par le Projet Parc Capibaribe (PPC) telles qu'elles s'inscrivent dans le cadre de politiques de lutte contre le changement climatique et dans l'évolution des modes de gestion des eaux en milieu urbain ; la deuxième au regard des nouveaux paradigmes qui prônent une nouvelle alliance entre ville et nature ; la troisième prenant en considération le rôle joué par l'aménagement des espaces publics dans l'ensemble des interventions menées au titre du PPC.

En ce qui concerne la prise en compte du changement climatique dans les opérations d'aménagement des bords de fleuve et des fronts d'eau à Recife, force est de reconnaître que cela ne relevait pas des objectifs premiers du PPC. En effet, l'orientation initiale du projet visait l'aménagement des espaces publics riverains en envisageant la constitution d'un parc linéaire. Malgré l'ampleur des analyses réalisées et la richesse des solutions développées (et mises en place dans des projets pilotes), le projet du parc relève plutôt d'une approche paysagère. Même si la conception d'espaces publics de qualité est fondée sur des principes d'intégration et d'équilibre entre ville et nature, la réduction des impacts du CC n'est pas la question centrale du PURA. Toutefois, certaines des préconisations des experts de GIEC y sont présentes, telles que la compréhension des rapports entre les dynamiques humaines et celles de la nature en ville, la récupération des écosystèmes humides, le renforcement de l'éducation à la nature (et aux eaux), la participation citoyenne dans le mouvement de changement culturel.

Sur un plan conceptuel, le paradigme du « *vivre avec* » les eaux en ville pour affronter les défis du CC nous oblige à adopter des solutions basées sur une posture « sensible aux eaux ». L'accord entre les différents niveaux de gouvernement australiens ayant permis l'adoption d'un plan national de gestion de l'eau en apporte une illustration de grande ampleur (WSUD): intégrer la planification urbaine avec la « gestion, la protection et la conservation du cycle urbain de l'eau, garantissant que la gestion de l'eau urbaine respecte les processus hydrologiques et écologiques naturels". En ce sens, le plan australien prône une sorte de « réforme de l'eau urbaine » et souligne les actions nécessaires à « l'innovation et la formation pour créer des [...] villes respectueuses de l'eau » (COAG, 2004, p. 30).

Ces principes renforcent ceux de Brodach et Goffi (2005) qui pensent le développement durable des villes comme la recherche d'un équilibre des relations entre le système urbain et les environnements humains et naturels. Les nouveaux préceptes indiquent que, face à l'accélération du CC et à ses impacts sur l'environnement urbain, une stratégie de résilience oblige à relier les éléments physiques et sociétaux. Goodell (2018) ajoute que cette recommandation est d'autant plus urgente que la gravité du CC devient évidente. La ville durable devrait être un écosystème équilibré et résilient permettant à la fois de résister, de réagir et de compenser les impacts (matériaux et humains) du CC.

Aussi bien sur le plan des principes que de leur mise en œuvre, le PPC et le PURA s'insc rivent dans une démarche résiliente fondée sur l'écologie urbaine, prenant en compte les interactions entre organismes, structures construites et environnement naturel (PICKETT & CADENASSO, 2017). Même si les principes du WSUD ne sont pas explicitement mentionnés, les dimensions conceptuelles de ces projets témoignent d'une nette compréhension de la complexité et de la nécessaire intégration des actions à mener. La durabilité et la requalification des espaces publics sont pensés de façon à concilier ville et nature, dans la perspective de créer un urbain de qualité. Cette perspective englobe aussi bien la prévention des risques et la capacité de récupération des

systèmes après une catastrophe, que la formation d'une nouvelle culture d'aménagement territorial.

L'expression « changement climatique » n'est mentionné que six fois dans l'ouvrage qui présente les résultats du Projet Parc Capibaribe (RECIFE & INCITI-UFPE, 2019). Néanmoins, même si les références au CC y restent modestes, les mesures structurelles proposées ont un lien direct avec les conditions objectives nécessaires à la promotion d'une nouvelle culture d'aménagement des espaces urbains littoraux ou riverains des fleuves confrontés aux conséquences du changement climatique. Il s'agit surtout des aménagements réalisés dans des espaces publics où la conciliation ville-nature est un objectif majeur.

L'analyse du cas de Recife, en comparaison des cas français, révèle dans quelle mesure l'intégration de la dimension du paysage dans un projet urbain peut contribuer à une sorte de réinvention de la « ville amphibie ». Instrumentaliser les relations d'interdépendance entre le fleuve Capibaribe et la ville constitue un point de départ essentiel pour faire face à un défi plus large : celui de la préservation des villes littorales et riveraines face à l'impact du changement climatique. Retenu à titre d'exemple, le cas du Projet Parc Capibaribe, à Recife, constitue un support de réflexion sur les orientations à prendre dans l'aménagement des territoires urbains « aquatiques ».

**Références Bibliographiques**


BOURDEAU-LEPAGE, Lise (org.). **Nature et ville : désirs et controverses**. Bruguières : Librairie des Territoires, 2016, 160 p.

BRODACH, Ari & GOFFI, Melanie (2005). *La politique de la ville: une trajectoire de développement urbain durable?*. In **Développement durable et territoire. Dossier 4: La ville et l'enjeu du développement durable**. Consulté sur : http://developpementdurable.revues.org/document1493.html.

CARRIÈRE, Jean-Paul & FARTHONG, Stuart. *The Regeneration of Urban Riverbanks: A Dilemma Between Environmental and Social Issues*. Lessons from French and Brazilian Case Studies (P. 221 – 241). In DI PIETRO, Francesca & ROBERT, Amélie. **Urban wastelands:** a form of urban nature? Springer, New York, 2021, 369 p.

CARRIÈRE, Jean-Paul (org.). **Faire nature en ville**. Paris : L'Harmattan, 2021-a, 200 p.

CARRIÈRE, Jean-Paul ; DI PIETRO, Francesca ; HAMDOUCH, Abdelillah ; ROBERT, Amélie & SERRANO, José. **La transformation urbaine au prisme de la nature**. Paris : L'Harmattan, 2021-b, 178 p.

CARRIÈRE, Jean-Paul & DE LA MORA, Luis. *O dilema atratividade metropolitana – redução da fragmentação socioespacial: reflexões sobre a requalificação das zonas ribeirinhas nas áreas metropolitanas na França e no Brasil*. In FERNANDES, Ana et CHAGAS, Maurício, **O direito à cidade na França e no Brasil :** uma nova agenda urbana. Salvador : Ed. UFBA, 2018, p. 385-415.

CARRIÈRE, Jean-Paul. **Villes et projets urbains en Méditerranée**. Ed. de la Maison des Sciences de l'Homme " Villes et Territoires ". Tours : Coll. Perspectives, 2002, 135 p.

COAG. Council of Australian Governments, 4/10/2018. **Intergovernamental agreement on a national water initiative**. Consulté sur : <http://www.agriculture.gov.au/SiteCollectionDocuments/water/Intergovernmental-Agreement-on-a-national-water-initiative.pdf>.

DESJARDINS, Xavier. **Planification urbaine, la ville en devenir**. Coll. Le siècle urbain. Paris : Armand Colin, 2020, 240 p.

DINIZ, Fabiano R.; MONTEZUMA, Roberto & VIEIRA FILHO, Luiz G. The Capibaribe Park Project, Recife: using the river to reinvente the city. In: **Brazilian Journal of Environmental Sciences** (Online), v. 55, n. 3, p. 331-353, 8 set. 2020.

DINIZ, Fabiano R. Drainage et gestion du développement urbain durable. Les enjeux en milieu urbain au Brésil. In: MAILLEFERT, M; P, Olivier & ROUSSEAU, S (dir.). **Ressources, patrimoines, territoires et développement durable**. Bruxelas: Peter Lang, 2010, p. 177-201.
DUBOIS-MAURY, Jacqueline & CHALINE, Claude. **Les risques urbains**. Paris : Armand Colin, 2002, 208 p.
GIEC. **6ème Rapport du Groupe d'Experts Intergouvernemental sur l'Évolution du Climat**. Genève : Organisation des Nations Unies (ONU), 2022. Consulté sur : http://www.observatoireclimat-hautsdefrance.org/Les-ressources/Ressources-documentaires/Sixieme-Rapport-d-evaluation-du-GIEC-Changement-climatique-2021-les-elements-scientifiques.
GIEC. **5ème Rapport du Groupe d'Experts Intergouvernemental sur l'Évolution du Climat**. Genève : Organisation des Nations Unies (ONU), 2014. Consulté sur : https://leclimatchange.fr/.
GODDELL. Jeff. **The water will come**. Rising seas, sinking cities, and the remaking of the civilized world. Londres: Back Bay Books, 2018, 340 p. ISBN: 978-0-316-26024-4.
INEICHEIN, Julien & GALLART, Romain. **Activer: repenser l'indissociabilité de l'enseignement, recherche et extension**, in Anais do XVII Enanpur. São Paulo: ANPUR, 2017, 15 p.
LACROIX, Denis ; MORA, Olivier ; DE MENTHIÈRE & BÉTHINGER, Audrey. **La montée du niveau de la mer d'ici 2100**. Scénarios et conséquences. Versailles : Quae, 2021, 127 p.
NEUMAN, Barbara ; VAFEIDIS, Athanasios ; ZIMMERMENN, Juliane & NICHOLIS, Robert. **Future Coastal Population Growth and Exposure to Sea Level Rise and Costal Flooding**. A Global Assessment, Plos one, 10 (3), 2015.
OLIVEIRA, Francisco de. **Noiva da revolução:** Elegia para uma re(li)gião. São Paulo : Editora Boitempo, 2008, 280 p.
OLIVEIRA, Waldemar de. **Geologia da Planície do Recife:** contribuição ao seu estudo. Recife: Oficinas Gráficas do Jornal do Comércio, 1942. Recife : Tese de concurso à cátedra de História Natural da Escola Normal Oficial de Pernambuco.

PICKETT, Stewart T. A. & CADENASSO, Mary L. **How many principles of urban ecology are there?** Landscape Ecology, 32, 2017, p. 699-705. Consulté sur : https://link.springer.com/article/10.1007/s10980-017-0492-0.

PNUD; IPEA & FJP. **Atlas do Desenvolvimento Humano nas Regiões Metropolitanas Brasileiras**. RM do Recife. Brasília: Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas. Consulté sur : http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/livros/livros/141125_atlas_recife. Acesso em: 08 mai. 2018.
RABELO, Ana E. C. G C. ; RIBAS, Larissa V. S. ; COUTINHO, Artur & ANTONINO, Antonio C. D. (s. d.). **Espacialização dos Parâmetros de Equações de Chuvas Intensas para a Região Metropolitana do Recife**. Consulté sur: https://www.researchgate.net/publication/329669999_Espacializacao_dos_Parametros_de_Equacoes_de_Chuvas_Intensas_para_a_Regiao_Metropolitana_do_Recife/figures?lo=1.
RECIFE & INCITI-UFPE. **PURA - Plano de urbanização e resgate ambiental da bacia do rio Capibaribe**. Recife: PCR et INCITI-UFPE, 2019, 319 p.
RECIFE. **Parque Capibaribe: a reinvenção do Recife Cidade Parque**. Recife: Prefeitura da Cidade do Recife, Editora da UFPE, 2019, 328 p.
RECIFE. **Atlas das infraestruturas públicas em Comunidades de Interesse Social do Recife**. Recife: Autarquia de Saneamento do Recife- SANEAR, 2014, 165 p.
RECIFE. **Hidrologia e manejo de águas pluviais urbanas**. Capacitação de equipe técnica. Recife: Prefeitura do Recife, Empresa de Limpeza e Manutenção do Recife-EMLURB, 2011.

UFPE & RCE. **Recife Exchange Netherlands -** Águas como Patrimônio: visões e estratégias frente à mudança climática no Recife e nos países baixos. Fórum e Workshop Internacional. Recife : 2021, UFPE & RCE. Consulté sur: https://recifeexchanges.com/.

**Get moving! Privatization of being in the public space and of the public space itself in the society of flows**

**Mexam-se! Privatização do estar no espaço público e do próprio espaço público na sociedade de fluxos**

**Circulez ! Privatisation de l'arrêt dans l'espace public et de l'espace public lui-même dans la société des flux**

**Laura VERDELLI,**

*Maître de conférences, EPU-DAE Université de Tours, France*
*UMR 7324 CITERES CItés, TERritoires, Environnement et Sociétés*

**Ana FERNANDES**
*Professora Titular, Faculdade de Arquitetura UFBA, Salvador de Bahia, Brasil*
*Grupo de Pesquisa Lugar Comum*

Session Thématique : [3] Espace Public : Politiques urbaines et normalisation

**Mexam-se! Privatização do estar no espaço público e do próprio espaço público na sociedade de fluxos**

Nas cidades, a trama de espaços públicos constitui o suporte espacial para a circulação dos indivíduos entre as diferentes esferas privadas que eles frequentam ao longo do tempo. A multiplicidade de fluxos que o atravessam, assim como a sua distribuição espaço-temporal, contribuem para a animação do espaço público, que é mais de natureza quantitativa, mas quando o próprio espaço público torna-se um destino, seja por causa de um evento cultural, artístico ou cívico, ou simplesmente porque convida as pessoas a parar, a sua animação assume uma dimensão 'qualitativa'[1]. *"Les espaces publics, qu'ils soient des espaces de proximité ou encore des espaces centraux, participent de la construction du lien social tout comme ils l'induisent*" (Ghorra-Gobin, 2001, p. 5). Com efeito, partimos da premissa de que a qualidade da animação do espaço público depende da qualidade da apropriação do espaço pela população. Muito frequentemente, o desenvolvimento do espaço público, como quadro espacial de confronto e intercâmbio social, baseia-se na antecipação dos usos a que este espaço será destinado. Esta antecipação de usos e sua tradução em espaço cria um quadro pré-definido de uso. Além disso, como "*parler d'espace, c'est évoquer le régime de visibilité des substances sociales*" (Lévy, Lussault, 2003, p. 997), o espaço público posiciona-se como uma vitrina social (perfil das populações que utilizam o espaço), mas também social (códigos comportamentais), e surge como um quadro ideal para a expressão das exigências políticas. *"Marcher dans la rue n'est jamais le fait exclusif d'ego. Marcher dans l'espace public, c'est aussi se présenter aux autres ; marcher dans la rue c'est aussi et surtout s'orienter d'après la présence d'autrui*" (Perrin, 2001, p. 226).

Durante a última década, a fronteira da gentrificação urbana passou dos espaços residenciais e da especulação imobiliária para o espaço público. Gradualmente, através do planeamento urbano 'dissuasor' e de projetos *ad hoc*, qualquer possibilidade de parar no espaço público sem consumir tem sido apagada em favor de práticas comercializáveis. Ou, ainda, o espaço público ele mesmo tem sido objeto de venda ou de concessão de gestão para a esfera privada.

O controle do estar no espaço público, na França, aumentou primeiro timidamente com o possível questionamento dos hábitos de viagem ligados às políticas públicas de apoio à transição energética (desincentivo de viajar com um veículo individual através da remoção de lugares de estacionamento, permitindo a expansão dos terraços de bares e cafés), e recentemente, mais francamente, após a crise provocada pela pandemia da Covid-19 (o relançamento da economia incluindo também a autorização dada às atividades comerciais, em particular aos restaurantes, para expandirem o espaço de restauração no espaço público).

Por outro lado, no Brasil, a privatização radical do próprio espaço público ou de bens de uso coletivo, e não apenas de seu uso, também tem marcado a atual conjuntura. No rastro do toyotismo e seu combate aos estoques e das parcerias público-privadas e seus fundos garantidores, o Estado também tem apostado em se desfazer de bens que estão sob sua posse, propriedade ou gestão. Eles podem ser imoveis icônicos para o patrimônio nacional, praças ou parques, áreas reservadas para equipamentos sociais, iniciativas que se acentuaram bastante no período pandêmico, nessa conjunção entre peste e arrefecimento do espaço democrático.

Nossa apresentação, pensada a partir dos exemplos de Tours, na França e de Salvador de Bahia, no Brasil, cotejará e interrogará os diferentes processos de privatização em curso e suas interrelações nas duas cidades em perspectiva. Assim, num caso, se mostrará a convergência entre três motivos: (i) projeto espacial, (ii) redução desejada do lugar do carro na cidade, (iii) efeitos da pandemia; a fim de mostrar como está se tornando difícil caminhar pelo espaço público de graça, a não ser atravessando-o, para qualquer usuário que não queira consumir. No outro, também será arguido (i) projeto espacial, (ii) mudanças substantivas na regulação do espaço, (iii) gestão pública tendendo à financerização dos bens públicos. Nessas circunstâncias, é a existência mesmo do espaço público que é confrontada.

Palavras-chave: privatização espaço publico, consumismo, elitização

Fernandes, Ana. 2013. Decifra-me ou te Devoro: Urbanismo Corporativo, Cidade-Fragmento e Dilemas da Prática do Urbanismo no Brasil. In: Suely Gonzales, Aldo Paviani, Jorge Francisconi. (Org.). Planejamento & Urbanismo na atualidade brasileira. Objeto, teoria e prática. 1ed.São Paulo, Rio de Janeiro: Livre Expressão, v.1, p. 83-108.

Ghorra-Gobin, Cynthia. 2001. Les espaces publics, capital social / Public Space and Social Capital. Géocarrefour, L'espace public, vol. 76, n.1, p. 5-11.

Lussault, Michel. 2007. L'homme spatial. Paris : Seuil. 363 p.

Perrin, Jacques (dir.). 2001. Conception entre science et art: regards multiples sur la conception. Lausanne : PPUR Presses polytechniques et universitaires romandes. 282 p.

[1] Por animação qualitativa do espaço público, entendemos a diversidade de usos e a riqueza das interações sociais: microeventos, trocas espontâneas, compartilhar o mesmo espaço ou mesmo a mesma atividade, ....

**Circulez ! Privatisation de l'arrêt dans l'espace public et de l'espace public lui-même dans la société des flux**

La trame des espaces publics constitue dans les villes le support spatial de la circulation des individus entre les différentes sphères privées fréquentées au cours du temps. La multiplicité des flux qui la traversent, ainsi que leur répartition spatio-temporelle, participent à une animation de l'espace public, plutôt de l'ordre du quantitatif, mais lorsque l'espace public devient lui-même destination, que ce soit en raison d'un événement culturel, artistique, citoyen, ou simplement parce qu'il invite à l'arrêt, son animation prend une dimension 'qualitative'[2]. « *Les espaces publics, qu'ils soient des espaces de proximité ou encore des espaces centraux, participent de la construction du lien social tout comme ils l'induisent* » (Ghorra-Gobin, 2001, p. 5). En effet, nous partons du postulat que la qualité de l'animation de l'espace public dépend de la qualité de l'appropriation de l'espace par la population. Bien souvent, l'aménagement de l'espace public, en tant que cadre spatial de la confrontation et de l'échange social, est basé sur l'anticipation des usages auxquels cet espace sera dévolu. Cette anticipation des usages et sa traduction dans l'espace créent un cadre d'usage prédéfini. De plus, puisque « *parler d'espace, c'est évoquer le régime de visibilité des substances sociales* » (Lévy, Lussault, 2003, p. 997) l'espace public se positionne en tant que vitrine sociale (profil des populations fréquentant l'espace) mais aussi sociétale (codes comportementaux), et apparait comme un cadre idéal à l'expression des revendications politiques. « *Marcher dans la rue n'est jamais le fait exclusif d'ego. Marcher dans l'espace public, c'est aussi se présenter aux autres ; marcher dans la rue c'est aussi et surtout s'orienter d'après la présence d'autrui* » (Perrin, 2001, p. 226).

Au cours de la dernière décennie, la frontière de la gentrification urbaine s'est déplacée des espaces résidentiels et de la spéculation immobilière pour envahir l'espace public. Progressivement, via l'urbanisme dissuasif et des aménagements *ah hoc*, toute possibilité de s'arrêter dans l'espace public sans consommer a été effacée au profit d'exercices commerciaux divers. Ou encore, l'espace public lui-même a fait l'objet d'une vente ou d'une concession de gestion à la sphère privée.

Cet effet, en France, s'est accru d'abord timidement avec la possible remise en question des habitudes de déplacement liée aux politiques publiques d'appui à la transition énergétique (dissuasion des déplacements avec un véhicule individuel via la suppression de places de parking, permettant l'agrandissement les terrasses de bars et cafés), et récemment plus franchement suite à la crise entrainée par la pandémie de Covid-19 (la relance de l'économie passant aussi par l'autorisation donnée aux activités commerciales, en particulier de restauration, d'agrandir leur emprise spatiale sur l'espace public).

En revanche, au Brésil, la privatisation radicale de l'espace public lui-même ou des biens à usage collectif, et pas seulement de leur usage, a également marqué la situation actuelle. Dans le sillage du toyotisme et de sa lutte contre les actions et les partenariats public-privé et leurs fonds de garantie, l'État a également investi dans l'aliénation des biens qui sont en sa possession, sa propriété ou sa gestion. Il peut s'agir de bâtiments emblématiques du patrimoine national, de places ou de parcs, d'espaces réservés aux équipements sociaux, initiatives qui se sont fortement accentuées en période pandémique, dans cette conjonction entre peste et refroidissement de l'espace démocratique.

Notre intervention, qui s'appuie sur les exemples de Tours, en France et de Salvador de Bahia, au Brésil, montrera et interrogera les différents processus de privatisation en cours et leurs interrelations dans les deux villes. Ainsi, dans un cas, on illustrera la convergence entre trois raisons : (i) projet spatial, (ii) réduction souhaitée de la place de la voiture en ville, (iii) effets de la pandémie ; afin de faire émerger à quel point il devient difficile d'arpenter l'espace public gratuitement, autre qu'en le traversant, pour tout usager ne souhaitant pas consommer. Dans l'autre : (i) projet spatial, (ii) changements substantiels dans la régulation spatiale, (iii) gestion publique tendant à la financiarisation des biens publics seront également discutés. Dans ces conditions, c'est l'existence même de l'espace public qui est confrontée.

Mots-clés : privatisation de l'espace public, société de consommation, élitisation

[2] Par animation qualitative de l'espace public, nous entendons la diversité des usages et la richesse des interactions sociales : micro-évènement, échanges spontanés, partage d'un même espace voire d'une même activité, ….

**Get moving! Privatization of being in the public space and of the public space itself in the society of flows**

In cities, the grid of public spaces constitutes the spatial support for the circulation of individuals between the different private spheres they frequent over time. The multiplicity of flows that cross it, as well as their spatio-temporal distribution, contribute to the animation of the public space, rather of the quantitative order, but when the public space itself becomes a destination, whether because of a cultural, artistic or civic event, or simply because it invites people to stop, its animation takes on a 'qualitative'[3] dimension. "*Les espaces publics, qu'ils soient des espaces de proximité ou encore des espaces centraux, participent de la construction du lien social tout comme ils l'induisent*" (Ghorra-Gobin, 2001, p. 5). In fact, we start from the premise that the quality of the animation of public space depends on the quality of the appropriation of the space by the population. Very often, the development of public space, as a spatial framework for confrontation and social exchange, is based on the anticipation of the uses this space will host. This anticipation of uses and its translation into space creates a predefined framework of use. Moreover, since "*parler d'espace, c'est évoquer le régime de visibilité des substances sociales*" (Lévy, Lussault, 2003, p. 997), public space is positioned as a social showcase (profile of the populations using the space) but also societal (behavioural codes) and appears as an ideal framework for the expression of political claims. "*Marcher dans la rue n'est jamais le fait exclusif d'ego. Marcher dans l'espace public, c'est aussi se présenter aux autres ; marcher dans la rue c'est aussi et surtout s'orienter d'après la présence d'autrui*" (Perrin, 2001, p. 226).

Over the past decade, the frontier of urban gentrification has moved from residential spaces and real estate speculation to invade public space. Progressively, through dissuasive urban planning and *ah hoc* projects, any possibility of stopping in public space without consuming has been erased in favour of various commercial activities. Or, still, the public space itself has been the object of sale or management concession to the private sphere.

This effect, in France, increased first timidly with the possible questioning of travel habits linked to public policies supporting the energy transition (discouraging travel with an individual vehicle by removing parking spaces, allowing the expansion of bar and café terraces), and recently more frankly following the crisis caused by the Covid-19 pandemic (the revival of the economy also involved authorising commercial activities, in particular restaurants, to expand their space over public space).

On the other hand, in Brazil, the radical privatization of the public space itself or of goods for collective use, and not just their use, has also marked the current situation. In the wake of Toyotism and its fight against stocks and public-private partnerships and their guaranteeing funds, the State has also invested in disposing assets that are under its possession, ownership or management. They can be iconic buildings of the national heritage, squares or parks, areas reserved for social facilities, initiatives that were greatly accentuated in the pandemic period, in this conjunction between plague and the decreasing of democratic space.

Our presentation, based on the examples of Tours, in France and Salvador de Bahia, in Brazil, will show and question the different processes of privatization in progress and their interrelationships in the two cities. Thus, in one case, the convergence between three reasons will be shown: (i) spatial project, (ii) desired reduction of the place of the car in the city, (iii) effects of the pandemic; in order to highlight how difficult is becoming to walk through the public space for free, other than by crossing it, for any user who does not want to consume. In the other: (i) the space of the project, (ii) substantive changes in space regulation, (iii) public management tending to the financialization of public goods will also be argued. In these circumstances, it is the very existence of the public space that is confronted.

Keywords: public space privatization, consumerism, elitization

[3] By qualitative animation of public space, we mean the diversity of uses and the richness of social interactions: micro-events, spontaneous exchanges, sharing the same space or even the same activity, ....

# Políticas públicas em espaços livres no contexto pós-pandemia Sars-Cov-2: aprendizados e adaptações ao contexto brasileiro

**Fabíola MACERES**
*Mestre em Letras e Bacharel em Gestão e Análise Ambiental, Universidade Federal de São Carlos*
*Departamento de Ciências Ambientais - DCAm - UFSCar*

**Renata BOVO PERES**
*Professora Associada, Universidade Federal de São Carlos*
*Departamento de Ciências Ambientais - DCAm - UFSCar*

**Resumo**
O ano de 2020 marcou significativamente a história, a vida e as cidades em todo o mundo. Provocadas pela pandemia Sars-Cov-2 dinâmicas urbanas foram alteradas por completo. Uma delas foi o uso dos espaços, sobretudo os espaços livres. Considerados essenciais sob múltiplos aspectos, eles assumiram destaque, por possibilitarem riscos mais baixos de transmissão, maior bem estar e conexão com a natureza. A reestruturação das políticas públicas para que estes se tornassem ambientes seguros e saudáveis foi, portanto, ação fundamental. O objetivo deste trabalho foi sistematizar e avaliar experiências implementadas em espaços públicos no contexto da pandemia SARS-CoV-2, a partir de três categorias analíticas: mobilidade ativa; infraestrutura verde; ação educativa, cultural e mobilização social. Usando como métodos pesquisa bibliográfica e análise documental, os resultados identificaram propostas para adaptação no contexto da américa latina e, em especial, brasileiro. Pretende-se, com isso, problematizar o debate, apontando subsídios para a construção de uma agenda sobre o uso dos espaços livres públicos pós-pandemia, a partir do conhecimento de distintas realidades urbanas e contextos culturais.

**Palavras-Chaves:** espaço público; gestão urbana; práticas de produção.

## 1. Introdução

Muitas reflexões emergiram da situação sanitária enfrentada cotidianamente nos municípios brasileiros e latino americanos após a eclosão da pandemia SARS-CoV-2 (COVID-19) ocorrida no ano de 2020. Uma das questões em pauta, para minimizar a propagação do vírus na retomada das atividades presenciais, foi o uso dos espaços livres nas cidades.

No contexto do distanciamento social, em que o confinamento se tornou necessário, inúmeras pessoas procuraram refúgio em áreas livres para fruir a natureza, exercitar-se e encontrar algum equilíbrio emocional em meio às incertezas vividas. Os equipamentos públicos como parques, praças, ciclovias, assumiram grande destaque e tornaram-se essenciais sob diversos aspectos, seja por possibilitar bem estar e qualidade de vida para os habitantes que viveram situações de reclusão por muitos meses, ou ainda, por oferecer maior segurança contra a virulência da COVID-19.

É possível avaliar a crise pandêmica como uma oportunidade de catalisar mudanças estruturais nas cidades. Os momentos de crise possibilitam o surgimento de novas estratégias alinhadas às necessidades prementes do contexto histórico vivido. Segundo o urbanista Fernando Carrion (Faculdade Latinoamericana de Ciências Sociais no Equador), as cidades estão suscetíveis a "choques urbanos", que são tensões causadas por eventos naturais (terremotos, erupções, tsunamis, inundações, incêndios), ou antrópicos (contaminação, mudanças climáticas, terrorismo, pandemias). Em colapso, o sistema econômico, social e político da cidade pode gerar novos modelos urbanos, como um disparador de processos de mutação que as cidades já vinham prefigurando (Carrion, 2020).

Revisitando eventos históricos do passado como epidemias de cólera, tifo, tétano (séc. XVIII), gripe espanhola (séc. XIX) entre outras doenças, diversas crises sanitaristas na Europa e no mundo forneceram conjunturas para novos paradigmas no planejamento urbano. Almejando benefícios para a saúde pública e melhores condições de vida, é possível verificar exemplos de políticas públicas e tomadas de decisões por gestores que orientaram a readequação das grandes cidades. No Brasil não foi diferente. Ximenes (et al., 2020) destacam as diretrizes urbanas que vieram à tona desde o séc. XIX em virtude de epidemias:

> [...] Metrópoles que haviam passado por surtos epidêmicos (como Santos, Recife, Campinas, João Pessoa, Rio de Janeiro e São Paulo) foram alvos de planos urbanísticos de melhoramento e embelezamento fortemente inspirados por concepções europeias e centrados na criação de metrópoles "ordenadas e limpas". Tais planos se materializaram em áreas verdes para purificar o ar, avenidas largas, laterais nas edificações para a circulação dos ventos e a iluminação, drenagem de áreas pantanosas, etc (Ximenes, et al., 2020).

Assim como no passado, o momento atual propõe o desafio de ressignificar os usos dos espaços públicos, aflorando discussões para políticas públicas urbanas que possam solucionar as problemáticas da pandemia, não apenas em termos de saúde e meio ambiente, mas também envolvendo transformações socioculturais. Tudo indica que as mudanças não serão apenas momentâneas, mas podem deixar um legado permanente para o funcionamento das cidades (Bonduki, 2021).

Deste modo, a importância dos espaços públicos urbanos ao ar livre cresceu, ao mesmo tempo que avançam as discussões acerca da necessidade de rever e criar novas políticas e diretrizes para sua ocupação, no sentido de prevenir e mitigar novas contaminações e promover saúde e qualidade de vida aos habitantes das cidades.

O debate sobre a gestão de cidades de países desenvolvidos já aponta a necessidade de traçar políticas para combater o aquecimento global, resgatar a dimensão humana dos espaços, estimular boas relações com a água e valorizar as áreas verdes locais. Metrópoles como Londres, Amsterdam, Berlim, Paris, Barcelona, Nova York e Montreal adotaram iniciativas exitosas durante o controle da pandemia (Pontes, 2020). Atualmente a cidade de Paris é destaque no cenário mundial de acordo com o novo programa a ser implementado pela prefeita reeleita Anne Hidalgo em 2020, com o slogan "Paris 15 minutos". A proposta de envolver ações para descentralizar a cidade prezando pelas distâncias curtas, promover atividades culturais nos bairros, ampliar os espaços verdes, plantar espécies de árvores, estimular o comércio local e

promover a proximidade dos empregos, de serviços essenciais conectados pela micromobilidade ativa (Cirillo, 2021). Contudo, o funcionamento desse modelo deve atender a todas as pessoas e regiões da cidade e evitar a gentrificação, prevendo a redistribuição de acessos e a melhor oferta e qualificação de serviços e equipamentos.

Ao olharmos para as realidades dos países emergentes na América Latina, como o Brasil, programas e ações propostos em cidades europeias e norte-americanas ainda estão distantes da realidade, e é necessário avaliar de que modo a pandemia afeta os mais vulneráveis nas periferias urbanas. De acordo com o livro "Os impactos sociais da Covid-19 no Brasil: populações vulnerabilizadas e respostas à pandemia" da Fundação Oswaldo Cruz (Matta, 2021), a pandemia acirrou as desigualdades sociais. No estudo sistematizado por dezenas de pesquisadores, que utilizaram indicadores de raça, gênero, classe social, sexualidade, territórios, dinâmica social e econômica, entre outros aspectos, ficou evidente que há maior pressão sobre os territórios que já eram vulneráveis, tornando-os mais suscetíveis às crises de saúde, desemprego, segurança pública, segurança alimentar, falta de saneamento e precarização do transporte (Matta, 2021).

Ainda acerca das possíveis reformulações das políticas públicas, Tavares (2020) defende que a pandemia é uma circunstância que permite a reformulação de políticas com o intuito de refrear as desigualdades históricas:

> [...] é uma oportunidade de pensar uma sociedade mais solidária, a começar por romper as barreiras históricas da desigualdade do desenvolvimento territorial que levou à precariedade habitacional e urbana, à vulnerabilidade social e ambiental, e à falta de condições mínimas de moradia. É possível traçarmos um quadro das prioridades e a principal delas, certamente, é retomar políticas públicas que combatam essas desigualdades e respeitem as diversidades regionais. (TAVARES, apud PEREIRA, 2020)

Um caminho possível é aprender e olhar como referencial cidades latino americanas que tiveram iniciativas bem sucedidas nas últimas décadas e que podem apontar soluções para a pandemia. Para o colombiano Alejandro Echeverri, que contribuiu com o conceito de Urbanismo Social, definindo as políticas para a cidade de Medelín nos anos 2000, não se deve simplesmente reproduzir programas de cidades como "Paris 15 minutos", mas aprender com eles e estabelecer uma agenda própria de acordo com o contexto local, principalmente porque ainda há desigualdades e severas injustiças socioambientais para serem superadas (Echeverri apud Melo; Bacoccina, 2021). Há, portanto, um repertório de iniciativas que podem ser consultadas no campo das políticas públicas urbanas para o enfrentamento da pandemia.

Deste modo, mediante estudos elaborados por planejadores e pesquisadores de políticas urbanas, o objetivo do artigo foi sistematizar experiências e políticas públicas e processos de normatizações que foram implementados para os espaços públicos urbanos.

Para tal, foram identificados casos de cidades que transformaram espaços públicos durante a pandemia SARS-CoV-2, entre os anos 2020 e 2021, analisadas propostas e projetos

implementados (ou em fase de prospecção), que podem ser replicadas no contexto socioeconômico brasileiro. As alterações significativas, foram categorizadas considerando três aspectos: 1) propostas relacionadas à mobilidade ativa; 2) propostas relacionadas à infraestrutura verde; 3) propostas relacionadas à ação educativa, cultural e mobilização social.

Por fim, procurou-se problematizar o debate para a adaptação no contexto das cidades da américa latina (em especial no Brasil), indicando ações, medidas e iniciativas para a construção de uma agenda própria para o uso dos espaços públicos, que podem auxiliar na tomada de decisão de órgãos públicos e demais agentes sociais.

## 2. Metodologia

O presente trabalho utilizou como principal metodologia a pesquisa bibliográfica e documental relacionada às pesquisas sobre iniciativas e políticas públicas em espaços livres de lazer, principalmente no contexto pós-pandemia COVID-19. A pesquisa bibliográfica valeu-se de buscas através de palavras-chave e referências cruzadas, consultando as principais coletâneas de artigos e publicações em bases de dados científicos, jornais e sites eletrônicos.

Como procedimento de análise documental, foram consultados sites sobre concursos de projetos e soluções urbanas lançados após a pandemia, seminários organizados por fundações que repensaram as cidades pós covid-19, bem como manuais e relatórios técnicos publicados sobre diretrizes para urbanas. Entrevistas com especialistas em planejamento urbano, realizadas entre 2020 e 2021, também foram assistidas e igualmente serviram de subsídio para a pesquisa.

Todos os casos destacados no artigo foram de cidades que tiveram espaços públicos de lazer transformados, durante a pandemia SARS-CoV-2, entre os anos 2020 e 2021. Considerando os principais resultados identificados nas pesquisas bibliográficas e documental, relacionadas aos tipos das intervenções nos espaços públicos, as categorias analíticas foram definidas por:

- Propostas relacionadas à Mobilidade Ativa;
- Propostas relacionadas à Infraestrutura Verde;
- Propostas relacionadas à Ações Educativas, Culturais e de Mobilização Social.

## 3. Resultados e Discussão

### 3.1. Reflexões acerca das políticas públicas para espaços livres no contexto pós-pandemia

A oportunidade de pensar políticas públicas mais sustentáveis para as cidades em meio às incertezas após a eclosão da pandemia deve levar em conta a complexidade urbana, propondo soluções sob um ponto de vista sistêmico, e não atacar problemas como mobilidade, habitação, saneamento, criminalidade apenas a partir de uma única perspectiva (Buckeridge, 2020).

Um dos pontos críticos das políticas públicas urbanas é o **combate a injustiça socioambiental**, traduzida na segregação dos espaços. Boa parte da população mais vulnerável

não tem acesso a espaços livres de qualidade e vivencia problemas de saneamento básico, escassez hídrica e dificuldades na mobilidade urbana, além de outras adversidades potencializadas pela pandemia como a falta do emprego e da moradia.

Nas lições aprendidas pela cidade de Medellin (Colômbia), sobretudo entre os anos de 2004 a 2011, Alejandro Echeverri estruturou o Programa de Urbanismo Integrado a partir de ações que englobaram as regiões mais vulneráveis. Foi uma estratégia focada nos bairros mais pobres, que pensou nas dimensões do espaço público, residência e transporte, combinando uma agenda de projetos de cultura, educação e empreendedorismo a partir do trabalho com as comunidades (Echeverri, 2017).

Naquele momento, o foco das políticas públicas foi a combinação simultânea de políticas governamentais com ações de iniciativa local, que multiplicou oportunidades reais dos processos de colaboração, a partir da conexão e transformação significativa de ruas, passeios, calçadas, praças e parques.

Em entrevista recente (Echeverri, 2021) Alejandro Echeverri disse que Medelín hoje está passando por um momento difícil, de agenda de polarização e divisão e se afastou das pautas reivindicadas no passado. Para a construção de políticas públicas pós-covid nos países latinoamericanos sugere, portanto, uma **reaproximação da agenda social**.

> [...] Temos problemas ambientais que são ligados a problemas sociais. Devemos pensar nas políticas que atingem a maioria da população. Construir nossa própria agenda em temas como regeneração, sustentabilidade, justiça ambiental, definindo nossas próprias prioridades, conectadas com a nossa realidade (Echeverri apud Melo; Bacoccina, 2021).

Pensar políticas públicas de recuperação dos espaços públicos passa, em sua visão, pela recuperação da confiança no espaço público e pela construção de uma luta comum.

> [...] O que a pandemia nos mostra é a necessidade de continuar com esses investimentos nos bairros mais populares. Eu acredito muito em projetos de curto prazo e de pequena e média escala que possam ir se conectando, multiplicando, replicando. [...] A relação com o espaço público pós-pandemia vai voltar com mais força. Porém, ainda pode demorar uns três anos (Echeverri apud Melo; Bacoccina, 2021).

Outro aspecto relacionado às políticas públicas é a **existência de órgãos municipais responsáveis pela gestão desses espaços**. Algumas cidades na América Latina, como Buenos Aires, Bogotá e Cidade do México possuem estruturas administrativas dedicadas aos espaços públicos. Buenos Aires conta com um Ministério de Espaços Públicos e Higiene Urbana, o qual formula e implementa políticas públicas para melhorar a qualidade de vida nos espaços públicos da cidade. O órgão é composto por quatro subsecretarias: limpeza e gestão de resíduos, paisagem urbana, manutenção e administração. Bogotá possui uma Defensoria de Espaços Públicos que envolve a defesa dos espaços públicos, a administração do patrimônio imobiliário da cidade e a construção de uma nova cultura de espaço público. Também sedia um

Observatório de Espaço Público, que gera e compartilha conhecimento sobre os espaços públicos e tem publicado, desde 2016, um informe técnico anual com Indicadores (ITDP, 2020).

A **territorialidade** também é uma dimensão estrutural no contexto das políticas públicas, considerando as dinâmicas locais das comunidades e não apenas das macro políticas municipais. Áreas de interesse especial podem ser priorizadas para atuação do poder público com o objetivo de diminuir as desigualdades, estabelecendo diálogos com as associações, moradores dos bairros e organizações da sociedade civil de forma participativa para melhorar a qualidade de vida dos habitantes. Assim, é possível fazer um diagnóstico com as principais demandas comunitárias, engajar, mobilizar atividades e campanhas com maior possibilidade de êxito.

Políticas públicas com maior interface de atuação local no território tendem a ter maior alcance, com consultas públicas e diagnósticos locais bem estruturados, além de incentivos às ações comunitárias. As diretrizes lançadas pelo Instituto de Políticas de Transporte e Desenvolvimento (ITDP) demonstram que:

> é na esfera local que as ações tomam forma, e é essencial que o território seja o elo unificador entre ambas escalas de atuação. As ruas, largos, escadarias ou calçadas são os espaços onde a atividade cotidiana acontece (ITDP, 2020).

Além da governança e da gestão participativa, o Relatório "Parcerias para Gestão dos Espaços Públicos" (ITDP, 2021) demonstra que um terceiro pilar essencial para tornar os espaços públicos mais atrativos, seguros e dinâmicos é o **financiamento contínuo**.

Em meio às incertezas econômicas propõe-se um conjunto de parcerias, arranjos institucionais e instrumentos que podem incidir em diferentes aspectos dos espaços públicos, em escalas territoriais e contextos socioeconômicos variados. Os estudos envolvem Programas de parklets; Programas de adoção de espaços públicos; Distritos comerciais (Business Improvement Districts - BIDs); Programa de Parcerias Locais BIP/ZIP de Lisboa; e Recuperação participativa de espaços públicos em cidades chilenas (ITDP, 2021).

Ainda que após a pandemia o acirramento da crise econômica seja uma barreira para a gestão pública, é possível viabilizar iniciativas de baixo custo e rápida implementação. Ressaltam-se, também, as possibilidades de ações baseadas no **Urbanismo Tático**, metodologia de intervenções temporárias em espaços públicos para redesenhar e ressignificar as ruas e áreas livres de forma a valorizar o convívio e bem estar humano (Batista, 2020). A crise provocada pela pandemia demonstrou a necessidade urgente de espaços abertos de forma a mitigar as formas de contágio, além de ser uma oportunidade de "testar novos perfis de ruas que priorizem pedestres e ciclistas e contribuam para cidades mais vibrantes e acolhedoras e menos poluídas" (Batista, 2020).

As ações impulsionadas pelo Urbanismo Tático, com um elevado grau de sucesso, potencializam mudanças na paisagem urbana, iniciando-se como processo de experimentação

no ambiente e assumindo status permanente quando alcançam a projeção pública almejada. Após a pandemia, algumas cidades ampliaram calçadas, espaços de vivências e implementaram parklets, tornando a rua ambiente mais acessível à mobilidade ativa e aos encontros humanos, setorizando o espaço que antes era destinado a automóveis com exclusividade.

As iniciativas para políticas públicas urbanas de intervenção estratégica e de baixo custo, podem estar integradas em programas com ações e investimentos estruturais mais robustos, de médio e longo prazo, como a criação e consolidação de sistemas de parques urbanos, ciclovias, plantio de árvores e revitalização de rios, que já estavam em fase de estudo e prospecção antes da eclosão da pandemia COVID-19. Ximenes (et al., 2021) cita os exemplos dos planos de parques urbanos de Campinas, São Paulo e Curitiba que estavam em fase de implementação envolvendo sistemas de Parques Lineares, jardins filtrantes e hortas urbanas. Ela defende também a importância dos investimentos em infraestrutura verde nas cidades como fator de inclusão social e propulsor de qualidade de vida após a pandemia:

> Os parques lineares poderão constituir um espaço para fortalecer a democracia e converter em um referencial de identidade importante às pessoas pós-pandemia. O acesso aos parques lineares é público, gerando possibilidades de atividades esportivas e de recreação essencial para uma saúde física e mental dos cidadãos, gerando inclusão social e vínculo das comunidades pertencentes a diferentes delimitações territoriais. (Ximenes, et al. 2020a).

### 3.2. Mobilidade Ativa

A mobilidade urbana teve grande impacto no momento subsequente à eclosão da pandemia, não apenas pela redução do fluxo de automóveis nas ruas nos meses iniciais, diminuindo a incidência de material particulado na atmosfera (AMORIM, 2021), como pelo acentuado aumento de deslocamentos por mobilidade ativa, em algumas cidades.

Municípios que já estimulavam o uso de ciclovias, implementaram circuitos temporários para diminuir a disseminação do vírus pelos transportes coletivos. Bogotá (Colômbia) adicionou 96 quilômetros de ciclovias emergenciais (aos já consolidados 550 quilômetros) e coletou dados através de pesquisas demonstrando que "o uso das bicicletas cresceu entre a população, de 50% antes da quarentena para 84,4%". Além disso, "68% das pessoas que usavam outros meios migraram para a bicicleta" (Ribeiro, 2020). Do mesmo modo, a Cidade do México (México) constatou 2 vezes mais ciclistas em ciclofaixa paralela ao metrobus do que anterior à pandemia (Figura 3). Cidades brasileiras como Campinas e Belo Horizonte, que já vinham promovendo projetos para ciclovias (anteriormente à pandemia), receberam maior incentivo a partir de 2020. Campinas totalizou 78 quilômetros de ciclovias integradas ao sistema de transporte público municipal no ano de 2021, como mostra a Figura 2 (EMDEC, 2021).

Todos esses indicativos apresentam conquistas muito benéficas para a mobilidade urbana. Segundo Ribeiro (2020), "os dados positivos fortalecem a pauta da bicicleta e dão

segurança aos gestores para a mudança de paradigma da mobilidade na cidade, melhorando as infraestruturas de mobilidade ativa e reduzindo o espaço para carros" (Ribeiro, 2020).

A setorização das ruas, no entanto, não se limitou aos ciclistas, recebendo marcações para pedestres, espaços de vivências e mesas para restaurantes e lanchonetes. Tais ações de baixo custo devolveram ao ambiente público a escala humana (Gehl, 2015), provendo locais de fruição e permanência aos habitantes das cidades saindo do confinamento pós-pandemia. Um exemplo emblemático é a avenida na cidade de Córdoba (Argentina), com espaços delimitados e grande fluxo de pessoas usufruindo o espaço público (Figura 3), onde antes era território exclusivo para automóveis (ITDP, 2020).

As intervenções de Urbanismo Tático impulsionaram também a criação de novas políticas e legislações para instalação de *parklets* nas cidades brasileiras após a pandemia. Iniciativas como o Projeto Ruas SP (Decreto 59.877/2020) possibilitou que proprietários de bares e restaurantes estendessem seus atendimentos aos seus clientes nesses espaços. Tal proposta na Secretaria Municipal de Urbanismo e Licenciamento visou estimular "a retomada econômica pós-pandemia e reduzir os riscos de transmissão da COVID-19" (PREFEITURA DE SÃO PAULO, 2021). Destaca-se também um corredor Gastronômico ao ar livre, instalado temporariamente em Campo Grande (MS) (Figura 4) e que irá se transformar permanentemente em cinco pontos da capital (PREFEITURA DE CAMPO GRANDE, 2020).

**Mobilidade Ativa**

Figura 1: Ciclovia temporária na Cidade do México (México). Ano da intervenção: 2020.

Figura 2: Ciclovia inaugurada em Campinas, SP (Brasil). Ano da intervenção: 2020.

Figura 3: Setorização de ruas para incentivar atividades físicas e comércio local em Córdoba (Argentina). Ano da intervenção: 2020.

Figura 4: Corredor Gastronômico instalado temporariamente em Campo Grande (MS). Ano da intervenção: 2020.

### 3.3. Infraestrutura Verde

O conceito de Infraestrutura Verde é compreendido neste trabalho, dentro dos campos da Arquitetura, Urbanismo e Planejamento da Paisagem. Ele se refere, como definem Cormier e Pellegrino (2008, p. 128) a uma "rede de espaços interconectados, composta de áreas naturais e outros tipos de espaços abertos que conservam os valores dos ecossistemas naturais e suas funções como mananciais, controle ambiental, regulação climática, recreação e lazer, provendo uma ampla gama de benefícios para a sociedade" (Santos e Enokibara, 2021).

Em termos de espaços públicos e áreas livres, a pandemia provocou uma intensa mudança de comportamento, ao decretar a reclusão compulsória de diferentes camadas da população em ambientes domésticos ao longo de muitos meses, como forma de proteção e contenção da disseminação da doença. Tal fato colocou em pauta a importância de manter espaços públicos abertos como ambientes privilegiados para as interações urbanas, além da necessária conexão com a natureza em áreas verdes, tendência que já vinha sendo defendida por ambientalistas, arquitetos e urbanistas em função dos seus múltiplos serviços ecossistêmicos. É também uma oportunidade para estimular a identificação com esses espaços, como um resgate das relações comunitárias e maior identificação com as áreas públicas, como defende Ximenes (et al., 2020a):

> A pandemia de COVID 19 colocou em questão e ressaltou a importância das áreas verdes e dos espaços públicos urbanos. [...] O uso da Infraestrutura Verde proporcionará uma ampliação das áreas verdes nos espaços públicos e exercerá funções importantes para a qualidade socioambiental: lazer, saúde pública, melhoria na qualidade do ar, melhoria da convivência em comunidade, melhorias climáticas, corredores verdes, criação de ecobairros; e se faz presente no sentimento de pertencimento dos espaços públicos pelas pessoas, na participação da comunidade, no aumento das relações sociais, e na saúde e bem-estar (Ximenes, et al., 2020a).

Em pesquisa realizada pelo Programa Cidades Globais do IEA (USP), ficou evidente que, após os meses iniciais de reclusão, 85% dos entrevistados sentiam necessidade de conectar-se com a natureza, havendo uma mudança de valores para aqueles que antes privilegiam espaços fechados como opção de lazer (como shopping, cinema, entre outros) e, que na atualidade, com a dificuldade imposta pelo vírus, desejam fruir espaços naturais com mais intensidade (Ximenes, et al., 2021c).

A relevância de estudos como esse não apenas comprova que a pandemia promoveu uma considerável mudança nos hábitos e interesses da população de grandes centros urbanos, como também promoveu uma necessária reestruturação das políticas públicas direcionadas aos espaços urbanos. As diretrizes e políticas devem mapear os aspectos que atraem o público para fora do ambiente domiciliar e direcionar esforços para criar ambientes seguros, com infraestrutura adequada, induzindo boas práticas para o comportamento individual.

Seja para praticar atividades físicas, encontrar amigos, participar de eventos culturais, realizar compras ou até mesmo para contemplação e fruição estética, as áreas verdes podem contemplar diversas demandas da população de diferentes camadas sociais. A inauguração do Parque Augusta Prefeito Bruno Covas (Figura 5) no centro de São Paulo (06/11/2021), com intensa adesão do público, demonstrou a grande demanda por espaços naturais dentro da cidade em momento pós-pandemia. No primeiro feriado (15/11/2021) posterior aos 10 dias de sua inauguração, registrou-se mais de 21.540 visitantes na segunda-feira, somando mais 16.127 no domingo e 10.390 no sábado (Gonçalo, 2021).

A segurança promovida pelas áreas livres, com grande circulação de ar, estimulou os usos múltiplos para diversos parques, que podem passar a receber feiras, espaços de trocas comerciais, aulas e atividades pedagógicas, além de museus ao ar livre. O Parque da Reserva Natural Costanera Sur, na Argentina, recebeu diversos visitantes para as feiras itinerantes, mesmo em momento de grande restrição da quarentena no país, sendo uma oportunidade de fruir um passeio no parque e fazer compras de forma mais segura (Figura 6). Segundo Garabot (2020):

> Em qualquer escala, a qualidade de um espaço público consiste em identificar a estratégia adequada para organizar elementos específicos que, ao relacionaram-se, possam satisfazer nossas necessidades de lazer, mobilidade, participação, associação, proteção, emprego e saúde. Os espaços públicos, quando de qualidade, podem criar as condições necessárias para garantir a permanência da vida coletiva, mesmo em tempos de grande incerteza social, proporcionando à sociedade como um todo os instrumentos necessários à sua resiliência (Gabarot, 2020).

**Infraestrutura Verde**

Figura 5: Inauguração do Parque Augusta Prefeito Bruno Covas. Ano da intervenção: 2021.

Figura 6: Parques urbanos com usos múltiplos. (Reserva Natural Costanera Sur, Argentina). Ano da intervenção: 2020.

### 3.4. Ação Educativa, Cultural e Mobilização Social

A imposição do distanciamento social esvaziou os espaços públicos por muitos meses, impossibilitando as trocas e relações afetivas de forma física. Tentando superar essa adversidade, no momento da retomada das atividades presenciais, diversas iniciativas

propuseram o **resgate do convívio comunitário com práticas educativas e ações culturais**, demonstrando a resiliência humana para enfrentar tal momento de crise.

Três projetos brasileiros, que participaram do concurso de ideias inovadoras do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) para planejamento urbano pós-pandemia, ganharam premiações e menção honrosa ao apresentar propostas inéditas para ações comunitárias e práticas educativas em áreas livres e espaços públicos.

Incentivando interações sociais, o projeto "Brincando com confiança", idealizado pelo Instituto "A Cidade Precisa de Você" (São Paulo) é uma proposta de jogo de tabuleiro em escala humana. Durante as partidas, os jogadores são incentivados a realizar debates públicos, expor ideias e se posicionar em temas diversos (políticas públicas, meio ambiente, cidades), mantendo sempre o distanciamento social através de marcadores no piso, que pode ser desenhado em parques, praças, escolas ou qualquer outro lugar ao ar livre (Figura 7). Utilizando aplicativo de celular, o jogo é uma alternativa lúdica com finalidade de educação para cidadania, que pode promover interações significativas nos espaços urbanos, sem representar custos elevados para a gestão pública (Tribouillard, et al., 2021).

"Ferramentas de esquina", projetado por arquitetos formados na UFSC, também recebeu destaque no concurso ao propor um guia para construção de mobiliários de baixo custo em bairros periféricos, incluindo torneiras para higienização pública, jardineiras e playground para crianças. A iniciativa foi implementada em um bairro de Florianópolis (SC), protagonizada pelo mutirão de moradores locais. Outra proposta desenvolvida pelo "Laboratório de Intervenções Temporárias e Urbanismo Tático" (Rio de Janeiro) baseada em atividades de formação de agentes comunitários também ganhou relevância ao propor atividades de gestão participativa e urbanismo tático. Com o objetivo de preparar multiplicadores para intervenções que solucionem problemas da crise pandêmica, o projeto incentiva o fortalecimento de associações e coletivos de moradores dos bairros (Tribouillard, et al. 2021).

Destaca-se ainda outro projeto educacional que repensou o espaço confinado da sala de aula para promover atividades pedagógicas em parques, jardins, praças, pátios e outras áreas livres, assegurando menor incidência de contaminação. A rede municipal de ensino em Jundiaí (SP) estimulou o "desemparedamento" da sala de aula (Figura 8) sinalizando uma política pública que visará promover aulas com maior contato com a natureza (Instituto Alana, 2021). Em parceria com o Instituto Alana, a prefeitura elaborou um "Guia de aprendizagem ao ar livre" e tem estimulado os usos externos para todas escolas do município, incluindo parcerias entre instituições como clubes, igrejas e outras esferas privadas para garantir diversos benefícios e qualidade de vida aos estudantes. Deste modo, promoveu a ocupação da infraestrutura verde urbana "que possam ser adaptados, reformados e/ou ressignificados no entorno das escolas, para ampliar as possibilidades de uso pelos estudantes, como sala de aula temporárias ou para estudos de campo" (Instituto Alana, 2021).

Figura 7: “Brincando com Confiança”. Jogo de tabuleiro com escala humana para interações em espaços públicos assegurando o distanciamento social. Ano da intervenção: 2020.

Figura 8: Projeto da rede municipal de ensino em Jundiaí, propõe criar espaços para aulas ao ar livre. Ano da intervenção: 2020.

## 4. Considerações finais

Espaços coletivos como parques e áreas verdes urbanas já eram uma importante pauta entre pesquisadores do campo do planejamento urbano, com ênfase na promoção de políticas de saúde pública, conjugada à diretrizes ambientais, de infraestrutura, planejamento urbano entre outros enfoques transversais. Entretanto, a crise provocada pela pandemia SARS CoV 2 acelerou uma mudança de paradigma e impulsionou o debate sobre a adoção de políticas públicas para espaços livres, considerando a sua importância para a diminuição da propagação da doença e manutenção da saúde e qualidade de vida da população.

Avaliando alguns contextos urbanos foi possível verificar diretrizes estruturantes que podem auxiliar na tomada de decisão de gestores públicos. É benéfico compor medidas sistêmicas, em arranjos de governança, que atuam em diversas frentes como mobilidade, saneamento, habitação e cultura, simultaneamente. Estabelecer o escopo principal em zonas de interesse social, respeitar a territorialidade, conquistar formas de diálogos e experiências participativas a curto, médio e longo prazo são ações de destaque na condução das políticas públicas urbanas, de modo a *valorizar a governança dos próprios moradores criando cidadania* (Bresciani, 2021).

Além disso, o estímulo ao fortalecimento das associações comunitárias, a gestão participativa e o financiamento contínuo, com parcerias intersetoriais, deve ser estimulado. Mediante consultas públicas e diagnósticos estruturados é possível mapear as reais necessidades e aspirações dos habitantes da cidade e, com isso, garantir bons usos dos espaços e dos recursos financeiros.

Através desta pesquisa foi possível também sistematizar as experiências adotadas (ou em fase de teste e prospecção) após a incidência da pandemia com aspectos que valorizam 1) a mobilidade ativa; 2) a infraestrutura verde; e 3) as ações educativas, culturais e de mobilização social. Os resultados corroboram com um incentivo de políticas públicas para espaços livres que geram qualidade de vida. Destacam-se o aumento de ciclovias e ciclistas em diversos municípios analisados, a retomada do convívio social em espaços que anteriormente negligenciavam a escala humana; os múltiplos usos adotados em parques e áreas livres, com ações educacionais, culturais, feiras, as ações do urbanismo tático que visam ressignificar os espaços.

Equalizar a localização e a distribuição das áreas verdes e dos espaços públicos também é um aspecto que deve ser colocado como uma questão estruturante no contexto de países como o Brasil, e pensar a integração destas áreas com os locais de moradia da população. Os espaços livres devem ser pensados como pontos de encontro, descentralizados e distribuídos enquanto um sistema na cidade. Devem também estar integrados às instituições públicas. As escolas podem se conectar a esses espaços abrindo seus espaços comuns e proporcionando atividades culturais. Ruas também podem ser abertas aos finais de semana para os pedestres, ampliando atividades de mobilidade ativa. Os Fundos de Desenvolvimento Urbano devem prever recursos específicos para políticas e programas para as áreas livres, saúde, mobilidade ativa, infraestrutura verde e ações educativas, culturais e de mobilização social. Gestores públicos podem agir de forma estratégica e permitir que as políticas públicas para áreas livres no contexto pós pandemia representem avanços na qualidade de vida da população. E as medidas de segurança sanitária para o uso dos parques públicos devem ser repensadas.

São muitos os aprendizados que podem ser assimilados nesses últimos dois anos e as possíveis adaptações ao contexto brasileiro. Ainda há muito que se conquistar, uma vez que áreas mais distantes dos grandes centros, com maior vulnerabilidade social, permanecem com problemas primários em termos de políticas públicas e refletem os problemas de saúde, mobilidade, moradia, saneamento básico, violência. E certamente, essas ações necessitam estar atreladas a uma postura política que defenda as funções sociais da cidade e uma gestão compromissada em todos os níveis.

Enquanto princípios, devemos lutar pelo direito das dimensões básicas e estruturantes mais fundamentais dos espaços públicos: ser um espaço urbano acessível a todos para compartilhar experiências e ser um espaço de resolução de conflitos.

Segundo Serpa (2013) se o espaço público é essencialmente político, um espaço de encontro de diferentes, há barreiras simbólicas, culturais e econômicas, que condicionam processos de segmentação/segregação, revelando "identidades" baseadas nos modos de consumo do/no espaço: "identidades" em geral esvaziadas de qualquer sentido de política, que vão, por outro lado, colocar em evidência também uma segregação de cunho material e imaterial/simbólico, ocultadas pela ilusão de um espaço comum e acessível – em pé de igualdade – a todos (Serpa, 2013, p,73).

Desse modo, se a pandemia evidenciou desigualdades e se hoje aceitamos que a cidade não é um todo uniforme e são *tecidos esgarçados* (Bresciani, 2021) devemos, por outro lado, compreender que há um formigamento crescente e positivo dentro dos espaços públicos, das periferias, em articulação com movimentos sociais, movimentos de jovens, de arte e cultura e que, talvez, possam representar outros olhares e novas perspectivas para lidarem com as complexidades das cidades para as respostas contemporâneas.

## 5. Referências Bibliográficas

- AMORIM, A. A., 2021. Estudo indica que poluição diminuiu com a pandemia de coronavírus. Agência Universitária de Notícias, São Paulo, 17 de março de 2021. Disponível em: http://aun.webhostusp.sti.usp.br/index.php/2021/03/17/estudo-indica-que-poluicao-diminuiu-com-a-pandemia-de-coronavirus/ Acesso em: outubro de 2021.

- BATISTA, B.; CORRÊA, F., 2021. Com urbanismo tático, cidades enfrentam a Covid-19 priorizando pedestres e ciclistas. WRI Brasil. 29 de Abril de 2020. Disponível em: https://wribrasil.org.br/pt/blog/2020/04/com-urbanismo-tatico-cidades-enfrentam-covid-19-priorizando-pedestres-e-ciclistas. Acesso em: setembro de 2021.

- BONDUKI, N., 2021. As mudanças que a pandemia gerou nas cidades vieram para ficar. Folha de São Paulo. 2021. Disponível em: https:/www1.folha.uol.com.br/colunas/nabil-bonduki/2021/04/as-mudancas-que-a-pandemia-gerou-nas-cidades-vieram-para-ficar.shtml. Acesso em 15 de maio de 2021.

- BRESCIANI, S., 2021. Habitar as cidades: como a ação urbanística entremeia o cotidiano e o que lhe escapa? Apresentação ministrada em: VI Diálogos Franco-Lusófonos: Espaço público: costumes, desvirtuamento e reivindicação. Mesa 3 Movimentos Sociais e Espaço Público. Instituto de Arquitetura e Urbanismo – Universidade de São Paulo, 8 de novembro de 2021. 1 vídeo (1h:52mim). [Live]. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=1WQcxhkMudI&t=37s.

- BUCKERIDGE, M. S.; PHILIPPI, A. J., 2020. Ciência e políticas públicas nas cidades: revelações da pandemia da Covid-191. Estudos Avançados. n. 99, agosto de 2020.

- CARRION, F., 2020. Coronavirus es una enfermedad urbana. Múltiples miradas para renovar una agenda urbana en crisis. n. 1, Set de 2020.

- CIRILLO, B., 2021. O projeto para tornar Paris uma 'cidade de 15 minutos'. Nexo Jornal. 26 de janeiro de 2021. Disponível em: https://www.nexojornal.com.br/expresso/2021/01/24/O-projeto- para-tornar-Paris-uma-%E2%80%98cidade-de-15-minutos%E2%80%99 Acesso em: 23 de março de 2021.

- COGLEY, B., 2021. White circles promote social distancing on Domino Park grass in New York City. Dezeen. 2020 Disponível em: https://www.dezeen.com/2020/05/20/social-distancing-circles-domino-park-brooklyn/ Acesso em 15 de maio de 2021.

- CORMIER, N. S.; PELLEGRINO, P. R. M., 2008. Infra-estrutura verde: uma estratégia paisagística para a água urbana. Paisagem e Ambiente, [S. l.], n. 25, p. 127-142, 2008. DOI: 10.11606/issn.2359-5361.v0i25p127-142. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/paam/article/view/105962. Acesso em: 20 out. 2021.

- ECHEVERRI, A, 2017. Medellín reescreve seus bairros. Revista Prumo, [S.l.], v. 2, n. 3, july 2017. Disponível em: <http://periodicos.puc-rio.br/index.php/revistaprumo/article/view/324>. Acesso em: 28 nov. 2021.

- EMDEC - Empresa Municipal de Desenvolvimento de Campinas S/A., 2021. Sistema Cicloviário. SETRANSP. 13 de julho de 2021. Disponível em: http://www.emdec.com.br/eficiente/sites/portalemdec/pt-br/site.php?secao=sistema-cicloviário. Acesso em: novembro de 2021.

- GARABOT, E. R., 2021. Uma feira no parque: Melhores espaços públicos para recuperação urbana pós-pandemia. Banco de Desenvolvimento da América Latina. 03 de agosto de 2020. Disponível em: https://www.caf.com/pt/conhecimento/visoes/2020/08/uma-feira-no-parque/ Acesso em: setembro de 2021.

- GEHL, J., 2015. Cidades para pessoas. Tradução Anita Di Marco. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2015.

- GONÇALO, J., 2021. Parque Augusta tem clima de praia e lota em 1º feriado. Terra. 15 nov 2021. Disponível em: https://www.terra.com.br/noticias/brasil/cidades/parque-augusta-tem-clima-de-praia-e-lota-em-1-feriado,5b6f170be8beb11a31beb2f1a44f8836jd4thrl2.html Acesso em novembro de 2021.

- GREATER LONDON AUTHORITY., 2021. London Parks and Green Spaces – COVID-19 Guidance. 2020. Disponível em: https://www.london.gov.uk/coronavirus/social-distancing-guidance/london-parks-and-green-spaces-covid-19-guidance. Acesso em 10 de abril de 2021.

- LANDSCAPE INSTITUTE., 2021. Competitions Office. 2020 Disponível em: https://competitions.landscapeinstitute.org/transforming-the-urban-landscape/competition-brief/ Acesso em 15 de maio de 2021.

- INSTITUTO ALANA, 2021. Guia de aprendizagem ao ar livre em Jundiaí. Criança e Natureza. 2021.

- ITDP - Instituto de Políticas de Transporte e Desenvolvimento, 2020. Gestão de espaços públicos na retomada pós-Covid: escala da cidade e escala da rua. ArchDaily. 14 de dezembro de 2020. Disponível em: https://www.archdaily.com.br/br/953049/gestao-de-espacos-publicos-na-retomada-pos-covid-escala-da-cidade-e-escala-da-rua Acesso em: 15 de Mar de 2021.

- ITDP - Instituto de Políticas de Transporte e Desenvolvimento, 2020. Parcerias para a gestão de espaços públicos. Setembro de 2020.

- MATTA, G. C.; REGO, S.; SOUTO E. P. S.; SEGATA, J. (orgs.), 2021. Os impactos sociais da Covid-19 no Brasil: populações vulnerabilizadas e respostas à pandemia. Rio de Janeiro: Observatório Covid 19; Editora FIOCRUZ, 221 p.

- MELO, C., BACOCCINA, D., 2021. "Não devemos copiar Paris, mas definir nossa própria agenda", diz Alejandro Echeverri, pai do urbanismo social. Entrevistado: Alejandro Echeverri. A vida no centro. 10 de agosto de 2021. Disponível em: https://avidanocentro.com.br/gente_no_centro/alejandro-echeverri-urbanismo-social/ Acesso em: set de 2021.

- PEREIRA, P., 2020. Bairros precisam ser mais do que loteamentos, devem ser reinventados. Entrevista Jeferson Tavares. Estadão. 14 de junho de 2020. Disponível em: https://www.estadao.com.br/infograficos/saude,bairros-precisam-ser-mais-que-loteamentos-devem-ser-reinventados,1100204. Acesso em: Mai de 2021.

- PONTES, A., 2020. O uso da cidade durante a pandemia: experiências pós isolamento social. 01 de junho de 2020. Disponível em: https://www.labrua.org/blog/cidadenapandemia/ Acesso em: Mai de 2021.

- PREFEITURA DE CAMPO GRANDE, 2020. Intervenção tática prepara José Antônio para novo corredor gastronômico da capital. CG Notícias. 28 de dezembro de 2020. Disponível em:http://www.campogrande.ms.gov.br/cgnoticias/noticias/intervencao-tatica-prepara-jose-antonio-para-o-novo-corredor-gastronomico-da-capital/ Acesso em: novembro de 2021.

- PREFEITURA DE SÃO PAULO., 2021. Ruas SP ou Parklet? Entenda as diferenças entre os dois projetos da Prefeitura de SP. Secretaria Municipal de Urbanismo e Licenciamento. 22 de outubro de 2021. Disponível em: https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/licenciamento/noticias/index.php?p=319902. Acesso em: novembro de 2021.

- RIBEIRO, A.; CORRÊA, F., 2020. Ciclovias temporárias são resposta sustentável de cidades do Brasil e da América Latina à Covid-19. WRI Brasil. 22 de Julho de 2020. Disponível em: https://wribrasil.org.br/pt/blog/2020/07/covid-19-faz-cidades-do-brasil-e-da-america-latina-investirem-em-ciclovias-temporarias. Acesso em: setembro de 2021.

- ROSANELI, A. F. et al., 2021. Boletim do espaço público latino-americano. Universidade Federal do Paraná. Editora Curitiba. n. 07, agosto de 2021.

- SANTOS, M. F. N. dos; ENOKIBARA, M., 2021. Infraestrutura verde: conceitos, tipologias e terminologia no Brasil. Paisagem e Ambiente, [S. l.], v. 32, n. 47, p. e174804, 2021. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/paam/article/view/174804. Acesso em: 20 nov. 2021.

- SERPA, A., 2013. Microterritórios e segregação no espaço público da cidade contemporânea. Cidades. Volume 10 Número 17. 2013.

- TRIBOUILLARD, C.; AZEVEDO, E.; PIEDRAFITA, C.; ELNIR, H., 2021. Conheça soluções inovadoras para ocupar espaços públicos com segurança em meio à pandemia. BID - Banco Interamericano de Desenvolvimento. 25 de março de 2021. Disponível em: https://blogs.iadb.org/brasil/pt-br/conheca-solucoes-inovadoras-para-ocupar-espacos-publicos-com-seguranca-em-meio-a-pandemia/. Acesso em: agosto de 2021.

- XIMENES, D. S. S.; MAGLIO, I. C., 2020. A vida urbana nos espaços públicos e áreas verdes pós-pandemia. Jornal da USP, São Paulo, 3 de agosto de 2020. Disponível em: https://jornal.usp.br/artigos/a-vida-urbana-nos-espacos-publicos-e-areas-verdes-pos-pandemia/ Acesso em: 29 de mar de 2021.

- XIMENES, D. S. S.; MAGLIO, I. C.; FRANCO, M. A. R., 2020. A infraestrutura verde nos espaços públicos como elemento de resiliência socioambiental pós-pandemia. Labor & Eng., Campinas, SP, v.14, 1-16, 2020.

- XIMENES, D. S. S.; SILVA, G. M. N.; MAGLIO, I. C.; CHIQUETTO, J. B.; LOURENÇO, L. F. A.; VASCONCELLOS, M. P.; JACOBI, P. R.; COUTINHO, S.M.; CÉSAR, V. A., 2020. Emoções momentâneas: comportamentos e hábitos cotidianos pós-pandemia. Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, São Paulo, junho de 2020. Disponível em: http://www.iea.usp.br/pesquisa/projetos-institucionais/usp-cidades-globais/emocoes-momentaneas-comportamentos-e-habitos-cotidianos-pos-pandemia. Acesso em: agosto de 2021.

- WICKERT, A. P., 2020. Como a pandemia de COVID-19 vai nos desafiar a criar novos espaços públicos. Archdaily, 18 de Abr de 2020. Disponível em: https://www.archdaily.com.br/br/937529/como-a-pandemia-de-covid-19-vai-nos-desafiar-a-criar-novos-espacos-publicos. Acesso em: 29 de Mar de 2021.

# Espaço público ou coletivo? – o caso dos empreendimentos residenciais horizontais fechados em Marília

# Espace public ou collectif ? – le cas des développements résidentiels horizontaux fermés à Marília

**Gabrielle COELHO, Tomás MOREIRA**

*Aluna de graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo e Professor Doutor, Universidade de São Paulo*

*YBY- Grupo de Estudos Fundiários, Políticas Urbanas, Produção do Espaço e da Paisagem*

Resumo:

A urbanização dispersa enquanto esgarçamento do tecido urbano a partir de núcleos separados no espaço por vazios intersticiais, mas que mantêm vínculos entre si, atingiu as cidades médias do interior paulista na década de 1970 juntamente à expansão do número de empreendimentos residenciais horizontais fechados, extensos territórios periféricos que assumem papel fundamental nos processos de dispersão e reestruturação intra urbanos. A partir da mudança nas características e funções de diferentes áreas, sobretudo com a transformação de zonas residenciais em comerciais e de prestação de serviços, a reestruturação desses municípios tem no surgimento das novas centralidades uma de suas principais consequências, áreas que, atreladas aos residenciais de alto padrão, concentram as atividades de seus moradores, minam a vivência entre diferentes nos espaços públicos, agora privatizados no interior dos loteamentos e condomínios de acesso restrito, e corroboram para a fragmentação socioespacial. É neste cenário e tendo em vista tais fenômenos que o presente artigo analisa os processos de urbanização dispersa, formação de novas centralidades e fragmentação urbana na cidade média de Marília- SP.

Palavras-chave: cidades médias, empreendimentos residenciais horizontais fechados, segregação socioespacial.

Abstrait:

L'urbanisation dispersée comme effilochage du tissu urbain a partir de noyaux séparés dans l'espace par des vides interstitiels, mais qui maintiennent des liens entre eux, a atteint les villes moyennes de l'intérieur de São Paulo dans les années 1970, en même temps que l'expansion du nombre des développements résidentiels horizontaux, territoires extensifs et périphériques qui jouent un rôle fondamental dans les processus de dispersion et de restructuration intra-urbaines. Dès le déménagement des caractéristiques et des fonctions des différents quartiers, notamment avec la transformation des quartiers résidentiels en commerciaux et services, la restructuration de ces villes a pour conséquence principale l'émergence des nouvelles centralités, des quartiers qui, liés aux quartiers résidentiels de haut standing, concentrent les activités de ses habitants, fragilisent l'expérience entre différents dans les espaces publics -désormais privatisés au sein des lotissements et copropriétés à accès restreint-, et contribuent à la fragmentation socio-spatiale. C'est dans ce scénario et en considérant de tels phénomènes que cet article analyse ces processus dans la ville moyenne de Marília-SP.

Mots clés: villes moyennes, développements résidentiels horizontaux fermés, ségrégation socio-spatiale.

Land vacancy in closed horizontal residential developments in inner cities of the state of São Paulo- the Marília case

Abstract:

Dispersed urbanization as an urban fabric fraying displayed by different centers in space separated by interstitial voids reached inner medium-sized cities of São Paulo in the 1970s, together with the spread of closed horizontal residential developments, extensive peripheral territories that play a fundamental role in intra-urban dispersion and restructuring processes. Since the characteristics and functions switches of different areas, mainly with the shifts of residential areas into commercial and service provision ones, the restructuring of these municipalities gathers the emergence of new centralities as one of its main consequences. Areas that, attached to high standard residential areas, cluster the activities of its residents, undermine the social diversity experience in public spaces - which are, at this time, privatized within the subdivisions and condominiums with restricted access -, as well as contribute to the socio-spatial fragmentation. It is in this scenario and considering such phenomena that this article analyzes the dispersed urbanization processes, the formation of new centralities and urban fragmentation in the medium-sized town of Marília-SP.

Keywords: medium-sized cities, closed horizontal residential developments, socio-spatial segregation.

## 1. INTRODUÇÃO

Como averiguado por estudos que abordam o tema dos empreendimentos residenciais horizontais de acesso restrito em cidades médias, o número destes espaços têm crescido sobretudo a partir da década de 1990. Parte integrante do que Caldeira define como "enclaves fortificados", os referidos empreendimentos, assim como as outras tipologias que integram o conceito, caracterizam-se sobretudo pela separação, seja através de barreiras físicas, seja por intermédio de sistemas privados de segurança, e por uma organização espacial voltada para o interior, todas características as quais, acompanhadas do caráter de independência e proscrição da vida exterior, fazem com que os condomínios e loteamentos fechados de alto padrão atuem como instrumentos da segregação socioespacial ao isolarem em seu interior as classes mais favorecidas, que optam por murar-se em um processo de autossegregação.

Aliada à implantação dos empreendimentos em áreas gradualmente distantes do centro urbano original e da malha urbana consolidada, tal separação tem propiciado diversos processos subsequentes, caso da dispersão urbana, formação de novas centralidades e do crescimento do tecido urbano segundo áreas ausentes de espaços públicos que, quando presentes, encontram-se desqualificados. Dentre estes diferentes processos, focalizam-se aqui os efeitos dos empreendimentos residenciais horizontais fechados sobre os espaços públicos de Marília, cidade média do interior do estado de São Paulo. Para isso, o presente artigo se dedica inicialmente à compreensão do conceito de espaço público e do processo de sua ressignificação para, sob a luz da definição dos condomínios e loteamentos de acesso restrito e das diferenças que guardam entre si, lançar um olhar tanto sobre a legislação municipal de Marília/SP e como esta rege a constituição de novos enclaves residenciais e seus espaços públicos, quanto sobre a maneira com que tais normativas se materializam no espaço construído.

## 2. ESPAÇO PÚBLICO OU COLETIVO?

Considerado por alguns como o espaço fundador da cidade, como um local definido pela condição de livre acesso e como verdadeira fronteira simbólica em meio ao tecido urbano, o espaço público assume uma grande diversidade de interpretações. Castro (2002) define tal categoria como uma "determinação político-jurídica e ao mesmo tempo um produto do uso social", sendo possível verificar a existência, portanto, de espaços públicos inacessíveis e outros que, apesar de não juridicamente públicos, conformam-se como um produto social por abrigarem um uso coletivo intenso. Já na ótica da legislação brasileira, os espaços públicos são definidos na Lei Federal 6766/1979, mais especificamente em seu artigo 22, como "vias e praças, os espaços livres e as áreas destinadas a edifícios públicos e outros equipamentos urbanos, constantes do projeto e do memorial descritivo" e que "desde a data de registro do loteamento, passam a integrar o domínio do Município". Reguladora da constituição de novas áreas públicas, essa definição assume ainda maior importância ao considerarmos que, como afirma Marinho (2017), uma das principais formas de produção de áreas públicas nas cidades brasileiras é por intermédio da aprovação de loteamentos. Em outras palavras, o espaço público dos municípios é, na sua grande maioria, produto do parcelamento urbano que se dá por meio da aprovação e implantação de loteamentos.

Em seu artigo "Espaços públicos: tópicos sobre a mudança", Francesco Indovina denota algumas das características do espaço público, afirmando-o como "condição geral" para a

existência própria da cidade, como o lugar de socialização e de encontro onde se manifestam grupos sociais, culturais e políticos, e que se constitui, por consequência, como um fator importante de identificação e identidade que dá aos lugares forma representativa. Ainda segundo o autor, entretanto, o espaço público tal qual define estaria passando por drásticas mudanças, uma transformação que "constitui a passagem de uma função universalista para uma função discriminada". Dentre os fatores de desqualificação do espaço público, o mesmo denota um de grande importância na investigação que se segue- "o processo contínuo de privatização, por exemplo com o crescente requisito de pagamento que retira aos cidadãos a propriedade de uso dos mesmos". Neste cenário, Francesco denota a formação de "novos espaços que, podendo ser privados, desempenham um papel público, restituindo os tradicionais lugares públicos obsoletos no sentido de que aqueles novos apresentam equipamentos e condições que superam os tradicionais" (Indovina, 2002).

À vista disso, e ressaltando a importância dos espaços públicos como regiões onde pessoas diferentes podem interagir em ambientes diversificados, Silva (2009) destaca que a convivência entre as pessoas vem sendo radicalmente transformada em função da emergência de novas tecnologias e de novos valores culturais pautados no individualismo, processo por ele denominado "ressignificação do espaço público" e que pode ser lido nas cidades brasileiras através do "fenômeno da exacerbação e proliferação do oposto do espaço público- o espaço privado na forma, por exemplo, de shopping centers e condomínios residenciais fechados, que procuram deliberadamente reproduzir certas características de espaço coletivo de convivência, não obstante projetem para si muito mais uma convivência entre iguais" (Silva, 2009 apud Marinho, 2017). Partindo desta definição, já podemos identificar um dos grandes instrumentos do fenômeno de ressignificação dos espaços públicos: os enclaves fortificados e, mais especificamente, os empreendimentos residenciais de acesso restrito.

## 3. EMPREENDIMENTOS RESIDENCIAIS HORIZONTAIS FECHADOS

Expressão guarda-chuva que engloba em seu interior diferentes tipologias, os enclaves fortificados foram definidos por Teresa Caldeira (1997) como espaços privatizados, fechados e monitorados que encontram no medo da violência uma de suas principais justificativas. Podendo assumir diferentes funções, dentre as quais a residencial, de consumo, lazer ou trabalho, esses empreendimentos se constituem como grandes entraves à livre circulação, tornando a cidade um grande conjunto de fragmentos nos quais as áreas públicas são substituídas por espaços privados de uso coletivo e, muitas vezes, restritos a uma parcela específica da população.

Dentre as diferentes funções assumidas pelos enclaves fortificados, focalizamos aqui aqueles com função residencial. Em suma, trata-se dos loteamentos e condomínios horizontais fechados, áreas de acesso restrito, monitoradas por sistemas de segurança e que têm atraído cada vez mais moradores para o interior de seus muros, pessoas que buscam fugir dos supostos problemas que encontram na cidade aberta, tais quais a falta de segurança, o contato com os "sem-teto" e "marginais", o barulho e a poluição dos grandes centros, e que partem em busca de um maior contato com a natureza, da segurança supostamente garantida e da vivência entre semelhantes (Caldeira, 1997; Melgaço, 2012). Nessa escolha, o marketing, que busca valorizar em demasia o viver entre muros, assume papel preponderante na propagação de uma visão negativa de tudo que é público e aberto na cidade, contribuindo para um aumento exponencial

dos lançamentos de novos condomínios e loteamentos de acesso restrito (Barcellos e Mammarella, 2007). Na criação destas verdadeiras "cidades intramuros", os serviços oferecidos se diversificam ano a ano, reduzindo a necessidade de seus moradores se aventurarem para além de suas fortalezas na realização de atividades de lazer ou até mesmo de consumo.

Devido ao alto valor agregado dos imóveis nos empreendimentos residenciais fechados de alto padrão, estes acabam por concentrar as classes mais abastadas, exacerbando um processo de segregação espacial que não mais precisa se realizar no espaço através da criação de grandes distâncias entre conjuntos habitacionais jogados para as periferias e empreendimentos de luxo alocados nas áreas centrais (Caldeira, 1997). Agora, a segregação pode se dar em curtas distâncias, seja através do isolamento físico possibilitado pelos grandes muros, pelas guaritas e pelos sistemas de segurança, seja através da restrição de acesso aos outros habitantes da cidade, da distinção social atribuída à posse do imóvel e até mesmo de regras internas que distinguem os enclaves residenciais de qualquer outra área urbana.

Neste cenário, as tipologias horizontais destes empreendimentos se destacam à medida que assumem majoritariamente grande porte e baixas densidades de ocupação, primando pela localização nas franjas urbanas- localidades com abundância de áreas vazias e baratas cujo acesso tem sido facilitado pelo transporte rodoviário de alto fluxo e velocidade. Devido a essas circunstâncias, os loteamentos e condomínios horizontais fechados se destacam por causarem não apenas a segregação socioespacial com o isolamento das classes que abrigam, mas também a intensificação do processo de dispersão urbana e de formação de novas centralidades, constituindo-se como núcleos atrativos tanto para outros empreendimentos semelhantes quanto para estabelecimentos comerciais e de serviços e que demandam, por consequência, a necessidade de expansão desmedida da infraestrutura e dos limites urbanos (Zandonadi, 2008).

Apesar de corroborarem em conjunto para a exacerbação dos processos citados, os loteamentos e condomínios horizontais de acesso restrito se distinguem sobretudo no campo legislativo. O loteamento fechado é, portanto, definido como uma tipologia de parcelamento do solo que gera lotes urbanizados com matrícula individual e prontos para receberem edificações, enquanto os condomínios horizontais geram legalmente a fração ideal de gleba. Essa diferença, aparentemente sutil, pode ser considerada irregular à medida que os condomínios horizontais, diferentemente da tipologia vertical implantada em um único lote o qual, por ser parte comum de vários proprietário, justifica a aplicação do regime de propriedade da fração ideal, demandam a criação de nova infraestrutura de acesso aos seus "pseudo-lotes"- divisões que, apesar de não serem consideradas resultado de parcelamento do solo, geram resultados urbanísticos extremamente similares ao loteamento (Leonelli, Marinho e Medeiros, 2019).

Analisada sob a perspectiva do espaço público, essa distinção se revela ainda mais agravante, à medida que cada tipologia suscita uma maneira específica de concepção ou não concepção das áreas públicas. Isso porque os loteamentos fechados, por configurarem uma forma de parcelamento do solo, devem obrigatoriamente responder às normas e porcentagens que estipulam a doação de áreas institucionais, das áreas para o sistema de lazer e para o sistema viário ao município. Tais áreas, por sua vez, devem ser públicas e, portanto, surgem em sua forma aberta, apesar de existir a possibilidade de seu fechamento ao acesso restrito dos moradores a partir de um instrumento de privatização do solo urbano- a concessão de uso do solo atribuída à associação de moradores a título precário. De maneira oposta, os condomínios

estão livres da obrigatoriedade de doação de todas essas áreas públicas ao município e, portanto, têm seus espaços de lazer originados já de forma privatizada como partes ideais de uso comum dos condôminos, em outras palavras, como áreas muradas de usufruto restrito aos moradores.

Uma grande problemática relacionada ao tema da flexibilização legislativa, discutida no artigo "Cardápio Legislativo: opções e contradições da regulação urbana na produção de lotes nas capitais brasileiras", é a Lei 13465, de 2017. A referida lei foi responsável por incluir nas modalidades de parcelamento do solo, definidas pela Lei 6766/1979, o "loteamento de acesso controlado", além de conceber a figura do "condomínio de lotes". Este último consiste basicamente em um condomínio fechado no qual as áreas comuns surgem como propriedade privada de todos os titulares das unidades autônomas, ou seja, no qual não há a obrigatoriedade de doação de áreas públicas ao município, mas onde, diferentemente do condomínio original onde podiam ser comercializadas apenas edificações já prontas, são comercializados lotes vazios. Em suma, como um atendimento aos interesses do mercado imobiliário, essa regulamentação permitiu que se criem loteamentos fechados sem a necessidade de concessão de uso das áreas públicas, que já surgem em sua forma privada. Vale ressaltar também que a referida lei trouxe segurança jurídica a uma prática que já vinha sendo realizada em muitos municípios nos quais eram aprovadas leis responsáveis por legalizar a figura dos condomínios horizontais de modo paralelo às normas de parcelamento, uso e ocupação do solo.

A constituição dos condomínios de lotes e a prática de fechamento das áreas públicas dos loteamentos aprovados em sua forma aberta configuram um grande risco à existência do espaço público, afinal, o principal meio de formação desse espaço é através da doação obrigatória de áreas ao município, que ocorre no processo de parcelamento do solo (Marinho, 2017). Sem a obrigatoriedade de doação de parcelas que passariam a compor o arcabouço das áreas públicas e com a possibilidade de fechamento das mesmas, está criado o aval para formação de grandes extensões do tecido urbano ausentes de espaços públicos, da vivência pública e do contato entre os diferentes habitantes da cidade, eis a destruição dos "princípios básicos de livre circulação e abertura dos espaços públicos que serviram de fundamento para a estruturação das cidades modernas" (Caldeira, 1997).

## 4. ENTRE A NORMATIZAÇÃO DE NOVAS ÁREAS MURADAS E A AUSÊNCIA DO ESPAÇO PÚBLICO EM MARÍLIA/SP

No município de Marília/SP, data do ano de 1992 a primeira lei de parcelamento do solo com fins urbanos (Lei 54). Essa lei estipulou que deveriam ser doados ao patrimônio municipal 10% da área total a ser parcelada, porcentagem que se tornaria área livre de uso público, 3% para área institucional e todas as áreas de vias de circulação, sendo a Prefeitura aquela a definir a extensão e localização aproximadas das áreas livres de uso público e institucional. Vale ressaltar também que essa lei já exigia que os proprietários realizassem as obras de infraestrutura e urbanização das áreas de lazer segundo um projeto paisagístico, sendo que uma lei de 2014 (Lei Complementar 706) especificou as obras a serem realizada nessas áreas destacando a jardinagem, colocação de postes de iluminação, bancos, dentre outras.

"Parágrafo 5°- A área de lazer deverá ser entregue pronta ao poder público, com bancos, árvores e jardinagem completa, calçamento do passeio público e postes de iluminação, que

sejam em quantidade suficiente para iluminar adequadamente toda área de lazer, e ainda, de acordo com o projeto de execução fornecido pela Secretaria Municipal de Planejamento Urbano".

(MARÍLIA, 2014)

Já em 1993 foi aprovada a primeira norma referente aos loteamentos fechados (Lei 57). Nesta lei, percebemos diretrizes que visam controlar algumas das características dos empreendimentos de acesso restrito, sobretudo quanto às áreas públicas, seu acesso e sua localização. Estipulou-se, por exemplo, que só seriam autorizados loteamentos fechados oriundos de processo regular de parcelamento do solo, além de serem definidas algumas restrições aqui destacadas: a soma das áreas dos lotes murados não poderia ser maior que 50% das áreas remanescentes, todas as áreas institucionais e ao menos 50% das destinadas ao uso de bens comum do povo como praças, ruas e áreas de lazer deveriam ficar fora da área murada e as ruas internas deveriam estar alinhadas com as externas. A lei também definiu que o loteador quem deveria arcar com os custos de instalação e manutenção dos equipamentos e serviços urbanos, além de depositar o lixo em local fora dos muros, e que as vias e os logradouros públicos os quais ficassem dentro do loteamento fechado seriam cedidos pelo Município por permissão de uso a título precário, gratuito e por tempo indeterminado ao loteador e aos seus sucessores. Aos casos de loteamentos aprovados anteriormente a esta lei e que já tinham suas quadras e seus lotes murados por mais de cinco anos foi atribuída permissão de uso das vias e dos logradouros públicos nele contidos mediante compromisso firmado por unanimidade dos proprietários em domínio dos lotes.

"Art. 2°- O loteamento fechado somente será autorizado pelo Município, se quadras e lotes forem oriundos de processo regular de parcelamento do solo, aprovado após a promulgação desta lei complementar e observadas as seguintes disposições:

I- A soma das áreas que formam os lotes a serem circunscritos por muro ou divisória, não poderá ser superior a 50% das áreas dos lotes remanescentes.

II- As áreas institucionais ficarão fora da área circunscrita assim como, no mínimo, 50% das destinadas ao uso de bens comuns do povo como as praças, ruas e áreas de lazer.

III- As ruas internas deverão estar alinhadas com as externas de maneira a permitir a sua continuidade na eventualidade de ser revogada a concessão".

(MARÍLIA, 1993)

Na sequência, a Lei 4278/ 1997 foi responsável por regulamentar os condomínios fechados e sua aprovação especificamente nas Zonas Urbana e de Expansão Urbana. A lei definiu os condomínios como "conjuntos de edificações térreas ou de mais pavimentos a serem construídos sob a forma de unidades autônomas residenciais fechadas por cercas e muros com saída para a via pública", estipulando para esta categoria exigências como área máxima de 50.000m² (5ha) e extensão máxima de 300m. Referentemente às áreas destinadas a fins institucionais, a lei estipula que deveriam corresponder a 3% do total do empreendimento nos casos de alta densidade (casos com área maior que 10000m²) e serem dotadas de infraestrutura básica sem ônus para o município. Já as áreas comuns para recreação deveriam corresponder a 5% ou mais da área do terreno. Posteriormente, entretanto, essa norma foi modificada pela Lei 4857/ 2000, cuja uma das definições é a de que os 3% reservados para áreas institucionais a

serem doadas à Prefeitura seriam exigidas em todos os condomínios fechados, não só nos casos com área superior a 10.000m². Por outro lado, a mesma alteração retirou os limites de extensão e área, permitindo que empreendimentos de maior porte sejam aprovados como condomínios e, portanto, estejam ausentes do risco de perda da concessão de uso.

O ano de 2006 marcou o início de um processo de flexibilização ainda maior no que se refere à privatização das áreas públicas. Isso porque o Plano Diretor instituiu como categoria de parcelamento do solo o condomínio urbanístico, especificamente nas Zonas Urbana e de Expansão Urbana Continuada (zona corresponde às áreas do território não urbanizadas, contíguas ou circundadas por setores já urbanizados). Para aprovação desses empreendimentos, ao menos 22% de sua área total, todas as áreas institucionais e dominiais e 50% das áreas de lazer deveriam estar fora dos muros, sendo que o restante das áreas de lazer comporia a área de uso comum dos condôminos. Também foi estipulada a obrigatoriedade de manutenção de uma faixa de 6m de largura para jardins ladeando os muros de fechamento que têm frente para as vias públicas. Entretanto, vale ressaltar que a própria regulamentação da nova categoria de parcelamento acabou por retirar também a necessidade da concessão do uso das áreas públicas aos proprietários, permitindo que até metade das áreas de lazer já surjam como áreas privadas. Ademais, já em 2006, foi aprovada uma lei complementar (Lei 485) que retirou a necessidade de 22% da área total a ser loteada estar fora dos muros. Também ficou estipulado que o Poder Executivo, considerando as necessidades de cada local, seria o responsável por definir a localização das áreas públicas, podendo alterar seus percentuais desde que respeitados os 15% mínimos.

"Art. 72. O parcelamento do solo poderá ocorrer por qualquer das seguintes modalidades: loteamento, desmembramento ou condomínio urbanístico".

(MARÍLIA, 2006)

Por fim, podemos ressaltar o último grande golpe contra a criação de novas áreas públicas. Trata-se de uma lei que alterou a norma responsável por regulamentar os loteamentos fechados- a Lei Complementar 900, de 25 de agosto de 2020, cujas definições revogam a obrigatoriedade de a soma das áreas muradas ser inferior à metade do total remanescente, a exigência de as áreas institucionais e de no mínimo metade das destinadas ao uso de bens comum do povo como praças, ruas e áreas de lazer ficarem fora da área circunscrita, além de invalidar a obrigação de as ruas internas estarem alinhadas com as externas. Em outras palavras, a partir desta alteração tornou-se permitido que, ao se restringir o acesso aos loteamentos aprovados em sua forma aberta, todas as áreas públicas sejam muradas.

## 5. A ESPACIALIZAÇÃO DA PERMISSIVIDADE LEGISLATIVA EM MARÍLIA/SP

Como forma de compreender o cenário das áreas públicas oriundas do parcelamento do solo em vista da criação de loteamentos e condomínios horizontais fechados em Marília, foi realizado mapeamento desses espaços, assim como análise de sua forma de homologação a partir de seus planos de loteamento e decretos de aprovação. Ao todo, foram computados quarenta e quatro (44) empreendimentos residenciais horizontais de acesso restrito, cujo início

do desenvolvimento data da década de 1980. Dentre todos esses casos, apenas vinte e três (23) tiveram seus planos de loteamento computados (documento onde consta a localização das áreas públicas e privadas), dos quais cinco (5) foram identificados como condomínios e dezoito (18) como loteamentos.

Conhecendo a maneira de aprovação de cada área, foi possível identificar se houve ou não incoerência entre a tipologia com a qual o empreendimento foi aprovado e sua forma de comercialização. Já nesta etapa foi possível identificar incoerências, à medida que sete (7) casos foram aprovados como condomínios, mas comercializados como loteamentos. Uma estratégia que tira proveito da diferença entre a regulamentação dos condomínios e dos loteamentos de acesso restrito, a aprovação das áreas como condomínios e a posterior venda dos lotes ausentes de edificação permite aos loteadores fugir da obrigatoriedade de doação das porcentagens de áreas dominiais e de lazer ao poder público municipal, uma obrigatoriedade na criação de novos loteamentos. Ademais, a partir deste "método" os empreendedores e moradores tornam-se independentes da concessão do uso do solo das áreas públicas, que é atribuída em Marília a título precário e por tempo indeterminado.

O próximo passo consistiu na análise dos empreendimentos a partir do Google Earth e Google Street View, ferramentas que possibilitaram identificar a existência ou não de muros rodeando as áreas públicas oficialmente doadas à municipalidade. Na análise da situação das áreas supostamente públicas dessas glebas, devemos lembrar que, segundo as leis municipais e ao menos até o ano de 2020, metade das áreas de lazer e todas as áreas institucionais dos loteamentos a serem fechados deveriam estar fora dos muros, assim como uma parte das áreas dos condomínios fechados a ser destinada a fins institucionais. Até mesmo a partir de 2006, com os condomínios urbanísticos constituindo uma nova forma de parcelamento do solo, a mesma regra e necessidade de doação de áreas continuou, afinal, nos condomínios urbanísticos também metade das áreas de lazer e todas as áreas institucionais e dominiais devem ser mantidas abertas.

Da referida análise da presença ou ausência de muros rodeando as áreas de lazer públicas dos loteamentos fechados, foram identificados três casos gerais que se aplicam a todos os empreendimentos. No primeiro deles, as áreas de lazer se encontram tanto fora quanto dentro dos muros, seguindo a legislação, contudo, as áreas muradas são as únicas qualificadas e contam com quadras esportivas, playgrounds e outros equipamentos, enquanto as exteriores estão vazias e ausentes de qualquer equipamento qualificador. No segundo caso, há ausência de áreas de lazer públicas, ou seja, todas as áreas de lazer existentes encontram-se intramuros. Por fim, destaca-se o terceiro caso geral- quando há áreas de lazer privadas e públicas e as públicas estão qualificadas, caso este que, contudo, se aplicou a apenas um loteamento analisado. Já quanto às áreas institucionais, tanto no caso dos loteamentos quanto dos condomínios fechados há situações em que todas são privadas, algo irregular do ponto de vista legislativo, e outras nas quais as áreas institucionais são públicas, ou ao menos em parte públicas, mas não estão qualificadas, ou seja, consistem em áreas completamente desocupadas e abandonadas.

Em outras palavras, foi possível perceber que a maioria das áreas de lazer públicas oriundas do processo de parcelamento do solo para criação de loteamentos e condomínios horizontais de acesso restrito consistem em espaços unicamente usados para a colocação de placas com nomes dos empreendimentos e para o plantio de árvores. Nesta prática, as áreas

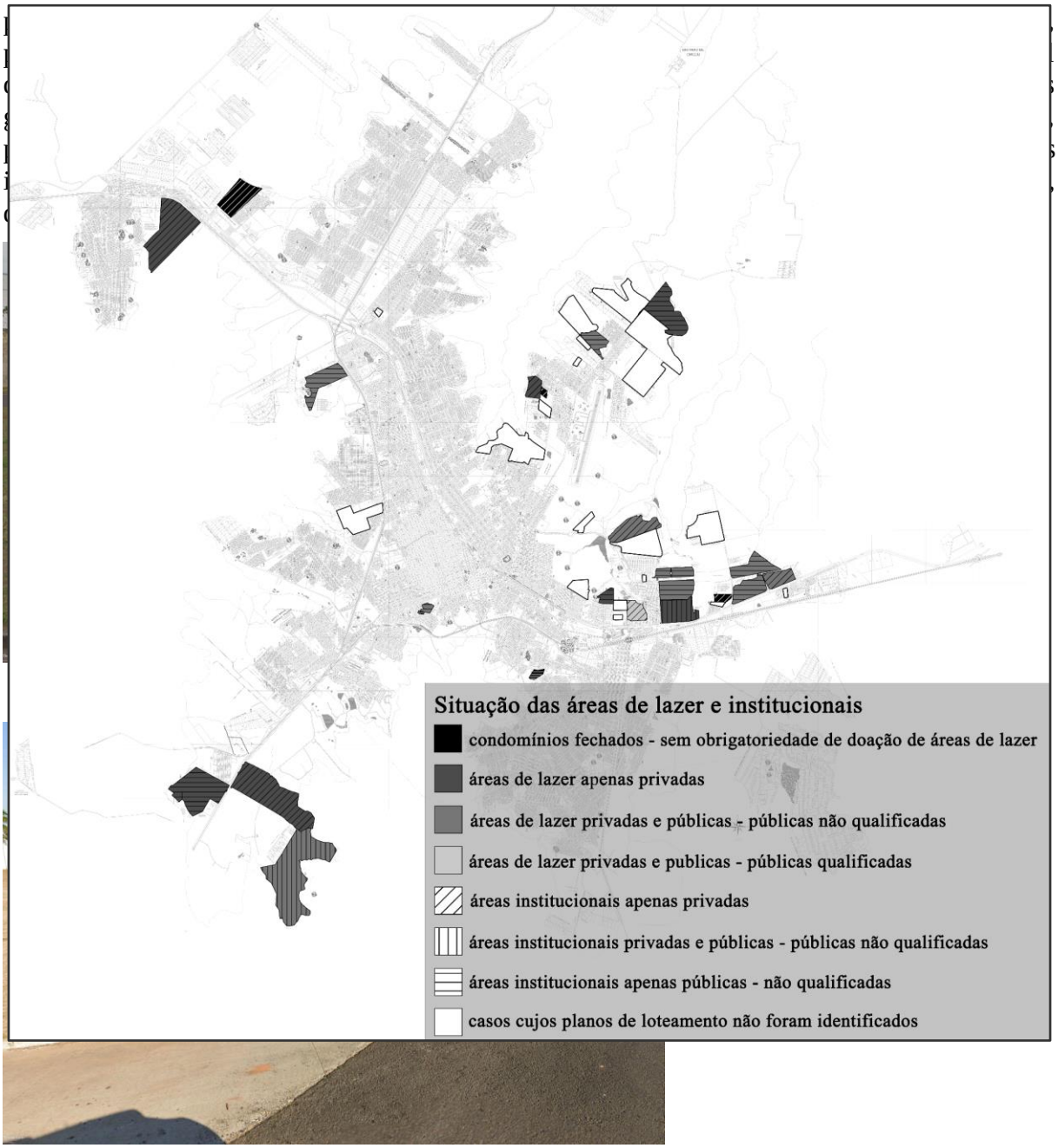



Figura 2 - área institucional pública desqualificada.

Figura 3 - localização dos empreendimentos residenciais horizontais fechados e registro da situação de suas áreas de lazer e institucionais.

## 6. CONCLUSÃO

À luz de diferentes definições do espaço público, podemos concluir que ele assume imensa importância como local de socialização, encontro e manifestação de diferentes grupos sociais. Tal entendimento, sob a ótica do corrente processo de privatização a partir do qual cada vez mais pessoas tendem a realizar hábitos diários em espaços privados, aponta para uma figura chave na concretização de tal processo: os empreendimentos residenciais de acesso restrito. Dentro desta categoria, ressaltamos neste artigo aqueles que assumem a tipologia horizontal, consistindo em amplas áreas de baixa densidade que protagonizam não só a criação de espaços murados lócus da autossegregação por parte das classes mais abastadas, mas também a ampliação do tecido urbano de forma desmedida e ausente de espaços públicos.

Analisando o fenômeno de privatização das áreas públicas, assim como o cenário de aprovação dos empreendimentos residenciais horizontais de acesso restrito no município de Marília-SP, conclui-se que a legislação municipal tem passado por um intenso processo de flexibilização, assegurando assim o surgimento de novas áreas privadas em detrimento das públicas. Tal processo se revelou através de marcos legislativos tais qual a regulamentação do condomínio urbanístico como categoria de parcelamento do solo em 2006 e, portanto, de mais uma forma de privatização das áreas públicas desde sua origem (como já ocorria nos condomínios fechados), além da mudança na lei que regulamenta os loteamentos de acesso restrito, alteração a partir da qual passou a se permitir não apenas a concessão do uso de uma parcela das áreas públicas oriundas do parcelamento do solo, como ocorria antes, mas sim o fechamento de todas elas.

Por fim, no que se refere às áreas de lazer dos loteamentos aprovados como abertos e posteriormente fechados, há casos em que se encontram indevidamente muradas e, dessa forma, há ausência de áreas de lazer abertas, além de casos nos quais parte dessas áreas é pública, respeitando-se a legislação municipal. Nesses últimos quadros, entretanto, notamos uma diferença drástica entre a qualidade das áreas de lazer internas e externas aos muros, com as áreas públicas sendo utilizadas unicamente para a colocação de placas com os nomes dos empreendimentos e estando ausentes de um desenho urbano, de qualquer equipamento ou mobiliário que as qualifique. Quanto às áreas institucionais, a maioria se revelou pública, mas também desqualificada ou até mesmo completamente desocupada e abandonada, isso sem contar os casos nos quais elas estão integralmente muradas ou isoladas do tecido urbano.

Tal cenário, tendo em vista a importância das áreas públicas para as cidades e seus habitantes, mostra-se ainda mais danoso ao considerarmos que tem ocorrido em Marília/SP a expansão da mancha urbana a partir da implantação dos condomínios e loteamentos horizontais de acesso restrito, fenômeno cujo resultado é a formação de extensas parcelas de tecido urbano predominantemente muradas e com ausência de áreas públicas- uma nova realidade na qual os espaços de lazer e institucionais públicos e abertos, quando existentes, são áreas residuais desqualificadas e ausentes de desenho urbano, meras marcas da urbanização dispersa e privada que intensifica a não vivência entre os diferentes.

## BIBLIOGRAFIA


- BARCELLOS, T. M. de; MAMMARELLA, R. O Significado dos Condomínios Fechados no Processo de Segregação Espacial nas Metrópoles. In: ENANPUR, 12., 2007, Belém. **Anais Eletrônicos** [...]. Disponível em: https://anais.anpur.org.br/index.php/anaisenanpur/article/view/1200. Acesso em: 30 mar. 2022.

- BRASIL. **Lei nº. 6.766, de 19 de dezembro de 1979**. Dispõe sobre o parcelamento do solo urbano e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l6766.htm. Acesso em: 30 mar. 2022.

- BRASIL. **Lei nº. 13.465, de 11 de julho de 2017**. Dispõe sobre a regularização fundiária rural e urbana, sobre a liquidação de créditos concedidos aos assentados da reforma agrária e sobre a regularização fundiária no âmbito da Amazônia Legal; institui mecanismos para aprimorar a eficiência dos procedimentos de alienação de imóveis da União [...]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-

2018/2017/lei/l13465.htm#:~:text=1%C2%BA%20Esta%20Lei%20disp%C3%B5e%20sobre,da%20Uni%C3%A3o%3B%20e%20d%C3%A1%20outra. Acesso em: 30 mar. 2022.

- CALDEIRA, T. P. do R. Enclaves Fortificados: a nova segregação urbana. **Novos Estudos**, São Paulo, n. 47, p. 155-176, 1997.

- CASTRO, A. Espaços Públicos, Coexistência Social e Civilidade. **Cidades- Comunidades e Territórios**, n. 5, p. 53-67, 2002.

- INDOVINA, F. O Espaço Público: tópicos sobre a sua Mudança. **Cidades- Comunidades e Territórios**, n. 5, p. 119-123, 2012.

- LEONELLI, G. C. V.; MEDEIROS, L. C.; MARINHO, M. J. Cardápio Legislativo: opções e contradições da regulação urbana na produção de lotes nas capitais brasileiras. **Risco Revista de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo**, n. 17, p. 60-75, 2019.

- MARINHO, M.. **A expansão urbana murada, legislação de loteamento e áreas públicas em Indaiatuba**. Orientadora: Gisela da Cunha Viana Leonelli. 2017. 188 f. Dissertação (mestrado)- Faculdade de Engenharia Civil, Arquitetura e Urbanismo, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2017. Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/CAMP_03ba7287bd8453e0507c11f53ffc2d02. Acesso em 30 mar. 2022.

- MELGAÇO, L. A cidade de poucos: condomínios fechados e a privatização do espaço público em Campinas. **Boletim Campineiro de Geografia**, Campinas, n. 1, p 81-105, 2012.

- PREFEITURA MUNICIPAL DE MARÍLIA. **Lei n° 54, de 28 de dezembro de 1992**. Dispõe sobre o parcelamento do solo no Município. Disponível em: http://sapl.marilia.sp.leg.br/pysc/download_norma_pysc?cod_norma=6844&texto_original=1. Acesso em: 30 mar. 2022.

- PREFEITURA MUNICIPAL DE MARÍLIA. **Lei n° 480, de 09 de outubro de 2006**. Dispõe sobre o Plano Diretor do Município de Marília e dá outras providências. Disponível em: http://sapl.marilia.sp.leg.br/pysc/download_norma_pysc?cod_norma=7270&texto_original=1. Acesso em: 30 mar. 2022.

- PREFEITURA MUNICIPAL DE MARÍLIA. **Lei n° 706, de 17 de julho de 2014**. Modifica a Lei Complementar nº 54/92 - Parcelamento de Solo no Município, estabelecendo que área de lazer deverá ser entregue pronta ao poder público. Disponível em: http://sapl.marilia.sp.leg.br/pysc/download_norma_pysc?cod_norma=20779&texto_original=1. Acesso em: 30 mar. 2022.

- PREFEITURA MUNICIPAL DE MARÍLIA. **Lei n° 900, de 25 de agosto de 2020**. Modifica a Lei Complementar nº 54/1992, que dispõe sobre o parcelamento do solo e a Lei Complementar nº 57/1993, que disciplina os loteamentos fechados no município. Disponível em: http://sapl.marilia.sp.leg.br/pysc/download_norma_pysc?cod_norma=39570&texto_original=1. Acesso em: 30 mar. 2022.

- PREFEITURA MUNICIPAL DE MARÍLIA. **Lei n° 4278, de 25 de abril de 1997**. Regulamenta a aprovação dos empreendimentos residenciais em condomínio, localizados na zona urbana ou expansão urbana do município de Marília. Disponível em:

http://sapl.marilia.sp.leg.br/pysc/download_norma_pysc?cod_norma=4290&texto_original=1. Acesso em: 30 mar. 2022.

- SILVA, C. H. M e. **Espaço público político e urbanidade: o caso do centro da cidade de Aracaju**. Orientadora: Ana Maria Fernandes. 2009. 314 f. Tese (doutorado)- Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009. Disponível em: https://repositorio.ufba.br/handle/ri/8834#:~:text=Com%20o%20intuito%20de%20ajudar,apresentam%20intensa%20vida%20social%20em. Acesso em: 30 mar. 2022.

# ST04

## Espaço Público: Desenho e Projeto

## Espace Public: Dessin et Conception

Coordenação: Eduardo Alberto Cusce Nobre (FAUUSP), Evandro Ziggiatti Monteiro (FEC-Unicamp), José Júlio Ferreira Lima (UFPA), Manoel Antônio Alves (IAU USP)

**Entendendo o desenho urbano como um campo disciplinar que trata a dimensão físico-ambiental e humana do espaço urbano, incorporando necessariamente as vivências, percepções e ações cotidianas de seus usuários, propõe-se debater a prática do desenho e projeto dos espaços públicos contemporâneos, em suas várias escalas e atores.**

Temas: desenho urbano e configuração espacial; morfologia; renovação urbana; práticas participativas; atores possíveis; ensino; projeto, pós-ocupação de espaço e implementação de novos espaços públicos.

**Comprenant le dessin urbain comme un champ disciplinaire qui traite de la dimension physico-environnementale et humaine de l'espace urbain, intégrant nécessairement les expériences, les perceptions et les actions quotidiennes de ses usagers, nous proposons de débattre de la pratique du dessin et de la conception des espaces publics contemporains, dans ses différentes échelles et acteurs.**

Thèmes : conception urbaine et configuration spatiale ; morphologie ; rénovation urbaine ; pratiques participatives ; acteurs potentiels ; enseignement ; conception, occupation de l'espace et mise en place de nouveaux espaces publics.

# PAISAGENS POTENCIAIS NA BACIA HIDROGRÁFICA DO CÓRREGO MONJOLINHO, SÃO CARLOS, SP

# PAYSAGES POTENTIELS DU BASSIN HYDROGRAPHIQUE DU RUISSEAU MONJOLINHO, SÃO CARLOS, SP

# POTENTIAL LANDSCAPES IN MONJOLINHO RIVER BASIN IN SÃO CARLOS, SP

**Maria Cecília Pedro Bom de LIMA; Luciana Bongiovanni Martins SCHENK**

*Doutoranda, IAU-USP; Professora Doutora, IAU-USP*

*Grupo de Pesquisa YBY*

Este trabalho objetiva apresentar resultados de uma pesquisa de mestrado que estudou bases teóricas sobre a paisagem de modo a sistematizar uma estratégia metodológica de leitura e projeto. Como objeto empírico, foi escolhido o território da bacia hidrográfica do córrego Monjolinho na cidade de São Carlos, SP, Brasil. O trabalho abordou a noção polissêmica de paisagem, considerando suas dimensões objetivas e subjetivas, e o conceito de cartografia para se pensar um processo de representação, apresentação e potenciais intervenções no território, capaz de tornar visíveis e transformar paisagens. As etapas da pesquisa envolveram o estudo historiográfico da relação entre cursos d'água e cidade, o levantamento de projetos e planos para o referido território e o estudo de campo com registros fotográficos. Os registros explicitaram paisagens determinadas e indeterminadas que caracterizam a relação entre cidade e cursos d'água, indicando potenciais experiências paisagísticas. A articulação dessas etapas, relacionadas a distintas escalas e abordagens, permitiu identificar e apresentar paisagens cotidianas, manifestações invisíveis ao olhar técnico e às narrativas históricas oficiais.

Palavras-chave: paisagem; cartografia; bacia hidrográfica.

Ce travail vise à présenter les résultats d'une recherche de master qui a étudié les fondements théoriques du paysage afin de systématiser une stratégie méthodologique de lecture et de projet. Comme objet empirique, a été choisi le territoire du bassin hydrographique du ruisseau Monjolinho dans la ville de São Carlos, SP, Brésil. Le travail a abordé la notion polysémique de paysage, considérant ses dimensions objectives et subjectives, et le concept de cartographie pour réfléchir à un processus de représentation, de présentation et d'interventions potentielles sur le territoire, capable de rendre visibles et de transformer les paysages. Les étapes de la recherche ont consisté en l'étude historiographique de la relation entre les cours d'eau et la ville, le recensement des projets et plans pour ce territoire et son enregistrement photographique. Les enregistrements ont montré des paysages qui caractérisent la relation entre la ville et les cours d'eau, indiquant des expériences paysagères potentielles. L'articulation de ces étapes, liées à différentes échelles et approches, a permis d'identifier et de présenter des paysages du quotidien, des manifestations invisibles à l'œil technique et des récits historiques officiels.

Mots-clés : paysage ; cartographie; bassin hydrographique.

This work presents the results of a master's research which developed theoretical studies on the landscape in order to structure a methodological strategy for reading and designing the landscape. The case study is the territory of the Monjolinho watershed in the city of São Carlos, SP, Brazil. The work addressed the polysemic notion of landscape, considering its objective and subjective dimensions, and the concept of cartography to think about a process of representation, presentation and potential interventions in the territory, capable of transforming and making landscapes visible. The research procedure involved the historiographical study of the relationship between watercourses and the city, the survey of projects and plans for that territory and the field work with photo records. The records showed determined and indetermined landscapes that characterize the relationship between the city and watercourses, indicating potential landscape experiences. The articulation within different scales and approaches allowed the identification and presentation of everyday landscapes, manifestations which are invisible to the technical eye and to official historical narratives.

Keywords: landscape; cartography; watershed.

## 1. Introdução

As discussões teóricas sobre a noção de paisagem envolvem os valores vigentes em distintas épocas e diversos campos disciplinares, como geografia, ecologia, história da arte e arquitetura. A paisagem é construção cultural (Berque, 1994; Besse, 2014) e isso implica considerar a relação recíproca entre a humanidade e o meio onde habita, seja do ponto de vista de seus aspectos concretos e objetivos, seja das suas dimensões simbólicas e subjetivas.

O campo da Arquitetura da Paisagem, em específico, é aquele que trabalha com a leitura e intervenção na paisagem, agenciando os diversos sentidos do termo: dos seus aspectos socioculturais aos ambientais. Enquanto disciplina que propõe projetos para os espaços livres públicos de uma cidade, apresenta o potencial de evidenciar dinâmicas pré-existentes, bem como instigar novos usos e significados. Nesse sentido, o modo como se intervém na paisagem poderia influenciar a transformação e criação de valores culturais. O desafio do fazer projetual estaria em abarcar as complexidades da paisagem, sem simplificar seus aspectos e sem obscurecer suas manifestações.

Nesse sentido, os estudos sobre a paisagem que consideram o processo de urbanização de cidades brasileiras, sobretudo a partir do século XX, têm mostrado que os chamados "urbanismo utilitarista" e a "engenharia cinza" têm protagonizado as lógicas de intervenção no território (Gorski, 2010; Herzog, 2013). Apesar de amplamente questionadas pela historiografia da Arquitetura e Urbanismo, essas lógicas ainda se mantém predominantes na realidade urbana brasileira.

Os desdobramentos desses modos de construir as cidades, segundo o viés da paisagem, são exprimidos por uma invisibilização dos processos naturais, o que fortalece a ideia de que a natureza não faz parte da cidade (Spirn, 1995; Hough, 1998). As principais manifestações dessa natureza invisibilizada se apresentam como fragilidades e problemas a serem resolvidos. Exemplo disso são as enchentes que afetam frequentemente o cotidiano de várias cidades.

Frente a essa problemática, a disciplina da Arquitetura da Paisagem seria estratégica para contribuir com a transformação dos modos de se construir cidades, tornando visíveis aspectos que são suprimidos e deixados à margem por um conhecimento técnico dominante que pretende controlar os processos naturais. A articulação entre as dimensões objetivas e subjetivas da paisagem seria essencial para alterar o registro de leitura da natureza na cidade, de modo a reconectar os cidadãos aos processos naturais que dão suporte à vida.

Essas questões serão abordadas neste artigo, que apresenta os resultados da pesquisa de mestrado intitulada "Paisagem, cartografia e projeto: uma leitura da bacia hidrográfica do córrego Monjolinho em São Carlos, SP", defendida em 2019. A pesquisa foi realizada através do Programa de Pós-Graduação do Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Carlos, com orientação da Profa. Luciana B. M. Schenk e financiamento da CAPES. O objetivo da pesquisa foi investigar uma estratégia metodológica de projeto da paisagem, com ênfase no processo de leitura do território, considerando como questão central a relação entre cidade e cursos d'água. Identificamos a rede hídrica como potencial estruturadora de um sistema de espaços livres públicos e, para estudar essa questão, escolhemos como caso exemplar o território urbano da bacia hidrográfica do córrego Monjolinho, em São Carlos, no interior do estado de São Paulo, Brasil.

## 2. Materiais e métodos

A pesquisa seguiu o método histórico, articulado a um estudo de campo. Foram estabelecidas três etapas de investigação: a primeira consiste no estudo teórico dos conceitos centrais, sobretudo a Paisagem, que norteou dois outros temas: Cartografia e Projeto.

A segunda etapa se refere a um estudo historiográfico sobre a construção da relação entre cursos d'água e a cidade. Foram investigados autores que falam sobre a relação entre rios e cidades no contexto brasileiro, como Vladimir Bartalini, Maria Cecília Gorski e Cecília Herzog. Nesta etapa, também foi levantado o processo de urbanização de São Carlos, com ênfase nas intervenções realizadas nos córregos da cidade. Para tanto, foram consultadas fontes primárias (documentos históricos levantados na Fundação Pró-Memória de São Carlos, projetos e planos levantados nas secretarias da Prefeitura Municipal de São Carlos, notícias dos jornais locais "O Correio de São Carlos" e "A folha") e fontes secundárias (livros, teses e dissertações que abordam o processo de urbanização da cidade de São Carlos).

A terceira etapa corresponde ao estudo de campo, momento em que se frequenta o território investigado, à luz das questões teóricas abordadas e às informações históricas reunidas. Foram realizadas algumas caminhadas que tinham como elemento norteador o córrego Monjolinho e os espaços livres públicos existentes no entorno, sem que se definisse uma rota rígida. Durante as caminhadas, foram produzidas fotografias e anotações, na tentativa de capturar e prolongar as experiências vivenciadas, pertinentes à reflexão proposta. O uso desse recurso é relevante, pois, considerando a abordagem dos autores estudados, a linguagem poética é essencial para descrever paisagens em sua complexidade, dando acesso a aspectos inapreensíveis por um olhar estritamente científico e técnico.

Ao final do processo, agenciamos imagens e anotações das diferentes etapas, dispondo-as em pranchas para visualização como um todo. Essa estratégia é uma adaptação da abordagem de Georges Didi-Huberman em suas pesquisas sobre a história da arte, nas quais usa a ideia da "mesa" para organizar imagens, reunindo elementos díspares e identificando relações, para produção de um conhecimento inacabado, o qual se mantém aberto a novas leituras. A partir das imagens e anotações sobre a bacia hidrográfica do Córrego Monjolinho, buscamos identificar relações e constâncias para propor comentários. Para descrever a paisagem investigada, foram criadas categorias que explicitam as questões levantadas nos estudos teórico e historiográfico. A partir dessas categorias, foi criada uma narrativa que articula imagens e textos, que descrevem a realidade estudada.

## 3. Cartografar e projetar a paisagem

Para se pensar estratégias metodológicas de intervenções na paisagem, foram elencados três temas principais: a Paisagem, a Cartografia e o Projeto. O primeiro tema diz respeito ao estudo das questões teóricas que constroem esse conceito e que estão relacionadas a reflexões presentes na geografia, na história da arte, na filosofia e na arquitetura da paisagem; o segundo tema abarca questões implicadas nos modos de se apresentar, representar e transformar paisagens; o terceiro tema se refere à especificidade do campo da arquitetura da paisagem, que pretende articular aspirações coletivas e particulares, revelando e criando paisagens.

### 3.1. Paisagem: entre objetivo e subjetivo

Segundo a leitura de autores como Augustin Berque (1994) e Alain Roger (2007), a paisagem se coloca como construção cultural. Berque afirma que para que uma sociedade seja considerada paisagística, particularmente no ocidente, ela deve apresentar pelo menos um dos seguintes fatores: o uso de palavras para se referir à paisagem; uma produção literária sobre a paisagem; representações pictóricas da paisagem e a construção concreta de paisagens. Por sua vez, Roger apresenta o conceito de "artealização" para explicar a constituição de paisagens. Segundo o autor, seria através da mediação da arte que a natureza se converteria em paisagem, seja *in situ*, nas intervenções realizadas concretamente no território, seja *in visu*, na elaboração de representações por meio de pinturas, por exemplo.

Segundo essa abordagem, de um modo geral, a paisagem consiste em modos de ver e representar (ou apresentar) o mundo. Trata-se de uma relação entre o mundo e a humanidade. Mas essa relação não se restringe a representações, isto é, a elementos que promovem a mediação entre o mundo concreto e os valores culturais. Tal relação transita entre objetividades e subjetividades, sendo que a paisagem se refere a uma realidade material, uma realidade simbólica, e uma realidade fenomenológica, referente à experiência do mundo vivido.

Jean-Marc Besse (2014) reflete sobre a noção de paisagem apresentando cinco "portas", cada uma delas caracterizadas por um conjunto de reflexões que evidenciam determinadas abordagens: a paisagem como representação cultural, que predomina no campo da história da arte; a paisagem como território fabricado e habitado, relativa ao campo da geografia; a paisagem como meio ambiente material e vivo das sociedades, apresentada pelo campo da ecologia; a paisagem como experiência fenomenológica, presente no campo da filosofia e a paisagem como projeto, relativa principalmente ao campo da arquitetura da paisagem. Segundo Besse, essa quinta porta reuniria todos os outros aspectos.

Se a paisagem é construção cultural, ela envolve valores hegemônicos e valores e manifestações que se colocam à margem e que geralmente são suplantados e invizibilizados. Denis Cosgrove (2004) define a paisagem como uma representação construída socialmente e identifica as chamadas "paisagens dominantes" e as "paisagens alternativas" (excluídas, residuais e emergentes).

Nesse sentido, Roger afirma que é necessário criar novos valores, novos "esquemas de visão" para que seja possível reconhecer elementos contemporâneos como paisagens (Roger, 2007, p. 122). Citando o exemplo emblemático das rodovias, o autor argumenta que os valores estéticos tradicionais, sobretudo originários da renascença, tornaram-se obsoletos para nossa realidade contemporânea. Seria necessário criar valores paisagísticos a partir das paisagens efetivamente vivenciadas em nossa realidade.

Contribuindo nesse aspecto, Joan Nogué (2008) argumenta que algumas categorias deveriam ser consideradas nas intervenções no território. São elas o invisível, o intangível e o efêmero. Invisíveis são os espaços em branco, com limites pouco precisos, os quais, por não serem legíveis, não são desejados. Logo, são deixados à margem ao longo dos processos de construção da cidade. Aquilo que é intangível não é passível de quantificação e não participa dos interesses dominantes, sobretudo, econômicos. As paisagens intangíveis estão vinculadas a outras sensibilidades além da visão e dizem respeito a experiências que escapam à linguagem técnica. Por fim, o efêmero diz

respeito à fugacidade das práticas cotidianas, que muitas vezes escapam a uma lógica dominante de controle.

Tais categorias poderiam ser identificadas no "Manifesto da Terceira Paisagem" elaborado por Gilles Clément, o qual trata das paisagens de margem, que restam ao longo dos processos de urbanização e que são lugares que abrigam a diversidade, seja do ponto de vista ecológico, seja do ponto de vista sociocultural. Apresentando uma postura crítica quanto às lógicas econômicas de estruturação dos territórios, o autor afirma:

> *Si l'on cesse de regarder le paysage comme l'objet d'une industrie on découvre subitement - est – ce um oubli du cartographe, une négligence du politique ? - une quantité d'espaces indécis, dépourvus de fonction sur lesquels il est difficile de porter un nom. Cet ensemble n'appartient ni au territoire de l'ombre ni à celui de la lumière. Il se situe aux marges. En lisière des bois, le long des routes et des rivières, dans les recoins oubliés de la culture, là où les machines ne passent pas*" (Clément G., 2004, p. 4).

Considerando essas reflexões, a quarta porta de Besse, da paisagem como experiência fenomenológica, contribuiria para explicitar essas paisagens alternativas, as paisagens de margem, que estão relacionadas a práticas e valores cotidianos que podem estar desvinculados de uma cultura dominante. A paisagem fenomenológica seria aquela referente à experiência do contato direto com o mundo, anterior às construções de símbolos e conceitos científicos. Através da experiência paisagística seria possível criar novos significados, novos sentidos, tornando visíveis as paisagens que não se enquadram em estruturas simbólicas consolidadas.

### 3.2. Cartografia: da arte à ciência

Como foi possível apreender anteriormente, os modos de representar a paisagem estão estritamente relacionados com valores culturais. Nesse sentido, o segundo tema, a cartografia, foi pensado em conjunto com a noção de paisagem, percorrendo um breve percurso dessa prática, de modo a se compreender quais são as estratégias e abordagens utilizadas para abarcar as características de um território e traduzi-las em imagens.

De acordo com cada época, a cartografia é entendida como representação, como invenção e como intervenção em uma realidade. No ocidente, a noção de paisagem foi inicialmente constituída em conjunto com as representações cartográficas do século XVI, que buscavam inventariar o território, articulando ciência e arte (Maderuelo, 2008). A elaboração de cartografias envolvia um processo de imaginação, já que a visão superior representada não era possível com as tecnologias da época.

A partir do século XVIII, com os voos de balão e, posteriormente, de avião, a possibilidade de se observar o território a partir de cima se tornou uma realidade, o que repercutiu ao longo do tempo nas formas de representação cartográfica (Besse, 2014). Seus elementos se tornaram cada vez mais abstratos, abandonando os motivos pictóricos e buscando a representação de uma totalidade supostamente neutra, orientada pelo conhecimento científico do mundo.

Enquanto se ganhava em precisão, o contato direto com o mundo evidenciado em períodos anteriores foi perdendo seu protagonismo. A partir do século XX essa lógica de abstração e totalização passou a ser questionada; conforme afirma o filósofo Maurice Merleau-Ponty, "a ciência

manipula as coisas e renuncia habitá-las" (Merleau-Ponty, 2013 [1961], p. 4). A ciência positivista é identificada como uma forma de simplificação das características do mundo e da experiência do ser humano na Terra. A gradativa separação entre sujeito e objeto define de modo geral a linguagem cartográfica da época, e discussões como as efetuadas no campo da fenomenologia buscarão retomar o conteúdo subjetivo e sensível.

Nesse sentido, a prática do caminhar ganha destaque, visto que possibilita a aproximação do indivíduo com as características particulares do lugar e desencadeia experiências que não são necessariamente regidas por conhecimentos *a priori*. Em contraponto à visão de sobrevoo, o ato de caminhar passa a ser identificado com a própria cartografia, e abarca concomitantemente o conhecimento, a experimentação e a transformação da paisagem (Careri, 2013). Mais uma vez, cartografia e arte se associam, tendo em vista que, ao longo do século XX, diversas manifestações artísticas, desde as deambulações das vanguardas artísticas até as derivas situacionistas, tiram partido da cartografia e do caminhar para apresentar a realidade da época.

Na segunda metade do século XX, os filósofos Gilles Deleuze e Félix Guattari (1980) participaram das críticas realizadas a um saber positivista que pretendia generalizar o conhecimento sobre o mundo. Particularmente, denunciavam os processos de controle efetuados pela lógica capitalista e pelo subjetivismo da psicanálise, questionando qualquer concepção binária e as relações de causa e efeito que pretendiam explicar o mundo e o comportamento humano. Os autores pautavam suas reflexões em questões como a processualidade da vida, sua não-linearidade e a afetação do sujeito por múltiplos aspectos como identidades, significados, entre outros. As reflexões de Deleuze e Guattari identificam no mapa uma forma de apresentar tal realidade complexa. Nesse sentido, a cartografia é entendida menos como uma representação de uma visão de sobrevoo totalizante, e mais como um processo de construção e transformação da realidade.

Autores como Jean-Marc Besse (2014), Georges Didi-Huberman (2013), e no contexto brasileiro, Virgínia Kastrup, Eduardo Passos e Liliana da Escóssia (2015), referenciam os filósofos Deleuze e Guattari e investigam maneiras de cartografar processos que seriam capazes de acessar aspectos de uma realidade ou de uma visão histórica que geralmente não são abarcados por uma abordagem generalista e linear.

Considerando o campo da arquitetura da paisagem, uma abordagem contemporânea da prática da cartografia abarca as múltiplas escalas pertinentes ao projeto: desde uma visão que sobrevoa e sistematiza o território, até a escala do caminhante, do sujeito que frui a paisagem. No que diz respeito às reflexões sobre a paisagem, trata-se de tornar visíveis as paisagens de margem, paisagens do cotidiano, que se manifestam no mundo vivido e possuem significados que podem não ser contemplados por uma cultura dominante.

### 3.3. Projetar a paisagem

Os dois temas anteriores, Paisagem e Cartografia, foram orientados pela perspectiva projetual, configurando, assim, o terceiro tema trabalhado na dissertação: o Projeto. A paisagem como lugar de intervenção poderia ser abarcada em sua complexidade segundo um método que cartografasse seus aspectos ambientais, ecológicos, culturais, sociais e artísticos.

Autores ligados à prática projetual, como James Corner (1999), Bernard Lassus (1994), apresentam possíveis abordagens nesse sentido. Seus métodos de projeto abandonam os procedimentos convencionais pautados na elaboração de um diagnóstico, para posterior definição de um programa. As próprias categorias de praça e parque se tornam pouco definidas e o que se propõe é a apreensão e agenciamento dos aspectos diversos que caracterizam os espaços livres de edificação, sem associa-los a funções específicas.

James Corner referencia as reflexões de Deleuze e Guattari e relaciona a cartografia a uma estratégia capaz de revelar potências, enriquecendo a experiência da paisagem. Segundo o autor, o mapa não seria anterior ao projeto, mas consistiria no próprio processo de intervenção, que envolve escolhas e não se refere a um saber neutro. Nesse sentido, Corner indica algumas temáticas emergentes na cartografia que seriam relevantes para o processo de projeto da paisagem: *drift*, em referência às derivas situacionistas; *layering*, que consiste na articulação de camadas, como foi proposto no projeto do *Parc de la Villette* de Bernard Tschumi; *game-board*, que consiste em processos criativos coletivos associados à ideia do jogo; *rhizome*, referenciando o conceito de Deleuze e Guattari, que diz respeito a uma concepção da realidade como sendo aberta, destituída de uma estrutura hierárquica, de um começo e um fim (Corner, 1999).

Bernard Lassus é outro autor que enuncia algumas estratégias que orientam seu processo de projeto e que explicitam uma abordagem complexa: pautado por uma "atenção flutuante", ele frequenta o lugar a ser projetado sem uma intenção projetual pré-definida. Conforme é afetado pelas qualidades do lugar, tanto do momento vivido como de sua história, o paisagista vai construindo as ações de projeto. O autor fala também da diferenciação entre uma "escala visual" e uma "escala tátil". Enquanto a primeira diz respeito àquilo que é visto na paisagem, a segunda abarca todos os sentidos e depende de uma presença do corpo nesta paisagem. Alguns de seus projetos seguem a ideia de "intervenção mínima", que consiste em intervenções que praticamente não alteram as características concretas de uma paisagem, mas criam condições para que se desenvolvam novas percepções sobre o lugar, tornando visíveis qualidades latentes.

As estratégias projetuais mencionadas exemplificam alguns desafios do projeto da paisagem. A realidade contemporânea e suas multiplicidades, as complexidades dos modos de apropriação dos espaços livres pela sociedade, solicitam uma abordagem projetual que seja capaz de abarcar experiências diversas. Projetar a paisagem pode implicar em revelar potências e instigar a criação de novas percepções.

## 4. A relação entre cursos d'água e cidade

Considerando as bases teóricas apresentadas acima, abordamos um caso exemplar para se pensar as concepções de paisagem e as estratégias de projeto discutidas. Trata-se da relação entre cursos d'água e cidade, sobretudo, a mediação promovida pelo sistema de espaços livres públicos. Este é um tema recorrente no campo da Arquitetura e Urbanismo, frente à exacerbação dos processos de urbanização e as complexidades decorrentes de suas lógicas.

### 4.1. Do conflito à congruência

Segundo bibliografia que trata sobre o tema da relação entre rios e cidades no contexto brasileiro (Gorski, 2010; Herzog, 2013), existiu um período pré-industrial em que os cursos hídricos

desempenhavam papel central na constituição de assentamentos e no cotidiano da população. Com o avanço da industrialização e urbanização de territórios, essa relação se transformou e passou a ser delimitado um distanciamento entre os rios e o cotidiano urbano. As grandes obras de engenharia se colocaram como forma de controlar os processos naturais e solucionar questões relacionadas principalmente à drenagem urbana. Projetos de retificação, canalização e tamponamento de rios ganharam destaque e foram reconhecidos como sinais de um progresso que estaria alcançando as cidades brasileiras em meados do século XX.

Conforme aponta Vladimir Bartalini (2006), enquanto a Rede Hídrica Estrutural recebe essas grandes obras e é identificada segundo um aspecto funcional, muitas vezes estruturando a expansão do tecido urbano, a Rede Hídrica Capilar, por sua vez, desempenha um papel diferente. Ela é sobreposta e oculta pela malha urbana, deixando sinais sutis de sua existência pelo território.

Frente ao cenário de exacerbação da urbanização e degradação do meio ambiente, autores inseridos nos debates ambientalistas argumentam a necessária transformação das lógicas de construção das cidades. Ian McHarg (1969), Anne Spirn (1994) e Michael Hough (1998) elaboram produções teóricas e projetuais que caminham no sentido do restabelecimento dos vínculos afetivos entre populações urbanas e natureza. A cidade passa a ser identificada como parte constituinte da natureza, caracterizada por sua dimensão processual. Os autores defendem que a natureza deve ser considerada enquanto sistema no planejamento e projeto dos territórios urbanos e rurais, de modo a abandonar concepções tradicionais que lhe conferem valores estritamente estéticos, no sentido de um cenário belo que serve de pano de fundo para o ambiente edificado.

Esses autores participam da base teórica a partir da qual foram elaboradas uma série de reflexões no campo da arquitetura da paisagem que culminaram, contemporaneamente, na proposição teórica e prática da infraestrutura-verde (Pellegrino *et al*., 2006; Herzog, 2013). Esse conceito abarca diversas tipologias de desenho urbano que integram processos urbanos e naturais, cujo funcionamento é sistêmico e multifuncional.

Enquanto a aplicação do conceito de infraestrutura-verde contribui com a elaboração de políticas públicas e com planos e projetos que visam uma melhor qualidade de vida urbana e a manutenção dos processos naturais, existem situações de conflito entre natureza e cidade que escapam às ações institucionais e sistêmicas. Indica-se aqui a questão apontada por Bartalini a respeito da Rede Hídrica Capilar como ponto de partida para se refletir sobre as possibilidades de transformação de percepções e valores que não são compatíveis com grandes intervenções, tendo em vista contextos consolidados e dotados de fragilidades cujos enfrentamentos são complexos e envolvem diversos fatores socioculturais, econômicos e políticos.

Nesse sentido, as questões relacionadas ao projeto da paisagem pautado nas experiências cotidianas, no caminhar, na articulação entre as dimensões objetivas (as materialidades, os usos) e subjetivas (as percepções, os significados, as memórias) seriam centrais para tornar visíveis paisagens que foram deixadas à margem ao longo dos processos de urbanização.

### 4.2. Articulações entre o processo de urbanização de São Carlos e sua rede hídrica

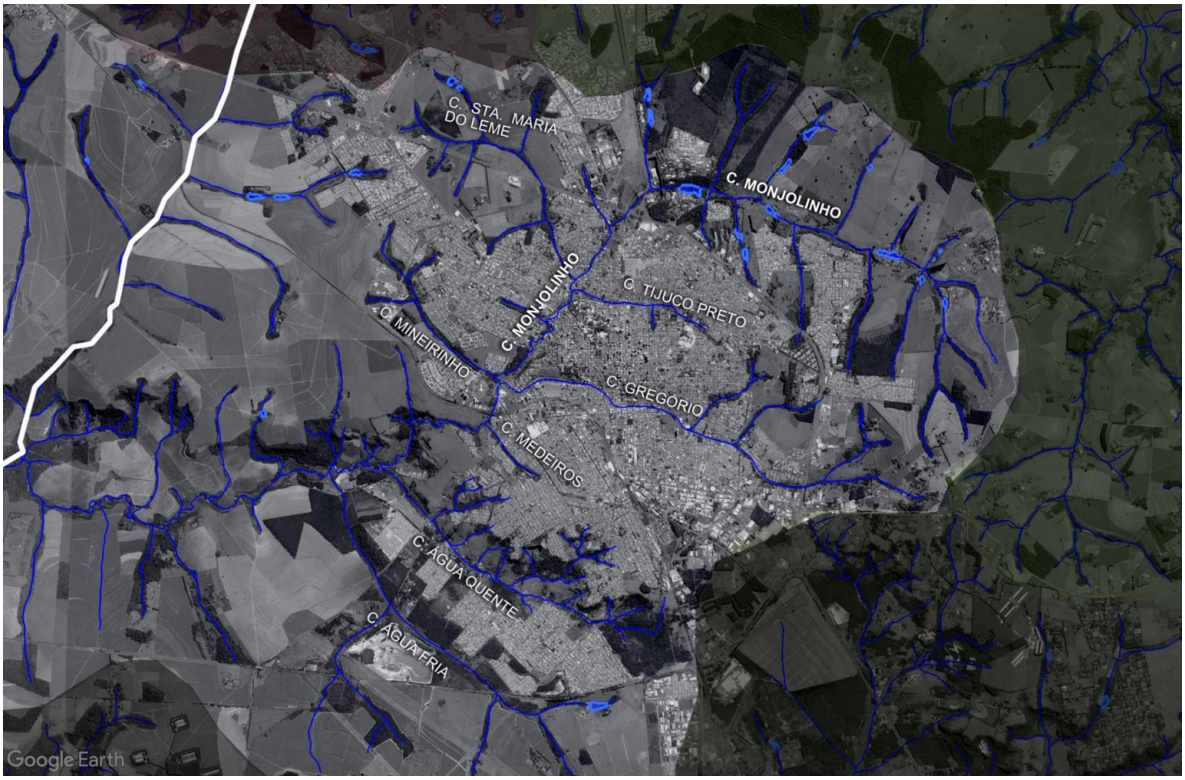



Figura 1 – Principais cursos d'água inseridos no perímetro urbano de São Carlos. Fonte: Lima, 2019.

Buscamos estudar as questões desenvolvidas acima a partir do território da bacia hidrográfica do córrego Monjolinho na cidade de São Carlos, interior do Estado de São Paulo, Brasil. A investigação desse território se desdobrou em dois momentos: um estudo historiográfico sobre seu processo de urbanização, com ênfase na articulação entre forma urbana e rede hídrica e um estudo de campo, momento de frequentação dessas paisagens. Segundo o estudo historiográfico realizado, foi possível descrever a construção da relação conflituosa entre cursos d'água e a cidade de São Carlos.

São Carlos conta com 256.915 habitantes e está localizada a 236 Km da capital do estado de São Paulo (IBGE, 2021). Seu território se encontra no divisor de águas das bacias hidrográficas Tietê-Jacaré e Mogi Guaçu e é permeado por grande quantidade de cursos d'água pouco caudalosos. A Figura 1 indica os principais córregos que estão inseridos no atual perímetro urbano.

Os primeiros assentamentos que dariam origem à cidade se estabeleceram no encontro entre um caminho que conectava as atividades mineradoras de Goiás ao litoral (o chamado Picadão de Cuiabá) e um curso d'água (o Córrego Gregório). A ocupação desse território foi impulsionada pela produção cafeeira, sendo que a mancha urbana se manteve inicialmente na microbacia do córrego Gregório, estruturada por uma malha em quadrícula (Lima, 2008; Devescovi, 1987).

O espaço urbano foi ganhando relevância na medida em que o excedente da produção de café passou a ser usado para a construção de infraestruturas e equipamentos para a cidade. A partir da década de 1880, vários investimentos ocorreram no espaço urbano, dentre eles, a construção da ferrovia, instalação de rede de abastecimento de água e coleta de esgoto e a construção de linhas de bonde. A cidade apresentou um processo de industrialização relativamente precoce, na virada do

século XIX para o XX, sendo que muitas das indústrias foram criadas por imigrantes atraídos para a região a partir da produção cafeeira (Feitosa, 2015).

A construção da linha férrea, à meia encosta e próxima ao córrego Gregório, parece ter impulsionado o adensamento populacional nessa região, sendo que, nas proximidades da ferrovia e do curso d'água se concentravam a população operária, enquanto que em cotas mais elevadas, próximas à Catedral e aos jardins públicos de seu entorno, estabeleceram-se os casarões e serviços da elite cafeeira (Devescoovi, 1987). É importante destacar que, desde finais do século XIX, a população já enfrentava problemas de enchente, conforme notícia do jornal "Correio de São Carlos".

Até 1929, o desenho urbano era regido pela Câmara, através de uma série de códigos de postura que definiam larguras de vias, dimensões de terrenos, entre outros aspectos. O chamado Código de 1929 alterou a estrutura administrativa, concedendo o controle do solo urbano ao prefeito da cidade e descartando a exigência da continuidade do traçado ortogonal da malha viária (Lima, 2008). A sequência de leis estabelecidas na primeira metade do século XX resultou em um tecido urbano fragmentado, sendo que a cidade se expandiu de modo mais acentuado a partir da década de 1950, com um crescimento espraiado que passou a ocupar outras microbacias, como a do Córrego Tijuco Preto.

Nas décadas de 60 e 70 foram elaborados os primeiros planos diretores que promoveram um diagnóstico do crescimento considerado desordenado da cidade, indicando diretrizes sobre áreas verdejadas junto aos córregos. Enquanto o primeiro plano, de 1962, não foi implementado, o Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado[1] de 1971 foi aprovado e, dentre outras diretrizes de uso e ocupação do solo, estabeleceu a construção de um anel viário constituído por avenidas marginais nos córregos Gregório, Tijuco Preto e Monjolinho (Lima, 2008; Peres, 2012). Apesar do anel viário não ter sido construído, esse período foi caracterizado por grandes obras de engenharia, de canalização e tamponamento, interpretadas como indicativo do progresso da cidade, acompanhando um ideário nacional. Nos jornais, os córregos, principalmente o Gregório, eram associados a empecilhos e impedimentos para o desenvolvimento da cidade. Com essas obras, os córregos Gregório, Tijuco Preto e Monjolinho se configuraram como vetores de crescimento da cidade, ao mesmo tempo em que eram cada vez mais segregados do cotidiano da cidade.

A partir da década de 1980, com o crescimento do mercado imobiliário, ocorreu a exacerbação do espraiamento da cidade, que passou a ocupar o território de microbacias mais distantes, como a do córrego Água Quente. Foi sendo definida uma clara dicotomia entre a região norte, ocupada pela população de maior poder aquisitivo, e a região sul, caracterizada por fragilidades socioambientais (Schenk, Peres, Fantin, 2015).

Na década de 90, começaram a ser introduzidos novos valores, de viés ecológico, no planejamento da cidade. Em 2005 foi elaborado o TAC das avenidas marginais que previu uma série de obras de recuperação de mata ciliar, de processos erosivos e de assoreamento nos córregos da cidade (Anelli, 2007). No mesmo ano, foi concluído o Plano Diretor que abordou questões

[1] O PDDI foi elaborado com participação do Centro de Estudos e Pesquisas de Administração Municipal (CEPAM), do Instituto Brasileiro de Administração Municipal (IBAM) e da Escola de Engenharia de São Carlos (EESC) (Lima, 2008).

socioambientais no zoneamento da cidade, à luz do Estatuto das Cidades. Em 2010 foi elaborado o plano de drenagem que pretendia resolver o problema das enchentes de maneira sistêmica.

No âmbito da revisão do Plano Diretor de 2005, a nova gestão da cidade abandonou as questões que vinham sendo abordadas e iniciou um processo de formulação que não condizia com os instrumentos de planejamento estabelecidos pelo Estatuto das Cidades. A partir de uma determinação do Ministério Público, foi constituído o Núcleo Gestor Compartilhado para retomar o processo de planejamento de modo participativo. Após uma sequência de negociações entre agentes ligados ao mercado imobiliário e agentes ligados a ONGs e instituições públicas que pretendiam dar continuidade aos esforços iniciados em 2005, os produtos do novo Plano Diretor foram consolidados em 2016 (Schenk, Peres, Fantin, 2015).

### 4.3. Frequentando a bacia hidrográfica do córrego Monjolinho

Frente a essa descrição do processo de urbanização de São Carlos e suas influências na configuração dos córregos da cidade, escolhemos o Córrego Monjolinho como caso exemplar para ser investigado no estudo de campo. Nesse sentido, foi efetuado um trânsito de escalas, partindo das prerrogativas de planejamento, até as questões de projeto que solicitam uma aproximação com o lugar.

Para além do conflito entre cursos d'água e cidade, identificado no estudo historiográfico, o estudo de campo permitiu a apreensão de paisagens que não participam das narrativas históricas e dos planos e projetos. O que se julgou previamente como um território mono ou disfuncional e homogêneo, destituído de significados, a partir das caminhadas, revelou qualidades e especificidades.

Foi possível apreender como as manchas verdes das cartografias dos planos e as obras de infraestrutura se colocam na realidade concreta. Alguns lugares supostamente funcionais, qualificados como sistemas de recreio, expuseram o abandono: *por* uma gestão, ou *para* uma natureza transitória (Figura 2). Outros lugares explicitaram processos interrompidos, ruínas que denotam a espera de alguma obra, de algum investimento, ou o lugar de disposição daquilo que não é mais útil. Essas paisagens expõem a sobreposição de temporalidades (Figura 3).

Figura 2: Paisagens abandonadas. Fonte: Lima, 2019.

Figura 3: Paisagens abandonadas. Fonte: Lima, 2019.

Mas para além do abandono e do resto, foi possível apreender paisagens de apropriações diversas: rastros de percursos recorrentes, espaços de estar e lazer improvisados pelos próprios moradores, como extensões das residências (Figura 4). Foram reveladas várias texturas e cores e o que era identificado como lugar da ausência, passou a expor suas qualidades (Figura 5).

Figura 4: Apropriações do espaço pela população. Fonte: Lima, 2019.

Figura 5: cores e texturas das paisagens frequentadas. Fonte: Lima, 2019.

A observação do conjunto de imagens e demais informações reunidas no estudo historiográfico permitiu a criação de categorias que descrevessem a paisagem frequentada (Figura 6). As categorias foram agrupadas em dois grandes conjuntos, denominados Paisagens Determinadas e Paisagens Indeterminadas, que consistem em duas manifestações que se articulam e se engendram mutuamente. Enquanto existem espaços projetados e preenchidos por funções, há paisagens latentes que parecem não apresentar significados precisos. Por mais que algumas intervenções tenham o objetivo de controlar as dinâmicas naturais, uma breve falha na manutenção desses lugares já expõe a qualidade transitória e instável da paisagem (Figura 7). A estratégia de categorização foi adotada para possibilitar a aproximação com o lugar, de modo a identificar significados e qualidades, a partir dos quais podem ser criadas as ações de projeto.

Figura 6: criação de categorias. Fonte: Lima, 2019.

Figura 7: Paisagens Determinadas e Paisagens Indeterminadas. Fonte: Lima, 2019.

Essas categorias foram revertidas em uma sequência de imagens, encadeadas com textos articulam a experiência vivenciada e as reflexões realizadas durante a pesquisa. A fotografia aqui desempenha menos um papel de ilustração e mais um papel de elemento que explicita paisagens e dá abertura à construção de outros significados. Dessa narrativa, destacaram-se alguns lugares, a partir dos quais foram ensaiados relatos que explicitassem aspectos paisagísticos particulares e que caracterizassem potenciais paisagens que permitem a escolha de lugares para projeto.

## 5. Conclusões:

O estudo sobre a relação entre os córregos e a cidade de São Carlos foi pautado pela concepção de paisagem enquanto construção cultural e como experiência de contato direto com a realidade, que articula objetividades e subjetividades. Frente à polissemia da noção de paisagem apontada por Besse, investigar a paisagem sem simplificar sua complexidade supõe adotar uma abordagem que abarque esses aspectos múltiplos, desde questões técnicas e pragmáticas, até questões relacionadas à percepção e à construção poética de descrições sobre o território estudado.

Nesse sentido, foram descritos os processos que orientaram a construção da forma urbana de São Carlos, de modo a identificar a formulação histórica de um conflito entre cursos d'água e cidade, em congruência àquilo que autores como Anne Spirn e Michael Hough caracterizam como o controle e a invisibilização de processos naturais pela técnica. Mesmo que a existência de córregos foi essencial para o surgimento inicial da cidade, a sequência de ações que foi estabelecida no território contribuiu gradativamente para a supressão desses elementos do cotidiano urbano, que passaram a ser identificados como lugares indesejáveis da cidade.

O estudo histórico da constituição da relação entre córregos e cidade foi articulado a um estudo de campo, um momento de frequentação e contato direto com essas paisagens. O objetivo foi apreender qualidades que escapam à abordagem dos planos e das narrativas históricas que apresentam uma visão geral e sistêmica, porém, não abarcam as especificidades referentes à experiência da paisagem.

Com o estudo de campo, foi possível identificar paisagens que não constam nas cartografias e demais registros levantados no estudo historiográfico. Seguindo a abordagem de autores como Bernard Lassus, James Corner e Georges Didi Huberman, propôs-se percorrer o território estudado sem uma rota pré-definida, tendo como elemento de referência o córrego Monjolinho e os espaços livres públicos existentes ao longo de seu curso e orientando o caminhar segundo as experiências desdobradas.

As experiências foram registradas por fotografias e anotações de campo, as quais foram observadas em conjunto e associadas de modo a construir uma narrativa que buscasse explicitar as particularidades da paisagem estudada, à luz das questões teóricas abordadas. As paisagens frequentadas foram categorizadas como Paisagens Determinadas e Paisagens Indeterminadas, as quais se engendram mutuamente. Tendo como perspectiva a ação projetual em Arquitetura da Paisagem, a narrativa elaborada permitiu identificar lugares com qualidades latentes, que poderiam receber projeto, evidenciando a relação entre curso d'água e cidade.

O estudo permitiu experimentar uma estratégia metodológica de leitura e projeto da paisagem, considerando a paisagem em seus múltiplos aspectos e compreendendo o projeto paisagístico como uma maneira de tornar qualidades visíveis, contribuindo com a constituição de novas percepções, que têm o potencial de resgatar a relação afetiva entre população e cursos d'água.

## 6. Bibliografia:


- Anelli, R. S., 2007, Recuperação de cursos d'água e nascentes associada à revisão da ocupação viária estrutural de Fundo de Vale em São Carlos/SP (2001 – 2005). In: APP Urbana 2008 – Seminário Nacional sobre o tratamento de áreas d preservação permanente em meio urbano e restrições ambientais ao parcelamento do solo. São Paulo: FAUUSP.

- Bartalini, V., 2006, A trama capilar das águas na visão cotidiana da paisagem. Revista USP, São Paulo, n. 70, p. 88-97.

- Berque, A., 1994, Paysage, milieu, histoire. In Berque, A. (Org.), 1994, Cinq propositions pour une théorie du paysage. Mayenne: Champ Vallon.

- Besse, J. M., 2014, O gosto do mundo: exercícios de paisagem. Rio de Janeiro: Eduerj.

- Careri, 2013, Walkscapes: o caminhar como prática estética. São Paulo: Gustavo Gilli.

- Clément, G., 2004, Manifeste du Tiers Paysage.

- Corner, J., 1999, The agency os mapping. In Cosgrove, D. (Org.), 1999, Mappings. London: Reaktion Books.

- Cosgrove, D., 2004, A geografia está e toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In Corrêa, R. L.; Rosendahl, Z. (Org.), 2004, Paisagem, tempo e cultura. Rio de Janeiro: Eduerj.

- Deleuze, G.; Guattari, F., 1995, Mil platôs – vol. 1. São Paulo: Editora 34.

- Devescovi, R. B., 1987, Urbanização e acumulação: um estudo sobre a cidade e São Carlos. São Carlos: UFSCar.

- Didi-Huberman, 2013, Atlas ou a gaia ciência inquieta. Lisboa : KKYM.

- Feitosa, J. P., 2015, Industrialização e urbanização em São Carlos nas décadas de 1930 a 1960. Dissertação de mestrado. São Carlos: IAUUSP.

- Gorski, M. C. B., 2010, Rios e cidades: ruptura e reconciliação. São Paulo: Senac.

- Herzog, C. P., 2013, Cidade para todos. Rio de Janeiro: Mauad X: Inverde.

- Hough, M., 1998, Naturaleza y ciudad. Barcelona: Gustavo Gilli.

- Lassus, B., 1994. L'obligation de l'invention: du paysage aux ambiances successives. In Berque, A (Org.), 1994, Cinq propositions pour une théorie du paysage. Mayenne: Champ Vallon.

- Lima, R. P., 2008, Limites da legislação e do (des) controle da expansão urbana: São Carlos (1857 – 1977). São Carlos: EduFSCar.

- Lima, 2019, Paisagem, cartografia e projeto: uma leitura da bacia hidrográfica do córrego Monjolinho em São Carlos, SP. Dissertação de mestrado. São Carlos: IAU-USP.

- Maderuelo, J., 2008, Maneras de ver el mundo: de la cartografia al paisaje. In Maderuelo, J. (Org.), 2008, Paisaje y território. Madrid: Abada.

- McHarg, I., 1992, Design with nature, John Wiley & Sons Inc.

- Merleau-Ponty, M., 2013, O olho e o espírito. São Paulo: Cosac Naify.

- Nogué, J., 2008, Al margen: los paisajes que no vemos. In Maderuelo, Javier (Org.), 2008, Paisaje y territorio. Madrid: Abada.

- Passos, E.; Kastrup, V.; Escóssia, L. (Org.), 2015, Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina.

- Pellegrino, P. R. et al., 2006, A paisagem da borda: uma estratégia para a condução das águas, da biodiversidade e das pessoas. In Costa, L. M. S. A. (Org.), 2006, Rios e paisagens urbanas em cidades brasileiras: Rio de Janeiro: Viana & Mosley: PROURB, p. 57–76.

- Peres, R. B., 2012, O planejamento regional e urbano e a questão ambiental: análise da relação entre o plano de bacia hidrográfica Tietê-Jacaré e os Planos Diretores Municipais de Araraquara e São Carlos, SP. Tese de Doutorado. São Carlos: UFSCar.

- Roger, A., 2007, Breve tratado del paisaje. Madrid: Biblioteca Nueva.

- Schenk, L.; Peres R. B.; Fantin, M., 2015, A revisão do Plano Diretor da cidade de São Carlos e as novas formas urbanas em curso. In: Forma Urbana Contemporânea Brasileira: Espaços Livres, Produção e Apropriação. X Colóquio QUAPÁ-SEL, Brasília.

- Spirn, A. W., 1995, O jardim de granito. São Paulo: Edusp.

# L’incorporation de solutions de drainage urbain comme instrument pour la (dé)valorisation d’espaces publics urbains

A incorporação de soluções em drenagem urbana como ferramenta para a (des)valorização de espaços públicos urbanos

**Nayara DE OLIVEIRA DA SILVA**
*Graduanda em Arquitetura e Urbanismo na Universidade Estadual de Campinas*
*Pesquisadora de Iniciação Científica - PIBIC - UNICAMP*
*LOTE - Laboratório de Estudos de Urbanização e Regulação Urbana - CNPq*

**Gisela CUNHA VIANA LEONELLI**
*Prof. FECFAU - Faculdade de Engenharia Civil, Arquitetura e Urbanisno da UNICAMP*
*POS ATC - Programa de Pós Graduação em Arquitetura, Tecnologia e Cidade*
*LOTE - Laboratório de Estudos de Urbanização e Regulação Urbana - CNPq*

Resumo:

O aumento e a recorrência das enchentes é um desafio a ser superado. As cidades brasileiras vêm investindo em soluções tradicionais em drenagem urbana. Barraud et al. (2011) aponta que, em um quadro de urbanização crescente, constata-se a obsolescência destes sistemas tradicionais, resultando em implicações urbanas, sociais e econômicas. No entanto, na França, a incorporação das águas nos espaços públicos tem sido uma prática recorrente para a valorização das cidades. Inserida na temática “Espaço Público: Desenho e Projeto”, esta pesquisa dedica-se a conhecer como os espaços públicos têm incorporado soluções projetuais mitigatórias em drenagem urbana. O estudo é feito através da análise de dois projetos: o Parque da Cidade (Mogi das Cruzes - Brasil) e o Grand Parc des Docks de Saint-Ouen (França). Os parques se diferem quanto às soluções adotadas para a contenção das águas pluviais e pela inserção em ambientes contextualmente, culturalmente e fisicamente distintos, permitindo a análise de cada uma de suas singularidades. Para tal, será realizado análise dos projetos, a partir de leitura teórica e de levantamento técnico, comparando e sintetizando suas principais características.

Palavras-chave: drenagem urbana, valorização de espaços públicos, parques urbanos.

Résumé:

L’augmentation et la récurrence des inondations est un défi à relever. Les villes brésiliennes ont investi dans des solutions traditionnelles de drainage urbain. Barraud et al. (2011) indiquent que, dans un cadre d’urbanisation croissante, on constate l’obsolescence de ces systèmes traditionnels, entraînant des implications sociales, économiques et politiques. Cependant, en France, l’incorporation des eaux dans les espaces publics a été une pratique récurrente pour la valorisation des villes. Insérée dans le cadre "Espace Public : Dessin et Projet", cette recherche se consacre à connaître comment les espaces publics ont intégré des solutions de conception d'atténuation dans le drainage urbain. L’étude est faite par l’analyse de deux projets : le “Parque da Cidade” (Mogi das Cruzes - Brésil) et le Grand Parc des Docks de Saint-Ouen. Les parcs diffèrent quant aux solutions adoptées pour la retenue des eaux pluviales et pour l’insertion dans des environnements contextuels, culturellement et physiquement distincts, permettant l’analyse de chacune de leurs singularités. À cette fin, une analyse des projets sera réalisée à partir de la lecture théorique et de l’étude technique, en comparant et en synthétisant leurs principales caractéristiques.

Mots-clés: drainage urbain, valorisation des espaces publics, parcs urbains.

Abstract:

The increase and recurrence of inundations is a challenge to be overcomed. Brazilian cities have invested in traditional solutions in urban drainage. Barraud et al. (2011) claim that, in a situation of increasing urbanization, the obsolescence of these traditional systems is obsoleted, resulting in urban, social and economical implications. However, in France, the incorporation of water into public spaces has been a recurrent practice for the enhancement of cities. Inserted in the theme "Public Space: Design and Project", this research is dedicated to knowing how public spaces have incorporated mitigating design solutions in urban drainage. The study is elaborated through the analysis of two projects: the Parque da Cidade (Mogi das Cruzes - Brazil) and the Grand Parc des Docks de Saint-Ouen (France). The parks differ from the solutions adopted for the containment of rainwater and the insertion in contextually, culturally and physically distinct environments, allowing the analysis of each of their singularities. For this purpose, an analysis of the projects will be carried out, based on theoretical reading and technical survey, comparing and synthesizing its main characteristics.

Keywords: urban drainage, enhancement of public spaces, urban parks.

Title: The incorporation of urban drainage solutions as a tool for the (de)valuation of urban public spaces

## 1. Introdução

A partir da segunda metade do século XX, constatou-se o desenfreado crescimento populacional e a intensificação da concentração populacional em áreas urbanas. Em 1900, aproximadamente 13% da população mundial residia em áreas urbanas (TUCCI, 2008), atualmente, essa proporção chega a 55% e, estima-se que a mesma aumente para 70% até 2050 (ONU, 2019). O Brasil, assim como os países da América Latina, protagonizou uma efervescente urbanização a partir da década de 1940, com o "boom" da economia industrial. Essa evolução populacional pode ser constatada principalmente nas metrópoles e em suas regiões metropolitanas. Este desenvolvimento urbano desordenado levou a um cenário de urbanização espontânea, grande concentração populacional em pequenas áreas e aumento das periferias (TUCCI, 2008). Sendo assim, as cidades brasileiras cresceram sem qualquer planejamento integrado, sem atender às demandas de um ambiente equilibrado e com qualidade de vida (BORBA, 2014).

A falta de planejamento durante o intenso processo de urbanização atrelado à aplicação de soluções ineficazes em drenagem implicou em consequências econômicas, sociais e ambientais. Ademais, levou ao surgimento de problemas de infraestrutura, tais como: falta de saneamento básico digno, canalização dos rios, impermeabilização do solo, poluição e assoreamento dos cursos d'água, proliferação de animais vetores de doenças, enchentes, inundações, deslizamentos de encostas de morros, entre outros. Sendo assim, em um quadro de urbanização crescente, constata-se a obsolescência dos sistemas de drenagem, os quais levam à inundações cada vez mais frequentes,

causando mortes e impactando as condições de vida e bem-estar de milhões de pessoas, com perdas materiais, trânsito, contaminação e proliferação de doenças (BAPTISTA et al., 2011).

figura 01 | o crescimento das cidades e sua relação com as águas.

No entanto, o aumento e a recorrência das inundações ainda é um desafio a ser superado, principalmente nessas áreas densamente urbanizadas. As enchentes atingem cerca de 250 milhões de pessoas por ano no mundo e são atualmente o desastre natural mais generalizado e crescente no meio urbano (ONU, 2013), afetando diversos países, como: Índia, Nepal, Canadá, China, Brasil, Colômbia e muitos países da Europa. Quanto ao Brasil, cerca de 2.276 cidades foram atingidas por inundações graduais, enxurradas bruscas e/ou deslizamentos de encostas, deixando 1.406.713 pessoas desabrigadas ou desalojadas, e ainda, 48% das prefeituras não possuem instrumentos para enfrentar essas ocorrências (IBGE, 2013).

No atual cenário brasileiro, constata-se que a questão da drenagem urbana tornou-se demasiadamente complexa, envolvendo tanto questões sanitárias quanto aspectos políticos, sociais, ambientais, paisagísticos e técnicos (BAPTISTA et al., 2011). Portanto, é necessário atualizar o sistema convencional de drenagem urbana, alterar o atual padrão de urbanização e entender as infraestruturas em drenagem urbana como espaço público, estabelecendo assim, uma abordagem integrada e sustentável do manejo da água em meio urbano (BORBA, 2014).

## 2. Soluções em drenagem urbana

figura 02 | fases do desenvolvimento das águas urbanas e suas aplicações, em ordem: canalização do Rio Pinheiros, piscinão em São Paulo, e o parque Qunli National Urban Wetland na China.

A fase conhecida como higienista se caracteriza pela adoção dos sistemas clássicos em drenagem e pelos princípios do higienismo. Essa concepção (existente em todas as cidades brasileiras) busca ampliar a capacidade de escoamento dos cursos d'água e escoar as águas pluviais do meio urbano da forma mais rápida possível, mediante a construção de sarjetas, bocas de lobo, canais abertos ou galerias enterradas, reservatórios de detenção e retenção, canalização e retificação dos corpos d'água. Essas soluções acarretam no aumento do volume de água a ser escoado, intensificando os alagamentos nas áreas edificadas e consequentemente a necessidade de construção de novas instalações de drenagem (NAKAZONI, 2005).

Além disso, o distanciamento entre o urbanismo e a drenagem pluvial, trouxe usos urbanos pouco qualificados no entorno dos cursos d'água. A situação das margens fica ainda mais comprometida por conta de diversas ocupações irregulares em áreas de risco, pela implementação de grandes avenidas marginais, ou ainda, pelos vazios urbanos do entorno, muitas vezes degradados e com grande acúmulo de lixo.

A partir da década de 70, inicia-se a fase corretiva das águas urbanas, visto que constata-se a obsolescência do sistema de drenagem existente nas áreas densamente urbanizadas. Essa nova abordagem difere-se das "clássicas" porque considera a esfera da bacia hidrográfica como base de estudo, busca compensar os impactos da urbanização e prioriza a prática da reservação e infiltração das águas pluviais, reduzindo, assim, a produção de excedentes de água da chuva. Para alcançar tais resultados, as soluções comumente adotadas são: pavimentos porosos, reservatórios de detenção ou retenção, trincheiras, poços, valetas (BAPTISTA et al., 2011).

No Brasil, a adoção de técnicas compensatórias ainda é incipiente, com exceção dos reservatórios de amortecimento de cheias (piscinões), os quais, de certa forma, contribuem para amenizar o impacto das grandes chuvas, principalmente durante o verão. Esses piscinões

amortecem o volume de água que seria escoada para as áreas à jusante, retendo uma parcela do volume de água (BAPTISTA et al., 2011). Todavia, grande parte desses reservatórios de amortecimento de águas pluviais são obras pontuais de grande escala, sem planejamento integrado do espaço público com o sistema de drenagem. Costumam ser tratados de modo técnico, padronizado e independente, concebidos com indiferença com o entorno próximo e, portanto, impactam a organização social de um bairro, tornando-se um elemento de desestruturação.

A implantação desses reservatórios implica em altos custos de desapropriação, em mais áreas impermeabilizadas, na concentração da poluição difusa e na perda de áreas verdes livres essenciais para as cidades, que poderiam ser uma opção de lazer para a população. Além disso, a falta de manutenção, de procedimentos de coleta de lixo adequados e de conscientização da população quanto ao descarte em áreas indevidas têm tornado esses locais de retenção de águas pluviais em focos de contaminação. Sendo assim, mesmo havendo uma abordagem mais próxima da conservação dos cursos d'água, percebeu-se que as técnicas corretivas priorizavam a indução das águas pluviais excedentes para bacias de retenção ou infiltração, o que resultava na concentração da poluição difusa nesses locais de armazenamento.

Sendo assim, a partir dos anos 90, alguns países (sobretudo os desenvolvidos) começam a investir em abordagens sustentáveis e integradas, pautadas em questões de conservação ambiental e melhoria da qualidade urbana, buscando o tratamento das águas pluviais e de efluentes, priorizando o escoamento e a infiltração de maneira semelhante à natural  e a compensação dos efeitos da urbanização sobre os processos hidrológicos (TUCCI, 2008). Com isso, surgem diferentes abordagens, técnicas e especificidades, sendo elas: Práticas de melhor gerenciamento, 1972, Estados Unidos; Desenvolvimento Urbano de Baixo Impacto, 1990, Estados Unidos; Desenho urbano sensível à água, 2004, Austrália; Infraestruturas verdes, 1994, Estados unidos; Cidades Esponja, 2014, China; e Urbanismo bio mimético.

É importante pontuar que a drenagem urbana sustentável não descarta totalmente o sistema convencional de drenagem, que continua a coletar o excedente do escoamento superficial mas em menor volume e com menos poluentes (MOURA, 2013). Além disso, essas novas estratégias trazem a implementação de espaços públicos qualificados, contribuem para a melhoria da qualidade de vida nas cidades bem como para a recuperação e preservação do meio ambiente, além de serem imprescindíveis para redução da poluição difusa, para a manutenção das condições sanitárias e para o bom funcionamento da infraestrutura convencional de drenagem urbana.

## 3. Projetos referenciais selecionados

Após a compreensão dos principais conceitos e abordagens existentes para drenagem urbana, foi possível estabelecer parâmetros para a seleção dos projetos referenciais. De maneira geral, buscou-se projetos de grande importância para as cidades que se situam, com diferentes soluções adotadas para a problemática da drenagem urbana, e também, com resultados positivos ou negativos quanto à modificação do espaço público e da paisagem urbana. Sendo assim, este estudo é feito através da análise de dois espaços distintos: o Parque da Cidade, localizado nas margens do Ribeirão Ipiranga no município de Mogi das Cruzes (Brasil) e o Grand Parc des Docks de Saint-Ouen, localizado nas margens do Rio Sena, em Saint-Ouen (França). Os parques selecionados para estudo se diferem quanto às soluções adotadas para a contenção das águas pluviais e também quanto à inserção em ambientes contextualmente, culturalmente e fisicamente distintos, o que permite uma análise de cada um em suas singularidades. No entanto, ambos projetos assemelham-se por serem espaços públicos de lazer, com grande atratividade popular e também pela localização em proximidade com uma grande metrópole: São Paulo e Paris.

### 3.1 Parque da Cidade + Piscinão do Parque Santana

**Localização:** Mogi das Cruzes, São Paulo - Brasil
**Ano:** 2003 + 2016
**Área:** 10 ha (100.000m²)
**Capacidade:** 90.000m³
**Escritório responsável:** Prefeitura de Mogi das Cruzes + Ruy Ohtake + Outros

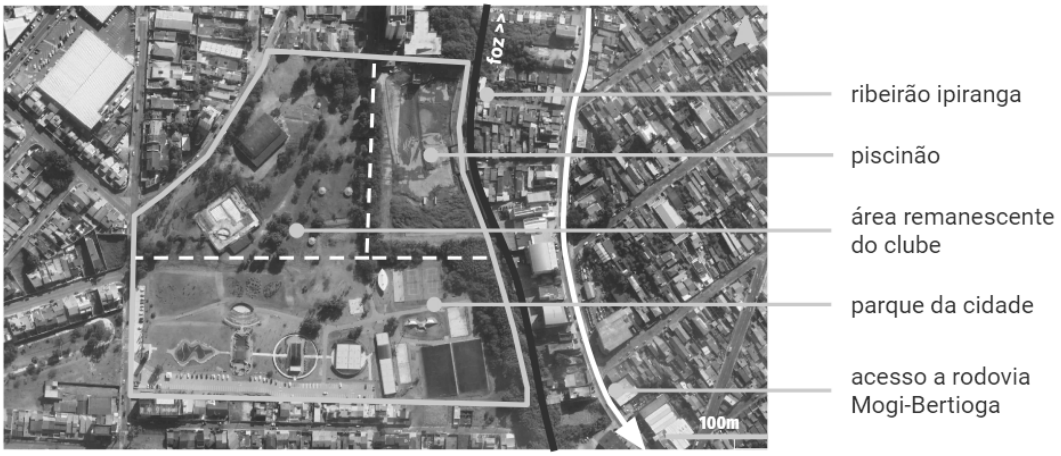



figura 03 | localização das áreas que compõem o Parque, o Piscinão e as áreas remanescentes (EARTH, 2021).

O piscinão do Parque Santana e o Parque da Cidade, localizam-se na região central do município de Mogi das Cruzes e às margens do Ribeirão Ipiranga (afluente do Rio Tietê). Desde 1974, ambos locais exerceram papel importante para o lazer de muitos cidadãos da cidade, pois funcionavam como clube de lazer para os funcionários da Companhia Siderúrgica de Mogi das Cruzes (Cosim) e demais trabalhadores metalúrgicos da cidade. Por volta de 1985, o local passou a se chamar Clube Campestre, com aproximadamente cinco mil sócios, durante uma fase de aproximadamente 12 anos. Na década de 1990 o clube teve diversos carnavais, festas e eventos esportivos que se destacavam na cidade.

Em 2003, ocorreu a desapropriação de uma parcela da área do clube, exatamente no espaço que abrigava um campo oficial de futebol e um campo society. Neste local foi inaugurado o Piscinão do Parque Santana, um reservatório de amortecimento de cheias, com capacidade para armazenar 90 mil metros cúbicos de água. O Piscinão tem um papel fundamental enquanto regulador do volume das águas pluviais que chegam à região central da cidade visto que minimiza a ocorrência de alagamentos, em especial na época de chuvas fortes, pois abriga o excedente de água que chega ao Ribeirão Ipiranga. Foi concebido como um espaço público com função de receber as águas que inundavam a região no período das chuvas mas também como uma área de lazer e esportes no período das secas. No entanto, essa área para lazer funcionou pouco tempo após sua inauguração. Já com as primeiras chuvas o piscinão tornou-se inacessível para a população devido ao acúmulo de lixo e sedimentos.

> "(...) a construção do Piscinão contribuiu para o declínio do Clube. Muitos sócios deixaram de frequentá-lo. A prefeitura nos disse que faria uma quadra poliesportiva na área quando não estivesse inundada; realmente fez, mas ela é inútil. Na primeira semana, o local ficou aberto para a população; depois, nunca mais foi reaberto. Mesmo porque, depois de uma enchente, teria que esterilizar a área, o que não é feito." Bertolino Mendes, antigo dono do Clube (BERNARDO, 2013).

Com o passar dos anos, o Clube Campestre contraiu muitas dívidas com o poder público, culminando com a sua falência e apropriação de suas terras pela Prefeitura Municipal de Mogi das Cruzes, em março de 2014. Após a falência do clube, toda a área tornou-se em um grande vazio dentro do meio urbano. Em 2018, é inaugurado o Parque da Cidade, com projeto do arquiteto Ruy Ohtake, com área de 85 mil metros quadrados. Entre os destaques do projeto estão um jardim com flores nativas da cidade, um teatro de arena, um espelho d'água, churrasqueiras públicas, espaços para prática de atividades esportivas, e uma praça para integração entre crianças e idosos, com playground e academia ao ar livre. No entanto, o projeto do Parque foi realizado de maneira separada, não contemplando melhorias ou integração com o Piscinão, pelo contrário: em todo seu entorno foi instalado gradil de proteção e arborização para ocultar a visibilidade do piscinão.

figura 04 | vista a partir do Parque da Cidade exibindo o gradil que isola o acesso ao piscinão (acervo pessoal, 2021).

figura 05 | vista panorâmica do Parque da Cidade após inauguração (PMMC, 2018).

> "os problemas são maiores na temporada de calor e das chuvas, "porque além dos perigos de enchentes, aumentam também a quantidade de insetos, baratas, ratos e outras pragas". Solange Almeida, moradora do bairro Mogi Moderno (CHIMELLO, 2016).

A construção do parque trouxe melhorias notáveis para a região. A instalação do Parque da Cidade qualificou a área e se transformou em uma boa opção para prática de esportes, para o lazer e para eventos diversos tanto para os moradores da cidade mas principalmente para aqueles que vivem nos bairros mais próximos, como Parque Santana e Alto do Ipiranga. No entanto, quanto às questões de drenagem urbana, a situação "caótica" tanto do piscinão como do Ribeirão Ipiranga perdura até os dias atuais. O mau cheiro, o acúmulo de lixo e água parada incomoda a população que vive no entorno, principalmente os moradores do bairro Mogi Moderno, trazendo preocupações quanto à transmissão de doenças. As imagens abaixo, exemplificam a situação atual do piscinão e a alteração que sofreu seu entorno ao longo dos anos, percebe-se que desde sua construção, em 2002, este espaço tem sido cada vez mais negligenciado e isolado.

figura 06 | alteração do espaço ao longo dos anos. (EARTH, 2002, 2008, 2021)

### 3.2 Grand Parc des Docs

**Localização:** Saint-Ouen, França

**Ano:** 2013

**Área:** 12 ha (120.000m²)

**Capacidade:** 8.000m³

**Escritório responsável:** Agence TER + Urban Water + Nexity + outros

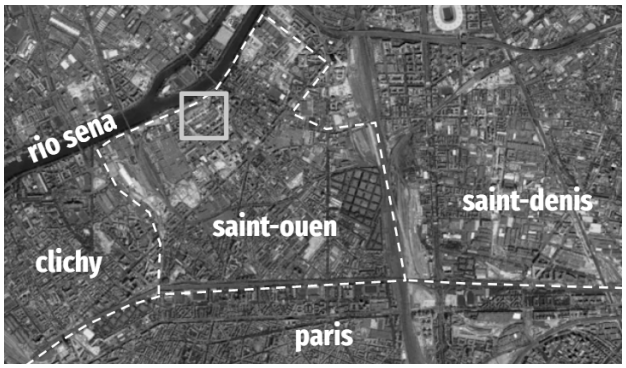


figura 07 | localização do projeto: proximidade com a cidade de Paris e Rio Sena (EARTH, 2021).

figura 08 | perspectiva do parque, exibindo suas lagoas naturais para contenção das chuvas (AGENCE TER, 2015).

O projeto urbano para as docas de Saint-Ouen é um dos maiores nos subúrbios de Paris. Caracterizada por ser uma antiga zona industrial, está passando por um processo de transformação para se tornar um distrito predominantemente residencial e comercial, organizado em torno de um grande parque urbano às margens do Rio Sena. Dois terços dessa área estão localizados em zonas de risco de inundação do Sena. Portanto, o parque prevê uma bacia de detenção com capacidade de aproximadamente 8.000m³ para conter a precipitação de dez anos. O escritório responsável, Agence Ter, buscou criar um espaço inclusivo e democrático e acolhedor para o público, sejam eles residentes, trabalhadores ou visitantes.

A concepção do parque foi de criar espaços ocos e sólidos, que materializam dois tipos de lugares: espaços para a natureza e jardins para o público. As áreas de natureza são caracterizadas

por áreas por espaços ajardinados e uma rede de valas vegetadas que podem ser preenchidas com água da chuva. Essa rede de áreas alagáveis é formada por canaletas, canais de drenagem de águas pluviais, além de estruturas para a gestão da água da chuva (coleta, armazenamento, despoluição, reciclagem). Neste contexto, esta grande vala de armazenamento também ajuda na despoluição e na reserva de água para uso do parque e de um dos edifícios residenciais em sua proximidade.

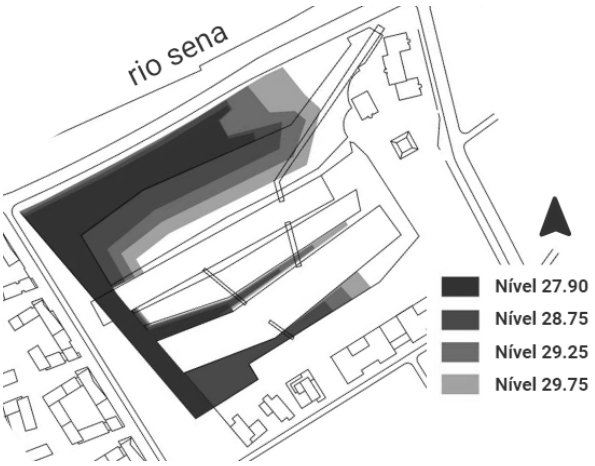



figura 09 | implantação do parque, com espaços integrados com a lagoa pluvial (AGENCE TER, 2015).
figura 10 | esquema indicando a diferença de níveis existente na bacia (AGENCE TER, 2015).

Quanto às soluções de drenagem, o projeto apresenta soluções simples, adequadas e de fácil execução e manutenção, sendo opções que poderiam se adaptar e serem aplicadas como soluções para diversos locais. Quanto às questões urbanísticos e paisagísticas, é visível que o local ainda se encontra em processo de renovação, carecendo de medidas que permitam uma aproximação ainda maior com um urbanismo integrado e sustentável.

figura 11 | bacia de retenção com barreiras para amenizar a velocidade de escoamento da água (AGENCE TER, 2015).
figura 12 | vista panorâmica com foco para as valas de purificação e infiltração das águas (AGENCE TER, 2015).

Observando a área do projeto ao longo dos anos, é perceptível a mudança que ocorreu (e ainda vem ocorrendo). O planejamento do espaço ao redor de um parque central criou melhores

condições para a construção de residências e comércios, auxiliou na drenagem urbana reduzindo o escoamento de água para o Rio Sena, alterou drasticamente a paisagem e a relação da população com o local e ainda melhorou áreas ambientalmente degradadas pela atividade industrial. As imagens abaixo, tanto de satélite como em perspectiva, exemplificam essa alteração do local.

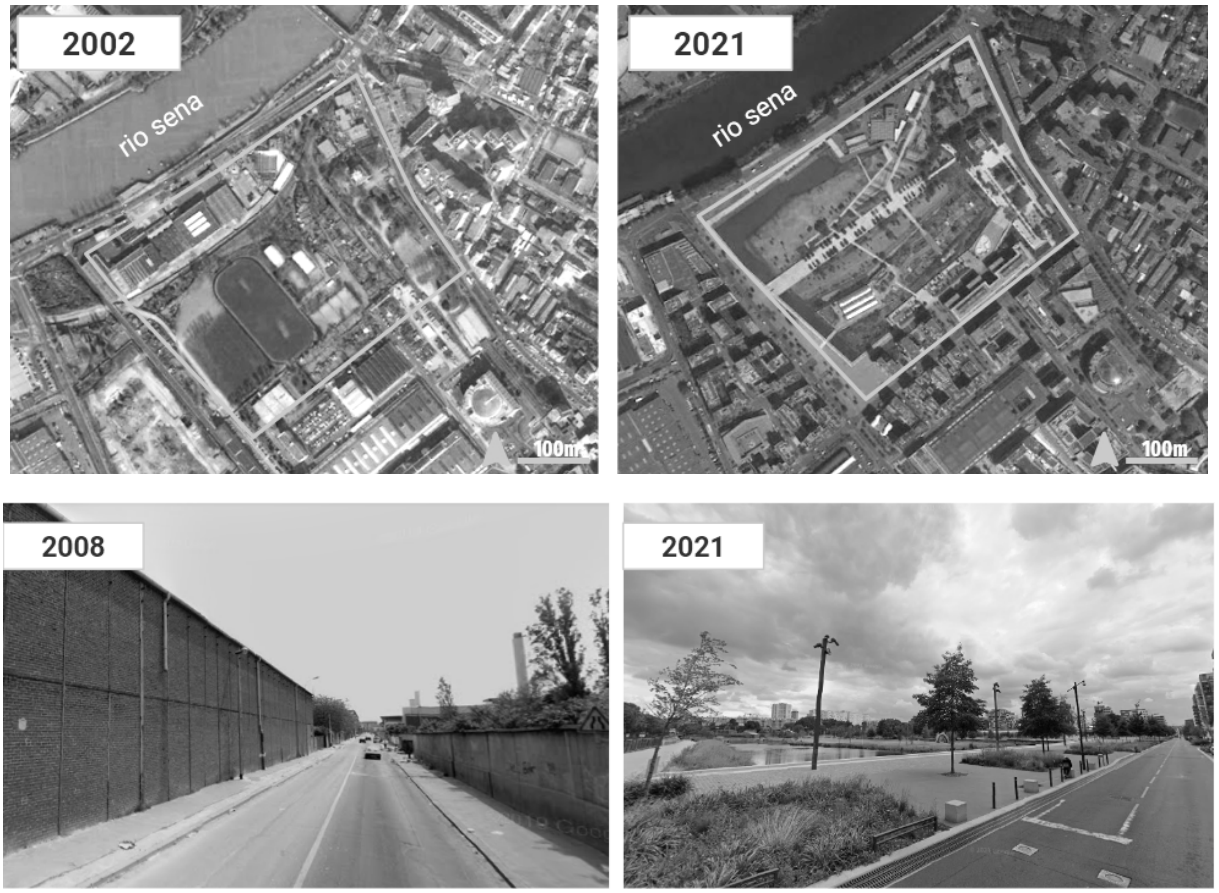



figura 13 | perspectivas que exemplificam a alteração da paisagem (EARTH, 2002, 2008, 2021).

## 4. Resultados

Como resultado final desta pesquisa, foi elaborado uma análise comparativa dos projetos selecionados, sintetizando cada um deles e expondo seus elementos chaves, seus pontos negativos, as medidas adotadas (mitigadoras ou corretivas) e suas soluções (estruturais e estruturantes). As **medidas mitigadoras**, consistem na aplicação de soluções para minimizar os impactos socioambientais negativos de alguma atividade, buscando atenuar a ocorrência do impacto negativo enquanto que **medidas corretivas** consistem na aplicação de soluções para compensar os prejuízos e danos ambientais, buscando repor os bens socioambientais perdidos.

| | Parque da Cidade / Mogi das Cruzes - SP / Brasil | Grand Parc des Docks / Saint-Ouen / França |
|---|---|---|
| | | |
| **parâmetros** | **adoção de medidas corretivas**<br>área ●●○○○ permeabilidade ●●○○○<br>capacidade ●●●●○ custos manutenção ●●●●○<br>integração ●○○○○ qualidade do espaço ●●○○○<br>agradabilidade ●○○○○ sustentabilidade ●○○○○ | **adoção de medidas mitigadoras**<br>área ●●○○○ permeabilidade ●●●○○<br>capacidade ●●○○○ custos manutenção ●●○○○<br>integração ●●●○○ qualidade do espaço ●●●●○<br>agradabilidade ●●●○○ sustentabilidade ●●●○○ |
| **características principais** | - projetos separados e **falta de planejamento integrado** com o meio urbano e com questões ambientais e paisagísticas;<br>- acarretou em **desvalorização** do espaço público;<br>- espaço público **pouco acolhedor** e sem integração<br>- cerca de **40% do espaço** é utilizado pela população;<br>- solução adotada aumenta a **impermeabilização** do solo e acúmulo de **sedimentos;**<br>- **capacidade extremamente grande** o que reduziu consideravelmente as enchentes no meio urbano | **- reconfiguração urbana e ambiental** de uma região a partir de um parque central com soluções em drenagem urbana;<br>- recuperação do ambiente degradado pela atividade industrial;<br>**-** reestruturação e **valorização** do espaço público;<br>**-** espaço público **convidativo** e **integrado**;<br>- promoção de áreas de estar, contemplação e **permanência;**<br>**- carece integração** com seu entorno próximo;<br>- grandes extensões em gramado, acarretando em **espaços sem arborização** e sombreados. |
| **soluções adotadas** | **estruturais:** armazenamento temporário das águas pluviais em **grande bacia de detenção** + **canalização** do ribeirão + escadaria construída como grande barreira para reduzir a velocidade de escoamento das águas;<br>**estruturantes:** monitoramento do território + tentativa de integração da bacia de detenção com espaços de lazer e estar; | **estruturais:** armazenamento das águas pluviais em grandes lagoas + aumento das **áreas permeáveis** + **despoluição e reuso de parte das águas** + barreiras construídas para **reduzir a velocidade de escoamento** das águas.<br>**estruturantes:** projetos de **educação ambiental** a partir de estufa pedagógica + **hortas** compartilhadas + gestão, **planejamento integrado** e monitoramento do território; |

tabela 01 | síntese e comparação das principais características, medidas e soluções encontradas nos projetos.

Sendo assim, foi possível identificar a importância de adotar medidas mitigadoras em prioridade às corretivas, visto que as **medidas mitigadoras**, geralmente visam a drenagem urbana mais sustentável e integrada com o espaço público, além de induzirem a articulação de soluções de caráter estruturais e estruturantes, enquanto que as **medidas corretivas** priorizam somente a resolução dos problemas de drenagem a partir de soluções estruturais. As **soluções estruturais**, tratam a drenagem urbana a partir de soluções técnicas, em geral, por meio de grandes obras de engenharia, mas também englobam a implementação de lagoas pluviais, pisos drenantes e jardins de chuva. Já as **soluções estruturantes** fomentam a drenagem no âmbito da gestão e do planejamento, buscando o desenvolvimento com menor impacto, como por exemplo a partir de legislações que regulam o espaço ou de projetos de conscientização e educação ambiental.

## 5. Conclusões

De modo geral, foi possível concluir que os projetos selecionados possuem soluções bastante diferentes, principalmente por se adaptarem a cidades com realidades distintas e peculiaridades ambientais, climáticas, sociais, históricas, culturais e econômicas. Conclui-se que contraditoriamente, os países subdesenvolvidos e em desenvolvimento são os que mais aplicam medidas estruturais e corretivas em drenagem urbana, enquanto que os países desenvolvidos buscam prevenir os problemas com medidas mitigadoras e estruturantes, as quais são mais econômicas, preservam o meio natural e proporcionam um desenvolvimento sustentável.

A partir dos estudos, foi possível constatar que o Brasil ainda se encontra na fase higienista, adotando medidas insustentáveis e priorizando as técnicas tradicionais em drenagem urbana, como construção de mais piscinões e canalização de cursos d'água. Felizmente, diversos municípios já buscam soluções alternativas e sustentáveis, porém, ainda são ações fragmentadas, pontuais e desconectadas entre si. Em geral, são políticas de governo, o que implica em projetos isolados, sem continuidade a cada mudança de gestão e sem o engajamento e participação popular. Estes desafios que margeiam as questões em drenagem urbana já são imensos e ainda tendem a se agravar.

Com o projeto francês foi possível concluir que as abordagens integradas e sustentáveis em drenagem urbana têm grande potencial para desempenhar papel relevante na qualificação do espaço público urbano e contribuir em diversas escalas, tanto para a reestruturação ambiental quanto para a mitigação das enchentes, para a implementação de locais públicos de lazer e para a alteração a relação da população com o meio urbano. Estas soluções são capazes de alterar o espaço degradado, prover novas formas e funções a ele, restaurar seu ecossistema e remediar suas áreas adjacentes. Sendo assim, a paisagem local se reconfigura, tornando o espaço mais agradável, atrativo, seguro, arejado e harmonioso.

Portanto, as soluções em drenagem urbana devem ser entendidas como um elemento potencial para a valorização do espaço público e sua qualificação em termos ambientais, paisagísticos, sociais e urbanísticos. As escolhas projetuais para os espaços públicos devem ser pautadas a partir de uma visão integrada do espaço, com planejamento e projetos que priorizem soluções em drenagem integradas com a paisagem, a natureza e o contexto social, incorporando critérios além dos funcionais e promovendo espaços públicos mais seguros, convidativos, acolhedores e inclusivos.

## 6. Referências bibliográficas


- AGENCE TER. **Saint-Ouen / Parc de la ZAC des Docks**. 2015. Disponível em: https://agenceter.com/projets/saint-ouen-parc-de-la-zac-des-docks/#. Acesso em: 12 dez. 2021.

- AQUAFLUXUS. **Drenagem Sustentável**. Rio de Janeiro: AquaFluxus, 2017. 43 p. Disponível em: https://c4984fbe-4cd3-4219-982d-64592715678f.filesusr.com/ugd/6447fb_58205005a3054f06a8b8c4b623884a8f.pdf. Acesso em: 21 dez . 2021.

- BAPTISTA, M.. NASCIMENTO, N.. BARRAUD, S. **Técnicas Compensatórias em Drenagem Urbana**. Porto Alegre: ABRH, 2005.

- BERNARDO, Letícia. **Projeto para uma unidade do SESC em Mogi das Cruzes**. Trabalho Final de Graduação em Arquitetura e Urbanismo - Mogi das Cruzes: Universidade Braz Cubas. 2014. 99 p. Disponível em: https://issuu.com/gutobernardo/docs/sesc_mogi_das_cruzes. Acesso em: 21 dez. 2021.

- BORBA, Maria Lucia Guilherme. **O 'técnico-científico' e o 'sociopolítico' na gestão da água urbana:** drenagem e manejo de águas pluviais no Município de São Paulo. 2014. Tese (Doutorado em Ciência Ambiental) - Ciência Ambiental, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/90/90131/tde-22082014-152009/pt-br.php. Acesso em: 10 dez. 2021.

- CHIMELLO, Silvia. Moradores cobram limpeza de piscinão e de áreas próximas aos rios de Mogi. **O Diário**, Mogi das Cruzes, 26 out. 2020. Disponível em: https://odiariodemogi.net.br/cidades/moradores-cobram-limpeza-de-piscinão-e-de-áreas-próximas-aos-rios-de-mogi-1.2535. Acesso em: 14 dez. 2021.

- G1. **Cidades-esponja:** conheça iniciativas pelo mundo para combater enchentes em centros urbanos. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/02/16/cidades-esponja-conheca-iniciativas-pelo-mundo-para-combater-enchentes-em-centros-urbanos.ghtml>. Acesso em: 16 dez. 2021.

- GORSKI, Maria Cecilia Barbieri. **Rios e cidades:** ruptura e reconciliação. 2008. 243 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2008. Disponível em: <http://tede.mackenzie.br/jspui/handle/tede/2632>. Acesso em: 10 fev. 2022.

- GUTIERREZ, Adriana Idalina Rojas; RAMOS, Ivanete Carpes. **Drenagem urbana sustentável**. Minha Cidade, São Paulo, ano 21, n. 241.01, Vitruvius, ago. 2020. Disponível em: https://vitruvius.com.br/revistas/read/minhacidade/20.241/7863. Acesso em: 15 fev. 2022.

- HERZOG, Cecilia. **Cidades para todos:** (re)aprendendo a conviver com a Natureza. Rio de Janeiro: Mauad, 2013.

- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Censo 2010**. 2010. Disponível em: https://censo2010.ibge.gov.br/apps/areaponderacao/index.html. Acesso em: 15 dez. 2021.

- LANDEZINE INTERNATIONAL LANDSCAPE AWARD. **Winner in Public Projects in 2017**: Saint Ouen – Park of the docks. 2017. Disponível em: https://landezine-award.com/5094-2/. Acesso em: 30 jan. 2022.

- MOURA, Newton Celio Becker de. **Biorretenção:** tecnologia ambiental urbana para manejo das águas de chuva. 2013. Tese (Doutorado em Paisagem e Ambiente) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16135/tde-30052014-104153/pt-br.php>. Acesso em: 12 fev.. 2021.

- NAKAZONE, Lucia Midori. **Implantação de reservatórios de detenção em conjuntos habitacionais:** a experiência da CDHU. 2005. Dissertação (Mestrado em Engenharia Hidráulica) - Escola Politécnica, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/3/3147/tde-13042006-210759/pt-br.php>. Acesso em: 11 jan. 2022.

- PHYTORESTORE. **Projetos de Recuperação de Grande Impacto no Brasil e no Mundo**. 2021?. Disponível em: https://phytorestore.com.br/category/projetos/nacional/. Acesso em: 12 fev. 2022.

- SÃO PAULO, Prefeitura de. Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano (SDMU). **Manual de Drenagem e Manejo de Águas Pluviais:** gerenciamento do sistema de drenagem urbana. 2012. Disponível em: https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/licenciamento/desenvolvimento_urbano/biblioteca_digital/manual_de_drenagem/index.php?p=49018. Acesso em: 12 fev. 2022.

- TUCCI, C. E. M. **Águas urbanas**. Estudos Avançados, [S. l.], v. 22, n. 63, p. 97-112, 2008. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/10295>. Acesso em: 15 fev. 2021.

- URBANWATER. **Saint-Ouen ZAC des Docks**. 2021. Disponível em: http://www.urbanwater.fr/?projects=les-docks. Acesso em: 30 dez. 2021.

Morro da Forca: planos ambiciosos e usos extraordinários no espaço da antiga forca de Ouro Preto

# Morro da Forca: plans ambitieux et utilisations extraordinaires dans l'espace de l'ancienne potence à Ouro Preto

**Alice Viana de ARAÚJO**

*Professora doutora, Universidade Federal de Ouro Preto*

**Pablo Henrick Sales de MORAIS**

*Graduando, Universidade Federal de Ouro Preto*

*Plus Ultra - Grupo de Pesquisa e Extensão*

Este artigo apresenta um levantamento do histórico de usos no Morro da Forca, antigo local de enforcamentos de Ouro Preto-MG, atualmente conhecido como um dos principais mirantes do centro histórico da outrora cidade colonial. Ele apresenta também planos e intenções de uso para o mesmo espaço que comprovam que desde a metade do século XIX há uma pressão dos atores locais para que este seja direcionado ao lazer e sociabilização, oferecendo não somente oportunidades de contemplação, mas também de recreação e esportes. Através de uma breve análise dos condicionantes legais (ambientais e histórico-patrimoniais) e também geotécnicos, percebe-se que qualquer intervenção a ser nele realizada deveria prezar pelo mínimo impacto possível, pois além do seu topo ter uma grande visibilidade na paisagem do centro histórico, a elevação é formada por solo de considerável instabilidade. Ainda assim, acreditamos que este espaço poderia receber intervenções discretas, capazes de melhorar sua acessibilidade e garantir um uso mais inclusivo, se tornando uma real opção de lazer no quotidiano da população local e oferecendo mais conforto à experiência turística.

Palavras-chave: patrimônio, espaço público, Ouro Preto

Cet article présente une enquête sur l'histoire des usages à Morro da Forca, un ancien site où les condamnés étaient suspendus à Ouro Preto-MG, et actuellement connu comme l'un des principaux belvédère du centre historique de cette ancienne ville coloniale. Il présente également des plans et des intentions d'utilisation du même espace, qui prouvent que depuis le milieu du XIXe siècle, il y a eu une pression des acteurs locaux pour qu'il soit orienté vers les loisirs et la socialisation, offrant non seulement des opportunités de contemplation, mais aussi de récréation et d'activités sportives. A travers une brève analyse des conditions juridiques (environnementales et historico-patrimoniales) et aussi géotechniques, il est clair que toute intervention à y effectuer doit viser le moins d'impact possible, car, en plus de son sommet avoir une grande visibilité dans le paysage du centre historique, l'élévation est formée par des sols d'une grande instabilité. Néanmoins, nous pensons que cet espace pourrait recevoir des interventions discrètes, capables d'améliorer son accessibilité et, ainsi, garantir une utilisation plus inclusive, devenant une véritable option de loisirs dans la vie quotidienne de la population locale et en offrant plus de confort à l'expérience touristique.

Mots clés: patrimoine, espace public, Ouro Preto

Morro da Forca: ambitious plans and extraordinary uses in the space of Ouro Preto's old gallows

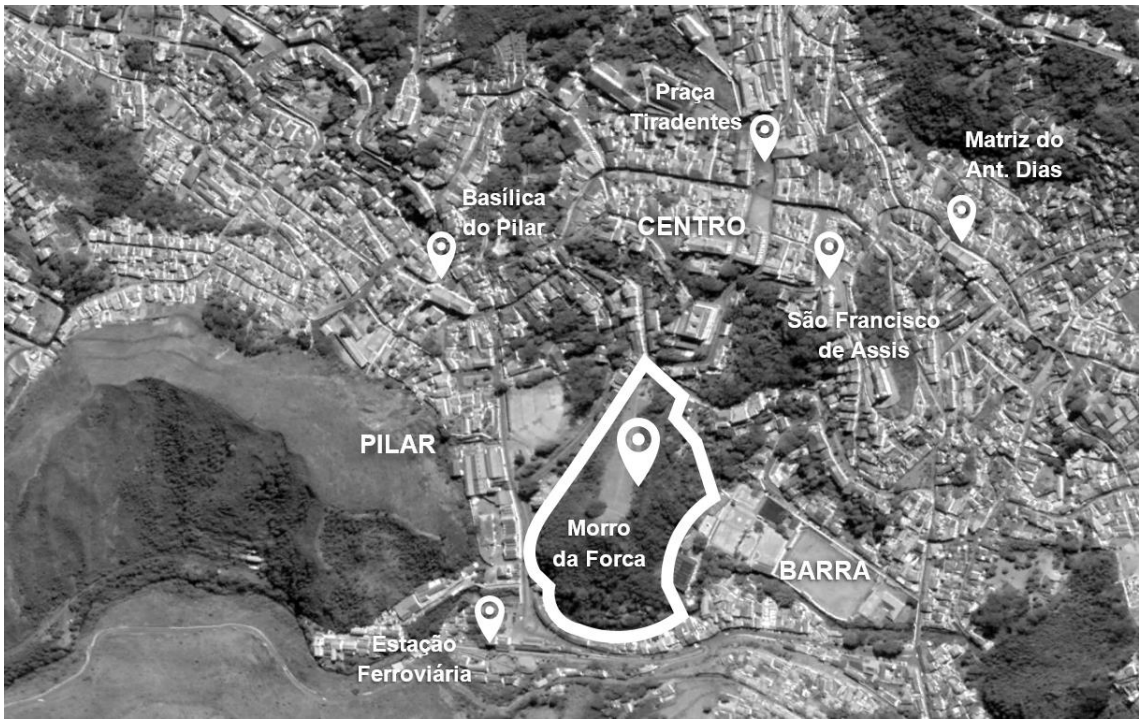
This article presents a survey of the history of uses in Morro da Forca, a former hanging site in Ouro Preto-MG, currently known as one of the main viewpoints in the historic center of the former colonial city. It also presents plans and intentions to use the same space, which prove that since the mid-19th century there has been pressure from local actors for it to be directed towards leisure and socialization, offering not only opportunities for contemplation, but also for recreation and sports. Through a brief analysis of the legal (environmental and historical-patrimonial) and also geotechnical conditions, it is clear that any intervention to be carried out in it should aim for the least possible impact, as, in addition to its top having great visibility in the landscape of the historic center, the elevation is formed by soil of considerable instability. Even so, we believe that this space can receive discreet interventions capable to improve its accessibility and guarantee a more inclusive use, becoming a real leisure option in the daily life of the local population and offering more comfort to the tourist experience.

Keywords: heritage, public space, Ouro Preto

## 1. Introdução

Morro da Forca é o nome dado a uma íngreme elevação situada em uma ZPAM (Zona de Proteção Ambiental) na porção sul do Centro Histórico de Ouro Preto[1], mais precisamente, no encontro entre os tradicionais e valorizados bairros do Centro, Pilar e Barra. Este acidente geográfico faz parte do sistema de espaços livres de uso público que se encontra inserido na porção de tecido urbano do município que ainda conserva fortes características da cidade colonial mineradora dos séculos XVIII e XIX (FIGURAS 01 e 02).

Figura 01: Vista aérea do Morro da Forca inserido no Centro Histórico de Ouro Preto




Fonte: Google Earth. Acesso em 31 out. 2021. (Modificado pelos autores)

Figura 02: Vista do Morro da Forca a partir do mirante do Campus da UFOP

Fonte: Google Street View. Acesso em 31 out. 2021. (Modificado pelos autores)

[1] Reconhecido legalmente pelo zoneamento denominado ZPE - Zona de Proteção Especial.

Apesar de acolher alguns eventos esporádicos, que conferem ao seu grande platô[2] raros momentos de vitalidade ao longo do ano, atualmente, o principal papel do Morro da Forca é o de mirante, o que faz com que as apropriações em seu recinto sejam majoritariamente de natureza contemplativa. Esta, aliás, é uma forte característica de muitos dos espaços públicos presentes nesse mesmo sistema - são referências de lazer e de vitalidade graças a eventos de grande projeção ali sediados, como o Carnaval ou a Semana Santa, mas são muito pouco apropriados no quotidiano. Acreditamos que a falta de atratividade nesses espaços em dias comuns impacte negativamente não apenas a qualidade de vida da população local, mas também a atividade turística, fazendo com que grande parte das experiências de lazer e de trocas da cidade ocorra em ambientes fechados e, não raro, privados.

A escolha do objeto de estudo deste trabalho justifica-se por ser, entre os espaços livres de uso público componentes do sistema analisado: 1) o que tem a maior área livre desobstruída e plana da área de estudo (aprox. 5.300m²) - algo bastante raro no Centro Histórico de Ouro Preto; 2) o que tem uma das posições mais centrais; 3) um dos mais bem conectados a uma das principais rotas viárias da cidade (apesar de sua área apropriável se situar em uma cota altimétrica bem superior a de seu acesso principal); 4) aquele que possui uma das vistas mais panorâmicas de todo o centro antigo e, no entanto, 5) um dos espaços de surpreendente menor vitalidade quotidiana. No entanto, ao investigar sua história, nos deparamos com um passado de usos (e de intenções de usos) de caráter bastante dinâmico, indo muito além de seu conhecido uso como antigo local de enforcamentos (FIGURA 03), ratificando suas potencialidades de apropriação e também sua relevância simbólica.

Figura 03: Resquícios da antiga forca

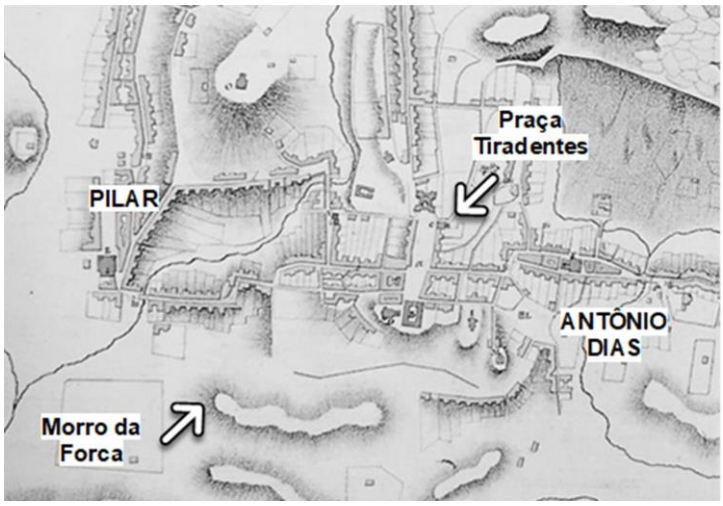
Fonte: Acervo pessoal, 2021.

Este trabalho teve, então, como objetivo principal, investigar de que maneira os eventos históricos relacionados ao Morro da Forca ao longo dos séculos buscaram atenuar seu passado de morbidez e, também, verificar se este conseguiu alcançar, finalmente, uma nova significação para a população ouropretana, se transfigurando como um verdadeiro espaço livre de uso público. Para tanto, utilizamos como fontes trabalhos já consolidados sobre a história de Ouro Preto, como a obra de Vasconcellos (1956) e dados primários disponíveis em acervos como o Arquivo Municipal de Ouro Preto, o Arquivo Público Mineiro e a Biblioteca Nacional. Foram de especial relevância a análise da cartografia histórica e, principalmente, as pesquisas realizadas junto às Hemerotecas Digitais desses arquivos, nas quais foram encontradas valiosas informações, parcialmente relatadas a seguir. No entanto, para informações sobre o uso do espaço no último quartel do século XX e no século XXI, foram mais úteis as informações coletadas através de entrevistas semi-estruturadas, realizadas entre setembro e dezembro de 2021, e também as informações encontradas em redes sociais.

[2] O cume da elevação foi aplainado ainda no século XIX

## 2. Planos para novos usos: entre passeios públicos e monumentos

Figura 04: O Morro no último quartel do séc. XVIII




Fonte: ARAÚJO, 2018. Modificado pelos autores.

Apesar de permanecer aparentemente sem uso durante todo o Período Colonial (FIGURA 04), durante o Império, o Morro da Forca foi o lugar eleito para a realização dos enforcamentos dos condenados[3], o que lhe conferiu o nome ainda utilizado. Curiosamente, antes mesmo da extinção da pena de morte por enforcamento no país, a prática parece ter sido abolida na cidade, ao menos em locais públicos, e o local permaneceu sem uma destinação específica até os dias atuais. Contudo, seu potencial para a congregação de pessoas foi reconhecido em diversos momentos da história de Ouro Preto, especialmente na segunda metade do século XIX, quando surgiram várias propostas de novos usos para o espaço. Essas propostas comprovam uma inquietação já crônica da população em relação à conferência de um novo destino para o local - um que fosse mais especificamente voltado ao lazer, que parece perdurar até o momento contemporâneo.

Uma das primeiras propostas encontradas para a readequação do morro a um novo uso foi localizada em uma edição de 1853 do jornal *O Bom Senso* (quase vinte anos antes da extinção do enforcamento como pena capital no Brasil), na qual se encontra registrada uma ata de sessão ordinária da Assembléia Legislativa Provincial, contendo um parecer da Comissão de Fazenda sobre "a construcção de um passeio publico[4] no logar denominado Morro da Forca". Nesse, a comissão se posiciona contrária à iniciativa, argumentando que:

> "[…] é de parecer que a proposta não póde ser, por ora admissivel, quando a provincia tem em andamento outras muitas obras de necessidade; como sejão a construcção de estradas, pontes, canaes, que sem dúvida alguma, <u>são preferiveis a obras de luxo e recreio</u>. (ASSEMBLÉA…, 1853, grifo dos autores) "

Mesmo com a recusa em se empreender tal obra, identificando-a como não prioritária frente a outras demandas locais, o antigo local de punição dos condenados voltou à cena quando

[3] A primeira forca, utilizada durante o Período Colonial, se localizava no bairro Cabeças. O enforcamento foi empregado como pena capital comum no Brasil Colonial e Imperial até a segunda metade do século XIX, quando a prática foi abolida por Dom Pedro II. Fonte: Senado Notícias. Disponível em: <http://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2016/04/04/ha-140-anos-a-ultima-pena-de-morte-do-brasil>. Acesso em: 07 set. 2017.

[4] Jardim urbano de passeio, aberto ao público, cujas origens remontam, principalmente, aos jardins românticos ingleses do século XVIII, que se proliferaram pelas cidades de países centrais, mas também periféricos, nos séculos XIX e XX.

Henrique Gerber[5], responsável pela organização das duas primeiras Exposições Industriais do país[6], foi incumbido, ainda na década de 1860, de escolher um local para a construção de um pavilhão permanente para sediar as exposições futuras[7]. A escolha do Morro da Forca pretendia aproveitar o valioso terreno disponível, situado próximo à praça central da cidade e de grande destaque na paisagem, dando-lhe uma destinação capaz de trazer uma renovação de ares ao antigo local de passado tão macabro.

Apesar do topo do morro ter começado a ser aplainado para receber a edificação de Gerber, tal iniciativa não teve prosseguimento, muito provavelmente por falta de recursos. No entanto, a partir da década de 1880 encontramos novos planos para o local, notadamente a construção de um jardim público, noticiado pelo jornal *A Actualidade* em diversas edições. Em uma delas, que transcreve a sessão de 18 de Outubro de 1880 da Assembléia Legislativa Provincial, encontramos o seguinte relato do deputado Manoel Fulgêncio, criticando duramente a escolha do Morro da Forca como local destinado para tal fim:

> "O Sr. Dr. Prado Pimentel, Sr. presidente, dando um passeio pelo Morro da Forca, reconheceu que aquele terreno arido, enfezado e esteril, prostava-se para um bello jardim publico. Correndo as vistas pelos abysmos, que se notão dos tres lados daquelle Morro, entendeu ter encontrado o bello horrivel de que fallão os poetas, e que por tanto valia a pena a provincia despejar alli alguns contos de reis, ao menos em beneficio d'aquelles que os recebessem.
> […]
> Ora, Sr. presidente, quando estamos a braços com um deficit horroroso, quando a nossa provincia acha-se em críticas circunstancias financeiras, quando precisamos de dinheiro para pagar os empregados publicos, a força publica e para ocorrer às necessidades moraes e materiaes, e inadeaveis, é que o Sr. Dr Prado Pimentel lembrou-se de despejar alguns contos de reis no Morro da Forca!
> Eu comprehendo, Srs., que esses passeios publicos, estes jardins, são muito necessarios e de grande utilidade nas capitaes, e desejaria que tivessemos um, senão igual aos do Rio de Janeiro e S. Paulo, ao menos que os imitasse de longe.
> Mas, Sr. presidente, para isto era necessario que se escolhesse terreno apropriado…" (ASSEMBLEA…, 1880)

Assim, percebemos que o argumento da falta de recursos continuou sendo empregado para desmoralizar a obra, mas que a ele se sobrepôs o julgamento sobre o real potencial do morro para receber esse tipo de equipamento. As qualidades do Morro da Forca, no entanto, parecem ter dividido as opiniões locais, pois em 1887, cinco anos antes do início da construção do Monumento a Tiradentes na então Praça da Independência[8], encontramos referência ao plano de se erguer, nesse mesmo morro, o monumento que viria a ser um dos principais marcos da cidade de Ouro Preto:

[5] Heinrich August Anton Gerber, engenheiro alemão que trabalhou em Minas Gerais entre 1857 e 1867 como responsável pela Repartição de Obras Públicas da Província. (RENGER, in GERBER, 2013).
[6] Realizadas em 1861 e 1862 em Ouro Preto, na região do atual Campus Morro do Cruzeiro da UFOP.
[7] GERBER, 2013.
[8] Nome dado à Praça Tiradentes no Período Imperial.

> "Vimos em miniatura esse grandioso projecto que se for avante hade, dando a nossa capital um aspecto magestoso, salientar mais uma vez os brios do povo mineiro que ainda não ficou na retaguarda, em questão de patriotismo.
> Esse monumento é verdadeiramente a encarnação de uma ideia em cantaria.
> Levantar uma estatua a Tira-dente é, alem da saldação de uma divida de honra, a sagração da ideia que tem sido em todos os tempos o apanagio dos povos que caminham para a luz;
> O projecto se resume n'isto: Um pedestal de 25 metros, em forma de escadarias, com dois salões immensos, occupando o vertice do triangulo formado por dois edificios publicos e pelo mesmo pedestal.
> Sobre este fundida em bronze a estatua do martyr Tira-dentes!
> Os edificios serão perfeitamente semelhantes na construcção e no gosto artistico.
> O logar destinado para o monumento é o Morro da Forca.
> O projecto é grande, patriotico e sublime." (MONUMENTO…, 1887)

Percebe-se que a proposta visava não apenas construir o monumento no morro, mas ali edificar um verdadeiro memorial à figura do mártir da Inconfidência Mineira. No entanto, preferiu-se, posteriormente, substituir o local de implantação pela atual Praça Tiradentes, praça principal da cidade, onde supostamente os restos mortais de Joaquim José da Silva Xavier foram exibidos após o traslado do Rio de Janeiro para Ouro Preto, reduzindo o projeto à coluna e ao seu pedestal hoje existente.

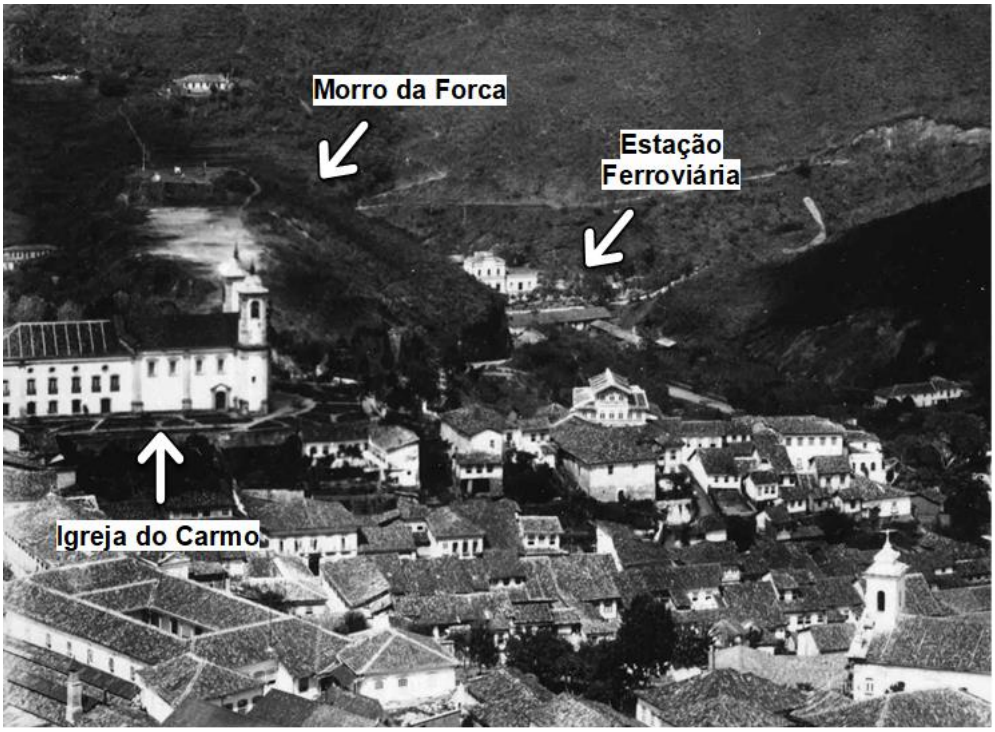
Alguns anos mais tarde, na década de 1890, vemos que a continuação do "desmonte" do Morro da Forca voltou a fazer parte da pauta municipal, chegando a ser incluída no Plano de Melhoramentos da Capital[9]. De todas as obras intencionadas para a antiga cidade, entre melhorias no abastecimento de água e construção de novas casas, a única obra documentadamente iniciada foi esta, que visava nivelar o morro na altura da atual Rua Xavier da Veiga (antigo Caminho Novo) para o estabelecimento de um novo pólo de habitações e lazer, como atesta o registro da proposta em edição de 1891 do jornal *O Estado de Minas Geraes*:

> "Arrazar o mais possivel o Morro da Forca e aterrar o desbarrancado atraz da cadêa e chacara <<Eduardo>> desapropriando o terreno necessario e preparando-o para edificações. Construir nestes terrenos 100 casas, de construcção e estylo modernos e elegantes, feitas de pedra, tijollos, madeira; fazer um jardim de recreio e um <<polytheama>> que se presta ao funccionamento de companhias lyricas, dramaticas e equestres, construindo no jardim pavilhões para restaurantes, jogos e diversões publicas." (PROPOSTAS…, 1891, grifo dos autores)

Apesar do desaterro ter sido iniciado (FIGURA 05), observa-se que a obra foi mais uma vez interrompida por esgotamento dos recursos municipais e, aparentemente, com a chegada do século XX e com a transferência da sede do estado para a recém inaugurada Belo Horizonte, a era dos grandes planos se findou. Entretanto, teve início um novo momento na história do morro - a era de eventos recreativos e de valorização da contemplação da paisagem histórica.

[9] Conjunto de obras intencionadas pra Ouro Preto visando modernizá-la e, com isso, não apenas melhorar a qualidade de vida de seus habitantes mas, principalmente, evitar a perda de status de capital do estado para outra localidade mineira.

Figura 05: Morro da Forca no final do século XIX




Fonte: ARAÚJO, 2018.

## 3. Apropriações populares: entretenimento e contemplação

Com a decisão final da transferência da capital do Estado de Minas Gerais para outra localidade, ainda a ser construída, os planos de melhorias monumentais a serem feitas em Ouro Preto foram perdendo força política e viabilidade econômica. Assim, o Morro da Forca deixou de ser um local visado para intervenções mais audazes. No entanto, ainda no final do século XIX, encontramos referências a um uso bastante inusitado no local - a prática de touradas[10]. Não sabemos ao certo durante quanto tempo o morro abrigou essa atividade, mas encontramos várias menções à Praça de Touros do Morro da Forca em edições de 1896 do jornal *Minas Geraes*, como:

> "Realiza-se hoje às 2 horas da tarde, a inauguração da praça de touros construida no Morro da Forca onde vae trabalhar a companhia tauromachica hespanhola, de que é empresario o sr. Henrique Lustre". (COMPANHIA…, 1896)

> "Realizou-se, ante-hontem, a inauguração da praça de touros construida no morro da Forca e na qual está trabalhando a Companhia Tauromachica Hespanhola, de que é empresario o sr. H. Lustre.
> […]
> A concurrencia a estes espetaculos tem sido bastante crescida". (PRAÇA…, 1896)

[10] Encontramos outras menções a realização de touradas em Ouro Preto no século XIX, ainda no Período Imperial, mas em nenhuma delas havia a indicação do local onde os espetáculos eram realizados (talvez, na Praia do Circo) até a mencionada construção da Praça de Touros do Morro da Forca.

> "Chegaram novos touros para a companhia tauromachica de que é empresario sr. Lustre. Hoje às 3 1/2 horas da tarde ha na praça de touros um espectaculo." (PRAÇA…, 1896b)

Assim, concluímos que apesar de tantos planos, após o desmonte da forca, as touradas foram, a princípio, o único uso devidamente documentado no espaço ao longo do século XIX. Aparentemente essa atividade não demandava a instalação de estruturas muito complexas, assim como as coevas atividades circenses sediadas na região à época conhecida como Fundos do Ouro Preto[11], não exigindo recursos maiores para a sua acomodação. Como não prescindiam de uma maior ação sobre o terreno, aparentemente também não representaram nenhum impacto geodinâmico considerável para o morro, adiando a preocupação com sua instabilidade para o próximo século.

Como supramencionado, durante o século XX as propostas de ocupação do local por projetos mais audaciosos se arrefeceram, salvo por algumas iniciativas isoladas - seja pela carência de recursos públicos, seja também pelo reconhecimento da condição de instabilidade de suas encostas, cujos deslizamentos parciais em épocas chuvosas já impactaram algumas vezes o entorno[12]. Sua vocação como mirante, no entanto, foi sendo cada vez mais reconhecida e explorada, ainda que dentro da precariedade de acesso que este sempre pareceu ter, como nos indica a carta de um leitor ao redator do jornal *Tribuna de Ouro Preto,* publicada em 1946:

> "O panorama que se descortina de S. Francisco de Paula, local preferido pelos visitantes, se bem que cheio de encantos, tem, todavia, a sua visão quase que limitada ao distrito de Ouro Preto. De lá, pouco se vê do distrito de Antonio Dias[13]. Para uma apreciação de conjunto das duas principais vertentes em que foi construida a Vila Rica, de seu desenvolvimento da curiosa disposição do casario grimpando os morros nas duas paróquias, da quase totalidade de suas igrejas e capelas, penso não haver lugar que melhor se preste ás delícias dos olhos do forasteiro, ávido de conhecer de relance tudo que possui a cidade, do que seja do Morro da Fôrca. Além de ter este um lugar na história de Ouro Preto, como sendo onde se aplicava a pena máxima aos condenados, possui a vantagem de se achar situado à pouca distância do centro da cidade.
> Para que o Morro da Fôrca possa ser convertido em ponto de atração para os turistas e regalo dos habitantes da cidade, torna-se necessário que se construa um caminho de acesso, sempre mantido em bom estado de conservação, com declive muito menor que o do atual. Melhor seria (e isto é viável) que se fizesse uma estrada para automóvel, em desenvolvimento pelo Morro, contornando-o." (MORRO..., 1946, grifo dos autores)

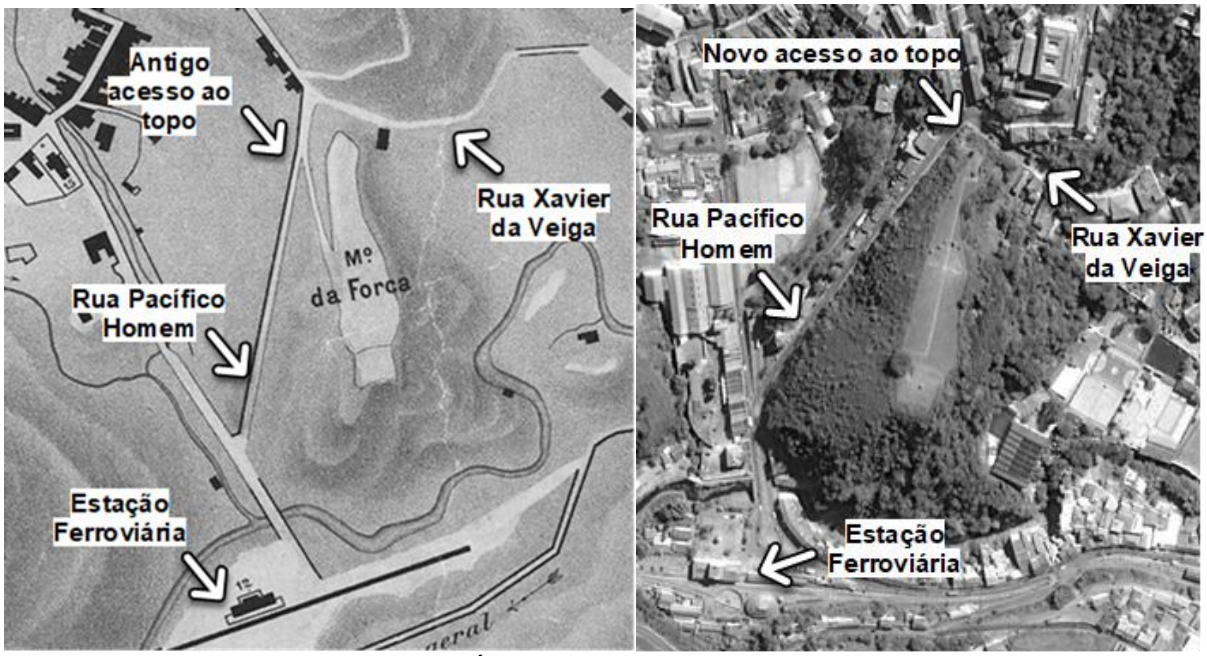
[11] Fundos do Ouro Preto, ou Praia do Circo, eram os nomes dados aos terrenos situados nas margens do Córrego do Ouro Preto (ou Córrego dos Contos), nos fundos da Igreja de Nossa Senhora do Pilar.
[12] O Sr. Ângelo Oswaldo, atual prefeito do Município de Ouro Preto, nos informou em entrevista realizada no dia 02 de abril de 2018, que o arquiteto mineiro Éolo Maia chegou a desenvolver um projeto arquitetônico de centro de lazer e cultura para o morro, mas que a proposta era inviável, entre outros, também por desconsiderar o risco de deslizamentos o qual as encostas da elevação estão sujeitas.
[13] O tecido urbano de Ouro Preto se dividia, tradicionalmente, entre os dois principais distritos mineradores de Ouro Preto (Nossa Senhora do Pilar) e de Antônio Dias desde sua época de fundação.

No desenvolvimento desta pesquisa não conseguimos identificar precisamente quando, na segunda metade do século XX, foram feitas as obras no morro que lhe conferiram seu atual acesso[14], hoje claramente demarcado através de um portão formado por pórtico em pedra e concreto e gradil em ferro (FIGURA 06), situado no encontro da Rua Pacífico Homem com a Rua Xavier da Veiga. Logo após a passagem deste se inicia a longa escadaria de concreto e quartzito (FIGURA 07), de mais de uma centena de degraus de dimensões de pisos e espelhos variáveis, que não possui guarda-corpo ou qualquer outro elemento de proteção ao pedestre, e que conduz ao topo do morro. Nele observamos um passeio estreito, que leva ao círculo pavimentado utilizado como heliponto (FIGURA 08), e a um platô menor e mais elevado, localizado ao sul, onde se localiza o pedestal de pedra onde, supostamente, os enforcamentos eram feitos. Observa-se, no entanto, ao analisar os registros cartográficos históricos, que até o final do séc. XIX o topo parece ter sido acessado por uma rampa lateral - aparentemente o íngreme caminho descrito pelo leitor do jornal supracitado (FIGURAS 9 E 10).

Figuras 06, 07 e 08: Portão, escadaria de acesso e platô no Morro da Forca

Fonte: Acervo pessoal, 2017 e 2021.

Figuras 9 e 10: Morro da Forca em 1888 e em 2016




Fonte: ARAÚJO, 2018. Modificado pelos autores.

[14] Algumas informações ainda estão sendo levantadas na busca de se realizar uma pesquisa exaustiva sobre o histórico de intervenções no Morro da Forca.

Apesar de não termos encontrado registros documentais de intervenções mais recentes no morro nos arquivos municipais (Acervos históricos, arquivos da Secretaria de Obras, da Secretaria de Patrimônio ou arquivos da Câmara Municipal), nos chamou a atenção o fato de que nos gramados laterais ao passeio central do platô há indícios de que, em um passado não tão distante, esse espaço já tenha suportado atividades de recreação pois, como pode ser identificado na Figura 11, nele ainda há vestígios de um antigo *playground*.

Figura 11: Morro da Forca - vestígios de antigo *playground*

Fonte: Acervo pessoal, 2021.

Assim, entrevistamos dezenas de pessoas, em especial servidores da administração pública e da Universidade Federal de Ouro Preto, em busca de mais informações sobre esse "outro" Morro da Forca, tão pouco documentado. Muitos afirmaram que, quando mais jovens, chegaram a usufruir do playground e que o morro era uma de suas principais lembranças da infância; falam do espaço com muita nostalgia e lamentam o estado atual em que o mesmo se encontra. Aparentemente, a FAOP (Fundação de Arte de Ouro Preto) e a CEMIG (Companhia Energética de Minas Gerais) também organizavam "festivais de papagaios" no alto do morro, fazendo do espaço uma grande referência de local de recreação e sociabilização para a população ouropretana dos anos 1980.

Figura 12: Recreação no Morro da Forca (anos 1980?)

Fonte: Acervo Pessoal De Victor Godoy

O professor aposentado da Universidade Federal de Ouro Preto, Victor Godoy, ex Pró-Reitor de Extensão, nos cedeu imagens que comprovam esses e outros momentos de grandes apropriações no morro no último quartel do século XX, como a realização do I Seminário Brasileiro de Musica Instrumental, em 1986, e a filmagem do longa-metragem *Os Inconfidentes*, de Joaquim Pedro Andrade, em 1971, além de outros eventos culturais (FIGURA 12).

## 4. O morro como espaço de vitalidade: expectativas e limitações

Atualmente, assim como ressaltado na supracitada carta publicada em 1946, o Morro Da Forca é conhecido entre os moradores e turistas por ser um dos pontos de melhor visibilidade do centro histórico, oferecendo uma vista panorâmica em 360º e se configurando assim como um excelente mirante. Depois de tantos futuros imaginados e tantas formas de apropriação livre, esse foi o uso que mais perdurou no alto das suas íngremes e instáveis encostas. Ocasionalmente, este ainda é utilizado como espaço de pequenos eventos - como o festival Rock Generator - mas, no dia a dia, sua vitalidade é mínima, resumindo-se a uma modesta visitação para fins de contemplação e entretenimento pessoal. Entretanto, as evidências de consumo de drogas no local[15], associado às histórias de eventuais assaltos e agressões[16] ali ocorridas, são geralmente utilizadas como justificativa para que parte da população fique intimidada em se apropriar melhor do espaço.

No entanto, ao analisar as características do morro com maior profundidade, outras questões parecem influenciar mais diretamente na fraca intensidade de apropriações quotidianas do que os motivos supracitados. Entre elas estão o fato da área efetivamente apropriável do morro estar situada em uma cota altimétrica muito acima dos espaços de circulação do centro histórico[17]. Ou seja, essa área se encontra dissociada não somente da vitalidade dos fluxos, mas também da visibilidade e da segurança garantida pela presença constante de pessoas em trânsito. Além disso, o fato do único acesso ao topo ser feito por uma escadaria longa e desprotegida faz com que a acessibilidade a este seja muito limitada, inibindo, inclusive, a visita por aqueles que não necessariamente tem mobilidade reduzida, mas se vêem desmotivados pelo esforço físico necessário para se chegar ao objetivo final. A capacidade do "objetivo final" em atrair e reter a população também é questionável, pois apesar da vista do alto do morro ser indiscutivelmente interessante, a falta de outras oportunidades de entretenimento e de apropriação (o espaço não oferece nenhum mobiliário em condições de uso) faz com que a população, em especial a local, não tenha um motivo concreto para visitar o espaço no quotidiano.

Nos documentos da Câmara Municipal de Ouro Preto também encontramos diversas queixas em relação ao estado de conservação do espaço, assim como pedidos de que esse seja revitalizado, como essa indicação de 2009:

> "[…] solicitando melhorias no "Morro da Forca", conhecido ponto turístico de nossa cidade.
> Tal indicação se faz de fundamental importância para a comunidade ouropretana pois o referido local encontra-se completamente abandonado, sendo utilizado principalmente, por pessoas com atitudes suspeitas, inibindo a visitação ao local.
> As referidas melhorias seriam no sentido de instalações adequadas ao local, como por exemplo, banheiros, iluminação, seguranças, paisagismo, equipamentos de lazer, etc." (OURO PRETO, 2009, grifo dos autores)

[15] É comum flagrar o uso de maconha ou mesmo visualizar os restos de cigarro de maconha e de garrafas de bebidas alcóolicas pelo chão.

[16] VICENTIM, 2003.

[17] Entre o portão de acesso e o platô a diferença altimétrica chega a 19 metros.

Identificamos igualmente que, em 2020 foi aprovada uma lei municipal que cria o Parque Cultural e Ambiental do Morro da Forca, que "tem por finalidade promover e desenvolver a proteção da área verde, atividades de lazer para a família, atividades culturais que integrem a comunidade". Não há ainda, no entanto, um projeto arquitetônico aprovado para o espaço, nem propostas que contemplem um programa claro de atividades a serem ali ofertadas. Ainda assim, a criação formal do Parque nos dá indícios de que existe uma demanda concreta para que o Morro da Forca ofereça novamente oportunidades de lazer quotidiano à população local, ultrapassando sua reconhecida relevância como espaço de notável interesse ambiental, histórico e turístico. Desta forma, acreditamos que seria muito proveitoso que fossem feitos estudos para a readaptação do espaço para o lazer contemporâneo, fazendo com que este recebesse novos mobiliários dedicados à recreação e aos esportes, melhorias no acesso ao topo, iluminação e dispositivos de segurança, ampliando sua atratividade para os turistas, mas especialmente para a população local. No entanto, faz-se necessário respeitar tanto as condições ambientais peculiares do morro, quanto as condições histórico-patrimoniais deste, uma vez que ele se situa dentro do limite protegido pela legislação municipal e pelo IPHAN.

Ao analisar o mapa de zoneamento proposto pela Lei de Parcelamento, Uso e Ocupação do Solo (OURO PRETO, 2011), vemos que o Morro da Forca foi incluído em uma ZPAM. Para resguardar seu patrimônio ambiental e para que não se coloque em risco sua estabilidade geológica, este foi protegido de qualquer tipo de parcelamento e de ocupação, salvo por parecer favorável de Grupo Técnico[18] e pela Secretaria Municipal de Meio Ambiente. Verifica-se que no Mapa de Risco do Distrito-Sede, desenvolvido pela Prefeitura Municipal de Ouro Preto em 2009, a área na qual o Morro da Forca se situa está inserida nas manchas de Risco 2 (médio) e Risco 3 (alto), o que desaconselha a edificação dentro dos seus limites. No dia 13 de janeiro de 2022, inclusive, devido a fortes chuvas na região, uma parte da encosta sul do morro deslizou, destruindo completamente um dos casarões históricos do bairro do Pilar (Solar Baeta Neves), fato amplamente noticiado na mídia nacional. Em decorrência desta tragédia e do risco de mais deslizamentos, no dia 24 de janeiro, a Prefeitura Municipal determinou a interdição do acesso ao Morro da Forca por tempo indeterminado. Este não foi o primeiro deslizamento de encostas ocorrido no local, pois encontramos registros de outros acidentes desde o ano de 1895.

O Morro da Forca também é protegido na esfera federal pelo Novo Código Florestal, que o caracteriza como APP (Área de Proteção Permanente), área na qual é vedada a supressão vegetal e a edificação, mas admite-se o acesso de pessoas e animais para a realização de atividades de baixo impacto ambiental e a implantação de "infraestrutura pública destinada a esportes, lazer e atividades educacionais e culturais" (BRASIL, 2012).

Em relação às medidas de proteção histórico-patrimoniais municipais há uma preocupação com a manutenção do quadro natural e da paisagem que envolve o conjunto urbano antigo de Ouro Preto, em especial a manutenção das principais visadas e perspectivas. Assim, percebe-se que a instalação de edificações ou mobiliários de destaque no topo do Morro da Forca seria extremamente desaconselhável, pois seria percebida de vários pontos do centro

[18] À época da redação da lei, deveria ser composto por representantes da (agora extinta) Secretaria Municipal de Patrimônio e Desenvolvimento Urbano, da Secretaria Municipal de Meio Ambiente, da Secretaria Municipal de Obras, do Serviço Municipal de Água e Esgoto, do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), da Universidade Federal de Ouro Preto e do Instituto Estadual de Florestas.

histórico, graças à posição proeminente desse espaço público na paisagem. Em relação à esfera federal de proteção do patrimônio histórico, vemos que a Portaria nº312 do IPHAN ratifica essa preocupação com a manutenção da paisagem, mas traz uma inovação em respeito aos espaços públicos, aconselhando que esses sejam reabilitados através de intervenções. Essa legislação cria, inclusive, a Unidade Paisagística do Morro da Forca, determinando que para esta seja criada um Plano de Ocupação Específico.

Desta forma, verificamos que os condicionantes legais para a intervenção nesse espaço limitam, mas não impedem que nele sejam feitas melhorias que incentivem um maior número de apropriações quotidianas. Apesar da edificação no local ser desaconselhada por razões ambientais e também paisagísticas, acreditamos que as atividades de lazer ativo e passivo poderiam ser acolhidas através da instalação de mobiliários discretos e, até mesmo, de caráter efêmero, propiciando um menor impacto visual, geológico, e também a possibilidade de reorganização espacial conforme a demanda. Assim, observa-se que há uma real viabilidade na concretização das ambições das gerações passadas e presentes em relação à criação de um ambiente de lazer no alto do Morro da Forca. Atenta-se, no entanto, que essa iniciativa deva ser promovida dentro de uma perspectiva mais contemporânea, respeitosa às questões ambientais e patrimoniais, e de forma a não comprometer a flexibilidade de apropriações no morro. Assim, seria possível preservar a utilização do espaço para eventos diversos, mas propiciar que o Morro da Forca fosse cada vez mais incluído nos hábitos quotidianos de lazer da população, afastando-o de seu estigma de morbidez e concretizando os anseios de transformá-lo em um espaço alegre e plural.

## REFERÊNCIAS


- ARAÚJO, A.V., 2018, Espaços livres de uso público em Ouro Preto (MG): heranças históricas, desafios contemporâneos, 707p. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/MMMD-BAAJTC>. Acesso em: 06 mai. 2019.

- ASSEMBLEA Legislativa Provincial, 1880, Ajardinamento do Morro da Forca e transferencia da biblioteca, Continuação da sessão de 18 de Outubro. In *A Actualidade: Órgão do Partido Liberal*, Ouro Preto, Anno III, nº120, 02 nov. 1880. Minas Geraes, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/230359/1663>. Acesso em: 26 jun. 2018.

- ASSEMBLÉA Legislativa Provincial, 1853, Pareceres de Comissões, Sessão ordinaria em 14 de abril de 1853. In *O Bom Senso*, Ouro Preto, Anno 2º, nº122, 25 abr. 1853. P. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/715107/129>. Acesso em: 29 jun. 2018.

- BIBLIOTECA NACIONAL, 19--, Vista parcial de Ouro Preto: Freguesia, fundos de Ouro Preto (Autoria desconhecida). In Acervo Digital Iconográfico da Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_iconografia/icon622610/icon622610.jpg>. Acesso em: 09 fev. 2018.

- BRASIL. *Lei nº 12.651, de 25 de maio de 2012*, que Dispõe sobre a proteção da vegetação nativa; altera as Leis nº 6.938, de 31 de agosto de 1981, 9.393, de 19 de dezembro de 1996, e 11.428, de 22 de dezembro de 2006; revoga as Leis nº4.771, de 15 de setembro de 1965, e 7.754, de 14 de abril de 1989, e a Medida Provisória nº2.166-67, de 24 de agosto de 2001; e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12651.htm>. Acesso em 08 out. 2018.

- BRASIL. MINISTÉRIO DA CULTURA. INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. *Portaria nº312 de 20 de outubro de 2010,* que Dispõe sobre os critérios para a preservação do Conjunto Arquitetônico e Urbanístico de Ouro Preto em Minas Gerais e regulamenta as intervenções nessa área protegida em nível federal. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/Portaria_n_312_de_20_de_outubro_de_2010.pdf>. Acesso em: 09 ago. 2017.

- BROSENIUS, W., 1888, Planta da Cidade de Ouro Preto. In Acervo Digital Cartográfico da Biblioteca Nacional. Disponível em <http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart542317/cart542317.jpg>. Acesso em 25 de set. 2017.

- GERBER, H., 2013, Noções geográficas e administrativas da Província de Minas. In Organização e estudo crítico de Friedrich Renger, 211 p.

- COMPANHIA Tauromachica, 1896. In Orgam Official dos Poderes do Estado (Noticiário), Ouro Preto, Anno V, nº125, 10 mai. 1896, p. 6. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/291536/9362>. Acesso em: 29 jun. 2018.

- MORRO da Fôrca, 1946, Melhoramentos da cidade. In *Tribuna de Ouro Preto*, Ouro Preto, Ano 01, nº23, 10 mar. 1946., p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/767140/90>. Acesso em: 29 jun. 2018.

- OURO PRETO. *Lei Municipal Complementar nº93 de 20 de janeiro de 2011*, que Estabelece normas e condições para o parcelamento, a ocupação e o uso do solo urbano no Município de Ouro Preto. Disponível em: <http://200.97.17.194/arquivos/sisnorm/NJ_txt(12228).html> Acesso em: 14 mar. 2017.

- OURO PRETO. *Indicação nº51 de 17 de fevereiro de 2009*. Disponível em: <http://189.90.245.99/arquivos/sismat/00000006168.pdf>. Acesso em: 30 jun. 2018.

- OURO PRETO. *Lei Municipal nº1.184 de 30 de setembro de 2020*, que diz que Fica criado o Parque Cultural e Ambiental do Morro da Forca. Disponível em: <https://sgm.ouropreto.mg.gov.br/arquivos/norma_juridica/053a62c8bc67082f1a2a00c2fec81410.html>. Acesso em: 18 jan. 2022.

- PLANTA de Vila Rica de Nossa Senhora do Pillar, 1800. In APM-079, Coleção de Documentos Cartográficos do Arquivo Público Mineiro. Disponível em: <http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/grandes_formatos_docs/viewcat.php?cid=727>. Acesso em: 30 set. 2017.

- PRAÇA de Touros, 1896. In *Minas Geraes: Órgão Official dos Poderes do Estado* (Noticiário), Ouro Preto, Anno V, nº130, 15 mai. 1896, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/291536/9389>. Acesso em: 29 jun. 2018.

- PRAÇA de Touros, 1896b *Minas Geraes: Órgão Official dos Poderes do Estado* (Noticiário), Ouro Preto, Anno V, nº132, 17 mai. 1896, p. 6. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/291536/9406>. Acesso em: 29 jun. 2018.

- PROPOSTAS abertas na sessão do conselho de intendencia municipal, realisada no dia 23 do corrente mez, para as obras de melhoramentos e emprestimo da quantia de 200:0000000, conforme o edital expedido em data de 28 de junho proximo findo., 1891. In *O Estado de Minas Geraes: Orgão Official*, Ouro Preto, Anno II, nº179, 24 jul. 1891. Intendencia Municipal, p. 3. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/305367/51>. Acesso em: 29 jun. 2018.

- REIS, N. G., 2000, Imagens de Vilas e Cidades do Brasil Colonial, p. 414.

- TISO, A., 2013, Ouro Preto em Branco e Preto. Disponível em: < http://ouropretoempretoebranco.blogspot.com.br.>. Acesso em: 08 jan. 2017.

- UNIÃO POSTAL, 1887, Monumento Tira-dentes. In *Periodico Litterario e Noticioso*, Ouro Preto, Anno 01, nº16, 08 out. 1887, Noticiário, p. 3. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/767514/53>. Acesso em: 29 jun. 2018.

- VICENTIM, M. T., 2003, História do Cárcere e Histórias de Cárcere, Monografia, 77 p.

# Elementos urbanos de inspiração francesa no Rio de Janeiro
# **Éléments urbain d'inspiration française à Rio de Janeiro**

**Antonio Ferreira COLCHETE FILHO**
*Professor Titular, FAU/PROAC-UFJF, Brasil*
**Danielle Lopes VILAS**
*Arquiteta e Urbanista, FAU-UFJF, Brasil*
**Anna Calil e SOUZA**
*Acadêmica de Arquitetura e Urbanismo, FAU-UFJF, Brasil*
*Grupo Ágora- UFJF/CNPq*

A circulação de ideias, modas e costumes certamente favoreceu a intervenção no espaço público motivada por paradigmas evocados por cidades que se tornaram referências estéticas para o mundo. O objetivo deste estudo é analisar o Rio de Janeiro como uma cidade que possui um dos acervos mais significativos de elementos urbanos, como esculturas e mobiliários urbanos, de inspiração e/ou origem francesa, o que contribui para a formação da história urbana carioca. Por meio de revisão de literatura e pesquisa em reportagens recuperam-se informações que envolvem a instalação desses elementos nas ruas e praças da cidade. Verifica-se que esse acervo se encontra predominantemente na área central da cidade e/ou bairros mais valorizados. Conclui-se que embora não sendo tema de preservação e manutenções constantes os exemplares existentes destacados nesta comunicação são relevantes para o registro tanto das estratégias de requalificação do espaço urbano do final do século XIX, bem como, atualmente, à medida que uma série de mobiliários urbanos estandardizados ganha nova potência quando articula arte e técnica em diálogo com a paisagem em pontos emblemáticos da cidade.
Palavras-chave: mobiliário urbano; esculturas; cidade contemporânea.

**Éléments urbain d'inspiration française à Rio de Janeiro**

La circulation des idées, des modes et des usages a certainement favorisé une intervention dans l'espace public motivée par des paradigmes évoqués par des villes devenues des références esthétiques pour le monde. Le but de cette étude est d'analyser Rio de Janeiro en tant que ville qui possède l'une des plus importantes collections d'éléments urbains, tels que des sculptures et du mobilier urbain, d'inspiration et/ou d'origine française, qui contribue à la formation de l'histoire urbaine de Rio. Grâce à l'examen de la littérature et à la recherche dans les rapports, des informations sont récupérées concernant l'installation de ces éléments dans les rues et les places de la ville. Il apparaît que cette collection se retrouve majoritairement dans la zone centrale de la ville et/ou des quartiers plus valorisés. Il est conclu que, bien que n'étant pas un thème de préservation et d'entretien constants, les exemples existants mis en évidence dans cette communication sont pertinents pour le dossier à la fois des stratégies de requalification de l'espace urbain de la fin du XIXe siècle, ainsi que, actuellement, comme une série de mobilier L'espace urbain standardisé gagne en puissance lorsqu'il articule art et technique en dialogue avec le paysage dans des points emblématiques de la ville.
Mots-clés : mobilier urbain ; sculptures; ville contemporaine.

**French-inspired urban elements in Rio de Janeiro**

The circulation of ideas, fashions and customs certainly favored intervention in public space motivated by paradigms evoked by cities that became aesthetic references for the world. The aim of this study is to analyze Rio de Janeiro as a city that has one of the most significant collections of urban elements, such as sculptures and urban furniture, of French inspiration and/or origin, which contributes to the formation of Rio's urban history. Through literature review and research in reports, information is retrieved involving the installation of these elements in the city's streets and squares. It appears that this collection is predominantly found in the central area of the city and/or more valued neighborhoods. It is concluded that, although not being a theme of constant preservation and maintenance, the existing examples highlighted in this communication are relevant to the record both of the urban space requalification strategies of the late nineteenth century, as well as, currently, as a series of furniture Standardized urban areas gain new potency when it articulates art and technique in dialogue with the landscape in emblematic points of the city.
Keywords: urban furniture; sculptures; contemporary city.

## Introdução

As reformas de Pereira Passos (1902-1906) na cidade do Rio de Janeiro, como é consenso dizer, muito se assemelham às reformas feitas por Haussmann em Paris no século XIX. Ambas as transformações tinham como objetivo proporcionar uma melhor qualidade de vida urbana à população. Além disso, almejavam facilitar a circulação no interior da cidade, acabando com a insalubridade e a deterioração dos bairros, bem como a revalorização dos monumentos (Lamas, 1992a). Todavia, as duas reformas tinham suas diferenças. No caso da França, havia nas reformas uma necessidade implícita de cativar a população e conter novas revoltas militares (Barnett, 2011). Em contrapartida, no Brasil, havia o desejo de dar uma aparência moderna à capital de um país que necessitava se estabelecer no cenário do comércio mundial. Seus efeitos também podem ser medidos por ações cercadas de polêmicas (Abreu, 1988).

No início do século XX, o Brasil encontrava-se no ápice da *Belle Époque*, o estilo de vida parisiense era a referência estética principal. Diante disso, a reforma urbana de Paris efetuada por Haussmann acabou por inspirar mudanças significativas no entendimento e desejo de como deveria ser a cidade carioca dessa época. Isso acarretou investimentos em reformas urbanas na então capital do país, visando acentuar uma imagem de mundo moderno atrelado ao progresso do comércio. As transformações feitas por Pereira Passos foram importantes para o século XX, pois indicavam o alargamento de ruas e a abertura de novas praças com o intuito de melhorar a situação higiênica e facilitar a circulação de ar, concedendo ao mesmo tempo beleza e harmonia para suas novas construções. Considerados pelos governantes os principais focos de epidemias, os conjuntos populares e os cortiços que ficavam no centro da cidade do Rio de Janeiro, foram destruídos pela prefeitura. O intuito dessas transformações urbanas nas cidades era promover uma modernização estética no meio urbano por meio de largas avenidas arborizadas, propondo uma reconfiguração do traçado original do espaço e a definição de um modelo de edificações típico, com determinado número de pavimentos (Lamas, 1992).

A cultura da modernidade na *Belle Époque* caracterizou-se como predominantemente urbana e a cidade tornou-se tema e sujeito das manifestações culturais e artísticas. Deste modo, percebe-se que a cidade "pós-industrial" não se caracteriza somente pelas transformações urbanas, mas também pelo surgimento de uma

nova forma de pensar e produzir o espaço, em um sentido empresarial e global. O olhar então voltou-se ainda mais para elementos urbanos como arte pública e os próprios mobiliário urbanos. Segundo Knauss (2009), a partir da segunda metade do século XX, a partir da segunda metade do século XX, evidencia-se, no Rio de Janeiro, o potencial que a arte pública tem para traduzir as múltiplas identidades urbanas, assumindo desse modo o desafio de representar a diversidade social da cidade e tornar visíveis grupos sociais urbanos. Conforme a maior parte da bibliografia especializada, tal elemento tem um potencial para traduzir as múltiplas identidades urbanas, assumindo desse modo o desafio de representar a diversidade social da cidade e tornar visíveis grupos sociais urbanos.

Após a produção em massa de novos mobiliários urbanos devido a industrialização, entre esse elemento e o espaço público ganhou novos contornos. Com o crescimento urbano, esse conjunto diversificado de elementos que inclui desde postes de iluminação a bancos e coretos, foi adquirindo mais protagonismo no espaço deixando seu papel de "mobiliar" a cidade - termo que Creus (1996) atenta ser anacrônico, inclusive, sugerindo o uso de "elementos urbanos". De fato, o mobiliário urbano pode exercer papel fundamental para qualificação dos espaços públicos e identidade da cidade, constituindo-se como tema central e possibilidade sensível de se compreender a história urbana (Colchete Filho, 1997; 2003).

Com a cidade sendo cada vez mais o lugar da vida humana, os espaços públicos são constantemente ressignificados em seus atributos não só estéticos, mas como expressão cultural. Assim, a cidade pode ser analisada através de imagens e elementos de destaque na paisagem. Constantemente essas imagens são referenciadas por exemplos de mobiliários urbanos e arte pública significativos – são imaginária urbana, termo bem sintetizado por Knauss (1998, p.36):

> (...) a imaginária urbana de caráter histórico e artístico pode ser considerada uma unidade de significantes, um suporte de mensagem no contexto da sintaxe urbana. Como inscrição na paisagem edificada, ela participa de uma estrutura de significação do território da cidade, operando uma articulação entre a ordem espacial e a ordem temporal, revelando conteúdos históricos acerca da sociedade.

O objetivo deste trabalho é, portanto, evidenciar como alguns mobiliários e arte pública, influenciados pela cultura francesa, foram implantados na cidade do Rio de Janeiro e se tornaram acervos identitários significativos. Utilizou-se a revisão bibliográfica como instrumento metodológico fundamental, além de reportagens que trouxessem informações de mobiliários urbanos com origem francesa. Verifica-se que

esse conjunto de elementos tem particular relevância na história da cidade do Rio de Janeiro, que se estende desde o século XIX até os dias atuais com a presença de atributos estéticos pautados na produção francesa. Destacam-se, a seguir, dois períodos importantes: a passagem do século XIX para o XX e a passagem do século XX para o XXI, quando muitas referências para a arte pública e o mobiliário urbano se tornaram significativas.

## O século XX

Com a Revolução Industrial, o ferro fundido foi um material que marcou a arquitetura, sobretudo na Europa, desde o século XIV. Porém, foi no século XIX que começou a ser mais utilizado nas construções civis, pontes e estruturas principalmente com a chegada do Neoclassicismo, onde a técnica artesanal foi substituída pela produção em série, afetando consequentemente o campo artístico (Junqueira, 2005). A produção artística passou a seguir essa lógica, ou seja, as fundições que antes faziam apenas peças utilitárias, passaram a reproduzir peças artísticas em ferro fundido em grande escala e as peças desmontadas foram exportadas para vários países, inclusive para países da América Latina, dentre eles, o Brasil.

As peças em ferro fundido eram adquiridas através de catálogos luxuosos que continham o nome de cada peça, o desenho, suas dimensões e, claro, sua autoria. A coleção era extensa e possuía mais de 40.000 peças. Dentre elas, dispunha de 800 estátuas humanas e 250 estátuas de animais, todas representativas das correntes que influíram na arte do século XIX - romantismo, neoclassicismo, ecletismo e realismo (Robert-Dehault, 1997). Foram vários os espaços públicos na cidade do Rio de Janeiro que receberam as esculturas de fundições pioneiras francesas, mais conhecida como *"Société Anonyme des Hauts-Forneaux et Fonderies du Val d'Osne"*, influenciados pela estética européia do século XIX (Junqueira, 2005). Desta forma, a história da fundição artística é, antes de tudo, a história da fundição de ferro, material característico de um século XIX cuja palavra-chave era o progresso" (Robert-Dehault, 1997). Ademais, essas peças foram expostas em muitos lugares na cidade do Rio de Janeiro, entretanto, de acordo com Junqueira (2005), somente a partir de 1992 as peças começaram a ser catalogadas pela *Association pour la Sauvegard et la Promotion di Patrimoine Metallurgique Haut-*

*Marnais*, com o intuito de identificar as obras produzidas pelas fundições francesas do Val d'Osne.

A cidade do Rio de Janeiro possui em seus espaços públicos diversos exemplares das esculturas originárias das fundições francesas do Val d'Osne. A diversidade dos modelos era considerável, identificou-se chafarizes, postes de iluminação e, inclusive, esculturas monumentais. Posto sua importância para a constituição da memória carioca, a prefeitura da cidade do Rio de Janeiro tombou o conjunto de peças de arte de ferro fundido. De acordo com o decreto no 19.011, de 05 de outubro de 2000, cerca de duzentas peças tiveram seu tombamento concluído (Gonçalves, 2017, p. 107).

Até o ano de 1870, muitos exemplos dessas peças, como fontes e chafarizes, eram utilizados para abastecimento de água que, mais tarde, deixaram sua função principal para se tornarem ornamentos. De acordo com Cunha Junior (2018), a transformação no papel funcional das frentes d'água pode ser separada em duas fases: a primeira, entre as décadas de 1960 e 1970, quando o porto e cidade se separam; e a segunda é relativa à difusão da regeneração das frentes de água que, devido ao deslocamento das infraestruturas portuárias, as administrações municipais redescobriram as potencialidades das frentes de água e as repensaram através de novas funções.

No ano de 2017, a arquiteta Vera Dias, gerente de Monumentos e Chafarizes da Secretaria Municipal de Conservação e Serviços Públicos, criou o *website* "Inventário do Monumentos Rio de Janeiro", onde estão catalogados os mobiliários urbanos da Fundição Val d'Osne, assim como sua localização na cidade. De acordo com os dados recolhidos nesta plataforma, foi possível exemplificar na figura 1, a localização destes mobiliários urbanos. Percebe-se que grande parte desses elementos foram inseridos na parte central da cidade como também em bairros mais valorizados.

Figura 1 - Mapa com as obras da Fundição Val d'Osne no Rio de Janeiro e suas respectivas datas de implantação.

Fonte: Os autores, com base em Dias (2021).

Foram identificadas 19 obras nas pesquisas realizadas. A variedade de peças de arte pública oriundas da Fundição Val d'Osne inseridas em território carioca vêm desde o século 19. Alguns conjuntos são bastante conhecidos, como o de 1863, localizado na Praça Tiradentes, na parte central da cidade (A Liberdade, A União, A Justiça e a Fidelidade). Sobretudo, como visto no mapa acima, a inserção e mudança dessas peças no ambiente ocorreu entre o século XIX e XX, sendo apenas uma única peça com modificação de localidade nos anos 2000. Destaca-se aqui a obra "Inverno" do Passeio Público. Esta está atrelada ao ano 2000 no mapa produzido da figura 1, porém, essa data refere-se à sua última troca de localidade, traçando uma espécie de enredo de mudanças desse exemplar. Os monumentos da fundiária francesa desde que chegaram ao Rio de Janeiro foram realocados diversas vezes. Junqueira (2005, apud Gonçalves, 2017, p. 102) relata que "nesses deslocamentos, realizados sem o cuidado necessário, algumas peças

foram danificadas de uma forma ou de outra e até mesmo perderam alguns elementos de sua composição". Como também comenta Conduru (2013, p. 31) sobre o tema:

> No caso das estátuas, há uma mobilidade inusitada devido a substituições, transferências e realocações: uma "dança" das peças pela cidade que é contraditória com o princípio do monumento de inscrever um significado simbólico em um espaço específico, e contraditória também com o sono eterno a que se entregam as figuras quando são encarnadas em bronze ou pedra. O que gera reações nos cidadãos que vão desde a rejeição e o humor até a agressão, física ou verbal: zombar, apelidar, fantasiar, pichar, roubar e destruir as obras são táticas de intervenção no espaço coletivo, um modo de apropriação, muitas vezes transgressor, de uma sociedade civil talvez pouco civilizada, mas, também, menos passiva no trato do seu ambiente.

Durante o levantamento iconográfico das peças em ferro fundido francês instaladas no Passeio Público, observou-se que o conjunto representativo das estações do ano, de Mathurin Moreau, possuía apenas 3 peças: o "Verão", o "Outono" e a "Primavera", faltando para formar o conjunto uma escultura alusiva ao "Inverno" (Dias, 2014). A obra somente ficou completa com a instalação da escultura que remete ao inverno, no ano 2000.

Figura 2: Inverno do Passeio Público (2000).

Fonte: Dias, 2021.

Figura 3: Chafariz localizado na praça Xavier de Brito, Tijuca, RJ.

Fonte: Autores.

Por um tempo, a peça que faz alusão ao inverno teve o paradeiro desconhecido. Somente em 1998, quando o advogado Francisco José Andrade Ramalho apresentou uma foto de um conjunto similar - localizado em Montevidéu - que foi possível visualizar o "Inverno" de Mathurin Moreau (Dias, 2014). A escultura foi localizada nos jardins do Centro Cultural Laurinda Santos Lobo, no bairro de Santa Teresa. Em 2000, durante o projeto de restauração do Parque do Passeio Público, a referida escultura foi retirada do Centro Cultural Laurinda Santos Lobo e transferida para o parque, recompondo o conjunto das quatro estações do ano (Dias, 2014).

## A contemporaneidade: o espaço público e as contínuas demandas

Desde 1998, a empresa francesa JCDecaux tem avançado significativamente no seu processo de internacionalização para o mercado brasileiro, incorporando vários contratos de mídia exterior nas principais cidades do país (JCDecaux, 2015). Desse modo, no Brasil, a empresa apresenta uma presença marcante há 20 anos, onde iniciou sua atuação oferecendo uma rede completa de mobiliário urbano, tornando-se parte integrante das cidades (JCDecaux, 2015). Pizzato (2013) afirma que o mercado desse produto é dominado por poucas empresas internacionais, como a francesa JCDecaux, dotadas de forte capacidade técnica e financeira. Dentro do processo de design, o mobiliário urbano

pode ser considerado um produto de uso coletivo e é ele quem acaba atribuindo um novo sentido às cidades.

> Estas não são mais lugares para se habitar, agora são tratadas como lugares para se olhar. É neste ponto que se investe e se reveste às cidades com o design clean do mobiliário urbano – cabines telefônicas, abrigos de ônibus, caixas postais, luminárias, bancos, lixeiras – destinado a reformar/disciplinar o uso da paisagem, através da concessão de áreas públicas às corporações privadas (Barbosa, 1999, p. 62).

Considerando a importância do papel do mobiliário urbano nas cidades, empresas procuram associar ainda mais a arte com a cidade. Um exemplo dessa associação é a exposição a céu aberto chamada Arte Atua, promovida pela JCDecaux, com apoio da *startup* Hunter. Através de trabalhos de arte contemporânea estampados pela Zona Norte e Oeste da cidade, em mais de 500 abrigos de ônibus e relógios digitais, a exposição urbana presenteia os moradores do Rio com obras que dialogam com a realidade urbanística e da população local. (JCDecaux, 2021).

Figura 4: Projeto Arte Atua no Rio de Janeiro/RJ.

Fonte: JCDecaux Brasil.

Como lugares de intensa reverberação das constantes mudanças, as cidades se adaptam às diferentes circunstâncias e eventos que sobre elas, têm efeito diverso. Na história recente, a pandemia do COVID-19 fez repensar o modo de se usar e projetar o espaço público. A utilização de espaços ao ar livre tornou-se cada vez mais presente, uma vez que ambientes fechados são os últimos recursos para a proteção contra a doença. Segundo Gehl (2021), há uma tendência de aumento de uma combinação espacial e programática convidativa para o ambiente construído. Ou seja, já se nota que o mobiliário urbano é tema de reflexão sobre as novas exigências que são postas por um evento de impacto mundial, como a pandemia, uma mudança nos mobiliários urbanos, a fim de adaptá-los ao novo uso contínuo do espaço público.

Um aspecto visível dos impactos sofridos nesses tempos recentes é notar como as ferramentas digitais passaram a ser indispensáveis como suporte para enfrentar o isolamento social. Por essa razão, a mídia *out-of-home* (OOH) impacta diretamente no dia a dia das pessoas, trazendo informações confiáveis e divulgadas de maneira criativa (JCDecaux, 2021). Um exemplo dessa solução ao projeto é o *Urban Art Parade*. Tal ação propõe customizar mobiliários urbanos por meio de iniciativas de empresas privadas. O objetivo é que a população fotografe esses elementos e compartilhe em mídias sociais como estratégia de marketing.

Também relacionado à pandemia do século 21, em 2020 as fontes do tipo Wallace, situadas no Jardim Botânico do Rio de Janeiro, tiveram suas sete unidades com uso suspenso. Segundo Carvalho (2019), as fontes Wallace foram produzidas na França, no século 19. Confeccionadas em ferro fundido, foram esculpidas em dois modelos. Considerado raro, o modelo mural, encontra-se em funcionamento no Jardim Botânico do Rio de Janeiro. O nome se deve ao seu idealizador, o filantropo inglês Richard Wallace. Consideradas obras de arte raras, as fontes Wallace, fundidas na Fundição de Val D'Osne, na França, e instaladas no Jardim Botânico do Rio de Janeiro, passaram em 2021 por procedimentos de conservação (Brasil, 2021).

Não são apenas mudanças relacionadas à saúde que transformam o espaço público. Também há a questão da vandalização, conhecida há muito tempo. Atualmente, muitas manifestações estão ocorrendo simultaneamente ao redor do mundo, principalmente pela facilidade de disseminação de ideais através de mídias sociais e nem sempre é um ato isolado de depredação a um bem público, mas voltado para protestos e manifestações

sociais, como os recentes protestos sobre a permanência de estátuas homenageando personalidades históricas racistas (Costa, Jesus, Colchete Filho, 2021, p. 21). Pode-se citar também que essa não é uma discussão acabada, mas sinaliza questões contemporâneas mais densas, como o caso ocorrido com a escultura instalada em 2021, nos Estados Unidos, homenagem a George Floyd - homem negro vítima fatal de um crime racista. A estátua teria amanhecido pichada, três dias após sua inauguração. A cidade, lugar para representatividade de protestos e eventos, torna-se arena de contínuas rupturas que devem sempre caminhar para o fortalecimento crítico da sociedade.

## Considerações finais

O Rio de Janeiro apresenta uma paisagem única. Além das praias conhecidas por todo o mundo, possui monumentos icônicos como a 7ª Maravilha do Mundo Moderno (Cristo Redentor) como também inúmeros museus, centros culturais e edificações temporais que resgatam o passado de uma cidade que possui belas fachadas e que em prédios que já abrigaram a Corte portuguesa em tempos de Império. Devido a Missão Artística Francesa, os espaços públicos do Rio de Janeiro, assim como de muitas outras cidades à época, foram influenciados pela estética parisiense. Foram vários os espaços públicos na cidade do Rio de Janeiro que receberam as esculturas de artistas franceses, como Mathurin Moreau - escultor mais conhecido das *Fonderies du Val d'Osne*, influenciados pela estética europeia do século XIX, que, muito pouco tempo depois se estabelece como referência para outros países, incluindo países da América do Sul que estavam em período de intensa urbanização. A ornamentação do espaço com esses elementos em ferro fundido simbolizava prestígio e requinte e era exatamente a estética que o Rio de Janeiro estava buscando.

Conclui-se que embora não sendo tema de preservação e manutenções constantes os exemplares existentes destacados neste artigo são relevantes para o registro tanto das estratégias de requalificação do espaço urbano do final do século XIX, bem como, atualmente, à medida que uma série de mobiliários urbanos estandardizados ganha nova potência quando articula arte e técnica em diálogo com a paisagem em pontos emblemáticos da cidade. Desde a década de 2000, no Brasil, a empresa francesa JCDecaux tem avançado significativamente em seu processo de internacionalização para o mercado brasileiro, incorporando diversos contratos de mídia *outdoor* em seu portfólio

nas principais cidades do país.

É importante salientar que as constantes mudanças que ocorrem no mundo influenciam diretamente em um espaço público e vice versa. Assim como nos séculos 19 e 20, tornou-se possível o uso de ferro fundido em diferentes esferas, entre elas objetos de arte pública e mobiliário urbano, a produção em grande escala facilitou a importação de produtos estrangeiros que geraram influência no país. No que tange ao século 21, através de novas tecnologias vinculadas ao mobiliário urbano, foi possível projetá-los com recursos característicos dos tempos atuais, bastante influenciados pelo uso das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTICs), além de uma nova forma de comercializar produtos em tempos globais, como o mobiliário urbano é exemplo.

Dessa forma, pode-se concluir que, separadas por mais de um século, grandes empresas francesas, como a Fundição Val d'Osne e a JCDecaux, possuem um papel significativo na produção, comercialização e inserção do mobiliário urbano e da arte pública brasileira, em especial, carioca. É importante salientar que a permanência desses objetos de arte pública e mobiliário urbano de outros séculos na zona urbana mantém o significado cultural e histórico destes elementos perante a sociedade, como imagens de cada tempo. Não menos importante, os novos elementos presentes em ruas e praças da cidade atual evocam mensagens que nos instigam a pensar como os espaços públicos da cidade que está por vir lidará com o seu acervo de imagens, cada vez mais estandardizados e internacionais por um lado e, paradoxalmente, extremamente personalizado por outro. Mobiliário urbano e arte pública, como itens formadores da imagem da cidade, demonstram que muito se pode compreender ainda sobre as relações sociais que são evidenciadas nos espaços públicos.

## **Bibliografia**


- ABREU, Maurício de Almeida. Evolução urbana do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: IPLANRIO/ZAHAR, 1988.

- BARBOSA, J. L. O caos como imago urbis: um ensaio crítico a respeito de uma fábula hiper real. GEOgraphia, Niterói, 1999.

- BARNETT, J. City design: modernist, traditional, green and systems perspectives. New York: Routledge, 2011.

- MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE (BRASIL). Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro. *In*: Consideradas obras de arte raras, fontes Wallace instaladas no Jardim Botânico do Rio passam

por procedimento de conservação. [*S. l.*], 22 jun. 2021. Disponível em: https://www.gov.br/jbrj/pt-br/assuntos/noticias/consideradas-obras-de-arte-raras-fontes-wallace-instaladas-no-jardim-botanico-do-rio-passam-por-procedimento-de-conservacao. Acesso em: 20 out. 2021.

- CARVALHO, Léa Therezinha Alves. O Espírito do Lugar: Articulações entre patrimônios na paisagem edificada do Jardim Botânico do Rio de Janeiro. 2019. Tese (De Doutorado de Pós Graduação em Museologia e Patrimônio) - UNIRIO, [S. l.], 2019. Disponível em: http://www.repositorio-bc.unirio.br:8080/xmlui/handle/unirio/12903. Acesso em: 12 jan. 2022.

- COLCHETE FILHO, Antonio Ferreira. A praça XV como lugar central da cidade: o projeto do espaço público através da imaginária urbana (1789,1894 e 1999). Rio de Janeiro: UERJ, 2003.

- COLCHETE FILHO, Antonio Ferreira. Estudo sobre o mobiliário urbano no Rio de Janeiro: a experiência do Projeto Rio Cidade Leblon e Vila Isabel. 1997. Dissertação (Mestrado em Urbanismo) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1997.

- CONDURU, Roberto. Rio de Janeiro, capital das artes. História, histórias. Brasília, v. 1, n. 2, 2013, p. 26-34.

- COSTA, Fernando; JESUS, Karine; COLCHETE FILHO, Antonio. Mobiliário urbano e vandalismo: tópicos para pensar o design. Estudos em Design, Rio de Janeiro, 2021, p. 21-33. Disponível em: https://estudosemdesign.emnuvens.com.br/design. Acesso em: 11 jan. 2022.

- CREUS, Marius Quintana. Espacios, Muebles y Elementos Urbanos. In: SERRA, Josep Maria. (org) Elementos Urbanos: Mobiliario y Microarquitectura. Barcelona: Gustavo Gili. 1996. p. 6-14.

- CUNHA JUNIOR, Moisés F. Intervenções urbanas em Waterfronts: produção e apropriação do espaço público contemporâneo: o caso do projeto Porto Novo Recife –PE. Dissertação de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo, Programa de pós-graduação UFPB, 2018.

- DE BARROS TOMÉ MACHADO, MARCELLO. Medo social e turismo no Rio de Janeiro. Tourism & Management Studies. Universidade do Algarve Faro, Portugal, núm. 8, 2012, pp. 48-54. Disponível em: http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=388743870006. Acesso em: 8 jan. 2022.

- DIAS, Vera. As histórias dos monumentos do Rio de Janeiro. In: DIAS, Vera. As histórias do Monumentos do Rio de Janeiro. Brasil, 2014. Disponível em: http://ashistoriasdosmonumentosdorio.blogspot.com/2014/. Acesso em: 29 out. 2021.

- DIAS, Vera. Inventário dos Monumentos RJ. In: Catálogo. Brasil. Disponível em: http://www.inventariodosmonumentosrj.com.br/index.asp?iMENU=catalogo. Acesso em: 3 nov. 2021.

- GEHL., 2021. Public Space, Public Life, and COVID 19 In the first phases of the reopening in Denmark. 2021. Disponível em: https://covid19.gehlpeople.com/files/report_phase2.pdf. Acesso em: 12 jan. 2022.

- GONÇALVES, Camila Caixeta. Praça Tiradentes: O espaço público através da imaginária urbana (Séculos XIX, XX e XXI). 204 f. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-graduação em Ambiente Construído) - Faculdade de Engenharia, Juiz de Fora, 2017. Disponível em: https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/5595. Acesso em 7 jan. 2022.

- JCDECAUX. Nossa História. In: JCDECAUX. Nossa História. Brasil, 2021. Disponível em: https://www.jcdecaux.com.br/nossa-historia. Acesso em: 4 nov. 2021.

- JUNQUEIRA, Eulalia. A arte francesa do ferro no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Memoria Brasil, 2005.

- KNAUSS, Paulo. Arte pública e direito à cidade: o encontro da arte com as favelas no Rio de Janeiro contemporâneo. Tempo e Argumento. Florianópolis, 2009. Disponível em: https://www.redalyc.org/journal/3381/338130370003/html/. Acesso em: 5 jan. 2022.

- KNAUSS, Paulo. Imagens urbanas e poder simbólico; esculturas e monumentos públicos nas cidades do Rio de Janeiro e Niterói. Tese de doutorado em História. Niterói, 1998: UFF/PPGH.

- LAMAS, José Manuel Ressano Garcia. Morfologia urbana e desenho da cidade. sl: Fundação Calouste Gulbenkian, 1992.

- PIZZATO, Gabriela Zubaran de Azevedo. Design e emoção na utilização do mobiliário urbano em espaços públicos. 2013. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

- ROBERT-DEHAULT, Elisabeth. As fundições artísticas: sua história e seus escultores. In: FUNDAÇÃO

PARQUES E JARDINS (org.). Obras de arte em ferro fundido – técnicas de conservação e restauro. Rio de Janeiro: Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro, 1997.